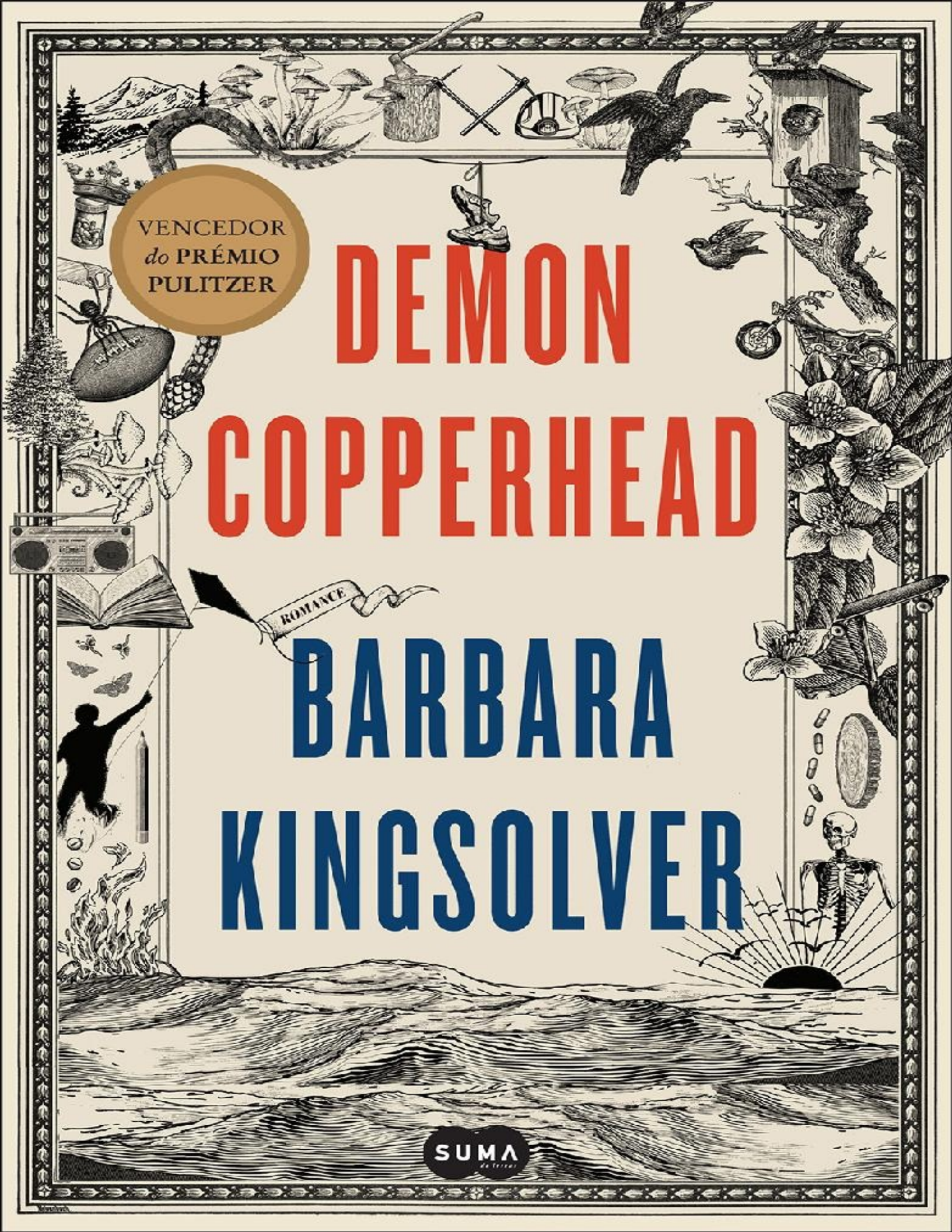

VENCEDOR
do PRÉMIO
PULITZER
DEMON
COPPERHEAD
ROMANCE
BARBARA
KINGSOLVER
SUMA

BARBARA KINGSOLVER

DEMON COPPERHEAD

Tradução de
GONÇALO NEVES e JOSÉ REMELHE



Edição em formato digital: novembro de 2023

DEMON COPPERHEAD
Título original: *Demon Copperhead*
© 2022, Barbara Kingsolver
Todos os direitos reservados.

© desta edição:
2023, Penguin Random House Grupo Editorial, Unipessoal, Lda.
Esta edição foi publicada por acordo com
Frances Goldin Literary Agency Inc.
através de International Editors and Yañez' Co.

Suma de Letras é uma chancela de
Penguin Random House Grupo Editorial
Rua Alexandre Herculano, 50, 3.º, 1250-011 Lisboa, Portugal
correio@penguinrandomhouse.com

Penguin Random House Grupo Editorial apoia a proteção do *copyright*.
Este livro não pode ser reproduzido, no todo ou em parte, por qualquer processo mecânico, fotográfico, eletrónico ou por meio de gravação, nem ser introduzido numa base de dados, difundido ou de qualquer forma copiado para uso público ou privado, além do uso legal como breve citação em artigos e críticas, sem a prévia autorização por escrito do editor.

Editora: Amaia Iglesias
Coordenação editorial: Eva Arim
Tradução: Gonçalo Neves e José Remelhe
Revisão: Teresa Antunes
Capa: Robin Bilardello
Ilustrações da capa: © iStock; © Shutterstock; © stock.adobe.com

ISBN: 978-989-787-571-7

Composição digital: leerendigital.com
Composição digital PRHGE: Luís Gomes

Site: penguinlivros.pt
Twitter: @PenguinLivrosPT
Facebook: sumadeletrasportugal
Instagram: topseller.suma

Índice

Demon Copperhead
Créditos
Dedicatória
Epígrafe
Demon Copperhead
Agradecimentos
Sobre este livro
Sobre Barbara Kinsolver

Para os sobreviventes

De nada serve invocarmos o passado, a não ser que este exerça alguma influência no presente.

CHARLES DICKENS, *David Copperfield*

1

Antes de mais, fui eu que me pus no mundo. O ato foi testemunhado por uma multidão razoável que me concedeu pelo menos isto: a pior parte do trabalho ficou por minha conta, enquanto a minha mãe, por assim dizer, se mantinha a leste.

Num dia normal, tê-la-iam visto lá fora, no *deck* da sua casa móvel, bons vizinhos sempre atentos, a azucriná-la à vontade. Durante todo o final de verão e outono, naquele ar fétido, bastava olhar para a montanha, e lá estava ela, a pequena loura oxigenada a fumar os seus *Pall Malls*, agarrada àquele corrimão como se fosse a capitã do seu navio e agora chegasse a hora em que a coisa poderia dar para o torto. Estamos a falar de uma miúda de dezoito anos, sozinha e tão grávida como se possa imaginar. No dia em que não apareceu, coube à Nance Peggot ir bater-lhe à porta, invadir-lhe a casa e encontrá-la desmaiada no chão da casa de banho com a tralha espalhada por tudo quanto era sítio, e comigo já a sair cá para fora. Um refém escorregadio e esverdeado a apanhar a sujidade do pavimento vinílico, a retorcer-se e a empurrar, porque ainda estou dentro do saco em que os bebés flutuam, pré-vida real.

O Sr. Peggot estava lá fora, com a carrinha ligada, a caminho do serviço noturno, provavelmente a pensar em quanto tempo da sua vida despendera à espera de mulheres. A mulher ter-lhe-á dito que as rezas poderiam esperar um minuto, primeiro tinha de ir ver se a miúda grávida não se tinha enfrascado novamente. Sendo que a Sra. Peggot não era mulher de engonhar e, se necessário fosse, diria a Cristo Jesus que ficasse quietinho e não fizesse muitas ondas. Saiu aos gritos a pedir que ele ligasse para o número de emergência, porque uma desgraçada de uma criança estava na casa de banho a tentar desenvencilhar-se de

um saco.

Como um pequeno pugilista azul. Seriam estas as palavras que empregaria mais tarde, sendo que não tinha nenhum constrangimento em discutir o pior dia na vida da minha mãe. E se foi assim que me deparei com as primeiras pessoas que me puseram a vista em cima, aceito. Para mim, significa que tive uma possibilidade de lutar. Poucas hipóteses, já sei. Se uma mãe está deitada sobre o seu próprio mijo e frascos de medicamentos enquanto dão uma palmada na criança que ela expulsou, dizendo-lhe para se manter viva, é provável que o sacaninha esteja condenado. Um miúdo nascido de uma drogada é um drogado. Quando crescer, será tudo o que não queremos saber: os dentes podres e os olhos sem vida, o incómodo de trancarmos as ferramentas na garagem para não se evaporarem, o motel de aluguer semanal bem afastado da estrada panorâmica. Este rapaz, se quisesse ter alguma hipótese de voos mais altos, deveria ter nascido de uma mãe rica, inteligente ou cristã, que não consumisse drogas. Qualquer pessoa dirá que quem nasce neste mundo vem marcado desde o início, para vencer ou perder.

Eu, porém, sempre tive uma queda por resgates a cargo de super-heróis. Existiria sequer tal ofício no nosso universo de casa móvel? Teriam todos eles abandonado Smallville em busca de maiores feitos? Salvar ou ser salvo, eis umas questões. É preferível acreditar que não acabou até chegar à última página.

Tudo isto ocorreu numa quarta-feira, que é considerado o dia aziago. Fértil em tribulações, etc. Além disso, vir cá para fora ainda dentro do *ziplock* fetal. Mas, segundo a Sra. Peggot, há uma boa notícia associada a quem vem ao mundo dentro da bolsinha: é a promessa de Deus de que nunca irá morrer afogado. Especificamente. Uma pessoa ainda pode levar com uma *overdose*, ficar presa no volante e morrer assada no banco do condutor ou, por exemplo, rebentar com os miolos, mas o único lugar onde não irá exalar o último suspiro é debaixo de água. Obrigado, Jesus.

Não sei se isto tem alguma coisa a ver, mas sempre tive um fraquinho pelo oceano. Normalmente, as crianças têm a obsessão de saber o nome de cada marca e modelo de dinossauro ou coisa do género. Comigo eram baleias e

tubarões. Mesmo agora, provavelmente penso mais do que é normal em água, em flutuar nela, na própria cor azul e no facto de, para os peixes, esse azul ser tudo na vida. O ar e o barulho e as pessoas e todo o nosso absurdo bulício de capital importância, um ligeiro incómodo, se tanto.

Não o vi a sério, apenas fotografias e uma hipnotizante proteção de ecrã num computador da biblioteca, com ondas a erguerem-se e a espraiarem-se. O que sei então sobre o oceano, se nunca pisei a sua barba de areia nem o encarei? Se ainda aguardo o momento de travar conhecimento com a única coisa que sei que não me vai engolir vivo.

Em pleno condado de Lee, entre o acampamento junto às minas de carvão de Ruelynn e uma povoação a que chamam Right Poor, foi no cimo de uma estrada entre duas montanhas íngremes que instalámos a nossa casa. Perdi naqueles bosques mais horas do que alguém se atreveria a contar, na companhia de um rapaz chamado Maggot, vadeando o riacho e virando pedras enormes, os todo-poderosos. Poderia ir por caminhos diferentes, mas, definitivamente, um herói da Marvel é preferível a um da DC, sendo o Wolverine um dos meus favoritos. Ao passo que o Maggot tendia a escolher a Storm, que é uma rapariga. (Excelentes poderes e mutante, mas ainda assim…) Maggot era um diminutivo de Matt Peggot, obviamente relacionado com a mulher que se pôs aos gritos na festa do meu dia de nascimento, a avó dele. Foi ela a razão de eu e o Maggot termos sido, durante uns tempos na nossa meninice, uns vizinhos estroinas, mas primeiro ele tinha de vir ao mundo, um pouco antes de mim, e de ser despachado para ela enquanto a mãe tirava umas dilatadas *vacances* na cadeia feminina de Goochland. Já temos aqui matéria que chegue para lixar mais de uma vida jovem, mas trata-se de um projeto.

Era sabido que este lugar onde vivíamos andava infestado de víboras-cabeça-de-cobre. As pessoas acham que sabem muita coisa. Eis o que eu sei. Nos anos que passei a escalar rochas em todos os lugares onde uma cobra gosta de assentar, não vimos nem uma cabeça-de-cobre para amostra. Cobras, sim, o tempo todo. Mas há cobras e cobras. Para começar, uma espécie comum e malhada, a cobra-d’água, que se abespinha com facilidade e é lesta a atacar se

uma pessoa comete esse erro, mas é uma mordida de menor monta do que a aplicada por um cão ou que a ferroada de uma abelha. Sempre que uma cobra-d'água ferra o dente em alguém, a pessoa solta todo o palavreado armazenado no armário craniano. Depois limpa o sangue, pega no pau e continua a ser um Adaptoide, a malhar no cepo musgoso do mal. Daí que, se uma cabeça-de-cobre morde alguém, é o fim do que quer que a pessoa tenha planeado fazer nesse dia, e talvez com essa parte da mão ou do pé, ponto final. Por isso, importa, e muito, ter atenção para onde se olha.

Quem presta atenção aprende a distinguir uma coisa da outra. Qualquer um sabe discernir um pastor-alemão de um *beagle*, ou um Whopper de um Big Mac. Quer isto dizer que os cães têm importância, tal como os hambúrgueres, mas uma cobra é uma cobra, porra. O nosso vale estava infestado de cabeças-de-cobre, diziam os caixas na mercearia sempre que viam a nossa morada no envelope dos vales de refeição da minha mãe. Dizia o motorista do autocarro escolar, dia sim, dia sim, ao bater com a porta atrás de mim como se estivesse a malhar com ela na carantonha pontiaguda das cobras lá do sítio. As pessoas adoram acreditar no perigo, desde que sejam outros a estar em apertos, enquanto vão dizendo que Deus vos abençoe.

Levei uns anos a conhecer a fundo todas as bênçãos do coração, e não era apenas sobre cobras. Uma das más escolhas da minha mãe, como aprendeu a designá-las na reabilitação, e podem crer que houve muitas, foi um tipo chamado Copperhead. Dizem que tinha a pele escura e os olhos verde-claros de um Melungo e um cabelo ruivo que faziam uma pessoa olhar duas vezes. Usava-o longo e brilhante como uma moeda, dizia a minha mãe, que claramente andava vidrada no sujeito. Tinha uma cobra em espiral tatuada no braço direito, onde fora mordido duas vezes: a primeira na igreja, quando era miúdo, tentando provar a sua masculinidade no seio familiar, entre homens que eram manipuladores de serpentes. A segunda vez, mais tarde, longe da vista de Deus. A minha mãe dizia que ele não precisava da tatuagem como lembrete, aquele braço incomodou-o até ao fim. Morreu no verão antes de eu nascer. A confusão no dia em que nasci surpreendeu tanta gente que pediram uma ambulância e depois a intervenção musculada e espalhafatosa dos serviços sociais. No entanto,

duvido que alguém tenha ficado surpreendido ao ver-me crescer com estes olhos, este cabelo. Mal por mal, podia ter nascido com a tatuagem.

A minha mãe tinha a sua própria versão do dia em que nasci, na qual nunca acreditei, considerando que estava inconsciente durante o episódio. Não que eu seja testemunha, na minha condição de recém-nascido, ainda por cima dentro de um saco. Conhecia, porém, a história da Sra. Peggot. E qualquer pessoa que tivesse passado sequer um dia na companhia dela e da minha mãe saberia qual desses dois bilhetes de lotaria seria premiado.

A da minha mãe era como se segue. No dia em que nasci, a mãe do meu pai apareceu do nada. Não era alguém que a minha mãe conhecesse ou quisesse conhecer, tendo em conta o que ouvira a respeito daquela família. Um batista manipulador de serpentes era apenas um pequeno exemplo. Dizia-se que eram pessoas que batiam forte e feio umas nas outras, maridos a açoitar as mulheres, mães a malhar nos filhos com qualquer objeto que tivessem à mão, até a própria Bíblia Sagrada servia. Acreditei na versão da minha mãe, porque ouvimos falar dessas coisas, de pessoas tão piedosas que chegam a passar cobras umas às outras e a passar também olhos negros. Se isto é novidade para o leitor, talvez acredite que um condado seco é um sítio onde não há uma pinga de álcool disponível. No sudoeste da Virgínia, andamos sempre às voltas com alguma coisa.

Supostamente, quando essa senhora apareceu, a minha mãe já estava com bastantes dores. O trabalho de parto começara sem mais nem menos naquele dia. Numa tentativa de atenuar o pior, emborcou *Seagram's* antes do meio-dia, com anfetaminas que chegassem para se manter acordada e continuar a beber, e *Vicodin* quando as coisas ficaram mesmo difíceis. Ao olhar para cima, vê o rosto de uma estranha tão espalmado contra a janela da casa de banho que a boca dela parece um rego à mostra. (Palavras da minha mãe, aceite-se ou não a imagem.) A mulher ao entrar pela porta investe contra a minha mãe com inferno e enxofre. O que está ela a fazer a este cordeirinho inocente que Deus Todo-Poderoso lhe pôs no ventre? Veio para levar o único rebento do seu falecido filho deste antro de vício e criá-lo de forma condigna.

A minha mãe sempre jurou que foi por pouco que não agarrei aquela

oportunidade: ser levado para me juntarem a alguma tribo de fanáticos chamada Holy Roller em Open Ass, Tennessee. O nome do lugar, uma criação minha. A minha mãe recusava-se terminantemente a falar sobre a família do meu pai ou mesmo sobre o que lhe tirou a vida. Apenas que fora um grave acidente num lugar chamado Devil's Bathtub, ao qual eu nunca deveria ir. Manter segredos longe de ouvidos jovens só serve para lançar sementes entre eles, e estas, na minha cabecinha, transformaram-se em mortes mais macabras do que aquelas que deveria andar a ver na televisão com essa idade. A ponto de ganhar medo a banheiras, coisa que, felizmente, não havia lá por casa. Os Peggots tinham, e eu evitava-as. A minha mãe, porém, mantinha-se na sua. Tudo o que tinha a dizer sobre a Mãe Copperhead era que ela era uma velha megera de cabelos grisalhos que dava pelo nome de Betsy. Fiquei dececionado, na expectativa de que fosse pelo menos uma cabeleira ruiva de arromba como a da Viúva Negra. Por ser esta a única parente do meu pai que provavelmente iríamos conhecer. Quando o pai ou a mãe de alguém termina o turno antes de essa pessoa iniciar o seu, é possível que ela passe demasiado tempo a olhar para aquele buraco negro.

A minha mãe, porém, viu o suficiente. Vivia com medo de perder a guarda e esforçou-se ao máximo na reabilitação. Eu saí, a minha mãe entrou e deu cem por cento. Deu e voltou a dar ao longo dos anos, tornando-se uma especialista em reabilitação, como se costuma dizer. Por ter passado por isso tantas vezes.

Dá para ver que a história da minha mãe só levantou poeira. Uma senhora aparece (ou não), oferece-me uma casa melhor (ou não), e a seguir parte, depois de ter sido mimoseada com uma série de palavrões suculentos (para quem conheça a minha mãe) que teriam deixado os ouvidos da senhora a zumbir. Terá a minha mãe inventado aquela versão para me indrominar? Seria verdade na sua cabeça destrambelhada? Seja como for, deixou bem claro que a senhora ia resgatar uma *menina*. Não a mim. Se era uma história da carochinha da parte da minha mãe, porquê uma menina? Seria isso que queria mesmo, um embrulho cor-de-rosa que a faria entrar nos eixos? Como se *eu* não fosse frágil?

Outra questão, coisa de somenos importância, é que nesta história a minha mãe nunca mencionou o nome do meu pai. A mulher é a «bruxa Woodall», sendo que esse é o apelido do meu pai, sem qualquer referência ao homem que

lhe pôs um bebé na barriga. Encontrava vasta matéria para falar sobre ele noutras alturas, sempre que o amor e coisas do género eram a sua última opção quando ia a meio de uma grade de cerveja. As aventuras dele e dela. Mas nesta história, no que toca à minha existência, ele é apenas a má escolha.

2

A minha ideia aqui é fazer um relato cronológico dos acontecimentos, com exceção de certos episódios de um jovem podre de bêbedo, juntando algumas peças do *puzzle*. Mas caramba! É horrível ser criança, não ter voto na matéria. Se uma pessoa conseguir superar isso e crescer, o mais fácil é esquecer a miséria e fingir que sempre soube o que andava a fazer. Isto partindo do princípio de que vai parar a algum sítio do qual se possa orgulhar. E, se assim não for, é mais fácil esquecer tudo, e ponto final. Estamos então perante a opção três, sem orgulho, sem esquecer. Nada fácil.

Lembro-me de ter sempre gostado mais de olhar para as coisas do que de falar sobre elas. Tinha as minhas interrogações. O meu problema eram as pessoas. As crianças que puxam pela cabeça não são seres humanos de pleno direito para lhes darem respostas diretas. Por exemplo. Os Peggots ali ao lado tinham num poste do quintal uma casinha para passarinhos — um edificado confuso de cabaças penduradas, com furos a servir de portas para as aves. É o equivalente avícola daqueles amontoados de casas móveis que o leitor poderá encontrar, onde um casal que entra gera família, mas donde nunca sai ninguém, nem filhos, nem netos. Limitam-se a juntar os trapinhos e a rebocar mais uma casa lá para dentro, para assentar em blocos, mantendo numerosa a família, com os seus alpendres desconchavados e a bandeira esfarrapada sobre a unidade original. Uma Nação Subempregada. A casinha para passarinhos dos Peggots era isso mesmo, uma mixórdia de casas avícolas. Mas nunca nenhum pássaro viveu nela. Havia ninhos de aves em abundância nas árvores atrás da casa, ou construíam-nos num sítio qualquer ao acaso, como sob o *capot* da carrinha do Sr. Peggot. Por que razão não se mudam para uma casa já construída, sem encargos? O Sr.

Peggot disse que os pássaros são como qualquer pessoa, gostam de viver à sua maneira. Disse que sabia de casas de habitação social igualmente impopulares e que não custavam muito mais do que uma casinha para passarinhos.

Tudo bem, mas por que razão manter aquela coisa lá em cima, a ganhar bolor? O Maggot disse-me que o Humvee a fizera em Shop. Sendo que o Humvee era um dos tios do Maggot, visto pela última vez perto de uma escola no tempo dos Bee Gees ou do Elvis. Agora estamos nos anos noventa. Esta casinha para passarinhos repudiada foi mantida pelos Peggots lá em cima no poste todos aqueles anos para quê, para se lembrarem do filho Humvee? Não engulo essa. Os Peggots tinham sete filhos ao todo, uns a viver longe, para os lados de Ocala, Florida, e outros bem perto, a pouco mais de quilómetro e meio. Um sem-número de primos deambulavam por aquela casa como matilhas de animais meio domesticados, com privilégios de refeição. Falavam diariamente com todo e qualquer familiar, ou dele falavam, tirando dois: (1) a mãe do Maggot, (2) o Humvee. Um deles atrás das grades em Goochland; o outro, morto, por razões não discutidas.

Além da casinha para passarinhos sem os ditos, tinham um canil sem cães. O Sr. Peggot treinava cães de caça antes de ficar sem forças para isso, como todos os velhotes que conhecíamos, sempre que ainda tinham pulmões para tal e os cães tinham raposas ou ursos para perseguir até à árvore mais próxima. No outono, levava-nos até à floresta para caçarmos ginseng ou escavarmos sassafrás, porque estes não nos fogem. Mas, sobretudo, só para estarmos lá fora. Conhecia as vozes das aves como as pessoas reconhecem os locutores da rádio. Quando já tínhamos idade suficiente para manejar uma espingarda, nove ou dez, ensinou-nos a caçar um veado e a içar a carcaça na pernada da árvore no acesso à casa, para a desmanchar, deixando as tripas desenrolarem-se e caírem fumegantes sobre o cascalho. A Sra. Peggot cozinhava carne de veado assada na panela elétrica. Só quem já experimentou é que sabe o que é comida a sério.

O canil vazio ficava entre a nossa casa e a habitação dos Peggots. Eu e o Maggot cobríamo-lo com uma lona e dormíamos lá, geralmente quando, devido à queda de árvores algures, ficávamos sem eletricidade e não podíamos ver televisão. Houve um verão em que fizemos isso durante um mês, talvez, depois

de um desafio de Duck Hunt em que acidentalmente deixei voar a pistola da *Nintendo* e espatifei o ecrã. O Maggot assumiu a culpa por essa ação, para não me mandarem para casa e esfolarem-me vivo. A Sra. Peggot fingiu acreditar na palavra dele, apesar de ter ouvido tudo. É provável que qualquer pessoa já tenha tido um trecho dourado de vida assim, quando tudo ia acabar bem graças às pessoas que a apoiavam e, infelizmente, a tenha desperdiçado ao deixar-se perturbar por uma trivialidade como uma televisão partida.

A casa dos Peggots ficava no cimo da estrada e estava rodeada de mato. Houve tempos em que tinham galinhas, incluindo um galo com a mente de um assassino em série que me deu pesadelos. Mas não eram agricultores propriamente ditos. De igual forma, não eram muito de ir à igreja, mas foram eles que me levaram. A minha mãe detestava a igreja, por esta ter dado a volta à cabeça a algumas das crianças que ela acolhera, mas eu não me importava. Gostava de olhar para as mulheres a cantar, e o resto da cerimónia podia passá-la a dormir. Mais aquela coisa de sermos amados automaticamente, com Jesus do nosso lado. Não é uma torneira aberta ou fechada, como acontece com as pessoas. Ainda assim, algumas das histórias da Bíblia mexiam comigo, sem dúvida. O episódio de Lázaro deixava-me perturbado mentalmente, a pensar que o meu pai poderia voltar, e que eu tinha de ir à procura dele. A Sra. Peggot disse à minha mãe que eu deveria ir visitar a sepultura do meu pai no Tennessee, e tiveram uma discussão acesa. O Maggot acalmou-me ao explicar que as histórias bíblicas eram uma categoria de banda desenhada de super-heróis. Não eram para confundir com a vida real.

Uma criança aceita mundos diferentes com regras diferentes, mesmo entre umas casas e outras. Sendo que a casa dos Peggots era um lugar onde as coisas estavam sempre no sítio certo. O Sr. Peggot regressava a casa com os víveres e, num abrir e fechar de olhos, lá iam eles parar ao frigorífico. Assim que eu e o Maggot terminávamos a nossa Terceira Guerra Mundial na sala de estar, tínhamos de arrumar os legos e toda a aquela tralha antes de sairmos; caso contrário, faziam-nos a vida negra. Não era assim na minha casa, onde o leite, parecendo ter vida própria, aguardava em cima da bancada até ficar azedo. A minha mãe dizia sempre que perdia a cabeça se esta não estivesse aparafusada, e

até tinha razão. O cartão de identificação do trabalho na parte de trás da sanita, maquilhagem no lava-louça, a mala lá fora debaixo de uma cadeira. Sapatos por todo o lado. Só a minha mãe é que era assim. No meu quarto, eu tentava manter as minhas coisas arrumadas, sobretudo os super-heróis e os cadernos que guardava para os meus desenhos. Um dia perguntei à minha mãe como é que se fazia para a cama ficar tapada como se vê na televisão, o que ela achou hilariante.

Nós, os miúdos, deambulávamos por ali, por vezes até aos antigos acampamentos junto às minas de carvão, com as casinhas em banda como no monopólio, só que já não eram todas iguais, devido a travessuras lúdicas e à natural vocação dos telhados para desabar. Jogávamos ao rei da montanha nos cones de descarga de carvão e regressávamos a casa com a cara preta e as pálpebras brancas como antigos mineiros que tínhamos visto em álbuns de fotografias. Ou brincávamos nos riachos. Não no inominável Devil's Bathtub, que assustava tanto a minha mãe, e que aliás fica no condado de Scott. O melhor lugar, de longe, era o pequeno afluente que corria mesmo atrás das nossas casas, o sítio ideal para quem quisesse passar despercebido. Água com ideias próprias, que se movia debaixo de todas aquelas rochas. E, sob a água, uma espécie de lodo que nos fazia sentir ricos — a cheirar a folhas, denso, de uma cor que apetecia comer. O Afluente do Peggot, assim se chamava, sendo que os Peggots eram quem aí vivia há mais tempo. A casa deles foi construída por uns antecessores Peggot antes de qualquer outra habitação aparecer por ali, numa altura em que era uma grande fazenda onde lavravam os campos de tabaco com mulas. Foi o que disse o Sr. Peggot. Sendo que as mulas eram a única forma de alguém cultivar terras tão íngremes. Com um trator, uma pessoa rebolava até cá abaixo, e era morte certa.

A casa onde eu morava com a minha mãe era, na prática, uma casa Peggot, antiga habitação da tia do Maggot, a June, antes de esta se mudar para Knoxville. A minha mãe arrendou-a aos Peggots, e foi provavelmente por isso que estes ficaram de olho e a ajudaram, como se a minha mãe fosse a primeira suplente a sair do banco depois de a filha efetiva deixar o jogo. O Maggot dizia que a June ainda era a preferida deles, mesmo depois de se formar em

Enfermagem e mudar de casa. O que significa muito. A maior parte das famílias perdoaria mais depressa alguém por ir parar à prisão do que por sair do condado de Lee.

Importa esclarecer que eu e a minha mãe não éramos parentes deles, pelo que não se tratava de um daqueles amontoados familiares de casas móveis. Esses sítios miseráveis aparecem nos *reality shows* muito mais do que na realidade em geral, pela mesma razão, acho eu, que as pessoas gostam de ver cabeças-de-cobre onde não as há. Os Peggots acabaram por ter a sua casa, e era das grandes. Outras nove ou dez famílias tinham os seus poisos ao longo da nossa rua, mantidos em bom estado e, mais uma vez, sem relação de parentesco.

Mas os Peggots eram uma horda estrondosa, sem dúvida. Eu tinha inveja do Maggot pela riqueza de primos que ele considerava perfeitamente natural. Mesmo as primas mais velhas e boazonas que eram todas «Oooh, Matty, dava tudo para ter as tuas pestanas! Nenhum Deus que fosse justo desperdiçava uma cara tão bonita num rapaz!» A seguir punham-se aos gritos, porque o Maggot tentava queimar-lhes os braços; umas miúdas animadoras de claque bem desenvoltas que, sinceramente, poderiam dar-lhe um pontapé no rabo quando quisessem. Não é possível que andassem amedrontadas. Era apenas uma rotina que tinham, as miúdas a virem com aquela tanga própria de miúdas, e o Maggot a agir como se a detestasse.

E eu ficava, tipo, *A sério, pá?* Sim, acho que *bonito* é uma daquelas palavras que um gajo tem de encarar como se fosse um esquentamento e tivesse de proteger os tomates. Sendo que toda a situação de masculinidade do Maggot era complicada, para não dizer pior. Isto, porém, aconteceria sem ninguém por perto para o julgar, apenas os primos. E eu, o parvalhão sem primos que teria pago para uma miúda fazer aquele espalhafato comigo, e deitada com meio corpo em cima de mim, com eles todos ali a monte no chão da sala de estar a verem o *Walker, o Ranger do Texas*. Eu, o parvalhão sentado sozinho no sofá a olhar para o meu amigo lá em baixo naquele monte, a pensar: *Meu, quem é que detesta ser adorado?*

Tenho estado a dizer Sra. Peggot isto, Sra. Peggot aquilo, por isso vou

continuar a tratá-la desta forma, porque a verdade é constrangedora. Chamava-lhe Vovó. Era assim que o Maggot a tratava, e eu fazia igual. Sabia que os primos dele não eram meus primos, nem o Sr. Peggot meu avô, chamava-lhe Peg como toda a gente. Julgava, porém, que todas as crianças tinham uma vovó, tal como uma assistente social e merenda escolar gratuita e feijão cozido com salsicha enlatado que nos dão num saco para levarmos para casa para o fim de semana. Tipo, atribuído. Se não fosse assim, onde é que eu ia arranjar uma? Sem perspetivas pelo lado da minha mãe, abandonado pelo sistema de acolhimento. Quanto à mãe do pai fantasma, estamos conversados. Por isso, vejo-me obrigado a partilhar com o Maggot. O que parecia bem à Sra. Peggot. Tirando o facto de o meu sítio oficial para dormir ser na casa da minha mãe e de o Maggot ter o seu próprio quarto no andar de cima na casa dos Peggots, ela não tinha preferências: os mesmos bolinhos de pacote, as mesmas camisas de *cowboy* que fazia para os dois, com a franja nas mangas. A mesma pancadinha no ombro com os nós dos dedos quando dizíamos palavrões ou nos sentávamos à mesa com o boné posto. Diga-se que nunca batia com força. Mas as reprimendas, meu Deus. Ao olhar para ela, uma avó baixinha de cabelo grisalho curto e calças de ganga de cintura alta e sandálias amarelas rasas, uma pessoa vai pensar: *Aqui não há nada que me impeça o caminho.* Não sabe da missa a metade! Se uma pessoa roubar ou falar mal dos seus superiores ou estragar um dos tomateiros dela ou for apanhada a snifar a laca para o cabelo dela, a senhora poderá pregar-lhe uma descompostura de todo o tamanho.

Ela era a única a empregar o meu nome verdadeiro, depois de toda a gente o ter posto de lado, incluindo a minha mãe. Só bastante mais tarde, aí com os meus vinte anos, é que percebi que há sítios em que as pessoas ficam com os nomes com que começam. Quem poderia adivinhar? Quer dizer, Snoop Dogg, Nas, Scarface, não são nomes que uma mãe atribua. Presumi que todos os sítios eram como nós, em casa, no condado de Lee, onde a maior parte da malta fica com outro nome, que acaba por pegar. Shorty ou Grub ou Checkout. É bem possível que o Humvee de início não se chamasse Humvee. O Sr. Peggot passou a ser Peg[1] depois de ter ficado com o pé esmagado por uma daquelas máquinas de

aparafusar que usam nas minas de carvão. Há nomes que assentam que nem uma luva, e a pessoa vem a correr como um cão quando o ouve, até ao dia em que morre e vem no jornal junto do nome oficial que toda a gente esqueceu. Tenho visto a secção de necrologia e pensado no facto de a maior parte desses nomes serem desagradáveis. Quem quer, ao morrer, ser conhecido por velho Stubby[2]? Durante a vida, porém, não tem grande importância, uma pessoa comprar uma cerveja para o seu melhor amigo Maggot[3] sem qualquer um dos dois parar para pensar.

Por isso, não era habitual que a Sra. Peggot mantivesse o meu nome de nascença na lista de opções, depois de outros o terem abandonado. O nome é Damon. O apelido é Fields, do lado da mãe. No momento de preencher os impressos do hospital após o meu nascimento tão atribulado, ela lá tinha as suas razões, obviamente, para não me associar ao meu pai. Pelo que sei agora, não há dúvida, mas ficar parecido com ele fez parte do meu crescimento, tal como ganhar cabelo. E naqueles tempos, quando a aparência ainda era o principal trunfo da minha mãe e as palavras «má escolha» ainda não faziam parte do seu vocabulário, talvez houvesse outros candidatos. Ninguém disponível para ser cavalheiro e assinar o seu nome. Ou levá-la do hospital para casa. Esse trabalho, como a maior parte dos cavalheirismos na vida da minha mãe, calhou ao Sr. Peg. Se ele estava feliz com isso ou não, é outra história.

Quanto a Damon, foi ela que se saiu com esta mariquice de nome, próprio de um cantor de banda *pop* juvenil. Teria achado que me ia tirar das tetas antes que o pessoal o transformasse em Demon[4]? Muito antes da idade escolar, já tinha ouvido tudo. Screamin' Demon, Demon Semen.[5] Contudo, assim que ganhei a minha cabeleira de fios de cobre e alguma versão de atitude, comecei a ouvir «Little Copperhead»[6]. A ouvir amiúde. Note-se que nenhum rapaz que os tenha no sítio quer ser Pequeno Seja-o-que-For. Conselho para qualquer pessoa que faça tenção de chamar Júnior ao filho: passar uma vida inteira na condição de minialguém será tão emocionante como encontrar langonha seca no tapete.

Mas ter um pai fantasma famoso abre uma nova perspetiva, e não posso dizer que tenha detestado ser reconhecido dessa forma. Na altura em que o Maggot

dava início às suas tentativas de furto em lojas, começava eu a ficar conhecido por Demon Copperhead. É inegável que confere um certo poder.

[1] *Peg leg* (ou *pegleg*) pode traduzir-se por «prótese», o que explica a origem desta alcunha. (*N. dos T.*)

[2] *Stubby* significa «atarracado». (*N. dos T.*)

[3] *Maggot* significa «larva». (*N. dos T.*)

[4] *Demon* significa «demónio». (*N. dos T.*)

[5] Respetivamente «Demónio aos Gritos», «Demónio Sémen». (*N. dos T.*)

[6] Literalmente, «Pequeno Cabeça de Cobre». (*N. dos T.*)

3

Desde o dia em que o Murrell Stone subiu os nossos degraus com as correntes das botas *Davidson* a tilintar, o discurso da minha mãe era todo ele «O Murrell é bom tipo. Gosta de ti, e tu gostas dele.» Recebi as minhas instruções.

Era conhecido por Stoner, e, se dizia coisas bonitas à minha mãe, ela era toda ouvidos. Até agora, tem estado sóbria o tempo suficiente para manter o emprego no Walmart em todos os períodos de reabastecimento dos corredores sazonais: fantasias de Halloween, treta natalícia, dias dos Namorados, doces de Páscoa, cadeiras dobráveis. Tem a renda em dia e uma gaveta repleta de fichas de sobriedade que, noite entrada, desengaveta e admira como um dragão sentado em cima do seu tesouro. É do que me lembro. A minha mãe a chegar a casa do trabalho e a enfiar os calções desfiados, a beber um *Mello Yello*, sentada no *deck* a fumar, com os pés no corrimão e as pernas esticadas a tentar a versão gratuita de um bronzeado, a gritar-me a mim e ao Maggot para, lá em baixo no riacho, não vazarmos os olhos ao andarmos a correr com paus. A vida é grande, por outras palavras.

Só não me lembro do que não sabia: qual a sensação de chegar à idade legal para beber e já ter três anos de AA? Como é chato ter um filho em idade escolar e um relacionamento de longa data com o corredor de acessórios para festas do Walmart, enquanto as amigas de outros tempos ainda andam por aí a tentar ficar pedradas, bêbedas ou casadas, de preferência uma combinação perfeita dos três estados. A minha mãe só se dava com pessoas de meia-idade na casa dos trinta, pelo menos: amigos de sobriedade e coleguinhas do Walmart que lhe diziam «Tenha um santo dia, queriducha» e regressavam a casa para junto dos respetivos maridos e baldes de frango e *Jeopardy*. Por esta altura — depois de eu

ter vindo ao mundo — já tentara e falhara com uma chusma de namorados, que a largaram, porque (a) a fizeram recair na pinga e meter-se em embrulhadas jurídicas no tocante à maternidade, ou (b) não era divertida.

E é então que surge o Stoner, alegando que tem respeito por uma mulher limpa. Tendo algumas parecenças com o próprio Mr. Clean[7], cabeça de bola de bilhar, bíceps enormes, alargadores em vez de brincos. A minha mãe dizia que ele poderia deixar crescer o cabelo se quisesse, mas que gostava de usar a cabeça rapada. No entender dela, um careca bombado enfiado num colete de ganga e sem camisa era o suprassumo da masculinidade. Se o leitor fica admirado por uma mãe discutir dotes físicos de namorados com um rapaz que ainda anda a aprender a não tirar macacos do nariz, é porque não conhece as profundezas da solidão. A minha mãe acendia-me um cigarro e tínhamos as nossas conversas — um cigarro de mentol, claro, sendo que esta, no seu entender, era a opção adequada para crianças. Tinha para mim que fumar com a minha mãe e discutir os diversos atributos que fazem de um homem um garanhão era sinal de profundo respeito. Foi assim que aprendi coisas do género: uma cabeça com barba por fazer, bom como o milho. A dada altura, porém, o Stoner perdeu gás na questão do barbear, porque andava com uma senhora barba, a maior e mais negra que se pode encontrar fora das histórias de banda desenhada do Vandal Savage.

Uma das poderosas figuras anteriormente referidas tem atormentado a Terra com desgraças desde que o mundo é mundo. E uma delas produz o *spray* Clean Freak do *Mr. Clean,* que tira o bolor a uma reles cortina de duche e a põe como nova. No entender da minha mãe, o Stoner era a segunda opção.

Regressada a casa do trabalho, começou a maquilhar-se mais, em vez de menos, não fosse ele aparecer. E apareceu mesmo, distribuindo elogios. *A tua mãe é uma brasa, assim dá cabo de mim, mais bonita do que duas pêssegas.* A mim chamava-me «sua majestade». O que quer isso dizer no caso de um miúdo que, até ao momento, devia a maior parte do seu crescimento ao facto de assinar com o nome da mãe os impressos do programa de assistência alimentar a famílias carenciadas para obtenção de almoços grátis? O Stoner dizia que o meu

problema era que me habituara a ser um menino da mamã. Se me apanhava deitado com a cabeça no colo da minha mãe enquanto víamos televisão, dizia: «Oh, olhem só. Lá está o reizinho no trono.»

Possuía, porém, uma carrinha *Ford* de caixa aberta, modelo recente, e uma *Harley FXSTSB Bad Boy*, ambas totalmente pagas, e esse aspeto do negócio do Stoner era difícil de desprezar. Baixava o descanso à *Harley* e entrava para vir ter com a minha mãe. Sinal para eu e o Maggot passarmos a próxima hora inteira a tocar naquela mota, a olhar para o nosso estúpido semblante na superfície cromada, a desafiar-nos mutuamente a subir para o assento. A acreditar piamente que, se o Stoner saísse naquele momento, não escaparíamos à cadeira elétrica.

Por isso, no dia em que ele chegou de mota, com estrondo, e me perguntou se eu queria dar uma voltinha, só até à autoestrada e voltar, minha Nossa Senhora. Então não havia de querer? O Maggot olhou para mim, tipo, *Eh, pá, tens cá uma sorte*. A minha mãe gritou do *deck* «Agarra-te a ele, Stoner; se ele se aleijar, limpo-te o sebo!»

O meu problema era não ter sapatos. Era um sábado, e tínhamos estado a praticar tiro ao alvo com o Hammerhead Kelly, uma espécie de primo dos Peggots por afinidade, mais velho do que nós. Um miúdo sossegado, o preferido do Sr. Peggot para a caça aos veados. Tinha trazido uma pressão de ar, sendo que o nosso riacho estava repleto de possíveis alvos; seja como for, a questão é que eu tinha de pensar onde estavam os meus sapatos. Provavelmente na casa do Maggot. A minha mãe aparentemente achava que eu precisava deles e disse-me para os ir buscar, o que fiz. Mas não sem que a Sra. Peggot primeiro me bombardeasse com perguntas sobre o que estava a acontecer. Ela estava a olhar pela janela. A minha mãe tinha descido até à estrada, e o Stoner estava inclinado a beijá-la como se estivesse a tentar sugar-lhe algo das entranhas por um canudo. E ela de bom grado a participar no crime.

A Sra. Peggot avisou-me que era muito provável que eu viesse a cair da mota daquele sujeito e rachar a cabeça de alto a baixo. «E o pior é que ele é pessoa para arrancar e deixar-te lá», disse-me ela.

Meu Deus. Por mais que eu quisesse subir para aquela *Harley* e fazer-me à estrada a todo o gás para toda a gente ver, já não conseguia parar de imaginar a

minha cabeça no chão, aberta como as metades de uma casca de noz, os vizinhos apinhados em redor, o Stoner a acelerar para lá do horizonte. Quero dizer, a Sra. Peggot não era pessoa de enrolar os outros, a mulher sabia umas merdas. Nessa altura não tinha ideia do aspeto do cérebro de um rapaz exposto, mas agora já tenho. Está no topo de uma lista de coisas que preferia não ver. A minha pequena mente, porém, tinha um jeito brutal para imagens. Fui lá fora e disse ao Stoner que me doía o estômago. O Maggot daria o que fosse preciso para ir no meu lugar, mas, sendo um amigo a valer, disse ao Hammerhead que era melhor irmos todos lá para dentro jogar Game Boy até eu me sentir melhor.

— Tu é que sabes — disse o Stoner. Mas foi a forma como o disse, tipo «Que bem que ela sabe». De pé, com o braço a envolver os ombros da minha mãe, como se já tivesse pago o sinal.

Estava para breve, porém, o dia em que eu andaria naquela mota, apertado entre ele e a minha mãe como o queijo numa sanduíche, com visão mais do que privilegiada sobre as tatuagens no pescoço dele. A minha mãe atrás de mim com o cabelo louro a esvoaçar e os braços esticados, agarrados ao abdómen bombado do Stoner. As tatuagens do pescoço estendiam-se até ao couro cabeludo. Tinha curiosidade de saber se as mandara fazer antes ou depois da ideia de rapar a cabeça. As parvoíces que uma criança pensa em vez das questões importantes, tipo, onde é que este passeio recreativo nos leva aos três, afinal de contas?

A primeira vez foi até à Pro’s Pizza. O Stoner pediu uma familiar com tudo, um jarro para ele, *Coca-Cola* para mim e para a minha mãe. Depois de termos aviado um bom naco de *pizza*, a minha mãe pediu licença e enfiou-se na casa de banho. Vieram dois amigos do Stoner e sentaram-se no nosso privado como se fosse a coisa mais natural do mundo, limitando-se a fazer o turno seguinte.

Eu não conhecia aqueles tipos. No condado de Lee, dizem que uma pessoa tem de procurar muito até dar com um rosto que nunca tenha visto, o que certamente era verdade no caso da minha mãe, que encaminhara qualquer pessoa capaz de andar até ao sítio dos copos descartáveis no corredor 19 do Walmart. No caso de uma criança, porém, por estar mais agarrada a casa, a coisa é diferente. Já tinha reparado nestes homens a olhar para a minha mãe de alto a

baixo, mas não percebi a ligação que tinham ao nosso grupo. O que se sentou ao lado do Stoner era pálido e tinha cabelos brancos, com muita tinta, e pintara um olho extra a meio do pescoço — não me perguntem por que razão terá achado uma boa ideia. O que ficou sentado ao meu lado cheirava a *Axe* e tinha o tipo de bigodinho e pera normalmente associados ao diabo e ao Homem de Ferro. O meu cérebro, com a sua obsessão infantil por super-heróis e supervilões, começou a magicar na forma de os desenhar. Ao da tinta chamar-lhe-ia Olho Extra, com capacidade para ver os pensamentos de uma pessoa. O outro era o Fedorento do Inferno, com o poder de matar uma pessoa só com o cheiro.

Encetaram conversa com o Stoner. «Que nome dar a este?» Um Demoniozinho, hem? Demónio Filhote, piadas que ouvi um milhão de vezes. O Fedorento veio-se então com «Filhote da Miúda da Página do Meio», e o Olho Extra disse:

— Uma raposa vai dar à luz os filhotes, Stoner. Tens sorte de ser só um.

E o Stoner disse que era melhor ter cuidado porque há pessoas mais espertas do que pensamos.

— Ah, sim? Estamos a falar de quem? — perguntou o Olho Extra.

Também fiquei curioso.

— Bear — disse-lhe o Stoner, o que foi uma desilusão. Pensei que talvez se referisse a mim.

— Bear quê? — queriam saber.

O Stoner piscou o olho ao de leve.

— Amigo do Sr. Grin, seus palermas. ’Tava-se mesmo a *ber*.

— Oh, já percebi — disse o Fedorento — O Sr. *Ber* Pra Crer.

Eu já conhecia, na minha tenra idade, uma lista razoável de parvalhões, mas nenhuma com o nome de Bear. Estes tipos riram-se dele até a minha mãe voltar, o que estava a demorar uma eternidade. Tiraram copos do dispensador e serviram-se da cerveja do Stoner e interrogaram-no sobre o seu projeto de perfuração. Se o Stoner perfurava poços, isso era novidade para mim. O Stoner perguntou-lhes o que fariam se dessem com um *Camaro impec* que quisessem comprar, mas que viesse com um reboque.

— Para *comprar*, ou só para levar para uma corrida radical? — quis saber o

Olho Extra.

E o Fedorento perguntou:

— O engate está bem fixo, meu? — Riem-se os três a bandeiras despregadas. E eu ali sentado a sugar a *Coca-Cola* até ao gelo, até ficar com a garganta congelada como um buraco redondo e duro, confuso em relação a tudo o que se dizia.

Quando a escola fechou para o verão, os Peggots ofereceram-se para me levar a Knoxville. Iam visitar a June, a tia do Maggot, e ficar lá duas semanas. Era enfermeira num hospital, com a vida a correr-lhe bem, e morava num apartamento com um quarto vago. Para uma pessoa que nem sequer é casada, é muito espaço.

A minha primeira pergunta: Knoxville fica perto do mar? Resposta: nada disso. Já referi que era uma criança estranha no que dizia respeito a ver o tal do mar. Foi, por isso, uma desilusão. Virginia Beach não estava fora de questão, só para que fique claro. Não era como o Havai ou a Califórnia, impossível. Fica à distância de sete horas e um depósito de gasolina, de acordo com a Linda, colega de trabalho da minha mãe, que ia lá passar uma semana todos os anos no verão com o marido e ficava num condomínio. Já os Peggots iam ver a filha e deixavam-me viajar de pendura, por isso tinha de me portar bem a esse respeito. E, na verdade, a ideia de ir a qualquer lugar que não fosse a escola, a igreja e o Walmart era deveras empolgante. Seria a primeira vez.

E a minha mãe, foi a pergunta que fiz a seguir. «Vai chegar atrasada ao trabalho se eu não estiver aqui para a lembrar que tem de pôr o despertador», disse eu à Sra. Peggot. Eu tinha muitas preocupações, como encontrar os sapatos de trabalho dela e o cartão de identificação e lembrar que era preciso ir ao supermercado. A Sra. Peggot não estava a perceber a situação a meu respeito e da minha mãe. Quem é que iria buscar-lhe *Mello Yellos* ao frigorífico e com quem é que iria conversar? A Sra. Peggot disse que o melhor era eu ir perguntar à minha mãe, o que fiz. Tinha a certeza de que ia levar uma nega, mas a minha mãe ficou radiante e começou a dizer que seria muito divertido, ir para Knoxville com os Peggots. Quase nada admirada.

Na noite anterior à partida, enchi a minha fronha com roupa interior e *t-shirts* e o meu caderno de desenhos de super-heróis, e dormi vestido. De manhã, estava lá fora no *deck* uma hora antes de eles arrumarem a bagagem na viatura, que era uma carrinha *Dodge Ram* com os bancos traseiros rebatíveis que ficam voltados um para o outro. Durante todo o caminho até Knoxville, eu e o Maggot iríamos jogar *slapjack* e dar pontapés um ao outro nos joelhos cheios de crostas.

A minha mãe sentou-se ao meu lado à espera de que os Peggots aparecessem e que o Sol nascesse sobre as montanhas que ainda nos cobriam com a sua sombra. Para quem vive num vale, o Sol chega já tarde e vai-se embora cedo. Como muitas outras coisas que uma pessoa possa querer. Nos anos vividos desde então, tenho ficado admirado ao ver a quantidade de luz que banha uma pessoa nos sítios mais planos. Isto e mais ainda por aprender por meio de um miúdo empolgado a observar a sua linda mãe a fumar uns atrás dos outros e a ouvir os passarinhos a cantar. A minha mãe tentava passar o tempo a perguntar os nomes das aves, os quais já lhe tinha dito. Só conhecia uns quantos, o Sr. Peg é que os sabia todos. Carriça, canário-do-campo, pipilo-de-olho-vermelho. Quando chapinhávamos as axilas e a cara no lavatório em vez de tomarmos um duche a sério, dizia que estávamos a tomar um banho de pipilo. E foi o que fiz naquela manhã, com muita pressa para deixar a minha mãe. Tenho tudo gravado no cérebro. Que ela continuava a pensar em coisas para me lembrar: portar-me como deve ser, lembrar-me de dizer «se faz favor» e «obrigado», sobretudo sempre que pagarem coisas, e nada de bisbilhotar o apartamento da June. Coisas que é preciso dizer a um miúdo antes de este sair do estado. Disse-lhe para ligar a porra do despertador. O que a fez rir, porque eu já tinha fixado um bilhete no frigorífico: LIGAR A PORRA DO DESPERTADOR. Disse que me amava muito e para não me esquecer dela, o que foi estranho. A minha mãe geralmente não era tão emotiva.

Finalmente, o Sr. Peg gritou da estrada:

— Ora bem, estamos então a preparar-nos para ir.

Comecei a descer os degraus, mas a minha mãe intercetou-me com toda a gente a ver, beijando-me no pescoço até eu ficar quase morto de vergonha.

E assim foi, deixámo-la. O Sr. Peg acenou, mas a Sra. Peggot, com cara de

poucos amigos, mal olhou para ela. Foi o semblante que vi sempre que ela se virou para nos perguntar se tínhamos o cinto posto e se ainda queríamos bolachas. Manteve-o mesmo depois de termos transposto a fronteira do estado.

[7] Mr. Clean («Sr. Limpo») é uma personagem fictícia e mascote da marca associada a uma linha de produtos de limpeza. (*N. dos T.*)

4

Knoxville tinha uma surpresa reservada: uma miúda chamada Emmy Peggot que morava com a tia June no apartamento dela, filha do Humvee, tio do Maggot, já falecido. O da casinha para passarinhos. Andava no 6.º ano, era magricela, com longos cabelos castanhos e uma expressão particular, impiedosa. Andava sempre com uma mochila da *Hello Kitty* às costas, aparentemente prestes a servir-se dela para dar uma coça a alguém e, ato contínuo, carregar a cabeça dessa pessoa lá dentro. Chegar ao fundo da questão levaria o seu tempo.

Enfiámo-nos logo no *Honda* da tia June para esta nos levar a todos a almoçar ao Denny's, exceto o Sr. Peg, que, depois da viagem, precisava de manter aquela perna inútil elevada. A tia June mandou-nos pôr o cinto, e foi a primeira vez que vi três cintos a funcionar num banco de trás. A Emmy sentou-se no meio sem falar connosco, a pescar elásticos para o cabelo e sabe-se lá mais o quê da mochila, a fazer questão de não nos deixar ver o que mais havia lá dentro, como se fosse algo demasiado chocante para a nossa mente juvenil.

A tia June deixou-nos pedir o que quiséssemos, por isso foi como um aniversário. Sentámo-nos junto à janela, e era difícil concentrar-nos, com tudo o que se passava lá fora. Eu seria talvez o único miúdo da escola que nunca fora a uma cidade, além de uma menina sem pais e com epilepsia que dava pelo nome de Gola Ham. Outras crianças da minha idade haviam ido sobretudo a Knoxville, porque as pessoas têm lá família. Agora não tinha olhos a medir. Se passava por nós alguma coisa, como um carro da bófia com um cão atrás, ou um reboque a puxar um *Mustang* espatifado, eu gritava *Eh, pá, olha para aquilo!* E a Emmy olhava-me de esguelha, tipo, *E depois? O pessoal não dá cabo dos carros no sítio de onde vieste?* A tia June estava ocupada a falar com a Sra. Peggot sobre o

seu trabalho. Tinha de ir trabalhar a seguir ao almoço até à manhã seguinte: turnos consecutivos noite e dia. Falou sobre os horários prolongados e o que via no serviço de urgência, como uma senhora grávida que deu entrada apunhalada, com o bebé ainda lá dentro. O que, pensando bem, fazia com que um *Mustang* espatifado não tivesse uma importância por aí além.

Eu e o Maggot iríamos ouvir mais histórias sobre o serviço de urgência, contadas pela Emmy, depois de esta pôr de lado a introversão e começar a falar connosco. Acontece que as piores merdas que as pessoas podem pensar em fazer umas às outras na terra natal também as pensam e fazem em Knoxville. Provavelmente mais ainda. A questão é que uma cidade é enorme. Obviamente, já tinha visto cidades na televisão, porque é só o que mostram a toda a hora (além do *Animal Planet*), pelo que já estava à espera de algo como Knoxville. Só que tinha a ideia de que, ao virar da esquina, uma pessoa saía logo da cidade. De regresso às montanhas, pastagens e elementos do género; ao natural. Nada feito. Sempre que saíamos de carro com a tia June, descíamos vinte ou trinta ruas só de prédios. Não se via o fim de forma alguma. Se o leitor é um dos poucos que ainda não esteve numa, vou dizer-lhe o que é uma cidade. Um caos do qual é difícil fugir. Será que o Maggot já sabia da Emmy, antes de virmos? Sim. Toda a gente na família dele sabia, bem como a minha mãe, o que me assustou. Por alguma razão a questão de o falecido Humvee ter uma filha a viver com a tia June nunca era referida lá em casa. O Maggot disse-me que eu poderia falar com a minha mãe, pois ela já sabia, mas não com o Stoner. Eu disse-lhe que tinha quase a certeza de que, quando voltássemos, acabaria tudo entre eles. Não haveria problema nenhum. Esta conversa decorreu na nossa primeira noite, com a Emmy a dormir. Tínhamos ficado acordados a ver *No Limiar da Realidade*, e ela acabou por cair no sono. O Maggot rastejou até ela e tirou-lhe a mochila das mãos para termos a certeza de que estava mesmo a dormir.

Ou seja, o quarto vago da tia June era, afinal, a casa da Donzela do Gelo. Teve de abdicar do aposento durante duas semanas para os avós lá ficarem. Nós, as crianças, dormimos num ninho gigante que fizemos na sala de estar com almofadas e lençóis. Chamávamos-lhe forte, mas a Emmy corrigiu-nos dizendo que era o nosso «navio», o navio *Vai Levar no Ânus*, sugeriu o Maggot, que por

via disso acabou despromovido. A Emmy tinha uma série de bonequinhas estúpidas em malinhas estúpidas, as quais, no seu mundo, ostentavam patentes: tenente, soldado, etc. O Maggot, na sua condição de lava-pratos ou coisa que o valha, geralmente ficava abaixo de toda aquela milícia de bonecas, enquanto eu me situava a meio. Tentávamos envolver a bonecada dela em roubos e homicídios, e ela alinhava completamente, para nossa surpresa. Disse-nos que havia um sítio fora de Knoxville, chamado Body Farm, onde enterravam cadáveres, que a seguir desenterravam, depois de apodrecerem, para estudarem o lado científico dos crimes. Tudo bem, cumpríamos as regras dela e dormíamos num navio de almofadas. Perguntei-lhe se já tinha visto o mar. Nunca, e não, obrigada, foi a resposta que me deu. Tinha estado no aquário Undersea Wonders, em Gatlinburg, e aterrorizou-se com os tubarões.

Se alguém me perguntasse, o edifício dela era mais assustador do que qualquer tubarão. Tipo estar preso num castelo sombrio do Duke Nukem. Com mais mil famílias a viverem por lá, cada porta de entrada a dar para um corredor. Escadas que descem por outros corredores. Do lado de fora da porta de entrada principal, uma rua cheia de carros e carros, pessoas e pessoas. Não havia *exterior* em nenhum lado. Perguntei à Emmy quem era aquela gente toda, e ela disse-me que não fazia ideia, mas que não se podia falar com elas porque eram estranhos. Estava habituada a castelos sombrios. Supostamente teria amigos da escola com *Nike Air Max*, *Furbys*, etc., ou seja, mais fixes do que nós, imundos alunos do 4.º ano, mas onde estariam eles? Em lado nenhum. A Emmy não podia vê-los durante todo o verão. Viviam noutros castelos sombrios. Ali não havia direito a correrias desenfreadas como fazíamos em casa, com adultos por perto ou não, idealmente não. A Emmy não ficava sozinha por um segundo, devido a todos os desconhecidos e ao risco de homicídio. Depois da escola, ia para um sítio sem graça, onde faziam artesanato até aparecerem as mães, com crianças que não estavam ao seu nível. Palavras dela. Quando a tia June tinha turnos noturnos, como o serviço de urgências funcionava ininterruptamente, a Emmy ia dormir, tomar o pequeno-almoço e ver televisão à casa da velhota do andar de baixo, que tinha dois gatos de má catadura, pelo que havia pelo menos um vizinho sem intuitos criminosos.

A tia June ia ter dias de folga e disse-nos que faríamos umas coisas. Enquanto isso, o Sr. e a Sra. Peggot sentavam-se à mesa com as luzes apagadas, não querendo gastar a eletricidade da filha. O Sr. Peg não conhecia as ruas, e não havia quintal. Não havia mesmo nenhum, porque perguntei. Eu nem acreditava que o mundo tivesse um lugar assim. Não apenas do ponto de vista infantil de não haver nenhum sítio onde pudéssemos brincar à vontade. Onde é que aquela gente cultivava o tomate?

O apartamento em si era catita, se fechássemos os olhos à localização. Chique, como a tia June, com as unhas brilhantes e o cabelo castanho curto como a Posh das Spice Girls. Sardas miúdas. Boazona, sem dúvida, ou, pelo menos, assim teria opinado, se não a chamasse tia June. Os seus móveis estavam um patamar acima da média, a condizer. Um frigorífico do qual o gelo e a água fria saíam pela frente, e uma bancada de cozinha com bancos. Estantes com livros. Uma casa de banho de uso comum e outra exclusiva para a tia June, no seu quarto, com banheira. Ainda me sentia um pouco assustado, mas lá ia disfarçando. Também tinha um roupeiro com uma sapateira na porta, vinte e um pares de sapatos, pelas minhas contas. No nosso primeiro dia, a Emmy fez questão de nos mostrar todas estas particularidades, o que levou talvez uma hora, após o que ficámos praticamente sem saber o que fazer. A Sra. Peggot começou a bisbilhotar no roupeiro da tia June e pôs-se a remendar. Tinha tanto jeito para remendar fosse o que fosse que ninguém conseguia distinguir a parte remendada do resto, e confecionava todas as roupas do Maggot, uma das suas habilidades. O Sr. Peg lia o *Knoxville News Sentinel*, incluindo os obituários de mil e uma pessoas que não conhecia de lado nenhum, e refilava por não ter sítio onde pudesse fumar. A seguir descia à rua e postava-se na calçada em frente ao prédio, com mais pessoas que não conhecia de lado nenhum, todas elas a fumarem convictamente em ambiente ameno. Eu e o Maggot revezávamo-nos no Game Boy dele, enquanto esperávamos que a tia June acabasse de salvar gente de paragens cardiorrespiratórias e ferimentos de bala. Ou eu desenhava no meu caderno. Fiz um desenho da tia June com um corpete, como se fosse a Mulher Maravilha, com o superpoder do que a tia June efetivamente fazia na vida real. O silêncio era tal que conseguíamos ouvir as pessoas nos outros apartamentos, ou

as suas televisões. Uma cidade é a coisa mais estranha e solitária.

A tia June tinha o roupeiro do quarto alcatifado, o interior de um roupeiro, imagine só, e onde cabíamos os três. Sentávamo-nos às escuras com réstias de luz que vinham dos lados através de frinchas na porta, eu, o Maggot e os vinte e um pares de sapatos, a ouvir as histórias que a Emmy tinha para contar sobre o serviço de urgências. A perna cortada de um tipo que foi enterrada com o corpo errado. Também histórias da tia June. Tipos na Jonesville High que queriam dar-lhe uma queca, mas acabaram por levar uma tampa, mesmo depois de uns quantos lhe suplicarem que casasse com eles. A mesma coisa, tipos diferentes, na escola de Enfermagem. Ficámos à espera de alguma referência sobre o que acontecera aos pais da Emmy e por que razão vivia com a tia June, se a senhora estava mortinha por se livrar dos candidatos ao altar e de bebés. Não houve nenhuma. A Emmy tinha outras preocupações, como o seu esconderijo secreto sob um tapete solto. A primeira vez que foi vasculhar, vi a cara do Maggot com réstias de luz a olhar para mim, tipo, *Que raio de coisa?* E lá vinha ela com maços achatados de cigarros e pastilhas elásticas. A perguntar se queríamos pastilhas. Dissemos que sim.

Ela disse:

— Qual é a sensação de querer?

Vimo-la descascar o papel de alumínio de uma pastilha elástica, devagarinho. Vimo-la a pô-la na boca, hipnotizados pela estranheza daquela miúda. Babados, mesmo que inicialmente não estivéssemos para aí virados. Puxou o cabelo para trás por sobre os ombros escanzelados. Sentimos o cheiro a fruta.

— Mazinha — disse o Maggot, passado um minuto.

A Emmy respondeu:

— A sério?

A tia June era o oposto da Emmy. Dava-nos tigelas especiais só para nós, para petiscarmos sempre que quiséssemos. Tirou finalmente os seus dias de folga e levou-nos a todos a um parque de trampolins, ao minigolfe, ao hospital. Ao jardim zoológico, onde passámos um dia inteiro. Tigres, girafas e afins. Macacos, os quais eu e o Maggot descobrimos como irritar, até que a tia June

disse para pararmos, senão iríamos direitinhos para casa. Era muito simpática, mas não tolerava certas merdas. Estava um calor dos diabos, e os animais provavelmente sofriam tanto como nós. Os únicos campistas felizes eram aqueles pinguins de pequeno porte que deslizavam das rochas para dentro da sua piscina, que não primava propriamente pela limpeza, vezes sem conta. Eu estava, tipo, *Eh, isto é que é vida!* Nem me importava, com merda de pinguim e tudo. Perguntei à tia June se havia um aquário no jardim zoológico e fiquei a saber que não. Devo ter feito a mesma pergunta várias vezes.

Foi então que ela teve esta ideia. Monopolizou a minha atenção e encarou-me como se me tivesse perfeitamente dominado.

— Já sei do que ias gostar — disse-me.

Em Gatlinburg tinham um aquário gigante que parecia um mar aberto. Tubarões e tudo. Não mencionei que a Emmy já me falara desse sítio, pelo qual certamente não morria de amores. Deixando de monopolizar a minha atenção, a tia June disse que, assim que tivesse mais uns dias de folga, daríamos lá um salto. E a Emmy olhou para mim, tipo, *Foste avisado, por isso não chores quando acordares sem tomates.*

Iríamos, porém, com tubarões e tudo, mesmo que a Emmy tivesse medo. Toda a gente tem o seu dia de sorte.

A tia June trabalhava a toda a hora, além de nos levar a sítios, e, sendo miúdo, eu não pensava muito nisso até que uma noite ela chegou tarde, ou talvez de manhã cedo. Eu estava acordado, mas não queria assustá-la dizendo fosse o que fosse. E, passado um bocado, tornou-se esquisito ela saber que eu estava deitado na pilha de almofadas a observá-la. Serviu-se de um copo de água, tirou os sapatos brancos e sentou-se à mesa, limitando-se a olhar para o copo. Passou as duas mãos pelo cabelo como se estivesse a pentear-se, exatamente o mesmo que o Maggot fazia às vezes. Tinha os olhos dele, o azul e as pestanas escuras pelos quais as primas morriam de inveja. Eu nunca tinha visto a mãe do Maggot, mas dei por mim a pensar que talvez fosse a irmã mais nova da tia June. As duas a brincarem juntas. Agora, ali está uma delas a tentar com todas as suas forças reunir as pessoas, e a outra em Goochland a cumprir dez a doze anos por ter tentado cortar uma pessoa em pedaços, quase com sucesso.

A tia June esticou as pernas debaixo da mesa, recostou-se na cadeira e ficou assim por tanto tempo que pensei que talvez tivesse adormecido, mas não era o caso. Passado um tempo ouvi-lhe a exalação, longa e silenciosa como um colchão de ar a vazar lentamente. Era inacreditável a quantidade de ar que tinha para deitar cá para fora. Parecia interminável.

O aquário acabou por ser o melhor dia da minha vida. Se algum dia chegar a ver o mar verdadeiro, ficarei muito surpreendido se este for melhor do que o Undersea Wonders em Gatlinburg. Tinham tudo o que se possa imaginar: cavalos-marinhos, polvos, alforrecas que nadavam de cabeça para baixo. Tanques rasos em que uma pessoa podia chegar às coisas e tocar-lhes. A atração principal era o Túnel dos Tubarões, onde uma pessoa andava sob um tanque gigante com a bicharada mais graúda: tubarões, raias, tartarugas. Mas tartarugas do tamanho de um *Honda*. Um peixe-serra, que é como um tubarão, mas com um focinho pontiagudo, tipo motosserra. Não estou a brincar. A Sra. Peggot foi connosco naquele dia. Um ou outro tinha sempre de ficar para trás, para o resto da malta caber no carro. Se fosse o Sr. Peg a ficar, punha-se a consertar qualquer coisa. Ou era a Sra. Peggot a ficar e preparava-nos o jantar, o que deixava a tia June com saudades de casa. No dia em que fomos a Gatlinburg, a Sra. Peggot e a tia June deram à língua sem parar, apesar de haver merdas incríveis a que deviam ter prestado atenção, como um peixe-serra. Além disso, ela pagara uma exorbitância, tipo cem dólares, para termos direito a entrar. Mas não tardava iríamos embora, e acho que a mãe e a filha ainda tinham terreno para explorar. Como o trabalho árduo da tia June, ao qual a Sra. Peggot se opunha, e algo sobre a sua rotação ou mudança para outro hospital. Um tipo chamado Kent, com quem ela pensava em sair e a quem chamava delegado de propaganda médica, que eu achei não ter nada a ver com atividades menos recomendáveis, pois a tia June andava sempre nos conformes. Nada disso, obviamente, é da minha conta.

Guardámos o Túnel dos Tubarões para o fim, porque era o melhor, e porque a tia June e a Emmy estiveram em combate mortal durante toda a semana sobre a eventual entrada da Emmy. Esta começou por se recusar a ir a Gatlinburg, sem mais. O seu próximo plano fracassado era ficar no carro enquanto todos

entrávamos. A tia June tinha este temperamento extremamente calmo, mas com ela era ou vai ou racha. Era ouvi-la no serviço de urgências a dizer:

— Lamento os buracos de bala que tem no corpo, caro senhor, mas tenho um trabalho a cumprir.

Resumindo, a Emmy iria mesmo entrar no raio do Túnel dos Tubarões. A tia June disse que era muito jovem da primeira vez, mas que era preciso voltar à carga e ver que não havia nada a temer.

Lá fomos nós, com a tia June a ignorar a Emmy, enquanto eu e o Maggot ficávamos deslumbrados com um milhão de toneladas de água por cima de nós com seres enormes a nadar por ali. Até o chão se mexia. Não estava à espera disso. Puxados pelos nossos próprios sapatos para as profundezas salgadas. Virei-me para ver o que a Emmy achava, e meu Deus. A miúda estava petrificada. Pessoas com os seus carrinhos de bebé e bebidas aos empurrões à volta dela para entrarem numa atração que lhes custara os olhos da cara, e a Emmy apavorada.

Sem pensar duas vezes, fui para trás. O chão, porém, estava a mexer-se, por isso eu não ia a lado nenhum, como um sonho em que parecia que o tempo não era tempo. A Emmy observava-me com um olhar assustado. Abri caminho por entre aquela gente toda a olhar para cima, para as criaturas marinhas, basicamente o Aquaman na Lagoa de Atlântida, até conseguir assentar em terra firme com a Emmy pendurada em mim como se estivesse a afogar-se.

— Está tudo bem — assegurei-lhe. — Não íamos deixar-te.

— Ela ia. Nem sequer olhou para trás.

— Não ia sair do edifício. Vinha buscar-te a seguir ao túnel.

A Emmy tremia.

— Não me parece que viesse.

— Mas vinha — garanti-lhe. — A tia June é mesmo assim. Está sempre de olho em nós.

Pensei que teria de esperar com ela até que os outros voltassem, e depois ouvir o Maggot a falar do Túnel dos Tubarões de Gatlinburg durante o resto da minha vida natural. Por algum motivo, porém, a Emmy disse que sim, vamos a isso. Tive de lhe segurar a mão. Ela mantinha os olhos fechados.

Era verdade que a tia June ficava de olho em nós. O que não era verdade em relação à minha mãe, de nenhuma forma ou feitio. Por isso, fui eu que assegurei à Emmy que é preciso confiarmos na vida. Eu sabia-o bem. Devia tê-la deixado guiar-se pelo instinto: Não voltes a arriscar, pois a coisa pode voltar a dar para o torto a qualquer momento. Talvez ela então tivesse sido esperta perante a merda que lhe sucedeu mais tarde e talvez se tivesse saído melhor. Acho que já estou a ir demasiado longe, por agora. Peço desculpa.

A tia June deu cinco dólares a cada um para gastarmos na loja de lembranças. O Maggot comprou um tubarão-martelo de plástico, a Emmy comprou açúcar cristalizado, e estavam todos à espera. Sem pensar duas vezes, comprei esta coisa para a Emmy, uma pulseirinha de prata com uma cobra incorporada. Na embalagem dizia que se tratava de uma moreia. Dei-lha enquanto caminhávamos até ao carro. Disse-lhe que ela provavelmente odiava cobras, mas que era como o seu distintivo de bravura. Limitou-se a agradecer. A seguir, no caminho para casa, referiu que estava apaixonada por mim e que iríamos casar assim que tivéssemos idade suficiente. Está bem, disse eu. Na altura já estava mais do que habituado à cadeia de comando. Para dizer a verdade, porém, fiquei meio chocado. Perguntei-lhe porquê comigo? Porque não com o Maggot? E ela disse: «Ora. O Matty é meu primo.»

O que causou a sensação habitual de não ter os meus próprios primos. Não considerara, porém, que havia um lado positivo, como o facto de a Emmy ser elegível para estar apaixonada por mim. Disse-lhe que não sabia como. Ela disse que não havia problema, que era fácil, que se fartava de fazer isso com os miúdos da escola e no sítio onde faziam bugigangas com pauzinhos de gelado.

O Maggot disse que isso só provava que ela era uma galdéria. Acho que ele se sentia excluído.

No dia em que fizemos as malas para regressarmos a casa, a Emmy deu todas estas instruções. Deveria convencer a minha mãe a deixar-me ligar-lhe. Estávamos nos anos noventa, nada de Facebook, nada de SMS. A Emmy disse-me que ou eu lhe ligava, ou ela me largava e se apaixonava por outra pessoa. Devo dizer que mais vale aprender essa lição mais cedo. Mas eu não tinha

pensado muito na minha mãe desde que partíramos. Embora ela fosse toda «Não te esqueças de mim», o que eu achava uma estupidez. Quem é que se esquece da mãe? Mesmo assim, eu tinha-me esquecido.

Para compensar, fartei-me de pensar nela durante a viagem de regresso. São duas horas, mas parámos para reabastecer e comprar *Coca-Cola* em Cumberland Gap, e no parque onde têm o bisonte. O Sr. Peg era o condutor mais lento que se possa imaginar. Por fim lá subimos a calçada de acesso à casa a oito quilómetro à hora, e eu estava pronto para abrir a porta e sair antes sequer de ele parar. No entanto, a Sra. Peggot virou-se e pôs-me a mão no braço enquanto os outros saíam. Disse que tinha uma coisa para me dizer. Estava nervosa, o que não me agradou nem um bocadinho.

— Bem, não me vai dizer que ela morreu, porque estou a vê-la — disse-lhe eu.

A minha mãe devia ter ouvido a carrinha, porque tinha saído. Estava lá em cima à espera no *deck*.

— Não, não morreu ninguém. É uma boa notícia — retorquiu a Sra. Peggot. — Tens um pai.

— E já *morreu* — disse-lhe eu. Mesmo tentando manter o respeito.

— Não, não morreu. Pelo menos aquele de que estou a falar.

Pensei na sepultura onde ele estava enterrado, sobre a qual muito se discutira no que diz respeito a deixarem-me vê-la, e disse sem pensar duas vezes:

— Lázaro não é real!

A Sra. Peggot lançou-me um olhar engraçado.

— Não, não é ele. É um novo. Agora que já sabes, podes ir.

Não entendi, mesmo depois de estar no *deck* a ser alvo de um ataque de abraços e beijos da minha mãe. Foi então que o Stoner saiu de casa. Durante uma fração de segundo, perguntei-me o que pensaria ele de eu ter um novo pai, e depois percebi.

5

Nas duas semanas em que estive fora, a minha mãe fez o seguinte:

1. Casou com o Stoner.
2. Tirou folga para passar um fim de semana de lua de mel em Luray Caverns.
3. Mudou os móveis de sítio.

O meu quarto era o maior, e agora, de acordo com a minha mãe, tínhamos de trocar, porque era ela e o Stoner contra apenas um, que era eu. Disse-me que em breve arranjaríamos uma casa melhor, porque o Stoner ganhava bem. Deambulei pela casa que não era minha, enquanto o Stoner, com as botas em cima da mesa de centro, folheava o seu *American Iron*, sem camisa, só com uma camisola interior de alças. Como se agora fosse o seu reino e não tivesse ninguém a quem impressionar.

No quarto que não era meu, a cama estava debaixo da janela, onde eu detestava que estivesse, e os meus super-heróis tinham sido colocados na respetiva prateleira da forma mais estúpida que se possa imaginar, os vermelhos juntos, verdes com verdes, nada a ver com as suas alianças ou poderes reais. Parecia que um miúdo fantasma desmiolado tinha ficado ali preso durante a minha ausência, a alinhar as suas coisas sem nexo algum.

Além disso, o forte que era meu e do Maggot tinha um cão lá dentro. Como a barba do Vandal Savage, enorme e preto, com ódio nos olhos. Ladrava e atirava-se contra a cerca de arame sempre que alguém se aproximava.

A escola começaria dentro de poucas semanas e, pela primeira vez, eu mal podia esperar por ver o verão pelas costas. Quem diria que tal fosse possível? Entretanto, eu passava o tempo todo na casa do Maggot, a dizer-lhe a sorte que

tinha de não ter pais com quem fosse obrigado a viver, no que ele se mostrava de pleno acordo. Do quarto dele lá em cima, observávamos o Stoner no canil a desenrolar as suas «sessões» com o *Satan*. Para o caso de o leitor pensar que eu estava a ser um bebé chorão, o parvalhão chama *Satan* ao cão. Treina-o na senda do crime usando um bife cru: sacudindo-o, arrancando-o, o cão a passar-se dos carretos. O Stoner a ficar excitado.

— Cabrão de merda! É melhor ficares por aqui até aquele cão arrancar os pulmões ao dono — foi o conselho do Maggot, bem escusado. Era esse o meu plano para o resto do verão. Depois disso, o meu tempo naquela casa limitar-se-ia ao horário pós-escolar. Presumi que os Peggots estariam pelos ajustes.

Quem *não* estava pelos ajustes era a minha mãe. Começou a fazer perguntas. Será que os Peggots estavam a tentar virar-me contra o Stoner? Nem era preciso tentarem, o próprio fazia bem esse trabalho sozinho, respondi à minha mãe. Deu-me uma lambada por ter a língua afiada. Mas isso não foi de modo algum o culminar da questão. Agia como se as opiniões dos vizinhos sobre o novo marido importassem mais do que as minhas. Ou as dela também.

O que acabou por acontecer foi que eu, furioso, contei-lhe o que a Sra. Peggot dissera uma vez, sobre o facto de o Stoner não se importar se eu caísse da parte de trás da *Harley* e escangalhasse a mioleira. A minha mãe ficou de olhos arregalados e disse que eu não voltaria lá durante o resto da semana. A minha mãe era pequenota, minorca mesmo, o que, de acordo com a Sra. Peggot, era por causa de ela me ter tido antes de ter acabado de crescer. Por conseguinte, completados dez anos, estava eu a alcançá-la, em altura, entenda-se, e começara em certas ocasiões a dizer-lhe: «Tenta lá impedir-me.» Como aconteceu dessa vez.

Mas, dessa vez, a sua resposta foi que talvez ela não pudesse, mas o Stoner de certeza poderia. E talvez fosse *para isso* que ela precisava de um marido, se é que eu queria saber.

Estávamos, por outras palavras, a transformar-nos num espetáculo doméstico de merda. Eu andava demasiado furioso para me importar, mas acho que a minha mãe tinha as suas dúvidas. Com o Stoner sempre a bombardeá-la com perguntas, porque é que se vestia como uma puta, a quem andava a atirar-se no trabalho,

aonde é que ia a seguir, que não era a lado nenhum. Nem gostava que ela fosse às reuniões dos AA e dos Narcóticos Anónimos, porque eram quase todos homens. Não perdia uma oportunidade para lhe recordar que, sendo casada, agora não poderia andar a sair com uns e com outros.

Por isso, talvez as palavras de incentivo da minha mãe fossem tanto para benefício próprio como para o meu. A sorte que tínhamos por o Stoner ter um bom emprego. Reconheço que não é algo que se ponha em causa no condado de Lee. A empresa para a qual trabalhava estava a crescer, ele ganhava bem, estaríamos a salvo.

Será que este trabalho fazia do Stoner a segunda vinda de Jesus? Motorista com carta de condução de mercadorias perigosas. Ou seja, conduzia um semirreboque, com uma carta especial que o autorizava a transportar não só as merdas do costume no seu camião, mas também *cerveja*. Ou, como o Stoner lhe chamava, Produto. Camionista de distribuição na Anheuser-Busch. Tinha de passar num teste anual que comprovava que era capaz de erguer e movimentar Produto com um peso até setenta e cinco quilos. Enquanto me dizia tudo isto, e muito mais que eu nunca quis saber, mantinha-se deitado no chão a pressionar os seus pesos livres da *XMark*, que tinham migrado para ali juntamente com certos maus odores e com o *Satan*. Os pesos ocupavam a maior parte da sala de estar, sobretudo quando se deitava entre eles com a sua camisola interior suada e a pulseira de cabedal, as veias do pescoço prestes a estourar, grunhindo a cada pressão como se estivesse a largar uma poia.

— A fazer a rotação e o *merchandising* de bebidas em mais de cinquenta contas de clientes — dizia ele, como se fosse professor do raio que o parta. — A cumprir as rotas até ao fim, independentemente das condições da estrada.

«Médica e odontológica» foi a parte que deixou a minha mãe empolgada. Agora eu teria cobertura caso precisasse de tirar as amígdalas ou fosse atropelado por um carro. Ou os medicamentos para o Transtorno do Défice de Atenção e Hiperatividade que alguns professores queriam convencer a minha mãe a dar-me desde o primeiro dia. O Stoner disse: «Oh, sim, com a Rita Linda[8] ou lá o que é, ele ficará uma beca mais calmo.» A minha mãe estava em

cima da vedação. Mas disse que agora, fora de dúvida, eu passaria a ir ao dentista, precisasse ou não. O que não me entusiasmou. Ouvira miúdos a dizer que equivalia a uma câmara de tortura, e ouvira outros a dizer que não era assim tão mau, o dentista. Eu nunca tinha ido.

Não tardei a descobrir que um tratamento com a broca dentária era o melhor que poderia esperar agora. Toda uma nova vida para o jovem Demon era o plano do Stoner, que ele me descreveu uma manhã, ao pequeno-almoço, depois de a minha mãe ter saído para trabalhar. Eu ia aprender autodisciplina, como a ensinam no exército. Não que o Stoner tivesse prestado serviço militar, note-se. Acho que ele viu o filme.

A minha mãe tem sido demasiado branda comigo, diz o Stoner, inclinando-se para tomar mais um trago dos seus *Cheerios* com leite, e eu a pensar no que ele come, como um cão. Até a tigela de plástico vermelha de onde está a comer poderia ser uma malga de cão. A minha mãe tem sido tolerante com a minha atitude. Agora vou aprender como vivem as pessoas íntegras, com disciplina e respeito pelos outros.

Não tenho nada a dizer a este respeito.

O Stoner avança rápido como um raio e esmurra-me o maxilar. Voa-me a colher da mão para o chão. Sinto um ouvido a zumbir, a bochecha a arder. Olho para ele.

— O que é que eu fiz?

— Seu arrogante de merda. Não foi o que fizeste, foi o que pensaste.

O que pensei? Aquele Stoner comia o pequeno-almoço como um cão. Um cão com alargadores nas orelhas. Bem gostaria de prender uma trela a um daqueles buracos e levá-lo a dar o raio de um passeio.

— A questão é a seguinte — explica o Stoner calmamente, como se nada tivesse acontecido. Limpando o leite da barba com a parte de trás do pulso, coçando a cabeça tatuada. Diz ele que não admira eu estar tão lixado. Como é que a minha mãe havia de saber criar um filho? Ela cresceu em famílias de acolhimento. É inevitável que vá criar mais um autêntico falhado. E eu a pensar: *Se ele acabou de chamar autêntica falhada à minha mãe, por que carga de água terá casado com ela?* Começo a perder a noção de onde ele quer chegar com

esta conversa sobre a sorte que temos, eu e a minha mãe. Aquele Stoner apareceu para nos endireitar.

Assento os punhos na mesa, a tigela de cereais entre eles, a cabeça ruiva ainda agarrada ao pescoço. O Stoner acaba de tragar à cão os cereais, não pestanejo, nem me mexo. Também vi o filme do exército. O leite na minha tigela pode azedar, o dia pode virar noite, isso não me afeta. Vou ficar. O Stoner puxa a cadeira para trás, atira a sua tigela para o lava-louça e sai. A porta mosquiteira fecha-se com força.

Apanho então a minha colher do chão e como os meus cereais. É essa a vitória que obtenho, se é que se pode chamar isso. A encher-me como uma tigela sob uma torneira a pingar. A encher-me de ódio enquanto espero que o homem saia.

Contei à Sra. Peggot sobre o Stoner, que me disse que ela teria de falar com a minha mãe, ou ligar para os serviços sociais. Escolhi a minha mãe. Por isso, falaram as duas. Senti que a minha mãe ficou magoada com o Stoner. Talvez ela não tenha percebido as proporções que estava a tomar aquela relação de merda entre os dois homens. Tentou dar-lhe um bocado para trás. Houve uma noite em que ela trouxe para casa uma *pizza* e, enquanto comíamos na sala de estar com a televisão ligada, empregou uma vozinha alegre de passarinho para dizer que ainda tinha opiniões sobre as coisas e direito a expressá-las na sua própria casa. Foi durante um anúncio.

Sobre o quê, foi a pergunta do Stoner, e a resposta dela foi: Eu. Que eu ainda era filho dela. O Stoner nada disse. Voltou o programa, que era *Lei* & *Ordem*, e eu não quis comer mais. A *pizza* era uma havaiana da Pro’s com presunto e ananás, a minha preferida, o que a minha mãe, claro, sabia e o Stoner não. Esta *pizza* era como uma mensagem em código da minha mãe para mim, ou seja: *Não desistas, continuo do teu lado*. Agora, porém, com o Stoner a ficar calado e com um olhar absolutamente implacável, senti que teria sorte se conseguisse segurar o que já comera.

O programa terminou. O Stoner levantou-se, desligou a televisão e sentou-se de frente para a minha mãe.

— Estou a ver — disse ele. — Porque os bêbedos e os viciados em

comprimidos são ótimos a cuidar dos filhos.

Os olhos da minha mãe fixaram-se nos meus. *A casa está a arder*, foi o que disseram, *e estou tão arrependida que só me apetece morrer.*

Eu sabia que ela estava arrependida. Já tínhamos discutido isso dezenas de vezes. É o Passo 9, pedir desculpa a todas as pessoas que magoámos. Isso e o poder superior, o inventário moral, a prática dos princípios, já tínhamos passado por tudo isso. Ela já tentara, e, para ser justo, acho que continuava a tentar.

— A mãe anda sóbria — disse eu. — Ficou sóbria para me manter.

— E alguém te mandou meter o bedelho? — Debruçou-se sobre a mesa de centro e fechou a caixa da *pizza*, empurrando-a para longe do sítio onde eu estava sentado no chão. Como se eu fosse um animal que ele andasse a treinar e tivesse acabado de perder os meus privilégios. Voltou-se para a minha mãe.

— Gostas tanto do teu filho que deixas os vizinhos criarem-no. Apesar de já termos discutido isto. Já falei. E não ouviste. Continua a passar mais tempo em casa dos Peggots do que na casa dele. Tenho razão ou não?

— Não — respondeu a minha mãe.

— Ah, não que não tenho. Ficas para aí sentada e não ligas nenhuma, enquanto ele anda por aí com aquele bichinha do vizinho que tem a mãe atrás das grades. Tenho razão ou não?

A minha mãe nada disse.

— A puta da mãe do bichinha que está de cana por ter dado uma naifada no raio do *namorado*. — O Stoner inclinou-se em direção à minha mãe e gritou: — Tenho. Ou não. Razão. Porra?

A minha mãe assentiu com a cabeça, depois abanou-a. Confusa, por estar apavorada.

Ele virou-se para mim.

— É esse o teu plano, Demon? Crescer e ser paneleiro?

— Não tenho plano nenhum — respondi. Nem podia acreditar que aquela conversa estava a decorrer.

— Ah, não? Não estás a pensar em arranjar um namorado e depois dar-lhe uma naifada e acabares na prisão enrabado pela geral? É esse o género de gente que somos nesta família?

Gostava de saber como é que o Stoner se sentiria ao receber um vómito como resposta, porque era para aí que eu estava virado. Mas ele voltou-se para gritar com a minha mãe. Naquela altura eu estava a começar a ficar sem compaixão pela minha mãe. Casar com aquele parvalhão não fora ideia minha.

— Diz-lhe! — gritou-lhe o Stoner. — Agora mesmo, para podermos todos ouvir. Ele não vai voltar para lá para brincar com aquela bicha. Nem amanhã nem nunca. Ou haverá consequências.

A minha mãe disse-o, e eu não me via a perdoá-la por isso.

Praticamente não voltei a sair até a escola começar. Choveu a semana inteira, o que fez com que aquilo se assemelhasse ainda mais a uma detenção. Assisti a mil e uma reposições dos *X-Men*, *Homem de Ferro*, *Exosquad*, *Spawn* e *Hulk*. Sempre que o Stoner queria a televisão, ia para o meu quarto e lia-os nas versões de banda desenhada. No meu caderno, fazia desenhos do Stoner no papel de supervilão a ser esmagado de várias formas. A dada altura, os programas de televisão, as histórias de banda desenhada, os desenhos e os meus sonhos confundiam-se tanto uns com os outros que era como se a minha pessoa tivesse deixado de existir. Apenas um rapaz tranquilo parecido comigo, com uma fera cá dentro, à espera de rebentar numa explosão de raiva de um guerreiro gama.

Que disse eu sobre as pessoas — que, se tiverem interesse, conseguem distinguir uma coisa da outra? Um grande *se*. Possivelmente o maior *se* à face da Terra. Porquê repararem zero nas cobras e mil por cento em certas coisas sobre as pessoas?

O leitor não nos conhece, nem a mim nem ao Maggot. Se nos visse aos dois, digamos, no 2.º ano, veria duas pessoas do mesmo tipo. Dois rapazes brancos, mais ou menos. Sendo o meu falecido pai Melungo, que passa geralmente por branco, misturado com a minha mãezinha loura. Ou seja, não sou tão branco como alguns, mas o suficiente para se dizer tal coisa. Dois malandretes, vamos lá, com ténis do Walmart e unhas sujas: se o leitor for da cidade, acho que diria tratar-se de um par de labregos. Par perfeito.

Agora vou avançar, o que significa quebrar a minha promessa, mas só por um minuto. Nono ano. Cresci a olhos vistos e tenho um bigodinho ruivo. O Maggot

deixou crescer o cabelo até aos ombros e começou a roubar *eyeliner* e verniz às primas, na pior das hipóteses na Walgreens. Tem dinheiro para gastar, mas um rapaz não pode entrar e comprar essas coisas. Porque ele pretende mesmo usá-las. E também trocar os ténis. As roupas caseiras da Sra. Peggot que rejeitáramos veementemente, não, obrigado, às camisas de *cowboy* com franjas. Mas agora os gostos do Maggot começaram a voltar-se para o vistoso.

Olhem agora para nós: um rapaz hétero e uma bicha. Independentemente de quem o leitor seja e do que possa dizer — «Bom para ele», ou «Dava-lhe um pontapé na cara», ou mesmo «Estou-me nas tintas» —, o leitor viu o que viu. Um rapaz e uma bicha. O olho vê o que tem interesse em ver. Mesmo que eu seja exatamente o mesmo miúdo que era, tal como o Maggot. Ele sempre foi o mesmo Maggot.

Eu é que comecei a chamá-lo assim. Éramos pequenos, e foi hilariante. E fui eu que mantive o hábito. Porque o Matty Peggot vai para a escola, e o que é que ele vai ser lá a não ser Matty Pega-de-Empurrão? Tentei acabar com isso. Não posso dizer que nunca lhe chamaram os outros nomes, porque chamaram. Mas, além daquela noite com o Stoner, não os chamaram onde eu os ouvisse.

Eu não tinha noção do que as pessoas achavam. Mas uma coisa ganha força quando é posta em palavras. Agora sentia aquele bichinho a escavar, a cuspir-me veneno nos miolos, a tentar mudar a forma como eu via o Maggot. A minha perceção da maneira como as pessoas encaravam a nossa relação.

Até então, eu era um colecionador casual de razões para odiar o Stoner. Naquela noite, deflagrou um incêndio. Pelo que me fez à cabeça, iria dar cabo dele.

[8] Menção jocosa à *Ritalina* (cloridrato de metilfenidato), nome de um medicamento usado no tratamento do Transtorno do Défice de Atenção e Hiperatividade. (*N. dos T.*)

6

Como é que a mãe do Maggot foi parar à prisão. Até que ponto conhecia eu essa história numa altura em que eu e o Maggot ainda andávamos por aí a correr com o nosso cerebrozinho cor-de-rosa e o cabelo rapado à escovinha tipo borrachinha de lápis? A Sra. Peggot tentou esconder-nos, aos dois, a pior parte. Mas, se uma história contém todos os elementos, será uma lenda aqui na região, onde gostamos tanto dos nossos vizinhos que não conseguimos deixar de falar deles. Acaba por chegar ao conhecimento de qualquer pessoa com ouvidos. E nós tínhamos um par cada.

Começa da forma habitual, com uma miúda a perder-se de amores pelo tipo errado. Foi o que aconteceu à Mariah Peggot. Não há quem não diga que ela não tem nada que se envolver com gente da igualha do Romeo Blevins. É demasiado velho para ela e também, sejamos francos, demasiado bem-parecido. Não há nada de mal com a Mariah, mas ela não é a beleza da família. Os Peggots tinham quatro raparigas, e as três mais velhas, durante a década de oitenta ou grande parte dela, dominaram, no condado de Lee, o panorama das festas do dia do aluno e tudo o que diz respeito à eleição de rainhas de festivais. Animadoras de claque, muito queridas. A June, a aluna que tirava sempre excelentes notas, e que mesmo assim tinha popularidade suficiente para namorar com qualquer tipo que ela quisesse, o que é inédito. As meninas Peggot arrasavam. A seguir vem a pequena Mariah, de peito raso, descarnada, teimosa como uma mula. Não é feia, mas não vai ser coroada rainha de coisa nenhuma com aquela aparência. Nem se atrevam a perguntarem-me se eu sou uma das meninas Peggot!

Ao passo que este Romeo é uma ameaça na sua qualidade de garanhão. Visuais de modelos de revista, como os gajos dos anúncios da *J. C. Penney* que

nunca na vida envergariam aquelas fatiotas de pai de família se não lhes pagassem a peso de ouro. Está em excelente forma, com um sorriso de arrasar, uma juba à Rei Leão, não lhe falta nada. Quem sabe o que viu nela o Romeo, mas a Mariah andava convencida de que lhe tinha saído a sorte grande, e o Romeo agia assim também: como se lhe tivesse saído a ela a sorte grande. Para se agarrar a tal prémio, era só estar no afortunado terminal de receção do seu caralho de ouro a bel-prazer dele e, em todas as outras ocasiões, executar sem reclamar as tarefas que ele lhe atribuía. Um encontro com o Romeo poderia implicar ir até casa dele tratar-lhe da roupa. Ele tem uma casa em forma de «V» invertido com duas divisões, na floresta, na montanha nos arredores de Duffield, e um negócio de sucesso como mecânico de automóveis com o seu próprio equipamento numa carrinha. Não é a merda habitual de mecanicozeco, estamos a falar de eletrónica. Capacidades de diagnóstico. É a era dos carros que começam a ter circuitos sofisticados em tudo, desde vidros elétricos a travões, de tal modo que podem ficar completamente destrambelhados de um momento para o outro. E o Romeo traz esta oficina ao cliente, tão simples como isso. Por ser demasiado útil em alturas de avaria, pode cobrar o que lhe apetece. Porque a uma pessoa sai-lhe a sorte grande só por proporcionar a vinda daquele formoso rosto.

A Sra. Peggot, não sendo tola, diz «Nem tudo o que luz é ouro, querida» e bate o pé. Estando a Mariah ainda no secundário, não tem outra opção a não ser fazer pela calada. Talvez a irmãzinha, afinal, precise de ser rainha por um dia ou talvez goste mesmo dele. Não interessa, não o vai largar. Mesmo que chegue a pensar nisso, ele lança-lhe aquele sorriso, e ela derrete-se toda. O 3.º ano é marcado por longas discussões na casa dos Peggots, como «Não o conheces, ele é tão meigo» e «Tão meigo o caraças; é uma raposa no galinheiro» e «Ele é diferente quando estamos a sós», terminando sempre no mesmo ponto: «Eu avisei-te, miúda, por isso não me venhas com choradeiras». Até ao Capítulo 2, a Mariah está grávida e muda-se para a casa dele, em forma de «V» invertido, na floresta nos arredores de Duffield.

Não era nada disto que o Romeo tinha em mente. Antes mesmo de ela ter o bebé, anda ele por aí à frente de Deus e de toda a gente com outras miúdas. E dando a entender que a Mariah tem sorte em transportar a semente dele. Foi ela

que engravidou, não foi? Em seguida vem o bebé, e a Mariah agora já não está tão convencida de que lhe tenha saído a sorte grande, cansada até cair para o lado, a chatear o seu homem para ele ficar em casa e ajudar ou, pelo menos, para deixar de ser pinga-amor. Por causa desta boca, passa a estar no terminal de receção de muitas outras coisas além do caralho dourado e do sorriso de arrasar. Uma noite depois de uma briga, ameaça ligar à irmã June para a ajudar a arrumar as coisas do bebé e sair porta fora. Ele arranca o telefone da parede, derruba-a e amarra-lhe as mãos atrás das costas com o cabo do aparelho. Arrasta-a lá para fora, com ela aos gritos, ata-a com todo o preceito ao corrimão do *deck*. Pega na sua *Ruger* e enfia-lhe o cano na boca, perguntando-lhe se que aquela bocarra espertalhona gosta de chupar caralho de metal frio. Pega na ponta do cano, que está húmida com o cuspo dela, e desenha-lhe um largo sorriso. Diz-lhe que deveria tentar um dia, poderia ficar menos feia. Em seguida, rasga-lhe a camisa e, com o seu lápis frio cheio de cuspo, desenha-lhe um enorme coração no peito, diz-lhe que deveria também tentar amar o seu homem. Vestir uma coisa decentemente sensual em vez daqueles asquerosos *soutiens* de amamentação. Aliás, o facto de ainda estar a servir de vaca para aquele miúdo, já quase a andar, é repugnante. A maldita Mariah Peggot ganha finalmente um par de tetas, e estas são propriedade de uma criança.

O Romeo acaba por se entediar, mete a arma no bolso e abala. Não propriamente na sua carrinha, sendo o *Chevy Monza* da Mariah a melhor opção para escapar dali. Não é o fim do mau dia da Mariah. É o começo. Ele deixou a porta da rua aberta, pelo que ela vê o Matty no seu parque na sala de estar. É obrigada a vê-lo a ficar com fome e assustado. Está longe de andar ainda, na idade em que mal se sentam, na idade de estômago sempre vazio, a gritar desalmadamente e a olhar através da malha branca do parque, os olhinhos tristes a perguntarem *porquêmamãporquê*?

A primeira vez, são duas horas. Então o Romeo volta com o seu lindo sorriso e pergunta-lhe se está arrependida. Ela diz que sim, vai a correr acalmar e alimentar o Matty, coitado, e é isto que entendem por reconciliação naquele ninho de amor.

A Mariah não pode ir implorar aos pais que a deixem voltar para casa, porque

foi avisada. Além disso, é teimosa até mais não. Pede ajuda à irmã. A June ainda vive em casa, mas agora está numa escola profissional e é um génio. Toda a família Peggot é, de facto, um barracão de ferramentas cortantes, tudo gente dotada e talentosa. Sendo a exceção o Humvee, o da casinha para passarinhos, que recentemente trouxe uma tragédia ao seio familiar ao arranjar forma de morrer. Nuvens escuras pairam sobre a casa dos Peggots.

As coisas pioram. O Romeo ausenta-se durante dias a fio, e quando regressa a casa só exige o jantar e sexo, se estiver para aí virado, mas geralmente vem tão enfrascado que desmaia de bruços na cama, onde fica a dormir ferrado, aconteça o que acontecer, ou apite o *bip* as vezes que apitar. A Mariah aguarda com expectativa estes momentos. Porque ele já a ameaçou com todo o tipo de merdas até ao momento, arrancou-lhe um dente à pancada, e a cena do amarranço tornou-se um hábito. Mais uma vez, uma noite, ele deixa-a do lado de fora, de onde vê o Matty no parque a chorar que nem um perdido. No inverno, frio, a porta aberta, e a Mariah tem a certeza de que, dessa vez, o filho vai morrer. Bem pode gritar por ajuda, pois lá em cima não há ninguém que lhe responda, tirando as corujas nas árvores. Já torceu e retorceu os pulsos até fazerem ferida e começarem a sangrar, mas o Romeo é um homem precavido e sabe dar um nó.

Na primeira hora, o bebé chora até ficar com a carinha vermelha envernizada com ranho, as pestanas todas coladas, o queixo a tremer. Na segunda hora, fica calado, deitado, a mirá-la com aqueles olhos. Na terceira hora, fecham-se-lhe os olhos, e o corpinho agita-se. A Mariah tenta adivinhar o tempo, poderiam ter sido três horas ou trinta minutos, mas, assim que começa a escurecer, já sabe, e é nesta altura que se lembra de como se reza. Esquecera-se de como se fazia há algum tempo, por altura da preparatória, onde a vida se complica e uma rapariga começa a perceber que mais vale ficar irritada do que arrependida e dizer o que pensa do que pedir. Mesmo no que diz respeito a Deus. A Mariah é apanhada na curva. Vê-se a pedir novamente. *Por favor, meu Deus, não deixes morrer o meu bebé.* Tem as mamas rijas que nem pedra e a ferver, chora lágrimas, chora leite, muge como uma vaca. O Matty começa a vagir novamente na penumbra, o uivo especial que um bebé mantém em reserva, caso surja a necessidade de rebentar com o coração de uma mãe. A Mariah sente como que uma faca na caixa

torácica, a levantar-lhe a pele dos ossos, mas agradece a Deus por o bebé ainda não ter morrido de fome ou de frio ou do azar de ter nascido naquela família de merda numa casa de merda em forma de «V» invertido com duas divisões, nos arredores de Duffield. O Romeo não regressará antes da manhã seguinte. Esta é a noite que vai quebrar e moldar a Mariah.

Vai fingir-se muito arrependida, sim, por vê-lo voltar para casa com o seu sorriso rasgado. Vai fazer teatro, deixar aquele homem acreditar que é ele a resposta às suas orações. Esta noite, porém, lembra-se do outro aspeto que foi suficientemente tola em esquecer: mais vale ficar irritada do que arrependida.

A Mariah vai tirar sorrateiramente uma lâmina da carrinha do Romeo, um daqueles x-atos, e prendê-la com fita adesiva ao corpo, onde poderá alcançá-la da próxima vez que levar porrada e precisar de um gume cortante. Presa ao rabo, por baixo da tatuagem «as borboletas são livres» que ornamenta a região lombar, da qual os pais ainda não têm conhecimento. Mais um segredo, aquela bela lâmina que traz sempre consigo. Se ficar novamente amarrada, aquela borboleta há de libertá-la.

É o gume que vai usar nele também. O que aconteceu no dia em que o Romeu, com a carraspana, manda a mulher e o bebé para o caralho demasiadas vezes, antes de lhe dar um chilique, forte o suficiente para ela conseguir virá-lo de costas e meter mãos à obra. Fazendo-lhe uma incisão na bochecha do canto da boca até chegar ao maxilar, dos dois lados, para um sorriso de merda que ele possa usar o resto da vida. E um grande coração esculpido na pele do peito. Não se coíbe com o sangue a jorrar, nem com a gordura amarela da bochecha a cair em pequenos pedaços da carne retalhada, nem com a gritaria quando ele regressa a si. Detém-se pouco antes de o *bobitar*[9] (o que talvez não tivesse ainda sido inventado), mas faz o suficiente. Pode pegar no pequeno Matty e bazar sabendo que o paizinho não irá desfilar com umas calças caqui para nenhum anúncio da *J. C. Penney*. Não lhe passa pela cabeça que ele vá apresentar queixa. Ela é jovem, obviamente, criada por boa gente que, não sendo perfeita, nunca deixa de assumir as suas responsabilidades. Ensinaram-lhe que cada um se deita na cama que fez. Tem a certeza de que aquele homem sabia o que o esperava e que

acabará por se arrepender. Depois de tudo. Quem é maldoso, porém, tem uma abordagem diferente aos números da maior parte das pessoas. Qualquer patifaria que faça acabará por cair no esquecimento. O que lhes é feito pesa o dobro.

Romeo Blevins contratou um advogado e manipulou o júri, tal como manipulara a Mariah e toda e qualquer pessoa que o conhecia. Fazendo-se passar pelo bom samaritano, enquanto a Mariah era a cabra louca e ciumenta. «Aquele bebé nem sequer é dele», argumenta o advogado com as botas de pele de jacaré e o relógio de ouro. Andava o Sr. Blevins a tratar da sua vida quando ela o assediou. Não é a primeira vez que ele tem problemas do género, as jovens criam expectativas e vão tentar agarrar um homem com posses. Os tempos são outros, estamos nos anos oitenta, quando o ADN ainda não teve grandes avanços e confiam na palavra de um homem. E nas suas posses. O que se dizia é que o Romeo tivera pena de uma jovem mãe solteira expulsa pelos pais, sem eira nem beira. E que depois esta ficou tipo lapa. Bastava ele sair à noite para ajudar uma velhota com o *Camry* avariado na interestadual para a Mariah ter um ataque. Demasiado instável para cuidar adequadamente de uma criança, como testemunhou o médico do bebé. Pois em duas ocasiões atendera o pequerrucho cheio de fraqueza e completamente desidratado.

Quanto mais a Mariah chorava e vagia no banco dos réus alegando ter sido torturada e amarrada ao corrimão de um *deck* durante a noite com o bebé em casa — coisas bem rebuscadas — por mais maluca passava. Ele tinha dez testemunhas, e ela, nem vê-las. Os Peggots deram o seu melhor em prol da Mariah, mas não se equiparavam a advogados com botas de pele de jacaré, que jogavam noutro campeonato. Nem sabiam o que pensar. Só sabiam que o Romeo andava nos píncaros, sendo que a Mariah era demasiado orgulhosa para se queixar a quem quer que fosse sem ser à irmã, e nem sequer a June sabia da missa a metade. Nunca ninguém a viu amarrada. Na altura em que a Mariah chegou ao banco dos réus, as cicatrizes já tinham sarado. As dele não. O leitor já terá reparado que é nas pessoas mais bonitas que toda a gente quer acreditar e, a seguir, nas mais destroçadas. O Romeo incluía-se em ambas as categorias. O júri decidiu que a Mariah o tinha desfigurado e lhe tinha dado cabo da vida para manter outras mulheres afastadas, para ter aquele prémio só para si.

Esta história foi-me chegando aos pedaços, ao longo dos anos. As dúvidas e os arrependimentos das pessoas foram temperando o guisado durante o percurso. Deram grande importância ao facto de o ataque com uma arma mortal ter ocorrido logo após o décimo oitavo aniversário da Mariah. Não houve desejos formulados com o sopro de velas, pode ter a certeza. O Romeo não tinha jeito para romances, e é provável que a Mariah, atendendo ao seu estado, os tivesse esquecido. Ainda assim, uma rapariga chega à maioridade. Se o orgulho dela tivesse cedido mais cedo, o caso de envolvimento com uma menor teria tido maiores repercussões, e talvez a Mariah não tivesse sido julgada como adulta. Poderia ter passado algum tempo no reformatório e crescido de forma a levar uma vida completamente diferente, como mãe do Maggot. Era só isso que ela queria ser.

Começou a cumprir a sua pena de doze anos em Marion, uma prisão de alta segurança para reclusos com graves perturbações. Há que reconhecer que era o seu caso.

Ninguém acreditou numa palavra saída da boca daquela rapariga na altura em que mais precisava. E hoje a sua versão da história é considerada sagrada. O mundo dá cada volta. Não tardaria muito para que as pessoas começassem a fazer espalhafato por causa do pequeno Matty, dizendo à Sra. Peggot como era bonito — *foi buscar esta carinha a algum lado, certo? Quem sai aos seus não degenera*. Cada um tem a sua cruz. A Sra. Peggot teria de arcar com as consequências do que dissera à Mariah no que diz respeito a fazer a cama e deitar-se nela. E do que toda a cidade ouviu: uma mãe a abandonar a própria filha. A Sra. Peggot lá carregou a sua cruz, mudou as fraldas ao miúdo e ensinou-o a atar os atacadores.

Como tudo isso se encaixa na minha história, é difícil de dizer. O Romeo partiu ao volante da sua carrinha para paragens desconhecidas, onde ele e o seu novo rosto poderiam contar qualquer história que lhes conviesse. Nunca vi aquele sorriso assustador, exceto nos meus pesadelos. E, por vezes, também bem acordado, na minha mente. Imaginando como ficaria aquele sorriso no Stoner, como se estivesse esculpido numa abóbora. Quem se deita com cobra levanta-se com enorme vontade de retaliar com os dentes. É tudo o que tenho a dizer.

[9] A autora refere-se à norte-americana Lorena Bobbitt, que, em 1993, com uma faca, cortou o pénis ao marido, John Wayne Bobbitt, enquanto este dormia. (*N. dos T.*)

7

A escola começou, e eu estava pronto para quebrar o confinamento doméstico. No primeiro dia, tivemos de apanhar o autocarro na autoestrada por a nossa estrada ter ficado inundada por causa da chuva. Muito francamente, não parecia assim tão grave, mas os motoristas de autocarro não arriscavam, sendo que, na sua maioria, eram senhoras mais velhas, e a escola não tinha dinheiro para mandar reparar um eixo partido. De qualquer forma, não era uma caminhada difícil, talvez a um quilómetro e meio do alto onde vivíamos. Éramos nove na nossa paragem de autocarro, incluindo uns gémeos do 1.º ano e dois rapazes tristes do secundário, oriundos de famílias diferentes, que percebíamos estarem marcados para a vida. Passageiros de autocarro. Mesmo na minha tenra idade, já sabia que, se uma pessoa tivesse dezasseis anos e pudesse tirar o cu da cadeira e arranjar emprego num *fast food* ou a ensacar mantimentos a seguir às aulas, havia viaturas à espera de comprador. Enquanto esperávamos todos num grupelho, íamos observando os adultos ao volante, a dirigirem-se sabe-se lá para onde, a caminho do trabalho, no caso dos poucos que tinham essa sorte. Eu e o Maggot sorríamos como cachorros, tentando evitar tocar no ombro um do outro por causa de toda a merda acumulada que tínhamos para contar um ao outro. Ou para não contar, no meu caso, com as palavras do Stoner às voltas na cabeça.

A escola, porém, ainda era a escola. A aula de Matemática era, tipo, *Eh, miúdos, sejam bem-vindos novamente! Lembram-se da Matemática? Não, professor Goins, não nos lembramos.* E a História, como toda a gente sabe, é o estado da Virgínia no 5.º ano, por isso é Jamestown dos Condenados[10] e tudo o que se segue. Não tardou que eu e o Maggot voltássemos ao nosso ramerrão: atirar elásticos a uma vespa suicida que se lançava contra a janela durante toda a

aula de Inglês. Vasculhar o refeitório em busca de miúdas que tivessem desistido das batatas fritas. Facto pouco conhecido: o Maggot era quase um ano mais velho do que eu, mas, devido aos problemas que o afetaram quando era bebé, levou mais tempo a crescer até atingir o tamanho próprio de creche. Foi assim que acabámos por andar no mesmo ano. Sorte a nossa. Agora, na escola com o Maggot, eu estava a quilómetros do Stoner. Se ele fazia tenção de tornar a minha vida doméstica insuportável a ponto de eu não querer faltar à escola, funcionou na perfeição.

No final do dia, a mãe dos gémeos do 1.º ano estava à espera junto à paragem de autocarro com a sua moto-quatro para levar os seus pequerruchos até à colina, uma mãe exemplar aquela. Todos os outros ficavam entregues ao seu próprio destino. Agora era impensável retomar a proibição total de qualquer associação com o Maggot. Nem sequer tínhamos a certeza de onde começava a zona de proibição. No campo de visão da minha casa, era preciso pensarmos. Para jogarmos pelo seguro, passávamos umas horas na brincadeira antes de chegarmos lá. Eu espreitava por uma nesga na porta e gritava, mas não estava ninguém em casa. Entrava, tirava um *Snickers* do frigorífico e ia para o meu quarto. Ponto final. Quem me dera que fosse.

A minha mãe chega a casa do trabalho, grita-me dizendo que espera que eu tenha passado bem o primeiro dia, e eu grito-lhe respondendo que correu tudo bem. Chega então o Stoner a casa:

— Que merda é esta, Demon? Anda cá *imediatamente*.

Eu tinha sujado o chão da cozinha com lama agarrada aos sapatos, e o Stoner estava a passar-se dos carretos. Era *lama*, certo? Sou uma *criança*, e vivemos num sítio que é *feito* de *lama*. Tudo bem, tirei os sapatos e pu-los lá fora, a seguir peguei na esfregona e no balde. Já tinha limpado coisas piores. A minha mãe, nas suas fases de recaída, era uma bebedora daquelas de se abraçar à sanita. Talvez tenha herdado daí o meu estômago sensível. Ela está de pé junto ao lava-louça, sem dizer nada, com a mão sobre a boca, não vá dar-lhe alguma ideia. O Stoner está no vão da porta, mãos nas ancas, como se fosse o diretor durão em *Os Fugitivos de Alcatraz*.

Começo a limpar o chão com a esfregona, e o Stoner pergunta-me o que raio

estou a fazer. Digo-lhe que estou a limpar o chão com a esfregona, entoando a coisa de tal forma que tacitamente é *Como podes ver claramente, seu otário.* Diz ele que não acha que isso vá resolver o problema.

— Querida — diz ele —, achas que aquela esfregona vai resolver?

A minha mãe olha para ele. Abana a cabeça, não.

O Stoner confirma. O que ele quer, acabo por perceber, é ver-me de joelhos com um pano a esfregar o raio do linóleo. Com um balde de água e lixívia, para o caso de alguém querer comer alguma coisa que tenha caído ao chão ou talvez abrir o raio de um estúdio de tatuagem.

Tudo bem, lá fui eu esfregar o chão. Note-se que ainda estou numa idade em que a maior parte das mães não quer que os filhos mexam em lixívia, incluindo a minha, que eu soubesse. Já estava a ficar ligeiramente pedrado com os vapores. Terminei e lavei os trapos no lava-louça. A minha mãe, no mesmo sítio, sem nada a dizer a este respeito. Olhei para o Stoner, com uma necessidade premente de ter aquilo despachado antes de vomitar ou de me dar o badagaio.

— O teu rapaz diz que isto está limpo. Aquilo parece-te limpo? — A minha mãe olhou para ele, surpreendida. — Ou parece-te feito às três pancadas, como é habitual? É que ainda vejo o raio das pegadas dele naquele chão. Não vês a merda que o teu filho trouxe agarrada aos sapatos?

A minha mãe parecia estranha. Quero dizer, estava com a habitual vestimenta de trabalho, calças de fato e blusa com botões, croques para ficar de pé o dia todo, e o rabo de cavalo que usava para parecer profissional. Mas tinha um olhar vidrado, dopado. O que era improvável, julgava eu. Será que eu queria que ela sacasse de uma lâmina e o cortasse todo? Não. Mas *um bocadinho*. Para ela acordar, por amor de Deus, e ver que mais vale ficar irritada do que arrependida. No entanto, toda a raiva que a minha mãe conseguiu reunir extravasou apenas em lágrimas e vómito. Por fim, disse:

— Demon, o melhor é continuares e limpares o chão outra vez.

Tretas. Não havia nada que se visse. A minha mãe tinha uns olhos excelentes. Eram praticamente a única parte da cabeça dela que funcionava sempre como deve ser. Seja como for, lá esfreguei o chão novamente, e fi-lo com tanta fúria que teriam sorte se sobrasse algum linóleo. Voltei a despejar o balde e a lavar os

trapos, atirei-os para dentro do balde como se estivesse a lançar uma bola de longe em direção à base principal num jogo de beisebol. Empurrei o Stoner para passar por ele e sair pela porta. Ele agarrou-me pela gola da *t-shirt* e puxou-me outra vez para dentro.

Aonde é que eu pensava que ia, era a pergunta dele, porque ainda não tinha terminado.

— Vamos todos dar uma olhadela à sala de estar — disse ele.

Mais rastos de lama no tapete da sala de estar. Note-se, para começar, que estamos a falar de um tapete nojento e velho, com nódoas desde o início dos tempos. Eu e a minha mãe estávamos longe de ser os primeiros a viver naquela casa. O Stoner perguntou-me o que via, e eu disse-lhe: um tapete de merda. Ele disse: É isso mesmo. E precisava dele limpo. Na verdade, como é que uma pessoa ia fazer o seu treino de pesos num chão com aquele aspeto?

Eu tinha umas sugestões que guardei para mim. A minha mãe foi buscar escovas e o *StainZaway*, entregou-mos e a seguir escondeu-se na cozinha. O Stoner ficou de pé junto a mim, enquanto eu esfregava as nódoas com os trapos embebidos em lixívia e as pulverizava com o produto de limpeza de carpetes e, a propósito, ficava completamente pedrado. Eu e o Maggot já tínhamos experimentado uma vez o *StainZaway* exatamente para o mesmo efeito e aprendemos a lição. Há coisas melhores e piores para inalar, e o *StainZaway* é meio caminho andado para o reino do gregório. Sobretudo misturado com lixívia.

Por isso, agora só consigo pensar em vomitar, e o Stoner a obrigar-me a limpar o vómito, depois as nódoas daquilo, e vou ficar de joelhos aqui a inalar o *StainZaway* até alguém matar alguém. Não deve demorar muito. Tenho ranho a sair-me do nariz e um zumbido insano nos ouvidos, o tema do programa dos X-Men na cabeça. Essa mesma melodia vezes sem conta, banda sonora de mim a esfregar com tanta fúria o raio do tapete que lhe vou abrindo buracos: *Da-na-na-na NA Mem na! Da-na-na-na Na Mem na!!* Soa tão alto na minha cabeça; francamente nem consigo dizer se está a sair da minha boca ou não, mas deve estar, porque o Stoner começa a mandar-me calar aos gritos. E eu respondo-lhe a gritar *Da-na-na-na Na Mem na!*, porque a esta altura já perdi completamente a

cabeça.

A seguir só me lembro de atirar merdas para um lado e para o outro e dele atrás de mim a fazer-me uma chave de braço. A mão dele a tapar-me a boca para eu não conseguir respirar. Sem mais nada para me defender, mordo-lhe a mão. Santo Deus, que sensação enterrar os dentes na carne da mão dele e provar sangue. Como se fosse o *Satan* e toda a minha vida me tivesse treinado para aquele feito.

Acabei no meu quarto a cuidar de um lábio rebentado e com esperança de não ter nada escavacado por dentro, embora fosse provável. Fiquei sentado na cama a ouvir todos os estrondos e batidas, que era o Stoner a empurrar quilos e quilos dos seus estúpidos pesos livres contra a porta do quarto, para não haver nenhum fugitivo de Alcatraz. Tinha sabor a sangue na boca, meu e dele. Passou-me pela cabeça ter esperança de não apanhar hepatite C ou coisa assim, mas a minha mãe sempre jurou que o Stoner estava limpo e não andava metido nas drogas. Apenas cerveja, a rodos, no cumprimento do seu dever. Depois de ele me ter encurralado, ouvi gritaria, sobretudo dele, um pouco dela, mais dele, silêncio a seguir. Talvez tivessem saído. Talvez se tivessem sentado a comer qualquer coisa enquanto esperavam pelo programa *Obras em Casa*. Estava-me nas tintas.

Enrolei-me na cama e chorei, o que detestava fazer, e a seguir levantei-me e vomitei. No meu caixote do lixo, pois não podia sair para ir à casa de banho. Greguei o *Snickers* e todas as batatas fritas que obtivera daquelas simpáticas miúdas da escola que andavam a participar no Weight Watchers, o que foi uma pena, pois as perspetivas no que dizia respeito a jantar pareciam ténues.

Pensei em fugir. Sair pela janela não seria tarefa fácil, pois só abria uns escassos centímetros. Mas era possível partir o vidro. Era uma queda e peras daquela altura, atendendo a que a nossa casa estava instalada na encosta da colina, mas não era nada que não se fizesse, provavelmente com um mínimo de ossos partidos. Estava sem saber o que fazer. O único sítio aonde me via a ir era a porta ao lado, a uma distância obviamente insuficiente. Que outras opções tinha? Pensei na tia June. A mulher tinha fama de acolher gente desamparada. Eu tinha pena de nunca ter ligado à Emmy, mas a minha mãe não me pagava

chamadas de longa distância. A Emmy provavelmente já teria mudado de casa. Seja como for, pensei nela, presa no seu castelo sombrio, e agora sentia-me ainda mais triste na minha situação de confinamento. Ir de boleia até Knoxville sem ser apanhado pela bófia era puxado, e, quando chegasse lá, não sabia a morada. Castelo sombrio, segundo andar. Que palerma inútil. Sabendo praticamente desde nascença que a minha mãe não era pessoa de confiança. E ainda sem plano B.

Não me deixaram sair para ir à escola no dia seguinte, apesar de ter ouvido a minha mãe dizer-lhe que eles tinham funcionários responsáveis pela assiduidade que iriam ligar se eu ficasse fora de circulação durante muito tempo. O Stoner disse que, se ela era tão boa a criar filhos, como é que acabara por ter um filho que se comporta como um cão raivoso que dá dentadas? Antes de ir trabalhar, ela tentou explicar-lhe que eu iria precisar de ir à casa de banho e de alguma coisa para comer. A seguir, deixou o Stoner com as rédeas sobre mim. Nunca houve dois homens que tivessem tão pouco a dizer um ao outro.

Acabei por ser autorizado a regressar à escola, mas estive em confinamento no resto do tempo. Uma existência bizarra. Disse ao Maggot que andava a pensar em fugir, o que ele desaconselhou. Disse-me que eu tinha nervos de aço e que o Stoner acabaria por ser esmagado. Não me lembro de quantos dias se passaram, três ou quatro, mais um fim de semana horrivelmente enfadonho. Os acontecimentos confundem-se. À noite, ouvia merdas que o Stoner e a minha mãe iam dizendo um ao outro e cujo teor não me agradava. De todo. É provável que também não agradasse aos Peggots, com as janelas abertas naquela época do ano. Tentava ignorar aquilo desenhando no meu caderno, inventando várias formas geniais de esmagar o Vilão de Pedra[11]. Olhos e alargadores saindo dele a voar com linhas de ação e balõezinhos de fala — *Pop! Pop!* Ou batia na parede com o meu taco de beisebol durante horas a fio: *baque, baque*. Para os calar aos dois ou pô-los malucos, se tal hipótese ainda estivesse em aberto.

Até que um dia, já noite dentro, a porta abre-se e aparece o Stoner. Apanhando-me de surpresa de *t-shirt* e cuecas a comer de uma embalagem de *Cheetos* na cama; porque não, caramba, se não tinha mais nada. A ler um

Avengers que já lera mil e uma vezes.

— A tua mãe quer falar contigo — disse ele.

Interessante, pensei, *isto traz água no bico*. Não fazia tenção de sair da cama, mas ele continuava ali especado. Não tinha percebido que ele estava em casa. O Stoner andava a sair muito à noite, para trabalhar em horários marados ou, mais provavelmente, para a borga, porque quem é que precisa que lhe entreguem cerveja tão perto da hora de fecho? Deve ter regressado a casa sem que eu ouvisse o camião dele ou a mota. Obviamente. Perguntei-lhe o que queria a minha mãe, e ele disse-me que ela queria mostrar o muito amor que me tinha. Uma declaração cuja estranheza bastava para me deixar nervoso. Gritei por ela. Não obtive qualquer resposta.

— Mãe! — voltei a gritar, saindo disparado para a sala de estar. Ninguém, nada. — MÃE! — E pus-me a pensar: *Raios partam, ela saiu de casa! Casa-se com o sacana, e eu é que fico com ele.* Na cozinha havia tralha por todo o lado, pratos no lava-louça. Uma garrafa de *gin* em cima da mesa, *Oh! Merda. Oh! Raios!* Vazia. Não era a primeira vez que via tal coisa. O Stoner estava com uma expressão que me deu vontade de dar cabo dele.

Ela está no quarto. Deitada, vestida, sapatos e tudo, desmaiada. De costas; não está morta, porque foi a primeira coisa que verifiquei. A respirar, pelo que ainda não se afogou. Há frascos de comprimidos na coisa ao lado da cama, fechados, por isso, abro as tampas de segurança, uma de cada vez, três frascos. Não sei o que são, *Xanax* e merdas que, decididamente, não deveria ter por perto, mas os frascos não estão vazios, graças a Deus. Não enfiou o lote todo pelas goelas abaixo, pelo que procurava apenas uma boa pedrada, e não o apagão total. Mas Deus sabe que ela poderia chegar lá seja como for. Sendo que a minha mãe não é propriamente cuidadosa ao volante.

— Liga para o número de emergência — digo ao Stoner, e aquele idiota pergunta porquê. — Liga para o número de emergência! — grito-lhe. — Raios, que parvalhão, ignorante! Ela pode ter tido uma *overdose*.

Nesta altura, nem penso no que vai sobrar para mim no programa de recompensas do Stoner depois daquele «parvalhão, ignorante». Já sei. Acabou-se a vida como a temos vivido.

[10] «Jamestown dos Condenados» refere-se à colónia de Jamestown, o primeiro assentamento permanente inglês nas Américas. O termo «dos Condenados» é utilizado para transmitir os desafios e dificuldades enfrentados pelos colonos nessa fase inicial da colonização do território americano. (*N. dos T.*)

[11] Referência jocosa a Stoner, cujo nome quer dizer «pedrado». (*N. dos T.*)

8

Fui eu que peguei no telefone, com o Stoner aos socos para me impedir, e a berraria de ambos a ser suficiente para o Sr. Peg vir bater à porta da cozinha. O Stoner disse-me que me iria arrepender de ter feito aquela chamada. Já me tinha interrogado. Teria a minha mãe morrido mesmo? Ou teria apenas revelado a sua verdadeira índole e deitado tudo a perder, continuando a entregar-se a festas regadas com *Seagram's* e apimentadas com comprimidos para os nervos? Seria eu capaz de aguentar o Stoner? Na altura, pensei que a minha vida não poderia ficar ainda pior. Um conselho: nunca pense assim.

Fui à frente, ao lado do motorista da ambulância, tentando atar os sapatos. Conseguira vestir as calças de ganga antes de lá chegarem os técnicos de emergência médica, mas tive de sair de casa com os sapatos na mão. Foi tudo tão rápido. A carrinha dos Peggots vinha atrás de nós. O Stoner conseguiu ir na ambulância atrás, com a minha mãe, porque nesta altura ele era todo «Sim, senhor, sou o marido», tanta merda a sair daquela boca que eu estava a ficar engasgado com as emanações, a começar pelo minuto em que eles apareceram e perguntaram quem fez o telefonema. Foi o Stoner, claro. (Espera, o quê?) O nome da paciente, a data de nascimento, os frascos de comprimidos tirados do bolso do Stoner, onde ele, lesto, os guardara. Nomes nos frascos confirmados por ele como sendo de colegas de trabalho da minha mãe, aos quais iria dar uma ensaboadela. Todo respeitoso e — *oh, meu Deus* — e aqueles *fulano e beltrano*, como se fosse o raio de um catequista. Foi a primeira vez que o ouvi dizer tantas palavras sem nenhum «cabrão» nem «filho da puta». Seria este um Stoner completamente novo, que ganhara coragem com o impacto de graves acontecimentos? Nem pensar.

Descemos a Long Knob Road a todo o gás, com a sirene estridente, passando por todas as pequenas localidades cujos habitantes dormiam ainda. Em Pennington Gap, passámos pelos sinais vermelhos e chegámos ao hospital, onde andavam todos numa roda-viva. Não me deixaram entrar nas urgências, nem no quarto para onde a mudaram depois disso, por ser criança. Fiquei sentado na sala de espera com os Peggots um tempo infindo. Estávamos famintos, pelo que a Sra. Peggot foi buscar qualquer coisa às máquinas de venda automática e café quente para o Sr. Peg. Comemos quatro pacotes de bolachas de água e sal recheadas cada um, e a seguir o Maggot deitou-se nas cadeiras de plástico interligadas e apagou. A Sra. Peggot achava que deveríamos ir para casa, pois tínhamos escola no dia seguinte. Nesse momento, apareceu a assistente dos serviços sociais a dizer que precisava de falar comigo.

Não conhecia aquela senhora de lado nenhum. Disse-me o nome, que esqueci imediatamente. Vestia um casaco e uma saia verdes, dois tons de verde diferentes, e parecia que precisava de dormir cem anos para superar o que andava a consumi-la. Olheiras fundas, quase que dava para guardar umas moedas debaixo de cada olho. Perguntámos pela Sra. Trudy, que era a minha assistente social há alguns anos, e ela disse que a Sra. Trudy já não estava nos serviços sociais. Na manhã do dia seguinte, ser-me-ia atribuída uma nova assistente social, que poderia ou não ser ela própria. Aconteceu ela estar de plantão àquela hora, o que, acho eu, explicava as olheiras. Ela disse aos Peggots que podiam ir para casa, que me levava aonde eu precisasse de ir. O que me assustou. Quem raios era aquela para pensar que sabia aonde eu precisava de ir? Agradeci-lhe, mas não, obrigado, iria com os Peggots como de costume, se a minha mãe estivesse na reabilitação. A senhora olhou para mim, tipo, *Desculpa lá, miúdo, mas o teu dinheiro de nada vale no sítio donde eu venho.*

A Sra. Peggot deu-me mais pacotes de bolachas de água e sal recheadas para meter nos bolsos e mais uns trocos para um telefone público, que existiam na altura, e disse para lhes ligar assim que pudessem ir buscar-me. E lá fomos para uma pequena sala para termos a nossa conversa, a Olheiras contra o Demónio. Começou pelas perguntas da praxe, depois encarou com seriedade a questão dos Peggots: qualquer coisa que tivesse acontecido naquela casa que me causasse

constrangimento. Fiquei confuso, pensando que se referia a coisas que eu lhes tivesse feito *a eles*, como partir a televisão uma vez ou gamar as merdinhas que, na escola, trocávamos por outras merdinhas. Estivemos ali imenso tempo a engonhar até eu perceber finalmente o que ela queria saber: se já tinha sofrido abusos sexuais por parte do Maggot ou do Sr. ou da Sra. Peggot. O Stoner já devia ter metido o bedelho. Disse-lhe que não tinha acontecido nada do género e que o abusador sexual sobre o qual eu queria conversar era o Stoner.

Ela disse «Tudo bem, vamos falar disso», e foi o que fiz. Note-se que eram três da matina ou por aí, não comera nada ao longo do dia além de bolachas de água e sal recheadas e *Cheetos*, o meu cansaço excluía cortesias, e a raiva que sentia contra o Stoner ultrapassava o número de pedras que a margem de um rio tem para atirar. Qual a melhor forma de descrever a nossa relação, queria ela saber. Disse-lhe que talvez como dois tipos especados na ponta do cano e da coronha da mesma espingarda; como descreveria este tipo de relação? E se o conhecesse, acredite em mim, iria querer a extremidade do gatilho. Cheguei a ponto de lhe dar a entender que, se dependesse de mim, não alvejaria o homem de vez; iria primeiro aos joelhos e cotovelos para vê-lo a suplicar misericórdia. Escreveu tudo isto na sua prancheta.

Ela tinha mais perguntas sobre o meu padrasto, como lhe chamava, o que mostra que não estava a ver a nossa cena. Perguntas relativas ao meu lábio rebentado, que eu esquecera, por via dos lembretes mais recentes sobre a nossa briga motivada pela chamada para o número de emergência. Sentia o olho esquerdo a inchar, e o meu lado direito doía horrores, de tal forma que preferia não ter de respirar tanto. A Olheiras perguntou-me se me importava de tirar a camisa e deixá-la dar uma olhadela, o que me fez sentir como um bebé. Sacou de uma máquina fotográfica da mala e tirou fotos. Até perguntou se havia alguma ocorrência abaixo da cintura. «Nem pensar nisso», disse-lhe eu, já com mais vontade de morrer do que outra coisa. Perder uma briga já era mau demais, não era preciso as pessoas andarem a guardá-la no raio de um álbum de memórias.

Ela queria conversar sobre os meus ataques ao Stoner, os chamados incidentes de dentadas. Eu disse-lhe que não havia *incidentes* no plural. Se eu tivesse repetido a ofensa, já não teria dentes. E ela escreveu isso mesmo. Eu poderia ter

continuado até a caneta dela ficar sem tinta, mas ela soltou um longo suspiro que me fez lembrar a noite em que espiei a tia June. O gradual alheamento das mulheres que limpam os estragos depois de os gajos arrancarem as partes baixas uns aos outros. Para aquela senhora, eu era apenas um desses gajos. Queria gritar com ela — *Não é uma luta justa. O Stoner é um psicopata, e eu tenho dez anos, porra!*

O próximo passo foi uma espécie de revisão. Disse-lhe que não estava assim tão maltratado, mas ela disse-me que se referia aos aspetos mentais; estaria eu em condições para deixar de ficar sob observação? Qual era a *alternativa*? Estou de olho na prancheta onde ela me fez confessar um homicídio desejado. Se uma pessoa aleijasse ou matasse alguém devido a perturbações mentais, além do facto de estar zangada com a vítima, eu sabia para onde iria: Marion. Uma prisão para alienados, com vedações de arame farpado e torres de guarda de acordo com o Maggot. Para onde a mãe dele foi inicialmente enviada. Só que, passado um tempo, tinham concluído estar na presença de uma senhora que apenas se passava dos carretos, e não de uma alienada, pelo que a tinham transferido para a cadeia feminina de Goochland. Ele tinha-a visitado nos dois sítios.

Devo ter desligado, porque, quando dei por mim, um homem tinha a mão no meu ombro. Camisa e gravata, e não aquela bata branca de médico. A temida prancheta. Endireitei-me e disse «Sim, senhor», e perguntei se iam enviar-me para Marion. Vi que ele estava a tentar não sorrir. Perguntou-me o que sabia eu sobre Marion. Parecia cansado, mas com um cansaço diferente da Olheiras, mais do género *Nada de complicar as coisas desnecessariamente*. Disse-lhe que não sabia nada sobre Marion, tirando o facto de, indubitavelmente, não querer ir para lá. Ele disse para não me preocupar, que me arranjaria uma solução. Sentou-se e fez as perguntas da praxe e depois abordou a questão do Stoner. Se eu estava mesmo furioso com ele ou se alguma vez me tinha realmente passado pela cabeça o desejo de o ver morto. Perguntou-me se a minha família caçava, se tínhamos armas, se estas estavam num sítio trancado ou se eu tinha acesso a elas. Perguntou-me se eu alguma vez estivera tão triste a ponto de desejar adormecer e não voltar a acordar. Disse-lhe que não, que geralmente ia dormir com o desejo de acordar numa casa diferente. Disse-me que isso era compreensível.

A Olheiras voltou mais tarde e disse que estava tudo bem. Eu não iria para Marion, obviamente. Mas a situação da minha mãe era tal que se perspetivava eu ficar várias semanas sozinho com o Stoner, o que não iria acontecer. Estávamos a seguir um novo plano que todos eles tinham assinado em sinal de concordância. O plano em que o Demon não pode ir para casa. A minha mãe, pelos vistos, agora está suficientemente consciente para abrir mão do seu único filho.

Quais eram as minhas opções fora de casa, queria ela saber: adultos de confiança, colegas de trabalho da minha mãe, alguém com quem eu pudesse ficar? Fartei-me de dizer que eram os Peggots, ponto final. O que não iria acontecer. Ela disse que o Stoner fez queixa dos Peggots, os quais teriam de ser investigados antes de poder pôr-se a hipótese de me deixarem viver com eles. Estúpido. Interroguei-me, porém, se os Peggots teriam pontos a desfavor, por via da mãe do Maggot, que estava dentro, e do inominável Humvee. Não é culpa delas, mas as pessoas gostam de pensar o pior. Quem sai aos seus não degenera, etc. Pensei então na tia June. E se eu tivesse um adulto de confiança em Knoxville, perguntei, mas ela disse que, por uma questão burocrática, eu não poderia sair do estado. Talvez o facto de a Emmy morar lá constituísse algum tipo de infração. Daí o secretismo, mas não fazia sentido a tia June infringir a lei. Eu só queria ir dormir. Ela levou-me para outro aposento exíguo, que tinha uma cama com uma espécie de lençol de papel, onde poderia deitar-me.

Mais tarde, a dada altura, na penumbra, veio acordar-me um tipo com comida num tabuleiro, tipo refeição pronta. Transportava várias num carrinho. Eu estava esfaimado. Este homem usava uma bata esbranquiçada, um gorro branco, sacos brancos a tapar os sapatos, por isso uma pessoa via-lhe as roupas e não o via a ele. Parecia um fantasma. Eu disse-lhe que não tinha dinheiro para pagar. Ele disse-me que já estava pago, mas que a comida hospitalar muitas vezes punha as pessoas doentes. Ofereceu-se para comer a minha comida. Eu estava com medo e disse que sim. Sentou-se com o tabuleiro ao colo e comeu tudo. Parecia um fantasma faminto a comer uma refeição pronta, pelo que eu só podia estar a sonhar.

A minha nova vida começou bem cedo com a minha nova assistente social, a menina Pereira. Abriu as persianas e disse:

— Bom dia, Damon. Vamos levar-te para casa. — Por uma fração de segundo fiquei a pensar que tinha uma e que ia para lá. Por vezes, um bom dia dura cerca de dez segundos.

A menina Pereira tinha o nome errado. A coisa não ia ser pera doce. Estava ali a sorrir enquanto eu acordava e me lembrava de todo o género de merdas e reparava também que era toda jeitosa. Já tinha passado por uma catrefada de assistentes sociais, e uma pessoa não se apega nem quer que isso aconteça. Mas aquela era outra louça. Mais nova do que a minha mãe, com um vestido, e não com a típica indumentária com casaco que lhes dá um ar de guardas prisionais. Tinha aquele cabelo louro todo a descair em pequenos caracóis que é habitual ver-se em atrizes, sereias ou anjos. Talvez a menina Pereira fosse o meu anjo da guarda. Já não era sem tempo.

Viu o tabuleiro de plástico vazio que o fantasma deixou em cima da cadeira (por isso, é provável que não fosse um fantasma) e teceu um comentário sobre o meu bom apetite. Disse que tinham encontrado um sítio temporário para mim que ficava numa quinta, por isso era de esperar que aí também me alimentassem como deve ser. Sentia o estômago em autofagia, tal era a minha fome. Mas não queria dizer nada que ela interpretasse mal.

Lá fora ainda não amanhecera completamente, apenas aquela hora do dia cinzenta em que as luzes ainda estavam acesas. Andava lesta com as suas botinhas, *clique-clique*. O carro dela era um *Toyota* com um logótipo dos serviços sociais na porta, um modelo mais antigo com muita quilometragem, pela aparência. Entrei para o banco de trás e fiquei admirado ao ver alguém no banco do condutor: a Olheiras. *Meu Deus*, pensei. *Esta senhora nunca põe os pés em casa.* A menina Pereira entrou pelo lado do passageiro, e seguimos pelas mesmas estradas que eu percorrera na minha viagem de ambulância. Por que razão pensavam que seriam necessárias duas pessoas para lidar comigo, não faço ideia. Passámos por casas de pessoas que tinham ido para a cama e voltado a levantar-se, situação normal. Agora a comerem cereais. Todas aquelas crianças que tinham uma mãe com os miolos no sítio e um pai ainda vivo.

Finalmente, a menina Pereira virou-se com o cotovelo na parte de trás do assento e disse que queria falar do sítio para onde nos dirigíamos. Eu iria ficar com um cavalheiro chamado Sr. Crickson que acolhia crianças apenas durante um curto período. Agora tinha lá rapazes. Os Cricksons tinham sido uma família de acolhimento convencional até ao falecimento da mulher do Sr. Crickson, o qual passou a aceitar apenas casos particularmente difíceis. A menina Pereira tinha uma bela maneira de falar, como se eu não fosse uma criança, mas uma pessoa. Pediu desculpa por eu ter passado a noite toda à espera no hospital. Tinham de atacar muitas frentes e não havia instalações suficientes, basicamente havia um grande número de crianças no mesmo barco que eu.

O que não era novidade; na escola ouvíamos falar deste ou daquele miúdo que estava sem abrigo ou dormia no sofá de algum familiar nada satisfeito com a situação. Desta ou daquela miúda do 7.º ou do 8.º ano, feia ou bonita, que tinha sido posta no olho da rua por ter emprenhado. E por aí fora. Nunca imaginei que um dia, ao acordar, seria uma dessas crianças. A menina Pereira parecia chocada com o triste rumo dos acontecimentos na minha vida. A sua parceira atrás do volante, a menina Noite dos Mortos-Vivos, nem por isso.

A coisa estava a complicar-se. Perguntei se continuaria a frequentar a escola, e a menina Pereira disse que sim, tudo na mesma, apenas um percurso de autocarro mais longo. Os rapazes da casa do Sr. Crickson mostrar-me-iam como é que costumavam fazer. E eu disse «Oh, merda», e a seguir «Ups, peço desculpa». Mas não tinha o meu livro de História, nem os deveres da escola, nem nada, ficara tudo em casa. Na verdade, não tinha absolutamente nada. Nem sequer meias, por ter saído de casa de ambulância. A menina Pereira disse que lamentava imenso, teria de safar-me o melhor que pudesse. Iria fazer-me uma visita na semana seguinte e tentaria ir a minha casa buscar tudo o que eu precisava. Pediu-me para elaborar uma lista de coisas importantes, e ela faria o possível. Eu não tinha grandes esperanças. Imaginei o Stoner a fazer uma fogueira nas traseiras e a queimar a minha roupa e os manuais da escola. A deitar fora os meus livros de banda desenhada e os super-heróis, um de cada vez.

A dada altura, a menina Pereira e a Olheiras desentenderam-se sobre o caminho a seguir e tiveram de fazer inversão de marcha. A Olheiras lembrou-lhe

que era preciso falarem comigo sobre a minha mãe, e a menina Pereira disse: Oh, é verdade, já me tinham posto a par sobre a minha mãe? Népia. Bem, era uma boa notícia, a minha mãe, nesse mesmo dia, iria ter alta do hospital e passar diretamente para a fase de tratamento. Eu não tinha perguntado sobre a minha mãe depois de ter passado o pior na noite anterior, o que provavelmente foi errado da minha parte, mas, para ser franco, estava a ficar farto. Levar um psicopata para casa e depois dar o fora: quem é que *faz* uma coisa destas?

A menina Pereira disse que a minha mãe estava a considerar passar umas semanas em ambiente residencial, seguidas de um período de supervisão em casa, antes de podermos viver juntos novamente. Por isso, não iria ser uma daquelas reabilitações rápidas de cinco dias como ela fizera algumas vezes, que são mais ou menos uma afinação. Nesta altura, acho que decidiram que a minha mãe precisava de uma revisão completa do motor. A menina Pereira perguntou se eu sabia que a minha mãe tinha estabelecido acordos com os serviços sociais para garantir a minha segurança. Que agora precisava de algum apoio suplementar que a ajudasse a cumprir a sua parte do acordo.

Eu continuava sem perceber por que razão não poderia ficar com os Peggots. Mas, devido à forma como denunciei o Stoner, iria tremer como varas verdes só de viver na casa ao lado. Pensei nele na nossa casa, a ir ao meu quarto, a encontrar o caderno onde passara muitas horas a desenhar The Ends do caraças a fazer de «Vilão de Pedra». Barba, alargadores, cabeça rapada, até o Stoner chegaria lá. Havia um em que eu tinha um jacaré a morder-lhe o margalho. O homem viria atrás de mim.

Subimos a estrada de terra em direção a uma quinta, quase lá. Ganhei coragem para perguntar quantos problemas enfrentava por causa das coisas que dissera. Sobre o Stoner, por exemplo. A menina Pereira disse que ninguém estava zangado comigo, e eu pensei *claro, minha senhora*. Quando uma criança diz merdas que não deve, as pessoas tomam conhecimento e caem-lhe em cima. É assim que funciona. Parámos em frente a uma antiga quinta com relva tão alta no quintal que se poderia cortar para obter feno. A Olheiras arrumou o carro no parque de estacionamento. A menina Pereira perguntou-me se eu tinha alguma dúvida antes de me encontrar com a pessoa que me iria acolher. O que havia eu

de perguntar? Era um casarão antigo e acinzentado como em Amityville. Acho que ainda não me tinha entrado na cabeça a sério, não ia para casa.

Agora estávamos para ali sentados. Aquelas duas a olharem uma para a outra no banco da frente, as duas, tipo, *Nã, nã, é contigo*. Até que a Olheiras acaba por dizer:

— Tu é que és a responsável por ele. Tens de ser tu a levá-lo lá dentro.

A menina Pereira está assustada. Seja o que for que se encontra naquela casa, não quer ser ela a levar-me para lá e diz: «Adeus, miúdo, azar o teu.» É provável que este seja o seu primeiro dia neste trabalho de merda que consiste em tirar as crianças de casa para as entregar aos serviços sociais e tenha acabado de perceber que não quer ficar com a *sua* pior parte, quanto mais com a minha. Quanto ao meu anjo da guarda, estamos conversados. Eu era o balão de ensaio dela.

9

O Crickson era um sujeito corpulento e carnudo, com o rosto vermelho, cabelo oleoso e um penteado tapa-careca que fazia lembrar uns dedos a segurarem numa bola de basquetebol. Olhinhos enterrados na cabeça, nariz bicudo, um rosto canino típico. Mas de uma raça mais feroz do que os dois velhos cães de caça deitados no chão sob o frio fogão de lenha da cozinha. Pareciam estar preparados para a chegada do tempo gélido a qualquer altura.

A voz do velho saía num sussurro soturno, à Freddy Krueger, como se lhe custasse falar e uma pessoa não tivesse outro remédio senão prestar toda a atenção do mundo. Sim, eu tinha visto aquele filme, no *drive-in*, no banco de trás, com a minha mãe e o Stoner a pensarem que estava a dormir. É assim a educação de muitas crianças no condado de Lee. Um gajo de meter medo ao susto diz senta-te, e uma pessoa senta-se.

Enquanto isso, a menina Pereira, numa pilha de nervos, repassava a sua lista de verificação. Iria eu dormir no mesmo quarto que os outros miúdos que ele tinha em acolhimento? Terá este sido inspecionado? Será que ele recebeu informações sobre mim por telefone naquela manhã? Ele estava, tipo, *Acabe lá com isso, minha senhora*. Os outros rapazes tinham ido para a escola, e ele tinha o gado para cuidar. A menina Pereira não discordava de nada disso. Eu mantinha-me sentado, quietinho, a dar uma olhadela pelo interior de Amityville: linóleo sebento, de pontas reviradas, gordura amarela na parede por cima do fogão, frascos abertos de manteiga de amendoim e bancada cheia de tralha. Uma crosta de sujidade em tudo quanto era sítio. Lembrei-me de ela me ter dito que a mulher dele falecera. Questionei-me se o corpo dela não estaria ainda algures naquela casa, pois não vislumbrava nenhum sinal de arrumação por ali desde que

ela batera a bota.

A menina Pereira concluiu a sua tarefa e entregou-lhe um enorme envelope amarelo. Ele perguntou se vinha lá dentro o cheque. Ela respondeu que iria recebê-lo pelo correio como sempre. Não podia crer que ela ia deixar-me com o Freddy Krueger, mas lançou-me o mesmo olhar que eu tinha visto na minha mãe milhares de vezes: *Lamento*. E lá abalou com as suas botinhas, *clique-clique*. Gostava de saber se os serviços sociais tinham algo semelhante ao Passo 9, em que uma pessoa acaba por ter de pedir desculpa por todas as crianças que tramou.

Assim que ela saiu porta fora, julguei que o velho iria a correr cuidar do seu tão amado gado, mas não denotava grande pressa e, pegando numa cafeteira sebenta, pôs-se a encher uma chávena sebenta. Sob a camisa de flanela envergava uma camisola interior canelada de manga comprida com os punhos todos puídos e imundos, como se vivesse com aquela camisola dia e noite. A minha mãe, apesar do seu desleixo, não me ensinou a andar sujo. Eu não aguentava ver o velho a tragar o café.

Olhou para mim tipo interrogativo, por isso disse-lhe não, obrigado, não sou muito de beber café. Disse algo com a sua voz estranhamente sufocada, tão baixinho que não percebi nada.

Perguntei-lhe:

— Desculpe?

— O qu'eu disse é ca malta nã gosta de dentadas. Já contei-lhes. N'há ninguém que gosta de dentadas.

Olhei para os cães debaixo do fogão, tentando descobrir o que queria ele dizer. Na verdade, pareciam mortos. Ou tão velhos que teriam dificuldade em tirar comida de gato de uma lata com as gengivas. Mas isto parecia ser uma coisa da qual eu deveria ter conhecimento. Perguntei-lhe:

— Quem é que dá dentadas?

Olhou para mim como se eu fosse um idiota.

— Tu. — Olhou pela janela enquanto o carro dos serviços sociais se afastava. Reparei que ele tinha a braguilha aberta, ou talvez esta tivesse dado o último suspiro, tão velhas que eram as calças. Volvido um minuto, sussurrou: — Inté

admira qu’inda ninguém te tenha limado os dentes.

Andei com o estômago às voltas todo o santo dia, à espera de descobrir o grau de aversão que a malta tinha às dentadas. Tudo indica que o Stoner terá prestado declarações. Por isso, eu poderia muito bem ter uma placa nas costas a informar: «Mãe Drogada, Melhor Amigo Bicha, Morde-Mãos». O que quer que o Crickson tenha dito naquela manhã aos rapazes que acolhia, toda a gente na escola estaria a ouvir neste momento. Nunca mais quis voltar para lá. Ou estar aqui. Não podia com uma gata pelo rabo, mas o Crickson não me perguntou se eu tinha tomado o pequeno-almoço. A cozinha tinha um cheiro repugnante a comida, um cruzamento de chulé e toucinho, e mesmo assim dava-me fome. Mas ele acabou de tomar o café e disse:

— Vamos lá. — E saímos então, para um dia de trabalho.

Começámos por dar feno ao gado. O celeiro cheirava a bosta, nada de espantar, mas olhem que este cheiro é uma frente de tempestade, porra. Não é preciso mais nada para marejar os olhos. As vacas eram lamacentas, pretas e buliçosas e de um tamanho que dava para matar uma pessoa que não fosse lesta de pés, e isto é tudo o que tenho a dizer de dar feno ao gado. Usávamos forquilha, espalhávamos feno. Disse-me que tinha umas duzentas cabeças, a maior parte nos pastos. Não se dá feno ao gado em agosto, exceto a novilhas grávidas, que era o caso. Perguntou o que sabia eu de gado, que era nada, e de guiar tratores, idem. Percebi que ficou chateado com a minha inutilidade. Perguntou-me se já guardara feno, porque era preciso fazê-lo se o raio da chuva parasse. Se eu tivesse feito desponta ou colheita de tabaco, também chegaria a vez disso. Disse que mantinha os miúdos na quinta longe da escola para a colheita do tabaco porque era uma trabalheira do caraças levar a coisa até ao fim, pelo que esperava que eu não estivesse interessado na escola ou no que quer que fosse. Eu ia dizendo sim, senhor, não, senhor, tentando segurar o barco.

Fui atrás dele carregando tudo o que ele me entregou. Apanhámos chuva intermitente. Não conseguia deixar de pensar na minha casa: na Sra. Peggot, que andaria angustiada sem saber do meu paradeiro. No nosso riacho e na sua excelente lama. Pensando positivamente, este tipo não me obrigaria a esfregar

nenhum chão com lixívia. Mas, mesmo assim, eu poderia, a dada altura, decidir fazê-lo. Transferimos gado de umas cercas para outras. Andámos horas a inspecionar uma cerca velha e em mau estado em busca de arame farpado que se tivesse soltado das tábuas. Ele tinha uma pistola de agrafos enorme que parecia uma arma de guerra e soava como tal e servia-se dela para prender o arame farpado. Disse-me para prestar atenção, porque, no dia seguinte, teria linhas de cerca por minha conta. A sério. Porem-me aquela arma nas mãos, uma ameaça conhecida.

Não conseguia pensar como deve ser, tal era a fome. Chegou finalmente a hora do almoço, a que ele chamava jantar, mas quem é que se importava? Eram sanduíches de toucinho e tomate. Fritou o toucinho e o tomate numa frigideira que parecia ter passado a vida sem uma lavadela que fosse, pelo que nem precisava de gordura fresca. Percebi que o toucinho era o combustível para o motor daquela casa de rapazes. Embalagens enormes no frigorífico. Pães ainda por abrir, empilhados como tijolos em cima da bancada. Uma boa novidade, portanto.

A seguir ao almoço, inspecionámos mais umas cercas e trocámos as velas de ignição do motor de um trator. Foi só ao fim da tarde que avistei dois rapazes a percorrerem o caminho que seguia do sítio onde o autocarro os teria deixado junto à autoestrada. Entraram em casa para largar as mochilas e vieram a correr para o celeiro onde o Sr. Crickson me deixara com uma mangueira e uma escova a lavar um monte de baldes pegajosos usados para cereais, tão nervoso que me dava vontade de vomitar. Como seria de esperar, o mais pequeno mostrou-me os dentes, soltou um uivo à lobisomem e riu-se que nem um maluco.

Eu disse-lhe «Ei, sou o Demon». A dar o meu melhor para parecer apenas um gajo qualquer. E não um tipo que dá dentadas. O maior disse-me que se chamava Tommy, «e este aqui é o Trocas», e agarrou nos baldes que eu limpara e começou a empilhá-los. O miúdo mais pequeno foi buscar uma pá ao depósito de alfaias e pôs-se a apanhar bosta à pazada na outra ponta do celeiro. Este miúdo, o Trocas, toda a gente o conhecia. Tinha sido meu colega no 2.º ano, já como repetente, e provavelmente ainda estava encalhado nos anos inferiores devido a uma coisa que se passava com ele e que lhe afetava a mente e o crescimento. Era

de uma pequenez bizarra, rosto estranho, com os olhos e tudo o resto não exatamente no sítio onde deveriam estar. Dizia-se que era de a mãe dele ter bebido demasiado enquanto ele estava no forno. Vinha-me sempre à cabeça este pensamento: *E a minha não?* Mas a minha mãe alegava que se mantivera afastada da pinga durante a maior parte do tempo comigo, pelo menos nos primeiros meses, porque cada coisa para que olhava lhe dava vontade de chamar o gregório. Foi a minha sorte.

— Já sabíamos que vinhas — disse o Tommy. O que eu disse ser interessante, porque curiosamente eu não sabia. Disse-me que não se referia exatamente a mim. Na quinta havia impostos para pagar em abril e setembro, e o velhote precisava do dinheiro para o efeito, por isso, normalmente, chegava mais um rapaz nessa altura. Não fazia ideia do que pensar a este respeito. Perguntei ao Tommy há quanto tempo vivia ali, e ele disse: há uns anos, de forma intermitente. Às vezes era o de abril, outras o de setembro. Disse-me que a mulher do Creaky sempre gostou dele até morrer, mas que o Creaky o odiava, por isso o Tommy agora ia e vinha conforme necessário. Limitei-me a dizer «*Huh*», e deixei a coisa nesse ponto.

Este indivíduo Tommy, também o tinha visto na Primária de Elk Knob, mas era ligeiramente mais velho do que eu, agora na preparatória. Tinha Waddell como apelido, então as pessoas chamavam-lhe Tommy Waddles[12], nome que ele também adotou. Era um miúdo rechonchudo, tipo ursinho de pelúcia, com olhos grandes e redondos e cabelo castanho que parecia ser demasiado para aquela cabeça. Ficava-lhe em pé. Naquele tempo havia quem tentasse imitar o penteado do Luke Perry na série *90210*, mas, no caso do Tommy, dava para perceber que aquilo não era gel nem uma tentativa, apenas o estilo dele. Também era demasiado Tommy para a roupa dele: braços de salsicha nas mangas do casaco, calças de ganga apertadas na cintura. Agora eu sabia o motivo. Casa de acolhimento. Não me parece que olhem com frequência para um gaiato e digam *Eh, miúdo, estás a começar a rebentar pelas costuras, vamos às compras*.

Mas, apesar de todos os meus receios de ser julgado como um dentadas, o Tommy revelou-se bastante simpático. Mostrou-me onde se empilhavam os

baldes, como ir ao depósito de milho buscar milho para alimentar as novilhas e os bezerros, e várias tarefas que tínhamos de fazer antes de entrar. O depósito de milho era uma espécie de celeiro pequeno, tão infestado de ratazanas que uma pessoa tinha de ver por onde andava. A sério, elas corriam por cima dos pés. Se havia alguma coisa difícil de erguer, como um saco de cereais, o Tommy tentava fazê-lo. Explicava-me as coisas sem agir como se eu fosse um idiota. Disse-me que o gado era Angus, macho ou fêmea, todos se chamavam Angus. As vacas, acasalavam-nas para terem bezerros, e os machos seriam castrados e criados como novilhos nos pastos até atingirem cerca de metade do tamanho de um adulto. Antes que o inverno se intensificasse, seriam vendidos para os currais e enviados algures para oeste para terminarem a engorda. A partir daí, hambúrgueres.

O Tommy falava meigamente com o gado sempre que os alimentávamos com milho e os recolhíamos para passarem a noite, mesmo que fossem apenas uns monstros toscos. Comigo era igual. Como se estivesse a tentar compensar todos os aspetos negativos da nossa vida. Pelo menos não era de esperar que eu fosse castrado e transformado em hambúrguer, que eu soubesse. O Tommy disse que uma pessoa se habituava ao sítio. Chamava-lhe Quinta Creaky, um nome concebido pelo Prego-a-Fundo, que era um génio a inventar nomes. O Prego-a-Fundo era o outro rapaz em acolhimento no local, que ainda não regressara a casa por andar no secundário e nos treinos de futebol americano, uma grande estrela na equipa da Secundária de Lee, que são os Generals, como toda a gente sabe. Pelo que dizia o Tommy, o Prego-a-Fundo era a pessoa mais querida de toda a gente, até do Sr. Crickson e, sobretudo, da sua falecida mulher. Eu também iria gostar dele, era uma questão de tempo. Estava naquela quinta desde sempre e era como se fosse mesmo filho deles, apesar de odiar o Sr. Crickson. Ou Creaky, como deveríamos todos referir-nos ao velhote, exceto à frente dele.

O Tommy mostrou-me onde nos lavávamos antes de entrar. No alpendre, onde as redes mosquiteiras estavam meio soltas, tinham uma torneira com uma mangueira para lavarmos as mãos, os sapatos ou o que quer que fosse sem nos molharmos muito. Eu já estava molhado por ter apanhado chuva o dia todo. Mas empolgado com a perspetiva de comer qualquer coisa. Queria que fosse verdade

o que o Tommy disse, que poderia habituar-me a isto ou, pelo menos, não levantar ondas e aguentar. Talvez na escola não andassem a falar muito mal de mim, se fosse só o Trocas, um miúdo que ninguém respeitava. Iria aguentar as três semanas de reabilitação da minha mãe e voltaria para casa sem que ninguém desconfiasse de nada. Quanto ao Stoner, não tinha nenhum plano a esse respeito. Talvez os serviços sociais tivessem. Talvez houvesse um Deus no céu dele, afinal, e acabássemos todos por peidar perfume.

O Tommy Waddles deixou-me agarrar-me a ele enquanto eu tentava, de pé, tirar a merda dos sapatos. Os atacadores estavam todos emaranhados. Percebi que não tinha tirado os sapatos desde o momento em que os calçara no dia anterior na ambulância. Sem meias, pelo mesmo motivo. Tudo o que trazia no corpo estava molhado e cheirava a bosta. E só tinha aquela roupa. No dia seguinte, na escola, iria cheirar a bosta.

O Prego-a-Fundo chegou a casa quando estávamos sentados para jantar, e toda a gente agiu como se fosse o Capitão América numa carrinha *Ford* de caixa aberta.

— Aqui está ele! — E tudo assim. Este miúdo não fez nenhuma tarefa que se visse e ainda por cima apresenta-se a conduzir uma carrinha *Lariat F-150* bicolor, vermelha e prateada, com os faróis quadrados. Linda! Tinha curiosidade em saber se a viatura era dele ou a pedira à quinta, ou o quê. E questionava-me se os rapazes em acolhimento podiam ter pertences. Havia muita coisa que não sabia.

Quando entrou na cozinha, até o raio dos cães olharam para cima. Foi o primeiro movimento que fizeram todo o santo dia. Era alto e magro, com um ar que faz lembrar alguém famoso, os dentes impecáveis e as sobrancelhas escuras e uma cabeleira inacreditável, como uma explosão. Caracóis até dizer chega, como a Mariah Carey no tempo em que tinha o cabelo tipo esfregona, só que não tão comprido, obviamente. Naquela altura não deixavam ninguém entrar numa equipa de futebol americano com o cabelo comprido.

— Ei, Prego-a-Fundo — disse a rapaziada —, este aqui é o Demon.

O Prego-a-Fundo detém-se a meio do caminho como se fosse um ato de comédia, alternando o olhar entre os outros miúdos e a minha pessoa, tentando

perceber o que havia de pensar de mim. Estou pronto para os comentários sobre dentadas, com os dentes à mostra e a rosnar. Mas ele exibe o seu sorriso de estrela de *rock* e diz:

— Sangue novo! Já era tempo de renovarmos o efetivo por aqui. — E o Sr. Crickson sorri e diz que sim com a cabeça como se concordasse e eu tivesse sido ideia dele. Que maluquice. Um bando de rapazes sebentos a olharem para um miúdo mais velho, isso é normal. Mas ele até tem o sacana do velho sob a sua alçada. *Demon*, ponho-me a pensar, *observa e aprende*.

O jantar foi carne picada temperada com latas de molho de tomate mais macarrão e queijo fundido, incrível. Tinha de contar aquilo à minha mãe. Ela nunca sabia o que fazer para o jantar. O Sr. Crickson perguntou ao Prego-a-Fundo como iam os treinos e quem jogava à defesa e se ainda achava que os Generals continuariam invictos este ano. Tantas palavras a saírem da garganta arranhada do velhote. Andara a guardá-las todo o santo dia para o Prego-a-Fundo. A seguir ao jantar, o Sr. Crickson foi para o outro compartimento e pôs-se a ver televisão — por outras palavras, adormeceu — na sua cadeira reclinável, e o Prego-a-Fundo pôs-se na alheta. Deixando o resto da malta a limpar tudo às três pancadas, como seria de esperar de três rapazolas, um dos quais com um parafuso a menos. Está explicado o aspeto que apresentava aquela cozinha.

O Tommy mostrou-me o resto da casa, o nosso quarto no andar de cima, a casa de banho que usaríamos, com o Prego-a-Fundo a passar à frente de todos, obviamente. Tinha mais coisas para fazer, como barbear-se. O nosso quarto tinha dois beliches e pouco mais. Um armário para as nossas coisas, caso tivéssemos a sorte de ter algumas. Uma mesa para fazermos os trabalhos de casa, se nos apetecesse. O Tommy e o Trocas partilhavam um dos beliches e debatiam se eu deveria ficar com a cama de cima ou de baixo do outro. O Trocas, sendo, digamos, de poucas palavras, não votou. Mas gostava de trepar. Lembrava-me do Trocas no 2.º ano sempre a trepar para os radiadores como um macaco, o nosso professor sempre a gritar para ele descer, porque qualquer dia ligavam os aparelhos e ele queimava-se. E foi o que aconteceu um dia. Que uivo, nem dá para imaginar. Ao passo que o Tommy gostava da cama de baixo para guardar na parte inferior os livros que trazia da biblioteca. Tinha montes deles debaixo da

cama: *The Boxcar Children*, *Goosebumps*, quem diria que o iriam deixar trazer tantos? Ele dizia que a biblioteca da Preparatória de Pennington era maior, sendo este o único aspeto positivo da preparatória.

Presumi que ficaríamos os quatro juntos, mas enganei-me; o Prego-a-Fundo tinha um quarto próprio ao fundo do corredor. Já morava ali há muito tempo. A Sra. Crickson, ainda em vida, dera início ao processo de adoção, mas nunca o concluíra. Por isso, o Crickson continuava a receber o cheque de quinhentos dólares todos os meses para o manter em acolhimento. Não tomei conhecimento disto tudo de um momento para o outro. É um assunto difícil de descortinar, sobretudo atendendo à forma como o Crickson e o Prego-a-Fundo o conduziam, tendo algum tipo de acordo secreto para dividirem o cheque entre si.

Não podíamos entrar no quarto do Prego-a-Fundo sem autorização, por isso espreitei pela porta. Tinha pesos diferentes dos do Stoner. Troféus de futebol americano, fotografias de jornais de momentos famosos dos Generals afixadas com fita adesiva à parede por cima da secretária (ele tinha móveis). Presas ao longo de uma parede, uma série de fitas que ganhara nos seus projetos de criação de bezerros desenvolvidos pela 4-H, disse o Tommy, mas isso já passara à história. Agora o Prego-a-Fundo tinha a posição de *quarterback* e uma carrinha de caixa aberta e gajas boas, não havendo ninguém que não quisesse um bocadinho dele. Só o conhecia há duas horas e já via como era. O seu nome verdadeiro era Sterling Ford. Quem poderia desejar melhor? Algo relacionado com a prata, os melhores motores alguma vez construídos. Mas dizia que o nome Prego-a-Fundo lhe ocorrera logo de início e que lhe assentava como uma luva.

Tinha o controlo da casa e as chaves do armário de armas onde o velhote guardava as espingardas e os medicamentos que o Trocas tinha de tomar todas as noites, se alguém se lembrasse. Os serviços sociais obrigavam-no a trancar os medicamentos, obviamente como consequência de alguma ocorrência anterior, quando se descobriu que os outros rapazes em acolhimento andavam a vendê-los. Estimulantes ou tranquilizantes, só Deus sabe o que o Trocas andava a tomar, possivelmente os dois, é o costume, metade das crianças na escola tinham de fazer fila para a enfermeira lhes dar os comprimidos todos os dias antes do recreio. Seja como for, o Prego-a-Fundo tinha plenos privilégios, enquanto nós

os três, a arraia-miúda, ficávamos confinados no quarto a noite toda. Ninguém se importava com a hora a que íamos para a cama, se nos levantávamos de manhã. Naquela primeira noite eu estava de rastos, mas preocupado por ir para a cama com aquela roupa a cheirar a bosta, e do nada o Tommy perguntou se me tinham levado para lá sem mais nem menos. Familiarizado como estava com o sistema de acolhimento. Emprestou-me uma das suas *t-shirts* para eu dormir. O Tommy era um miúdo diferente do habitual.

Disse que o Prego-a-Fundo iria ao quarto antes do apagar das luzes para fazer a inspeção. Como seria de esperar, lá foi ele e disse:

— *Atenção!* — O Tommy e o Trocas fizeram a saudação e esticaram o peito, e o Prego-a-Fundo fez a inspeção. Acho que já vimos todos aquele filme. Parecia uma parvoíce, mas não me via a não fazer o mesmo, por isso fiz. Observou-me atentamente dizendo: — Ora, ora. Vejam-me só este rapaz de olhos verdes. — Perguntou-me se era Melungo ou um papa-feijões[13] ruivo ou o quê. Disse-lhe que o meu pai era Melungo.

Em seguida, o Prego-a-Fundo pergunta-nos o que temos. O Tommy enfia as mãos nos bolsos e tira uma embalagem de pastilhas elásticas, da qual o Prego-a-Fundo se apropria. A seguir fica especado à frente do Trocas. Inclina-se e aproxima-se da cara do rapazito. O Trocas diz que não tem nada. O Prego-a-Fundo ergue o punho, e o Trocas encolhe-se todo. Não houve soco nenhum, mas deu para ver que o miúdo sabia o que era ser esmurrado. Ponho-me a olhar para o Tommy com um ar *Isto é normal?* E ele respondeu com um ar *É, pois.*

— O Creaky deu-te dinheiro para o almoço hoje de manhã — diz o Prego-a-Fundo vagarosamente, em virtude das limitações mentais do Trocas. — Tinhas dinheiro para o almoço e foste buscar a manteiga de amendoim.

— Não fui nada — diz o Trocas.

— Foste, sim. Tenho olhos na tua escola, não é só na cabeça. Se mentes ao Prego-a-Fundo, desiludes os teus irmãos. Tens o dinheiro que o Creaky te deu. Entrega-mo.

Ir buscar sanduíches de manteiga de amendoim queria dizer, no caso de uma criança normal, que tinha deixado acabar o dinheiro do almoço ou, no caso de

uma criança que tinha direito a almoço grátis, que a mãe se esquecera de assinar os impressos. De qualquer forma, as senhoras da cantina iriam cair em cima de uma pessoa com essa história da manteiga de amendoim, tipo, *Aqui tens o teu distintivo, falhado de merda*. O Trocas fora buscar a sanduíche da vergonha para embolsar o dinheiro. Os seus olhos, próximos um do outro, saltitavam para um lado e para o outro como os de um coelho encurralado. O Prego-a-Fundo estalou os dedos diante daquela carinha perplexa, estendendo a mão. O Trocas devolveu o dinheiro a contragosto.

A seguir era a minha vez. O Prego-a-Fundo olhou-me fixamente. Eu disse:

— Eh, pá, nem sequer tenho meias, caralho!

Não tinha a certeza se estávamos numa casa de carvalhadas nem se o Prego-a-Fundo para mim era pá ou senhor, mas arrisquei, e os tipos riram-se. Disse-lhe que tinha sido abandonado de mãos a abanar.

O Prego-a-Fundo lançou-me um olhar diferente.

— A abanar. Tens a certeza.

— Mesmo.

— Aqui não escondemos nada do Prego-a-Fundo, Demon. Vou dar-te mais uma oportunidade. Diz-me a verdade, e esquecemos o resto. Mostra-me o que tens nos bolsos.

E assim fiz, tirei umas bolachas de água e sal recheadas já esmagadas, o que me deixou chocado. A noite anterior no hospital parecia um filme sobre a triste confusão da vida de alguém. Ali estava eu, porém, na posse de bolachas de água e sal recheadas, dez dólares e uns trocos para o telefone. Se me tivesse lembrado, teria comido as bolachas de certeza. Senti os ouvidos a arder. Primeiro, porque não tinha tanto dinheiro há muito tempo, se é que alguma vez tivera, e, segundo, acabara de o perder. Terceiro, aparentemente fora apanhado a mentir. Além disso, como é que ele sabia?

O Prego-a-Fundo disse que estava orgulhoso de mim por eu contribuir para as nossas metas e objetivos. Então foi bom, ele gostar de mim. Disse que lá em casa era ele que ficava com os objetos de valor para os manter seguros. Iríamos comemorar com uma festa assim que ele conseguisse mantimentos. Uma festa na quinta, disse ele. Os outros disseram: «Ena, festa na quinta!» Explicou que

formávamos o Esquadrão dos Labregos, que era como os escuteiros, com a diferença de não sermos lambe-botas. Ele era o nosso Chefe de Equipa e estabelecia as regras para nosso bem. Disse para não nos deixarmos afetar pelo Creaky. A seguir disse «À vontade!», e ficámos à vontade. Foi-se embora, e o Tommy e o Trocas subiram cada um para a sua cama. Vesti a *t-shirt* folgada do Tommy e meti-me no meu beliche. Escolhi a cama de cima. Continuava a pensar nas ratazanas que infestavam o depósito de milho e no Creaky à espreita na penumbra, talvez com vontade de me limar os dentes. A cama de cima parecia aconselhável.

Labrego é um termo que toda a gente conhece. Só que não é bem assim. O Sr. Peg a dada altura tinha um autocolante no para-choques da carrinha, «Cadillac dos Labregos», mas eu era pequeno e não percebia nada. Conhecia o termo sobretudo por causa de uma reposição que passava no bloco de programação Nick at Nite, chamada *Os Labregos de Beverly*, sobre uma família que perambulava pela cidade usando cordas em vez de cintos, carregando espingardas antigas e conduzindo uma carrinha a cair de podre. Hilariante. Ainda mais do que a grande parte dos antigos programas que passavam, a preto-e-branco, o *Gunsmoke*, *Os Monstros*. Até que um dia a Bonnie, a prima do Maggot que andava no secundário, ao reparar que estávamos a ver o programa, nos chamou cagalhotos e disse que não tínhamos a mínima noção. A Bonnie andava no grupo de Teatro, Dotados e Talentosos, chata como a potassa em todos os aspetos. Disse para termos cuidado com quem nos ríamos, que aquela família supostamente era como a nossa.

E com isto queria dizer o quê? Aqui não há ninguém que se comporte assim ou que conduza uma caranguejola daquelas, isso vos garanto. Nem sequer os tipos do Clube de Tratores Antigos que enfiam a camisa nas cuecas e conduzem as suas máquinas obsoletas no desfile de Natal. Esses tipos são apenas velhos. Mas apagar as luzes, cantar à tirolesa, ter porcos em casa? O Maggot disse à Bonnie para ir dar uma queca ao convencido do namorado que conheceu na Governor’s School e para nos deixar em paz. Foi o que ela fez. Mas eu tinha as minhas dúvidas.

Foi assim durante anos. Até que, um dia, estava o Sr. Peg a fumar ao pé da sua carrinha e eu lá fora a brincar, quando pensei perguntar-lhe por que motivo tinha aquele dístico, Cadillac dos Labregos. Perguntei-lhe se era pejorativo, e a sua resposta deixou-me chocado: *labrego* é como chamar escarumba a alguém. E, claro está, eu disse o que toda a gente sabe, que só um imbeciloide é que chama a alguém uma coisa dessas. Ele disse «tudo bem, mas há quem chame e não seja branco nem imbeciloide». O que é verdade, Ice Cube, Jay-Z, Tupac. O Sr. Peg não era fã desses tipos, pelo contrário, mas ainda se ouvia a música deles lá em casa graças a mim e ao Maggot, pelo que teria conhecimento. Essa palavra é *preferida* por aqueles tipos. O Sr. Peg disse que foram outras pessoas que inventaram essa palavra, e não o Ice Cube. E outras pessoas inventaram *labrego* para se referirem a nós, com o propósito de se armarem em parvas. Mas, ainda que inadvertidamente, deram-nos um superpoder. Não foi por estas palavras que o Sr. Peg o disse, mas foi esta a perceção com que fiquei. Ao devolver essa palavra às pessoas, provamos que nunca podem ser como nós, nem perceber-nos, e somos imunes às merdas delas.

Ao que parece, o mundo está repleto deste tipo de coisas. Ao longo dos anos, têm sido arremessadas palavras como se fossem pedaços de merda, com o único propósito de ficarem agarradas ao para-choques de alguma carrinha com o orgulho de quem diz «vai levar no cu». Pategos, candongueiros, labregos, saloios. Gente rasca.

[12] De *waddle*, «gingar». (*N. dos T.*)

[13] No original, *beaner*: nome depreciativo aplicado aos mexicanos ou, num sentido mais lato, a qualquer pessoa de origem hispânica. (*N. dos T.*)

10

O Tommy Waddles era muito falador; quem não o seria, com uma história como a dele para contar. Não que fosse um daqueles casos com pais problemáticos, só que teve a maior infelicidade que se possa imaginar. O pai, uma espécie de topógrafo, morreu numa avioneta que se despenhou, e a mãe tinha problemas cardíacos, embora não fosse uma pessoa idosa. O Tommy não se lembrava de nenhum deles, pois era muito novo quando faleceram. Tinha uma avó meio desaparafusada num lar de idosos que ficava lá para os quintos, em Norfolk. Quanto ao resto da família, ou tinham morrido ou simplesmente nunca estiveram presentes, sendo o pai filho único. Por isso, o Tommy estivera num sistema de acolhimento no estado da Virgínia praticamente a vida inteira.

Dizia que os cuidados de acolhimento pioram à medida que uma pessoa vai avançando na idade, sendo que as melhores casas preferem bebés e crianças mais pequenas. Acho que o Tommy nunca foi pequeno. Mas era alguém que procurava tirar o melhor proveito da vida, sobretudo lendo livros da biblioteca e ignorando o facto de as pessoas o odiarem. Na Quinta Creaky estava condenado por ser brando. O velhote não apreciava pessoas brandas. Volta e meia, porém, o Tommy acabava por ir lá parar, por o Creaky precisar do dinheiro e o rapaz ainda não ter a sua situação resolvida. Deveria ter sido adotado por uma senhora simpática que lhe fizesse biscoitos e o deixasse explicar-lhe o enredo inteiro de todas as histórias da *Magic Treehouse* escritas até hoje. Mas a adoção é ainda pior do que os lares de acolhimento, já que as pessoas só querem os pequeninos. A vida é mesmo assim, cruel. E eles é que ficam a perder, tenho a dizer, porque o Tommy era um miúdo que uma pessoa gostaria de ter por perto. Sólido.

Uma coisa que eu e o Tommy tínhamos em comum era o gosto pelo desenho.

Ele dizia que fazia uns rabiscos. Para ele, porém, era como sangue, uma coisa que saía dele sempre que alguém lhe fazia mal. Levei algum tempo a descobrir a importância dos rabiscos para o Tommy, mas tive uma pista na primeira noite depois de o Creaky o ter repreendido por comer demasiada carne picada com molho de tomate ao jantar, dizendo que aquela quinta era para engordar novilhos, e não rapazes. Disse coisas piores, na verdade, insinuando que o Tommy estava onde estava porque ninguém queria miúdos gordos, e que ele não se encontrava à frente de uma casa de acolhimento para ficar com o refugo. Eu nem podia acreditar na merda que se disse, mas os outros tipos continuavam a comer, como quem diz *É isso*. O Tommy levantou-se, pôs o prato no lava-louça e foi para a sala de estar, onde o vi aninhado no sofá com um jornal sobre os joelhos, inclinado e a rabiscá-lo com um lápis. Cabelo em pé, como se estivesse a dar tudo de si. Imaginei palavras cruzadas ou um *puzzle* de letras como a Sra. Peggot fazia sempre. Mais tarde, porém, fui espreitar e vi o que era: esqueletos. Esqueletos minúsculos a taparem todas as margens onde não havia letras impressas. Nunca se vira tal coisa. Quem olhe para o Tommy não vai pensar num miúdo gótico. A última coisa que uma pessoa esperaria era esqueletos.

Também fazia os seus rabiscos no autocarro aproveitando os espaços em branco que encontrava nos manuais escolares, quando tinha um dia particularmente tramado, e novamente: esqueletos. No entanto, o mais usual era contar-me a história da sua vida. Íamos no autocarro, sentados lado a lado, com muito tempo para a história. Porque era assim o nosso dia: acordar e saltar da cama às cinco da matina, preparar o pequeno-almoço quando calhava, percorrer o caminho de terra até à autoestrada e ficar lá fora ao raio do luar para apanhar o autocarro. Pensei que a viagem do Vale dos Peggots fosse longa. Nem sabia da missa a metade. Da Quinta Creaky, apanhávamos o primeiro autocarro para a Secundária de Lee, esperávamos no refeitório com os outros miúdos do campo que vinham de mais longe, envolvidos em guerras de bolinhas de papel e com direito a pequeno-almoço grátis se tivéssemos os nossos impressos assinados, e depois apanhávamos o segundo autocarro para a Primária de Elk Knob, no meu caso e no do Trocas, ou para a Preparatória de Pennington, no caso do Tommy. Horas e horas, paragens e paragens. Mães aos gritos com os motoristas por isto e

por aquilo, quando estes deixavam uma criança no sítio errado, e motoristas a responderem aos gritos. A adormecer, a acordar porque alguém precisa de passar.

Era a andar de autocarro com estudantes do secundário que se aprendia tudo: como é que as raparigas engravidam, como é que se ganham olhos nas costas. Dado o tempo que investíamos, os miúdos do campo, que moravam mais longe, eram os que aprendiam mais. Vi mais de um tipo a apalpar a namorada num autocarro escolar, ou ela a fazer-lhe um broche. Mais de um rosto esbofeteado por uma miúda que não queria nem uma coisa nem outra. Um lábio ou dois rebentados. Uma vez uma loura pequenita e acirrada ficou tão farta de um grandalhão lhe chamar cotonete que subiu para o assento atrás dele e lhe deu com o seu quadro mágico na cabeça de tal maneira que este se partiu. Com o ecrã virado para baixo, aquela merda toda a desfazer-se pela cara dele abaixo. Imagine o Homem de Lata no filme *O Feiticeiro de Oz*. Aquela miúda ia longe. Provavelmente, neste momento já é presidente de alguma coisa. Pelo menos, não está grávida.

E, enquanto todos nós desperdiçamos a juventude num autocarro amarelo fedorento, o Prego-a-Fundo usufrui de horas extraordinárias em vale de lençóis todas as manhãs antes de se levantar e conduzir pacatamente a sua *Lariat* até à Secundária de Lee. É por isso que qualquer miúdo com sangue na guelra sonha em fazer dezasseis anos com rodas próprias: por causa do sono.

Na escola, voltei a ver o Maggot. E ele, tipo, «Eh, pá! Pensámos que tinhas sido raptado por extraterrestres!» O que é uma forma de encarar a questão. O Maggot era a minha razão de viver naquele momento. Livrou-me de boa ao trazer-me de casa roupa e coisas de que eu precisava. O Sr. Peg tinha as chaves, por isso entraram à socapa como ladrões enquanto o Stoner andava por fora e enfiaram numas fronhas os meus objetos de valor, incluindo cadernos de desenho. O Maggot trouxe tudo para a escola, uma fronha de cada vez. Disseram que o Stoner particamente deixara de aparecer por lá. Por isso, neste momento, a escola era o que me restava em termos de normalidade, com a Quinta Creaky à minha espera no início e no final.

O tempo ia passando, e as promessas cumpriam-se. Primeiro, o feno. O Creaky fazia o corte ao volante do seu trator enquanto estávamos na escola.

Seguia-se o enfardamento, com o trator a puxar uma enfardadeira antiga que avariava cada vez que percorria mais um troço de quinze metros. Fazia uma barulheira infernal, e ele gritava em cada ocasião com aquela voz rouca: «Rai's partam esta merda de Tazewell!» Deve tê-la comprado a alguém no condado de Tazewell numa altura em que os dinossauros ainda por lá andavam. Tinha de parar e desligar tudo, e então ele e o Prego-a-Fundo, mas sobretudo este, subiam para a enfardadeira e mexiam nas coisas, e ela voltava a funcionar. Os outros arrastavam e empilhavam os fardos no campo, para depois os carregarmos para a carrinha. Eram daqueles fardos quadrados que uma pessoa consegue carregar, e não dos fardos redondos gigantes em voga na maior parte das explorações agrícolas naquela altura, nas quais o trabalho era executado por tratores e empilhadores. Não, senhor, o Creaky tinha os seus rapazes escravos, e nós éramos um espetáculo de merda. Em primeiro lugar, o Tommy tinha os seus pontos positivos, mas ser forte não era um deles. Pegava num fardo com as duas mãos no fio, depois ficava ali com a cara vermelha como se estivesse com prisão de ventre, até eu conseguir ajudá-lo. E o Trocas, meu Deus. Um fardo de feno pesava tanto ou mais do que ele, e tudo o que este miúdo quer fazer, seja como for, é subir para as pilhas que estamos a fazer, acabando por derrubar as coisas e só fazer disparate. Temos de colocar todos os duzentos e picos fardos na camioneta de caixa aberta, uma carga de cada vez, depois descarregá-los e empilhá-los no celeiro, com mais escaladas, cara de prisão de ventre e disparates. Nessa altura, o Creaky já roga mais pragas à agência de acolhimento do que ao condado de Tazewell, por lhe fornecer mercadoria estragada.

Foi o meu primeiro fim de semana. Domingo à noite nunca conseguia tomar duche, porque o Prego-a-Fundo se instalava na casa de banho. Havia outra no andar de baixo, com uma banheira velha e imunda, mas volta e meia ficava entupida, o que me metia medo a mim e não só. Até o Creaky se servia da casa de banho do andar de cima. Tive de fazer das tripas coração para pôr o cu a mexer, subir para a cama e deitar-me nela com o corpo todo a arder de comichão por ter roçado em duzentos esfregões de feno. Estive três semanas a servir nesta prisão, e ainda nenhuma delas se me varreu completamente da memória. Tinha curiosidade em saber como andaria a minha mãe. Ela dizia sempre que a

desintoxicação era o pior inferno que se possa imaginar, e eu tinha pena. Agora não. *Anda cá falar-me de inferno,* dizia-lhe eu mentalmente. *Hoje não tens mais nada para fazer a não ser o raio do inventário moral e passar o santo dia a descansar. Em lençóis de boa qualidade e lavados.*

Outra promessa cumprida: a festa do nosso Esquadrão de Labregos na quinta. O Prego-a-Fundo tinha falado em arranjar material, e eu pensei que talvez se referisse a artigos do corredor 19 do Walmart: copos descartáveis, pratos de papel. Eu era um miúdo mesmo tosco.

Primeiro, ele trouxe os petiscos, que me deixaram mesmo empolgado. À noite, naqueles dias, ficava com saudades de casa e angustiava-me só de pensar nos *Snickers* que a minha mãe guardava no frigorífico. Então agora é só *Reese's* e biscoitos, sim! A pensar que a festa é isto. O Prego-a-Fundo, porém, demonstrava paciência com a minha aprendizagem. Como um verdadeiro irmão mais velho. Disse que era a minha iniciação. Fizemos a festa no quarto dele, o que foi incrível, dar uma olhadela e até tocar nalgumas das coisas dele. Foi assim que descobri que os troféus desportivos de ouro que dão no secundário são, na realidade, de plástico. Mas pareciam incríveis. Desligámos as luzes e acendemos uma vela que fomos buscar à cozinha, no sítio onde a guardam para usar em caso de apagão. O Creaky já tinha ido para a cama. Depois de retirar os aparelhos auditivos, diziam eles, era um autêntico cadáver.

O quarto do Prego-a-Fundo tinha uma janela donde se podiam ver árvores. A Lua estava quase cheia. Ele tinha um tapete com o mesmo formato, que a Sra. Creaky lhe fizera entrelaçando retalhos quando estava a morrer de cancro. Por muito doente que estivesse, além de encharcada em fármacos, o seu único desejo era fazer-lhe um tapete para o quarto. Sentámo-nos em cima do tapete, formando uma pequena roda, e pusemo-nos a pensar na senhora falecida que queria ser mãe do Prego-a-Fundo. Comemos os doces e os biscoitos. Ele fez circular cigarros, e nós fumámos. O Creaky permitia que se fumasse em casa, o que era uma novidade para mim. A minha mãe ia sempre lá para fora. O Sr. Peg também. A Sra. Peggot tinha regras a respeito dos hábitos de fumo, sabendo de muitas pessoas que adormeceram na poltrona reclinável e pegaram fogo à casa.

Nós não pegámos fogo a nada. O Tommy fumava como uma criança, puxando pequenos tragos de fumo e expelindo-os com tosse, enquanto o Trocas o fazia naturalmente. Eu estava algures no meio, sendo esta a primeira vez que experimentava cigarros que não fossem de mentol. O Prego-a-Fundo dizia que cada membro do nosso esquadrão tinha um nome secreto que só ele podia atribuir, incluindo alguns miúdos que já nem andavam por ali. Agora iria saber o meu. O Tommy era o Ossos, por causa dos rabiscos de esqueletos e também porque, lá bem no fundo, era de boa ossatura. Reparei nisso. E o Trocas era o Selvagem. Então. E o Demónio?

Olhou para mim demoradamente. Com a cabeça inclinada para trás, a juba escura e encaracolada, os olhos semicerrados como se estivesse a vasculhar-me o armário craniano. Finalmente, disse:

— Diamante. É brilhante e reluzente e vale muito. É mais duro do que qualquer outra coisa.

Não era nada normal um gajo falar assim ou mesmo olhar tão fixamente para outro. Um gajo hétero que gostasse de miúdas, como era certamente o caso do Prego-a-Fundo. Mas o Tommy e o Trocas limitaram-se a assentir com a cabeça, pois, excelente. Diamante. Nem sequer era estranho, era apenas a magia daquele tipo. O que ele dizia era lei, e sentíamo-nos engrandecidos quando reparava em nós.

Disse-lhe que estava bem, embora pensasse que os diamantes eram para gente rica, ou para miúdas que ficavam noivas.

Ele disse:

— Também. O que tu tens, as raparigas vão querer.

Fiquei envergonhado, claro, e não lhe disse nada, mas ele disse que nunca se enganava acerca dessas coisas. Que eu iria ver. Daí a uns anos.

A seguir falámos sobre os filmes que tínhamos visto. O Tommy disse ao Prego-a-Fundo que eu tinha jeito para desenhar super-heróis, e ele disse «Ah, sim? Vamos lá ver isso». Fui buscar o meu caderno, e o Prego-a-Fundo ficou impressionado. Só lhe mostrei os melhores, como aquele em que desenhara a tia June com a roupa sensual da Mulher Maravilha. Ele queria saber onde morava a tia June. Também me perguntou se eu tinha irmãs. O que me fez lembrar a

história da minha mãe sobre a velha Sra. Copperhead que vinha buscar a bebé que era eu. Tinha curiosidade em saber por que razão as pessoas achavam que eu seria melhor na versão feminina.

O Prego-a-Fundo, entretanto, começou a falar de algumas das miúdas mais boazonas que tinha papado, e nós, naturalmente, éramos todos ouvidos. Uma tal de Melissa fazia-lhe sempre um broche dentro na carrinha após o treino de futebol. Ela ficava até tarde a treinar numa banda, o que dava jeito, e tocava flauta. O que também dava jeito, dizia ele. Não percebíamos aonde é que ele queria chegar, até que ele desenhou um «O» com a boca, o que pôs o Trocas maluco, a gritar como um animal. Acho que, apesar de toda a infeliz baralhação nos miolos do rapaz, nalgum sítio, lá no fundo, residia o conceito de broche. Ao passo que eu pensava mais nela e no Prego-a-Fundo dentro daquela carrinha no parque de estacionamento da escola, em plena luz do dia. Meu Deus, o tipo era incrível. Não tinha medo nenhum.

A partir daí derivámos para temas mais bizarros, como *zombies*. E se a Sra. Creaky ainda jazesse algures num quarto esconso daquela casa? Era uma loucura. Disse-lhes que tinha tido o mesmo pensamento da primeira vez que entrei naquela casa. E os outros tipos partiram-se a rir e disseram «Fixe, acabaste de dizer isso há um minuto». A seguir tive de matar a cabeça a pensar se estava só a pensar os meus pensamentos ou a dizê-los. Porque estava pedrado. Já ficara pedrado com muitas coisas, como laca para o cabelo, marcadores mágicos e um espanador para máquinas de escrever que tirara da secretaria da escola, mas aquilo era outro nível. Cada coisa para que olhava, que pensava ou que comia era como uma série de bolhas de tempo a rebentarem, uma a uma. Perguntei ao Prego-a-Fundo que raio de coisa era aquela, e ele disse que os biscoitos eram especiais. Uma miúda chamada Rose que andava a prestar provas para ser namorada dele tinha feito os biscoitos, e qual era a nossa opinião, a Rose tinha passado no teste? Nós, tipo, «Bem, *sim*». Olhei para o Trocas e para o Tommy, perguntando-me se tinham conhecimento de tudo aquilo, e a resposta foi sim, tinham. A caírem uns contra os outros, a rirem como idiotas, mas a mim também me pareciam versões melhores do seu eu quotidiano. Mais como um Ossos, mais como um Selvagem. Dava para ver que até aquele miúdo frágil e doidivanas

tinha a capacidade de se tornar um homenzinho selvagem um dia.

O Prego-a-Fundo disse-nos para fecharmos os olhos. Ouvi-o a vasculhar, talvez um esconderijo, porque, passado um minuto, disse «Tomem lá!» Estava de pé diante de nós a segurar um boné. Um boné corriqueiro, verde, mas segurava-o com as duas mãos como se fosse um tesouro. Volta a sentar-se — estando de pé, deixa-se cair e fica sentado de pernas cruzadas sem deixar de segurar naquele boné com as duas mãos — e, mesmo no meu estado alterado, fico impressionado com a destreza física demonstrada. Capacidades motoras excecionais. Inclinamo-nos todos para olhar, e, à luz da vela, vejo que não há ouro no boné, mas sim uns pontinhos, que são comprimidos. Nem todos iguais. E fico a perceber o que é uma festa farmacêutica.

Faz circular o boné, e cada um de nós tira alguma coisa. Não faço ideia do que me calhou, embora agora, com o avançar da idade, possa ter um bom palpite. Lembro-me de que não era redondo, mas ovalado, com uma estria no meio, provavelmente cor-de-rosa. Recordo-me de o sentir na língua, depois a descer, e a seguir o tapete e o chão suaves e sólidos sob as costas, enquanto, ali deitado com os meus irmãos, contemplava a luz dourada a espalhar-se pelo teto.

Uma criança de dez anos a ficar pedrada com comprimidos. Crianças tolas. Isto é o que devemos dizer: olhem para as escolhas que fazem, que conduzem a uma vida de desgraça. Mas a vida vive-se agora, a esta hora, nos recantos sórdidos entre boas-noites com dentes lavados e carrinhos de compras repletos, onde essas palavras não se aplicam. Crianças, escolhas. *Desgraça*, foi essa a mão de obra e os materiais que nos deram para trabalhar. Um rapaz mais velho que nunca soube o que era a segurança a tentar fazer-nos sentir seguros. Tivemos a Lua à janela a sorrir-nos durante um minuto e a dizer-nos que o mundo era nosso. Porque todos os adultos tinham ido para algum lado e nos haviam deixado tudo nas mãos.

11

Diga-se em abono da verdade que eu andava meio apaixonado, ou lá que é, pela menina Pereira. E a outra metade de mim era, tipo, *Minha senhora, você é uma pedra no sapato na minha vida e preferia que tivéssemos nascido em planetas diferentes*. Já sei, é a vida de gajo. Temos de nos habituar. Chamaram-me ao gabinete, e lá estava ela para a nossa primeira consulta. Mais fácil do que pegar no carro para ir avaliar uma pessoa lá no meio do mato. Servíamo-nos do gabinete da funcionária responsável pela assiduidade, com fotografias dos filhos daquela senhora espalhadas pela secretária, o que fazia com que a menina Pereira parecesse fantasiada. Mas ela é toda «Olá! Estás com bom aspeto, Damon!» Ela é que estava, com aquela camisola branca que lhe realçava a sério as partes femininas.

Não tinha boas notícias para me dar. Não era assim tão simples eu voltar para casa passadas três semanas. Iria visitar a minha mãe com supervisão, mas após a reabilitação ela teria de voltar à sua vida normal e fazer despistagem de drogas. Assim que ela pisasse terreno firme, poderíamos considerar a minha mudança para casa. E o Stoner? Era um desafio, disse a menina Pereira. Teríamos de aprender a dar-nos melhor. *Que maravilha*, pensei. *Já agora, ensina ao* Satan *uns truques giros para cachorros.*

Perguntou-me pela Quinta Creaky, e eu contei-lhe. O velhote era bruto com o Tommy, e o Trocas deveria estar noutro tipo de situação. (Noutro universo, para ser franco.) O Crickson já alguma vez me batera, perguntou ela. Resposta: não, eu ainda não tinha levado. E era só isto. A menina Pereira lamentava, mas não era responsável nem pelo Tommy nem pelo Trocas. Normalmente, todas as crianças que estão numa casa são da mesma empresa de acolhimento, mas

aquela quinta era um sítio de emergência, e o Tommy e o Trocas pertenciam a uma empresa de acolhimento diferente, com a qual a menina Pereira não trabalhava. Ou seja, o acolhimento era feito por empresas, e nós, como diria o Stoner, éramos Produto. Rodar e comercializar rapazes em acolhimento em mais de cinquenta contas de clientes. Viver e aprender.

Disse-me que ninguém tinha autorização para me visitar na quinta, mas que ela poderia ir buscar-me quando saísse da escola e levar-me para me encontrar com a minha mãe num sítio qualquer, como o McDonald's, onde pudéssemos conversar. A seguir, levar-me-ia de volta para a quinta. O Creaky ficaria fulo comigo por ir visitar a minha mãe em vez de cumprir as minhas tarefas no celeiro. Nem sequer nos deixava usar os trabalhos de casa como pretexto. Não eram assuntos que eu abordasse com a menina Pereira. Ela tinha uma enorme pilha de papéis e estava com fogo no rabo. Eu tinha curiosidade em saber se havia outros miúdos dos meus conhecimentos que estivessem em famílias de acolhimento, rapazes com nomes secretos como os do Esquadrão dos Labregos, entre nós nas aulas de Matemática e Educação Física. A menina Pereira não podia tecer comentários a este respeito, limitando-se a dizer que fazia o acompanhamento de outros miúdos, a maior parte deles mais novos do que eu. Disse que estava muito orgulhosa por eu lidar bem com tudo, e que eu parecia ser um rapaz que conseguia cuidar de si. Porra, não me digas nada. Quando eu estava prestes a sair, ela olhou para cima e disse: «Oh, espera!» Acabara de se lembrar de que poderia tentar passar por minha casa, para ir buscar roupas e coisas para mim. Perguntou se eu tinha feito uma lista, como ela me pedira.

E eu pensei *Merda*. Este anjo esforçado de sobrolho carregado com tanta preocupação. E se eu dependesse das meninas Pereiras deste mundo, em vez de da minha pessoa, com todos os seus defeitos? Seria um reles gaiato sem meias, ainda com a mesma roupa interior fedorenta que usava na noite em que a minha mãe teve uma *overdose*.

— Não se preocupe com isso — disse-lhe. — Não preciso de nada.

A casa na Quinta Creaky tinha uma dinâmica própria. Algerozes soltos a bater, tábuas a ranger, torneiras a pingar. À noite, deitado na cama, ouvia umas merdas

que não me davam sossego. O frufru de ratos a cirandarem. Ou baratas em combates de *wrestling*, talvez ambos. Sabíamos que havia festas de bicharada na cozinha depois do expediente, porque encontrávamos cocó de rato por todo o lado, como se tivessem deixado rastos de cagalhotos para encontrarem o caminho de regresso a casa. Obviamente, uma cozinha que é mantida como um chiqueiro vai atrair más companhias. O que é que sabíamos? Éramos jovens. Todos os dias uma surpresa. Muitas foram as manhãs em que, ao abrir mais uma embalagem de pão de forma fatiado, descobri que algo escavara um túnel de uma ponta à outra. Um buraco do tamanho de um rato em cada fatia. Acha que o Creaky nos deixava deitar esse pão para o lixo? Este homem que guardava todos os elásticos dos jornais e chamava maricas a quem não comesse a maçã inteira, caroço e tudo? Nem para sobras de rato havia exceção. Ele dizia que a torradeira matava os micróbios. Talvez seja verdade, afinal aqui estou eu a contar a história.

Por isso, de noite ouvíamos as paredes a serem escavadas e arranhadas. Água a circular nos canos sem razão aparente. Gente a ressonar. Peidos longos e aflitos. O Trocas muitas vezes parecia ter uma comichão doida na cama. Quero dizer, coçava-se que nem um desalmado. Pus-me a pensar que, se aquele miúdo tivesse sido repetente em cada ano letivo, já teria uma idade considerável. Fumava que nem uma chaminé, entre outros sinais de ser mais velho do que eu e o Tommy, sendo que a estatura minúscula enganava a todos os títulos. Eu teria de avançar na idade até perceber cabalmente o que é que um rapaz faz na cama à noite para parecer que está a coçar-se que nem um desalmado.

Constituíamos uma tribo própria, caótica. Um esquadrão. Aguardávamos ansiosamente pelas inspeções, que alimentavam a nossa sede de atenção por parte do Prego-a-Fundo. Se me dava um tratamento preferencial, o que acontecia, era como pão com manteiga no meu dia a dia sem manteiga. Descobriu que eu tinha na cabeça todos os super-heróis que já existiram, à mão de semear, e convencia-me a desfiar a história de vida completa de cada um deles. Olhava para os meus desenhos como se fossem autênticos livros de banda desenhada, estudando-os, perguntando por que razão pus isto ou aquilo. Queria que eu o desenhasse como um super-herói. Disse-lhe que tinha de pensar no

assunto, porque o superpoder de uma pessoa nem sempre era assim tão óbvio.

O dele era. Eu estava a ganhar tempo. Pratiquei e deitei fora alguns antes de acertar: Força Prego, também conhecido por Prego-Man, todo musculado, calças justas, capa e capacete de futebol americano. O seu superpoder era a força de vontade, que poderia levar qualquer um de nós a fazer o que quer que fosse e a sentir-se feliz por isso, porque todos queriam estar na equipa do Prego-Man.

O primeiro que lhe mostrei, pegou nele e observou-o longamente. Aterrorizante. Era um desenho estúpido. Mas não, acabou por dizer que eu tinha jeito.

— Estão a ver isto? — disse aos outros, virando a página com as costas da mão. — Esta merda não se ensina. É um talento. — O que fez com que valesse a pena toda a vida de merda que eu vivera até então. Depois disso, meti mãos à obra. Desenhei o Creaky como o supervilão Creak Evil. Tinha uma cabeça de lâmpada, com um penteado tapa-careca, que se iluminava sempre que ele pensava em torturar um rapaz. Fiz uma banda desenhada com três quadradinhos. *Aí está!* Ilumina-se a cabeça de lâmpada, e ele tira uma lima do bolso, dizendo «A'da cá, vou-te limar a dentuça». Ou: «Estou aqui pra engordar novilhos, e não gaiatos», entregando ao Tommy um prato só com ossos. A seguir o Prego-Man entra para derrotar o cobarde do Creak Evil e salvar a rapaziada. Investi tudo no Prego-Man. O seu Fastmobile era uma carrinha de caixa aberta *Lariat* com torres de artilharia que podiam voar.

Passou a querer que eu fizesse uma banda desenhada todas as noites. Iria ficar com algumas das melhores. Algumas acabaram na parede do quarto dele. Os outros gajos também se perdiam pelas minhas bandas desenhadas, era um acontecimento no nosso dia a dia. Desenhei o Selvagem, que conseguia subir ao cume do que quer que fosse, e o Super-Ossos, que tinha o poder de endireitar as pessoas num ápice quando partiam os ossos. Acabei de inventar isso. O poder real do Tommy era a gentileza, mas é difícil valorizar isso no universo dos super-heróis.

Sentávamo-nos à mesa no nosso quarto, onde nunca se faziam os trabalhos de casa. Eu desenhava, eles observavam. Às vezes estava cansado e só me apetecia ter uma folga. Mas lá acabava por o fazer. Desenhar era algo que o Prego-a-

Fundo não conseguia fazer e eu conseguia. Faria o que fosse preciso para ficar na equipa dele.

Uma visita supervisionada é uma esquisitice de merda. Geralmente num McDonald's, eu e a minha mãe a comermos hambúrguer e batatas fritas. A quatro ou cinco mesas de distância, a menina Pereira, a beber uma *Coca-Cola Light* e a fazer de conta que está a ler, embora esteja a vigiar-nos. O que é que acham que pode acontecer? A minha mãe vai puxar-me e espetar-me uma faca de plástico? Meter-me metanfetamina na bebida? Mas faz algum sentido os serviços sociais não se preocuparem com o facto de o Creaky ser mau como as cobras, mas terem as antenas sempre no ar de cada vez que uma pessoa dá um passo relativamente à mãe drogada?

Mãe drogada em recuperação, peço desculpa. A minha mãe, radiante e de baterias carregadas, dizia-me que a reabilitação estava a correr bem, que desta vez tudo seria diferente. Bem sei que não foi simpático da minha parte, mas perguntei-lhe «Vai ser diferente em quê? Estou a perguntar por perguntar.» Ela tinha respostas. Anteriormente só fizera reabilitações gratuitas, um fim de semana prolongado em ambiente controlado, cortesia dos serviços sociais. Agora estava num nível totalmente diferente, com sessões de terapia e por aí adiante. Custava dinheiro, e era o Stoner que pagava. Disse que nunca se tinha apercebido de que o inventário moral significava fazer um balanço de toda a sua vida. Incluindo desejos em relação ao futuro. Disse que eu era o seu futuro. Que eu era a única razão pela qual se mantinha sóbria.

Eu percebia que aquilo deveria deixar-me animado, mas, francamente, parecia-me mais uma coisa com que me preocupar. E se ela der uma volta de 180 graus num mês e apanhar novamente uma carraspana ou começar a meter-se na droga? O que é que isso significa? Que eu não era uma razão suficientemente forte. O Stoner ficaria chateado com o dinheiro deitado ao lixo e descarregaria em mim. A minha mãe estava a atribuir-me o superpoder de garantir a sua sobriedade e a estabilidade da família. É demasiada pressão.

Vendo as coisas pelo lado positivo, ela estava com bom aspeto, considerando que vivia numa casa para gente drogada. Vinha maquilhada, não aparentava

grande cansaço, e o cabelo parecia diferente. Envergava um vestido novo que o Stoner lhe comprara. Disse que ele já tinha ido vê-la três vezes, o maior número de visitas permitido. Levara-lhe o vestido, flores e um cartão que se esquecera de assinar, mas o que conta é a intenção. Consultou as etiquetas dos outros vestidos para se inteirar do tamanho que ela vestia. Tudo isto deveria servir para provar que o Stoner é o Sr. Maravilha. Disse que ele também gostava de mim, e que agora seríamos uma família melhor. Faríamos cenas divertidas juntos, como talvez irmos ao parque de Dollywood. Disse-lhe que queria ir ver o mar e ela riu-se. «Não te entusiasmes», foi a resposta que obtive.

Passado algum tempo, lá acabou por perguntar onde é que eu estava a morar. Tinham-lhe dito que era numa quinta, por isso queria saber se era divertido, se havia animais para fazer festinhas e coisa e tal. Note-se que nunca encontrou nada de positivo para dizer sobre o facto de ter sido criada em famílias de acolhimento e agora acha que é tudo um mar de rosas? Eu disse-lhe: «Pois, mãe, é exatamente como uma quinta pedagógica na qual os principais animais são baratas e ratos.» Quanto à diversão, contei-lhe que consistia em tirar bosta à pazada, e que o responsável pelo meu acolhimento era um velho medonho que ameaçava limar-me os dentes. Não lhe disse que tinha começado a meter-me na droga. No que me dizia respeito, as drogas não eram o problema naquela casa. Pelo contrário. Começou a chorar à minha frente. Eu disse: «Olha, só quero é resolver isto e voltar para casa. Faz a tua parte e eu faço a minha.» Ela assentiu. Se calhar achava que, quando crescesse, eu seria mais um merdas na vida dela, um Stoner em versão júnior. Não é que eu quisesse ser cruel. Mas sempre que começava a sentir pena dela, havia algo no meu cérebro que dizia *Não vás por aí, é uma armadilha*. Tentara todas as opções com a minha mãe e só tinha uma alternativa. Frieza.

No sábado seguinte, recebi visitas na Quinta Creaky. Era um dia normal em que eu e o Tommy andávamos a arrancar uma cerca velha, a tirar o arame farpado enferrujado das tábuas ressequidas e a enrolá-lo para o guardar para o que desse e viesse, porque era assim que o Creaky fazia. *Nunca se sabe o que temos pela frente, rapaziada! Guardem tudo, porque a vida é uma treta, e a*

morte é certa! Cuidar da cerca implicava calcorrear todas as colinas íngremes às quais ele não conseguia subir, por isso, vendo as coisas pelo lado positivo, eram férias das merdas dele. Estávamos junto à floresta, a mijar à vez num formigueiro, o que deixava o Tommy perturbado. Encontrou umas flores azuis que surgiam por entre o feno. A seguir sentámo-nos à sombra a ouvir tudo o que se passava na copa das árvores. Pássaros a debater, um pica-pau a martelar baixinho *taque-taque-taque*, toda esta outra vida de pequenos seres cá fora a cuidarem da sua vida sem se importarem minimamente com a nossa. O que pode deixar uma pessoa pasmada, no bom sentido. Era por isso que eu gostava da floresta.

Ouvimos um papa-lagarta, que é uma ave singular. Parece um motor de dois ciclos a acelerar, até começar com aquele *gulp*, *gulp* arrepiante. Um papa-lagarta a chamar é prenúncio de tempestade iminente. O Tommy ficou admirado com tal conhecimento por parte de uma ave, mas, como estava na Bíblia do Sr. Peg, ele acreditou. Este tipo de conhecimentos já o havia deixado maravilhado inúmeras vezes, como o facto de os caules de sassafrás, quando mastigados, terem um sabor igual ao de cerveja de raiz. Ou o facto de um pacho de ervas não-me-toques esmagadas, quando esfregado sobre a pele, aliviar a comichão causada pela hera venenosa. Deixar o Tommy de olhos arregalados com os conhecimentos do Sr. Peg era um dos meus passatempos.

Ele estava deitado de bruços, a segurar umas gramíneas perto do rosto, com o outro punho comprimido na bochecha, a escorá-lo. Tinha sementes de gramíneas no cabelo, e outras agarradas a toda a superfície das calças de ganga apertadas e da camisa. Inclinei-me para ver o que é que ele tinha, que era o gafanhoto verde mais pequeno que se possa imaginar. Como se tivesse vindo do planeta dos pequeninos. Ele disse:

— Essa coisa da tempestade, até entendo. As aves precisam de saber, certo? Para não apanharem chuva. — Concordei com ele neste aspeto; apanhar chuva seria uma chatice para um pássaro, atrapalharia o voo. Eu e o Tommy podíamos embrenhar-nos em assuntos do foro intelectual como estes, o que não era possível com os outros tipos. Estávamos sobretudo a empatar porque, ao acabar de enrolar a cerca, deparámo-nos com rolos de arame enormes que não

conseguiríamos arrastar para o celeiro. E agora? Na Quinta Creaky basicamente convivíamos com o terror de cometer erros e com o terror de lhe perguntar a forma correta de fazer as coisas, pelo que passávamos muito tempo a debater qual deles seria pior. Acabei por dizer que iria perguntar-lhe se fazia tenção de transportar o arame com o trator, ou o quê.

Então. A meio da colina, vi o que parecia ser a carrinha do Sr. Peggot estacionada em frente à casa. Não podia ser. A seguir vi os três Peggots no alpendre à conversa com o Creaky. Gritei de alegria e desci a colina a correr, pensando que de certeza tinham vindo buscar-me para me levar para casa.

Abreviando a história, não. Estavam só de visita. Tinha curiosidade em saber como é que tinham convencido os serviços sociais de que não eram abusadores sexuais. E a menina Pereira dissera que não autorizavam visitas na quinta, por isso fiquei completamente baralhado ao ver a minha vida antiga e a nova a conversarem no alpendre. O Sr. Peg e o Creaky estavam a chegar à conclusão de que tinham primos em comum, que é o que acontece no condado de Lee sempre que uma pessoa conhece outra. Primeiro, qual é a vossa relação de parentesco. Em seguida, passa-se, neste caso, para a silagem, para o gado Angus, para os preços da carne de vaca. O Creaky parecia uma pessoa diferente ao falar com o Sr. Peg com a sua voz rouca. Uma pessoa olhava para ele e perguntava-se como é que aquele velho jarreta algum dia teria sido casado, jovem e, afinal de contas, um ser humano? E ali estava. Era uma vez um belo naco de terra e boas perspetivas e um rapaz que apreciava a agricultura. O Sr. Peg sabia disso porque, quando era criança, a sua família teve sucesso a cultivar milho e tabaco antes de se verem obrigados a vender as terras aos poucos para a construção de habitações. Com a Sra. Peggot foi igual; começou em miudinha numa quinta antes de o pai vender o terreno a troco de determinado número de porcos, um para cada filho. Depois disso, a quinta passou a ser uma mina de carvão onde trabalhavam os irmãos dela, tal como o Sr. Peg. Foi no trabalho de mineiro que ficou com o pé esmagado.

Seja como for, fui com o Maggot e com a Sra. Peggot até à cozinha, onde esta ia tendo um ataque cardíaco. Trouxera biscoitos de presunto, mas disse que não era para eu abrir a lata até ela fazer uma limpeza — e onde é que o homem

guardava o detergente? Boa pergunta. Isto era apenas uma amostra, note-se. Ainda não tinha visto uma casa de banho. Apresentei-os aos dois cães, *Pete* e *Mike*, ainda deitados no mesmo sítio onde os vira a última vez. O Maggot queria ver algumas das merdas que lhe tinha contado na escola, o raio da banheira entupida, o guaxinim mumificado que encontrámos na cave, mas não lhas mostrei. Fomos buscar toalhas limpas para pormos no sofá e podermos sentar-nos a comer os magníficos biscoitos de presunto da Sra. Peggot. Sentia-me, tipo, salvo. Perguntaram-me se voltaria para casa em breve. Nem sequer tinham falado com a menina Pereira. Descobriram o meu paradeiro através do nosso motorista de autocarro, que era parente do Sr. Peg, e puseram-se a caminho. A Sra. Peggot parecia bastante abalada. Inclinou-se e deu-me uma pancadinha nos joelhos e disse que eu deveria continuar a fazer as minhas orações. Pensei neles a irem à prisão ver a mãe do Maggot. Ele nunca tocava no assunto, mas agora conseguia imaginá-los em Goochland, na sala de visitas, a comerem biscoitos de presunto, a Sra. Peggot a dizer à Mariah «Aguenta aí, querida. Faz as tuas orações, e nós ajudamos-te a sair dessa».

A seguir o Prego-a-Fundo parou a carrinha lá fora, e fiquei empolgado por os Peggots irem conhecer o meu amigo, galardoado com uma distinção de Jogador Mais Valioso na equipa dos Generals, da Secundária de Lee. Saímos todos. Reparei na Sra. Peggot a avaliar aquele jovem bem-parecido, e o Maggot ficou embasbacado. O Maggot, que não ligava peva ao futebol americano. Era o poder do Prego-a-Fundo a funcionar. O Creaky e o Sr. Peg voltaram do celeiro, aonde tinham ido ver as novilhas, e este apertou-lhe a mão. Lamento dizê-lo, mas encarei os Peggots do ponto de vista do Prego-a-Fundo, perguntando-me se não iria achá-los um casal de velhos labregos e o filho deles um tanto ou quanto estranho, ou algo assim. Quando partiram, os outros tipos já tinham começado a jantar. O Trocas, apesar de ser tão trapalhão, conseguia cortar cebola como um ninja. Era só uma pessoa desviar o olhar. Entrei, e o Creaky perguntou «Onde é que se meteu o Tommy, caramba?», e eu disse «Oh, merda, oh, meu Deus». Deixara-o no campo com os rolos de arame farpado. Tinham passado várias horas, e o Tommy ainda estaria por lá, na relva alta. Iria ficar lá à espera do pôr do Sol, porque eu lhe tinha dito que voltaria num instante, e ele acreditara em

mim.

12

A minha mãe lá obteve o seu diploma de reabilitação e pôde regressar a casa. Agora, ao visitá-la, com o peito dilacerado pela saudade de ser uma criança normal, em vez de irmos ao McDonald's, podia sentar-me na nossa cozinha ou no meu quarto, onde reinava o mesmo caos em que o deixara na noite em que tudo aconteceu. A qualquer momento, a menina Pereira iria bater à porta e dizer: «Peço desculpa, mas acabou o tempo.» Por isso, toca a regressar à vida de uma criança em acolhimento. Alguns anos mais tarde, seria assim com as miúdas, a dizerem *Toca a sair, já!* Muito francamente, deem-me tudo ou nada. Deem-me o raio das visitas no McDonald's.

Porém, a minha mãe disse que ansiava por estes momentos. Independentemente da injustiça de ela ser autorizada a regressar a casa, enquanto eu não. Sendo que não fora eu a meter a pata na poça. Ela ainda tinha despistagens de drogas para fazer e um difícil caminho a percorrer, por isso a menina Pereira disse que era um objetivo realista para nós fazer-me regressar a casa pelo Natal. Não nos vigiava em casa, embora, se a minha mãe quisesse fazer-me mal, houvesse lá muito mais opções do que no McDonald's. A menina Pereira disse que a minha mãe estava a ganhar confiança. Deixava-me lá em casa e ficava sentada no carro durante uma hora, a fazer os trabalhos de casa ou a tratar dos processos. Trabalhos de casa, sim. A menina Pereira era muito jovem. Andava a frequentar aulas noturnas para obter a certificação como professora, o que, segundo ela, era o seu sonho, porque adorava crianças. E eu pensava *E eu sou o quê?*

A minha primeira visita lá a casa foi depois da escola, quando o Stoner estava no trabalho. A minha mãe disse que o Stoner ainda era contra o meu regresso,

devido ao *stress* que nós os três causávamos como família, o que a levaria a ter uma recaída. Uma pessoa fica com vontade de dizer *Isto é merda que uma mãe diga a um filho?* Até eu pensava assim, na altura. Mas a minha mãe tinha leite e biscoitos para mim em cima da mesa, por isso, provavelmente, andava a tentar aprender o procedimento através da televisão. Estava nervosa. Dei-lhe um desconto. Mostrou-me os presentes que o Stoner lhe oferecera por ter voltado para casa, incluindo um novo micro-ondas que tinha um relógio digital luminoso. Perguntou-me se o homem que me acolhia continuava a ser um parvalhão, e eu disse-lhe que uma pessoa consegue habituar-se seja ao que for, exceto a pendurarem-na pelo pescoço. Palavras que ouvira do Sr. Peg.

Quando o nosso tempo terminou, a menina Pereira entrou e disse que eu deveria reunir tudo o que quisesse levar comigo. A primeira coisa em que pensei foi em levar coisas de que tinha saudades, como barras de *Snickers* e os meus melhores livros de banda desenhada. Mas teria de entregar tudo o que fosse valioso ao Prego-a-Fundo, pelo que acabei por não levar muita coisa. Apenas dois dos meus super-heróis mais pequenos que conseguiria enfiar nalgum sítio. Iria escondê-los na cama do Trocas e na do Tommy, e eles nunca saberiam quem os tinha posto lá. Deus, talvez. O brinquedo-surpresa no Happy Meal de merda da vida deles.

No caminho de regresso, abrimos as janelas.

— Reparem só neste cheiro — disse ela. — É o outono.

Campos de silagem enterrada, fumo das queimadas de folhas, e um aroma ligeiramente doce, talvez de maçãs que apodreceram no chão. Ela era uma mulher do campo. Mostrou-me onde ficava a quinta dos pais, porque passámos por aquela estrada. A lembrança mais feliz que tenho daquele outono foi no carro com a menina Pereira. Era conversadora e fazia-me perguntas sobre as minhas assistentes sociais anteriores, coisas de que, sinceramente, já não me lembrava. Encontrara-me com uma delas ocasionalmente, e ela era toda *Estou aqui para te apoiar.* Na visita seguinte, lá estava uma nova a ler o meu nome escrito nos ficheiros.

Tendo em conta a sua aparência, imaginei que a menina Pereira teria um namorado que a quisesse emprenhar e levar ao altar, mas ela nada dizia a este

respeito. Mudara de casa no ano anterior e conseguira arranjar um apartamento em Boston, que partilhava com outra pessoa: os pais achavam que era um desperdício de dinheiro, mas ela queria muito ter a sua independência. Perguntei-lhe por que razão queria ser professora, e ela disse que uma pessoa tem de seguir os seus sonhos, além de que se recebe mais do que nos serviços sociais. Queria um apartamento só para ela, porque a mulher com quem o partilhava deixava louça suja e tralha por todo o lado. Disse que as duas melhores amigas do secundário tinham conseguido entrar na faculdade com uma bolsa de estudo, mas que ela não conseguira, o que a deixara destroçada. Toda a gente sabe que não há muitas disponíveis, mas ela ainda se sentia envergonhada. Sempre se achara tão inteligente como aquelas duas amigas.

— Mas nunca devemos desistir — disse-me ela —, às vezes só temos de aceitar a segunda opção.

No caso dela, o trabalho nos serviços sociais, um apartamento partilhado com uma porcalhona e aulas noturnas na universidade comunitária Mountain Empire.

Perguntou-me o que é que eu queria ser quando fosse grande. Tinha de pensar no assunto. Passámos por uns celeiros e campos de tabaco com as suas enormes folhas verde-amareladas a ondular na melancólica luz do entardecer. Olhou para mim e perguntou:

— Ei, que cara é essa, amiguinho?

Disse-lhe que nunca ninguém me fizera essa pergunta, sobre o que queria ser quando fosse grande, por isso não sabia. O que interessa é que ainda estou vivo.

Acabei por passar um sábado inteiro com a minha mãe, e foi nesse dia que me contou a surpresa que tinha guardada: estava grávida. Meu Deus. Eu era tão ignorante como outra criança qualquer, mas sabia o suficiente para perguntar: «Como é que engravidaste na reabilitação?»

Ela riu-se e disse que já estava há mais tempo, mas que só soube quando lhe fizeram análises ao sangue por outras razões. Ficou a saber assim. No mês de abril, eu iria ter um irmão ou uma irmã. O que me deixou perplexo, para não dizer outra coisa. Eu, o Demon, que nunca tive um primo que fosse, seria em breve um irmão mais velho. O Maggot ficaria com ciúmes. Ele nunca tivera

irmãos até ao momento, e as perspetivas de os vir a ter eram quase nulas. Sendo que em Goochland só havia mulheres.

Tivemos um dia fantástico, eu e a minha mãe. Saímos e juntámos folhas com um ancinho, e o Maggot foi ter connosco e saltámos para cima delas. Queria ir num instante visitar a Sra. Peggot, mas a minha mãe precisava de mim só para ela, por isso fiquei. A dada altura olhou para mim e disse: «Oh, meu Deus, Demon, acho que já estás mais alto do que eu!» O que era impossível, por isso medimo-nos com marcas na parede, da forma oficial, com uma caixa de cereais na cabeça. Comparando as nossas duas linhas traçadas a lápis, a minha estava um niquinho mais acima. A minha mãe dizia sempre que tinha um metro e cinquenta e dois de pé descalço, mas agora descobriu-se, por percalço, que nunca passara de metro e meio. O que não rima com nada, mas agora lá estava eu também, mais um niquinho. Inacreditável. Já estava habituado a ser mais alto do que a maior parte dos miúdos, tirando os plurirrepetentes. Mas ser mais alto do que a minha mãe é obra. Pusemos música e dançámos à maluca, que era uma coisa que costumávamos fazer; sentámo-nos no chão e jogámos jogos de tabuleiro estúpidos, o que não fazíamos há séculos. Fiquei a pensar no bebé. Perguntei-lhe que nome iríamos dar-lhe, porque eu tinha umas ideias. Tommy era um bom nome. Sterling também, mas em relação a este a minha mãe nem sequer sabia que era um nome.

Perguntei-lhe onde seria o quarto dele, e a resposta dela foi evasiva. Na verdade, quase que estragou o ambiente. Acontece que ela e o Stoner andavam desentendidos quanto à possibilidade de mudarem para uma casa maior. Não estavam casados há muito tempo, e ele ainda gostava dos bons momentos, por isso não era do seu agrado que ela tivesse o bebé. O que era ridículo. Se ele queria experimentar a versão sem filhos da minha mãe, já ia dez anos atrasado. Além disso, o bebé vinha a caminho. Uma pessoa não pode levá-lo ao serviço de apoio ao cliente e reaver o dinheiro, disse-lhe eu, mas ela não se riu. Sem entrar em muitos detalhes, disse-me que era mais ou menos isso que o Stoner tinha em mente.

Mudei de assunto virando o tabuleiro de xadrez ao contrário e encetando uma luta de cócegas, basicamente fazendo papel de parvo. Quase nos mijávamos a rir.

O Stoner deveria chegar a casa por volta das quatro, e era necessário que eu esperasse e dissesse pelo menos olá. Fora-nos atribuído esse trabalho para aprendermos a ser uma família. A menina Pereira disse que iria buscar-me às quatro e meia. Eu não via o Stoner desde a noite da *overdose* da minha mãe, pelo que fiquei meio petrificado. Ele estava na mesma: colete de ganga, pulseira de cabedal, alargadores. Passara muito tempo a fazê-lo morrer no meu caderno de desenho. Embora ele nunca tenha visto esses desenhos, a verdade é que os fiz, e, olhando para ele agora, sentia que ele sabia. Não era plausível, apenas uma coisa na minha cabeça.

Deu um beijo à minha mãe e perguntou o que estávamos a fazer. Ela foi parca em explicações. Tirou uma cerveja do frigorífico, abriu-lha e perguntou-lhe por que razão não se sentava e falava comigo um bocadinho, para procurarmos dar um novo rumo à nossa relação. Tudo bem, disse ele. Virou uma das cadeiras da cozinha e sentou-se apoiando os braços cruzados nas costas da cadeira, com os olhos postos em mim. A minha mãe afastou o cabelo dos olhos, nervosa. Tinha-se divertido a valer o dia todo e agora, sem sequer olhar para ela diretamente, percebi a sua mudança de atitude.

O Stoner perguntou o que é que eu andava a aprender na casa de acolhimento. Respondi-lhe que, até agora, sobretudo a guardar feno, a tratar do gado, a esticar cercas e a andar de autocarro duas horas para ir e vir da escola. Disse-lhe que basicamente tudo o resto era igual ao que se passava em casa, por ter de andar sempre com olhos nas costas. O semblante dele alterou-se. Disse-me que se referia à minha atitude.

Respondi-lhe que estava tudo bem, obrigado.

— Olha só! — disse a minha mãe. — Contei-lhe sobre o bebé, e ele ficou mesmo entusiasmado. — Olhou para mim com um sorriso, que não se refletia nos olhos. Aqueles olhos que suplicavam ajuda. — Imagina só se for um menino e o Demon ficar com um irmãozinho. Serão duas ervilhas numa vagem.

O Stoner olhava fixamente para ela.

— Não seria mulato, porra!

— O meu pai era Melungo — repliquei eu. — Não o que tu disseste que era.

A minha mãe tentou mudar de assunto, perguntando onde é que o Stoner tinha

feito as entregas hoje e porque é que não íamos para a sala de estar, porque as cadeiras eram mais confortáveis e doíam-lhe as costas.

O Stoner continuava a encará-la fixamente.

— Querias que falássemos. Estamos a falar, porra!

Ele tinha muita coisa para dizer. Que eu teria de ser mais atencioso agora, devido à frágil situação da minha mãe. Ele aprendera muito, disse-me, com as sessões de terapia de casal que frequentavam. Novas palavras para nos ajudarem a dar-nos bem. Sendo o transtorno desafiador de oposição uma delas. Supostamente era uma doença, e eu tinha-a. Se quisesse mudar-me para lá, teria de tomar a medicação para baixar a crista. Evidentemente, tinha-a muito alta. A crista.

A minha mãe fez de conta que não tinha ouvido nada disto e puxou um assunto diferente, o do Natal. Que, nessa altura, eu iria a casa e faríamos alguma coisa especial. Lembrei-me de lhe dizer que os Peggots regressariam a Knoxville durante as férias. Era provável que me convidassem para ir com eles.

«Calma aí, amigo», foi o conselho do Stoner. Disse-me que continuava a não poder sair com o Maggot, o que foi uma surpresa para mim e para a minha mãe, pelo que percebi. Disse-lhe que a menina Pereira tinha conferido a situação dos Peggots e dado a sua aprovação. Acontece que a menina Pereira tinha namorado com um dos primos do Maggot no secundário. E a minha mãe era, tipo: «Ah, sim? Quem diria, no condado de Lee.»

O Stoner virou a cabeça devagar e cravou os olhos nela como um enorme cão de guarda.

— Desde quando é que esta cabra da Pereira decide as regras sobre o que fazemos em família?

Eu julgava que era desde a noite em que a minha mãe quase se mandou desta para melhor e o Stoner me pôs um olho negro, mas se calhar sou só eu. De acordo com o Stoner, eu e os Peggots não nos podíamos ver. Disse que tinha metido uma providência cautelar, por isso, se eu fosse até lá, a Polícia prender-me-ia.

Olhei para a minha mãe, tipo, *Isto é verdade?* E ela assentiu com a cabeça, o gesto mais ténue que se possa imaginar. Ele nem reparou.

O micro-ondas que lhe comprara com o relógio azul luminoso marcava 16:21. Faltavam nove minutos. Não queria estar naquela cozinha nem voltar para a quinta. Fiquei imóvel, tentando não ser nada nem estar em lugar nenhum, observando os meus minutos a escoarem-se.

13

Como diz o ditado, na distribuição de juízo, ficou com prejuízo. Era assim o Trocas. Mas o Tommy. Inteligente como o raio, arranjava forma de sair de qualquer buraco, mas depois, a rastejar, voltava a enfiar-se no mesmo sítio. Era como se tivesse escolhido a pior parte, para mais ninguém ficar com ela. Um espetáculo difícil de testemunhar.

No dia em que ficámos sem água, por exemplo. Era um domingo. Levantámo-nos, puxámos o autoclismo, nada. Canos vazios a uivarem. Lavatório, nada. Lava-louça, idem. As notícias não eram nada boas, o poço estava vazio. Este iria recuperar no espaço de um ou dois dias, entretanto, era preciso ter cuidado. Como seria de esperar, o Creaky chamou-nos à cozinha para palestrar sobre o facto de a agricultura ser uma guerra. Durante toda a vida, é uma pessoa com o gado e as máquinas contra o banco à cata da penhora. Quando se desperdiça alguma coisa, é uma vitória para o banco. Por isso, não se pode desperdiçar nada. Nem comida, nem um grama de cereal, nem água. «Estou a tentar ser cristão aqui», diz ele, «acolhendo meninos órfãos, e um destes idiotas dum caneco ainda tem o desplante de deixar sem pinga de água o raio de um *poço* bem cheio, porra!»

Tive vontade de lhe dizer que eu não era órfão, além de que, se ele fosse assim tão cristão, estaríamos todos na igreja naquele momento, a discutir certas regras como: não andes a chular os outros se não gostas que te chulem a ti. Mas eu não era o idiota dum caneco que preocupava o Creaky.

O suspeito natural era o Tommy, por causa da forma como dividíamos as tarefas no celeiro: o Trocas era pá, eu comida, o Tommy água. Eu alimentava os bezerros e conduzia-os para os currais com as mães que lhes pertenciam, o

Tommy lavava os baldes e enchia os bebedouros do celeiro com água. Havia uma coisa chamada hidrante, uma torneira com um manípulo azul, que tínhamos de abrir para deixar entrar água no celeiro, e essa mesma tubagem continuava por ali fora permitindo encher todos os bebedouros em cerca de doze hectares. Se uma pessoa voltasse para a casa sem se lembrar de fechar o manípulo do hidrante, a água corria sem parar, transbordando dos bebedouros a noite toda, enquanto houvesse água no poço. Nem mais um minuto. É a coisa mais fácil do mundo uma pessoa fechar a mangueira e ir à sua vida esquecendo-se de fechar o hidrante.

O Tommy não cometeu esse erro. Fizera-o uma vez e pagara por isso. Depois disso, passou a prender uma mola de roupa ao manípulo do hidrante. Já falámos da perspicácia do Tommy. Sempre que ligava o hidrante, prendia a mola de roupa à camisa. Terminada a tarefa, lá voltava ela para o manípulo. Se ele entrasse em casa e alguém reparasse numa mola de roupa pendurada na camisa como se fosse mais um mamilo, merda! Bastava voltar a correr para o celeiro, e tudo bem.

Tinha sido o Prego-a-Fundo a secar o poço. Muito depois de termos terminado as tarefas, estava ele lá fora a lavar a sua *Lariat*, eliminando até a mais ínfima partícula de lama do chassis ou dos pneus de faixa branca, porque as noites de sábado eram para circular. Quer isto dizer que, no condado de Lee, qualquer pessoa solteira com mais de dezasseis anos percorre de carro a rua principal, para um lado e para o outro, para ver e ser vista. O Prego-a-Fundo tinha lavado a carrinha e ido circular deixando a água a correr até secar o poço.

Por isso, o Prego-a-Fundo iria contar ao Creaky o que acontecera. Eu tinha a certeza disso. Ele sabia como é que funcionava o raio do hidrante, estava na quinta há mais tempo do que qualquer um de nós. E o Creaky não o castigaria, porque para ele a merda do Prego-a-Fundo cheirava a loção para as mãos. O velho iria imaginar alguma forma de aquela água constituir um sacrifício necessário em prol do futebol americano de todo o país e do condado de Lee. Por isso, confessa e anda para a frente, foi o que pensei. Ouço o Creaky a perguntar ao Tommy o que é que um miúdo estúpido e perdulário tem a dizer em sua defesa e vejo o Prego-a-Fundo junto ao fogão a pegar no café. E eu a olhar

fixamente. A encontrar o olhar do Prego-a-Fundo quando este se vira. A pensar *Comandante do Esquadrão, então? Que raio de coisa?*

Nem uma palavra. O Creaky vai lá fora e pega num pedaço de mangueira velha, suja e rota, como se isso fosse justiça para um crime relacionado com a água, e obriga-nos a assistir enquanto dá vinte vergastadas no enorme e patético rabo do Tommy. O Prego-a-Fundo sai de casa. O Tommy aguenta a carga em prol da equipa. Fica debruçado sobre a bancada, tentando não chorar, mas, acima de tudo, não denuncia o Prego-a-Fundo. Fiquei espantado, francamente. Não sou assim tão boa pessoa. Nem tão corajoso.

Prosseguimos com a nossa rotina diária o melhor que conseguimos, sem água, e mais tarde encontrei o Tommy no celeiro. Havia cantos e recantos entre os fardos de feno empilhados, e ele aninhara-se num deles com a cabeça pendurada, a rabiscar num velho saco de papel para cereais. Andava sempre com um lápis para o que desse e viesse, tal como há pessoas que andam com pensos rápidos ou comprimidos para o coração. Sentei-me ao pé ele, com vontade de lhe perguntar o motivo. Mas não era preciso. Já tinha percebido. Enquanto, nalguns universos, uma pessoa recebe fichas de recompensa por passar x dias sem beber, no nosso, recebemos fichas por passar um dia inteiro sem sermos odiados. O Creaky odiar alguém era apenas ruído de fundo. Mas o Prego-a-Fundo odiar uma pessoa já tinha a sua importância. De qualquer forma, estava decidido, o Tommy iria para o Guinness com o maior número de esqueletos que alguém já desenhara num saco de cereal.

Fiquei bastante tempo a observá-lo a desenhar.

— Então, agora és gótico?

Parecia admirado. Parecia sempre, claro, com aquele cabelo em pé. Mas acho que ele não sabia aonde eu queria chegar.

— Crânios e morte — esclareci. — Isso não costuma ser uma cena gótica?

Tínhamos aquela miúda do nosso ano que usava batom preto e mostrava às pessoas onde se cortava, mesmo naquela época, nos anos noventa. Muito à frente do seu tempo.

O Tommy disse que desenhava esqueletos porque eram fáceis de desenhar. Não tinha o meu talento para desenhar caras e semblantes, braços com músculos

e tudo o resto, pelo que se ficava pelos esqueletos. Sempre que queria vê-los, lá estavam eles, disse-me. Os seus amiguinhos.

A minha mãe continuava na sua recuperação, embora não estivesse muito satisfeita com isso. Havia visitas uma vez por semana, ao fim de semana quando ela podia, mas tinha de trabalhar em horários da treta. Teve sorte e conseguiu reaver o emprego, mas viu-se obrigada a recomeçar do zero ficando com os turnos que mais ninguém queria. Quanto ao Stoner, mal lhe púnhamos a vista em cima quando eu aparecia, o que era ótimo para mim e para a minha mãe, tal era a vontade que ela tinha de desabafar sobre ele. No que diz respeito ao bebé, o Stoner não se mostrava nada solidário, dizendo que ela teria de arcar com as consequências se quisesse ir por aí. Ele não estava interessado em ouvi-la falar dos longos dias que passava de pé a reabastecer fantasias de Halloween e doces, nutrindo um único desejo: sentar-se numa daquelas cadeiras de jardim em promoção e passar pelas brasas. Ou vomitar. O que era habitual nela. Desaconselhava vivamente qualquer pessoa a engravidar durante o período de preparação para o Halloween, sob o risco de deixar de conseguir ver milho doce à sua frente até ao fim da vida. Agradeci-lhe o conselho.

Pendurar fantasias de Halloween não parecia ser assim tão mau. Na quinta trabalhávamos que nem uns mouros. O Tommy concordava com o que a menina Pereira dissera sobre o Creaky ser uma espécie de acolhimento de emergência onde ninguém ficava muito tempo. Dizia que, quando o trabalho agrícola abrandasse no inverno, o velho não nos iria querer por ali. Eu não queria saber, como é óbvio, pois estaria de volta à minha caminha antes de começar a nevar. Parecia, porém, que a minha vida começava a identificar-se com aquela quinta. Manhãs frias, uma cozinha a encher-se de fumo quando enfiávamos jornais no fogão para o acender. Jantares de carne picada com molho de tomate ou bifes de sola de sapato, não os tenrinhos do supermercado, mas de vacas da quinta. Toda a carne que comíamos tinha para nós apenas um nome anteriormente: Angus ou, por outras palavras, mexe-me esse cu e mete-te no curral. Alimento recebíamos, mas não chegava, tal como não chegava ao fim o trabalho a nosso cargo nem chegávamos a aquecer totalmente os pés. Saíamos da cama com frio e para lá

voltávamos com frio, atirando a roupa imunda para dentro da máquina na cave, onde ficava esquecida dias a fio. Ainda hoje o fedor de roupa acumulada na máquina de lavar me faz reviver aqueles tempos. Toda a nossa vida se identificava com esse cheiro.

Mantínhamo-nos vivos para, nas noites de sexta-feira, apinhados na carrinha do Creaky, nos dirigirmos até ao Five Star Stadium, casa dos Generals, da Secundária de Lee. A esperar nas bancadas, com toda a gente do condado, que a nossa equipa saísse em grande do edifício Red Rage. Raparigas a gritar desvairadamente, homens adultos ali mesmo ao lado delas. O Creaky deixava-nos comprar cachorros com chili nas barracas, e nós sentávamo-nos nas bancadas altas para assistir ao incrível desempenho do Prego-a-Fundo. Gritando com todas as nossas forças pelo nosso irmão e pelos outros Generals, para darem cabo daqueles sacanas da Union ou da Patrick Henry, primeira descida, mais uma de seguida! Sabendo que nós, e mais ninguém, depois de acabar, dormiríamos sob o mesmo teto que o *quarterback*.

Ao vê-lo com o seu uniforme branco, os ombros gigantes e as pernas fininhas e lestas, fiquei com novas perspetivas para desenhar o Prego-Man. E outros projetos que tinha na cabeça. O Prego-a-Fundo achava que eu tinha uma boa coordenação de movimentos. Provavelmente apenas em comparação com o Tommy e o Trocas, o que, sabe-o Deus, não é uma disputa equilibrada. Mas, se não estivesse ocupado, mostrava-me umas coisas. Rematar e receber passes. Manter um centro de gravidade. Atrás do celeiro, onde o Creaky não nos via a relaxar, o Tommy e o Trocas sentavam-se em baldes de cereais e observavam, com calças de ganga encharcadas de estrume e brilho nos olhos. Eu não era grande coisa no início, criado como era com pessoas idosas e por uma mãe que achava que deitar uma lata vazia no lixo já era um desporto. Mas o brilho que recebi do Prego-a-Fundo decidiu o meu futuro. Um dia eu seria aquele tipo, com aquele equipamento, com aqueles ombros. Aquelas animadoras de claque.

Na altura não tinha grande experiência com quintas nem com o mundo em geral. E continuo a não ter, para ser franco. Na televisão tinha visto campos que pareciam grandiosos oceanos verdes com homens a navegar através deles em

tratores e ceifeiras-debulhadoras do tamanho dos caminhantes todo-o-terreno na *Guerra das Estrelas*. Nunca percebi que eram reais, pensei que fossem fictícios. Porque o condado de Lee não é plano como aquelas quintas oceânicas, em sítio nenhum, nem um bocadinho. Aqui há declives por todo o lado, e tudo rola ladeira abaixo. Se uma pessoa lavrasse toda a terra que tinha, a maior parte acabaria no riacho antes do final do ano, e então não conseguiria cultivar mais nada.

O que os agricultores podem fazer com a encosta de uma montanha é o que o Creaky fez, deixar crescer pasto por obra e graça de Deus e levar para lá o gado para comer o pasto do Criador. A seguir enviamos animais para a região oeste, para terminarem a engorda, porque é lá que se encontram todos os locais de confinamento para transformar o gado em hambúrgueres e gerar lucro. Não é aqui. Só os engordamos o suficiente para os vender pelo que o Creaky denomina um chuto no cu por cabeça. Umas centenas de dólares.

A sua única terra suficientemente plana para lavrar tinha pouco mais de um hectare, no vale. É aproximadamente do tamanho médio de uma plantação de tabaco que fica ao lado do caminho de terra que percorríamos para apanhar o autocarro. No primeiro dia em que cheguei à quinta, ao passar por aquele campo, talvez tenha pensado *olha que rico tabaco*. O mais provável é que nem tenha reparado. Isso não se repetirá, da mesma forma que jamais deixaria de reparar num jacaré à beira da estrada ou num urso. Que bela vista, diria alguém que fosse um filho da puta e um ignorante. Em vez de: eis um campo que come homens e crianças vivos.

Em agosto tinham lugar os dias de cão, assim chamados por os animais perderem a cabeça com o calor. Mas as verdadeiras canículas para um miúdo numa quinta são em setembro e outubro. Operações da cultura do tabaco: desladroamento, desponta, colheita, cura, debulha. Toda a vida ouvi miúdos do campo a falarem disto, mesmo nos primeiros anos, a faltarem à escola na época da colheita. Alguns conseguiam trabalho em quintas que não eram da família e recebiam dinheiro por isso. Invejava-os. Acho que é a versão masculina dos ciúmes que as raparigas sentem das irmãs mais velhas quando estas engravidam, concentrando em si as atenções. Eu só conhecia atividades infantis, como brincar

na floresta ou jogar Game Boy. Agora seria uma criança de trabalho.

Naquele outono tinha uma lista na cabeça de tudo o que iria contar ao meu irmãozinho um dia. Mas o tempo foi passando, e a minha mente acabou por albergar apenas um pensamento no que dizia respeito à infância. Conselho a qualquer criança que tenha essa opção: pega nesse bem precioso e foge com ele. Esconde-te. Aprecia-o o mais que puderes. Porque te vai deixar para nunca mais voltar.

A desponta começa em agosto. Uma pessoa tem de eliminar as pontas de milhares de plantas que estão à altura da cabeça, ou mais, de um aluno do 5.º ano. Percorrer as linhas esticando o braço, cortando a ponta do longo caule de flores cor-de-rosa, libertando a planta para ela poder completar o seu último surto de crescimento. Aquelas plantas voltarão a crescer acima da nossa cabeça antes do final da época, e mesmo assim teremos de dominá-las.

No meu primeiro dia de desponta, estava um calor de morte. O Creaky disse-nos para não tirarmos a camisa e calçarmos as enormes e imundas luvas de cabedal que nos dera, mas tirámos a camisa assim que ele ficou fora no nosso campo de visão. Eu não queria calçar as luvas, mas o Tommy aconselhou-me a fazê-lo, senão iria arrepender-me. O Creaky determinou que cada um de nós fizesse a desponta nas suas linhas, e andava com maior rapidez do que uma pessoa poderia imaginar em alguém daquela idade. Ele e o Prego-a-Fundo saíram à nossa frente. Eu trabalhava arduamente e mantinha-me perto deles, com o Tommy e o Trocas na retaguarda. Doíam-nos os braços de tanto os esticarmos. A seiva viscosa escorria para tudo o que era sítio, o Sol era uma bola de fogo a incidir-nos na cabeça, e ai de quem tentasse limpar o suor da cara com aquela luva pegajosa. Eu tentava usar a mão esquerda para fazer a desponta, por ser canhoto, e a direita para limpar o suor. Só que aquele braço chegou ao limite, pelo que tive de me servir do outro e deixar o suor escorrer e queimar-me os olhos. Posso afirmar, sem ter de pensar muito: cultivar tabaco é uma carga de trabalhos, meu. E ainda não tinha visto nada.

A dada altura voltei para trás para procurar o Tommy e o Trocas, porque não os via em lado nenhum. Dei com eles lá nos confins e fiquei, tipo, *Pessoal, que raio de coisa?* O Tommy andava a apanhar as flores cor-de-rosa todas que

supostamente eram para uma pessoa atirar para o chão e pisar. Voltava a percorrer a sua linha recolhendo estas flores e trazia-as ao colo como se fosse o raio de uma noiva. «Meu Deus, Tommy», adverti-o. «Não tarda nada levas nas orelhas.» Disse-me para não me preocupar, que estava quase a acabar.

Segui-o até à beira do campo, onde, junto à vereda, se viam dois montículos de terra, do tamanho de cestos de dois alqueires despejados. Lado a lado. Nunca reparara neles anteriormente. O Tommy colocou uma braçada de flores nos dois montículos, dividindo-a entre eles. Sem dizer uma palavra a esse respeito. A seguir voltou ao trabalho. Não lhe perguntei nada.

Mas, naquela noite, quando já estávamos na cama, disse-me para o que era. Os pais tinham sido enterrados algures no leste da Virgínia, pelo que nunca vira as sepulturas, tal como eu nunca vira a do meu pai. No entanto, nunca teria pensado em fazer o que o Tommy fez. Inventou-os. Já estivera em oito casas diferentes até ao momento, que se lembrasse. Em cada uma delas deixara ficar um pequeno par de sepulturas.

14

A colheita do tabaco tem início cerca de um mês após a desponta. É o cabo dos trabalhos. Para quem nunca a fez, passo a explicar. Primeiro, o mais aselha da equipa (o Tommy) vai à frente e deita abaixo os sarrafos do tabaco entre as linhas. Os sarrafos são ripas de madeira, com um metro de comprimento, daquelas que servem para a rapaziada fazer uma luta de espadas. O que qualquer miúdo lá na terra já terá feito, pois há milhares deles amontoados em celeiros, à espera de que alguém os use no outono. Uma pessoa vem atrás dele e pega na primeira vara, espeta-a no chão de modo a ficar na vertical. Insere na sua extremidade uma ponta metálica afiada chamada lança. Se uma pessoa cair, será trespassada por aquilo, por isso é preferível não cair. Em seguida, com uma machadinha, corta-se uma planta de tabaco pela base. É como cortar uma árvore de tabaco com um metro e oitenta de altura. Pega-se nela e bate-se com o tronco na vara, para ficar espetada. Corta-se outra planta, bate-se com o tronco. Fica-se com seis plantas perfuradas naquela vara, pelo que parece um poste a sustentar uma tenda de folhas. O próximo passo é retirar a ponta da pequena lança de metal e avançar. Espeta-se a vara seguinte no chão e repete-se a operação.

Depois de as plantas espetadas apanharem sol e receberem o orvalho de três dias para curarem as queimaduras solares, carregamo-las na camioneta de caixa aberta e transportamo-las para o celeiro. Em seguida, içamo-las até às vigas do telhado e penduramo-las em barras para dar início à cura. Cada vara fica na horizontal com as suas seis plantas penduradas, como calças num estendal. Permanecem nesta posição até todas as plantas ficarem secas e castanhas. Só então são retiradas, debulhadas, enfardadas e vendidas.

Subir uns doze metros até às barras do celeiro para pendurar tabaco é

basicamente trabalho de macaco. Ou para o super-herói que procura quintas, em vez de cidades. Só que, caso o leitor não tenha reparado, não há um único. Por isso, é aquela coisa típica dos trabalhos que podem matar uma pessoa e acaba por ser uma competição entre a rapaziada — quão rápida e imprudente pode uma pessoa ser a pendurar tabaco. Toda a gente conhece alguém, os quase acidentes, as quedas aparatosas, o tipo que ficou numa cadeira de rodas até hoje. Posso citar nomes. Não há máquinas para nada disto, o trabalho é feito por crianças e homens. É uma oportunidade que uma pessoa tem para ficar aleijada ou se tornar uma lenda. O Prego-a-Fundo era excelente. Mas o Trocas, santo Deus. Era um espetáculo. Como se costuma dizer, nenhuma criança nasce sem os seus dons. É uma época inteira de trabalho com a plantação, transplante, monda de infestantes, desladroamento, pulverizações contra a cercosporiose e o míldio do tabaco. Quando não é possível usar o pulverizador devido às fortes chuvadas, é preciso fazer das tripas coração e tentar pulverizar manualmente. E não serve de nada, a não ser que se consiga fazer a colheita antes das geadas. Por isso, em outubro, uma pessoa fica no campo a fazer a colheita o dia todo, todos os dias, como se a sua vida dependesse disso. A pegar na vara que se segue, a espetá-la no chão. A cortar uma planta, a levantá-la, a bater com ela na extremidade da lança. Espetar-cortar-levantar-bater seis vezes e seguir em frente, para sempre, ámen e Deus nos ajude. Uma vara carregada de plantas pesa uns catorze ou dezoito quilos, e uma pessoa tem de erguer centenas delas antes de o dia chegar ao fim. O leitor que faça as contas, porque eu já fiz o trabalho. O resultado é que isto tudo mói.

Ainda assim, uma pessoa continua, de manhã à noite, faça chuva ou faça sol, porque, se um agricultor não consegue obter a sua colheita, perde tudo. Terra, gado, o telhado que tem por cima da cabeça. Para alguns, um dia de trabalho fraquinho redundará em gritos e repreensões. Para os agricultores, é uma questão de vida ou de morte. Uma jornada de trabalho a cultivar tabaco pode ter parecenças com uma temporada no inferno, e, ao regressar, uma pessoa sente-se um veterano de guerra: orgulhoso, esgotado, desorientado, sequioso de reconhecimento. E invisível. Um tipo volta para a escola e é tratado como mais um burro da história, que não sabe a diferença entre um estado e uma

comunidade de nações.

O Creaky mantinha-nos fora da escola durante a maior parte do mês de outubro. Mesmo em miúdo, nunca tinha passado tantas horas ao sol. Quando me olhava ao espelho, ficava chocado ao ver os meus olhos de água estagnada inseridos num rosto da mesma cor que as castanhas. Mas tínhamos de trazer o tabaco para o celeiro antes do final do mês, ou em fevereiro ainda estaríamos a debulhar folhas verdes. Ele ameaçava-nos, como se fosse um destino pior do que a morte. Nessa altura, eu já estaria tão longe que as folhas verdes em fevereiro nada significariam para mim. Por enquanto, porém, ainda me encontrava no inferno. Todos os dias pensava: *Isto tem de acabar. Ou de acabar comigo.* Pensava também: *A escola era muito melhor do que eu imaginava.* O tabaco, por si só, é um processo educativo. Como seria possível uma pessoa reerguer-se quando lhe doía tudo, as costas, os ouvidos cozidos do sol e o raio dos dentes.

Cerca de uma semana depois, ao meio-dia, descobri que as coisas podiam piorar. Comecei a sentir-me doente, como se estivesse pedrado com um reles produto de limpeza de carpetes. Isto foi após a pior dor de cabeça que já tive, a qual durou umas horas. Eram só zumbidos, como se me tivessem entrado cigarras nos ouvidos e assentado raízes. Obriguei-me a continuar a trabalhar, porque não queria ser maricas nem dececionar a rapaziada nem nada disso. Mas começava a ter pensamentos loucos. Tipo, se me deitar aqui entre as plantas de tabaco, que são tão altas, ninguém há de reparar. A seguir curvei-me e vomitei papas de aveia para cima dos sapatos.

Tinha de continuar a acompanhar o ritmo, porque era impensável levar uma coça naquele estado. Mas eu não devia parecer a mesma pessoa, porque o Tommy, ao encontrar-me, começou a gritar comigo, tipo, onde é que paravam as minhas luvas, chiça, não me tinha dito que as calçasse? Oh, porra, agora eu tinha a doença, e ele tinha de ir buscar o Prego-a-Fundo. Disse-lhe para não o fazer, mas ele foi a correr. A seguir não me lembro de grande coisa. O Prego-a-Fundo e o Creaky a levarem-me para casa, a deitarem-me, eu a beber carradas de água que vomitei, mais água até conseguir mantê-la no estômago. O Creaky estava fulo, obviamente. Mas, como esta foi a minha primeira vez, disse-me para aprender a lição e, para daí em diante, calçar o raio das luvas.

Eram tão grandes e rígidas que era como tentar manusear ferramentas com luvas de beisebol calçadas. Tinha visto o Prego-a-Fundo a trabalhar sem as dele. Por isso, embora não tenha sido o meu primeiro dia a trabalhar sem luvas, foi nesse dia que se manifestou, porque se vai acumulando no organismo. A doença do tabaco verde, é como se chama. Intoxicação por nicotina. Os miúdos apanham-na constantemente, mais do que os adultos, e é por isso que o Prego-a-Fundo conseguia escapar-lhe sem luvas. No caso de uma pessoa mais velha e que tenha fumado mais, o corpo habitua-se ao veneno e leva tudo na boa.

Que idiota se sujeitaria a tudo isso, apetece perguntar. Por uma cultura que vicia as pessoas, que lhes inquina os pulmões e que deixa o produtor feito num oito. Note-se que o governo pagava aos produtores, com leis que determinavam quanto é que cada um poderia cultivar e onde, com ajudas de custo para garantir que houvesse abundância e também exatamente a quantidade suficiente. O mundo precisava do nosso tabaco Burley e ansiava por ele. A Philip Morris e aqueles tipos conseguiam o seu produto, viciavam as crianças, faziam fortuna, e todos nós vivemos felizes para sempre, durante cem anos ou algo assim. Até que as pessoas perceberam as consequências negativas do tabagismo e processaram alguém sem dó nem piedade. E o governo disse «Bem, não se preocupem com isso», e eliminou gradualmente os subsídios.

Na Quinta Creaky, eu tinha apenas uma ideia pueril fosse do que fosse, mas o pessoal só falava de perderem essas garantias de mercado. De ficarem sem as quintas, de irem morar com os filhos ou com as tias solteiras, de requererem pensão de invalidez por a sua fatia da tarte americana ter apodrecido. Eram poucos os que, com força de super-heróis, se mantinham em atividade e tentavam aumentar a área cultivada, fazendo das tripas coração para equilibrar as contas. Diziam que a maior parte do nosso tabaco estava a ser exportada para a China. Ou seja, acho que estávamos a ajudar a dar cabo dos comunas. Deus abençoe a América e por aí adiante.

Porque é que uma pessoa continua a tentar? Em dias longos e frios na casa da debulha, passei muitas horas a ouvir os tipos a remoerem essa questão. Sendo assim, debulhar folhas verdes seria o meu problema nos anos vindouros.

Antigamente a casa da debulha era um sítio onde se ouviam as melhores histórias do mundo. A malta guardava-as o ano inteiro. Agora é principalmente a história mais triste que alguém já contou: onde o mundo nos deixou. Um agricultor tem a sua terra e nada mais. É mais do que casado com ela, depende de suporte vital. Se semear milho ou soja em toda a sua área de cultivo, pode ganhar pouco mais de duzentos e oitenta dólares por hectare. O que é ótimo para os tipos de quarenta hectares, os agricultores do género da Guerra das Estrelas.

Mas e se ele for como nós, com pouco mais de um hectare de terra arável? No pedacinho do inferno que Deus tornou especial para a cultura do tabaco Burley, os agricultores recebiam sempre *dois mil e oitocentos* por hectare. Um campo com pouco mais de um hectare não é uma fortuna, mas dá para sobreviver. Nenhuma outra cultura conhecida que seja legal lhe dará um rendimento desses nestas terras agrícolas, preciosas e pequenas como são. É o solo e a chuva e o declive que determinam as regras. Deixar a terra da família seria como sair do próprio corpo. Aquela terra é viva, constitui um corpo próprio, com os seus talentos e, creio que podemos dizê-lo, vícios. Se uma pessoa faz agricultura na parte de trás destas montanhas, a opção que tem é cultivar tabaco ou tentar outra coisa — *seja o que for*, na verdade — e perder tudo. Enquanto alguém, algures, se ri do seu fracasso, achando que essa pessoa teve o que merecia.

Na altura em que fiz a desponta e a colheita do meu primeiro tabaco, reparámos que a televisão deixara de passar publicidade aos cigarros. Não fazíamos ideia do motivo. Se soubéssemos que era por as pessoas considerarem o tabaco perigoso até para as crianças verem na televisão, teríamos achado isso hilariante. Nas escolas havia quem fumasse que nem uma chaminé. Os professores fumavam nos intervalos; as crianças, no recreio. Os compradores diziam-nos que havia alarmismo na questão do cancro, que faltavam provas. Mais um caso de pessoas da cidade a falarem mal de nós e do nosso trabalho árduo, como de qualquer outra coisa que fizéssemos para ganhar o pão: criar vitelos para abate, extrair o nosso carvão, alvejar o Bambi com as nossas caçadeiras. Agora, esta gente, incapaz de reconhecer uma planta de tabaco se a visse, apodava-a de diabo.

Se a Philip Morris e companhia soubesse que o Diabo tinha dentes de verdade,

guardaria esse segredo com mais afinco do que se possa imaginar. Cultiva-o com orgulho e fuma-o com orgulho, diziam eles, distribuindo autocolantes com estes dizeres para as pessoas porem nos para-choques. Lembro-me de ver enormes pilhas deles na escola, e podíamos levar quantos quiséssemos. Era o que fazíamos, cultivar e fumar, enquanto o preço por quilo ficava descontrolado e eram cobrados tantos impostos pelas caixas que o dinheiro da mercearia ia todo para cigarros. Andávamos por aí com uns autocolantes que diziam «Orgulhoso Produtor de Tabaco» nas carrinhas, até descascarem e desbotarem, tal como a nossa saúde e sonhos de grandeza. Quando uma pessoa está em cima de um monte de merda a lutar pelo único espaço onde pode ficar, Deus Todo-Poderoso, como ela luta.

15

Dezanove de novembro. Um aniversário inesquecível.

Estava à espera de que não desse em nada, pois ninguém sabia. A minha mãe, obviamente, sabia, mas não marcara nenhuma visita, que eu soubesse. Talvez estivesse a tentar tirar uma folga naquele sábado. Entretanto, eu não tencionava contar a ninguém, sobretudo ao Creaky, porque ele iria cobrar-me por isso. Tipo, só por ter nascido já estava com demasiadas expectativas.

Na noite anterior, porém, na fila para a inspeção do esquadrão no nosso quarto, deixei escapar: «Amanhã faço onze anos.» Pode ser uma coisa descomunal para uma criança manter em segredo. E o Prego-a-Fundo era um verdadeiro irmão. Pensava que eu era mais velho, por ser alto para a minha idade. Disse que era uma pena eu não o ter avisado com mais antecedência, porque teria organizado qualquer coisa. Ainda assim ia tentar. Mais uma festa farmacêutica, era o meu palpite, ou os biscoitos especiais da namorada. A vida, na altura, não me estava a correr propriamente de feição. Uns biscoitos normais teriam feito toda a diferença naquele dia.

Agarrei-me àquele pensamento, algo de positivo que vinha a caminho. Acordei, vesti-me, esperei no autocarro com o Tommy e o Trocas completamente às escuras, porque o outono já ia adiantado, e não deixei de pensar: *Aguenta, Demon, hoje é o grande dia*.

A Sra. Peggot tinha de saber, por ser a única pessoa que já me tinha feito um bolo, mas vi o Maggot na escola, e ele não fazia ideia. Também não lhe contei, por não haver necessidade de deixar constrangido o meu melhor amigo. O Sr. Goins fez a chamada, e os anúncios foram transmitidos pelo sistema de som da escola. E a seguir chamaram o meu nome, Damon Fields, ao gabinete. Sim!

Alguém sabia. A primeira coisa em que pensei foi que a minha mãe tinha obtido autorização para ir buscar-me à escola. Ou talvez a Sra. Peggot me tivesse levado alguma coisa. Comida, esperava eu.

Cheguei ao gabinete e vi que era a menina Pereira. Muito bem, podia ter um embrulho para me dar, não era proibido. Parecia perturbada, porém, e disse-me para ir até ao gabinete da funcionária responsável pela assiduidade. Fechou a porta e sentou-se. Olhei à minha volta. Se me tinha levado alguma coisa, não estava a vê-la. Contudo, a minha felicidade mantinha-se. Obviamente, passava-se alguma coisa. Sentei-me e olhei para ela do outro lado da vasta secretária.

— Damon — disse ela, e a seguir calou-se. Era mesmo estranho. O semblante dela não era nada animador.

— Eu sei — disse-lhe finalmente, começando a entender. — Está tudo bem.

Ela olhou para mim.

— O que é que está bem?

— Foi a minha mãe que se esqueceu do meu aniversário.

Ela arregalou os olhos azuis.

— Oh, meu Deus. Damon. Quando é que fazes anos?

— Hoje. Mas tudo bem, a menina não sabia. Já estou habituado.

A menina Pereira parecia horrorizada e começou a chorar. Quero dizer, a choramingar, tirando lenços de papel da caixa que se encontrava ao lado das fotografias dos filhos da funcionária responsável pela assiduidade. Nariz a fungar, maquilhagem preta a escorrer-lhe dos olhos. Estava de cabeça perdida.

— Está tudo bem — assegurei-lhe. — Nem me importo. Está bem?

Ela continuava a abanar a cabeça, a assoar o nariz.

— Não, Damon, peço desculpa. Não está tudo bem. Lamento imenso. É sobre a tua mãe.

— *O que é que se passa* com a minha mãe?

— São más notícias.

É claro que esta é a altura em que perco a cabeça e começo a dizer:

— Porra para isto, já sabia, nem é preciso contar-me, ficou com os copos outra vez ou tomou pastilhas, e não vou voltar para casa no Natal por ela ser uma *naba* de merda!

Lanço umas carvalhadas à menina Pereira a torto e a direito, e ela estende-me a mão a dizer:

— Não, não. Ouve.

A minha mãe morreu.

Não dá para acreditar, não dá mesmo.

Não tenho mais nada a dizer ali; levanto-me da cadeira para sair, como se pudesse ir ao gabinete e ligar à minha mãe, para o local de trabalho, ou sei lá o quê, enquanto a menina Pereira continua a dizer sim, sente muito, mas é verdade. Lamenta imenso. Disse-lhe que não acreditava nela, mas, se era verdade, então do que é que ela morrera, e a menina Pereira disse que era da oxi.

Acreditem ou não, tive de perguntar. O que é uma oxi[14]?

[14] Oxi: abreviatura coloquial de «oxicodona», nome de um potente analgésico opioide usado para tratar dor moderada a intensa. (*N. dos T.*)

16

Talvez a vida, ou o destino, ou Jesus, se for mesmo necessário atribuir a alguém a responsabilidade das coisas, tenha finalmente lançado demasiadas pedras no caminho da minha mãe e ela tenha decidido desistir. Essa é a primeira opção. Ou talvez não fizesse tenção de morrer, mas tenha calculado mal, coroando assim vinte e nove anos de erros de cálculo, sendo que um deles, claro está, sou eu. Poderia passar o resto da minha vida a perguntar o que terá sido, suicídio ou acidente. Uma questão para a qual não há resposta.

Admito que não parecia aleatório o facto de, no que me diz respeito, ela ter iniciado e terminado o turno de maternidade na mesma data. Para acertar dessa forma, pensar-se-ia que seria necessário ela ter consultado o calendário e organizado as coisas. E a questão é que a minha mãe não era de fazer planos. Além disso, não tenho a certeza de que se lembrasse de que eu fazia anos naquele dia. Qualquer pessoa que a conhecesse concordaria com isso.

Mas agora tinham todos a certeza de que ela tinha planeado aquilo. O velório e o funeral foram uma desbunda de vergonha para aquela mulher que partira e abandonara o filho. Venham de lá os fungares fingidos, os olhares de desprezo na minha direção e toda a gente a calar-se caso me aproxime. O miúdo não pode ouvir. Como se não soubesse de quem era a culpa. A minha mãe prometera ficar sóbria desde que eu fosse um filho à altura, para que valesse a pena o esforço. Ninguém me estava a esconder *aquilo*, eu sabia umas merdas. Já tinha onze anos.

Nada naquele funeral estava certo. Em primeiro lugar, por ser numa igreja, o que é um requisito, julgo eu, mas a igreja e a minha mãe não casavam bem. O que remonta à primeira casa de acolhimento onde ela esteve, com um pregador

que misturava versículos bíblicos com surras e pior ainda, a sua receita especial para punir miúdas malcomportadas. Moral da história, a minha mãe dizia sempre que nem morta poria os pés numa igreja. E ali estava ela, perdendo todas as batalhas até ao fim, num caixão branco do Walmart, o outro sítio onde mais odiava estar. Jesus a olhar do alto do quadro na parede, provavelmente a pensar *Acho que nunca nos tínhamos visto,* e *Miúda, onde é que arranjaste esse vestido?* Era um vestido florido horrível que alguém lhe vestira. Ia a enterrar, na presença de meia cidade, com um vestido ridículo que só levava para o trabalho no dia destinado ao reconhecimento do gerente por parte dos funcionários, o que fazia por mera brincadeira. Agora iria usá-lo nos dias de reconhecimento no Céu, pelo que a brincadeira prossegue. Provavelmente teria preferido o vestido que o Stoner lhe comprara durante o período de reabilitação, mas, conhecendo-o como conheço, ele terá guardado o talão e devolvido o vestido.

Mas ele estava desfeito, era o Sr. Stoner. Mal o reconheci de gravata, além dos óculos de sol espelhados para dar um toque especial. As pessoas faziam fila para expressar condolências, com o Stoner de pé junto ao caixão para as senhoras poderem abraçá-lo e dizer-lhe que era uma tragédia verem-na partir tão jovem e ele ficar viúvo. A seguir abalavam e diziam o que realmente pensavam da minha mãe, fosse a merda que fosse. Eu via os semblantes a mudarem, as cabeças a aproximarem-se umas das outras, enquanto regressavam para junto dos vivos, todas apressadas.

Só alguns familiares do Stoner é que conheciam aquela igreja, que era nova para os Peggots e para os restantes. Sinking River Baptist. Talvez por isso o Stoner se sentisse nas suas sete quintas, mas eu não conseguia perceber por que razão havia ele de estar ali ao lado do caixão. Conhecia a minha mãe há pouco mais de um ano. Era eu que lhe limpava o vómito, que a levava para a cama, que lhe procurava as chaves do carro e que a fazia chegar a horas ao trabalho, ano após ano. Poderia tê-la arranjado uma última vez, mas ninguém mo pedira.

Os Peggots fizeram o que podiam. Foram buscar-me à escola, levaram-me a minha roupa domingueira lá de casa, e fiquei em casa deles no fim de semana. O Sr. Peggot pegou nos seus aparadores elétricos e cortou-me o cabelo, que estava uma lástima. O do Maggot ainda estava pior, parecia que não cortava o cabelo há

anos, mas por uma questão de respeito fizeram uma trégua desta vez, e não houve nenhuma guerra capilar. O que me deixou mais triste. Tipo, ao que o mundo tinha chegado, se eles não podiam brigar por causa de um corte de cabelo. Vieram uns primos de Norton para o funeral, e, normalmente, com a casa cheia, havia gritos por causa dos canais de televisão e da última asa de frango, uma certa quantidade de objetos macios arremessados por todo o lado. Mas eles estavam invulgarmente sossegados. Olhavam para mim como se eu me tivesse transformado num ser estranho que poderia partir-se caso alguém fizesse barulho. A Sra. Peggot, por sua vez, continuava a alimentar-me e a dizer-me que a minha mãe me amava mais do que tudo na vida, o que era simpático da parte dela, mesmo que eu na altura pensasse: *Nem por isso. Gostava mais de ficar pedrada.*

Eu tinha muito caminho a percorrer antes de saber que não é assim tão simples, a droga em contraponto com a pessoa que se ama. Que um desejo se pode intensificar cada vez mais dentro do corpo e da mente, ao mesmo tempo que diminui cada vez mais a capacidade do corpo de tolerar a sua droga preferida. Quanto mais tempo uma pessoa passa a sofrer entre as doses, maiores são as probabilidades de se esforçar demasiado para alcançar as estrelas da próxima vez. Essa primeira grande vaga de alívio poderá ser a última. Afinal, é assim que imagino a minha mãe: a esticar ao máximo o seu corpinho frágil, tentando tocar o céu, procurando um pouco de paz. E conseguindo-o. Se a versão adulta da minha pessoa pudesse ter uma oportunidade de retroceder nesta história, há uma parte de mim que gostaria de poder sentar-se no banco de trás com aquele miúdo chateado, vestido com a sua roupa domingueira demasiado apertada e a atitude do Darkhawk e dizer-lhe: «Julgas que és um gigante, mas és um pontinho no mundo marado. Isto não tem a ver contigo.»

Mas seria uma oportunidade desperdiçada, porque o miúdo não estava com vontade de me ouvir. Ainda consigo sentir nos ossos que a minha raiva era a única coisa que me mantinha inteiro. Raiva para com todos, mas sobretudo para com ela, por ter casado com o Stoner e, a seguir, nos ter abandonado, fugindo para um paraíso onde poderia fazer a merda que quisesse, sem que ninguém voltasse a pôr-lhe as mãos em cima.

E eu teria de continuar a viver com a atitude estúpida que tinha tido com ela, sobretudo no final que eu não sabia que era o final. Da última vez que a vi em casa, despedi-me ou deixei-a abraçar-me? Não sei dizer. Tentei e continuarei a tentar reviver aqueles últimos minutos, às vezes martelando-os como se fosse a porta do raio de um cofre bancário, mas, se há alguma coisa lá dentro para ser recordada, não me vem à mente. Acesso negado.

Em vez disso, lembro-me de tudo sobre o funeral. Aquele dia ficou-me gravado indelevelmente no cérebro como uma rocha monstruosa no mar, à espera de me destruir. Gostaria que Deus o apagasse da minha mente. Ele fica. Tudo o que se passou. As meias pretas e desconfortáveis que me emprestara o Sr. Peg porque eu tinha crescido e só me restavam as meias de educação física. O cheiro a suor e a graxa para sapatos. O verde das paredes, cor de pasta de dentes, um tom que a minha mãe detestava. O som tremido do órgão, senhoras idosas a tresandarem a perfume. As vespas, uma imensa quantidade delas, a zumbirem sem parar nas janelas coloridas lá em cima. Foi um dia quente para novembro, e acho que acordaram. Observei tudo isto durante o serviço religioso.

As pessoas na igreja pareciam estranhas. Tinha a certeza de conhecer algumas, ou a maior parte delas, mas não estava a ver rostos, apenas os corações empedernidos. Toda a gente a pensar que a minha mãe é que tinha a culpa, que estava a embarcar na última viagem que merecia, naquele caixão branco baratucho. Em momentos como este revela-se um lado cruel das pessoas, que se preocupam unicamente em saber o que terá feito o desgraçado em causa para ter ficado naquela situação lamentável. Constroem um muro para afastar o infortúnio. Observei-os a fazê-lo. Se não conseguiam fazer melhor pela minha mãe, então não significavam nada para mim.

Não me enganara quando, em casa dos Peggots, achara os primos demasiado sossegados: eu era um ser novo e estranho, transformado da noite para o dia. O Creaky gostava de nos chamar órfãos, e eu sempre senti *orgulho* por não ser propriamente o meu caso. Por isso, lá estava eu a fazer o mesmo, a construir o muro, comigo ainda do lado da sorte. Agora, passara para o lado do lamentável, e era o miúdo mais destroçado que se possa imaginar. No início do culto, cantaram aquela música sobre Deus Maravilhoso, e eu senti exatamente o

oposto: dantes via, mas agora estou cego, encontraram-me, mas agora estou perdido.

O pregador e o seu sermão, o pecado e a carne, tudo isso que me absterei de explicar. Não estava a ouvir. Estava a pensar no meu irmãozinho, ali naquele caixão com ela. Não me tinha ocorrido essa parte até ter visto a minha mãe com a Sra. Peggot. Esta deu-lhe uma palmadinha na mão sem vida e disse:

— Pobre mamã, deste o teu melhor. — E foi aí que me lembrei: o *meu irmão* estava naquele caixão. Fui roubado. Que desperdício do caneco.

Eu não fazia tenção de ir vê-la com o Stoner ali em cima a presidir, e de qualquer forma qual é a criança que deseja chegar tão perto de um cadáver, ainda por cima da própria mãe? O meu plano era ficar para trás e deixar que outras pessoas a observassem. Mas a Sra. Peggot estava de olho em mim e, pouco antes de se sentar, disse-me que iria arrepender-me para sempre se não me despedisse antes de fecharem o caixão. Ainda não tinha caído na realidade: estavam prestes a fechá-la ali dentro. Permanentemente. Deixei a Sra. Peggot agarrar-me nos ombros e levar-me até ao altar.

E, mesmo assim, acabei por não me despedir. Estava demasiado chocado. Não apenas por ela estar morta, o que já se esperava. E a parte sobre o meu irmãozinho, inesperada. O pior foi o ar de chateada que ela tinha. Já ouvi dizer que os mortos têm um semblante tranquilo quando iniciam o repouso eterno, mas isso é porque não viram a minha mãe naquele dia. Se eu estava devastado, ela estava *ainda mais*. O que mexeu comigo, pelo menos no que diz respeito à minha teoria de ela ter fugido e escapado impune.

Fiquei ali sentado, naquela igreja, a odiar o mundo. O culto demorou uma eternidade, e o enterro ainda mais. Na deslocação até ao cemitério, acabei por ir numa limusina que supostamente se destinava à família. O agente funerário pôs-me na viatura, embora tivessem sido os Peggots a trazer-me, e o Stoner, mesmo sendo o Stoner, foi ao volante da sua preciosa carrinha. A família da minha mãe, portanto, era eu. Num carro do tamanho de uma sala de estar, com assentos que nunca mais acabavam e botões para controlar tudo e mais alguma coisa. Qualquer miúdo sonha em andar de limusina pelo menos uma vez na vida, seja no baile de finalistas ou em qualquer outra ocasião, mas tirem-me deste filme,

porque eu tive a minha oportunidade, e foi a viagem mais triste da minha vida.

O motorista era filho do agente funerário e vinha acompanhado por uma rapariga, que tinha o cabelo todo apanhado no alto da cabeça com um daqueles ganchos e ia mexendo nos fios louros encaracolados na nuca enquanto os dois conversavam incessantemente. Ouvi-os falar de um jogo de basquetebol cancelado, de alguém a quem tinha sido aplicada uma medida de afastamento, de um tipo que fora apanhado na intrujice e levara uma coça. Informações típicas do secundário. Era um daqueles jovens muito altos com a maçã de Adão proeminente e mãos enormes, a parte de trás das orelhas vermelha, mesmo que, naquela altura tardia do ano, o sol já não castigasse a pele. O que fazia sobretudo era rir-se e assentir com a cabeça enquanto ela falava. Ela tirou os sapatos e pôs em cima do painel de instrumentos os pés envoltos em *collants*. O meu primeiro pensamento foi *Hum, ela não é da família*, e o segundo foi *Ela não veio a este funeral de modo algum*; a verdade é que está vestida de forma bastante provocante, e eles estão para ali a *fazer-se um ao outro*.

Passado um bocado, ele estica o braço e é *ele* que passa o polegar pela nuca dela. Está a atirar-se à miúda, a pensar na rata enquanto me conduz para o sítio onde vou ver a minha mãe a ser enterrada. Para mim foi um golpe duro, perceber que não existe tristeza neste mundo que seja capaz de fazê-lo parar de girar. As pessoas vão continuar a querer o que querem, e um tipo fica por sua conta.

A minha mãe foi enterrada no condado de Russell num talhão em que já estavam alguns familiares do Stoner. Provavelmente já era proprietário do talhão e, como era ele a pagar tudo, cabia-lhe decidir. Mas ela deveria ter sido enterrada com o meu pai. Aparentemente eu perdera todas as hipóteses de ver aquela sepultura, onde quer que ela estivesse, e não voltaria de modo nenhum para o condado de Russell para ficar perto dos parentes mortos do Stoner, assunto encerrado. Estava na mesma situação que o Tommy. Se quisesse visitar os meus pais, teria de deixar para trás pequenas sepulturas falsas no meu caminho que não conduzia a lugar nenhum.

«O que é uma oxi?», perguntara eu. Naquele mês de novembro, ainda era uma novidade empolgante. *OxyContin*, o presente de Deus para o homem despedido

das escavações profundas, com a coluna a ranger como sacos de cascalho. Para a senhora curvada que faz turnos duplos na Dollar General, com os joelhos massacrados e netos com transtorno de défice de atenção com hiperatividade para criar sozinha. Para os jogadores de futebol americano com uma lesão aqui e acolá e com toda a gente na expectativa de que regresse ao ativo. Era a nossa libertação. Abanava-se a árvore, e, sim, mordíamos mesmo a maçã.

O médico que o prescreveu à Louise Lamie, gerente do serviço de apoio ao cliente do Walmart, disse-lhe que era um fármaco mais do que seguro. A Louise tinha a garantia dele. Iria mantê-la de pé durante todo o turno da noite, com as varizes e tudo, e, se aquilo não era um dos milagres de Deus, então haja alguém que me diga qual é. E se alguma colega de trabalho no corredor 19 precisar de algo parecido, seja pedindo-lhe emprestado de forma legítima ou, quem sabe, indo sorrateiramente à mala dela na sala de pausa, o que é um milagre que se espalha, senão mais milagre?

Os primeiros a cair em qualquer guerra ficam esquecidos. Nenhum amor se perde por causa do erro imprudente de uma pessoa. Só depois de uma montanha de corpos ensacados é que pensamos em erguer uma bandeira e designar o erro de forma diferente, porque uma queda a multiplicar por mil tem de significar alguma coisa. Precisa da sua própria marca, alguns apontam para todo o sacrifício.

A minha mãe era o soldado desconhecido. O Walmart teria uma nova repositora, formada a tempo para atender os compradores na quadra natalícia, para suar as estopinhas com os rudolfos insufláveis e morrer de tédio antes da chegada dos doces do Dia dos Namorados. Uma dessas caixas em forma de coração seria comprada pelo Stoner para a empregada menor de idade da Pro’s Pizza com quem ele andava a sair na sua *Harley* sem o consentimento do pai dela. A nossa casa seria minuciosamente desinfetada com lixívia, e todas as carpetes seriam arrancadas, para os Peggots poderem arrendá-la a uma amiga do secundário da tia June que fora deixada de mãos a abanar pelos pais dos seus dois filhos. A tia June provavelmente pressionou-os bastante para ajudarem a amiga dela, sabendo do facto de terem ficado queimados numa situação complicada anterior. Mas, por quererem proporcionar um novo começo a esta

jovem e à sua pequena família, tenho a certeza de que esfregaram o sítio de modo a limpar manchas antigas, incluindo as duas linhas de lápis na parede da cozinha que provavam que, um dia, fiquei um niquinho mais alto do que a minha mãe. A vida dela não deixou marcas em nada.

17

A meio do almoço, eu e o Stoner perdemos o gás na nossa visita supervisionada. Ele dava uma dentada, mastigava, olhava para o invólucro de papel de alumínio, repetia, como se tivesse descoberto uma religião naquele *menu*. Eu continuava a pegar no meu copo extragrande e a olhar para o seu interior, como se este pudesse conter tudo o que eu tinha perdido. Gelo a chocalhar. Basicamente, eram dois tipos que preferiam não se entreolhar. Eu nunca tivera muito a dizer àquele homem, mas o programa de melhoria do Demon servia para nos mantermos entretidos. Normalmente eu deixava-o bastante agitado e nervoso. O que não estava a acontecer hoje.

Continuei a olhar para a menina Pereira, com esperança de que fosse socorrer-nos, mas ela estava a ler um livro. Fora muito explícita a este respeito: a minha mãe queria que eu e o Stoner nos entendêssemos. Quem achar que enfrentar uma mãe é uma tarefa árdua, que experimente desafiar uma que já tenha partido. Ela e o Stoner tinham feito terapia de casal, e ele concordara em recomeçar do zero, família de quatro pessoas e tudo o resto. Mas, com dois dos quatro riscados do mapa, a vontade de avançar era pouca ou nenhuma. A menina Pereira pressionara-o a fazer aquela visita. Agora, ali estávamos nós, com o dever cumprido. Ela continuava com o nariz enfiado no raio do livro.

— Consta que vais mudar de casa.

— Acabo de tirar as minhas coisas de lá logo que tenha tempo. Estas últimas semanas foram um sufoco com as entregas a longa distância. Era bom um gajo ter algum descanso.

Interrogava-me sobre o que ele pretendia tirar mais lá de casa, talvez maçanetas das portas e fios de cobre. Segundo o Maggot, levara consigo armas e

bagagens, e nem o *Satan* ficara para trás.

— Estás a ponderar deixar o condado de Lee? — perguntei-lhe.

Mordeu, mastigou. Olhou para mim.

— Quem é que quer saber?

— Ninguém. Tinha curiosidade em saber. Onde estavas a pensar em viver e tudo isso.

— Volto para Heeltown, no mesmo sítio.

— Pensei que estava outra pessoa nesse apartamento. Um tipo que conhecias.

— Népia.

Imaginei o Stoner a voltar para o sítio onde conheceu a minha mãe, que foi no Walmart, a caminho da secção de artigos desportivos. Poderia rebobinar a vida até àquele ponto, virar num corredor diferente e começar novamente. Encontrar outra namorada que saltasse para a parte de trás da sua *Harley*, com o cabelo ao vento. Lá vão eles. Tive de pôr de parte esta linha de pensamento com medo do que pudesse acontecer: chorar à frente das pessoas ou esmurrar o Stoner. Ele estava a refazer completamente a vida, e eu ficava agarrado às sobras dele e da minha mãe, como um papel arrancado de um embrulho. Aqui, agora, nada.

O Stoner tirou os óculos de sol espelhados e esfregou os olhos. Devolvera a camisa e a gravata do funeral a quem lhas emprestara, mas os óculos de sol que usava dentro de casa pareciam fazer parte do novo visual. Sinal de marido enlutado. Com a cabeça rapada e o casaco de cabedal, porém, os óculos escuros só contribuíam para intensificar um certo ar de marginal.

— Ela poderia ter sido muito feliz — disse ele, do nada. — Ela e eu. Se as coisas tivessem sido diferentes. Era uma miúda de temperamento forte, no fim de contas.

Que necessidade tinha eu de ouvir chamar nomes à minha mãe por um tipo que, em grade parte, lhe tinha cortado as vazas, era uma questão que se punha. *Se as coisas tivessem sido diferentes.* O facto de eu existir é que lhe tinha estragado o magnífico casamento: estávamos nesse ponto. O mesmo monte de tretas à espera de que o pisássemos. Voltei a olhar para a menina Pereira e fiquei chocado ao vê-la a encarar-me. Revirei os olhos para a porta, tipo, *Por favor?* Mas ela franziu o sobrolho, um gesto muito seu que queria dizer *tens muito para*

resolver ainda, miúdo. O que era verdade, não estava errada. A principal questão era saber o que me iria acontecer a seguir e se o Stoner teria uma palavra a dizer a esse respeito.

Os serviços sociais mostraram-se indecisos no início, mas agora inclinavam-se para o sim, o Stoner teria uma palavra a dizer, se quisesse. Comparecera nas sessões de terapia de casal com a minha mãe e mostrara-se disposto a ajudar no meu sustento. E o lábio rebentado, o olho negro, o facto de ter ficado trancado no quarto durante dias a fio? Foram levantadas questões. Mas a minha mãe defendera-o sempre, alegando que eu era uma criança de trato difícil. Dissera que tinha sido ela a responsável pelos maus-tratos, mais do que o Stoner. Ao ouvir este conto de fadas da boca da menina Pereira, fiquei tão zangado com a minha mãe que a quis de volta com o único propósito de lhe chamar mentirosa duma figa. O que não iria acontecer, a não ser que eu tencionasse desenterrá-la da sepultura no condado de Russell. O que estive a ponto de fazer, em vez disso, foi rebentar a janela do lado do pendura da menina Pereira, no dia em que esta me contou. Conversa essa que teve lugar no carro dela, estacionado na Millers Chapel Road. A única coisa que rebentei, porém, foram os nós dos dedos. E a minha credibilidade, por assim dizer. Isto no que diz respeito a ser uma criança de trato difícil.

Não tinha vontade de perdoar à minha mãe a este respeito, mas depois de a menina Pereira me ter acalmado, consegui perceber a lógica. Nunca imaginei que se concretizasse a parte do acordo com o Stoner que me dizia respeito, e disse-o à minha mãe. Diariamente. Uma mãe deve proteger um filho de modo a este não ser obrigado a lamber as botas de um homem e a ser esmurrado por ele. A mãe meteu a pata na poça e sabia disso. Nunca concordara totalmente com todo aquele blá-blá-blá do inventário moral dela, mas agora eu estava a perceber.

Como consequência de ela ter assumido a plena responsabilidade, nunca foi apresentada qualquer queixa contra o Stoner. O que nos deixou livres para discutirmos os nossos sentimentos numa hamburgueria na 58. Normalmente, com um padrasto, suponho que não há nada definitivo no que diz respeito à pensão de alimentos do filho da falecida. Mas, em termos legais, tinha poucas opções. Não era uma boa altura para ele perder totalmente o interesse.

Estava à espera de que ele me interrogasse sobre a escola ou qualquer outra coisa. Andava a fazer progressos em matéria de disciplina e respeito pelos outros. Népia, ninguém por perto, o campo de treino intensivo do Stoner encerrara as suas atividades. É provável que pareça uma loucura, mas comecei a desejar que ele me insultasse o caráter, para mostrar interesse. Eu ia dizendo umas coisas aleatórias, sem pensar, na tentativa de parecer uma pessoa digna, mas, para ser franco, não tinha muito a oferecer. Desde a morte da minha mãe, até deixara de desenhar, a única coisa para que tinha mesmo jeito. Nem sequer conseguia abrir os cadernos para ver o meu material antigo. É mesmo triste, acho eu. Eu era o oposto do Tommy, no que diz respeito à tristeza e ao desenho.

E agora tinha vergonha de mim próprio, a tentar remexer no passado para o Stoner. Disse-lhe que ia para o futebol americano, para a equipa júnior. E que começara a treinar com pesos. O que não era propriamente uma mentira; o Prego-a-Fundo andava empolgado comigo e com o futebol e deixava-me usar os seus pesos livres, ensinando-me a linguagem das partes do corpo que alguns tipos usavam: quadríceps, tríceps, dorsais. Palavras que despertaram o mais ténue lampejo de atenção por parte do Stoner. Durante cerca de dez segundos, antes de voltar a abrir as camadas do seu McRoyal e descartar todos os *pickles*.

Decidi deixar o Stoner dar o próximo passo. Um jogo entediante, pois ele não parecia ter percebido que eu parara de falar. Ficou sem nada de fascinante para comer e pôs-se a olhar em redor como se tivesse aparecido alguém melhor. Eram sobretudo casais com filhos a saborearem as suas refeições económicas em situações que, sem dúvida, eram mais agradáveis. A nossa mesa estava ao lado da porta, por isso recebíamos uma rajada fresca de dezembro cada vez que alguém entrava. Uma espécie de chuva gelada. Naquele outono, eu não tinha nenhum casaco de inverno. A minha mãe queria arranjar-me um, mas nunca o fez.

Eu não dizia nada, o Stoner também não. Peguei na minha *Coca-Cola* e bebi-a. Mas precisava tanto de gelo dentro de mim naquele momento como de um buraco na cabeça. Ficou a doer-me o peito todo. Entrou um casal com uma criança, uma daquelas famílias bem-parecidas em que uma pessoa gosta de acreditar, como num anúncio. O rapazito trazia um casaco acolchoado e umas

botas, mais parecendo um pequeno astronauta a andar na ponta dos pés. A mãe trazia um casaco roxo e botas de cano alto; vinha com as faces vermelhas do frio, aparentava ser jovem. Tal como a minha mãe quando me teve. O marido ou namorado foi fazer o pedido, e ela agachou-se para abrir o fecho-éclair do casaco do miúdo, afastando o cabelo brilhante para os ombros, conversando com o rapaz, sorrindo-lhe como se não houvesse mais nenhum sítio onde quisesse estar. Perguntei-me se a minha mãe alguma vez ficara assim tão entusiasmada comigo. Lutara com unhas e dentes com a família de acolhimento para não desistir do bebé e acabou por ter de sair sozinha, grávida, sem dinheiro e sem namorado. Dizia sempre que eu tinha sido a primeira coisa boa que lhe acontecera. E o entusiasmo parecia ser igual em relação ao segundo bebé, mesmo que o Stoner não partilhasse desse sentimento.

Passava os dedos pelo interior do saco de papel em que vinha a sua dose de batatas fritas e lambia o sal dos mesmos. Vi uns grânulos na sua barba preta. Perguntei-me se alguma vez teria pensado no seu bebé, ou se o tinha esquecido completamente, numa altura em que pretendia fazer um *reset*. No funeral, não houve qualquer referência ao facto de estarmos perante um dois-em-um, pelo que, provavelmente, mais ninguém sabia. Por isso, agora, no mundo inteiro, só me restava deitar-me na cama à noite a pensar que tinha perdido aqueles dois para sempre. Parecia demasiada responsabilidade para uma pessoa só. Toda uma vida do meu irmão que nunca chegou a acontecer. A menina Pereira chamou-me a atenção, apontando para o relógio. Merda e aleluia.

Voltei a embrulhar no papel de alumínio os restos da minha refeição de carne morta, para que descansasse em paz. Ou, pensando melhor, para guardar para mais tarde, porque ficaria esfomeado dentro de uma hora.

— Então, na próxima semana entregam os boletins de avaliação, e estou confiante — disse-lhe. — Se calhar até me põem na lista de honra.

Foi uma bola bombeada para a grande área, mas não deixava de ser uma burrice, se atendermos a que o Stoner se estava a cagar para a escola. Além disso, não era verdade. Mas também não era totalmente falso. Disse-lhe que tinha queimado as pestanas a tentar recuperar trabalho em barda, por ter faltado um mês à escola.

Olhou para mim com uma expressão vazia, deixando de se ocupar com o sal.

— Foi em outubro — continuei. — Estava a fazer a colheita do tabaco.

— Hum — disse ele. — Então, a família de acolhimento não se importa se fizeres gazeta?

— *Foda-se*, Stoner.

Endireitou-se na cadeira como se eu lhe tivesse dado um pontapé e olhou em redor, a ver se via alguma catequista.

— Tento na língua.

Olhei para ele.

— Não há *família*. É um velho que gere uma quinta de escravos para rapazes sem-abrigo. Sabes onde vivo. A menina Pereira falou-te do sítio, e a minha mãe também. Estavas como? Inconsciente? Detesto aquilo.

— Está bem, desculpa. — Abriu as mãos.

— Seja como for, não vou ficar lá muito mais tempo, porque o trabalho está praticamente feito por enquanto. Ele não mantém os rapazes na quinta durante os meses de inverno.

O Stoner limitou-se a assentir com a cabeça, como se eu estivesse a explicar-lhe que tinha a gaveta das meias cheia e precisava de um sítio para guardar mais umas coisas. Na casa dele é que não, isso ficou claro. Queria tanto que ele não se marimbasse, e também que desaparecesse da face da Terra. Desejava as duas coisas ao mesmo tempo. E também não queria ser o rapaz ruivo de onze anos que toda a gente viu a chorar na hamburgueria da Route 58.

Eu ainda tinha uma munição.

— Então, parece que vou andar por aí com o Maggot. Os Peggots convidaram-me para ir com eles para Knoxville depois de a escola acabar. Na próxima semana. Durante as férias de Natal.

O Stoner parecia perplexo. Será que ele não sabia que havia férias escolares no Natal? Teria o seu botão de *reset* apagado realmente tudo, inclusive o inefável filho de uma vizinha que estava atrás das grades?

— Divirtam-se todos — disse ele.

Fiquei com o estômago todo embrulhado. O Stoner não estava disposto a passar disto no que diz respeito ao tipo de pessoas que éramos nesta família.

Era a minha última oportunidade. Era verdade que os Peggots iam para Knoxville. Não era verdade que me tivessem convidado. Mas eu iria. Para onde é que havia de ir senão para lá?

18

Por isso, menti. No último dia de aulas, antes de chegar o autocarro que nos ia levar à festa de Natal organizada pelas Lady Leaders para as crianças carenciadas do condado de Lee. O que, por si só, é vergonhoso. Alguns dos miúdos desta coisa têm idade suficiente para andarem enrolados uns com os outros, mas mesmo assim um dos maridos das Lady Leaders aparece todo alegre e acolchoado, com barba de algodão, e ainda estão à espera de que fiquemos, tipo, *Ena, o Pai Natal!* É uma daquelas situações na vida em que uma pessoa tem de engolir em seco e comer o seu peru com molho. Tinha curiosidade em saber como é que nos tinham escolhido. Teriam as Lady Leaders pedido aos nossos professores que escolhessem, para cada ano, as três miúdas mais galdérias e os três miúdos mais pobretanas? Ora bem, há as Gola Hams deste mundo, e os meninos Houserman, que todos os anos apanham piolhos os seis, faça chuva ou faça sol. Mas a maior parte de nós sai-se razoavelmente bem. Chega então o dia em que chamam pelo nosso nome no sistema de som, para entrarmos no autocarro dos falhados que nos vai levar à festa de Natal, sorte a nossa. Era disso que eu estava à espera enquanto aproveitávamos o tempo na sala de apoio. Eu e o Maggot estávamos a jogar ao jogo da forca. Perguntou-me onde é que iria passar o Natal, se havia prendinhas nas famílias de acolhimento, e a história saiu naturalmente. Disse-lhe que ficaria no abrigo do Exército de Salvação ou numa igreja que acolhesse pessoas sem-abrigo. Para ser franco, eu não fazia ideia; na cave de uma igreja para pessoas sem-abrigo não seria provável. Só queria que isso fosse transmitido aos superiores do Maggot.

Ele estava totalmente em consonância comigo em relação à minha ida para Knoxville. A Sra. Peggot é que *não* estava pelos ajustes. No dia em que viajámos

até lá, percebi que algo mudara. No funeral da minha mãe, representara para mim uma presença tão familiar como qualquer outra que já tivera. Mas o Maggot disse-me que ela tivera de ponderar sobre o assunto durante a noite antes de, finalmente, dizer que sim, ele que venha. Agora, durante a viagem, íamos todos muito calados na carrinha. O Sr. Peg ligou o aquecimento, e ficou tão abafado como num armário. O Maggot pediu-lhe para ligar o rádio, o que ele não fez, e foi isso. Algo se passava e tinha a ver comigo. Percebi que talvez não cheirasse lá muito bem por ter andado a limpar o celeiro no dia anterior e não ter conseguido tomar banho. Levei o rosto à janela para que ninguém visse, caso eu me descontrolasse. Será isto que sou agora, para toda a vida? Ando a ocupar espaço onde as pessoas preferiam que eu não estivesse? Em tempos fui alguma coisa e depois azedei, como leite. O filho de uma drogada morta. Um pedacinho podre de tarte de maçã que toda a gente preferia que não existisse. Removido.

A Emmy Peggot, meu Deus. Nos meses que se seguiram ao verão, ela era toda Disney Channel. Um corta-vento néon, rabo de cavalo saltitante, pósteres de bandas de rapazes afixados por todo o quarto, com as suas belas cabeleiras e rostos carnudos, a ponto de a Sra. Peggot dizer que não se sentia à vontade para trocar de roupa no aposento. O que deixava baralhado o Sr. Peg, que pensava que eram raparigas.

Na noite em que chegámos, a tia June ainda estava a trabalhar, pelo que foi a Emmy que nos recebeu em frente ao prédio. Novo desenvolvimento chocante: a Emmy já ficava em casa sozinha. Nem parecia ela, com as mãos nas ancas, a dizer ao Sr. Peg onde é que deveria estacionar a carrinha. A ajudar a carregar a nossa bagagem no elevador, a dizer «Façam de conta que estão em vossa casa» e «A minha mãe está radiante por terem vindo todos». Sendo que a tia June agora era tratada por *a minha mãe*.

E estava novamente em Knoxville, mais surpresas. No caminho, tínhamos passado por um parque com pessoas a patinarem no gelo, apesar de a região enfrentar uma vaga de calor. Um sol escaldante, pessoas a correrem de calções e casaco de fato de treino. Em qualquer sítio normal, experimente andar num lago coberto de gelo num dia destes: desculpe, amigo, é morte certa. Numa cidade,

porém, estas regras não se aplicam. É como se toda a gente se entediasse com tudo o que fosse normal e procurasse a opção mais estranha.

Isto incluía pessoas que faziam coisas que as mandavam para as urgências de um hospital, e a tia June já estava farta. Queria regressar à terra. Grande surpresa. Ficámos acordados à espera de que ela chegasse a casa porque a Emmy disse que ela tinha uma coisa para nos dizer. Tinha sempre. Sentados no bar da cozinha, pusemo-nos a comer umas asas de churrasco que nos trouxera para a ceia. A tia June ria e chorava, assoando o nariz com maços de lenços de papel. Não aguentava mais ficar enclausurada em Knoxville, longe de tudo e de todos. Se era para dar o litro como dava a fazer curativos àqueles palermas que se tinham aleijado, mais valia fazer curativos aos palermas com quem crescera, até porque o condado de Lee tinha tudo o que uma pessoa pudesse querer. Estava farta de que o chefe das urgências gozasse com ela à frente das outras enfermeiras, chamando-lhe Loretta Lynn. Concluíra um curso na Universidade de Tennessee e arranjara um novo emprego na clínica Pennington, com uma função equiparável a médica assistente. O Sr. Peg deu uma pancadinha na perna e disse que nem queria acreditar, e a Sra. Peggot chorou, ambos pela mesma razão, que era felicidade. A tia June era a menina dos olhos deles. A sua fotografia de formatura ocupava um lugar de destaque na sala de estar deles. Ela era uma lenda: a June Peggot, que bateu todos os recordes, ao obter formação superior em vez de emprenhar, e que foi contratada pelo maior hospital de traumatologia daquela região, que engloba três estados.

Era essa então a notícia. A tia June, que passara a vida até então a tentar livrar-se da lama do condado de Lee que trazia agarrada aos sapatos, veio a descobrir que tudo o que realmente queria eram rostos amigáveis e o cheiro do feno a ser cortado, além de ter um cão com o qual pudesse fazer longas caminhadas pela floresta. O Maggot queria saber que nome pretendia dar ao cão. Ela riu-se. *Rufus*, talvez.

A Emmy também se ia mudar. Tinham resolvido a parte burocrática, e ela fora adotada, revelou a tia June, já não havia segredo. Pôs o braço à volta do pescoço da Emmy e puxou-a para si, as duas radiantes, e não é que pareciam do mesmo sangue?

Mantive-me em silêncio, a comer asas, arrebatado. Só de pensar que a vida poderia mudar daquela forma. Ser filho de uma defunta e, no 7.º ano, começar a chamar mãe a alguém. Deu-me uma sensação mesmo estranha. Continuei a levar a mão à caixa e a tirar mais sem pedir com licença nem agradecer, esquecendo-me, durante aqueles breves instantes, de me sentir a pessoa que ninguém queria.

Naquele Natal, toda a imprensa falava de um homicídio, e a Emmy andava possessa. Plantara-se no chão em frente ao televisor e aguardava as últimas atualizações. Tinham assassinado uma família inteira. Entrevistaram os vizinhos, que disseram o que os vizinhos dizem sempre à televisão após um crime chocante, sobre a vítima ou o assassino: totalmente inesperado, era uma joia de pessoa. Por outras palavras, não andam a prestar nenhuma atenção aos vizinhos. Não é assim no sítio de onde venho, considerando apenas, por exemplo, a forma como os Peggots andavam de olho em mim em vários períodos infelizes da minha vida, começando logo pelo primeiro dia.

O que perturbou profundamente a Emmy foi o bebé que sobreviveu ao incidente. Os assassinos abandonaram-no às portas da morte, tal como o resto da família, na berma de uma autoestrada onde lhes roubaram o carro com extrema violência. A Polícia encontrou-o a chorar nos braços da mãe morta, ao lado do pai abatido a tiro e da irmã mais velha, também sem vida. A televisão mostrava todas as noites a mesma fotografia desta família, todos a sorrirem, roupas a condizer, tirada obviamente antes da merda da viagem. Dava para perceber um certo exagero em termos religiosos, tipo testemunhas de Jeová. Mas aquele bebé louro. Parecia filho da Emmy. Pediu à tia June que descobrisse para que hospital o tinham levado, para poder ligar a perguntar pelo seu estado de saúde. Resposta: nem pensar, e a Emmy que encontrasse uma coisa mais adequada com que ocupar a cabeça. Ela que deixasse de ver os telejornais, nos quais esta história era sempre notícia de abertura, mas a tia June, no turno da noite, não estava em condições de nos impedir. Foi então que o Sr. e a Sra. Peggot mostraram interesse, quase com a mesma intensidade que a Emmy.

Diga-se, porém, que as notícias eram más em todo o lado, sendo que os homicídios eram apenas um dos aspetos da questão. Influenciado pelo que via na

televisão, sempre pensei que, nas cidades, as pessoas vivessem na maior. Não é verdade. Durante a nossa estadia, chegou finalmente a vaga de frio, e os noticiários mostravam todos aqueles desgraçados a tentarem entrar na biblioteca, nos terminais rodoviários, etc. Para dormir. Como se não tivessem família. Quer dizer, é chato invadirmos a vida de pessoas que, de facto, não nos querem. Mas é porque não vimos infelizes como estes, sem ninguém cuja vida pudessem invadir, sem nada para comer. Porque onde é que uma pessoa vai conseguir roubar uma maçã de uma árvore? Na cidade, quem não tiver dinheiro está tramado, não há volta a dar. O que tem consequências catastróficas, como roubos de carros.

Depois de a tia June ter tomado uma posição firme em relação à conversa sobre o bebé e o homicídio, a Emmy precisava de mais alguém com quem falar. Escolheu-me a mim. A tal conversa começou algumas noites depois da nossa chegada. Tinha tantas merdas em que pensar que me custava conciliar o sono, por isso ficava acordado, afundado no sofá, enquanto o Maggot roncava que nem um porco. Dormia que nem uma pedra, mas fazendo-se ouvir. A Emmy, sendo já demasiado crescida para dormir com os primos, dormia com a tia June, enquanto o Sr. e a Sra. Peggot se alojavam no quarto dela com os Backstreet Boys.

Silenciosa como uma gata, entrou na sala de estar. Veio ter comigo e ficou ali de pé na penumbra, magricelas, com a sua camisa de dormir branca, como se estivesse prestes a desfazer-se e a deixar pó nos dedos de alguém que lhe tocasse. Onde é que estava agora a menina Cumprimenta-me-os-Calções? Seria a Emmy diurna uma farsa e esta rapariga de asas de traça a versão real? Será que eu tinha obrigação de dizer alguma coisa? Sentou-se no chão e começou a chorar. Baixinho, com exceção de uns ligeiros suspiros, como se fosse tomada de surpresa repetidas vezes.

— Ainda é sobre o homicídio? — acabei por perguntar. Sem se virar, assentiu com a cabeça. — Chiça — exclamei. — Pessoas a morrerem sem nada que o justifique. Tenho pena delas por isso.

— Ele é tão pequenino e ficou sozinho. Não consigo parar de pensar nele. Sei que devia.

— A culpa não é tua. Não podes controlar verdadeiramente o que te vai na

cabeça. — Virou-se e olhou para mim. Endireitei-me. — Sei que toda a gente diz isso. Limpa a tua cabecinha juvenil e põe lá alguma coisa que valha a pena. Estou sempre a ouvir essa conversa e fico, tipo, *A sério?* Basta borrifar com um limpa-miolos para resolver a questão? Como é que isso funciona?

— Oh, meu Deus — disse ela. — A tua mãe. Lamento a tua perda.

Parecia um adulto a falar. Fiquei admirado por ela saber da minha mãe. Agradeci-lhe, e também lamentei a dela.

— Antes da tia June, digo eu. Se é que houve alguma verdadeira nalgum momento.

— A minha mãe biológica. Pois. — Encolheu os ombros. — Nem consigo falar dela.

— Mas agora és adotada. Sendo assim, talvez tenha acabado por ser melhor.

— Oh, sem dúvida. Tenho sorte.

— Garanto-te que tens. Não desejaria a ninguém uma família de acolhimento.

— É assim tão mau?

— Até agora, sim. Detesto aquilo quase do início ao fim do dia. É uma espécie de cruzamento entre prisão e jogo do mata. E a comida não chega.

— Jogo do mata, como quando brincamos com miúdos mais velhos que querem gozar connosco?

— Sim. Magoam-nos e depois gozam connosco.

Ela parecia estar a pensar no assunto. Acho que estava mesmo a dar voltas à cabeça.

— Os miúdos sofrem maus-tratos? — sussurrou. — Já ouvi falar disso.

— A minha mãe passou certamente por merdas desse tipo, abusos sexuais, quando era pequena. Numa casa que se considerava cristã. Eu basicamente ando com olhos nas costas, noite e dia.

Ela piscou os olhos algumas vezes. Fiquei admirado por conseguir vê-la bem no escuro. Sabia que era melhor não causar nenhum choque à Emmy, por ela já estar perturbada. Mas foi ela que perguntou. Nunca ninguém fez tal coisa. Disse-lhe que havia de certeza boas famílias de acolhimento por aí, verdadeiros anjos, como toda a gente diz. Mas ainda não os conhecia, porque não aceitavam miúdos como eu.

— O que é que queres dizer com isso, miúdos como tu?

Encolhi os ombros.

— Sei lá.

A Emmy respirou fundo e confessou.

— Fui tão má contigo e com o Matty no verão passado. Peço desculpa. Já passou um ano. — Mais uma vez, era como se ela se tivesse tornado a mãe de alguém ou uma das senhoras da igreja mais simpáticas. Não conseguia perceber com o que estava a lidar. Queria ser mais velho.

— Estiveste bem — disse eu. — Às vezes.

Ela sorriu.

— Sim. Depois de me teres salvado dos tubarões. — Ergueu os joelhos e mostrou-me a pulseira de prata que lhe dei naquele dia. Estava a usá-la no tornozelo.

É mesmo dela, pensar numa coisa daquelas. Nem acreditava que ela ainda a tinha.

— Não é que te fossem derrubar. Nunca percebi porque é que estavas tão assustada.

— Se calhar por serem animais ferozes com dentes que parecem punhais? Porque é que tu *não* estavas assustado?

— Não havia razão para isso. Não tenho medo, e pronto. Gosto de pensar no mar e em tudo o que vive nele. É como uma limpa-miolos para mim. Acalma-me ou assim.

— Oh… a sério. Os tubarões acalmam-te.

No decorrer da conversa reparei em traços da Emmy de sempre a virem à tona, mas não queria saber. O que talvez quisesse dizer que aquilo que estávamos a fazer, fosse o que fosse, não iria, pura e simplesmente, eclipsar-se de manhã.

— Não me refiro especificamente a tubarões — esclareci. — Mas ao facto de estar debaixo de água. Pus-me lá e flutuei. Bem, já sabes. No filme do meu crânio.

— Tens um filme no *crânio*? Conseguias ver-te a *afogar-te*. Isso é relaxante.

— Sei lá. Isso é a única coisa má que de certeza nunca me vai acontecer.

— E porquê? Tiveste natação na Juventude da Cruz Vermelha?

Ri-me.

— Não. Para dizer a verdade, nunca nadei assim tanto. Em água que tivesse mais de uns centímetros de profundidade.

— Mesmo assim és à prova de afogamento. Porquê?

Nunca contara a ninguém a forma estranha como tinha nascido. Mas estar acordado às escuras com uma miúda escapava à minha normalidade. O mundo inteiro em silêncio. Tentei esclarecer a questão da melhor maneira: apanhei a minha mãe de surpresa, saindo tão depressa que ainda estava na bolsa de águas que protege os bebés na vida anterior.

— Saco amniótico — esclareceu a Emmy.

— O quê?

— Nasceste no saco amniótico. É esse o termo médico. A minha mãe viu isso acontecer uma vez e disse que até os médicos ficaram assustados. Não ias acreditar se te dissesse quantos bebés é que nascem no serviço de urgências.

Em relação à tia June e ao serviço de urgências, nada me espantaria. Mas fiquei contente por saber que o que me tinha acontecido era real, que tinha um nome.

— Sim, é isso. Estava no saco amniótico. Quando isso acontece a alguém, é uma garantia de que a pessoa não se vai afogar. O mar é uma coisa gigantesca que nunca me vai derrotar.

A Emmy riu-se.

— É só uma velha superstição de gente labrega.

Fiquei ligeiramente ressentido com ela por isso. Mesmo que tivesse razão.

— Foi a tua mãezinha que me disse, por isso fala com ela. Aproveita para perguntares sobre aquela história de Jesus regressar dos mortos.

Estávamos a conversar muito baixinho, com o rosto a escassos centímetros de distância um do outro. Endireitei-me. O que quer que fosse acabou. Provavelmente, de manhã, seria algo que nunca tinha acontecido. Mas ela não se foi embora. Endireitou-se também, fitou-me durante alguns instantes e disse aquela palavra que detesto:

— Desculpa.

— Pois, tudo bem. Não tem importância.

— Mas tem. Percebo porque é que queres pensar num sítio totalmente seguro. Depois de tudo aquilo por que passaste. A tua mãe e tudo.

— A morte da minha mãe nem sequer é a pior parte, se é que queres mesmo saber.

Sentou-se de frente para mim, à espera. Cheirava a champô de fruta. Apetecia-me dizer algo cruel, ou apenas a verdade. Tinha vontade de lhe contar sobre o meu irmãozinho, que, na prática, era mais novo do que o bebé da família assassinada e que tinha morrido. Disse a tal palavra: *Desculpa*.

— Mas sabes uma coisa? Se aquela criança acabar por morrer, não é a pior coisa que lhe pode acontecer. Estar morto é melhor do que ser órfão a vida inteira.

— Não! — disse ela, tão alto que levou a mão à boca. Em seguida, afastou-a e sussurrou: — Ele tem avós. Estão noutro país, mas vão buscá-lo.

— Bom para ele. Alguém o quer.

Estendeu a mão e tocou-me na cabeça. Ninguém me tocava desde o tempo em que a minha mãe o fizera. O meu cabelo estava por conta própria naquele momento, e eu tinha noção da minha triste figura. Naquele ano, os braços já não me cabiam nas mangas, e o corpo revestia-se de penugem ou mudava de forma, até a parte óssea do nariz, não sei bem como. E ainda dormia com a camisa do Tommy.

— Coitado de ti, Demon — disse ela, baixinho. — Não encontram ninguém para te adotar?

Até àquele dia sempre me chamara Damon, como a Sra. Peggot e a tia June, para mostrar que estava do lado deles. Não queria ser nenhum coitadinho. Mas senti vontade de beijar a Emmy. Ou de vomitar, tal era a minha baralhação. Talvez as duas coisas. No entanto, era melhor fazê-las pela ordem correta.

— Toda a gente acha que a adoção é uma coisa automática — disse-lhe. — Mas há muito mais crianças órfãs no condado de Lee do que pessoas a quererem ficar com elas. A minha assistente social diz que não é nada pessoal.

— Ela é simpática, ao menos? A tua assistente social?

De certa forma, tive a perceção de que não deveria referir que a menina

Pereira era uma miúda. Ou que eu guardava coisas para lhe contar de uma semana para a outra, porque ela era a única pessoa com quem falava.

— Tem montes de crianças a seu cargo. Sobretudo mais novas do que eu. Por isso, já sabes. Se tiver um minutinho, já é bom.

— Deve ser tão difícil.

Estávamos os dois deitados de barriga para cima, e ela olhou-me nos olhos, comungando da minha tristeza durante uns instantes. Nunca irei esquecer aquela sensação. Era como não ter fome.

19

Em casa da June, tinha a sensação de estar a mais. É um sentimento que paira sobre uma pessoa como um odor. Tomava banho depois de trabalhar no celeiro do Creaky, mas isto não é coisa que saia com lavagens. Com o tempo uma pessoa habitua-se, mas não é nada agradável sentirmo-nos muitas vezes excluídos em todo o lado. Quem tenha passado pelo mesmo sabe do que estou a falar. Para quem não tenha, está tudo bem.

A June, porém, não se importava comigo, ou então sabia mostrar simpatia, fosse sentida ou não. É algo que provavelmente ensinam na escola de Enfermagem. Lia-me os pensamentos, tal como acontecera em relação à ida ao aquário. Mais uma vez, levou-nos a sítios que eram do meu agrado. A pista de *skate*, mesmo que o Maggot e a Emmy não gostassem, porque nos limitávamos a ver. Mas, meu Deus. Para miúdos que vivem em sítios sem calçada, ver indivíduos a andar de *skate* na televisão é como ver desenhos animados ou ficção científica, uma pessoa não vai nessa. Mas vê-los na vida real? Porra! Não cabia em mim de contente. Parecia que aqueles miúdos voavam.

Era assim a June, antevia os meus pequenos momentos. Punha-me mais comida no prato em todas as refeições. Não como as Lady Leaders — para mostrarem que o faziam —, mas em silêncio. Eu tentava portar-me como deve ser e não agir como se andasse esfomeado desde agosto.

O que eu temia era a manhã de Natal. Os Peggots tinham levado presentes, que amontoaram debaixo da árvore da tia June, mas estranhamente não havia nenhuma discussão acerca deles, ninguém os abanava nem inspecionava as etiquetas para ver quem ficava com o maior. Por causa de mim, do miúdo que não deveria estar ali. Estranho. Fazia tenção de não marcar presença na manhã

de Natal. Iria fingir uma dor de estômago ou prolongar o banho até abrirem todos os presentes. Só queria que o Natal não existisse.

O pior era à noite, comigo e com o Maggot praticamente debaixo da árvore com os presentes. Que não era uma árvore, aliás, apenas uma imitação, pequena, montada sobre uma mesa. Seria de esperar algo melhor de alguém tão chique. Mas onde é que uma pessoa vai encontrar em Knoxville um cedro para cortar? Lá na terra, qualquer agricultor nos deixa ir buscar ao renque que lhe serve de vedação. Na Quinta Creaky, nas pastagens, cortamos cedros para amontoar e queimar, porque são demasiados e só incomodam. Era uma coisa que a tia June detestava em Knoxville, o facto de ficar tão longe de tudo: de árvores de Natal gratuitas, para dar apenas um exemplo.

Dei comigo a pensar em merdas como a última fogueira de cedro que tínhamos feito na Quinta Creaky, a qual ficou ligeiramente fora de controlo com o Trocas e a gasolina. O Maggot adormecera. E, de repente, a Emmy toca-me nas costas. Quase me borrei todo, ao rolar e vê-la deitada a escassos centímetros de distância. Não estava à espera de que ela voltasse. Desta vez não andava obcecada com o bebé da família assassinada, o que era um alívio. Estávamos sossegados como antes, e o Maggot continuava a dormir. Ou então quis ser amigo. Acabou por não dizer nada no dia seguinte, nem em nenhum outro, porque aconteceu todas as noites depois disso. Ela também não me apanhou outra vez de surpresa. Mantinha-me sempre atento.

Sobre aquelas almofadas, falávamos de tudo e mais alguma coisa. Do que gostávamos, do que detestávamos. Contei-lhe a minha história em relação às banheiras, por o meu pai ter morrido num lugar chamado Devil's Bathtub[15]. Na verdade, disse-lhe que só quando era pequeno é que tinha medo delas. Não se riu, no entanto. Estava com medo da mudança, de deixar Knoxville. Eu nem queria acreditar. Disse-lhe que há árvores, montanhas, rios, pássaros a cantar-nos aos ouvidos, temos por lá todo o resto do mundo, além de gente, que é apenas uma das coisas. Podíamos ir para onde quiséssemos sem adultos, mesmo à noite. A floresta. Percebi que estava a contar-lhe tudo isto e quase me esquecia da minha vida caótica, porque, de certa forma, ela estava em pior situação do que

eu. Ela nunca tinha visto um pirilampo. É uma coisa trágica, pura e simplesmente. Expliquei-lhe as diferenças entre os vários tipos. Um deles fica completamente escuro, a seguir todos piscam juntos, aos milhares, um enorme clarão que percorre o riacho. Um espetáculo que pode deixar uma pessoa extasiada.

Com o tempo, começámos a abordar o aspeto mais sombrio das coisas. O meu irmãozinho falecido, por exemplo. Como a Emmy acabou por ficar com a tia June, outro exemplo. Uma complicação dos diabos. Acontece que ela tinha uma mãe sempre à solta, namorada do pai, o Humvee, que tinha morrido. Ouvira dizer que fora um acidente de caça. A Emmy disse que sim; um dia ele tinha ido comprar fraldas, mas acabou por ir à caça ao peru com uns amigos. Três homens, três caçadeiras de doze chumbos e uma garrafa de *whisky*, sendo que uma garrafa já é demais no espaço acanhado de um abrigo para a caça ao peru, como toda a gente sabe, exceto eles, obviamente. Meu Deus. Ela disse que foi a caçadeira do Humvee, mas havia versões diferentes, ou ele a disparou acidentalmente, ou alguém se sentou em cima dela. Ficou em tão mau estado que não pôde ser tratado no hospital de Pennington, tiveram de levá-lo para Knoxville, com grande perda de sangue pelo caminho.

Coitada da Sra. Peggot. Dada a presença do *whisky*, não é de admirar que ela tivesse as suas regras em relação ao que apodava de licor demoníaco. No que toca à Emmy, dizia ter algumas culpas no cartório, tendo em conta o *stress* e a sobrecarga que um bebé pode acarretar a um pai tão jovem. Na altura, a namorada do pai estava em casa com ela, praticamente alheada da questão, provavelmente há muito tempo apenas à espera daquelas fraldas. Contudo, por ser uma mãe adolescente e ter ficado arrasada com o incidente, transformou-se numa mãe problemática em todos os sentidos. Os Peggots tiveram de intervir e levar a Emmy. Foi então que, no ano seguinte à morte do Humvee, a filha deles, a Mariah, foi parar à prisão por problemas próprios, e o Maggot também acabou por precisar de cuidados. A família, por assim dizer, entrou numa fase negativa.

Era uma novidade para mim, que a Sra. Peggot tivesse acolhido não só o Maggot, mas também a Emmy antes dele. Dois pequerruchos para criar. São assim os Peggots, com as portas escancaradas. Sabia que tinham levado outros

primos para passar verões inteiros, incluindo o Hammerhead Kelly e suas meias-irmãs depois de os pais se terem separado, e foi assim que o Sr. Peg o iniciou na caça ao veado. A Emmy perguntou se o Hammerhead ainda aparecia por lá ou se tinha mudado de casa com o pai após a separação. Respondi-lhe que ele ainda estava com a madrasta, a Ruby, que era irmã da June e a preferida do Sr. Peg. Não puxei o tema da caça, devido ao infortúnio do pai da Emmy, além de não saber a opinião dela, citadina como era, sobre a questão de andarem aos tiros ao Bambi, mas sabia que o Hammer e o Sr. Peg ainda caçavam juntos. Muitas vezes, no outono, via o Hammer a desmanchar um veado na calçada de acesso à casa deles. Era impressionante observar aquele matulão a fazer deslizar a faca pela carcaça abaixo com tanta delicadeza, livrando-a das tripas e dos bofes, que se espalhavam pelo chão. Como se estivesse a ser gentil para com aquele veado, mesmo depois de morto.

Disse à Emmy que ele agora se chamava só Hammer e que vinha ajudar em coisas para as quais a idade do Sr. Peg se mostrava impeditiva, como limpar algerozes. Basicamente era um neto dos Peggots, embora, em bom rigor, não houvesse entre eles nenhum laço de parentesco. Disse-lhe que, basicamente, eu também o era, por ter sido criado por eles, pelo menos no que diz respeito aos aspetos essenciais. Confessei-lhe que, durante muito tempo, chegara a pensar que a Sra. Peggot era a minha mãe verdadeira.

A Emmy arregalou os olhos e fitou-me. Quase me assustei ao ser olhado daquela forma.

— Até gostavas que ela fosse, não é? — perguntou. — Para isso, tinham de adotar-te. — Beijou o próprio dedo e tocou-me na face.

— Só que isso não é provável que venha a acontecer.

Queria que ela dissesse que eu não tinha razão, mas ela rolou sobre as costas, olhando para o teto. Reparei que estava a pensar no assunto. Nunca tinha visto de tão perto o rosto de outra pessoa. Ela tinha sardas cor de açúcar mascavado e uma pequena linha prateada a atravessar uma das sobrancelhas, no sítio onde, dizia ela, um gato a arranhara. Aquele sulco ínfimo abrira alas entre os pelos da sobrancelha, os quais não voltaram a crescer naquele sítio.

Voltou a rolar o corpo para me encarar.

— Não sei. Não adotaram legalmente nenhum de nós. Em relação ao Matty, são apenas tutores. A mãe dele continua a ser a mãe dele.

— Não que ela tenha voto na matéria estando em Goochland — comentei. — Sem querer ofender ninguém.

A Emmy, porém, estava noutra, com o pensamento posto no seu passado caótico. O que me abalou profundamente. Dado que os Peggots são pessoas tão decentes.

— Ficarem com nós os dois era demais — disse ela. — Vê só, ele, recém-nascido, e eu, uma criança. Pobre mamã. Precisava mesmo que a tia June ficasse comigo. Nunca pensei muito nisso até recentemente, mas, quer dizer, quem é que *faz* uma coisa destas? Assumir a responsabilidade de criar o filho de dois anos do irmão que faleceu, enquanto ainda está a tirar o curso de Enfermagem?

June Peggot, era a resposta. Os Peggots tinham trazido a casa móvel do lado para ela poder ter o seu sítio com a Emmy e continuarem a ser uma família, enquanto a June concluía o curso. Era a mesma casa que mais tarde seria da minha mãe, depois da minha mãe e minha, quando a June conseguiu o emprego no hospital e passou a viver com a Emmy em Knoxville. A verdadeira e problemática mãe da Emmy ainda aparecia em casa dos Peggots de vez em quando, ameaçando ir a tribunal para recuperar a filha. Agora não tinha condições para tal, por ser consumidora de drogas intravenosas, sem-abrigo, etc., mas isso não a impediu de aparecer a meio da noite, batendo à porta com força, armando um pé de vento para ver a filha. Os Peggots não revelaram que a Emmy se encontrava no Tennessee, para ela não ir atrás da June e tentar roubar-lhe a miúda. Daí o grande segredo. Mas a galdéria da mãe acabou por concordar em ceder a guarda da filha definitivamente. Ámen e aleluia, a tia June finalmente sagrava-se vencedora naquela guerra de maternidade.

Perguntei-lhe como se sentia, depois de ter sido doada pela verdadeira mãe. Respondeu-me que tinha tudo o que uma pessoa poderia desejar numa mãe. Ela não queria saber se algum dia voltaria a pôr os olhos na outra.

Como consequência de todas essas conversas, acabei por me apaixonar a sério pela Emmy. Era bonita e parecia uma pessoa adulta. Durante o dia, não o demonstrávamos. Quando saía com ela e com o Maggot, tentava agir

normalmente, mas às vezes dizia coisas para a impressionar. Contava-lhe, por exemplo, que os outros rapazes em acolhimento elogiavam os meus desenhos. E que era amigo do Prego-a-Fundo, ídolo do futebol americano. Ela limitava-se a dizer qualquer coisa por cortesia, mas o Maggot desfazia-se em elogios sobre ele. Esqueci-me de que o Maggot o conhecia desde a altura em que me visitaram na quinta. O que contribuiu para despertar o interesse da Emmy, a ponto de esta confessar que gostaria de conhecer o famoso Prego-a-Fundo.

Por isso, agíamos com naturalidade, e eu ficava sem saber se aquilo era real ou apenas algum jogo secreto que ela andava a jogar. Mas ela, quando estava a ler, deixava que eu me sentasse no sofá ao pé dela, e debaixo do cobertor os seus pés tocavam nos meus. Tirando os olhos do livro, sorria para mim, e, caramba! Eu ficava desfeito. No verão, ela anunciara uma vez que iríamos casar, o que era uma daquelas merdas próprias de crianças. Como se alguém me desse dinheiro do Monopoly e dissesse: «Toma lá, vai comprar uma casa.» Mas agora bastava-me pensar na Emmy, no seu rosto ou no cheiro da sua pasta de dentes para sentir um certo despertar do companheiro lá de baixo. Não é uma daquelas merdas próprias de criança. À noite, enquanto conversávamos, estava mortinho por beijá-la, embora me faltasse a coragem. Foi ela que acabou por o fazer. Perguntou-me se eu queria passar à segunda fase, e era óbvio que eu queria, embora não soubesse exatamente em que consistia. Ouvira diferentes versões. Disse que sim, e ela pegou-me na mão, enfiou-a na gola do vestido e pousou-a no seio. Mamilo e tudo, quente e macio. Meu Deus. Agora tinha uma função corporal totalmente nova que me metia medo, por estar tão confuso e feliz ao mesmo tempo. Mas mantive-me firme. Disse-lhe que a amava e coisas do género. E também que, quando ela voltasse para o condado de Lee, poderíamos passear com o cão da tia June, o *Rufus*.

A seguir, tinha um novo limpa-miolos para me acalmar: caminhar na floresta com a Emmy. Imaginava-nos de mãos dadas, talvez com o nosso cão. A sermos adultos. Seria muito mais seguro do que sermos crianças.

Para o pequeno-almoço do dia de Natal, convidaram a mulher dos gatos, a Sra. Gummidge, que vivia no andar de baixo, onde a Emmy ia dormir quando a

tia June fazia turnos à noite. A Emmy ainda não tinha idade suficiente para passar a noite sozinha naquele prédio de estranhos, de perigos tamanhos, embora fosse diplomada em cuidados diurnos de crianças e diabruras com pauzinhos de gelado. Imaginei que a mulher dos gatos também não receberia presentes, pelo que poderíamos ficar sentados lado a lado a observar os outros, e assim não seria obrigado a demorar-me na casa de banho.

A Emmy avisou-me de que a Sra. Gummidge era uma pessoa triste e para não nos rirmos dela; caso contrário, a tia June daria cabo de nós. Respondi-lhe que não estava em condições de fazer juízos de valor, sendo o jogador principal da equipa dos tristes. Mas esta senhora, note-se bem, era outro nível. Estávamos todos «Feliz Natal, Sra. Gummidge!» E ela tipo:

— Bom, pode ser, não sei. Não tenho andado nada bem. — A tia June perguntou-lhe pelo *Caim* e pelo *Abel*, os tais gatos, e ela respondeu: — Bem, estão os dois às portas da morte há bastante tempo. Mas talvez seja melhor assim. Se eu morresse primeiro, não sei quem é que ficaria com eles.

A Sra. Gummidge era irmã de alguém que os Peggots conheciam no condado de Lee, e por isso sabiam que era pessoa de confiança e não uma estranha qualquer. Ajudara a tomar conta da Emmy desde a mudança deles para a localidade, por isso estavam habituados a ela, mas Deus nosso Senhor! Ela tinha um comentário negativo para cada ocasião. A árvore de Natal não era bonita? Bem, dizia ela, muitas vezes é por aí que começam os incêndios. Sim, o tempo estava quente, mas isso queria dizer que o inverno duraria mais tempo. Tinha umas meias grossas castanhas dobradas até aos joelhos que usava noite e dia por causa das varizes, que lhe davam dores atrozes. Tinha um nome para elas, tipo meias de compressão. Não perguntei, pode crer. Veio do nada. Durante todo o pequeno-almoço, que consistia em panquecas e toucinho, a Sra. Gummidge foi explicando que se sentia desamparada no mundo e demasiado achacada para ser uma boa companhia para quem quer que fosse, desde o falecimento do Sr. Gummidge. A Emmy olhava para mim com a boca fechada e puxada para os lados como um peixe, tentando conter o riso. Não me parece que o semblante da tia June diferisse muito deste.

No entanto, mostravam-se todos simpáticos com ela. Chegou a hora dos

presentes, e, para nossa surpresa, também os havia para a Sra. Gummidge e para mim. Ela recebeu um roupão cor-de-rosa felpudo que disse ser tão bonito que nem se importava de ir a enterrar com ele vestido. Para mim, havia coisas do «Pai Natal» em que claramente tinham posto novas etiquetas em cima da hora, como meias (eu calçava o mesmo número que o Sr. Peg), um Stretch Armstrong, um Bop It e cartas do Pokémon decerto destinadas ao Maggot, que concordara em abdicar delas para mim.

Mas a tia June deu-me um presente incrível: um conjunto de marcadores para fazer banda desenhada, com ponta fina de um lado e grossa do outro, num sortido de cores para além do imaginável. Só de cor de pele, oito tons diferentes. Também um caderno a sério, com as linhas divisórias dos quadradinhos já impressas. Nem podia acreditar no que estava a ver. Após o falecimento da minha mãe, deixara de sentir vontade de desenhar, mas agora estava ansioso para me enfiar nalgum sítio e começar. Faria uma banda desenhada com a tia June no papel de Enfermeira Maravilha a pôr um coração novo num menino a quem lho tinham arrancado.

Na última noite antes de sairmos, a Emmy estava destroçada. Disse-lhe que iríamos ver-nos a toda a hora quando se mudassem para o condado de Lee. Mas primeiro a tia June era obrigada a cumprir o contrato de trabalho que tinha com o hospital, pelo que não seria antes de maio. Até sempre, por outras palavras. Haviam decorrido apenas trinta e nove dias desde a morte da minha mãe e do meu irmão, mas este período parecia-me mais extenso do que toda a minha vida até então.

Tentei debruçar-me sobre os aspetos mais positivos, como ficar surpreendido com a forma como os Peggots me presentearam. Perguntei-lhe se achava que era um sinal de que talvez me quisessem adotar. A Emmy aconselhou-me a não criar expectativas, mas não custava nada perguntar. Tarde demais, as esperanças estavam criadas. A Sra. Peggot já dissera que eu poderia ficar em casa deles depois de regressarmos, até a escola recomeçar, em vez de voltar para a Quinta Creaky. O que tinha certamente algum significado.

A Emmy, porém, ficou toda tristonha, deitada de costas, com lágrimas a escorrerem de um lado e doutro, o que me deixou praticamente de rastos.

Perguntou-me se esperaria por ela sem, entretanto, arranjar outra namorada antes de maio. Disse-lhe para não se preocupar com isso. Imitando o tom de voz de uma velhinha, descansei-a:

— Sinto-me demasiado desamparado para ser uma boa companhia, a não ser que arranje uns gatos à beira da cova.

E ela riu-se, por isso foi uma boa piada. Divertimo-nos a zombar da Sra. Gummidge e acabámos às gargalhadas. O que é lamentável, mas sabe como é. Somos crianças. Perguntei-lhe há quanto tempo tinha morrido o Sr. Gummidge.

— Não faço ideia — disse ela. — Conhecemo-la desde sempre, e nunca houve nenhum Sr. Gummidge na história. Nem sei do que é que ele morreu.

— Provavelmente enforcou-se — disse eu. — Com as meias de compressão.

Escangalhámo-nos a rir. O Maggot também. Estivera acordado todo aquele tempo.

Estávamos de regresso a casa dos Peggots uns dias antes de eu ganhar coragem, mas chegou a altura. A casa num sossego. O Sr. Peg levou o Maggot e uns primos a jogar *bowling* com a liga juvenil da igreja. Convidaram-me, mas eu disse que não me apetecia. Depois de saírem, desci as escadas até à cozinha, onde a Sra. Peggot estava a cozinhar um enorme caldeirão de feijão-frade, um prato que tinham sempre no Ano Novo, para entrarem no ano com o pé direito. Coisas dos Peggots. A minha mãe dizia-me sempre que nunca ouvira falar em tal coisa. Mas basta olhar para a sorte dela.

Fiquei por ali a ver a Sra. Peggot a pôr ingredientes na sopa. Cebola, cenoura, muito mais do que feijão-frade, além de ter de cozinhar o dia todo e mais algum tempo. Juntava sempre o osso grande do presunto do campo que comiam no Natal. Este ano tinham levado o presunto para Knoxville para o jantar de Natal; depois embrulharam o osso em papel de alumínio e trouxeram-no de volta. Por isso, aquele osso tinha mais quilómetros em cima do que a maior parte das pessoas que eu conhecia. Tudo em prol da sorte. Da panela saía vapor, que embaciava a janela e conferia um odor magnífico à cozinha. Disse-lhe que ela era a melhor cozinheira e que aquela era a melhor casa em que já tinha estado. Olhou para mim por cima do ombro e voltou a mexer a sopa. Agradeci-lhe os

presentes que ela e o Sr. Peg me tinham dado no Natal, disse-lhe que não estava nada à espera. Na altura, agradecera-lhe, mas queria desfazer-me em cortesias antes de abordar a questão principal.

— Tivemos um bom Natal, não foi? — perguntou ela.

E respondi-lhe que sim, que me divertira imenso em Knoxville e estava feliz por ela me ter deixado vir. Ela continuava a mexer a sopa. Disse-lhe que a sopa cheirava lindamente e acrescentei:

— Quem me dera não ter de deixar esta casa.

Ela baixou o colherão e ficou parada a olhar pela janela embaciada. Em seguida, desatou o avental e veio sentar-se à mesa. Tinha os óculos tão embaciados que eu nem lhe conseguia ver os olhos, e durante breves instantes fiquei apavorado. Lembrei-me do Stoner com os seus óculos espelhados e de todos os outros adultos que pareciam ter ficado cegos quando precisavam de olhar para mim. Depois o vapor dissipou-se, e vi-lhe os olhos azuis, ainda meio turvos. O Maggot dissera-me que ela tinha cataratas e precisava de ser operada. Ainda assim os seus olhos viam-me.

— Estás a perguntar se podemos ficar contigo permanentemente, Damon?

Tive receio de lhe responder que sim. Por saber que a resposta seria não.

Para minha surpresa, ela e o Sr. Peg já tinham conversado sobre o assunto. Na semana a seguir ao funeral, a menina Pereira fora falar com eles sobre um possível acolhimento, dado que eu me sentia mais à vontade com eles do que em qualquer outro sítio. Ao que parece, os serviços sociais tinham desmascarado as mentiras do Stoner e decidido que os Peggots seriam a melhor opção para mim. Por isso, ela e o Sr. Peg tinham falado a esse respeito. Longamente, disse ela. Mas decidiram que não podiam. Não na condição de tutores ou família de acolhimento ou a qualquer título oficial.

Fiquei com ódio à menina Pereira por não me ter contado. Só me apetecia desaparecer, tanta era a vergonha. A Sra. Peggot parecia triste e continuava a esfregar a cabeça. Tinha o cabelo grisalho todo emaranhado, como se, naquela manhã, se tivesse esquecido de o pentear, o que talvez não tivesse importância. Ninguém olhava assim tanto para uma senhora daquela idade, incluindo eu, geralmente. Mas agora olhei. Ela era a minha única hipótese.

Disse-me que seria sempre bem-vindo quando quisesse visitá-los. Contudo, estavam a ficar velhinhos, ela e o Sr. Peg, cuja artrite era tão forte que lhe causava dores na perna noite e dia. Além disso, ele tinha diabetes, o que o obrigava a levar injeções no abdómen. Não referiu o problema que lhe afetava os olhos, mas deu para perceber a ideia. Acrescentou que faltavam apenas dois anos para a mãe do Maggot ser libertada, ou talvez até acontecesse mais cedo, por bom comportamento. Não era provável, considerando que se trata da Mariah. Mas, a dada altura, iria buscar o Maggot para acabar de o criar. Perguntei onde, e a Sra. Peggot disse que eles teriam uma casa própria.

Nem conseguia imaginar o Maggot a morar noutro sítio senão aquela casa.

— Ele sabe disso? Que vai ter de mudar de casa?

— Sim, meu querido. Ele sabe. Ficaremos um pouco tristes, mas um rapaz deve ser criado pela mãe, e é isso que ela quer. Eu e o Sr. Peg nem sempre podemos cuidar dele, agora que está a ficar tão crescido.

O Maggot não estava assim tão crescido, para ser franco. Para a idade que tinha. Eu é que estava. Fiquei calado.

— Tu e o Matty daqui a nada sem darem conta serão adolescentes. Vão aprender a conduzir e começar a atirar-se às miúdas. Deus nosso Senhor. — Ela sorriu e parecia triste ao mesmo tempo, acenando com uma mão como se estivesse a enxotar mosquitos. Aquela mão parecia ter cem anos. Articulações e cartilagem.

Não tinha pensado no caminho que tínhamos pela frente. O Maggot a aprender a conduzir, a atirar-se a quem lhe desse na cabeça, um desastre, possivelmente. Já andava às turras com o Sr. Peg por causa do cabelo comprido, da música que lhe agradava, de algumas das suas revistas estranhíssimas. Atitude, de modo geral. Nada como as guerras de atitude entre mim e o Stoner. Mas dava para ver que as brigas de baixo nível progrediam passo a passo, havendo mais perigos nos níveis mais altos, como no Super Mario.

Tinha curiosidade em saber se a menina Pereira dissera aos Peggots que eu era uma criança de trato difícil.

— Não vou fazer nada dessas coisas de adolescentes — disse-lhe eu. — Ia obedecer. A si e ao Sr. Peg, prometo. É possível que conseguisse que o Maggot

se portasse melhor.

Em vez de olhar para mim, a Sra. Peggot fitou a janela. Começava a nevar, o mundo inteiro tão absurdamente silencioso. Ouvia o tiquetaque do enorme relógio que tinham no outro compartimento, pousado na cornija da lareira junto ao retrato da Santa Tia June. Ela também não me ia salvar.

— Mas, e se — comecei, e recuei, e comecei novamente: — Posso ajudar muito, por exemplo a carregar as compras e coisas pesadas. E se eu ficasse só até a mãe do Maggot sair, e, quando ele mudasse de casa, eu encontrasse também outro sítio para viver?

A Sra. Peggot disse que também tinham conversado sobre isso com a menina Pereira. Mas ela entendia que não era boa ideia. Disse-lhes que é dificílimo encontrar casa para os adolescentes, pelo que era melhor arranjar-lhes algum tipo de solução permanente enquanto fossem mais novos, se possível. Prometera aos Peggots que continuaria a trabalhar nesse sentido.

E foi isso. O Sr. e a Sra. Peggot, desta vez, queriam experimentar ser avós normais e deixar de ser pais. A menina Pereira havia de encontrar pessoas simpáticas com menos idade que pudessem acolher-me definitivamente.

Não deveria ter ficado chocado. A Emmy avisara-me, e, muito francamente, eu sabia que era mais sensato, mas sentia alguma relutância. Agora tudo se desmoronava. Pus-me a chorar à frente da Sra. Peggot. Foi horrível. Ela teve de ir desencantar uma caixa de lenços de papel e esfregar-me as costas como um bebé.

— Meu querido, sinto muito — disse repetidamente.

Detestava tanto aquelas palavras que só me apetecia esmagá-las com os punhos.

O pior era aquela choradeira, com a vergonha que sentia. Mesmo no funeral da minha mãe, nunca derramei uma lágrima, por odiar toda a gente. Duro como uma pedra. Mas o facto de a tia June se mostrar tão simpática e a Emmy andar apaixonada por mim acabou por me amaciar. Acreditava que os Peggots diferiam do comum dos mortais, que eram especiais, no que diz respeito ao mandamento de Jesus de amarmos o próximo como a nós mesmos. Por amor de Deus, foda-se, será que eu não tinha aprendido a lição? As histórias que contam na

catequese não passam de uma espécie de banda desenhada de super-heróis. Contar com Jesus para salvar o dia não é mais real do que enviar o sinal do Batman.

[15] Devil’s Bathtub: literalmente, «Banheira do Diabo». (*N. dos T.*)

20

A partir daquele dia, naquela cozinha, encontrava-me sozinho. Ano Novo, vida nova, ainda não estava na minha casa a pagar as contas, mas era assim que me sentia: dono do meu próprio destino. Sem que isso me agradasse minimamente.

A menina Pereira arranjou uma nova família para me acolher, os McCobbs: senhor e senhora, rapaz e rapariga do 1.º e 2.º anos, que davam pelo nome de Brayley e Haillie, além de dois bebés cujo nome nunca cheguei a perceber, porque toda a gente lhes chamava os Gémeos. Berra-Que-Se-Farta Um e Dois seriam nomes adequados. Um deles adormecia, o outro irrompia numa choradeira, incitando-se um ao outro, e pouco se dormia naquela casa. Também havia pouca alegria.

O principal problema daquela família era que andava nas lonas. Nunca se viu ninguém tão aflito por questões pecuniárias. O Sr. McCobb muitas vezes tinha trabalho, mas entre uma coisa e outra, com o Brayley a precisar de ténis topo de gama, a Haillie a pedir cinco dólares para tentar a sua sorte na equipa juvenil de *tumbling*, os bebés a precisarem de fraldas e por aí adiante, além da saga dos cartões de crédito, com os quais puxavam a manta para tapar a cabeça deixando os pés ao léu, ficavam sem cheta todos os meses, sem conseguirem juntar as pontas. A Sra. McCobb andava numa enorme aflição devido ao facto de o Brayley e a Haillie, por não terem o que as outras crianças tinham, serem alvo de chacota na escola. O que é uma preocupação legítima, acredite que sei bem, pois ficava na fila todas as sextas-feiras sem falta, para receber as Mochilas do Amor, também conhecidas como sacos de alimentos, que as senhoras da igreja enviavam para casa nos fins de semana, para as crianças que tinham direito a

almoços grátis não passarem fome. Nunca conheci uma realidade diferente, sempre fui uma dessas crianças, pelo que, à medida que fui crescendo, acabei por desenvolver uma couraça contra essas adversidades, tão forte quanto consegui. Mas ninguém tem vontade de enveredar por esse caminho se puder evitá-lo. Sendo que tanto o Brayley, um daqueles miúdos pequerruchos, mas rechonchudos, tipo larva roliça, como a Haillie, mergulhada no seu mundo de bonecas *troll* e póneis arco-íris, tinham um alvo nas costas. Se esses dois passassem para a banda das Mochilas do Amor, correriam perigo de vida.

A Sra. McCobb disse-me que nunca na vida pensara que um dia teria de se rebaixar a ponto de acolher uma criança. Mas, ao receber esse dinheirinho extra todos os meses dos serviços sociais, talvez pudessem dar a volta à situação. Além disso, estavam a ser bons cristãos, e, se o assunto viesse à baila na escola, eu não deixaria de o dizer.

O Sr. McCobb era fértil em ideias no tocante a conseguir o tal dinheirinho extra para dar a volta à situação, e levara a maior parte delas à prática: vender produtos da Amway, criar cachorros de raças reconhecidas pelo Clube Canino Americano, embora com documentação falsa, propaganda pessoal, ser doador de esperma, etc. Além de comprar bilhetes de lotaria, obviamente. A sua ideia mais recente fora acolher uma criança. Se corresse tudo bem comigo, poderiam acolher duas, pelo dobro do dinheiro. Não me senti ofendido. O Creaky afirmava sem rodeios que queria quinhentos por mês por pessoa. Eu estava por dentro da situação.

O problema com o qual o Sr. McCobb não contava, porém, era a necessidade de gastar dinheiro comigo. Por exemplo, comprar mais mantimentos para eu poder comer. Na primeira semana naquela casa, perguntou-me se iria dar uma ajuda com as minhas refeições e restantes despesas.

— Dar uma ajuda, como? — perguntei. Não fazia a menor ideia do que estava a falar.

— Só uns cobres, amigo. Para comprarmos mais comida.

Estávamos os dois sentados à mesa da cozinha a desempenhar uma tarefa na qual eu lambia os selos e selava envelopes depois de o Sr. McCobb ter enfiado folhetos nestes. Cada vez que ele se inclinava para pegar em mais folhetos, eu

via-lhe o couro cabeludo cor-de-rosa a brilhar no topo da cabeça, por entre os fios do cabelo cortado à escovinha.

— Eu cá sou todo pão, pão, queijo, queijo — esclareceu ele. — No que toca à tua camarata, vai ser barátis. — Explicou que barátis queria dizer que não me iria cobrar nada pelo quarto.

— Obrigado — agradeci, embora aquilo fosse o quarto dos cães.

No dia em que me levou a casa deles, a menina Pereira inspecionou o quarto todo bonitinho aprovado pelos serviços sociais, que supostamente era para mim, com papel de parede de *cowboys*, colcha do Woody do filme *Toy Story*, etc. Só que, depois de ela sair, vim a saber que era o quarto do filho, o Brayley. A Sra. McCobb disse para não contar à menina Pereira ou seria recambiado, por isso não contei. Dormir no quarto dos cães dos McCobbs era preferível a qualquer coisa que os serviços sociais pudessem engendrar a seguir. Nesse aposento, um anexo nas traseiras, havia uma máquina de lavar roupa e uma de secar, e o pavimento estava em avançado estado de decomposição no sítio onde a antiga máquina de lavar perdera água. Era preciso cautela ao andar, para o linóleo não ceder. Fora palco da criação de cachorros há algum tempo, e o cheiro mantinha-se. Além disso era barulhento, com a máquina de lavar roupa e a de secar a funcionarem a toda a hora — pudera, com tantas crianças e bebés.

O Sr. McCobb perguntou-me como me estava a dar no dito anexo. A mulher dele comprara-me uma daquelas camas com colchão de ar e uma cómoda de cartão para as minhas coisas, por isso disse-lhe que estava tudo bem. Mas que não podia pagar as minhas refeições, por não ter dinheiro. Lamento.

O Sr. McCobb parou de encher envelopes e semicerrou os olhos, como se estivesse a analisar toda a minha situação. Tinha uns olhos castanhos tão escuros que olhar para ele era como espreitar para dois buracos. Intensos.

— É um défice, amigo. Tens aqui um problema. Mas não é nada que não se resolva.

— Está bem — disse eu.

Lambi mais uns selos para o projeto dele. Este tinha a ver com comprimidos de algas glaucas que supostamente poderiam curar fosse o que fosse, exceto um coração desfeito. (Ou seja, o mesmo que o Sr. Peg dizia sempre a respeito da fita

adesiva.) O Brayley e a Haillie estavam lá em cima, cada um no seu quarto, onde travavam uma guerra de decibéis entre o *Rei Leão* e as Spice Girls no leitor de CD, e a Sra. McCobb encontrava-se no quarto a tentar dar de comer aos gémeos. Em suma, uma agitação e peras vinda lá de cima.

Não me sentia tão bem-vindo lá em cima, por isso não pusera lá os pés, a não ser daquela vez em que a Sra. McCobb nos apresentou a casa e mostrou à menina Pereira o meu pretenso quarto. No andar de baixo, a cozinha era o único sítio onde se podia andar, sendo que o resto era escuro, pois mantinham as persianas da sala de estar permanentemente fechadas devido à falta de móveis. Como os McCobbs viviam numa rua movimentada, acho que não queriam que, no condado, toda a gente ficasse a saber que não tinham mobília na sala de estar. A menina Pereira ficou bastante admirada a este respeito. A Sra. McCobb disse que, uns meses antes, ainda tinham alguma. O mais bonita que se possa imaginar, da Goodman's Furniture, não do Walmart, além de um conjunto de quarto de um estilo particular, com todas as peças a condizerem. Nesta altura, porém, o quarto do Sr. e da Sra. McCobb só tinha o colchão que, felizmente, conseguiram manter, porque os tipos da recuperação de bens não levam colchões usados.

A cozinha era um bom sítio, além de me dar fome. Eu fingia que o sabor dos selos dos envelopes do Sr. McCobb era uma coisa melhor, como *Gushers* de morango, mas o estômago rosnava de tal forma que me deixava embaraçado. Espojada no chão, a *Missy*, a buldogue deles, não ligava nenhuma à tigela de ração meio cheia pousada ao pé da porta. Ração vermelha e grossa que dava ares de carne. É provável que pareça doentio, mas até *aquilo* me dava fome.

O Sr. McCobb sugeriu que eu pensasse em arranjar um emprego em horário pós-escolar. Disse-lhe que o meu problema é que eu tinha onze anos. Sempre ouvira dizer que não contratam ninguém com menos de dezasseis anos. Respondeu-me que essas regras só se aplicavam a determinados casos, e que as crianças mais novas estavam autorizadas a trabalhar em empresas familiares.

— Como estou a fazer agora? — Fiquei animado, a pensar que talvez me fosse pagar. Mas não. Disse-me que não contava por causa de uma coisa chamada nefrotismo. Não podia pagar-me e acolher-me ao mesmo tempo, pelo

que eu teria de procurar noutro lado. Acrescentou que iria manter as antenas no ar.

O Sr. McCobb era a honestidade em pessoa naquela família, segundo ele próprio, mas muitas vezes eu não tinha a mínima noção do que ele estava a dizer. Ele fazia sempre questão de sublinhar que tinha mais experiência de vida do que qualquer um. Serviu nas Forças Armadas na operação Bright Star e noutras, o que explicava o corte de cabelo e a forma de vestir, não eram *t-shirts*, mas sempre camisas, como se fosse chefe de alguma coisa. Depois de regressar a casa vindo do Médio Oriente, usou os benefícios para se formar em Administração de Empresas na Mountain Empire, daí saber lançar uma empresa. Tinha uma lista de tudo aquilo em que era especialista. A Sra. McCobb dizia que seria uma tolice não o contratarem, e a verdade é que o contratavam, de duas em duas semanas: loja de artigos médicos, posto de gasolina, serviço de manutenção de relvados e árvores, empresa de instalação de pavimentos e outros sítios onde trabalhou durante a minha estadia, nos anos anteriores e ainda hoje, se me pusesse a adivinhar. O vencimento nesses sítios era pior do que mau, e ele tinha demasiadas habilitações, além de saber muito mais do que os seus supervisores. Uma pessoa não pode ficar muito tempo numa situação dessas.

Do que mais me lembro daquele ano é da comida. Não de a ingerir, mas de *pensar* nela. As refeições na casa dos McCobbs nunca bastavam para me compor o estômago. O jantar geralmente consistia em hambúrgueres que o Sr. McCobb ia buscar a um *drive-through* a caminho de casa, dois para cada um dos adultos e um para cada uma das crianças. Talvez umas batatas fritas para partilhar. Ou a Sra. McCobb levava ao micro-ondas umas refeições prontas da *Lean Cuisine* que tinha no congelador, novamente uma para cada uma das crianças e duas para cada um dos adultos. Comprara uma catrefada dessas pequenas refeições em caixinhas, que estavam em promoção, porque andava a tentar perder o peso que ganhara na gravidez. Com bebés em quadruplicado, era uma daquelas mulheres com o rosto pequeno e bonito e o resto do corpo meio almofadado.

Guardava caixas de *snacks* em cima do frigorífico, e refiro-me a todo um sortido: *Pringles*, *Oreos*, *Dunkaroos*, era um autêntico festival de *snacks* nas

alturas. Eu ficava à espera de que alguém me desse a minha malga com um *snack* como na casa da tia June, mas na casa dos McCobbs nunca ninguém me dizia: «Faz de conta que estás em tua casa.» Embora eu não tivesse outra. A seguir às aulas, a Sra. McCobb às vezes ia buscar uma caixa lá acima e dava-nos um *snack* a cada um, mas não era todos os dias, e eu sabia que não era de bom tom pedir.

Felizmente, a menina Pereira continuava a entregar os impressos que me davam direito a receber almoço grátis na escola, mas o meu nome estava fora da lista das Mochilas do Amor, por as senhoras da igreja terem descoberto que estava a cargo de outra pessoa. Na escola, percorria o refeitório com mais uns tipos à caça de batatas fritas ou do que conseguíssemos apanhar. O Maggot já não estava neste filme. Alimentavam-no em casa com sopa de feijão-frade, biscoitos de presunto, tartes de maçã e todas as iguarias de que me lembro, e nem por isso se mostrava assim tão grato, para ser sincero. Ainda éramos unha com carne e irmãos de sangue, claro, mas em janeiro fomos transferidos para novas salas de apoio depois de todo aquele marmelanço entre certos grupos de rapazes e raparigas na sala anterior, pelo que pouco lhe punha a vista em cima, a não ser que as nossas horas de almoço coincidissem. Quando falávamos, contava-me que a Sra. Peggot perguntava por mim. Qual seria a resposta adequada a isso? Disse-lhe para não se preocupar, que eu estava numa nova família de acolhimento com quarto próprio, e era uma maravilha. Acrescentei que tinham um cão, para lhe meter inveja. Disse-lhe «*Temos* um cão», embora, em boa verdade, a cadela deles, a *Missy*, não me ligasse nenhuma. Possivelmente por ter sido expulsa do seu quarto. Nunca demorávamos muito no refeitório. Eu despachava sempre o almoço em três tempos e depois mantinha-me nas imediações das prateleiras da cozinha onde a malta deixava os tabuleiros. Alguns alunos, sobretudo alunas, devolviam os tabuleiros com o almoço praticamente intacto e saíam airosamente, como se a comida crescesse nas árvores. Maçãs sem uma dentada, pacotes de leite por abrir. Até doía imaginar o mesmo cenário noutros períodos de almoço em que eu não estivesse lá para arrebatar aquilo. Ou seja, *alunos do 1.º ano,* provavelmente a deitarem fora o melhor que havia. Dá dó tanto desperdício.

No dia a dia, ia sobrevivendo. Os fins de semana eram difíceis. Sonhava com comida de forma intensa. Tipo estar a comer uma *pizza* enorme com *pepperoni*, sentindo aquele cheiro de carne apimentada, o queijo borrachoso nos dentes, e a seguir, pumba! Acordado. De regresso ao quarto dos cães, esfomeado. Inspecionava o monte de roupa suja à procura de comestíveis. A Haillie às vezes deixava uma caixa de rebuçados de hortelã-pimenta ou coisa do género no bolso dos calções. Eu farejava como um cão.

Bem me apetecia dizer à Sra. McCobb a fome que tinha, pode crer. Talvez referir que, tendo mais de metro e meio de altura e calçando mais do que qualquer pessoa naquela casa, eu pendia mais para o lado do pessoal de dois hambúrgueres do que de quem só tinha direito a um, como os filhos deles, que andavam no 1.º e no 2.º anos. Tive esta conversa com ela na minha cabeça, de todas as formas e feitios. Terminava sempre como a minha última conversa com a Sra. Peggot. Naquela altura, tinha perdido toda a esperança de ser resgatado. Já me queixara à menina Pereira, e ela conversou com eles, mas os McCobbs ficaram chocados e disseram que me alimentavam noite e dia; como era possível um rapaz continuar esfomeado depois de comer tanto quanto eu? A menina Pereira acreditou neles. Disse-me que, se a primeira dose não chegasse, que pedisse para repetir, pelo amor de Deus. Mesmo que lhe passasse pela linda cabecinha que estava a lidar com gente mentirosa e trapaceira, pouco podia fazer. Via-se obrigada a deixar andar.

Agarrava-se a uma teoria diferente: eu tinha de ser mais incisivo com eles. Teria ela desistido dos seus sonhos? Não, trabalhou com afinco para obter o que queria. Estaria eu à espera de que alguém cuidasse do Damon se ele não cuidasse de si próprio? A vida é o que fazemos dela! Só que a menina Pereira não cresceu numa família de acolhimento. Não fazia ideia de como é que as pessoas conseguem viver no limite do que é viável. Se uma pessoa exagerar, pode acabar por cair do raio de um precipício.

A Sra. McCobb não era assim tão má, só que perdia a cabeça com aqueles miúdos em cima dela a toda a hora. E era mesmo *em cima* dela. Os bebés dormiam ou ficavam acordados, comiam, gritavam, mudavam de fralda, etc., lá

em cima, no quarto dela e do marido, e na maior parte dos dias ela não vinha cá abaixo antes do meio-dia ou mais tarde, de pijama e roupão. Ou, se vinha vestida, era um género de indumentária que não dava para afirmar cem por cento que não era pijama. Trazia o cabelo apanhado num rabo de cavalo mal-amanhado que raramente via água. Conversávamos no carro, onde ela me dava a conhecer as suas preocupações, sobre as quais eu deveria guardar segredo, e guardava mesmo. Não seguia a recomendação da menina Pereira de Falar em Prol do Demon nestes momentos. A ideia de as pessoas quererem ouvir sempre os nossos problemas é coisa de criança. Eu tinha olhos na cara. Reparei que a Sra. McCobb não andava de bom humor.

A razão de estarmos no carro era ela levar-me às casas de penhores. Seria difícil conceber que houvesse naquela casa algum objeto penhorável, mas ela arranjava sempre alguma coisa. Um colar de pérolas que pertencera à mãe. Coisas bonitas, joias que ela pretendia manter, mas que depois não conseguia. Ou um dos dois *Walkmans* que os filhos tinham recebido dos avós. Decidiu que poderiam ficar só com um e partilhá-lo. Houve ataques de nervos. A pequena Haillie aos berros como se alguém quisesse matá-la, a mãe a arrancar-lho das mãos, o Sr. McCobb a dizer que, seja qual for o preço que ela venha a conseguir por aquela porcaria fabricada na China, espera que valha a pena aquela birra medonha.

E artigos para bebés, meu Deus. Nem havia espaço para eles lá em cima, amontoavam-nos na sala de estar vazia. Tudo como se fosse novinho em folha. Nem pode imaginar o equipamento que têm inventado para bebés: baloiços, assentos insufláveis, o chamado ginásio infantil. Como se uma criança precisasse disso. Alguém gastara uma pipa de massa com aqueles gémeos. Eram os pais da Sra. McCobb, que estavam bem na vida e viviam na cidade longe dali. Em Ohio. Foi onde ela cresceu, e aparentemente não conseguia assentar aqui, sempre com vontade de comprar do bom e do melhor, sem que eu conseguisse adivinhar exatamente quem é que ela queria impressionar. Não falava com os vizinhos. Dizia que os pais não aprovavam o Sr. McCobb, mas adoravam gastar dinheiro com as crianças, e que a deserdariam caso descobrissem que andava a pôr tudo no prego. Tendo em conta, porém, o cagaçal que se gerou à volta do *Walkman*, é

provável que fosse uma jogada inteligente venderem a tralha dos bebés agora, antes que estes se apegassem àquilo.

As nossas idas às casas de penhores aconteciam aos fins de semana, sempre que o Sr. McCobb não precisava do carro e podia cuidar dos dois filhos mais velhos. A ideia era acabar por conseguir um segundo carro ou, idealmente, um monovolume para ela poder levar a criançada toda a lugares divertidos, mas até agora a única coisa que estava a conseguir levar eram objetos para as casas de penhores. Íamos a outras em Pennington Gap ou viajávamos até Jonesville ou Rose Hill. A Sra. McCobb dizia que gostava de diversificar. A parte que eu gostava acontecia no caminho de regresso, quando parávamos na Sonic para comer um hambúrguer, caso as vendas tivessem corrido de feição. Mas eram viagens longas, fique a saber. Rose Hill, com os gémeos, cada um na sua cadeirinha, numa estereofonia de berros.

Embora fizesse viagens tão longas para diversificar, a maior parte dos donos das casas de penhores já conhecia a Sra. McCobb, e era por isso que ela me levava. Estacionava na rua e mandava-me entrar num desses estabelecimentos com as joias ou com a cadeira de baloiço para bebé, e ela ficava lá fora. Coisa estranha, eu a tentar negociar com aqueles velhos prestamistas, carrancudos como eram. Ofereci-me para ficar com os bebés para ela poder entrar, mas não. Explicava-me sempre o que deveria dizer, zircónio cúbico genuíno, embalagens de fábrica, etc. Estava instruído a dizer que tinha a minha mãe doente, dando a entender que era a Sra. McCobb, mas mesmo assim eles topavam. Ou seja, é o condado de Lee, uma pessoa pode fugir, mas não se pode esconder. O tipo da Here Today Loan and Pawn limitou-se a abanar a cabeça e a dizer que sabia que a Eva McCobb estava sentada no carro dela, pelo que era melhor ir buscá-la.

Assim fiz. Seguiu-se um duelo de gritos, com ele a vir atrás dela até ao passeio a dizer que, se o orgulho a impedia de entrar no estabelecimento, que mandasse o marido, em vez de impor a um rapaz uma tarefa própria de um homem. E com ela a responder aos berros que ele era um forreta do pior, que não pensasse que estava tesa a ponto de aceitar qualquer mísero valor que lhe oferecesse. E ele a replicar no mesmo tom que fosse choramingar para a terra dela. Etc. Sendo que era sábado e estávamos no centro de Jonesville, pelo que

atraíram uma multidão bem composta.

Ela não abriu a boca durante toda a viagem de regresso, exceto para jurar que nunca na vida se divorciaria do Sr. McCobb. Era uma coisa que dizia assim, do nada. Sem que ninguém lhe pedisse que se divorciasse dele, que eu soubesse.

Eu tinha fome a toda a hora, mas as noites custavam mais. Desenhava imagens de alimentos, páginas e páginas. Frangos assados com as respetivas coxas. Costeletas de porco, puré de batata. Passava horas a aperfeiçoar o sombreado. A dar os últimos retoques. Aquela rapariga da escola, a Maisie Clinkenbeard, talvez pensasse que eu gostasse dela, por me sentar sempre muito perto dela. Mas era para ver o que trazia na lancheira. Na verdade, algumas miúdas competiam na questão do almoço. A Bettina Cook julgava-se a campeã, com os seus pudinzinhos individuais e sanduíches cortadas aos triângulos; era a secretária do pai que a ia levar à escola, e segundo constava tinha uma empregada em casa que lhe cortava as tais sanduíches. Eu estava, tipo, deitam fora as côdeas? Para mim era a Maisie Clinkenbeard. Tenho como certo que era uma mãe a embalar-lhe aqueles almoços, e estamos a falar de algo incrível todos os dias, fatias grossas de presunto, salada de batata, sobremesas caseiras. Um quadradinho de tarte de pêssego. Neste momento, era capaz de desenhar aquela tarte.

Por volta do final de janeiro, comecei a entrar sorrateiramente na cozinha à noite para saquear os *snacks*. Tinha o cuidado de nunca tirar muito da mesma caixa e fechava sempre a embalagem exatamente como a encontrava. Só que, passada uma semana ou mais, quando cheguei da escola, reparei que já não havia nada em cima do frigorífico. *Hum*, pensei. *Acho que a Sra. McCobb quer que toda a família perca uns quilinhos.*

Mas não. Os *snacks* não tinham desaparecido, apenas mudado de sítio. A Sra. McCobb debruçou-se sobre mim, enquanto lavava os biberões no lava-louça, e senti-lhe os *Oreos* no hálito. As crianças vinham a descer as escadas a saltitar, com pedacinhos de *Pringles* agarrados ao raio do pijama em tudo quanto era sítio. Lá tinham os seus esconderijos. Recriminei-me e pus-me a pensar como é que sabiam que eu tinha roubado. Era tão cuidadoso, esperava deitado na cama

até toda a gente adormecer. Agradecendo a Deus a comida que estava prestes a tirar. A seguir entrava sorrateiramente e tomava a minha sagrada comunhão: exatamente duas *Pringles*, um *Oreo*, um punhado de cada cereal. Nunca embalagens inteiras de *Dunkaroos* ou qualquer coisa que pudessem detetar. Como raio é que sabiam?

A única forma de descobrir alguma coisa naquela casa era através da Haillie. Por exemplo, sobre a empresa de buldogues ingleses registados que, na verdade, eram um cruzamento entre o rafeiro deles e uma coisa que afinal não enganou ninguém. Tentou três ou quatro ninhadas, com cães diferentes, até que desistiu. Depois disso, a *Missy* recusou-se a voltar para o quarto dos cães, por isso não fui eu. Más recordações, digamos antes. A Haillie achava os filhotes muito fofinhos, e cada vez que o pai os tirava dali por não terem sido vendidos punha-se a chorar para ficar com eles todos. Fazia sempre isto. Era assim a Haillie, pensava que podia ter tudo e mais alguma coisa se chorasse o suficiente. Era o que havia, e esta criança que se comportava como um bebé acabava por ser o único membro da família que dizia o que lhe ia na alma sem rodeios. Para mim, era um tiro no escuro.

No entanto, fiz pela vida e consegui angariar o apoio da Haillie. Muitas vezes ela ia até ao meu quarto quando estava sentado na cama insuflável, o único assento disponível no aposento, além das pilhas de roupa. Era uma cama com tamanho próprio para uma criança pequena, o que talvez explicasse o facto de não me alimentarem, para eu não ficar com os pés de fora. Lá ia fazendo os meus desenhos, a olhar para cima, e ela, no vão da porta, punha-se a observar-me, aquela miúda pequenina, que segurava uma boneca *troll* pelo cabelo azul. Tinha curiosidade em saber há quanto tempo estaria ali parada. Seria coisa de rapariga, aproximar-se sorrateiramente de um rapaz enquanto este está na cama, sem as suas defesas? Só que isto era diferente da Emmy, obviamente, por a Haillie ser uma criança. Tinha os olhos castanhos do pai, uns buracos escuros na cabeça. Deixava-a sentar-se e ver-me a desenhar. Obrigava-me a desenhar cachorros vezes sem conta, e foi assim que veio à baila a história dos cães, além de outras que eram lamentáveis. Os pais tinham brigas a valer, sendo que uma vez a mãe lhe atirou um liquidificador inteiro com um batido *light* lá dentro.

Deixava-a usar os meus marcadores para escrever o seu nome no meu caderno. Sendo inexperiente, ela punha um pontinho em todas as letras de «Haillie», incluindo os eles, e foi assim que fiquei a saber como se escreve o nome dela. Já «Brayley», bem, só Deus sabe.

Por fim, perguntei-lhe diretamente o que tinha acontecido aos *snacks*. Disse que a mãe agora já os deixava, a ela e ao Brayley, guardar comida nos quartos. Perdeu-se em detalhes a este respeito, confessando que gostava de tirar as pepitas de chocolate das *Chips Ahoys*, etc., e eu ali quase a desmaiar. Até que se acendeu uma pequena lâmpada naquela cabecinha. Inclinou-se e sussurrou:

— Queres que te traga algum?

Eu disse que sim, se ela não se importasse. Perguntou-me o que é que eu queria.

Pedi-lhe que me trouxesse talvez um pacotinho de *Oreos*, e ela «CHIU!», pondo-me a mão na boca. Ajoelhou-se e, com os lábios a tocarem-me o ouvido, sussurrou com o tom de voz mais sumido que conseguiu:

— Vou trazer-te um pacote inteiro, mas não digas nada a ninguém. Não os comas aqui. Leva-os lá para fora.

Perguntei-lhe porquê. Simulou que fechava a boca com um fecho-éclair e apontou para a prateleira sobre a máquina de lavar. Havia tralha lá em cima, todas aquelas coisas do costume para as quais uma pessoa não olhava duas vezes. Embalagens de detergente, um balde de plástico. Folhas para máquina de secar. E um monitor de bebé. Um daqueles com câmara.

21

O Sr. McCobb arranjou-me um emprego no Golly’s Market, uma pequena estação de serviço na Route 58. Na placa ainda se lê «Mary’s Mini Mart», um vestígio do passado, antes de a Mary McClary se divorciar e abalar para Nashville para tentar a carreira de cantora. Isso é outra história.

No meu primeiro dia, o Sr. McCobb foi levar-me e apresentou-me ao proprietário, o Sr. Golly, que era estrangeiro e tinha sotaque. Ia de autocarro todos os dias depois das aulas, e a Sra. McCobb ia buscar-me. O estabelecimento tinha *snacks* e comida, pelo que eu podia jantar lá gratuitamente, estando a refeição incluída no meu salário, o que acabava por ser o único aspeto positivo daquele trabalho no Golly’s Market. O proprietário dizia que metia dó a quantidade de cachorros-quentes e coisas do género que se via obrigado a deitar fora, depois de as deixar debaixo da lâmpada de aquecimento durante o dia. Por isso, lá tinha de ser eu o caixote de lixo dele, ai não!

Além de comida e gasolina, no Golly’s Market vendiam-se as coisas que uma pessoa normalmente gosta de comprar a caminho de casa: bolinhos embalados, cerveja, *Tylenol*, pastilhas *Nicorette*, etc. Os artigos mais caros, como medicamentos e cigarros, eram mantidos numa prateleira atrás do balcão. O Sr. McCobb a conversar com o Sr. Golly, e eu ali nervoso. Sem fazer ideia de como operar uma caixa registadora, e ainda por cima a vender cigarros e cerveja? Iria parar à cadeia? Chegar às caixas de cigarros não era um problema, sendo eu ligeiramente mais alto do que o Sr. Golly, que parecia uma arvorezinha castanha que alguém se esquecera de regar. As pessoas davam-me sempre mais idade. É provável que ele não soubesse que eu tinha onze anos, e talvez o Sr. McCobb estivesse a contar com isso. Mas eu tinha a certeza de que a legislação previa

quem podia vender o quê neste país.

Só que eu não iria vender nada. Iria trabalhar para uma empresa diferente nas instalações geridas por uma pessoa que foi indicada ao Sr. McCobb pelo Murrell Stone. Comecei a recuar pela porta fora, dizendo «N-*ão*, nem pensar em lidar com o Stoner», e eles disseram «Não, não é ele. É um amigo dele». Não fazia ideia de que o Sr. McCobb conhecia o Stoner, mas, repito, estamos no condado de Lee.

Desejou-me boa sorte e partiu. Fiquei à espera, enquanto o Sr. Golly trancava a caixa registadora, limpava as mãos e me acompanhava até à rua, fazendo tudo isto mais devagar do que se possa imaginar. Finalmente chegámos às traseiras, e ali estava o primeiro choque da minha nova carreira: a maior montanha de lixo que eu já vira, fora do aterro. A minha nova situação laboral e, descobri-lo-ia em breve, o inferno na Terra.

Não que haja algo de errado, em princípio, com uma pilha de lixo. Como qualquer rapaz, gostava delas. Eu e o Maggot pedíamos sempre para ir com o Sr. Peg cada vez que ele levava o lixo da semana para o aterro do condado. Havia tanta coisa para ver. Pessoas a levarem mais do que tinham trazido em termos de móveis, eletrodomésticos com potencial, etc. É um facto: poderia criar-se outro mundo inteiro com o que as pessoas deitam fora. Foi no aterro que descobri uma das minhas principais filosofias, que todas as pessoas vivas basicamente andam a trocar pertences antigos por outros diferentes, dia após dia. A ideia, porém, é subir a escada, e não descer, como faziam os McCobbs. Aterro, casas de penhores, Walmart. Todos eles são sítios que servem para transferirmos coisas de uma forma ou de outra ao longo desse caminho. Tive a ideia absurda de fazer uma banda desenhada sem nenhum super-herói, apenas um dos bens terrenos, como uma cadeira, que passa de uma família para outra, sempre a descer, até se transformar num monte de terra com o formato de uma de cadeira. O título seria *Males Terrenos*.

Sempre pensei que qualquer norte-americano que se preze levava o lixo para um aterro todas as semanas, só que, quando uma pessoa mora na cidade, como era o caso dos McCobbs, há quem o recolha em casa. Fiquei espantado. Existe um camião inteiro apenas para a recolha de lixo. Homens a trabalharem na rua, a

esvaziarem os contentores das pessoas. Uma coisa própria da cidade. No condado, é óbvio que estamos por nossa conta. Eu e a minha mãe púnhamos o nosso junto à casa do Sr. Peggot, para ele o levar dali para fora. Na Quinta Creaky, queimávamo-lo ou, caso não se pudesse queimar, despejávamo-lo num barranco íngreme que ficava num tereno ao fundo da propriedade, onde ele tinha uma pilha acumulada há séculos. Viam-se coisas como uma máquina de lavar a aparecer, para-lamas, molas de cama, tudo a enferrujar de regresso à terra, e foi assim que tive a ideia para a minha banda desenhada. Coisa normal para uma quinta. Mas há quem não tenha quintas nem nenhum sítio para depositar o lixo que não seja o aterro, e isso pode ser o cabo dos trabalhos, sobretudo para quem não disponha de uma camioneta de caixa aberta.

Era aí que o Golly's Market vinha a calhar. As pessoas podiam pagar um pequeno valor para despejar o lixo no tal terreno. Era um negócio à parte, e havia rapazes contratados para fazer a triagem. Tudo o que valesse dinheiro, como latas de alumínio, ia para um monte, garrafas de plástico para outro. Baterias para outro. O meu novo patrão não andava por perto. O Sr. Golly disse-me para esperar lá, que ele não tardaria, para me ensinar as coisas. A seguir voltou para o seu registo, e eu dei uma vista de olhos. Atrás da montanha de lixo tive o meu segundo choque, pois quem é que estava ali a lavar garrafas de plástico: o Trocas.

— Selvagem — disse eu. — O que se passa?

Ele parou de lavar a garrafa com a mangueira e olhou para mim. A agulheta largava água por tudo quanto era sítio, e o miúdo tremia, com a camisola de capuz e as calças de ganga encharcadas nos sítios que tinham levado com o jato. A seguir iluminou-se-lhe o rosto, e ele gritou «*Diamond!*»

Nem podia acreditar que se recordava do nome que me davam no Esquadrão. Um miúdo que normalmente nem se lembrava de fechar a braguilha. Tinha vontade de o abraçar, mas obviamente não o fiz. Ficámos ali parados, dois rapazes perdidos na nossa ilha de lixo. Apertei-lhe a agulheta da mangueira e fiz umas perguntas. Agora trabalhava ali, todos os dias. Para ele, acabara-se a escola. O que queria dizer que, na realidade, tinha dezasseis anos. Ou então, na Primária de Elk Knob, achavam que já tinham dado o que podiam e desistiram.

Já não estava na Quinta Creaky, vivia com uns tipos num apartamento, mas não consegui apurar onde, nem com quem, nem mais nada. O Trocas tinha uma forma de contar as coisas que era ir largando as frases aos pedaços. Uma pessoa tinha de pegar no que conseguisse e reconstruí-las.

Queria saber se eu estava a trabalhar ali agora em vez do Batatas Podres, ou lá o que era. Isso é uma coisa ou uma pessoa, perguntei-lhe, e ele disse que sim. O Batatas Podres era uma pessoa. Era o nosso patrão, perguntei eu, e o Trocas disse que não, era um miúdo. Passava a vida a vomitar e foi posto na rua. O chefe não estava lá agora e chamava-se Espectro.

Espéto? Perguntei. Não. *Espêto?* Não.

— Uhhhh — disse o Trocas, batendo as mãos, aterrador. — Espectro, como um gajo morto!

Espectro. Era o meu novo chefe. Vimos a carrinha dele a estacionar na parte da frente, mas não o vi entrar na loja, nem a passar daí para a sala das traseiras, a qual, de acordo com o Sr. Golly, era a sede do negócio da reciclagem, e na qual eu nunca iria entrar, por ser privada. Não pus os olhos em cima do meu chefe até ele sair pela porta das traseiras com a minha terceira surpresa.

O Espectro era o tipo pálido, de cabelo branco, com a tatuagem maluca, o amigo do Stoner que conheci uma vez na Pro's Pizza. Com o outro, o Fedorento do Inferno, que tinha chegado ali e começado a provocar o Stoner com aquela história sobre raposas que davam à luz os filhotes, o Sr. Grin e o Sr. 'Tava-se Mesmo a *Ber*, tudo isso. O Espectro era o Olho Extra.

Se eu disser que tinha de vasculhar lixo imundo e nojento de pessoas, refiro-me a fraldas. Merda humana. Se disser que havia ratazanas, não quero dizer que víssemos uma ou duas. As ratazanas faziam parte do nosso dia a dia. Prática de tiro ao alvo, companhia, chame-se-lhe o que se quiser. Até dávamos nomes a algumas delas. Enxaguar garrafas e esmagar latas era o departamento do Trocas, e o Espectro adjudicava-me os trabalhos que exigiam alguma destreza mental. Dizia que o raio do chinoca tinha finalmente contratado uma pessoa para o ajudar que jogava com o baralho todo. Obviamente, ao miúdo que ele acabara de despedir, o Batatas Podres, faltavam-lhe as cartas do baralho que dizem para não

ingerir comida que estivesse no lixo há muito tempo.

Um dos primeiros trabalhos que o Espectro me explicou foi como drenar o ácido das baterias de automóvel. Espeta-se um prego no fundo para a perfurar. A maior parte das baterias tem vários compartimentos, por isso uma pessoa descobre-os, faz um furo em cada um deles, depois vira-a para baixo e drena o ácido para dentro de um recipiente qualquer de vidro, como um frasco. (Não pode ser de plástico. *Nem pensar*. Ao Batatas Podres, obviamente, também faltavam essas cartas.) O Espectro recolhia todo o ácido para dentro de latas de metal nas quais escrevia «ácido» e que alinhava com as suas latas de diluente de tinta do lado de fora da porta das traseiras da sede da empresa, junto às botijas de propano. Dizia que não queria aquela merda toda lá dentro a empestar-lhe o sítio.

O que é caricato, porque ele, quando saía dali, fedia por todos os poros, às vezes a ovos podres, geralmente a mijo de gato. Tinha ventiladores de janela a funcionar permanentemente, mesmo em dias frios, e o cheiro a mijo de gato que saía dali ficava a pairar no ar e era pior do que o fedor do lixo. O que o Espectro andava a tramar, ninguém sabe. Havia frigideiras e garrafas que tínhamos de lavar à mangueirada, e garrafas que ele dizia para pormos diretamente no aterro, sem perdermos tempo. Estamos a falar de coisas que não são nada benéficas para a pele ou para a roupa que uma pessoa traz vestida. Levei com ácido nas calças de ganga, e, depois de irem à máquina, cada mancha era um buraco. Percebi por que razão o Espectro me encarregara de tratar das baterias, em vez do Trocas. Coitado do miúdo, uns dias naquela faina fariam dele uma rede mosquiteira.

Pagavam-me quatro dólares por hora, dezasseis por dia. Dinheiro vivo. Vinha direto da escola, e a Sra. McCobb ia buscar-me por volta das nove depois de deitar os miúdos, por isso eram mais de quatro horas por dia, mas depois de escurecer eu e o Trocas íamos à loja comer as sobras do Sr. Golly. Ele tinha uma casa de banho onde podíamos lavar-nos. Ajudava-o a abastecer as prateleiras quando vinham fazer as entregas e via o que é que compravam as pessoas que por ali passavam. Sobretudo cerveja, papel higiénico, carne de porco e feijão. Medicamentos para a constipação, minha Nossa Senhora. Ele recebia umas cem caixas de *Sudafed*. Passados dois dias, já não restava nem uma. Também não via pessoas a comprá-las. Se era o Sr. Golly que tinha todas essas constipações, não

havia forma de o saber. Na verdade, até era difícil ter a certeza de que estivesse vivo. Tinha um tom de pele acinzentado e ficava sentado horas a fio sem se mexer. Sem tirar os olhos do pequeno televisor que tinha junto ao balcão.

O Sr. Golly nem se importava que andássemos por ali. Dizia que crescera a trabalhar num ferro-velho quando era rapaz, tal como nós. Mas… Final feliz, agora vivia nos Estados Unidos e tinha possibilidade de enviar dinheiro para a família no seu país de origem. Fora casado a dada altura, mas agora morava sozinho num pequeno apartamento em Duffield. Dizia que não precisava de nada no apartamento, porque morava na loja, cozinhava as suas refeições e tudo, o que era verdade. Se alguma vez fechou a loja, eu não vi.

Não havia casas em redor naquela zona. As pessoas que pararam por ali iam a caminho de algum sítio melhor. Por vezes, era uma mãe com filhos, obviamente não familiarizada com a região e que só ia lá para levar alguém à casa de banho com urgência. Compravam uma *Coca-Cola* ou uma coisinha qualquer como pretexto, já se sabe. Havia ainda aqueles tipos respeitáveis que pagavam ao Sr. Golly os dez dólares da praxe e dirigiam a viatura para o terreno do fundo para despejar os sacos de lixo acumulados ao longo do mês e que talvez comprassem um cachorro-quente para comemorar. Fora isso, era só gente rude. Alguns, e não eram dois nem três, nem usavam sacos do lixo. A parte de trás da carrinha de caixa aberta é que servia de caixote do lixo, e, depois de bem atulhada, iam até lá, pagavam a taxa, abriam a porta traseira e atiravam tudo. Estou a falar de lixo da casa de banho e tudo. O melhor é nem pensarmos nas condições em que viviam.

Os piores eram os fregueses habituais que não estavam envolvidos no negócio do lixo. Compravam cerveja e feijão na loja e depois esgueiravam-se para as traseiras para as suas negociatas com o Espectro. Comecei a perceber a situação. O Golly’s Market atendia uma clientela pouco recomendável, e eu trabalhava lá. Logo, eu fazia parte desse grupo.

Alguns dirão que eu não era melhor. Nem sequer nasci num hospital, de uma mãe prestes a levar-me de volta para a sua casa móvel; nasci *na* casa móvel, ou seja, era uma espécie de Escuteiro-Águia da escumalha das casas móveis.

Crianças como eu, com uma mãe adolescente a pôr-nos *whisky* nas gengivas para nos calar, e *Coca-Cola* no biberão, somos uma lástima neste mundo. Mas comecei de forma tão digna como qualquer outra criança, a dizer «por favor» e «obrigado», a fazer os trabalhos de casa, a aprender a sorrir. Joguei para ganhar, com todos os meus pequenos orgulhos e sonhos. E daí, se eram sonhos menos ambiciosos, como casar com a Carol Danvers e ser um Vingador quando crescesse? Levantava-me todos os dias a pensar que o Sol estava lá fora a brilhar e que poderia muito bem brilhar para mim como para qualquer outra pessoa.

No 5.º ano, era mais alto do que todos os meus colegas e até que alguns professores. Os rapazes queriam-me *sempre* na equipa deles em qualquer atividade no ginásio. As miúdas andavam atrás de mim. A Emmy dissera que eu tinha bom coração, boa aparência e tudo isso. Muitas crianças pobres levavam socos na cara apenas por existirem. Até essa altura, não tinha pensado muito sobre o que eu era, mas eu não era aquilo. Isto foi no tempo da outra senhora, nos últimos dias. Ainda sem *internet*, com as suas mil e uma maneiras de dizer: Vamos ser melhores do que esses gajos para podermos criticá-los. A nossa escola tinha dois computadores na biblioteca, dos quais só um é que funcionava. Alguns alunos participavam num projeto em que configuraram o endereço da caixa de correio nesse aparelho, para receberem mensagens de um robô que achávamos engraçado. O que existia naquele tempo para humilhar alguém era o jogo do bichinho, em que as crianças tocavam no bombo da festa e depois começavam a correr ameaçando espalhar os germes dessa pessoa. Nalguns casos, como no dos meninos Houserman, a coisa poderia envolver piolhos genuínos, por isso, atenção.

No 5.º ano, porém, não éramos nenhumas crianças. A um bombo da festa que seja rapaz não faltam punhos. As raparigas tinham as suas merdas de rapariga que não me interessavam, como os cadernos de confidências que circulavam. Cadernos fininhos de argolas, como aqueles que se usam para uma disciplina qualquer, mas com «CADERNO DE CONFIDÊNCIAS» e «PERTENCE A» na capa, para se saber que não é para os olhos de nenhum professor. Uma rapariga tocava-me com um deles nas costas, para eu depois o passar a quem estivesse à frente na mesma fila. Eram o empreendimento das meninas populares, com

sobrancelhas reduzidas a um fio e a linha divisória do cabelo em ziguezague. Quando uma pessoa está sentada atrás de uma miúda o dia todo e lhe vê o cimo da cabeça, repara no cabelo. Não ligava nenhuma aos tais cadernos, porém, mesmo quando me tocavam com eles nas costas. Ainda que fossem raparigas a escrever neles e a olhar para mim como se aquilo tivesse muita graça.

Chegou então o dia da educação do Demon. Toda a gente a postos para desfrutar do recreio, tirando os que estivessem de castigo, o que era o meu caso, por não parar quieto ou por ter feito desenhos na minha carteira. Tínhamos carteiras individuais daquelas com uma cadeirinha presa, basicamente um tormento para um miúdo do meu tamanho, e o tampo de madeira todo cinzento nas extremidades com sujidade incrustada do tempo dos nossos antepassados. Os nossos pais e avós já haviam usado aquelas carteiras e tido alguns daqueles professores, incluindo a mumificada professora Huddles que nos calhou no 5.º ano. A professora Huddles ganhou fama por ter dado uma coça à minha mãe à frente da escola toda por ela ter simulado um *striptease* na Assembleia de Música Cristã. (A minha mãe e Deus nunca dava certo.) Mas, olhando para a velha bruxa agora, de cabeça encolhida dentro de um vestido, eu não tinha medo. Aquelas carteiras tinham tantos nomes, pénis peludos e rabiscos esculpidos que parecia absurdo não dar continuidade à tradição. Uma pessoa ali sentada com um lápis. Com tantas horas pela frente antes de ir desta para melhor. Orgulhava-me de fazer excelentes personagens de desenhos animados para deleite dos futuros prisioneiros.

Ouve-se então o toque, e sai toda a gente. Alguém pousa com força um caderno amarelo na minha carteira. A seguir pousam outro, enquanto saem, as meninas, desviando-se da minha carteira, a caminho da saída, soltando risadinhas, porque é tudo tão engraçado. Uma pilha de cadernos de confidências para animar o Demon durante a sua detenção.

A primeira página está numerada. Cada pessoa assina ao lado de um número, que passa a ser o seu código. Viro as páginas. Cada página tem o nome de um aluno na parte de cima. Cada um escreve a sua opinião sobre eles e assina com o tal número. Isto tudo é novo para mim, e ponho-me a pensar *muito engraçado, usarem um número para indicar uma identidade que não é nada secreta*. Na

página de qualquer uma das miúdas populares, toda gente escreve *Fofa, querida, simpática, companhia divertida.* Sempre as mesmas palavras, por uma ordem ou por outra. Sobre as miúdas religiosas dizem *Demasiado certinha, sem graça.* Ou então *L-7*, que é o código conhecido para «quadrada», que é o código conhecido para *Demasiado certinha, sem graça*. Também há páginas sobre os rapazes. Sobre os mais populares escrevem *Bué giro, porreiro, parceiro do melhor.*

Talvez eu não achasse que aqueles livros tivessem uma página dedicada ao Demon. Talvez achasse. De qualquer forma, não estava preparado para aquela sensação de calor a espalhar-se como se me tivesse mijado todo. *Merdolas falhado lixo punheteiro.* Sem exceção. Alguém escreveu *Parvalhão.* Quer dizer. Andava caladinho desde a morte da minha mãe e provavelmente não dissera mais de cinco ou seis palavras naquela turma desde o Natal. É preciso algum trabalho para, nessas circunstâncias, se chegar àquela conclusão do *parvalhão*.

A seguir nada mudou, exceto para os meus novos olhos de falhado, que reparavam em tudo. Pessoas a afastarem-se. A evitarem tocar-me no ginásio, ou até a não aplaudirem quando eu fazia um cesto. A erguerem o prato na minha cara no refeitório, como se eu fosse devorá-lo como um cão. Não queria que o sol brilhasse sobre mim agora. Apaguei-me como um quadro preto. Envergando calças justas e curtas e os sapatos de velho que o Sr. Peg me emprestara no Natal, juntei-me à tribo das crianças de áreas rurais mais remotas, sem canalização em casa, e aos pentecostais que acreditam que qualquer estilo de roupa inventado desde os tempos da Bíblia é pecado. A minha especialidade, buracos nos sítios onde o ácido entrara em contacto com a roupa. Quem iria comigo comprar roupa nova? Cabelo por cima da gola, e quem é que vai cortá-lo? A menina Pereira reparara que eu andava a ficar esfarrapado e recordou à Sra. McCobb que o cheque mensal dos serviços sociais era mais do que suficiente para fazer face a essas despesas. E a Sra. McCobb não parava de dizer que iria dar a volta à situação, mas que andava demasiado ocupada com os filhos.

Pensava muito na chegada da Emmy, que aconteceria dentro de uns meses, e nos passeios que iríamos dar. De mão dada. Agora só esperava que ela e a June se mudassem para uma região remota do condado e que ela frequentasse aí uma

escola diferente e nunca descobrisse o que eu era.

Aconteceu que, depois de um destes dias de merda na escola, e mais do mesmo no meu trabalho de merda, tive uma espécie de apagão e dei uns socos no painel de instrumentos do carro da Sra. McCobb. Ela quase se mijava de medo. Limitara-se a perguntar-me se o dia me tinha corrido bem. Não sei por que razão me passei dos carretos com a pergunta, mas lá dei os meus socos, e ela nem piou. Até que acabou por dizer que estava preocupada comigo. Disse-lhe que, se calhar, era melhor preocupar-se muito mais. Estava escuro, e não conseguia ver a cara dela, o que ajudou.

— Anda cheia de receio de que gozem com a Haillie e com o Brayley na escola — disse-lhe eu.

— Sim — respondeu ela, com uma voz que denotava receio. Como se ela soubesse o que se passava.

— Pois olhe o meu caso. — Desabafei com ela, contei-lhe a história dos cadernos de confidências, que andavam a evitar-me, tudo isso. Miúdos a fingirem que cheiravam o ar em meu redor, perguntando se alguém se tinha cagado. — E veja só — disse-lhe eu. — Sabem com quem vivo. A notícia vai-se espalhando.

Senti-a a ficar rígida ao volante, com a reputação da família McCobb a ir por água abaixo.

No domingo, levou-me ao Walmart. Comprei umas calças de ganga, *t-shirts*, um cinto, sapatos e também uma escova de dentes, que já não tinha há algum tempo, desde que o Brayley atirou inadvertidamente a minha para a sanita. Aqueles miúdos adoravam brincar na casa de banho do rés do chão. Agradeci-lhe, e ela disse-me para não contar ao Sr. McCobb que gastáramos quase tudo o que eu ganhara no Golly’s Market naquele mês.

Só que, na escola, no dia seguinte, com a roupa nova, continuava a sentir-me horrível. Nem sequer orgulhoso. Envergonhado, sinceramente, porque nada iria mudar. Agora iriam todos pensar que eu metia muito mais dó, por ter tentado. Um falhado é um precipício. Depois de cair, já era.

Os poucos amigos que tinha agora eram uns tipos do secundário no autocarro

que apanhava para me dirigir para o Golly's Market. E «amigos», neste caso, quer dizer que eles me deixavam sentar-me ao pé deles sem me expulsarem. Pategos para quem as duas últimas filas de assentos vagos estavam tacitamente reservadas, sem que ninguém pusesse isso em questão. Falavam sobretudo de raparigas: as que eram galdérias e putas, as que convinha evitar por causa da hepatite C ou de esquentamentos. Também de drogas, quem tinha o quê e quanto custava. Não me diziam grande coisa a não ser «Olá, como vai isso» quando entrávamos no autocarro. Mas eu mantinha-me calado e ia aprendendo. Faziam umas quantas perguntas, como o ano em que eu andava. Supondo que não iriam querer um aluno do 5.º ano naquele género de conversas, eu dizia que era do 8.º. Perguntaram-me se andava nos juniores do futebol americano, e voltei a mentir, dizendo que sim, e que no ano seguinte iria para a equipa principal da Secundária de Lee. Disse-lhes que era amigo do Prego-a-Fundo, o que os deixou estupefactos. Aqueles tipos jogavam na equipa. Não eram titulares, mas mesmo assim. Disseram que ficariam contentes se eu entrasse para a equipa, porque me viam capaz de fazer uma boa placagem ou de jogar na posição de *tight end*. Lembro-me de qual deles disse isso e em que dia. Por ter sido a única coisa positiva que alguém me disse naquele ano.

A maior parte dos dias iam passando sem que me saísse uma única palavra da boca. Quando falava, era com o Trocas e com o Sr. Golly. Ou com a Haillie, quando esta vinha ao meu quarto brincar com os meus marcadores. Deixava-a, apesar de serem tudo o que eu tinha, pelo que receava que ficassem sem tinta. Pediu-me para fazer uma banda desenhada baseada nela, pelo que inventei a fada Howliie que deixava *Oreos* debaixo da almofada das pessoas. Se os bandidos aparecessem, ela assustava-os com os seus gritos até desaparecerem do planeta. Era então com isto que eu tinha de lidar: uns bandidos, uma miúda do 2.º ano, um estrangeiro com cem anos e um tipo com ovos mexidos em vez de miolos. Agora a menina Pereira andava atrás de mim sobretudo por causa da escola, querendo saber por que razão as notas tinham baixado. «É fácil de perceber», disse-lhe eu. Detestava a escola. Contei-lhe que os miúdos eram implacáveis. Disse-me para aguentar, que na preparatória os miúdos seriam mais simpáticos. Não acreditei nela nem um bocadinho.

É difícil acreditar que pudesse ter saudades da Quinta Creaky, mas sentia falta do Prego-a-Fundo na minha equipa. O Prego-Man fazia-me sentir duro e brilhante como um diamante. Eu sabia que havia um lado negro, que ele não se importava que os outros pagassem pelos seus erros, mas era ele que nos ensinava: uma pessoa pode manter a cabeça erguida e alcançar altos patamares, mesmo que não tenha tido a sorte de nascer lá em cima. Em todos aqueles anos em que nunca nenhum adulto ficou do meu lado, mostrou que era possível jogar o jogo deles e sair vitorioso.

Naquele verão, começou a aparecer-me um ténue brilho de buço ruivo, mais uma situação embaraçosa. Se ainda vivesse com o Prego-a-Fundo, ele poderia ter-me ensinado a fazer a barba. Teria alguém com quem conversar que entenderia perfeitamente o que um jovem como eu estava a passar. Ter-me-ia dito na cara se era verdade aquilo que me tinha vindo à cabeça. Que estava a trabalhar para um laboratório de metanfetamina.

22

A menina Pereira tinha grandes novidades. Estava empolgada. Foi buscar-me à escola para darmos um longo passeio de carro pelo campo, o que agradava a ambos. Em seguida, jantar num restaurante de comida mexicana chamado Rancho, um estabelecimento que nem sequer tinha um *drive-through*.

Era tudo muito bonito, mas uma pessoa não pode fugir com a assistente social e faltar ao trabalho. O melhor era não armar confusão com o Espectro. Aquele olho tatuado na garganta a olhar para uma pessoa, meu Deus. Nunca me esqueci da forma como eu o tinha desenhado mentalmente da primeira vez na Pro's Pizza, um Olho Extra supervilão que conseguia ler-nos os pensamentos. Agora eu estava, tipo, *E se fosse verdade? E se ele conseguisse ler este pensamento?* Não referi nada disto à menina Pereira por ela não saber do meu trabalho no Golly's Market. Depois de ter começado a trabalhar nesse sítio, fizera perguntas suficientes para descobrir que se tratava de uma daquelas situações em que só teria a ganhar se os serviços sociais não soubessem.

Mas, agora, só os dois no carro, eu e a menina Pereira, a divertir-nos a valer, deixei de me preocupar com o Espectro. Tinha um belo dia pela frente. Percorremos as pequenas estradas sinuosas através de acampamentos junto a minas de carvão, onde este desce em enormes calhas azuis pela encosta da montanha, por cima das copas das árvores, como escorregas aquáticos para gigantes. Até às altas falésias brancas que seguem ao longo da linha de fronteira de Kentucky. Era um daqueles dias de abril em que uma pessoa consegue sentir o cheiro dos campos lavrados e ver as montanhas verdejantes, como se o mundo dissesse *Ei, pessoal, ainda não morri!* Ligámos o rádio e cantámos as canções todas que conhecíamos. Bem alto, com as janelas abertas, os dois a cantarmos

You’re Still the One, como se quiséssemos que a Shania Twain nos ouvisse em Nashville.

A menina Pereira disse que nunca se sentia tão livre como quando estava ao volante de um carro. Perguntei-me quantos anos teria de trabalhar no Golly’s Market até conseguir arranjar umas rodas. Talvez uns cem, dada a forma como as coisas estavam a correr. Dois meses tinham-me proporcionado umas *t-shirts*, os ténis de marca mais baratos que se vendiam no Walmart e nem sei se mais alguma coisa. Os McCobbs guardavam-me o dinheiro por razões de segurança. Como o Prego-a-Fundo fazia na Quinta Creaky.

A menina Pereira disse que o novo corte de cabelo me ficava bem, pelo que, em bom rigor, eram duas as coisas positivas que me tinham dito naquele ano. Mas depois ela estragou tudo ao tentar ficar com os louros. Não tinha dito que bastava eu dizer o que tinha a dizer? De pedir aos McCobbs tudo o que precisasse, *pede e terás*, a treta do costume. Dá uns socos no painel de instrumentos do carro de alguém e hão de reparar em ti, é mais isso. Mas eu não queria estragar o ambiente, pelo que a deixei acreditar que fora assim.

Junto às falésias de Cumberland, saímos do carro para dar uma volta pelo parque que há ali e ficámos a olhar para os penhascos que se estendem ao longo de mais de cento e sessenta quilómetros na Virgínia. Tinha curiosidade em conhecer a sensação de estar lá em cima a olhar para baixo. Continuei a alimentar esse pensamento, vezes sem conta, imaginando o que seria saltar dali. Não necessariamente para morrer, apenas para sentir como era ser um rapaz a voar. Não que eu fosse fazer uma coisa dessas. Saltar. Ou voar, também. Uma pessoa não consegue evitar o que lhe passa pela cabeça.

Foi então que a menina Pereira me contou as novidades. Grande surpresa. Eu tinha dinheiro que nunca soubera que tinha. Após a morte da minha mãe, os serviços sociais fizeram o pedido formal para eu receber os cheques da Segurança Social, que é o lado positivo de ser órfão: eles pagam por isso. Quem poderia adivinhar? Não era dinheiro a rodos, era uma percentagem do que a minha mãe ganhava no Walmart, o que é um insulto, no entender do Sr. McCobb. Mas não deixava de ser um cheque, que eu iria receber todos os meses até completar dezoito anos. A menina Pereira disse que tinham criado uma conta

que eu poderia usar depois de concluir o período de acolhimento. Disse-me que normalmente corria melhor assim do que quando punham a família de acolhimento à frente da conta. E eu disse algo como «Minha senhora, você acertou em cheio, caramba!»

Queria que eu lhe prometesse que usaria o dinheiro para estudar na faculdade. Algures longe dali, nada de tirar Mecânica de Automóveis na Mountain Empire. O que implicava prometer tentar melhorar as minhas notas. Uma pessoa não chega à faculdade sem passar na primária, dizia ela, como se fosse alguma novidade. Disse-lhe que, na Primária de Elk Knob, uma pessoa passava para a preparatória só por marcar presença, sobretudo uma criança do meu tamanho. Precisam de nós nos anos posteriores para as equipas desportivas. Disse-me que não era essa a atitude que esperava. Tentei mudar de assunto, mas ela não saía do mesmo: quando uma pessoa se limita a marcar presença, não vai longe na vida. Não era demasiado tarde para dar a volta à questão, etc. Perguntei-lhe se era obrigatório usar o dinheiro daquela conta para custear a faculdade, e ela disse que, em bom rigor, não era. Mas que seria uma tolice não o fazer, porque iria ter as mesmas oportunidades na vida que outras crianças tiveram.

Só que ela estava ressentida por não ter tido também essa oportunidade. Lá tinha as suas aulas noturnas, mas não era a mesma coisa que andar numa faculdade longe de casa, onde evidentemente uma pessoa vive sozinha, como um adulto, sem sequer ter de trabalhar, limitando-se a ler e a estudar qualquer assunto que lhe desperte o interesse. Eu não conhecia ninguém que tivesse feito isso. Não parecia uma coisa real, muito francamente. Estava apenas a tentar entender os benefícios concedidos aos órfãos. Em relação ao Tommy Waddles, tinha curiosidade em saber. Estaria ele a receber o dobro por ser órfão de *pai e mãe*? Provavelmente, disse ela. Também tinha curiosidade em saber outra coisa, em relação ao meu pai, que morrera antes de eu nascer. Será que eu tinha estado a acumular massa todos aqueles anos e iria descobrir, ao completar dezoito anos, que me saíra o raio da sorte grande?

Infelizmente, não. Disse-me que tinham investigado a questão na esperança de encontrar algum vínculo à pensão de alimentos, mas que não havia nenhum pai registado na minha certidão de nascimento. Porém, disse-lhe que tinha um pai a

sério e que sabia o nome dele. Até sabia onde estava enterrado, por a Sra. Peggot e a minha mãe terem discutido se deveriam ou não levar-me a ver a sepultura. O cemitério ficava em Murder Valley, Tennessee. Só as ouvi dizer esse nome algumas vezes, há séculos. Mas um nome como este não se esquece facilmente. [16]

A menina Pereira disse que nada daquilo tinha qualquer utilidade. Foi um erro da minha mãe não o ter inscrito na minha certidão de nascimento. Um erro que se paga caro, aliás, sobretudo por ele ter morrido. Eu disse «Merda», embora não devesse usar esse tipo de linguagem com a menina Pereira, e só por aquela vez ela fez uma careta e disse «Sim, merda ao quadrado». Era assim a minha mãe, e eu imitava-lhe os erros. Era uma profissional.

Voltámos à cidade antes de escurecer, para comer no restaurante, mas comecei a ficar preocupado com a possibilidade de a Sra. McCobb me ir buscar ao Golly's Market e eu não estar lá, de ela ficar zangada devido ao desperdício de gasolina, de o Sr. McCobb ficar fulo por eu ter saído. E por aí adiante. Disse à menina Pereira que precisava de voltar antes das oito horas para ter tempo de sobra para fazer os trabalhos de casa. Há sempre uma mentira que consegue contentar toda a gente, basta uma pessoa puxar pela cabeça. Ela desfazia-se em sorrisos a respeito dos trabalhos de casa, e estava bonita como sempre. Camisola cor-de-rosa, calças de fato justas, aquele cabelo angelical. Não andava a trair a Emmy pelo facto de achar a menina Pereira boa como o milho, porque (1) a Emmy era popular, pelo que, se me pusesse outra vez a vista em cima, acabaria logo comigo, e (2) a menina Pereira era uma categoria diferente de namorada, por ser a minha tutora legal.

O restaurante era um mundo à parte. O espaço estava decorado com a temática de outro país, e até havia dois funcionários mexicanos a servir à mesa. Os quais, imagino eu, também cozinhavam. Não faço ideia do nome de nada do que comi, exceto arroz e alface, mas estava tudo ótimo, e havia fartura, e comi que nem um abade.

Perto do final do jantar, disse-me que tinha mais novidades. Desta vez, não eram nada boas. Na verdade, eram horríveis, mas pouco demorei a perceber do

que se tratava. Estava tão nervosa que não parava quieta na cadeira. Conseguira juntar um dinheirinho que dava para frequentar aulas no verão a tempo inteiro e concluir a licenciatura que lhe facultava o exercício do magistério. No outono, teria início o seu estágio pedagógico. Depois disso, era praticamente garantido que viesse a conseguir emprego como professora do ensino primário ou pré-primário e, finalmente, iria começar a ganhar um ordenado de jeito.

A menina Pereira ia deixar de trabalhar nos serviços sociais para poder desenvolver a sua nova e magnífica carreira. Ia deixar-me. E a todos os seus preciosos órfãos, lixando-nos. Por uma questão de dinheiro.

Levou-me a casa dos McCobbs antes das oito, como lhe pedira, para estes não terem de me ir buscar ao Golly's Market. Entrei na cozinha e menti ao Sr. McCobb dizendo que tivera um encontro com a minha assistente social e que ela iria entender-se com o Sr. Golly, para este me pagar fosse como fosse. A seguir meti-me no meu quarto dos cães, que tresandava, e dei um soco na máquina de lavar. Limpei a mancha de sangue com uma *t-shirt* preta qualquer que estava no monte, desliguei as luzes e deitei-me de barriga para baixo na minha cama de tamanho infantil com colchão de ar.

Depois de pensar melhor, levantei-me, revirei a prateleira por cima da máquina de lavar, peguei no intercomunicador para bebé e meti-o no balde da esfregona. Ninguém tinha de me ver a chorar.

É possível que algumas crianças sejam ensinadas desde cedo sobre a natureza do dinheiro. A maior parte, porém, é ignorante, digo eu, tal como eu era, até me estrear como assalariado, quando completei onze anos. Antes disso, fazia apenas uma vaga ideia. Quem tinha emprego tinha dinheiro. Quem não tinha emprego valia-se dos seus vales de refeição ou do cartão que lhe permitia aceder ao serviço de assistência alimentar, sem que, basicamente, tivesse dinheiro. Não percebia muito bem que havia áreas cinzentas. Claro, sabia que havia gente abastada, que uns quantos ganhavam uma pipa de massa por serem estrelas de cinema, futebolistas profissionais, o presidente, etc. Sendo que toda esta gente vivia noutro sítio que não o condado de Lee. Exceto aquele piloto da NASCAR que terá comprado uma quinta perto de Ewing nos anos setenta. Tal como os

mineiros de carvão na altura dos sindicatos. Trinta ou quarenta dólares por hora, os velhos ainda falavam desses tempos como se Jesus andasse por aqui a largar notas de cem. A maior parte das vezes, porém, parecia-me que um salário era um salário, fosse do Walmart ou do Food Country ou do Lee Bank and Trust ou do Hair Affair ou da fábrica da Eastman em Kingsport.

Obviamente, uma pessoa vai vivendo e aprendendo. Agora já sei, quando uma pessoa conclui o secundário, supostamente dá um passo em frente em termos monetários. A faculdade é outro passo em frente, mas com uma grande desvantagem: para o tipo de emprego que a faculdade proporciona, é muito provável que uma pessoa acabe por ter de morar longe de casa e numa cidade. A ideia que quero transmitir é que existe um escalonamento em termos salariais, não sendo a educação o único fator de ascensão a esse nível, pois o local de residência, no campo ou na cidade, também tem influência. Mas o mais importante é o seguinte: com o nosso trabalho, seja ele qual for, a quem é que trazemos felicidade? Cabe-nos vender os sapatos mais baratuchos que se possa imaginar ao público que frequenta o Walmart ou fatos de primeira qualidade a homens de negócios? O mesmo trabalho, como lixar pavimentos, poderá ser na Dollar General ou numa mansão de uma estrela de cinema. Basta mostrarem-me o recibo de vencimento, que eu adivinho qual é o pavimento. Quando fazemos uma pessoa rica sentir-se feliz, ou fazemos uma pessoa comum sentir-se rica, ou seja, melhor do que os outros, o dinheiro flui. Se são pessoas pouco recomendáveis que servimos, nem por isso. E se são crianças, boa sorte, porque tudo o que tem a ver com melhorar a vida de uma criança fica no fundo da lista. O salário de um professor, na maior parte dos casos, é uma miséria. Sei que isto é do conhecimento geral, mas não fazia ideia no dia em que a menina Pereira disse *Adeus, otário, agora é que vou ganhar mundos e fundos. Como professora!*

Desde então, tenho tido amigos de todos os níveis sociais, e alguns dos melhores pertenciam à classe docente. Os que ficavam do meu lado. Fora do horário escolar, andavam ao volante a fazer entregas ou faziam biscates em estações de serviço, ou ainda, e este exemplo é real, tocavam numa banda e conduziam uma carrinha de venda ambulante de gelados no verão. Precisam de um segundo emprego. Precisam mesmo, por uma mera questão de

sobrevivência.

Eis a menina Pereira no seu primeiro emprego a sério, com vinte e dois anos, dedicada de alma e coração aos serviços sociais. Sempre a queimar as pestanas, por querer desesperadamente viver no seu apartamento minúsculo em vez de partilhar casa com uma pessoa desleixada, e para isso tem de ascender ao nível salarial de *professora do 1.º ano.* São assim os vencimentos nos serviços sociais. A Olheiras anda nisto há tanto tempo que já nada a move na vida, a trabalhar dois turnos por dia, a viver num reles duplex em Duffield, da prima, que lhe facilita o pagamento da renda. Quando a assistente social, na sua reunião de acompanhamento, está sentada à frente de um miúdo com os dois olhos negros e que veste uma camisola de capuz a tresandar a mijo de gato, peço desculpa, amigão, mas o pensamento dela está centrado no programa de televisão que irá ver logo à noite. Qualquer pessoa com garra já teria mudado para outra coisa, e estaria nas Forças Armadas ou a vender seguros ou na Polícia ou até a lecionar. Porque aquilo que os serviços sociais pagam, basicamente, equivale a dizer vai-te lixar e contenta-te com uma sanduíche de manteiga de amendoim. É assim que a sociedade valoriza o trabalho de resgatar a escumalha dos órfãos de pele branca.

E se estes miúdos, quando crescerem, começarem aos socos às máquinas de lavar ou entre eles, ou até, digamos, partirem o vidro de uma farmácia *drive-through*, entrarem e roubarem o que houver, será surpresa para alguém? É no que dá a sanduíche de manteiga de amendoim. Toda a gente tem o seu dia de sorte.

[16] Murder Valley significa, literalmente, «Vale do Homicídio». (*N. dos T.*)

23

O verão aproximava-se, e eu a contar os dias. Não é que aquele trabalho a tempo inteiro nas montanhas de lixo fosse grande espingarda para ocupar o tempo de férias. Mesmo assim, para uma criança, é um dado adquirido que o verão é sinónimo de liberdade. Durante três meses seguidos, não iria ficar sentado numa carteira acanhada a tentar não ser o maior merdolas da turma.

Para que conste, nem sempre detestei a escola. Já fui conhecido pelo meu empenho escolar. Um dos que lia melhor, pelo menos entre os rapazes. Talvez achasse que seria motivo de orgulho para a minha mãe, ou talvez quisesse mostrar-lhe que não iria engrossar a lista de abandono escolar como ela. De qualquer forma, isso já não era relevante. Agora via outros miúdos a levantarem o braço, a responderem com acerto, o que é bom para eles. Frases temáticas, Appomattox Court House[17], ciclo de vida de uma planta, isso tudo é o quê? Se a única coisa que ocupa a cabeça a um aluno é saber onde fica a porta para sair dali e onde é que ela vai dar, continuará faminto.

Os professores, o diretor e a menina Pereira deram-me o mesmo sermão, que não andava a esforçar-me devidamente nem a aproveitar o meu potencial. Nem discuti com eles. Uma pessoa chega a um ponto em que se está a borrifar para o facto de a acharem inútil. Principalmente por chegar primeiro a essa conclusão. Apeteceu-me dizer-lhes: olhem só aqui o meu potencial. Que nome é que lhe davam, porra? Acham mesmo que é dentro desta pessoa que eu queria acabar por viver?

Mas esforçar-me devidamente? Vou explicar-lhe o que é isso: é um tipo tentar passar um dia que seja sem se sentir observado por ser um trangalhadanças feioso que intimida os outros, sem ser envergonhado por um professor, sem ser

gozado pelas miúdas ou sem levar um soco traiçoeiro. Novamente, quem já tenha passado por isso sabe do que estou a falar. Se tiver de se pôr a adivinhar, está longe de saber. Toda esta gente tinha de continuar a perguntar insistentemente: porque é que eu chumbava? O que poderia eu fazer a não ser olhar para a parede e não dizer nada, apenas lamento. Andava a aprender a apreciar o áspero sabor a queimado daquela palavra que me tinham dado a comer para sempre e que soava a vão-se lixar. *Lamento.*

Mesmo assim, ainda sentia uma pequena chama no peito para o primeiro dia de verão. Imagine-me com o meu sorriso rasgado a aparecer no Golly's Market às nove da matina de um dia de semana, saído do carro do McCobb, que ia caminho de um sítio qualquer de onde ainda não se demitira recentemente. Vejo o Sr. Golly dentro da loja a pendurar na janela o anúncio de duas salsichas panadas pelo preço de uma. Do outro lado da lixeira, vejo o Trocas a acender um cigarro com uma das mãos enquanto mijava para uma árvore à vista dos carros que passavam. E penso *Meu Deus.* É o que há. Fui até às traseiras bater à porta do Espectro e marcar o ponto.

O que não se percebe a respeito da escola é que toda a gente caminha em determinada direção. Até os falhados participam. Muito bem, meninos, vamos lá a esta lição, esta unidade, este ano letivo. Em maio faremos os testes de aferição; vamos lá ver se esta escola da treta fica mais bem classificada este ano, se os professores mantêm o emprego e se toda a gente passa para o ano seguinte. Não há nenhum miúdo que não queira ficar mais velho; seja como for, venha daí essa melhoria automática. É como a escada rolante do centro comercial de Knoxville. É pôr o pé e deixar-se ir. Há sempre a possibilidade de uma pessoa encontrar algo brilhante e novo no caminho. Agora eu tinha descarrilado. No Golly's Market, não tínhamos unidades nem sequer semanas, medíamos o tempo em contentores. Estou a falar de enormes recipientes de metal, como carruagens de um comboio, que se enchem de lixo. A seguir vem um semirreboque e leva-o para o aterro. Depois de termos feito a triagem do lixo depositado pelas pessoas, separando o que poderia ser vendido para sucata, reciclado, penhorado, esmagado, drenado, fosse o que fosse, o que sobrava era o lixo do lixo. Bastante tóxico, aliás, mas isso não interessa. Eram esses resíduos que deitávamos para o

contentor de vinte e sete metros. O que não era uma tarefa assim tão fácil. A empresa cobrava quatrocentos dólares para o levar dali e trazer um vazio, pelo que tínhamos de ser poupadinhos e abarrotar o contentor com mais de cem dólares de sobras de lixo depositado pelas pessoas. Para o efeito, valíamo-nos de todos os nossos superpoderes para o pisar, achatar, partir, voltar a partir e, em seguida, empilhá-lo a uma altura superior à da cobertura das bombas de gasolina. Na parte final de cada carga, era necessário um braço com enorme força de arremesso para conseguir meter fosse o que fosse lá em cima. Muita coisa também caía durante o transporte, deixando um rasto de lixo desde o Golly's Market até ao aterro. O problema não era nosso.

Era isto o nosso verão: encher aquele contentor até mais não, fosse durante um mês, seis semanas, não importa. Porque, se vai embora, volta o vazio, e uma pessoa regressa ao ponto de partida. Era este o mundo real onde não há ninguém nem nada que consiga melhorar. À espera de completar dezasseis anos para poder deixar a escola, com uma vida inteira pela frente para me candidatar a um trabalho de merda a tempo inteiro. Talvez eu fosse um estagiário do Espectro e viesse um dia a progredir na carreira, deixando de ser assistente de drenagem de ácido de baterias e passando a ser integrado no programa que ele tinha em andamento lá dentro.

Enquanto isso, os McCobbs estavam a braços com uma merda bem séria. O carro deles foi levado pelos tipos da recuperação de bens. Era um *Dodge Spirit*, modelo recente, alugado, azul-celeste, mas nada disso interessa, acho eu. O Sr. McCobb já não conseguia ir trabalhar, pelo que perdeu o emprego, isso é que interessa. Vá lá perceber-se que sentido faz uns tipos que querem recuperar dinheiro de alguém irem buscar o carro dessa pessoa, impedindo-a de ganhar mais um cêntimo que seja. É a versão adulta, parece-me, de professores a gritarem com um aluno que detesta a escola.

Em primeiro lugar, os McCobbs estavam sem saber o que fazer para dar a volta ao raio da situação, a não ser provavelmente ficarem sem teto, por já terem a renda em atraso. Em seguida, deflagrou entre eles uma discussão conjugal sem fim à vista a respeito de (1) encetarem uns negócios domésticos, com o Sr.

McCobb a fazer inquéritos telefónicos e a Sra. McCobb a trabalhar em banhos e tosquias caninas, ou (2) pegarem nas crianças e irem para Ohio viver com os pais dela, banhos e tosquias, o tanas. Eu apostava na vitória do Sr. McCobb, porque lá em casa era mesmo ele que ditava as regras. O desfecho, obviamente, era importante para mim. Desde que aqui o *je* não tivesse de ir para Ohio nem nada que se parecesse.

Ou dar banho e fazer tosquias a cães, já agora. Eu estava a trabalhar a tempo inteiro no Golly's Market. Veio a saber-se que o Espectro vivia para os lados de Fleenortown e que passava pelas minhas bandas, pelo que poderia levar-me. Não gostava nada dos horários que ele fazia, nem de ficar sozinho numa carrinha *Chevy* com o Espectro e com certos pensamentos na cabeça. Meu Deus. Mas eu ia trabalhar na maior parte dos dias, exceto nas semanas em que ele desaparecia para conviver com os copos. Via-me obrigado a ficar mais tempo à noite, por o Espectro desenvolver grande parte do seu negócio depois do pôr do Sol. Mas habituei-me a isso. O Trocas tinha uma fonte fiável de erva e um coração generoso. Ajudava a passar o tempo mais depressa, sem dúvida. Ou, se calhar, mais devagar, na verdade, mas não importava. Muito de vez em quando ele aparecia com uma *Glock 19* que pertencia a um dos tipos com quem vivia, e púnhamos uma fila de garrafas na borda do contentor para praticarmos tiro ao alvo. O Sr. Peg ensinara-me a disparar já há uns bons anos; não tinha um jeito por ali além, mas fui melhorando a pontaria com o decorrer do tempo. A pontaria do Trocas era de meter medo ao susto, permanentemente, e não dava sinais de conseguir melhorar. Estávamos de olho nos aerossóis, que, além de poderem servir para o snifanço, também davam excelentes alvos. Eram explosões a sério. Mas também podíamos divertir-nos a valer com merdas infantis como pisar as bolhas de plástico-bolha. Além disso, é difícil de conceber o número de cachorros-quentes que dois miúdos completamente pedrados conseguem aviar. O Sr. Golly de certeza que fazia a mais de propósito.

Quando o Trocas regressava a casa ao fim da tarde, eu tinha de ficar sozinho a ajudar o Sr. Golly no estabelecimento. Ele gostava de falar da sua infância passada na Índia, onde, ao que parece, havia muita gente a viver na lixeira. Em casas que construíam com o próprio lixo. Parece um conto de fadas sem pés nem

cabeça, mas olhe que ele não era pessoa de mentir. Falava como se isso não fosse grande coisa, nascer e crescer numa lixeira. Tinha todo um rol de histórias engraçadas sobre o que os rapazes faziam para pregar partidas uns aos outros, como armadilhas, bombinhas de mau cheiro, etc. Nas férias (e estamos a falar de um tipo de cristianismo completamente diferente) construíam estátuas gigantes a representar as suas deusas e elefantes, e faziam-no — veja só — com material que encontravam na lixeira! Deus feito de lixo, custa a crer. Até parecia que o velhote tinha guardado estas histórias a vida inteira, à espera de alguém disposto a ouvi-las. Tinha uma mulher algures, mas nesta altura tenho a certeza de que era eu que desempenhava esse papel junto do Sr. Golly. Vim a saber que, em bom rigor, o nome dele era Ghali. Vi-o a escrever isso no papel que se assina para as entregas. Fiquei admirado, mas ele disse que eu não era o único; toda a gente no condado pensava que o nome do estabelecimento era Golly's Market. Dizia ele que *Golly* significava «Caramba, isso é ótimo», pelo que o nome lhe assentava que nem uma luva. Fazia parte da sua estratégia publicitária.

Ao ouvir estas histórias da infância dele ligada à lixeira, às vezes pensava em contar à menina Pereira, para lhe despertar o interesse por toda aquela situação dos órfãos estrangeiros. Depois decidia: *népia*. A minha assistente social era outra vez a Olheiras, uma pessoa mais macambúzia do que nunca, além de andar fula com a menina Pereira por esta ter abandonado o barco para ir atrás dos seus sonhos. Já éramos dois, e acho que ambos decidimos, movidos pela amargura, dizer o mínimo possível um ao outro. Ela ligava para casa uma vez por mês, quando eu estava a trabalhar, e a Sra. McCobb mentia-lhe dizendo que eu andava a brincar lá fora. A Olheiras ficava contente quando ouvia essa explicação, que a dispensava de falar comigo. Só para que fique claro: tenho onze anos. Ela é a minha tutora legal. E acha que a situação ideal de um menor à guarda do Estado é andar a fazer gazeta.

Por esta altura, os McCobbs andavam sempre engalfinhados. Ouvia-os a discutir na cozinha de manhã quando acordava e à noite no quarto deles, com aquelas vozes a sobreporem-se ao choro dos bebés. E, mesmo assim, a Sra. McCobb, às vezes, levantava-se e dizia-me, sem motivo, como se estivesse a pôr roupa na máquina de levar, que nunca se divorciaria do Sr. McCobb.

Se for verdade, é praticamente tudo o que posso excluir da secção «que raio de coisa vem a seguir?». Em julho, o senhorio ameaçou-os com ordem de despejo, caso não pagassem a renda em atraso. Acabaram por pagar servindo-se do dinheiro que eu ganhara no Golly's Market. Agora, não há dúvida, eu estava a contribuir. Faziam tenção de me contar? Não. Descobri através da Haillie, que ouviu os pais a falarem sobre o assunto, enquanto tiravam o *meu* dinheiro da gaveta onde o guardavam. Passei-me dos carretos. A desgraçada da miúda borrada de medo ao perceber que tinha dado com a porra da língua nos dentes. Subi as escadas aos gritos, ameaçando denunciá-los aos serviços sociais. Mas de que forma, sem referir as várias ilegalidades que cometera para ganhar aquele dinheiro que me tinham tirado? Não fazia ideia, limitava-me a seguir o meu instinto. Houve uns artigos no quarto que foram para o galheiro, incluindo um candeeiro. Os bebés fizeram um chinfrim como se tivesse disparado o alarme de um carro. Não foi um espetáculo digno de se ver. Peguei no que restava do meu dinheiro, meti-o num frasco de manteiga de amendoim e disse que, se precisassem da minha ajuda, podiam pedir-ma, porra.

Afinal, que outra opção tinham? Muito francamente, depois daquela cena à Hulk, fiquei mais preocupado do que zangado. Sem carro, estavam numa situação deplorável. Entregavam-me uma lista de compras para eu trazer as coisas do Golly's Market, depois passavam-se por pagarem o dobro por uma lata de feijão, etc. Mas era-lhes difícil percorrer os oito quilómetros que os separavam do Food Lion. O Sr. McCobb começou a baixar a crista. Ainda falava com a mulher e os filhos do alto de um pedestal, mas a mim começou a tratar-me como se eu fosse um dos seus comparsas. Ele andava a carregar na cerveja à tarde, por isso, à noite, quando eu chegava a casa, encontrava-o na cozinha com vontade de partilhar as suas histórias de desgraças. Raramente eu estava para aí virado. Mas, se eu me enfiasse no meu quarto dos cães, ele seguia-me até lá, o que era pior. Em primeiro lugar, por não haver sítio para duas pessoas se sentarem; em segundo, por causa das cuecas espalhadas por tudo quanto era sítio. Que até nem eram minhas.

Sentia-se um falhado por não ser capaz de sustentar a família. Disse-me que lhe tinha custado horrores tirar-me o dinheiro e eu ter-lhe gritado à frente dos

filhos. Mostrava-se profundamente arrependido, e a cadela ali a olhar para ele com o branco dos olhos à mostra, e a mim a dar-me a sensação de ser eu a dever-lhe um pedido de desculpas. Uma das merdas que eu conhecia era a vergonha. Ele tinha momentos de descontrolo emocional em que me dava conselhos de vida, como se eu fosse mesmo filho dele. Embora a cavalo dado não se olhe o dente, não teria sido essa a minha primeira escolha. Rematava sempre com as mesmas palavras: quem gastar um cêntimo a menos do que aquilo que ganha todos os meses será feliz. Mas quem gastar um cêntimo a mais do que aquilo que ganha está feito. Olhava para mim com aqueles olhos escuros e tristes e dava o seu parecer. Que o segredo da felicidade consiste basicamente em dois cêntimos.

No final do verão, a discussão relacionada com o serviço de banhos e tosquias caninas não avançara, e os sinais apontavam para Ohio. Os pais da Sra. McCobb ligavam, e ela punha as crianças nas extensões, todos em pranto. O papá é tão mau que não podem ter nada, nem Barbies, nem nada da Lisa Frank, buááá. Meu Deus, só de pensar no Sr. McCobb a morar com aqueles sogros. Confusão pela certa. Decidiram deixar a cidade antes de as aulas começarem. A Olheiras teria de me arranjar uma nova família de acolhimento. Pelo menos, deixaria de me preocupar com aquela família, em que o homem da casa dormia no quarto dos cães.

Agora poderia preocupar-me com a minha próxima paragem na estrada para o inferno, com uma assistente social que não me prestava assistência. Tive de lhe ligar a perguntar se iria regressar à Quinta Creaky. Disse que não e que o nome era Crickson. Os serviços sociais tinham descoberto que ele andava a cometer infrações, pelo que lhe tinham retirado o estatuto de casa de acolhimento. Andavam à procura de outra pessoa que pudesse lidar com os casos difíceis. «A rapaziada que resiste a uma colocação permanente» foram as palavras dela, e obviamente pensei no Tommy. Ele não só não resistiria, como aceitaria de braços abertos uma colocação permanente. Para nunca mais desenhar um esqueleto.

Foi por essa altura que gizei o meu plano. Que era porventura perigoso, e certamente uma maluqueira. O que tenho a dizer é o seguinte: tente viver uns tempos no reino da maluquice e veja o que lhe sai dessa cabecinha.

A única coisa que possuía era o frasco com dinheiro que guardava na minha mochila dia e noite. Cada dólar que me pagavam metia-o lá dentro, em cima do que os McCobbs me tinham deixado depois de pagarem ao senhorio. Não tinha oportunidade de fazer uma contagem exata. Sem privacidade no local de trabalho, tal como no meu quarto à noite, com o monitor para bebé. Aqueles dois, com os nervos à flor da pele, a verem-me a contar o dinheiro. A maior parte dos dias, porém, pagavam-me oito horas de serviço, e tinha trabalhado oito semanas naquele verão, mais ou menos. Menos, devido à copofonia do Espectro. Era suficiente de certeza.

Porque agora estamos em agosto. A Sra. McCobb está a embalar em caixas de cartão tudo o que ainda não foi penhorado, o Sr. McCobb provavelmente está a pesar os prós e os contras de uma bala nos miolos, e ainda ninguém me sabe dizer onde vou morar. A ideia da Olheiras para resolver o problema consiste simplesmente em insistir nas mesmas perguntas. Teria eu amigos que pudessem ficar comigo só para desenrascar? Ela indagara novamente junto dos Peggots, o que era embaraçoso. Quantas vezes tinha de ouvir aquilo? Não, não queriam ficar comigo. Disseram que poderia visitá-los e ficar lá uns dias antes do início das aulas, para passar algum tempo com o Matthew. Ou seja, é provável que o Maggot morresse de tédio e andasse pela casa com maquilhagem nos olhos, a pôr a cabeça em água a toda a gente, e os avós percebessem que eu poderia exercer uma influência positiva. E eu a pensar: *Fogo, já tinha falado nisto*. Pedi à Olheiras para lhes dizer que iria considerar. Outra pergunta que ela não parava de me fazer era a respeito de familiares. Se eu tinha algum.

Não tínhamos já falado no assunto? Minha senhora, puxe pela cabeça. Mãe: órfã, em família de acolhimento, sem nenhum familiar vivo que se conhecesse, além de já ter morrido. Pai: pode passar já para a parte do falecimento. Além disso, não existe, de acordo com a minha certidão de nascimento.

Mas ele existia. A minha mãe foi muito clara a este respeito. A história dela sobre o dia em que nasci e uma velhota cusca ter ido buscar-me, bem, é questionável. Contudo, quanto mais eu ia avançando na idade, mais as pessoas diziam que eu era parecido com ele. Que eu vinha de algum lado, por outras palavras. De alguém.

Na primeira quinta-feira de agosto, os McCobbs tinham um camião das mudanças na calçada de acesso à casa deles, virado para Ohio. Eu disse à Olheiras que iria para casa dos Peggots. Não seria necessário ela dar-me boleia, eles iam buscar-me. Ficaria em casa deles até ela resolver a minha colocação. Na minha última manhã, na sala dos cães, enfiei na mochila da escola tudo o que consegui: roupa, cadernos de desenho, o frasco com o dinheiro. O resto era lixo. Os brinquedos que tinha oferecera-os ao Brayley. Tirei o tampão da minha cama e sentei-me nela para deixar o ar sair. Iria ter saudades daqueles miúdos, sobretudo da Haillie. Comprara-lhes uns presentes de despedida no Golly's Market: um cavalinho de plástico para a Haillie e um gelado com sabor a pastilha elástica para o Brayley. Enrolei o colchão com os lençóis e enfiei-os num cesto de roupa suja que levei lá para fora. Tentei despedir-me do casal, mas estavam aos gritos um com o outro a ver se conseguiam meter um colchão de casal no camião das mudanças. Sem problema. A Haillie deu-me um abraço. O Brayley limpou o gelado cor-de-rosa dos beiços e acenou dos degraus. O Espectro chegou com a sua carrinha de caixa aberta, na qual entrei, e lá fui eu; adeus, McCobbs.

Foi um dia estranho no trabalho. Não tinha a cabeça no sítio, mas não era só eu. Refiro-me a uma senhora debruçada na janela do seu carro, aos berros durante uma boa meia hora, a tentar saber se tínhamos visto o filho da puta do marido que se pisgara com o cheque da pensão de invalidez dela. Também encontrei uma doninha-fedorenta fêmea com os seus quatro filhotes dentro de um saco de lixo atado. Ela fizera um buraquinho e enfiara a família lá dentro. São doninhas-*fedorentas*, por isso tirá-los de lá é outra história. *Arma Letal III*.

No final do meu turno, os Peggots não me foram buscar. Mentira à Olheiras, sabendo que ela nunca, nem nesta vida nem na próxima, ligaria aos Peggots para verificar. Disse ao Sr. Golly que não podia trabalhar no dia seguinte, o que não era mentira, pelo que me pagou mais cedo a semana. Fui buscar alguns artigos que disse serem para os McCobbs e pedi-lhe para os pôr na conta deles. Barras de chocolate, *Slim Jims*, coisas fáceis de levar. Se o Sr. Golly percebeu que não se tratava da habitual lista de compras dos McCobbs, nada disse. Com uma boa hora de céu claro ainda pela frente, virei as costas ao Golly's Market. Caminhei

até ao cruzamento, virei para sul na Autoestrada 23 e estiquei o polegar.

É provável que não tivessem passado nem cinco minutos quando um sujeito encostou o seu *El Camino* enferrujado, uma daquelas viaturas que são uma mistura de carro e de carrinha de caixa aberta, com dois cães enlameados na parte de trás. Achei que era um bom sinal no que se refere à eventualidade de o tipo não ser nenhum abusador sexual de crianças. Por que razão levaria os cães para o local do crime? Seja como for, entrei. Onde quer que os cães tivessem ficado todos enlameados, este tipo estivera lá com eles. Tinha lama nas mangas da camisa, seca, e no cabelo, empastada. Mas tudo bem, não era sangue. Agradeci-lhe por me dar boleia. Perguntou-me para onde é que eu ia, e eu respondi-lhe Tennessee.

Ele riu-se.

— Para que sítio *em particular*, amigo? O Tennessee é um bocado grande.

Disse-lhe que era um sítio do qual provavelmente nunca tinha ouvido falar. Murder Valley.

Respondeu-me que eu tinha razão, que desconhecia por completo. Mas que não seria capaz de esquecer um nome daqueles, depois de o ouvir. É verdade, senhor, disse-lhe eu. Nunca se esquece.

[17] Appomattox Court House: local na Virgínia onde, na Guerra Civil Americana, as forças confederadas se renderam às do Norte a 9 de abril de 1865. (*N. dos T.*)

24

O tipo enlameado era pregador. Estivera acampado num lago qualquer no Kentucky e tinha de regressar a casa e arranjar-se antes dos cultos de domingo. Apeteceu-me dizer-lhe que fazia bem em reservar um tempo extra para o efeito. Disse que era uma igrejinha em Carter's Valley, onde pregava. Imaginei aqueles lugares que se veem num passeio domingueiro, nas sinuosas estradas secundárias, pessoas a saírem à rua envergando os seus fatos-macaco e vestidos de trazer por casa. Sem nenhuma pompa ou circunstância nos assuntos divinos. Aquele tipo era assim. Disse-me que a pesca era uma coisa que lhe desanuviava a cabeça. Sentado com os cães à beira da água, a ouvir os passarinhos e as rãs cantarem-lhe louvores, sentia-se pertinho de Deus.

Perguntou-me quem é que eu ia visitar em Murder Valley, e eu disse-lhe que era a minha avó. Perguntou-me há quanto tempo não a via. Não querendo atirar poeira para os olhos de um sujeito que acabara de fazer uma visita a Deus, disse-lhe que não me lembrava. Porque, repare, se a minha mãe estivesse a dizer a verdade sobre o facto de ter aparecido aquela senhora no dia em que nasci, teria obrigação de me lembrar disso? Sabia, porém, o nome dela: Betsy Woodall. Sentia-me com poder ao dizê-lo em voz alta, como daquela vez que me armei em Hulk exigindo a devolução do frasco com o meu dinheiro. A senhora pode ser manipuladora de serpentes ou maltratar crianças, mas não deixo de ter direito a ela. As pessoas têm obrigações para com os seus familiares. O filho dela, que morreu, deveria ter-me pago o abono de família todos estes anos, para referir apenas um exemplo. Na pior das hipóteses, chegar-se-ia à conclusão de que nunca existira, por a minha mãe a ter inventado. Ou, caso fosse real, eu poderia não conseguir encontrá-la. Saber em que sítio o meu pai fora enterrado não era

garantia de que ela morasse na mesma cidade. Além disso, eu podia ser apanhado pela Polícia, se alguém andasse à procura. Por isso, tinha várias modalidades, eu não era parvo. Nenhuma delas parecia ser pior do que a alhada em que eu estava metido.

Perguntou-me a idade, e eu disse-lhe que ia a caminho dos quinze. Mais uma vez, não é propriamente uma mentira, porque uma pessoa, até chegar a certa idade, vai a caminho dela. Ele trazia um pacote de batatas fritas com sabor a natas azedas e cebola, que partilhámos, deu-me muitas dicas sobre pesca, que eu não me importava de ouvir, embora tivesse aprendido com os melhores. O Sr. Peg sabia qual era o isco adequado para cada local, levando em conta as nuvens ou o sol descoberto e os insetos que surgem. A sua caixa de pesca era capaz de manter uma criança fascinada a vida inteira. Os homens adultos, e olhe que eram todos, queriam saber como é que ele apanhava peixe cada vez que lançava o raio do anzol. A resposta: uma pessoa tem de manter a boca direita. Nunca soube ao certo se era uma piada. Ficava sentado a segurar a cana e a observá-lo, tentando imitar o semblante do Sr. Peg. Uma merda que custa a recordar agora, por estar agastado com os Peggots. Mas o pregador sabia perfeitamente quando era para usar minhocas ou isco de superfície. Carter Valley fica lá no meio do mato, e estava a escurecer, pelo que ele fez um desvio para me deixar numa área de serviço para camiões, achando que eu teria mais sorte num sítio onde houvesse movimento a noite toda.

Não se enganou em relação à agitação noturna. Sendo uma pessoa religiosa, talvez não estivesse a par dos pormenores. Estava eu a tentar orientar-me sob aquelas estranhas luzes cor-de-rosa, com insetos a voarem por todo o lado, e vem uma senhora ter comigo a perguntar se tenho gelo e se preciso de um broche. Não se referia ao gelo que se compra em sacos de dois quilos.[18] Até aí conseguia eu chegar. Mas estava como peixe fora de água. Vapores de combustível a queimarem-me o cérebro como uma pedrada provocada pela inalação de latas de aerossóis. Uma megera, meu Deus. Esquelética e mais velha do que seria desejável, dada a forma como estava vestida, como se tivesse deixado o trabalho a meio. *Soutien* preto, camisola interior branca, minissaia,

pernas escanifradas e clavículas, tudo ali à mostra. Disse-lhe: «Não, senhora, mas obrigado na mesma.»

Deveria ter fugido. Quem me dera. Mas, como qualquer criança, estava convencido de que não devemos faltar ao respeito aos mais velhos, e ela ainda não tinha terminado a conversa. Disse que me retribuiria, se eu a acariciasse como deve ser, e perguntou-se se eu não tinha nada para lhe dar. Talvez uma nota de oitenta, ou mesmo uma de quarenta?

Oitenta ou quarenta quê, perguntei-lhe, e ela respondeu:

— Queriducho, preciso mesmo de uma oxi.

Desta vez não foi preciso perguntar. Saí dali. Ela veio atrás de mim, o que era esquisito, porque eu não tinha para onde ir. Planeara verter águas junto à estrada e, em seguida, tentar apanhar outra boleia, mas, depois da oferta especial que ela me fez, nem pensar em meter a fruta de fora. Dirigi-me para o minimercado da estação de serviço, e ela, sem me largar, ia falando praticamente sozinha. Caminhava com dificuldade, com uma mala enorme a bater-lhe na anca. Eu tinha o coração aos pulos. Embora me parecesse indelicado, ignorei-a, transpondo apressadamente as portas de vidro e passando por todas as prateleiras de *snacks* e recordações, em direção à sinalização das casas de banho na parte de trás. O tipo da caixa tentava dar ares do Willie Nelson, com as tranças e a bandana, mas sem a moleza pedrada daquele. Não tirava os olhos de mim, como se eu tivesse «Fugitivo» escrito na *t-shirt*. A minha sombra desapareceu noutro corredor, mas ela ainda lá estava. Nunca me senti tão salvo ao transpor a porta de uma casa de banho masculina.

Nos urinóis, estavam dois camionistas à conversa, pelo que entrei num compartimento e urinei. Depois, sentei-me no trono, sem baixar as calças, só para poder ficar num sítio sossegado e tentar pôr a cabeça a funcionar.

— Já *sabia* que aquela porcaria não era dele, sempre que o via com ela — dizia um dos camionistas. — Devia tê-lo denunciado.

— O filho da puta já está no Texas. Sabes isso.

A conversa não era sobre mim, mas mesmo assim sentia um nervoso miudinho. Aquele sítio cheirava a lixívia e mijo, e a iluminação era infernal. Toda aquela luz brilhante a incidir nos azulejos brancos fazia-me zumbir os

ouvidos. Tinha de ficar ali quietinho até a minha amiga lá fora encontrar outras águas onde pudesse pescar. Enquanto isso, o melhor era mesmo saber quanto dinheiro tinha. Enfiei a mão na mochila e tirei o frasco de manteiga de amendoim. Já antes de invadir a fortaleza e de a recuperar, passara algum tempo naquele verão a pensar na minha diária, multiplicada pelas semanas que trabalhara, o que resultou num número que não era real. Uma quantidade enorme de dólares. Obviamente, os McCobbs tiraram uma fatia para pagar a renda da casa, mas, mesmo assim, estava à espera de uma coisa decente, da ordem das centenas. Se eu aparecesse em casa da minha avó com dinheiro na mão, ela veria que eu era uma pessoa capaz para trabalhar e que valia alguma coisa. Que não era escumalha.

Antes de abrir o frasco e começar a retirar aquele dinheiro todo misturado, esperei que os camionistas saíssem. Pagavam-me sobretudo em notas de pequeno valor e em moedas, pelo que metade do frasco, que provavelmente pesava mais de dois quilos, eram moedas de vinte e cinco cêntimos. Tinha as mãos a tremer. Deixei cair algumas notas ao tentar alisá-las no colo e agrupá-las de acordo com o respetivo valor. Ainda não tinha mexido nos trocos.

Ouvi a porta a abrir-se e alguém a entrar, mas, como essa pessoa não disse nada, prossegui, tentando manter tudo no colo. As moedas faziam barulho, pelo que pousei o frasco no chão. Organizei as notas de um dólar em montinhos de dez e contei-as, cento e nove dólares ao todo. Em seguida, passei às de cinco, e a conta já ia em mais de duzentos dólares antes de começar a contar as de dez. Eram notas *a rodos*. Caramba. Estava rico.

— Olá, ruivo. Anda cá, vamos brincar.

Meu Deus, havia uma senhora na casa de banho dos homens. Era ela. Sustive a respiração o máximo que pude antes de a soltar. Ouvi-a a mexer-se.

— Vejo que tens um frasco de dinheiro aí dentro — prosseguiu. — Estás a pensar em comprar-me um anel de diamante, queriducho?

Fiquei com os olhos embaçados por breves instantes. Mantive-me quieto. Em seguida, tirei o frasco do chão.

— Estou a brincar contigo, fofinho. Eu chupo-te essa linda pila de borla. Que te parece? E a seguir podemos pegar nesse dinheiro e ir curtir uma festa.

Comecei a meter as notas novamente no frasco, mas, que merda, deixei cair uma data delas por todo o lado. Apanhei tudo, enfiei o frasco na mochila e fechei-a, tentando não fazer barulho. Inclinei-me e tentei espreitar por baixo da porta do compartimento, mas não via nenhum pé.

— O que se passa? Estás zangado comigo, queriducho? Não fiz por mal. Só queria divertir-me contigo, mais nada. Estás com cara de quem precisa de uma diversãozinha.

Não estava enganada. Mas não era a que ela pensava. Ouvia os sapatos dela a bater no chão. Nada a fazer a não ser manter-me ali sentado, firme. Havia muitos camionistas de Deus neste mundo que precisavam de mijar, certamente um deles havia de entrar ali e expulsá-la. Mas estava a demorar um tempo do caneco.

E então, que merda do caralho, reparei que ela estava a espreitar-me. Por cima da divisória do compartimento.

Fugi dali. No estado em que ela estava, levaria um minuto a descer daquele poleiro ou, com sorte, cairia. Já tinha saído da casa de banho e estava quase a chegar à entrada quando começou a gritaria: *Raios te partam cabrão do miúdo devolve-me o dinheiro ajuda polícia ajudem-me fui roubada!*

Consegui sair, mas agarraram-me na camisa e puxaram-me para dentro. Era o caixa, com um olhar de desdém. Muito mais novo do que o Willie, mais forte do que parecia. Empurrou-me contra uma prateleira de revistas e perguntou-me aonde é que eu pensava que ia. Eu respondi: «Lá para fora.» A senhora não parava de berrar, acusando-me de lhe ter roubado o dinheiro. Ele perguntou se nos conhecíamos, e ela disse que nunca me tinha visto na vida.

Ele olhou-me dos pés à cabeça. Ela fez-me o mesmo, examinando-me em detalhe pela primeira vez, provavelmente surpreendida ao perceber que tinha andado atrás de uma coisa mais na linha de uma pila da primária.

— É preciso chamarmos alguém, rapazito? Ou vais devolver o dinheiro a esta senhora?

— Por amor de Deus! — exclamei. — O dinheiro é meu, porra!

— Não me parece — disse ele. — E esse palavreado também não ajuda nada.

— Peço desculpa. Mas o dinheiro é meu.

O tipo revirou os olhos. Agarrei-me à mochila com os dois braços, como se

estivesse a abraçar cada um dos amigos que não tinha. Só por cima do meu cadáver.

Ele relanceou os olhos pelo bando de compradores noturnos que assistiam ao espetáculo.

— Alguém viu este rapaz a assaltar a minha cliente?

Ninguém disse uma palavra. Aquela gente estava interessada era nos *snacks* ou nos abre-cápsulas ali à mão, daqueles que se levam como recordação. A suposta cliente mostrava agora um acesso de raiva próprio de uma velhinha, transmitindo uma razoável impressão de sobriedade. Entretanto, vestira o seu vestido cor-de-rosa de trazer por casa ou uma espécie de blusa que lhe dava uma aparência de avozinha sem jeito nenhum para a maquilhagem. Aquela mala enorme devia ser um armário ambulante. Abotoou o botão de cima e bufou.

— É o dinheiro que tenho para os alfinetes e está guardado num frasco de manteiga de amendoim. Este rapazinho tirou-me o frasco da mala.

Este rapazito com quem, há um minuto, querias fazer umas brincadeiras, pensei. E não há aqui ninguém que vá acreditar em mim. Porque, sob as luzes brilhantes, este mundo de merda é o que é, e nós éramos o que éramos: uma adulta e um miúdo.

— Você estava a observar-me com olhos de lince, caramba! — disse eu ao homem da caixa registadora. — Viu-me a entrar na casa de banho dos homens e, se tem olhos na cara, também a viu *a ela* a entrar na casa de banho dos homens. Ela seguiu-me até à casa de banho para me tentar convencer a…

— Já chega — exclamou ele, erguendo aquela enorme mão ossuda.

Temia que ele me tapasse a boca com ela. Porque sabia que iria fazê-lo.

— Basta abrir-lhe a mochila — disse ela. — Veja se ele tem o meu frasco lá dentro. — Com mais autoridade e presunção do que seria expectável numa rameira de uma estação de serviço para camiões. Como é que aquele tipo não a reconhecia, se ela era frequentadora habitual? Mas eu sabia lá. Se calhar estavam feitos um com o outro. — Um frasco de manteiga de amendoim — explicou ela. — Cheio de moedas de dez e de vinte e cinco cêntimos.

Raios partam. Ela nem sabia das notas. Certamente estaria a espreitar por baixo da porta na altura em que eu tinha o dinheiro a sério todo no colo.

— Pergunte-lhe quanto dinheiro é que tinha no frasco — repliquei. — Se acertar, pode ficar com ele.

Ela desfez-se em lamentos.

— Não sei, não sei! São as poupanças de uma vida, como é que vou saber a quantia?

Os clientes começavam a aproximar-se da caixa.

— Não te armes em engraçadinho, miúdo! Dá o dinheiro à senhora, e eu deixo-te ir.

— O dinheiro é meu. *Senhor.* Ela entrou na casa de banho e viu-me com ele, e agora está a enganá-lo, a tentar tirar-mo.

Tentei olhar fixamente para ele. Ele cruzou os braços, abanou a cabeça, tudo isto sinais de «Assunto encerrado, e estás tramado». Pensei em fugir pela porta, em direção à escuridão. Era mais rápido do que qualquer outra pessoa presente. E ele certamente chamaria a Polícia para me deter.

— Será que é necessário ligar aos teus pais? — perguntou.

Desatei a rir.

— Desejo-lhe boa sorte.

Ele não entendeu a piada.

— Tens alguma forma de identificação?

— Forma de identificação, como? — perguntei.

E ele enumerou algumas, carta de condução, cartão de aluno, tudo coisas que eu não tinha nem nunca tivera. Ocorreu-me que poderia ser atropelado naquela estrada, e que ninguém saberia nem se importaria com a designação a atribuir ao cadáver. Animal atropelado.

Por esta altura, está tudo uma pilha de nervos, a doida sempre a berrar, as pessoas mexem-se na fila da caixa, e o Willie, de repente, dá-me um soco que me verga. Agarra-me na mochila. Movimentos próprios de um profissional. Antes que eu conseguisse recuperar o fôlego, já ele me tinha tirado o frasco e me perguntava com ar de superioridade «E isto é o quê, seu cabrãozeco?», abanando-mo na cara como se me tivesse apanhado, *ah-ah*, enquanto a raiva deflagra nas minhas entranhas, e aquela puta de merda é toda *Bem te avisei!* Só que ela fica de olhos esbugalhados, percebendo que se trata de dinheiro a sério,

dólares com fartura. A gritaria dela sobe de tom. Encantada com a possibilidade de apanhar uma piela sem fim à vista.

Nem parece real, ver aquele tipo a transferir o meu dinheiro para as mãos dela. Com toda aquela gente a assistir à cena e nem uma alma do meu lado. Nada a fazer, a não ser dar um soco no suporte de revistas com tanta força que acaba por tombar, espalhando panfletos gratuitos por toda a superfície do raio do tapete de boas-vindas. De onde vem a gritaria, sabe-se lá, nem parecia meu, a dizer ao tipo que é um nazi e que trabalhei o ano inteiro para ganhar aquele dinheiro, para ele agora o dar a uma puta de merda que mente com todos os dentes que tem na boca. A dar-lhe uma descasca a ela também, a chegar perto daquela carinha aflita, dizendo-lhe para ir comprar a merda de uma *overdose*.

Foi o que fiz. Com todo o ódio que tinha no coração, disse à mulher para continuar, que havia de ter o triste fim da minha mãe. Que fosse fazer uma festança e livrar-se da sua pessoa horrenda, sozinha, atrás de uma lixeira.

Saí pela porta. Que se abriu para mim e se fechou nas minhas costas.

O meu coração batia tão forte que o sentia nos olhos. Passei pelas bombas, onde os viajantes, numa névoa de vapores, abasteciam as suas viaturas. E pelo vasto parque de estacionamento, onde os tratores, atrelados aos semirreboques, descansavam das suas andanças, à espera de que passasse aquela noite malfadada. Em redor dos camiões, viam-se sombras de pessoas entretidas nas suas negociatas. Uma parte de mim estava à espera de que alguém viesse atrás de mim dizer-me que aquele inferno não era real e que eu não era aquela pessoa. É um erro. Foi assim que saí da Virgínia, caminhando pela berma da Estrada 26 com o polegar esticado, dirigindo-me para casa da minha avó sem ter onde cair morto, exatamente como da primeira e última vez que ela me viu.

[18] Alusão à metanfetamina, que nas ruas é conhecida por «gelo», «cristal», «vidro» e outros nomes. (*N. dos T.*)

25

As minhas palavras regressaram para me assombrar. Antes de passar outra noite, estaria aninhado no escuro entre um contentor do lixo e as traseiras de uma bomba de gasolina, sem saber se morreria ali pela manhã.

Saí à pressa daquela estação de serviço infernal e apanhei boleia num camião pesado de longo curso. Ao volante, um homem com uma bola de tabaco de mascar e poucas palavras na boca. Na rádio, era só Garth e Reba, o que não me incomodou, desde que não passasse Willie, por favor. Estava exausto dos acontecimentos, por isso disse-lhe que ia para o Tennessee e depois acho que adormeci, o que foi um erro. Vai-se a ver e o Tennessee é estupidamente extenso, com quase seiscentos e cinquenta quilómetros de uma ponta à outra. Percorrêramos metade dessa extensão quando acordei e vi o Sol a nascer por cima de uns arranha-céus como se estivesse num maldito filme. Um prédio tinha cornos, como o Hellboy, não é tanga.

Estamos em Nashville, informa-me o motorista, e eu fico, tipo, foda-se, meu senhor, *Nashville*? Assim, sem mais nem menos, estava mais longe de Murder Valley do que alguma vez estivera.

Demorei algum tempo a assimilar isto. Perguntei se Nashville ficava perto do condado de Unicoi, que era tudo o que sabia sobre o sítio onde o meu pai estava sepultado, além do vale que tinha o nome depressivo. O motorista não conhecia condados do Tennessee, mas tinha um mapa, que desdobrou em cima do volante. Estudou-o com atenção ao mesmo tempo que seguia a alta velocidade pela interestadual, a mudar de faixa de rodagem e a comer uma sanduíche. Aquilo meteu medo. Algum tempo depois desistiu e passou-me o mapa. Pouco depois encontrei Unicoi, e Nashville, e perguntei se ele me podia deixar sair

imediatamente pois passara as últimas cinco horas a seguir na direção errada. Filho da puta. Partira em busca de fortuna e logo no primeiro dia já estourara mais de cem dólares e atravessara meio Tennessee para nada.

O motorista encostou numa saída e apeei-me. Fiquei ali de pé, a respirar ar que não cheirava a sanduíche de ovo e a peido. As tabuletas indicavam que tinha três opções. Uma bomba de gasolina, um Taco Bell ou um hospital. Já estava demasiada claridade para mijar em público, por isso fui à procura de uma casa de banho. Se me atrevesse. Estava faminto. Procurei uma maçã na mochila e fui a comer enquanto caminhava, a pensar no Sr. Golly, a quem a roubara, imputando o custo aos McCobbs. A pensar no Creaky a chamar-nos idiotas por não comermos as pevides e tudo. Alguém interrompeu esta reminiscência da minha vida feliz e disse:

— Ei, irmão!

Dei um salto. Ia tão atento ao *placard* da Phillips 66 que nem vi um casal acampado na berma da estrada. A cambalear, o gajo saiu do meio do silvado com o seu cabelo encardido à Jesus Cristo e os olhos vidrados, a perguntar se sou irmão dele e procuro a salvação. A rapariga que trazia a reboque vinha cabisbaixa, o cabelo à frente dos olhos, como se ele fosse o dono dela. Tinham aquele ar de quem tem uma vida dura, as roupas e a pele da cor sem brilho do cabedal deslavado.

— Eu não tenho salvação possível — respondi, sem parar de caminhar.

— Então, dá-me cinco paus — gritou. — Nosso Senhor abençoar-te-á por isso.

— Não tenho dinheiro. — Não olhei para trás. — Acho que Nosso Senhor não quer nada comigo.

O gajo passou por mim e arrancou-me a maçã da mão. Caminhou às arrecuas à minha frente, em jeito de provocação.

— Arrepende-te dos teus pecados! — disse. — Quem muito semear muito há de recolher!

— Foda-se! A sério? — Parei de caminhar. — Já me roubaram tudo o que tinha e tu vais-me ficar com a minha última meia maçã?

Isto deixou-o atarantado. Ficámos assim, imóveis, na bomba de gasolina

deserta, enquanto ele olhava para a minha maçã na sua mão como que à espera de que ela falasse e resolvesse o dilema.

— Quem é este que sobe do deserto? — perguntou à maçã. — Sob a macieira Eu te despertei, ali onde a tua mãe sentiu as dores de parto.

A rapariga, cabisbaixa, passou para as costas dele, a olhar para mim e a abanar a cabeça como quem diz *A sério, amigo, tem cuidado.*

Não teve de mo dizer duas vezes. Estuguei o passo para longe dele e deixei-o a tentar resolver as coisas com a maçã. Entrei nos sanitários dos homens e bati a porta com força. Por sorte, só dava para uma pessoa e podia-se fechar por dentro. Cheirava a fossa, mas eu tencionava ficar ali até o Jesus sem-abrigo se ir embora. O pivete tirou-me o apetite, mas estava a morrer de sede. Bebi da torneira malcheirosa e sentei-me no caixote do lixo para ponderar sobre vários aspetos. Que estava teso como um carapau. Que ficaria com fome assim que saísse daqueles sanitários. Que estava tão longe de casa como nunca estivera. E que, se percorrera tantos quilómetros sem querer, *raios!, então não podia ter seguido na outra direção e já estar à beira-mar?*

Além disso, que estar muito longe de casa não é propriamente um problema para quem não tem uma.

Alguém bateu à porta duas vezes e depois foi-se embora. O meu pensamento resvalou para o pior lugar e ficou ali preso: eu desejara a morte a outra pessoa. Era provável que ela estivesse melhor do que eu estava naquele momento, se Deus ou seja lá quem for estivesse a prestar atenção, o que provavelmente estava.

Por fim, chegou um gajo com umas chaves a tilintar e berrou que não queria comportamentos suspeitos nas suas instalações, pelo que saí da casa de banho e olhei em redor. O caminho estava livre. Pedi desculpa ao empregado e afastei-me. Atravessei a interestadual até ao outro acesso para apanhar uma boleia rumo a leste, mas havia pouco movimento. Passou uma ambulância com a sirene aos berros que me fez lembrar de como uma me levou de casa. No último dia em que eu tive uma casa. Nunca ninguém sabe o que lhe pode acontecer.

O Sol já ia alto e eu ainda estava na berma da estrada com o polegar espetado, sem saber se já me parecia com um sem-abrigo. Enquanto estive naquela casa de

banho, poderia ter mudado a *t-shirt* e a roupa interior, que já estava a usar há uma eternidade. Os carros passaram, homens de negócios, mães com os filhos. Ninguém nos olha nos olhos quando nos vai deixar apeados. Não parei de pensar na comida que estava na mochila e que era tudo o que tinha, pelo que a deveria poupar. Depois comi as barras de chocolate e a carne de vaca desidratada, até não sobrar nada.

Fez-se luz e dei conta de que estava em Nashville. Era fantástico, se pensasse em toda a gente que vive ali. O Garth Brooks, a Dolly Parton, etc. A Carrie Underwood. Azar, mas a cidade não é um lugar para quem não tem dinheiro. Isso sabia eu, apesar de esta ser apenas a segunda cidade em que alguma vez estivera. Lembrava-me de gajos nas ruas de Knoxville com os seus olhos de carneiro mal morto e deploráveis cartazes de cartão a dizer: «Ajudem-me», «Tenho fome», «Veterano deficiente». Ou então com o nome de alguma terra para onde queriam dar de frosques. Era isso! Peguei no meu bloco de desenho e rabisquei um cartaz formidável com todas as cores a dizer: UNICOI. É incrível, mas o carro que passou a seguir encostou. Era um *VW* amarelo, não um *Carocha*, mas um daqueles sedãs desportivos com vidros elétricos. A rapariga que ia ao volante baixou o vidro do passageiro e disse:

— Entra!

E eu entrei. Finalmente, ia na direção certa.

A rapariga não se calava. O primeiro tópico de conversa foi a sua paixão por unicórnios, tal como eu — não era uma coincidência e peras? Não soube o que responder, pois nem sequer era grande admirador de unicórnios, mas também ninguém precisava de mim para aquela conversa. Vi quilómetros de paisagem a ficarem para trás enquanto ela desfiava a sua lista de objetos com unicórnios prediletos, o que me entrou por um ouvido e saiu pelo outro. Edredão, gabardina. Passei todo esse tempo a tentar perceber a idade da rapariga. Deveria ter mais ou menos a idade da menina Pereira, por um lado porque já conduzia, por outro porque a *t-shirt* minúscula deixava ver o decote e bastante mais. Além disso, tinha as unhas com verniz brilhante, a franja do cabelo com volume, aqueles ganchos de cabelo com borboletas, muito à semelhança da Haillie McCobb, do segundo ano.

Depois, mudou de tema e começou a falar de programas de televisão, sendo que o seu favorito era *Sabrina, A Bruxinha Adolescente*. Eu disse que preferia banda desenhada. Talvez tenha sido a primeira coisa que disse desde que entrara no carro há cento e sessenta quilómetros, e vai ela e diz:

— Boa!

Percebi que ela utilizava imenso essa expressão. Se eu lhe tivesse dito que tinha tirado a tosse a uma velhota e escondido o cadáver num contentor, de certeza que ela diria: «Boa!» Estava a emborcar uma enorme garrafa térmica de café e a conduzir descalça para não adormecer. As sandálias vermelhas com uma plataforma altíssima de madeira iam em cima do painel de instrumentos. Era tudo novidade para mim. Agora, estava a viver no mundo real. Ela tinha conduzido toda a noite desde Memphis e ia a Knoxville visitar o namorado, que era exatamente como o Paul da série *Doido Por Ti*, só que mais novo. Um *nerd*, mas de uma maneira fofinha.

Knoxville, raios! O mais certo era a Emmy já se ter mudado. Eu não tardaria a chegar a Knoxville, ela estaria no condado de Lee, e o fulano que está ao comando do universo deveria estar a rir a bandeiras despregadas.

Eu ainda levava o cartaz onde escrevera «Unicoi» em cima das pernas, e só então percebi que ela lera mal, *dah*. Unicórnios. As três horas inteiras que passei no carro dela foram um equívoco. Começámos a ver placas a indicar os quilómetros que faltavam para chegar a Knoxville, a contagem decrescente até eu ser atirado outra vez para a berma da estrada como o rafeiro extraviado que era: enjeitado, ainda não afogado. Passara de esfomeado a desvairado e não sabia se tinha alguma coisa na mochila que pudesse vender àquela rapariga. Se aprendera alguma coisa com a Sra. McCobb, fora que as pessoas são capazes de comprar as cenas mais descabidas. Eu tinha os meus marcadores, mas não queria desfazer-me do melhor presente que alguma vez recebera. Questionei-me se a tia June sequer se lembrava.

A minha motorista descalça perguntou onde eu queria ficar, e eu disse que em qualquer sítio menos numa estação de serviço. E assim foi. Uma saída com a placa a indicar Love Creek. Um último «Boa!» e foi à vida dela.

O céu estava escuro, carregado de nuvens. Senti-me demasiado esfalfado para

ficar na berma da estrada a ser ignorado, e a fome era tanta que não conseguia pensar no que fazer. Abandonei a interestadual e desci a Love Creek Road, porque, que raios, nunca se sabe. Começou a chover e corri para uma pequena mercearia parecida com a do Sr. Golly. Vi as luzes acesas no interior, um velhote ao balcão a contar com uma noite pouco movimentada. Nunca saberia que estive ali. Nas traseiras do edifício, enrosquei-me entre a parede de tijolo e o contentor do lixo, onde estava quase seco, e vasculhei a mochila como um animal. Comi o meu último *Slim Jim*, roubado ao Sr. Golly.

Mas o Sr. Golly tinha uma coisa boa. Adorava dar comida às pessoas e vê-las comer. Fazia questão de entregar aos clientes a sua empada frita ou cachorro e tinha um letreiro a informar que as pessoas podiam comer no interior da loja. Isto por causa da infância que tivera. Pode ser a coisa mais estranha que jamais ouvi. Ele disse que os seus pais, irmãs e todos os amigos eram conhecidos por «intocáveis», ou seja, se alguma vez tocassem em comida ou em qualquer outra coisa, essas coisas ficavam, tipo, condenadas. As pessoas normais não estavam para isso. O mesmo se aplicava aos corpos. Não se podiam cumprimentar com um aperto de mão. Se ele permitisse que a sua *sombra* tocasse numa pessoa de classe alta, chamavam a Polícia para lhe dar uma tareia. Ele deu um nome a esse tipo de pessoas que me pareceu algo parecido com «*dolly*».

Eu sabia que tinha de haver um senão. O que aconteceria se alguém caísse na rua? Não ajudavam essa pessoa? Ele disse que não, que preferiam deixá-la ser atropelada a tocar-lhe. E se alguém lhes quisesse dar um presente? Népias. E dinheiro, comprar alguma coisa numa loja? Ele disse que deixavam o dinheiro em cima do balcão e depois faziam uma reza para o purificar depois de a outra pessoa sair. Por brincadeira, ele e os amigos costumavam abeirar-se de um vendedor ambulante e tocar na comida com as mãos, pelo que ele era obrigado a deitá-la fora. Caso se conseguissem esconder antes de os apanharem e matarem, regressavam e comiam-na.

Isto acontecera há uma eternidade, claro, mas, mesmo ao fim de tanto tempo, dava para perceber que ele se divertia à brava a entregar comida às pessoas. Se a pessoa mais importante que se possa imaginar fosse à loja dele, como por exemplo o governador da Virgínia ou o Dale Earnhardt, e o Sr. Golly lhe

passasse um cachorro-quente e a pessoa comesse, isso parecia-lhe um truque de magia, contou-me. Disse que nunca se habituaria à forma como os americanos são amáveis com os outros.

Eu disse-lhe que sim, talvez, mas tinha as minhas dúvidas. Muitas pessoas nunca permitem que lhes toquem, nem mesmo para um cumprimento com a palma da mão estendida depois de encestar a bola numa partida de basquetebol. Eu que o diga. Os putos perseguem-se uns aos outros a dizer que têm «piolhos», o que é tanga, mas, se houvesse uma palavra para esse tipo de pessoa na América, seria utilizada.

Não morri nessa noite atrás do contentor. Precisei de todo o dia seguinte e de mais três boleias para chegar ao condado de Unicoi. Primeiro foi outro camionista, que passou o tempo todo a falar pelo rádio. Deixou-me no cruzamento 26, onde, no dia anterior, eu seguira na direção errada. Depois foi um jovem abrutalhado numa carrinha mais velha do que ele. A cara mais parecia um presunto fumado, e o peito, um bloco de betão. Fartou-se de me perguntar se eu não queria ir com ele às gajas. Eu agradeci, respondi que não, mas ele era meio lerdo. Por fim, disse-lhe que jurara que nunca mais ia às putas porque a última com a qual me metera me ficara com o dinheiro todo. Ele deu uma palmada no guiador e desatou à gargalhada.

A terceira boleia foi num *Caddy Deville*. Era castanho-escuro como a pele dos gamos, e o condutor também. Outro pregador. De fato e gravata elegante, o cabelo bem aparado, nem velho nem novo. O carro, decididamente velho. Tinha aquele ar de quem já viu tudo. Perguntou-me qual era o meu fardo e eu respondi: onze anos sem um tostão, a fugir de ninguém que se importasse, provavelmente a caminho de mais do mesmo. Não desviou o olhar da estrada, concordando com a cabeça, por vezes passando os dedos pelo cabelo, enquanto eu desembuchava. A luta com o Stoner, a morte da minha mãe, ser mandado para a quinta do Creaky, até aos acontecimentos de há duas noites, em que desejara a morte a uma pega drogada por ela me roubar o dinheiro. Ele ouviu, passando de quando em vez a mão pela cabeça como se estivesse a afastar as lágrimas do céu que choviam sobre nós.

Ele já ouvira falar de Murder Valley. Disse que viajava bastante por essas bandas para cuidar do seu rebanho, e dava para acreditar. Se ele fosse o sacerdote da minha igreja, frequentá-la-ia. Nunca me tentou impingir Jesus nem nada do género. O único conselho que me deu foi para ter cuidado em Unicoi porque havia lá pessoas tão más que eram capazes de enforcar um elefante. Eu disse que ia ter, pensando que era uma forma de expressão, mas não. Uma vez, condenaram lá um elefante à pena capital. Ele disse que, se eu fosse à biblioteca para confirmar, não olhasse para as fotografias, porque a visão de um elefante enforcado não era fácil de esquecer. Fora um elefante de um circo que se fartara daquela vida e fugira depois de o domador bêbedo o chicotear e atormentar a ponto de se descontrolar, o que eu compreendia. Porém, ao fugir, pisou acidentalmente alguém na cidade, e aquela gente não descansou enquanto não se fez justiça. Meu Deus. Imagine-se só o tamanho da corda! E o que eles tiveram de construir para lhe suportar o peso.

A moral da história é que nunca se sabe a dimensão da dor que vai no coração das pessoas ou o que são capazes de fazer por causa disso, se tiverem a oportunidade. Lembrei-me da Mariah Peggot, do modo como marcou o corpo do Romeo Blevins para lhe mostrar que não voltaria a engolir o que ele lhe fazia. O pregador disse que este tipo de dor era o principal motivo para a oração ser necessária neste mundo, tanto quanto lhe fora dado a entender, e que rezaria por mim. Depois deu-me um dólar.

Apeei-me num cruzamento deserto e senti uma imensa tristeza ao ver aquele *Caddy* afastar-se, enquanto ansiava por alguma coisa que não sabia nomear. Ansiava também por uma mercearia onde pudesse gastar um dólar em alguma coisa para comer. Tenho a certeza de que ele se desviou do caminho para me deixar ali, numa pequena estrada que, segundo ele, ia dar a Murder Valley. Eu não duvidava que havia um cemitério no extremo, pois não se via vivalma a ir para um lado ou para o outro. Caminhei a tarde toda até começar a escurecer, o calçado a começar a desfazer-se e bolhas brotarem-me dos pés. Encontrei um saco de pão vazio na valeta e amarrei-o a um ténis do Walmart para a sola não descolar. Passei por explorações agrícolas com carrinhas estacionadas nos caminhos de acesso, mas não vi ninguém no exterior a não ser uns miúdos a

divertirem-se nuns veículos todo-o-terreno. Já não sabia que dia era, talvez sábado, se os miúdos não estavam na escola. Passei por campos de tabaco em flor e fiz um esforço para ficar feliz por não ser eu a apanhá-lo. Apareceu um agricultor que me deixou ir na parte de trás da carrinha durante alguns quilómetros, até que saiu outra vez da estrada. Fez-me lembrar o Sr. Peg a conduzir mais devagar do que eu era capaz de caminhar, mas os meus pés agradeceram a pausa.

Nessa noite, dormi num celeiro. Tinham descarregado o feno e eu subi para uma pilha de fardos onde ninguém me veria nem seria alvejado, se viesse a ser esse o caso. Sentia um cansaço de morte e adormeci a pensar no Tommy enroscado no feno, a desenhar esqueletos. Tinha a barriga demasiado vazia para conseguir um sono profundo. Despertei três ou quatro vezes a falar com o Tommy ou a ouvir a voz dele a falar comigo. Estava totalmente baralhado naquele celeiro escuro como breu, achando que estava na quinta do Creaky.

O dia seguinte era domingo, disso não tive dúvida. Deu para perceber pelas pessoas que apareciam de toda a parte nos seus carros para irem à missa com as melhores roupas. As crianças bem lavadas e todas pimponas nos bancos de trás. Algumas famílias ofereceram-me boleia, mas vi as suas expressões quando se aproximaram e repararam como eu estava imundo. Disse que não me importava de caminhar e perguntei se ainda faltava muito para chegar a Murder Valley. Vai-se a ver e já tinha chegado. Era um vale. Havia quintas. E cemitérios, lá isso havia. O primeiro que vi era singelo, nas traseiras de uma pequena igreja branca. Passei-o a pente fino, mas não encontrei Woodall algum. Todos os residentes tinham morrido noutros tempos, nos anos cinquenta ou antes.

Sentei-me entre as sepulturas e ouvi os cânticos que chegavam da igreja. As pessoas lá dentro pareciam felizes por terem alguém a velar por elas, por nunca estarem sozinhas, com a certeza de que essa promessa era real. Eu seria capaz de dar um olho para ser uma delas.

O mais certo é ter perguntado a uma dezena de pessoas se conheciam uma Betsy Woodall. Não sei porque não deveria perguntar. No condado de Lee, se alguém andar à procura de uma pessoa pelo nome, o mais certo é encontrar um

primo ou um ex à terceira tentativa, mas em Murder Valley não é assim. Algumas pessoas mandaram-me à fava, outras gozaram com a minha cara. Num restaurante, um fulano correu comigo, pensando que eu andava a mendigar. Cheguei a uma vila com algumas lojas ainda abertas e muitas mais já encerradas, entaipadas. Acho que não passavam por ali muitos forasteiros, mas não tinha mais forças para seguir em frente, por isso continuei a perguntar, apesar de me tratarem como um parasita.

— Tenho uma sovela[19] na minha caixa de ferramentas — disse um espertalhão.

Outro disse que sim, que a conhecia. Fora vista pela última vez montada numa vassoura. Isto foi na loja de ferragens e de alimentação para animais, que não estava aberta por ser domingo, mas onde me cruzei com alguns fulanos a confraternizar na plataforma de carga. O que disse a piada da vassoura estava de pé na traseira de uma carrinha de caixa aberta a atirar fardos de feno para a traseira de outra, enquanto os outros indivíduos, de fato-macaco, o observavam a mascar tabaco. Desataram todos a rir.

— Eu diria que a um rapaz daquele tamanho, ela o poria num espeto e o assaria pela carne tenrinha — disse um deles.

Eu já me estava a afastar, mas, ao ouvir isto, virei-me. Era como se estivessem a falar de alguém que conheciam, embora não fosse alguém com que nos quiséssemos cruzar.

— Estão a dizer que ela é real? Tipo, uma pessoa humana?

Eles entreolharam-se, depois olharam para mim. Desconfiados. Estava um bando de pombos pousados no cabo por cima de nós, todos virados para mim, e eu senti que também me fitavam.

— É real, sim, senhor — respondeu o gajo que estava na parte de trás da carrinha. — Creio que os jurados ainda estão a ponderar sobre a parte de ser humana.

Desataram todos numa gargalhada. As aves não.

— Onde a posso encontrar? — indaguei.

Reinou o silêncio. Senti o cheiro do feno e do granulado para alimentar os

cavalos. Estavam todos à espera.

— No fundo do lago Watauga, se tiveres sorte — retorquiu um deles, a rir. Era um gajo mais novo, um pau de virar tripas. O rosto parecia em construção, de tanto acne.

— Não é preciso faltar ao respeito a uma senhora idosa — ripostei. — E se eu for parente dela?

Os maxilares que mascavam tabaco pararam todos ao mesmo tempo. Que porra. Todos aqueles homens com as mãos nos bolsos dos fatos-macaco a olhar para mim como se eu fosse uma ave rara. Por fim, um tipo mais velho disse:

— Se assim é, eu diria que estás a dizer a verdade, a julgar por esse teu cabelo ruivo.

Porém, a acreditar no que a minha mãe dissera, ela não tinha o cabelo ruivo.

— Como assim?

Agora olharam todos para ele e não para mim. Dois gajos caminharam para as suas carrinhas, pois não queriam fazer parte disto.

— Vá lá, Slim — incitou um deles. — Diz ao rapaz o que ele quer saber.

E o Slim, que era um gajo gordo, disse:

— Olha lá, que ninguém me diga que fiz o que não deveria fazer.

E os outros disseram o que pensavam sobre me entregarem à mercê de uma devoradora de homens, até eu sentir que tinha a cabeça quase a estourar.

— Vão todos para o inferno! — gritei.

E pronto. Com isto, disseram-me. Todos ao mesmo tempo. Eu tinha de virar à esquerda depois daquela que já fora a loja de mobiliário, ou que já fora a escola, numa rua que se chamava Janet Lane, ou rua do burro velho. Numa coisa concordaram: eu encontraria uma casa amarela de rés do chão e primeiro andar. Deixei-os a discutir o assunto. Que se lixassem as bolhas nos pés. Percorri o último quilómetro e meio a galope.

Não havia uma placa na rua, mas havia uma casa amarela, solitária e altaneira, numa colina, como se não quisesse companhia. A casa estava bastante bem cuidada, tinha umas grandes janelas, o jardim bastante florido e uma cerca em redor com um portão de rede que não me atrevi a abrir. Eu estava imundo o suficiente para assustar os pássaros que pululavam no jardim. Fiquei meio

aturdido ao ver toda aquela cor e ao ouvir o zumbido das abelhas. Isso e pelo facto de não ter comido muito nos últimos tempos. Fosse qual fosse o motivo, só vi a senhora que estava a arrancar ervas daninhas quando ela se levantou e levou uma mão às costas. Caramba. Era provavelmente a mulher mais alta que jamais vira, a pele tisnada, os dedos como os de um fumador. Tinha umas feições austeras. Ao que parecia, os gajos da loja de ferragens não estavam a mentir. Trazia um chapéu e sapatos de homem, uma saia justa. Ostentava umas pernas grumosas debaixo das meias, a fazer lembrar avelãs dentro de um saco. Se não se mexesse, eu tomá-la-ia por um espantalho.

Ela viu-me. Levantou de pronto o sacho como se estivesse prestes a arremessá-lo na minha direção.

— Vai-te embora!

Eu fiquei sem reação.

— Eu disse *pisga-te*. Não quero aqui rapazes! — Começou a retalhar o ar com a sua arma.

Se eu abri o portão e avancei um passo em direção a ela, que foi o que fiz, não foi por coragem. Simplesmente, não tinha alternativa.

— Desculpe — disse eu. — Sou seu neto.

Ela baixou o sacho. Tinha um daqueles óculos de sol que contornam a cabeça, que se veem nos idosos, e tirou-os. Por baixo desses, havia outros óculos grossos que faziam com que os seus olhos parecessem peixes num aquário. Verdes como os meus, leitosos, espantados. Ficou ali a mirar-me dos pés, com o meu calçado rebentado, à cabeça, com os meus cabelos ruivos e hirsutos. Foi sobretudo aí que o seu olhar incidiu.

— Meu Deus — disse, e sentou-se no chão.

[19] No original, consta *wood-awl*, que sonoramente é muito semelhante ao apelido Woodall. (*N. dos T.*)

26

A minha avó estava-se nas tintas para rapazes ou homens.

— Todos aqueles que mijam de pé — foi o que ela disse. Azar para mim.

A sala de estar da casa dela cheirava a fumo de tabaco velho e a pessoas velhas, e estava atravancada de móveis, móveis de outros tempos. As cadeiras tinham pernas de madeira com pés de animais e umas rendas nos braços para não se estragarem. Pelo mesmo motivo, estendeu uma toalha de mesa no sofá para eu me sentar. Depois puxou uma cadeira e fitou-me, abanando-se com um daqueles leques que se usam nos funerais. Estava um calor infernal ali dentro, era sufocante estar rodeado de tantas bugigangas e geringonças. Enormes relógios antigos por cima da lareira, vários. Se alguém obrigasse aquela velhota a desperdiçar o seu tempo, ela saberia.

— O que vamos fazer contigo? — não parava de perguntar. Como se *eu* soubesse.

Tinha uma voz de homem, daquele tipo que os fumadores recebem de prémio quando chegam aos cem milhões de maços fumados. Mas era também o que dizia e como o dizia. Como quem se está a borrifar para o que os outros pensam. Pouco depois, levantou-se e deixou-me a suar como um porco, sem me atrever a mexer-me. Voltou com um prato de sanduíches e ficou a ver-me devorar tudo. Um espetáculo nada bonito de se ver.

Tinha perguntas. Para começar, se alguém já me dissera que eu era a cara escarrada do meu pai. Eu respondi que sim, que as pessoas me tratavam pela alcunha dele, Copperhead. Ela abanou a cabeça como quem diz *Não, senhor, não vamos por aí.* Más recordações quiçá, no que diz respeito a serpentes. Disse que eu quase lhe pregara um ataque cardíaco lá fora no jardim.

— O meu filho regressou dos mortos, pensei, regressou como rapaz e não como homem para cair nas minhas graças, mas não vai resultar. Os rapazes não são mais do que homens pequenos ainda a decidir para onde apontar.

Eu não sabia se estava a referir-se à maneira como mijávamos, o que me pareceu um importante ponto de discórdia. Pedi desculpa por isso tudo e perguntei o que o meu pai fizera para a deixar tão chateada.

— Céus, meu menino, nem saberia por onde começar.

Eu disse que esperava que ela não me culpasse por isso. E que a minha mãe achava que ele era fantástico, pelo que talvez se tivesse redimido nos seus últimos tempos. Queria perguntar se era verdade a história de ela fazer uma visita à minha mãe e assistir ao meu nascimento.

Só que ela continuou a sua lengalenga.

— O problema dele foi a igreja — disse. — Começou logo da pior maneira. — Esta foi novidade para mim, principalmente vindo de uma pessoa idosa. É claro que já ouvira falar da manipulação de serpentes, mas ela disse que fora pior do que isso. Homens a querer regressar ao Antigo Testamento, aproveitando-se de raparigas virgens e escravizando as próprias filhas. — Conheci alguns que teriam tido mais mulheres do que o Jacó se levassem a sua avante.

— O Jacó teve mais de uma? — quis saber.

Ela segurava nas mãos o prato vazio que tinha uma fotografia do Abraham Lincoln. Não sabia como tinha ido ali parar. Foi preciso muita força de vontade para não lamber as migalhas das sanduíches da cara dele.

— Duas mulheres e duas concubinas. Não sabes as escrituras?

Pareceu-me uma pergunta com rasteira. Disse-lhe a verdade, que a minha mãe azedara em relação a isso tudo. E que, tanto quanto sabia, o filho dela também era muito de ir à missa quando chegara ao condado de Lee. A minha mãe não suportaria isso num namorado.

— Tu não o conheceste — atalhou. — Ele morreu em julho e tu só nasceste no outono.

Passei-me um pouco dos carretos por ela saber isso.

— Além disso, era maluco por carros — prosseguiu. — Era doente. Um carro pode matar um homem mais depressa do que uma serpente. Desde 1961 que não

conduzo uma dessas máquinas infernais e nunca tive uma.

Era muito para assimilar. Para começar, que o meu pai gostava de carros, a mesma panca que me corria nas veias. No recreio, eu era sempre aquele puto a olhar para a estrada, a ver o metal a rugir enquanto os miúdos mais velhos gritavam: «Ei, meu, um *Continental* com portas suicidas!»

Depois, desde *1961*? Como é que uma pessoa moderna podia não ter carro? Ela explicou que lhe traziam as mercearias a casa e que, se precisasse de alguma outra coisa da cidade, ia a pé. Ou então pedia a uma das suas raparigas para a levar ou para lhe fazer o recado. Ao todo, criara e educara onze raparigas, algumas desde que eram adolescentes, outras desde bebés. Portanto, era uma espécie de mãe adotiva. Porém, disse que o fizera sem ajudas, sem cheques ou coisas do género. Tinha má opinião sobre como os serviços sociais podiam fazer asneira. Eu não podia estar mais de acordo.

Quer-se dizer que a história da minha mãe era verdade. A Betsy Woodall tê-la-á visitado. O fogo do inferno que terá desencadeado com certeza *não* era verdade, apenas os pesadelos da minha mãe a fazer das suas. Porém, o plano de me levar era real. A minha mãe concordara com isso? Se eu tinha nascido sem água canalizada, naquela casa teria crescido como uma pessoa diferente, sentado a comer sanduíches em cadeiras com pés de animais? O meu cérebro estava quase a queimar um fusível.

Pedi para ir à casa de banho e ela levou-me aos seus «lavabos», que felizmente tinham sanita, ainda que fosse esquisita, e levei um minuto a perceber como funcionava, pois era preciso puxar uma corrente. Ela não ficou para ver se eu estava à altura da situação.

No geral, foi uma tarde bastante assustadora. Ela perguntou se era preciso telefonar às pessoas de quem eu tinha fugido. Eu respondi que nem por isso, mas ela insistiu, dizendo que não queria problemas com a Polícia, por isso eu disse-lhe quem precisava de saber que eu estava vivo e com um familiar. Depois de telefonar, perguntou-me que diabo me tinha passado pela cabeça para ir à procura dela.

Contei-lhe a minha lamentável história. Não queria que aquela senhora se pusesse com insolências em relação à minha mãe. Ela não fora uma completa

incapaz. Por isso, disse-lhe que tivera uma vida bestial até a minha mãe se meter com um gajo que acreditava que a educação deveria ser conduzida à força do murro, que a intimidava e lhe fizera uma lavagem ao cérebro até ao dia em que morreu. Depois, fora para uma família de acolhimento liderada por um velho que tinha uma quinta onde escravizava rapazes. Enquanto lhe contava a minha história, aquela senhora mirava-me com insolência. Tentei uma abordagem diferente sem demonizar todos os homens porque, para ser franco, a Sra. McCobb também não era flor que se cheirasse, nem a Olheiras. Já para não falar da menina Pereira, que me abandonou por um caso mais rentável. E a pega da estação de serviço, decididamente má rês, mas isso eram contas de outro rosário. Resumi a situação pintando-me como uma pessoa trabalhadora e que começara a ganhar dinheiro, só que fora roubado.

No fim do meu relato, ela vai e diz:

— Pobre rapariga.

Alto lá, o quê? Não é «pobre rapaz»? Ela não se referia à ladra, cujo facto de ser prostituta eu ocultara. Referia-se à *minha mãe*. Eu ainda estava furibundo com a minha mãe por ela me ter morrido, por isso não estava preparado para tomar o partido dela, mas aquela senhora parecia furibunda com o filho por ele *lhe* ter morrido, o que, segundo ela, era coisa desprezível para se fazer à minha mãe, deixando-a com um bebé nos braços. Interroguei-me sobre se a minha mãe sentira a mesma coisa e não incluíra o nome dele na minha certidão de nascimento para se vingar. É certo que a minha mãe ficou lixada com o acidente que acabou com ele, a ponto de se recusar a falar sobre o assunto. Talvez aquela senhora tivesse respostas, mas, de súbito, pareceu-me cabisbaixa e triste, esgotada. Ficámos sentados, a ouvir o tiquetaque dos relógios. Ela também tinha um enorme relógio de ouro redondo de homem que tirou do bolso, consultou, deu corda, esfregou na manga e voltou a enfiar ao bolso. Um gato pardo esgueirou-se de debaixo de um armário enorme, olhou para mim com cara de poucos amigos, deslizou pela parede e saiu a correr porta fora.

Então, sem mais nem menos, ela levantou-se e disse que eram horas de ver o Zezinho.

Porra. *O meu Zezinho?* Para demonstrar que eu era impróprio para ser

adotado?

Não disse mais nada; limitou-se a sair e deixou-me com o Abraham Lincoln ao colo. Poucos minutos depois, regressou a empurrar uma cadeira de rodas com um homenzinho lá sentado.

Ah, percebi. O Zezinho era o irmão dela.

Era pequenino como uma criança, mas velho e grisalho como ela. Tal como ela, fazia lembrar os membros da tribo Melungo, os olhos claros e a pele escura. Não havia dúvida de que eram da minha família. Porém, enquanto ela era alta e robusta, ele era pequeno, torto e franzino. Quase dava dó olhar para ele, os dois pezinhos virados para um lado, sem sequer chegarem aos apoios dos pés da cadeira de rodas. Os ombros encolhidos para um lado, a cabeça inclinada para o outro. Contudo, tinham os mesmos olhos, da cor das algas dos lagos, os dela com os óculos muito graduados e os dele despidos, fitando-me como uma criança me fitaria. Fiquei quieto, deixando-me observar por aqueles quatro olhos verdes.

— Este é o teu sobrinho-neto — informou. — Filho do Damon.

Ele arregalou os olhos, e é possível que eu tenha feito o mesmo. Não sabia que tinha o nome do meu pai. A boca do homenzinho abriu-se. Parecia que se estava a rir, mas não ouvi som algum.

— Um rapaz — disse ela. — Não há muito que se possa fazer em relação a isso, pois não?

A cabeça do mano Zezinho abanou do seu jeito enviesado, concordando com ela, mas estava a fitar-me com uma espécie de piscar de olho, quase como quem diz *Estamos no mesmo barco, jovem*.

— O que havemos de fazer com ele? — perguntou.

Ele fez o seu riso silencioso, abanando a cabeça. Enrugou os olhos e mexeu a boca até, por fim, produzir som. Pareceu-me que disse «*labá-lo*».

Ela assentiu com a cabeça.

— Está bem. Parece-me boa ideia. Vou preparar-lhe um banho. E depois?

O mano Zezinho olhou-me nos olhos, lendo-me como um livro aberto. Eu queria desviar o olhar, mas ele não me deixou. Depois, olhou para o resto de mim como se também fosse capaz de ler isso. Todos os sítios onde estivera,

todas as malditas coisas que perdera, a vergonha e o dó que metia. Pareceu-me especialmente interessado no meu ténis embrulhado num saco de pão. Começou a abanar a cabeça e a mexer novamente os lábios, como que a bombear água de um poço, até produzir sons: «*Ele pcisa de spatos*».

— Oh, minha Nossa Senhora! Pois precisa. Vou perguntar à Jane Ellen se arranja uns sapatos que lhe sirvam. Tens bom olho, maninho.

Conduziu-me a uma casa de banho com banheira no andar de cima. Sim, é verdade. Grande filha da puta. Sem chuveiro. E não era uma banheira qualquer. Era tão grande que se podia cozer um porco lá dentro. Ensinou-me a usar as torneiras e disse que era melhor eu ficar de molho até essa tal de Jane Ellen aparecer com umas coisas para eu vestir. Pelos vistos, tinha irmãos de todos os tamanhos. Sentei-me na sanita a pensar na Devil's Bathtub que levou a vida ao meu pai, uma história abafada que toda a vida me incomodara. Não sabia como era esse sítio, e nunca saberia, mas o mais certo era não ter nada a ver com aquela enorme terrina de porcelana branca. Fitei aquela coisa e pensei *Muito bem, diabo. És tu ou eu*.

No fim, calculei que provavelmente sobreviveria e que mais valia tomar um bom banho de imersão, considerando os dias de merda que precisava de lavar da pele. Abri as torneiras, sustive a respiração e meti-me lá dentro. Baixei o cu na água mais profunda em que jamais estivera. Fiquei ali sentado, nu e ainda vivo, permitindo que uma carrada de informações novas me impregnasse o cérebro. Uma vida inteira sem ter ninguém, a gabar-me de uma mamã a fingir, a ser escorraçado para o fundo de todas as filas enquanto as pessoas que tinham família olhavam umas pelas outras: tudo isso fora uma mentira. Eu tinha a *minha* família. Era muita coisa para assimilar de uma só vez. Não fazia ideia do que aconteceria a seguir. Talvez nada mais pelo meu incómodo do que uns sapatos oferecidos, mas com os diabos. Tinha o mesmo nome do meu pai. Aquelas pessoas eram parecidas comigo. E tinham dinheiro, a julgar pelas aparências. Quero dizer, aquela casa… com salas de estar e lavabos, rés do chão, primeiro andar, as divisões cheias de móveis. Cadeiras com pés e tudo. A *banheira* em que estava metido tinha pés, a fazer lembrar umas garras de aves assustadoras. Aquilo não era uma mentira. Se o mafarrico tivesse uma banheira, seria aquela.

Alguém estendera tantas roupas em cima da cama que aquilo parecia uma feira. Vesti as roupas mais normais que me serviam, desci as escadas e deparei-me com um grande jantar confecionado pela minha avó e pela tal de Jane Ellen, uma rapariga corpulenta com uns longos cabelos pretos encaracolados e um espaço entre os dentes da frente pelo qual a língua lhe espreitava sempre que sorria, o que acontecia de cada vez que eu olhava para ela. A comida era tanta que podia cair e morrer feliz.

A Jane Ellen era a décima primeira das raparigas que a minha avó criara e educara. Frequentava o secundário, trabalhava a tempo parcial num consultório médico e vivia ali desde os 8 anos. Não se falou de onde estivera antes disso, um mistério, a julgar pelos irmãos que havia algures num lugar não muito longe, com roupas a mais. Não era uma órfã de gema, como eu. Comportava-se como se viver com a minha avó fosse a vida mais feliz que se podia imaginar. Ambas tratavam o mano Zezinho como se fosse o seu animal de estimação, perguntando-lhe a opinião sobre coisas, debruçando-se sobre ele para lhe limparem o queixo. O jantar foi frango, batata-doce e feijão-verde. O dele foi um batido verde que lhe serviram num enorme copo com uma palhinha porque um dos seus problemas era a deglutição.

Antes de começarmos a comer, vai a avó e pergunta:

— Dás as graças pela refeição?

Não fazia ideia de como passar nesse teste. Estaquei. O garfo espetado num bocado de galinha, o coração na garganta.

— Nós não! — disse ela, com a sua voz rouquenha.

A Jane Ellen e o mano Zezinho riram-se e lançámo-nos ao manjar. Ela fez mais perguntas, entre as quais porque é que a minha mãe se juntara a uma maçã tão podre depois de o meu pai morrer. Ocorreram-me algumas respostas, a começar pelo facto de a minha mãe ter merda no lugar da massa encefálica, mas por delicadeza respondi que talvez tivesse sido por se sentir só.

— *Solidão!* Não há nada mais solitário do que ficar amarrada a um tirano na sua casa de rancor. — A minha avó olhou para a Jane Ellen, e, pela primeira vez, ela não sorriu.

Fiquei com a ideia de que as duas tinham a sua quota de rancor. A minha avó

com o seu marido manipulador de serpentes, e, no caso da Jane Ellen, vá-se lá saber. Eu queria dizer-lhes que não são só as raparigas que acabam dentro de quatro paredes de ódio e carolos ao pequeno-almoço; isso pode acontecer a qualquer um. O ódio aparece, estende a maldita passadeira e já está. Mas não abri a boca. É mais seguro saber mais sobre as pessoas do que elas sobre nós.

Depois do jantar a minha avó e o mano Zezinho fumaram cigarros. As pernas e o resto do corpo dele não eram lá grande coisa, mas tinha umas mãos extraordinárias. Pequenas e limpas, as unhas arredondadas, a segurar o cigarro como um pequeno pássaro branco empoleirado na sua mão, entoando o seu canto de um bonito fumo azul. Fiz um esforço para não olhar embasbacado. O irmão era mais como uma irmã, e vice-versa.

Nessa noite, puseram-me no quarto onde estavam aquelas roupas todas, agora dobradas e guardadas para eu poder dormir na cama, que mais parecia um navio, com mastros de madeira altos em cada canto, não sei para quê. Como se uma pessoa pudesse precisar de hastear uma bandeira a meio da noite. O quarto cheirava como o resto da casa, a pó e pessoas velhas, e as portas tinham fechaduras antiquadas como as da casa dos Peggots. Eu e o Maggot costumávamos brincar com aquelas chaves compridas de ferro porque ninguém se importava se as enterrássemos no quintal a fazer de conta que eram um tesouro, se as tentássemos derreter numa fogueira ou sabe-se lá o quê. Ali não era assim. Quando já estava na cama, a minha avó foi ver se estava tudo bem comigo. Depois a porta fechou-se e ouvi a chave rodar e um estalido. Era prisioneiro dela.

Mas, se pudesse fugir, para onde iria? Ficar preso num quarto ou viver a minha vida de um modo geral, que diferença fazia? Os únicos caminhos que conhecia estavam cheios de pessoas que mais depressa me atropelariam do que me ajudariam. Qualquer dia, poderia acabar tão morto como a minha mãe e o meu irmãozinho. Dei-me por feliz por não ser hoje que isso iria acontecer. Tinha a barriga forrada e não estava a chover em cima de mim. Amanhã, a história seria outra. Provavelmente a história de ser escorraçado por ser rapaz.

Mas aquele Zezinho que ela tanto adorava, a pedir-lhe conselhos e até a segui-los. Fiquei a matutar. Depois lembrei-me do que ela dissera sobre a forma como

as pessoas mijam. Não conseguia perceber como é que ele fazia isso, mas de certeza que não era de pé.

27

Ela demorou o seu tempo para se decidir em relação a mim. Era daquelas pessoas que nunca estava errada, ponto. No que a mim respeitava: (1) nenhum familiar dela seria entregue aos preguiçosos da Segurança Social; (2) preferia dar um tiro na cabeça a educar um rapaz. Por isso, levar a sua avante seria um problema.

O que pensava do mano Zezinho: a maioria das pessoas achava que ele era um desmiolado, mas na realidade era a pessoa mais inteligente que algum dia conhecera. Queria que eu confraternizasse com ele, o que me metia um bocado de medo, para ser franco, pois não sabia como. Perguntei o que lhe tinha acontecido para ficar numa cadeira de rodas, ao que respondeu que nascera com um problema na coluna vertebral, mas que a vida também lhe fora madrasta. Quando era pequeno, os rapazes da escola maltrataram-no a ponto de o deixarem às portas da morte. Meteram-no dentro de um saco de ração, esconderam-no numa sarjeta e coisas do género, só por ser tão pequeno que não se podia defender. E por gostar de ler e saber as respostas nas aulas, o que toda a gente sabe que é estar a pedi-las. Ela era a irmã mais velha e tornara-se exímia a protegê-lo dos rapazes com as armas que tivesse à mão, mas o pai deles tivera outra ideia e metera-o numa instituição em Knoxville, onde não tinha escola, pelo que ela lhe levava livros sempre que o iam visitar. O pai queria-o longe da vista, pois os paroquianos argumentavam que um deficiente era um castigo de Deus. O pobre Zezinho ficara institucionalizado durante anos, até toda a família morrer e ela poder tirá-lo de lá.

Maldição. Eu ainda me sentia ansioso ao falar com ele, mas menos, depois de ela me contar isso. Deve ser porque um miúdo intocável reconhece outro.

O quarto dele ficava no piso térreo, por causa da cadeira de rodas, e às vezes a porta era deixada aberta. Da primeira vez que lá entrei, ele não deu por mim porque estava a ler um livro. Não uma leitura normal. Ele estava mesmo imerso. Ele e aquele livro enorme não estavam naquela casa, se calhar nem neste mundo. Basicamente, o quarto dele era uma sala de estar com uma cama. Cadeiras, candeeiros, uma escrivaninha, mais uns artigos médicos e de higiene para os quais tentei não olhar. Havia imensa coisa na escrivaninha, incluindo um papagaio de papel. Todas as paredes tinham estantes com mais livros do que eu jamais vira em algum sítio, incluindo na biblioteca da escola. Alguns tinham a lombada fina e as cores típicas dos livros infantis. Não tinha visto muitos desses. Uma vez, alguém me ofereceu um com a história daquele menino malcomportado que é mandado para a cama sem jantar, e, na sua mente, é um monstro e vai para uma ilha onde só há monstros selvagens como ele, todos abespinhados, a armar uma zaragata. Adorei. Mas preferia banda desenhada, só que disso não havia no quarto do Sr. Zezinho.

— Olá, Sr. Zezinho — lá acabei por dizer.

Levantou a cabeça e sorriu, não muito surpreendido. Fez sinal para eu entrar. Tinha problemas na garganta ou na laringe, mas depois de nos habituarmos percebíamos quase tudo o que ele dizia. Porém, precisei de um minuto para chegar a esse ponto. Naquele primeiro dia, sondei os livros dele e perguntei sobre o que versava um ou outro, fingindo perceber a resposta. Não encontrei o livro do menino malcomportado. Os livros infantis dele tinham aquelas imagens antiquadas com que os miúdos de agora ficariam entediados. Pelo que percebi, ele guardava todos os livros que lera. Perguntei se tinham sido aqueles que a irmã lhe levara para o lar de deficientes e ele disse que sim; fiquei devastado, pois era trágico. Céus. Mas agora aqueles dois irmãos eram mais felizes do que a maioria das pessoas.

O Zezinho não se ofendia com praticamente nada, pelo que, ao fim de algum tempo, fiz umas perguntas mesmo intrometidas. Por exemplo, como é que a minha avó arranjara uma casa tão boa (sendo a única sobrevivente da família) e de que é que os outros familiares tinham morrido (sendo maus como as cobras). Ele lembrava-se do meu pai? Lembrava! Quando a minha avó fora buscar o Sr.

Zezinho ao lar para deficientes, após a morte do marido, o meu pai era um adolescente. Passei-me ao pensar nele a andar por aquela casa, vivo e ainda criança. Eu costumava pensar no meu pai como pertencente a outra categoria de ser, como o Homem-Formiga ou Jesus, mas fora uma pessoa real, como eu. Queria saber um milhão de coisas, como qual fora o seu primeiro carro, que desportos praticava. O Sr. Zezinho foi vago quanto a isso e disse apenas que ele discutia imenso com o pai, que era religioso, e que depois, quando o pai morrera e não havia quem ditasse as leis, passou a discutir com a minha avó. Quando fez dezasseis anos, saiu de casa. O Sr. Zezinho não fazia ideia do que ele fizera no período entre deixar aquela casa e conhecer a minha mãe no condado de Lee, o que foi uma data de anos. Provavelmente ninguém fazia. Gostaria de encontrar o livro da história do meu pai naquela casa e ler todas as páginas.

Portanto, aturar as tretas de um adolescente parecido comigo: teria começado assim a opinião sombria da minha avó em relação aos rapazes? Tive de perguntar. O Sr. Zezinho sorriu e abanou a cabeça, fazendo sinal por cima do ombro torcido como quem diz que isso fora antes, muito antes. Claro. Os gajos grandes e asquerosos que enfiaram os seus bracitos e as suas pernitas num saco de ração, a rir que nem uns desalmados. Ela já se decidira muito antes de ter o seu bebé de cabelos ruivos. O mais certo é ele nunca ter tido hipótese.

Depois de o filho fugir é que ela começara a acolher raparigas para as educar, assim dizia. Perguntei ao Sr. Zezinho o que é que ela lhes ensinava que não aprendessem no ensino formal. Já vira como a Jane Ellen se atirava aos livros todas as noites, os trabalhos de casa espalhados pela mesa da cozinha. A minha avó fazia-lhe perguntas ou dava-lhe dicas sobre história ou até matemática, o que me espantou que uma velhota soubesse. Seria de pensar que fosse uma invenção mais recente. O Sr. Zezinho disse que ela ensinava as raparigas a serem as melhores da turma e a não deixarem que os outros as menosprezassem. Era o mesmo que dizer para não se aproximarem de rapazes odiosos. O Sr. Zezinho disse que sim, era isso mesmo. Perguntei como é que as raparigas conseguiam acabar os estudos e depois sair de casa. Ele disse que, de uma forma geral, casando.

Foi uma longa quinzena de espera. Houve dias em que ela me pôs lá fora a cuidar do jardim. À Jane Ellen também, se não estivesse na escola ou no trabalho. Passámos uma manhã a revirar a terra no sítio onde ela queria plantar as couves-galegas. Eu conseguia divertir a Jane Ellen com muita facilidade, a falar de minhocas ou coisas do género, mas isso não chegava. Não havia televisão. Geralmente, restava-me o Sr. Zezinho, ou nada. Nós, os homens, tínhamos os nossos momentos de pândega. Às vezes até troçávamos um pouco da minha avó. Ele adorava-a, claro, mas em certa medida ela era meio maluca. O nosso pequeno segredo.

Certa manhã, dei com ele sentado na cadeira de rodas a trabalhar em qualquer coisa na escrivaninha, e não estava para brincadeiras. Não estava a ler, estava a escrever. No papagaio de papel. Quando era miúdo, eu tivera papagaios baratos, mas o dele não era desses vulgares. Era de fabrico caseiro, com ripas de tabaco e rolos de papel liso. Disse para eu puxar uma cadeira, e fiquei sentado a vê-lo escrever no papagaio. Ele tinha a caligrafia mais bonita e mais pequenina que um humano jamais produzira. Para quem tinha o corpo tão torto, as letras que da mão dele saíam eram perfeitas. E escrevia muito devagarinho. Demorou uma eternidade a terminar uma frase: *Tão sábio e tão jovem, dizem, nunca vive muito.* Palavras que não faziam perfeito sentido, mas que provavelmente eram verdade. Ele escrevera outras frases por todo o papagaio. Tipo, umas cem. Consegui ver: *Não discutas com ela; é doida varrida. Oh-oh,* pensei, chatices com a maninha. Mas outra frase dizia: *Estou determinado a pôr à provar um vilão, e odeio os ociosos prazeres destes dias.* Eu não percebia patavina. *Nenhuma fera tão feroz, mas tem alguma misericórdia.* E ao centro, com uma letra maior:

> *E se eu morrer nenhuma alma terá compaixão de mim.*
> *E porque havia de ter, se eu próprio*
> *compaixão de mim não tenho.*

Perguntei do que se tratava e ele deu uma palmadinha num livro que acabara de ler. Pretendia escrever o livro inteiro no papagaio? Não, só certas partes de que gostava mais.

— E depois o que acontece?

Apontou para fora da janela e fez um gesto que significava *cima, cima*.

— Lança o papagaio?

Assentiu com a cabeça. Disse que, depois de ler um livro, muitas vezes queria agradecer ao autor, mas que geralmente já tinha morrido. O livro dele tinha um nome escrito de que eu já ouvira falar: Shakespeare. Morto, pois claro.

— Então, é como se fosse agradecer a bênção? — perguntei.

Ele disse que sim com a cabeça. Nem mais. Que a minha avó dizia que era coisa que não faziam nesta casa. Pelo menos não a Deus. Era evidente que se podia agradecer a Shakespeare e aos outros. Era de pensar que ela estava de acordo com aquilo, porque ele nunca agiria sem ela saber. Lançar um papagaio a partir de uma cadeira de rodas deve ser um espetáculo digno de ser visto.

O que finalmente deixou a minha avó de fogo no cu foi a escola. Ou melhor, o facto de eu não a frequentar. A Jane Ellen já estava a estudar para os exames e eu nem sequer pusera um pé… Em que ano é que eu deveria andar? De repente, até parece que é uma emergência, e eu ponho-me a pensar: *Qual é a pressa, dona?* Eu já deixara os estudos bastantes vezes, sobretudo por haver crescidos que se quiseram aproveitar de mim, mas esta não. Não permitiria que eu crescesse como um idiota ignorante. Chamou-me à sala de estar e mandou-me sentar. Perguntou se eu tinha preferência sobre para onde ir. Estava sentada à sua enorme secretária, que eu só soube que era uma secretária quando ela abriu aquela coisa de cima que é de correr. Demorei um minuto a perceber o que ela queria dizer com *preferência*.

Que ano? Não. Escola, condado, estado. Não podia ficar com ela, mas não permitiria que eu regressasse ao condado de Lee, se eu não queria ir para lá.

Não estava habituado a escolhas. Só tinha uma lista de pessoas que esperava não voltar a ver antes de morrer, estando o Stoner no topo da lista. Depois vinha o Creaky e a sua quinta. A Olheiras também, mas eu já sabia qual era a opinião da minha avó sobre a Segurança Social. Ela tinha um plano diferente.

— Já cuidava de crianças ainda tu não eras nascido — disse ela, fitando-me por cima dos aros dos óculos. A parte de vidro era separada, como um *F-150* de duas cores.

— Sim, senhora — aquiesci.

Ela rodou um objeto com uns cartões que era a sua lista de pessoas. Nomes, números de telefone, mas estamos a falar de talvez uns cem cartões naquela engenhoca. Imagine-se conhecer tanta gente. É claro que ela era uma velhota, na casa dos cinquenta ou sessenta. Já tivera tempo para reunir um pelotão.

— As minhas meninas geralmente não ficam em Unicoi — explicou. — Têm voos mais altos.

Lembrei-me do que o Sr. Zezinho dissera sobre elas casarem, por isso pensei que se calhar os maridos dela eram pilotos. Mas eu não ia contradizer a dona aranha que me tinha enredado na sua teia e que estava a decidir o meu fado. Porque era isso que estava a acontecer. Uma das meninas dela iria acolher-me. Falámos sobre várias delas, o que faziam, se tinham filhos. Viviam por toda a parte. Duas em Knoxville, uma em Johnson City. A maioria tinha ido para a universidade, ela orgulhava-se disso. Por isso, naturalmente, tinham acabado na cidade. Eu disse que ficaria muito feliz e encantado se alguém me acolhesse, mas, por favor, não na cidade, e a minha avó disse que estava bem, que compreendia.

Fosse qual fosse a nossa solução, ela disse que teria de acertar os pormenores legais com a Segurança Social. Eu sabia que não a contradiriam. Tinham feito das tripas coração para alguém me aceitar. Se calhar, se ela telefonasse e dissesse: «Ei, o Demon vai viver com um simpático ex-condenado que trabalha em pornografia infantil que eu conheço», talvez a Olheiras dissesse: «Está bem, diga-me para onde devo enviar o cheque desse fulano.»

Fez-me perguntas sobre a Segurança Social, mostrando-se sagaz em relação ao assunto de eu receber dinheiro pelo facto de a minha mãe ter morrido. Falei da conta que tinham criado, o que me pôs a pensar nas possibilidades financeiras do meu pai. Franziu o sobrolho e olhou para a parede, batendo ao de leve com a borracha do lápis no queixo. Tinha um pequeno buço, não sei se já o disse. Talvez estivesse a pensar o mesmo. Apreciava a ideia de o filho dela me dever dinheiro, pois assim parecia menos patético. Estávamos todos presos na mesma teia de aranha.

Porém, no final de contas, tudo o que disse foi que, por questões legais, eu teria de ficar no estado da Virgínia.

Eu disse que, se era para ir para tão longe, preferia o condado de Lee ou os arredores. Não sabia que pensava assim; aquilo apenas me saiu pela boca. Por causa do Maggot e de um milhão de outras coisas que conhecera a vida inteira. O Corn Dog, onde engolira um dente. O Five Star Stadium, os Generals. A montanha que toda a gente diz parecer-se com uma cara, mas que não parece. Não voltar a ver nenhuma dessas coisas não fazia sentido. No que toca a Tazewell ou a outros condados da Virgínia, só sabia que queria derrotá-los nos jogos de futebol. Se fosse viver para lá, seria um traidor.

A minha avó disse que estava bem, que veria o que podia fazer. Tinha raparigas a viver para essas bandas, uma em Big Stone Gap, outra em Norton. Outra ainda em Jonesville, mas infelizmente morrera de cancro da mama. Apesar de ser uma velha rija, a minha avó ficou meio para o tristonha ao falar. Essa tal de Patsy morrera nova e deixara um bebé. Como a Patsy fora uma das primeiras raparigas que a minha avó criara, isso já fora há algum tempo. Ainda mantinha o contacto com o marido. Poderia telefonar-lhe a perguntar o que ele achava de ter um rapaz em casa. «Mas atenção», atalhou ela, «mesmo que ele concorde, o acordo tem de se reger por regras». Para começar, um período experimental. Ela dava sempre algum às famílias para ajudar, mas eu teria de me portar bem e fazer a minha parte.

Oh, merda, pensei, *lá vou ter de pagar a renda*. Não me agradava nada aquela casa com a mulher morta. Quem iria cuidar do bebé? Um marido sozinho a mandar no galinheiro? Sem ninguém para o lembrar de que os miúdos precisam de calçado, cortes de cabelo e das merdas que realmente não querem, mas que têm de ter para se qualificarem como pessoas, como por exemplo pasta de dentes. Cadernos para a escola. Já para não dizer que eu fora contaminado com a doença da minha avó, mas, sejamos realistas, os homens podem ser umas bestas.

— Ele é professor, o que é uma coisa positiva — rematou. — Acho que leciona Cidadania ou Saúde. Geografia, já lá vai algum tempo. — Estava a folhear a sua roda de cartões com contactos, à procura do nome dele. — E alguma coisa relacionada com desporto. Isso deixa-me de pé atrás, mas ele não permitiria que isso prejudicasse as tuas aulas. É boa pessoa. Cá está, Winfield.

Deus nosso Senhor. Desculpa o milhão de vezes que invoquei o teu nome em

vão porque não achei que estivesses mesmo aí. Santo Deus. A minha avó estava a pegar no telefone para telefonar ao treinador dos Lee High Generals.

Eu ia deixá-los. O Sr. Zezinho, a minha avó e o que quer que restasse do meu pai no cemitério que ela me levara a visitar. Só havia uma placa achatada e reluzente no chão com o nome verdadeiro dele e com o período que vivera: do nascimento até à morte. Assustei-me ao ver o meu nome próprio numa lápide. Poderia bem ser o meu nome todo, o próprio e o apelido, se a minha mãe lhe tivesse perdoado. O cemitério ficava nas traseiras de uma igreja que parecia abandonada, ao fundo da rua, depois da casa dela. As ervas daninhas eram dignas de ser vistas. A minha avó calçou as luvas, ajoelhou-se e arrancou-as. Levara uma jarra de flores apanhadas no seu jardim para enfeitar a campa e recolheu as jarras que deixara lá de outras vezes. Diria que ela gostava mais do meu pai do que dava a entender.

Era um daqueles dias de outono em que o mundo parece que vai mudar de ideias em relação a tudo. As cigarras cantavam, o ar nem bulia, o poder estival a esgotar-se. O meu cérebro não parava de me dizer *Corre! Vai agora!* Mas eu não sabia de onde nem para o quê. Ela levantou-se depois de arrancar as ervas, ajeitou o chapéu na cabeça e regressou a casa, caminhando pela berma de gravilha. Dava grandes passadas, como uma pessoa a atravessar um campo arado, e eu fui atrás dela. Pareceu-me que estava zangada comigo. Ainda não sabia como a tratar. Depois de tantos anos a desejar uma avozinha, finalmente tinha uma, mas a coisa não batia certo. Tratei-a por *minha senhora*. O sol estava nas nossas costas. Mudei de posição até a minha sombra tocar nela, incidindo sobre a sua saia e as suas pernas velozes e grossas. Sem um motivo aparente para tal.

Quando chegámos a casa, meti as roupas, a escova de dentes e outras coisas que a minha avó me dera na mala que me oferecera, questionando-me se aquelas coisas agora pertenciam ao Demon, e, se assim era, se eu teria sido apagado. Não é que não gostasse das roupas ou da mala. Eram porreiras. No dia seguinte, a Jane Ellen levar-me-ia de carro a Kingsport, onde o Sr. Winfield se encontraria connosco ao meio-dia no parque de estacionamento do Walmart. Depois de

todos aqueles dias e noites que quase me tinham matado para chegar aqui, a viagem de regresso demoraria apenas uma hora e meia. Incrível. O condado de Lee tem destas coisas. Atrai-nos com força, como um íman.

Desci as escadas e fui ao quarto do Sr. Zezinho. Ele não gostava de começar outro livro enquanto não acabasse de escrever no papagaio sobre o último, mas não estava a fazer isso. Estava só a olhar pela janela. Eu disse que sentiria falta de estar com ele e ele disse o mesmo. Interroguei-me se o voltaria a ver. A cena do treinador Winfield poderia não dar em nada, claro, mas fosse como fosse, parecia que o meu destino era a Virgínia. Será que me iriam visitar? A julgar pela teoria dela de que os carros são máquinas mortais, era pouco provável. Disse-lhe que lhe telefonaria ou escreveria, embora não soubesse comprar um selo nem como isso funcionava. Ficámos sentados em silêncio durante um minuto. Eu não era muito dado a abraços, senão tê-lo-ia abraçado.

As nuvens tinham-se avolumado desde a manhã e soprava um vento forte, fazendo as folhas esvoaçar e deixando-as com um tom prateado. O Sr. Peg dizia sempre que era sinal de que estava para vir chuva. Perguntei ao Sr. Zezinho se o papagaio dele estava pronto para voar e ele disse que sim.

— Então, vamos lá lançá-lo — disse. Senti um arrepio na espinha. Se calhar era isso que o meu cérebro passara o dia a dizer-me: *Corre. Vai lançar um papagaio.*

Ele pareceu bastante chocado, mas concordou. Só tinha de escrever mais uma coisa. Tentei ser paciente, pois ele escrevia muito devagarinho. Disse que esta frase era de outro livro, umas palavras que queria lá escrever para mim. Escrevinhou-as na parte de cima:

> *Nunca sejas mau. Nunca sejas falso. Nunca sejas cruel.*
> *Sempre terei esperança em ti.*

Aquelas palavras eram dele para mim, a conversa mais adulta que jamais tivera em toda a vida. Era melhor do que aquilo de o segredo da felicidade serem dois cêntimos. Eu disse que sim, vamos lá a isto.

Não perguntei como é que ele costumava fazer, quem o ajudava e não sei o que mais, porque tinha o meu próprio plano. Ele foi na cadeira de rodas lá para

fora, desdeu a rampa do alpendre e passou para as lajes do passeio da frente, que era o mais longe que conseguia ir na cadeira de rodas. Mas ainda no jardim. Não havia espaço para correr. Fez-me sinal para pegar no papagaio e meter mãos à obra, mas eu disse:

— Meu! Nós conseguimos melhor do que isso.

Empurrei-o do passeio para a relva, o que não foi difícil pois ele não pesaria mais do que um fardo de feno. Avançámos aos solavancos pela relva, o Sr. Zezinho a mexer a boca até conseguir articular *Heee, heeee!* Presumi que queria dizer *Bestial, meu!*

Abri o trinco da cancela das traseiras e empurrei-o a direito para o restolhal do campo de feno atrás da casa. Depois as coisas complicaram-se no que toca a empurrar a cadeira, pelo que não fomos muito longe, só até ao ponto onde eu podia ter a rampa de lançamento de que precisava para pôr o papagaio a voar. As nuvens precipitavam-se, lançando sombras como uma manada de monstros ferozes em tumulto pelo terreno, e eu estava ali mesmo com eles. Lancei o papagaio e dei-lhe corda, mais e mais, até ser apenas um ponto no céu. Senti as primeiras gotas de chuva, mas o que é que isso importava? Até podia trovejar.

Senti a força do vento a querer levar a guita, mas puxei-a até ao Sr. Zezinho e pu-la na mão dele.

— Segure com força — disse, e deixei-me cair pesadamente no chão ao lado dele, a arfar como um cão.

Ele estava em silêncio, a segurar aquele cordel com todas as forças. Bem, o ar dele… Os olhos levantados para a abóbada celeste, o corpo preso por uma comprida guita ao céu, todo ele lá em cima com as suas palavras, a falar com quem estivesse a ouvir. Nunca vira nada assim. Os seus ossos nunca tinham sido enfiados num saco de ração. O homem era um gigante.

28

Ficámos sentados no parque de estacionamento à espera. Eu com um peso na barriga, a Jane Ellen com o seu livro de exercícios apoiado no guiador, a resolver problemas de matemática. Alguém é capaz de me dizer qual é o problema das mulheres? O dia podia dar para o torto, estávamos na iminência de perder o pequeno-almoço, mas ela tinha de acabar os trabalhos de casa.

— E se o treinador Winfield não aparecer? — perguntei.

— Aparece.

O lápis nunca parou de escrever. Suponho que eu também não tenha parado quieto. Ela já me mandara parar de remexer no porta-luvas antes que o estragasse. O carro dela era um *Comet* de 89.

— Mas e se não aparecer?

Ela apagou alguma coisa com a borracha, depois rodou o pulso para ver as horas.

— Ainda não está muito atrasado. Nós é que chegámos cedo.

Eu queria ir para casa. Só que não tinha casa, mas é uma sensação que uma pessoa está sempre a ter, mesmo depois de esse sítio deixar de existir. Se largassem uma bomba e deixasse de haver comida no planeta, o mais certo é que as pessoas continuassem a sentir fome.

— Ai, meu Deus — exclamei.

Um carro encostou e o gajo que de lá saiu era *o* ser humano mais esquisito em que eu pusera a vista em cima, sem contar com os livros de banda de desenhada. Pernas de palito, braços compridos e brancos, dedos longos e irrequietos que se enroscavam por todo o seu corpo. A passar pelo cabelo, a agarrar-se aos cotovelos enquanto perscrutava o parque de estacionamento. Era ruivo, mas não

da minha tribo. Era daquele tipo branco cadavérico com o cabelo rosado e com sobrancelhas ausentes. Aquele tipo de pele que parece entrar em combustão só de olharmos para ela.

— Céus — disse a Jane Ellen, fechando o livro de exercícios.

— Parece o Homem-Serpente — atalhei.

Ela não escondeu um sorriso, com aquela língua enfiada pelo meio dos dentes. Ficámos a olhar embasbacados, sem um pingo de vergonha. O carro dele era o modelo mais recente da *Mustang* com um enorme gancho de reboque, normal. Já ele, meu Deus. Ficou ali a abraçar-se a si mesmo com aqueles braços, a olhar em redor. E depois para nós. Contornou o carro e pôs-se a inspecionar o carro da Jane Ellen.

— Do que é que está à procura? — sussurrei.

— Não sei — respondeu, também num sussurro. — O que é que as serpentes comem?

Ela tinha a mão na chave, preparada para ligar o motor, mas então ele aproximou-se de nós e ficámos especados. Enfiou a mão pelo vidro aberto do meu lado, e recuámos os dois.

— Suponho que tenham vindo da parte da Betsy Woodall. — Uma voz horripilante. Demasiado baixa.

— Quem quer saber? — perguntei.

— O treinador Winfield não pôde vir. Os treinos de sábado podem ser demorados.

— Então, quem és tu? — A Jane Ellen estava a voltar a si. Não ia entregar-me a um gajo sinistro qualquer à porta do Walmart.

Ele abanou uma mão comprida à frente da cara, como que a enxotar moscas.

— Não sou ninguém. Treinador-adjunto. — Debruçou-se mais e estendeu a mão à Jane Ellen, obrigando-a a recuar de novo. — Ryan Pyles — disse ele. — Chamam-me U-Haul.

A Jane Ellen olhou fixamente para a mão sardenta dele como as dos *zombies*.

— Porquê?

Ele recuou a mão e passou-a pelo cabelo rosado e oleoso. Nós ficámos à espera.

— Transporto o equipamento da equipa. As proteções, os capacetes, as geleiras.[20] O treinador quer o equipamento, sou eu que o levo. — Puxou a cabeça para trás como se tivesse ossos adicionais no pescoço. Parecia mesmo um réptil. — Não engatei o reboque. Tens muito equipamento, filho?

Como não era filho dele, não respondi. Enfiou a cabeça pela janela e viu a minha única mala no banco de trás.

— OK, vamos a isso.

Olhei para a Jane Ellen como quem diz *Não me dês de comer ao Homem-Serpente!* E ela retribuiu-me o olhar como se dissesse *O que queres que faça?* Eu bem sabia que ela não podia regressar a Murder Valley com a carga ainda a reboque. O mais certo seria ter de continuar os estudos durante mais vinte anos.

Eu fui, mas dei luta. A Jane Ellen foi com ele até uma cabina telefónica e obrigou-o a telefonar a alguém para confirmar. Não falaram com o treinador Winfield, mas é evidente que uma secretária qualquer da escola disse que sim, que era verdade. O U-Haul Pyles levará o rapaz até ao sítio onde tem de ir.

Esse sítio era uma mansão, empoleirada numa grande colina sobranceira à Baixa de Jonesville. Uma construção muito diferente das casas normais, com partes adicionais a projetarem-se com os seus próprios telhados e janelas individuais. Não era um castelo, mas quase. O que tinha lógica. Se o condado de Lee tinha um rei, ele seria o treinador dos Generals. O U-Haul pôs uma mudança abaixo para subir a íngreme rampa de acesso e eu só pensei *Nem pensar em entrar ali. Uma mansão. Não saberia como me comportar.*

— Lar doce lar — disse ele no seu timbre sinistro.

Desligou o motor e lançou-me um olhar cáustico. Tinha os olhos castanhos quase vermelhos, como pequenas janelas redondas para o inferno, sem pestanas a fazer de cortinas. Como é que se conseguia olhar ao espelho com aqueles olhos? Pegou na minha mala, e, enquanto pensava *Merda, merda, merda, sem um plano de fuga, como de costume*, lá o segui até à porta da frente.

O interior foi um choque. Parecia uma casa banal, com tralha espalhada por toda a parte. Caixas de pitões para chuteiras, elásticos de exercício, rolos de fita-adesiva desportiva, halteres, um espelho de automóvel partido. Uma bicicleta

estática no meio da sala com roupas dependuradas. Sim, havia alguns aspetos que faziam lembrar um castelo: a colossal chaminé de lareira com um tronco serrado a servir de cornija. E um candelabro gigantesco suspenso por cima de uma gigantesca mesa de refeições, onde até aposto que ninguém comia desde que inventaram os garfos. Entre as pilhas de jornais e revistas contei três pares de óculos de sol, mais latas de tabaco de mascar do que se possa imaginar e um ténis *Nike Air Max*. Em cima da mesa. Senti saudades da minha mãe.

O U-Haul disse que o treinador não demoraria e desculpou-se, mas tinha de ir tratar de uns assuntos no gabinete do treinador. Apertou-me a mão num ataque reptiliano e deslizou para as traseiras da casa. Senti-me conspurcado. Desejei ter uma casa de banho para lavar as mãos. Havia uma grande escadaria com o corrimão a formar uma curva, como nos filmes. Não sabia se era o mesmo chiqueiro por toda a casa ou se estaria concentrado ali, na grande área à volta da porta de entrada. O único espaço arrumado era a cornija da lareira, onde vi a fotografia de uma rapariga, ou de uma senhora, para ser mais exato. Jovem. Com um ar triste, à exceção daquele penteado explosivo dos anos oitenta que nenhuma rapariga dos dias de hoje quereria fazer, nem morta. Por isso, calculei que provavelmente o estava. Morta. A malograda mulher que a minha avó criara e que morrera nova. Uma suposição, apenas.

Virei-me e assustei-me quando dei de caras com um miúdo a olhar para mim exatamente com a mesma cara. Era como se a fotografia tivesse ganhado vida. Mas escanzelado, quase da minha altura, embora mais magro, com um daqueles bonés achatados que os totós usam e que valeria uma tareia a um gajo na escola, a não ser que usasse um casaco de couro, como mandam as regras, e botas *Doc Martins*. Essas coisas são caras, o que quer dizer que há reforços, por isso cuidado com quem se espanca. O miúdo tinha um ar triste, um pouco débil, um pouco assustado. Essas coisas todas ao mesmo tempo.

— Olá — disse. — Chamo-me Angus.

— Angus? Como as vacas?

Ele desviou os olhos para o lado, depois olhou outra vez para mim.

— Isso mesmo.

— Parece que vou passar aqui algum tempo. Com o treinador Winfield.

— Parece que sim, eu sei. Ele é o meu pai.

Ah, o tal bebé que ficou órfão. Mudança de estratégia. Perguntei em que ano andava, e ele disse no 8.º.

— Então jogas nos juniores?

Ele perscrutou-me com os seus enormes olhos cinzentos como se estivesse a ler o manual da minha pessoa. Se com a ideia de me desmontar ou de me voltar a montar, isso não sabia. Comecei a rever as minhas opções sobre a quem poderia telefonar se me expulsassem dali antes do fim do dia.

— Não — acabou por dizer. — Tragédia das tragédias. Não jogo nos juniores.

O treinador Winfield desceu as escadas atabalhoadamente, a fazer um escarcéu dos diabos, a falar ainda antes de chegar ao pé de nós.

— Olá, companheiro, que bom ver-te, desculpa, mas o treino demorou mais do que esperava, vamos jogar contra os Vikings na sexta-feira, estás a ver; a Betsy disse que és do condado de Lee, não é? Por isso, conheces a zona…

Parou ao fundo das escadas, a sondar-me. Era grande e corpulento, pançudo como aqueles gajos que começam por ser só músculo, mas depois a cerveja ganha terreno. Boné vermelho, umas sobrancelhas pretas e farfalhudas. Não sei dizer se o reconheci dos jogos ou se apenas reconheci o corta-vento vermelho.

— Quantos anos tens, jovem?

Estava tão habituado a mentir que tive de pensar.

— Faço doze anos no mês que vem. — Ele produziu um demorado assobio. — Desculpe — acrescentei.

— Não há problema. Foi o que ela me disse, que ias começar a escola preparatória. Estava à espera de outra coisa. Pareces-me um defesa, filho.

— Sim, senhor — disse eu, enquanto o meu íntimo regozijava. Deus lá nas alturas a marcar um golo e os anjos a fazer a roda com as suas saias rodadas. Lar doce lar.

Não comemos na enorme mesa que estava cheia de tralha, pois os Winfields tinham outra mesa na cozinha, onde estava tudo bastante mais arrumado, no geral. Uma senhora chamada Mattie Kate serviu um rolo de carne e salada de repolho e acabou por limpar tudo o que estava à vista com a ponta do avental;

depois deu as boas-noites e deixou-nos aos três a jantar.

Não deram graças, atiraram-se logo ao repasto. Com o Angus ainda com aquele boné à mesa, e o treinador com o dele, queria isto dizer que esta não seria uma daquelas casas com regras? Talvez houvesse outras, porém. Ainda era cedo para relaxar. Forrei a barriga, se calhar demais, na quantidade e na rapidez. As janelas estavam abertas e consegui ouvir um trator e sentir o cheiro do feno que alguém estava a cortar lá fora. Fiquei feliz por não ser eu a guardá-lo no celeiro. Não sabia se, depois da minha estadia ali, seria mandado outra vez para uma quinta. Provavelmente. Começara a perceber como ser grande para a idade é uma ratoeira. Mandam-nos para onde quer que seja preciso um corpo adulto que não tem capacidade de ripostar.

Comeu-se mais do que se conversou, e o Angus não tirou os seus enormes olhos cinzentos de mim. Olhos enormes, tipo os dos desenhos de manga. Por seu turno, o treinador tinha uns dentes enormes, gigantes mesmo. Demasiado achatados, demasiado brancos. Não sorria muito, e dava a entender que aqueles dentes eram capazes de lhe ferir os lábios se tentasse. Fez aquelas perguntas desajeitadas que os adultos fazem quando estão a esforçar-se, como qual era a minha disciplina preferida. Eu respondi que era a hora do almoço, o que não era uma piada, mas ele riu-se. Perguntei como estava a correr o campeonato, pois não vira os primeiros jogos. O que eu queria mesmo saber era por que carga de água o filho dele não jogava nos juniores. Pareceu-me que isso seria uma inevitabilidade. Quero dizer, sim, eu reparei nas mãos pequenas e nos ombros escanzelados, mas ainda assim. Eram apenas os juniores. Eles aceitam qualquer um para o banco.

Depois do jantar empilhámos os pratos para a Mattie Kate lavar na manhã seguinte, e o treinador disse ao Angus para me acompanhar até ao meu quarto, o que me apanhou de surpresa. Um quarto só para mim. Pensei que ficaríamos no mesmo quarto, mas não. Subimos as escadas e depois mais escadas e seguimos por um corredor até um quarto que ficava numa daquelas partes da casa que pareciam um castelo, com as paredes mais arredondadas do que retilíneas. Seis paredes, pintadas de verde-escuro; as molduras das janelas, brancas. Três paredes tinham enormes janelas.

— Podes utilizar aquela cómoda — disse o Angus. — A Mattie Kate ficou de a esvaziar quando tivesse tempo. Se tiver alguma coisa lá dentro, atira-a para o corredor que ela amanhã arruma.

— Está bem — concordei, mas não faria isso. Atirar coisas para o chão para outra pessoa apanhar? Estaria a falar a sério? Podiam dizer muitas coisas sobre mim, mas eu estava bem treinado. Basicamente, o lema das casas adotivas por onde passara era: «Aqui não há nenhuma fada-madrinha, por isso arruma as tuas merdas.» Não sei como é que a minha mãe passara por isso e mesmo assim era como era.

O Angus começou a abrir as enormes janelas, pois segundo ele estava abafado, já eu não me importava. O cheiro fez-me lembrar o sótão dos Peggots. Nas traseiras da casa, era colinas e campos de feno a perder de vista. O gajo continuava lá no seu trator, a subir e a descer o campo sob a luminosidade amarelada do fim de dia. A janela do meio dava para a rampa de acesso e a da frente tinha vista sobre Jonesville e para uma enorme colina do outro lado. Fez-me ver a razão por que se construíam casas assim antigamente. Se alguém pretendesse atacar, dali era possível vê-los a chegar.

Era o melhor quarto em que eu jamais estivera, e também a melhor casa. Disse-o, mas o Angus limitou-se a encolher os ombros.

— É casa de mais para nós.

— Pensei que isso não existia. Como dinheiro de mais ou comida de mais.

— Uma pessoa pode comer de mais. É evidente. Há quem morra disso.

— Onde são as inscrições? — gracejei.

Outra vez aqueles enormes e tristes olhos, como charcos num passeio.

— Estava a brincar — retratei-me. — Desculpa. Não vou comer tanto a ponto de vos deixar na miséria nem nada.

— Acho que não tens alternativa. O meu pai gosta da tua estrutura física, por isso vai querer que comas como se fosses um bezerro na engorda.

— Está no papo — disse eu. — Depois siga para o matadouro.

Ele esboçou um sorriso.

— É uma maneira de ver as coisas. Para que conste, quem o disse foste tu, não fui eu.

— Para que conste, nunca soube de ninguém que tenha morrido por ser um defesa. Talvez que tenha ficado em coma depois de ser comido por uma série de *cheerleaders* cheias de tesão.

O ténue sorriso esfumou-se de um momento para o outro, como os corninhos do caracol quando alguém lhes toca. Completamente retraído, abespinhado e com os olhos inexpressivos. Merda. Eu só estava a dizer disparates, mas não sabia que outra coisa fazer. Tanto quanto me fora dado a entender, a base da amizade para os gajos que já não têm idade para mijar na cama é dizer alarvidades. Basta dizer «foda-se» a meio de cada frase e uma pessoa torna-se hilariante.

— Agradece ao teu pai pela cama — disse-lhe. Quando tudo o resto fracassa, mais vale lamber botas. — No último sítio onde vivi, calhou-me o chão da lavandaria.

— Em casa da Sra. Woodall? Ele obrigou-te a dormir no chão?

— Não, não foi lá. Conhece-la? Conheces a minha avó?

A minha avó. Como se tivesse acabado de sacar cem paus do bolso, com total indiferença. Li alguma coisa nos olhos do Angus, tipo, *Fogo, meu.* Cem paus.

— A minha mãe costumava levar-me a visitá-la — disse. — Mas eu ainda era criança, não me lembro.

Pois claro. Antes do cancro e da morte.

O Angus mostrou-me uma casa de banho que seria só para mim, para mais ninguém. Chuveiro e banheira num só. Havia de me desenvencilhar. O quarto dele e o do pai ficavam no andar de baixo. Perguntei quantos quartos a casa tinha no total, mas ele não soube responder. Inacreditável. Contar é a primeira coisa que faço. Perguntei se eles costumavam mudar de quarto.

— Porquê? Não gostas deste quarto?

— Não, refiro-me a ti e ao teu pai. Não se fartam de estar no mesmo quarto e mudam para outro? — Ele fitou-me. — De vez em quando não experimentam janelas diferentes? Quero dizer, está tudo aqui, por isso, porque não?

— Eu poderia não o conseguir encontrar, é por isso.

— Ele é bastante grandinho para não o conseguires encontrar — atalhei.

— Ficarias admirado.

Estávamos na casa de banho, de frente para o espelho. Tentei dar-lhe a provar do mesmo remédio e olhei-o nos olhos.

— Creio que talvez não o conseguisses encontrar naquela barafunda no rés do chão.

Reparei que se empertigou um pouco. Um nadinha, mas deu para perceber. Por detrás daquela postura de quem se está a borrifar, havia um miúdo que queria proteger o pai. Talvez mais do que a proteção que recebia.

Foi ao andar de baixo buscar toalhas e outras coisas para mim, mas demorou tanto que me esqueci. Tirei as roupas da mala e guardei-as nas gavetas, que estavam vazias. Viva a Mattie Kate. Enfiei a mala debaixo da cama e olhei pelas três janelas. O gajo *continuava* a cortar o feno, as ruas de Jonesville estavam iluminadas. Vesti uma *t-shirt* lavada e enfiei-me na cama. Estava em frangalhos. Sentia-me a adormecer quando o Angus bateu à porta e voltou a entrar para dizer que deixara as minhas coisas na casa de banho. Sentei-me, assustado, como nos tempos em que a pequena Haillie aparecia de repente.

— Está bem. Obrigado.

O Angus estava diferente. Pronto para se ir deitar, despira o casaco e tirara o boné, envergando uma espécie de fato elástico branco que deixava perceber a sua estrutura, ainda mais franzina do que me parecera, e a cintura estreita. Imensos cabelos encaracolados e hirsutos. No fundo, tinha um corte à rapariga. E a estrutura também era feminina.

Entreolhámo-nos, depois a porta fechou-se e o Angus foi à vida dele deixando-me a sós para cair em mim e lembrar-me de todas as coisas estúpidas que tinha dito quando falara com ele, com *ela*. Não consegui. Falara pelos cotovelos. Lembrava-me de que lhe perguntara se jogava nos juniores. Essa não dava para esquecer. *Cheerleaders* com tesão. Dissera-lhe que pensava que iríamos partilhar o quarto?

Não consegui adormecer a pensar que era mesmo estúpido. Creio que não convivera muito com raparigas nos últimos tempos, principalmente raparigas com botas daquelas, mas mesmo assim. Mal soube, tornou-se claro como o dia, e não consegui deixar de relembrar todas as parvoíces que dissera ao Angus, uma menina, começando por «Angus? Como as vacas?»

[20] «Haul» significa «puxar, arrastar, carregar», sendo também o nome de uma empresa americana de aluguer de veículos de transporte. O nome «U-Haul» é literalmente: «Tu, Carrega.» (*N. dos T.*)

29

A situação atual era: eu podia recomeçar. Como o Stoner fizera quando deixara a balbúrdia da nossa vida e começara da estaca zero. Eu planeara odiá-lo para sempre por isso. Agora era a minha vez de fazer o mesmo, e como me odiei a mim mesmo. Não era justo para a minha mãe, eu ainda estar vivo e ter tudo novo: roupas, quarto, uma casa fantástica tipo castelo. Um novo ano numa escola nova onde eu era o puto novo.

Por falar na casa, a minha mãe seria capaz de fazer qualquer coisa só para espreitar para o interior. Costumava contar-me como ela e os amigos se baldavam às aulas e arrombavam as casas dos professores em plena luz do dia para verem que bebidas alcoólicas é que eles tinham, o que havia nas gavetas dos quartos deles, tipo pornografia, vibradores e coisas assim. Eu estava a *viver* com um professor. Só Deus sabe o que havia no quarto dele, mas uma pessoa podia abrir uma loja com a tralha que ele atirava para o chão da sala de estar. Mais cerveja no frigorífico, *Jim Beam* no armário. Ao ir tão cedo para a cama, o homem estava mesmo a pedir-me para lhe dar uma lição sobre partilha.

Mas isso não facilitava a vida. Na Secundária de Jonesville, havia dois pequenos buldogues de cimento em torres à entrada, como que a proteger as instalações, e a partir daí as coisas só se complicavam. Uma funcionária da secretaria, com os tacões a crepitar no chão, acompanhou-me à minha nova sala de aula, e eu a pensar *Minha senhora, vim à boleia até à porra de Nashville, acha que não consigo ir por este corredor sozinho?* Todos aqueles olhos de cachorrinho a olhar para mim, *Puto novo! Por favor, não me faças mal!* Não sei se seria uma coisa de zona urbana contra zona rural, mas aqueles miúdos eram Haillies e Brayleys demasiado grandes para a idade com os seus penteados

cheios de gel e as camisas abotoadas até cima, alguns ainda com migalhas do pequeno-almoço na boca, juro por Deus. Alunos do 6.º ano. Não dá para entender.

Saberiam mais do que eu sobre pronomes e conjunções, a civilização romana, etc.? Sim. Ao estar arredado dos estudos em termos mentais durante mais de um ano, eu estava tão atrasado que dificilmente os conseguiria apanhar. Porém, o estranho não era o que eu não sabia. Era o que eu *sabia*, ou seja, como cuidar de mim em todas as circunstâncias. Aquilo a que uma prostituta chama de «diversão», uma besta chama de «disciplina» e um assistente social chama de «estamos a trabalhar nisso». E *dinheiro*. Meu Deus. Ver aqueles miúdos a sacar de maços de notas dos bolsos, estendendo-os para a funcionária da cantina escolher entre as notas de um, cinco ou dez dólares, como se não soubessem a diferença. Ou se estivessem nas tintas. No recreio, a apostar e a perder moedas por coisas completamente absurdas, tipo, quem consegue suster a respiração durante mais tempo ou se aquela abelha vai subir pelo vestido da menina Wall e picá-la na rata.

Aquilo que me distinguia daquele bando de cachorrinhos cegos era a educação que eu tivera a despejar ácido de baterias, a carregar sacos de lixo, a dar no duro, o que faz toda a diferença. Estava marcado com agruras da vida: sovas, mentiras, dias passados sob o efeito da erva, meses passados com fome. Não queria ser como aqueles miúdos, mas também não queria continuar a ser a ave rara, estava farto disso. Constantemente a pensar que alguém me iria chamar e dizer-me que não tinha nada que andar por ali com uns sapatos novos e caros e que deveria voltar para o pardieiro de onde viera.

Os *Air Max*, calças de ganga novas e tudo o mais, outra história estapafúrdia. A Angus levou-me às compras. O treinador foi para o treino de sábado e disse para ela me comprar o que eu precisasse. Ninguém me perguntou se eu queria ir, apenas arrancámos no *Mustang* do U-Haul, a Angus à frente com o Homem-Serpente, eu no banco de trás, prestes a borrar-me todo. Até onde é que aquela aventura iria antes de descobrirem que eu não tinha um tusto? Ia ser bonito. Tentei dizer à Angus que ficaria à espera enquanto eles iam às compras, mas ela disse para eu deixar de ser parvo e sair do carro. O U-Haul ficou. Fui atrás da

Angus até ao Walmart e percorremos corredores e mais corredores enquanto ela atirava coisas para o carrinho. Primeiro mercearias. Perguntou o que eu gostava de comer. Eu respondi tudo o que não estivesse podre, quanto mais melhor. Ela revirou os olhos como se eu me estivesse a armar em parvo de propósito.

— Estou a falar a sério — afirmei. — Nem queiras saber as merdas que já tive de comer.

— O quê, por exemplo? — Olhou para mim de olhos arregalados. — Fígados humanos? *Tampax* usados?

Raios. Eu referia-me a uma tablete que encontrara na máquina de lavar dos McCobbs, depois de uma lavagem! Mas aquela Angus deixou-me em choque, como se tivesse tocado num fio elétrico. Acho que a versão masculina era mais adequada, só que não era uma pessoa. Debruçou-se sobre o carrinho com os cotovelos de fora e desatou a andar pela loja a fazer o seu jogo doentio. Levantou uma caixa e gritou:

— De qual gostas mais? Disto ou de micose? Disto ou de mijo de turbarão?

Deixámos alguns clientes agoniados e passámos para a secção de roupa de homem. Eu disse à Angus que não ia comprar roupa.

Ela fitou-me.

— Qual é a tua, meu?

— Não é nenhuma. Obrigado, na mesma.

Abanou a cabeça como se eu batesse mal. Fiquei lixado. Reconheço que ainda não conhecia as regras da casa, mas não podia aceitar que a Angus me tratasse como se fosse um atrasado mental.

— Gosto das minhas roupas, OK? Estou bem assim. Podemos ir embora?

— Estás *bem* assim? Quer dizer que este é o teu estilo. Um zé-ninguém daltónico com influências do *Wayne's World*.

— Vai-te lixar! — exclamei. Mas ri-me, porque a outra opção era pregar um murro numa rapariga, o que não podia ser. Além de que ela tinha razão. Naquele dia eu estava aceitável, com uma *t-shirt Bugle Boy* e um casaco camuflado, mas era costume usar camisolas de gola demasiado larga e calças demasiado rasgadas. Ténis castanhos como a merda de bebé, feios, como calçado de um século passado. — Estas roupas não são propriamente minhas — expliquei. —

Ou melhor, até são, mas foi a Jane que mas ofereceu.

— Nesse caso, estás numa de *drag queen*, com as roupas dessa Jane.

— As roupas não eram dela. Eram do irmão. Ofereceram-mas.

— A sério? A Sra. Woodall tem rapazes a viver lá em casa?

— Não. Tecnicamente, nunca vi irmão algum, apenas as roupas.

A Angus fitou-me dos pés à cabeça.

— Posso dizer que os irmãos mistério te ofereceram umas roupas superesquisitas?

Mandei-a bugiar. Não me apeteceu explicar como uma pessoa se habitua a que os outros olhem para nós como se fôssemos lixo, a ponto de não nos importarmos com o lixo que vestimos todas as manhãs. Ou que o outro calçado que tinha incluía um saco de pão. Disse-lhe que não era daltónico, mas isso também não lhe dizia respeito. Apenas não era exigente.

— Então, sê exigente. As roupas fazem o homem. Qual é o ângulo Demon?

A filha de um treinador a viver numa casa que parece um castelo tem ângulos. Hoje não trazia aquele boné achatado, mas um chapéu de homem daqueles que se usavam antigamente, com uma pena alaranjada na fita. Uns *All Star* cor de laranja. Tipo, a condizer, era tudo pensado. Mas eu tinha um cérebro de rapaz, não tinha um tusto e nenhum ângulo Demon possível. O nosso carrinho estava a obstruir a passagem à frente de uma prateleira de roupa interior, mas a Angus estava a borrifar-se para isso.

— Calçado — disse ela. — Tudo começa por aí. Nem se põe em causa. Que calçado gostarias de usar para dar um pontapé no cu do teu pior inimigo?

Senti-me tentado a imaginar a situação. Inimigos era coisa que não me faltava. Para dar um pontapé no cu do Stoner num parque de estacionamento, comecei logo a imaginar as funcionalidades adicionais que o calçado tinha de ter, tipo, dardos envenenados e propulsores a jato para uma retirada rápida. Por outras palavras, nada que se pudesse comprar na realidade. Como não consegui responder, ela voltou a agir como se eu estivesse a querer irritá-la de propósito.

— Diz lá! — berrou. — Que raio de calçado é que te deixaria feliz?

— Pronto, está bem, *Air Max*! — respondi também a gritar, porque, quem é que não gritaria? — Mas não vou comprar a porcaria de ténis nenhuns hoje

porque estou teso como o caralho!

Alguns clientes ficaram especados a olhar, como se nunca tivessem ouvido um palavrão. Para dizer a verdade, havia crianças por perto. Baixei o tom.

— Não tenho dinheiro — disse.

Os olhos cinzentos dela ficaram húmidos, como eu já vira noutras circunstâncias. Pareceu-me preocupada, quiçá a rever mentalmente a manhã com esta nova versão de mim sem um tusto, exatamente como eu fizera depois da surpresa de ela ser uma rapariga.

— Desculpa — disse ela, e, por uma vez, essa palavra não me incomodou. Assentava bem na Angus. Eu estivera à espera de a ouvir.

— Não faz mal. Podemos dar de frosques?

— Não. Desculpa não ter sido sincera contigo. A culpa é minha. — Tirou um cartão prateado do bolso e inclinou-o para cima e para baixo, como um espelho a enviar uma mensagem em código. — Apresento-te o Master — disse. Beijou-o, voltou a guardá-lo no bolso e disse que sim, que íamos dar de frosques. Eu não iria dar pontapés no cu de ninguém com imitações da *Nike* compradas no Walmart.

Usámos aquele cartão de crédito por todo o maldito condado. Do Walmart à Shoe Show e à T. J. Maxx, conduzidos pelo Homem-Serpente. Não foi preciso dinheiro, o Master tratou de tudo, ou, em alguns casos, o simples facto de o treinador existir, como, por exemplo, o almoço no Hardee. Entrámos pela porta envoltos num bizarro campo magnético de veneração. O empregado de balcão nem sequer registou o nosso pedido, disse apenas que era por conta da casa como de costume, e que mandássemos cumprimentos ao treinador. O gerente foi dizer o mesmo e perguntou se o treinador ia contratar algum substituto para o *quarterback* que estava lesionado num ombro. O U-Haul explicou que não podia responder, pois era o treinador-adjunto, mas que não seria de espantar se essa substituição se concretizasse. Ninguém tirou os olhos de nós enquanto comemos. Tipo, se deixássemos cair uma batata frita ao chão, eram capazes de apanhar e guardar como recordação. Se eu gostei de todas aquelas atenções? Talvez, se ninguém soubesse quem eu era na realidade e pudesse passar por alguém que normalmente usava *Air Max* imaculados. O U-Haul decididamente gostava das

atenções. A Angus estava tão na boa que não deu para perceber.

A Angus não parou de me espantar. Para começar, gostava de carros. Tudo começou quando vimos um *Nomad* de 1957, e depois disso fizemos um jogo a ver quem sabia a marca de todos os carros fixes que vimos. O U-Haul sabia imenso, mas a Angus não lhe ficava atrás. Aquela não era uma miúda típica. O leitor poderá dizer que seria expectável, criada sem a falecida mãe, mas eu também cresci sem o meu falecido pai e ninguém me vê a fazer cenas de rapariga. Além disso, havia aquela tal de Mattie Kate que andava sempre lá por casa. Não só a trabalhar. Era costume sentar-se connosco na cozinha a beber *Cola* e a esclarecer-me alguma dúvida, que era coisa que não me faltava. Deveria lavar a minha roupa, preparar os meus almoços? A resposta era não. Ela tratava disso tudo. Disse-lhe que estava habituado a fazer tudo sozinho, como tratar da roupa e, no pior cenário, pagar a renda. Ela riu-se e pediu para não a deixar no desemprego. Disse que a minha função era apenas ser um rapazinho. Estranho. Nunca tivera essa função.

Contudo, sabia que não era um catraio, porque perguntou se queria que ela me comprasse uma máquina de barbear elétrica. (Embaraçoso, mas sim.) E comprou-me uma cena de desodorizante *Old Spice* sem me perguntar se eu queria. (Mais embaraçoso ainda.) Era uma senhora extremamente simpática que não tinha marido, mas tinha um filho pequeno que jogava futebol na Pop Warner. Tinha rugas à volta da boca e usava calças elásticas como as velhotas, mas dava para perceber que ainda não passara totalmente o seu auge. Pintava os olhos dando-lhe a forma de asas. A questão era que, se a Angus tivesse dúvidas sobre coisas de miúdas, por exemplo, sobre aborto e maquilhagem, tinha a quem perguntar. Tenho a certeza de que isso não acontecia. A Angus parecia mais do tipo de fazer uma tatuagem rebelde como um arame farpado à volta do pescoço. Porém, não brigava com a Mattie Kate nem com o pai. Nem sequer com o U-Haul, o que me deixava preocupado. O gajo era pegajoso. Estava sempre a tocar em coisas, a afagar a própria cara, a passar as mãos pelos cabelos ruivos sebentos e por outras coisas que não devia, como o lugar onde a Angus estivera sentada, depois de ela se levantar para ir buscar outra bebida. Sinistro. Mas trabalhava para o pai dela há uma eternidade e as pessoas habituam-se.

Ela sabia que ele era um mentiroso. Isso disse-me ela. O verdadeiro treinador-adjunto era o Briggs, um professor dos quadros que lecionava História na Preparatória de Jonesville e treinava os juniores, além de ajudar a equipa da secundária. Era o treinador dos defesas, enquanto o *mister* treinava sobretudo os avançados. O U-Haul não passava de um moço de recados, remunerado por fundos dos adeptos por serviços prestados a tempo parcial. A Angus disse que ele se fazia mais importante do que era e que levava a sua avante ao dizer que não era «ninguém» enquanto se fazia passar pelo treinador-adjunto. Era como se primeiro demonstrasse respeito para poder mentir descaradamente.

Depois daquele começo embaraçoso, eu e a Angus entendemo-nos bem. Conselhos sobre moda, não, obrigado, mas disse-me ao que deveria estar atento na escola, pois andava dois anos à minha frente, e eu contei-lhe partes da minha história. O meu parentesco com a Betsy Woodall, todos os sítios onde vivera. Isto acontecia depois de o pai dela ir para a cama, às sete da tarde; a sério. Nós fazíamos os trabalhos de casa e víamos televisão numa divisão do andar de cima que não tinha cama e que ela dizia ser o seu refúgio. Só tinha uns pufes e o televisor que ela resgatara do furacão no piso térreo. Qualquer equipamento de desporto era proibido no refúgio dela. O castigo em caso de incumprimento era a pena de morte. No que diz respeito a outras formas de diversão, lutas de pipocas, encestar *M&M's* na boca um do outro, valia tudo no Refúgio de Angus. Compadecia-me da Mattie Kate, que tinha de limpar tudo, mas a Angus disse o mesmo: que ela precisava do emprego, pelo que não lho podíamos tirar.

Não foi fácil habituar-me a ser tratado assim. E às regras. Era obrigatório fazer os TPC, sem discussão. Não era permitido sair à noite nos dias de aulas. Festas onde se ingeriam fármacos, nem pensar. Eu nem sequer dei a ideia de irmos à garrafeira do pai. A Angus tinha a sua postura de durona e tratava de imensas coisas em casa, ajudando a fazer a lista da mercearia, chamando um técnico para consertar o aquecimento, esse tipo de coisas. O treinador só perceberia quando o frigorífico estivesse vazio e a canalização congelasse. O homem só pensava em futebol. Mas, pelo que me era dado a entender, a Angus também não se preocupava muito. Tudo naquela casa tinha o seu tratamento, incluindo eu. Se ficasse ali, transformar-me-ia num daqueles bebés da Preparatória de Jonesville?

Sabia que não tinha de me preocupar com isso. Nunca ninguém me acolhia assim durante tanto tempo.

30

Eu temera a preparatória por medo de me cruzar com gajos maiores que me pudessem chegar a arriar. Até então, no 4.º ou 5.º ano, sendo o mais alto, era o tipo de fracassado que as pessoas podiam odiar, mas que tinham medo de arreliar. Mas o mundo dá muitas voltas. Depois de estarmos nos estratos mais altos, a escola larga-nos nos mais baixos outra vez. É verdade que a Secundária de Jonesville era uma ninhada de cachorrinhos, mas também tinha os seus canzarrões. Ao fim de algum tempo, farejei-os, armados em maus da fita, recostados na última fila com os seus enormes ténis com os atacadores desapertados pousados em cima das carteiras vazias. Repetentes inveterados com respeitáveis patilhas e que fumavam um maço por dia. Podiam dar-me cabo do couro.

Mas o 6.º ano tinha-me pregado uma partida e criado um novo Demon. Continuava a ser eu, mas a usar ténis de sessenta dólares. Um fracassado disfarçado. Viver com o treinador era como andar armado. Quando passava pelo corredor, a multidão cedia-me passagem. Não com desdém pelo adotado, mas mais tipo: *Uau, ali vai ele*.

No início, ninguém sabia exatamente qual era a minha afinidade com o treinador. Incluindo eu. Não era filho dele, mas era ele quem assinava os meus formulários de autorização, por exemplo, se tinha autorização para assistir ao filme *Vida em Família*. Não que ele soubesse do que se tratava. Nós levávamos os formulários para o jantar e ele assinava enquanto os seus olhos, debaixo daquelas sobrancelhas farfalhudas, reviam mentalmente uma jogada, a mastigar a comida como uma vaca a ruminar. Ter-nos-ia autorizado a ver um filme pornográfico no salão. Não estou a dizer que vi. Mas, se estava sob a alçada de

alguém, era do treinador.

E depois ainda mais, porque me deixou ajudar nos treinos de sábado. Apenas como moço de recados do moço de recados, mas, mesmo assim, muito fixe. A fazer as marcações do campo e a arrastar plataformas de arrasto e proteções, eu, o Demon. No relvado do Five Star Stadium onde o Creaky nos levava para as orações de sexta à noite e nós gritávamos para que os Generals conseguissem um banho de sangue. *Dentro* do pavilhão Red Rage, na presença dos maiores. Ou das toalhas transpiradas e das coquilhas dos maiores.

Apenas ia aos sábados, não depois das aulas, pois o treinador tinha regras quanto aos trabalhos de casa, e a Angus era a autoridade que fazia cumprir a lei. Ela não gostava que eu fosse aos treinos, mas o treinador disse que um rapaz não podia ficar fechado, por isso eu ia. Não podia meter a minha própria roupa na máquina de lavar em casa, mas metia a roupa suja da equipa em sacos como se a minha vida dependesse disso, e via os juniores a ensaiar jogadas. A tentar perceber as táticas. O Prego-a-Fundo há muito que se tinha ido embora, mas aqueles gajos tinham boas mãos, bons pés. Nos treinos, o Winfield era uma pessoa diferente. Acocorado, os olhos atentos, observava a malta a ensaiar jogadas ou a fazer um passe, e, digo-vos, ele *via-os*. Memorizava-os. Detetava as falhas, por mais pequenas que fossem, e ordenava-lhes alto e bom som que repetissem a jogada e que, dessa vez, não metessem água. E eles repetiam, vinte vezes se preciso fosse. O que era feito do pai que mais parecia um *zombie*? Aquele sujeito de quem tínhamos de nos desviar quando ele passava por nós como se fôssemos invisíveis? No Five Star Stadium não era assim. Ali, carburava na potência máxima, pressionando os seus Generals até lhe darem o rendimento que pretendia, dizendo-lhes depois que eram os maiores. Dando-lhes palmadas nas costas enquanto os mandava para o balneário.

E um deles era eu. Faltavam-me três anos para ter qualquer oportunidade de pertencer aos Generals e estava a anos-luz de conseguir distinguir o meu olho do cu de qualquer buraco no chão. Mas um dia, depois de mandar a equipa para o balneário e de termos carregado o equipamento, o treinador vai e grita:

— Damon, apanha! — E atira-me uma bola à cara.

Eu agarro-a, como que por milagre, e vou guardá-la junto das outras, mas não,

o treinador diz para fazermos uns passes. Ele a arremessar, a fazer-me correr pelo campo para avaliar as minhas pernas. Os meus pulmões. Depois o braço. Eu acagaçado e a tentar lembrar-me do que o Prego-a-Fundo me ensinara sobre como segurar a bola, usar o meu campo de visão. Dar o meu máximo.

O meu máximo não era nada de mais, mas o treinador fez-me desejar morrer a tentar. Por fim, ficou satisfeito, radiante como o sol a brilhar no meio das nuvens. Inesquecível. A forma como olhou para além dos meus braços e pernas, para a alma do General que eu poderia vir a ser, completamente focado em mim e na bola entre os dois, o curvar de um pulso, o virar da cabeça. E eu vi o General que, outrora, ele fora naquele campo, levando a multidão ao rubro, sorrindo com os dentes todos para alguma miúda na bancada capaz de o empolgar na cerimónia depois do jogo. A mãe da Angus, pensei. Seria uma *cheerleader*?

Mas não. Se era uma das raparigas da Sra. Betsy, não podia ser de arrasar. A Angus disse que eles se conheceram na Universidade do Tennessee, em Knoxville, onde ele recebera uma bolsa para jogar futebol. Na posição de *running back*, durante um ano, mas depois sofrera uma lesão no ombro e tivera de concluir a licenciatura em Educação. Não sabia se a Angus conhecia esta outra pessoa em que o pai se transformava quando estava nos treinos. Esperava que sim. Depois pensei melhor e desejei que não.

Na escola, houve uma reviravolta, graças ao professor Armstrong. Dava aulas de Inglês ao 7.º e 8.º anos, por isso não era meu professor, mas também era orientador escolar, pelo que estava atento ao panorama geral e identificava miúdos para os quais se adivinhavam problemas.

Na Secundária de Jonesville, tinham-me atirado para as aulas e não tardou muito até eu me afundar como o *Titanic*. Matemática, teste-surpresa: «Simplifica a expressão utilizando ordem de operações blá-blá-blá números racionais.» Uma página cheia de números e coisas que nem números eram, mais pareciam código. «Querem uma expressão simplificada?», escrevi na minha folha de resposta em branco. «Vão-se foder.»

Risquei essa parte antes de o professor recolher os testes, por isso não me

mandaram ao diretor. Apenas direitinho para a turma dos burros, onde conheci os cavalheiros das patilhas e dos ténis com os atacadores desapertados. Caminhámos todos juntos, um enorme e vagaroso rebanho, das aulas de Matemática rudimentar para as aulas de apoio de tudo e mais alguma coisa e imensas salas de estudo, onde a nossa leitura se cingia à *Hot Rod Magazine*, à *Muscle Machines* e à *Car* & *Driver*. Ou à *Allure* e à *Cosmo* no caso das raparigas, porque havia raparigas entre nós. Em vez de patilhas, umas prateleiras de respeito. O nosso destino seria a agricultura vocacional no secundário, de onde arrastaríamos os pés até ao centro de emprego para ter aulas de mecânica ou, no caso das raparigas, de cosmética. Por isso, quem se importava se passávamos o dia a ler revistas? No fundo, a dar impulso à nossa carreira.

Porém, como era novo na escola, deveria ir falar com o professor Armstrong, que levou algumas semanas a encaixar a minha reunião, pois outros miúdos precisavam dele para testemunhar a seu favor no tribunal de menores. Um homem ocupado. Eu já me integrara na nova matilha de Jonesville, que não incluía cachorrinhos, mas boazonas e gajos que pareciam ter idade para poder comprar cerveja. Amigos com potencial. E liberdade para passar o dia a desenhar nos blocos de apontamentos, não infestados de tretas educativas. Até que chega o professor Armstrong para estragar o meu sossego.

Uma coisa é certa: não me veio com sermões sobre eu não aproveitar o meu potencial. Ele acedera ao meu cadastro da Segurança Social, que remontava aos registos hospitalares aquando da *overdose* da minha mãe, ou até antes. Desde que nascera que estivera na iminência de ser afastado dela. Disse ao professor Armstrong que, se lera aquilo tudo, sabia mais sobre mim do que eu próprio. Ele disse que não, não sabia, que ninguém deveria fingir que sabia aquilo que eu sentia.

— Uma coisa eu sei — disse ele. — És resiliente.

Eu já ouvira algumas palavras caras para descrever o problema do Demon. Perguntei-lhe se estava a pensar dar-me algum tipo de medicação por causa desse problema.

— Não é um problema — explicou. — Significa que és forte. Acima de todas as expectativas.

Olhei para ele. Ele olhou para mim. Tinha as mãos em cima da secretária com os dedos a tocarem-se, uma pequena gaiola com ar no interior. Mãos negras. Os nós dos dedos azulados. Aliança prateada.

— Sabes que às vezes acontecem milagres — disse —, em que a viatura fica completamente desfeita num desastre de automóvel, mas o condutor sai de lá ileso? Estou a dizer que tu és esse condutor.

Não era daquelas bandas. Tinha sotaque nortenho. *Biatura*. *Automóbel*. Mas dava para o compreender.

— Está a dizer que sou um sortudo?

— És um sortudo se um bêbedo não parar num *stop* e destruir completamente o teu carro?

— Não.

— Pois não. Tiveste um acidente que não foi culpa tua. E saíste de lá ileso.

Encolhi os ombros, como que a contradizê-lo.

— Bem, é isso que me parece. Estás aqui. No meu gabinete. Não noutro sítio qualquer a tentar destruir alguma coisa, a pregar-lhe um balázio ou a deitar-lhe fogo.

Sorri enquanto recordava aquela vez em que eu e o Trocas fizemos precisamente essas três coisas a uma cabeça de veado empalhada que encontrámos num monte de lixo. Um macho com dez pontas nos chifres, num estado perfeito antes de lhe darmos o nosso tratamento. Porque, meu Deus, aqueles olhos de vidro… Mas o professor Armstrong não estava a sorrir. Disse que o tinham informado do meu desempenho nas aulas, mas que, muitas vezes, as pessoas sabem mais do que aquilo que os professores conseguem avaliar com os seus testes. O trabalho dele era perceber o que eu sabia, com recurso a outros métodos.

Eu disse que, se ele estava a considerar torturar-me, mais valia confessar já: odiava a escola.

Assentiu.

— É compreensível. Podes dizer-me do que é que gostas?

De ajudar nos treinos de futebol, mas não ia dar esse trunfo àquele gajo. O mais certo era tirar-mo. Respondi que não me ocorria nada de que eu gostasse

que fosse legal fazer aos doze anos.

— Queres dizer que achas que a vida vai melhorar nos próximos anos?

— Então não?

Assentiu.

— Compreendo.

Estaria a dizer que me compreendia a *mim*, ou que todos os miúdos dizem aquilo? Não percebi. Ele era brando e duro ao mesmo tempo, uns olhos a fazer lembrar chocolate derretido. Sem mesquinhez. Só que não cede se uma pessoa não ceder primeiro. Óculos pesados, camisa, mais elegante do que o comum dos professores. Ou então era do contraste entre o colarinho branco e a pele escura. Não era uma coisa que se visse todos os dias no condado de Lee. Estávamos habituados a ver atletas da NBA ou *rappers* na televisão, gajos ricos com dentes de ouro.

Graças à sua paciência, conseguiu sacar algumas coisas sobre mim. Que eu gostava de desenhar. Perguntou se podia ver alguns dos meus pretensos trabalhos, mas eu disse que ainda não. Nos últimos tempos dedicara-me ao estudo da forma humana, ou seja, uma rapariga que frequentava as mesmas aulas que eu, a quem chamavam Molho Picante e que se sentava numa cadeira numa posição que fazia lembrar um gelado a derreter. Basicamente, pornografia leve. Ele não insistiu, mas disse que teria de ver uns desenhos meus até ao final da semana, sem desculpas. Como se fosse uma tarefa.

Fiquei passado. Vasculhei todos os blocos de apontamentos que ainda tinha, recuando à quinta do Creaky e à banda desenhada do Prego-Man a salvar as crianças. Nada que um professor pudesse ver. Fiquei ansioso, depois furioso, mas depois pensei *tudo bem, se o gajo quer entrar na minha mente, que entre*. Levei-lhe merdas de super-heróis a salvar crianças. Ele analisou os meus desenhos, como se estivesse a ler a porcaria do jornal, e depois disse que tinha umas avaliações para eu fazer. Lá pensei: *Boa, estamos quase despachados: mais testes, mais Titanic do Demon a afundar num mar de merda*.

Errado. Os testes que me apresentou eram testes com imagens. Exemplo: aqui estão uns quadrados interligados que formam uma caixa desdobrada, escolhe que caixa seria depois de montada. Páginas e páginas daquela merda, tão fácil que

era como um jogo. Foi o único teste que concluí em toda a vida. Pensei que era um aquecimento para os testes de verdade. Errado outra vez. O professor Armstrong enganou-me. Tratava-se de testes especiais que apresentavam aos dotados e talentosos, o que, segundo ele, eu era. Só que isso era ridículo. De repente, está-me a falar sobre o tempo que tenho de recuperar e que, se mudar para essa área na escola preparatória, posso ter aulas de arte no secundário em vez de fazer gaiolas na oficina.

Fiquei bastante incomodado com isso. Habituar-me a todas as novidades estava a deixar-me a cabeça à roda. Roupas, pessoas, casa. A única coisa com que podia continuar a contar era em ser um idiota. Agora, estavam à espera de que destruísse o pouco que restava do Demon e fosse inteligente. Continuaria a ser eu? E a questão principal: será que um dotado e talentoso pode jogar futebol? Tinha as minhas dúvidas. Porém, o professor Armstrong mudou-me para a melhor turma de Inglês e inscreveu-me nas explicações de Matemática, que eram frequentadas apenas por mim e seis raparigas boazonas, por isso decidi *que se lixe*. No ano seguinte estaria noutra casa de acolhimento e noutra escola, onde ninguém saberia se eu era inteligente ou não.

Os meus dotes e talentos foram descobertos por terceiros. O primeiro foi um gajo chamado Cabeça de Peixe, que aperfeiçoara a combinação perfeita de óleo de motor e *Axe* para se defender de eventuais atacantes. Era um dia normal nas aulas de Matemática, estando eu a encher as páginas do bloco de notas com desenhos porque fazíamos o que nos dava na gana naquelas aulas. A professora Jackson passava as fichas de trabalho e depois punha-se a ler um livro de bolso ou a pintar as unhas o resto da aula. Ainda hoje, quando faço contas de somar, vem-me à memória aquele cheiro intenso do verniz. Isto continuava a ser nas aulas dos burros, claro. Eu iria frequentar as explicações de Matemática, mas ainda não tinham começado.

— Ei, Demon, desenha aí rápido uns tipos de ratas diferentes! — murmurou o Cabeça de Peixe, e, quando digo «murmurou», digo que toda a gente que estava nas últimas filas desatou a rir.

Eu não estava muito familiarizado com ratas para saber que havia tipos

diferentes. Perguntei se ele queria dizer rapadas ou peludas, mas não. Havia nomes para os diferentes tipos.

— É como as mamas — explicou. — Sabes que há tantos tipos de mamas como há de carros?

Para dizer a verdade, nunca pensara nisso, mas não o ia admitir.

— Como aquelas compridas e baixas. — O Cabeça de Peixe, que não possuía muito vocabulário, estava a tentar explicar com as mãos. Outros tipos vieram em seu socorro.

— Achatadas, bicudas — disseram. — *Vans*.

Alguém tinha uma *Playboy*. Como se costuma dizer, uma imagem vale por mil palavras. Só podia ficar com ela até ao fim da aula, mas tenho a capacidade de olhar para uma coisa e memorizá-la. Comecei a cobrar à malta por estes desenhos, cinquenta cêntimos por partes do corpo, um dólar pelo corpo inteiro. Excluindo a cara. Pelas caras e pelas mãos teria de cobrar mais porque demoram mais tempo, além de que não havia interesse nisso. Depois disse aos gajos que tinha de ficar com as revistas durante a noite, para me familiarizar com as diferentes marcas e modelos. A minha fixação por chassis seguiu um novo rumo.

Vai-se a ver e aquilo com que podia contar, surpreendentemente, era com a Angus. Desde o Maggot que não tinha um amigo, e já lá ia algum tempo. Geralmente, uma pessoa não convive com uma rapariga, mas a Angus não se parecia em nada com uma. Nem sequer era por causa das botas à maneira ou por perceber de carros. Era por não se pôr com merdas. Quem já conheceu uma rapariga da preparatória sabe como elas são: um vulcão de tretas em erupção. A cada minuto, uma nova emergência. A melhor amiga que passou a inimiga. Um gajo qualquer a quem se fez ontem anda agora a falar com outra rapariga. Todas as partes do corpo grandes ou demasiado pequenas, e *oh, detesto este vestido*, e *meu Deus, e se estiver grávida?* A minha própria experiência com raparigas não ia tão longe. Ficara a saber dessas coisas principalmente através da Angus. Ela não suportava aquilo e tinha de desabafar. Imenso.

— Por isso, virei-me para a Michaela e disse: *Olha, o teu cu é como é. Tão simples quanto isso. Vai ter essa aparência quer tu uses ou não essas calças, por*

isso porque estás sempre a perguntar?

— «Ou não» — atalhei. — Dá que pensar.

— Não vás por aí, jovem amigo.

Tarde demais, já ia. Interpretação de artista. A Angus não saberia disto, pois não fazia parte da turma do Cabeça de Peixe, mas o Cu da Michaela tornou-se uma lenda no seu tempo.

A Angus fez uma pausa nas suas lamúrias para me passar uma saca para as folhas, pois, naquele outono, a Mattie Kate estava cheia de vontade de ver as folhas do jardim apanhadas. Talvez só quisesse que a deixássemos em paz algum tempo enquanto aspirava a casa, ou que não passássemos o tempo todo a jogar *PlayStation* no quarto da Angus. Mas apanhar folhas? Haverá sempre mais a cair. Enchi as sacas de folhas até ficarem a abarrotar, como sacos de tijolos. Tinha muita experiência no tratamento de resíduos.

— Pronto — disse. — Já desabafaste. Risca a Michaela da tua lista de aborrecimentos.

— Ah, isso é que não. Ela não é como os Goomba do Super Mario, onde mandas um pelos ares e eles não te apoquentam mais. A Michaela é como os mortos-vivos do Monkey Island; está sempre a regressar.

A minha solução para aquelas folhas teria sido deitar-lhes fogo, mas o condado tinha leis relativas às queimadas, e a Angus, no que dizia respeito a tretas legais, era uma verdadeira agente da autoridade. Não fazia sentido, se pensarmos na sua atitude de rufia, mas o que a preocupava era o treinador, que podia perder o emprego num abrir e fechar de olhos.

— Portanto, estávamos em Educação Física, eu muito sossegadinha, e lá vem a Donna. — (Começa a imitar a voz da Minnie.) — «A Elizabeth disse-me que a Michaela disse para te dizer que não *fala* contigo.» E eu fico, tipo, desculpa, mas a Michaela pensava que eu queria falar com ela? Fui *escolhida* para parceira dela no projeto sobre a Antártida porque o professor Norwood me entrega obras de caridade e a Michaela pensa que os pinguins vivem no Polo Norte com os cabrões dos duendes do Pai Natal.

Era de espantar que qualquer rapariga tentasse, mas algumas tentavam. Talvez por causa do treinador, pois tudo o que o rodeava era sagrado. Ou talvez

quisessem um pedaço da Angus, a sua atitude, as roupas, sei lá. Esforços votados ao fracasso. Ela tinha amigos rapazes, *nerds* e fãs de jogos de computador, um tal de Sax que tocava bateria. Contudo, a maioria dos rapazes tinha pavor da Angus. Incluindo eu, mas, como o treinador estava sempre fora, havia uma lacuna. Quanto mais o outono avançava, menos o víamos em casa. Os Generals estavam invencíveis, os adversários a cair um a um, e as almas do condado de Lee todas cheias de si. Nos treinos, a mais pequena asneira resultava em mais meia hora a fazer *sprints* enquanto o treinador andava macambúzio a rezingar pelo relvado. Por causa de um pagam todos, uma equipa é um todo, etc. Em casa, passava o tempo no escritório a rever jogadas. Nunca chegou a saber daquilo do professor Armstrong; limitou-se a assinar os formulários sem ver o que diziam.

Eu comentei com a Angus e, vai-se a ver, *ela* é que era dotada e talentosa. Não me espantou, pois ela gostava de ler como o Tommy, mas obras mais adultas, como ficção científica e merdas femininas, que, só pelos títulos, me metiam um medo de morte. Ela metia medo porque desmontava tudo aquilo para onde olhava. Não só amadores como a Michaela, mas também pessoas que apareciam na televisão. Por exemplo, se estivéssemos a ver algum filme e uma rapariga fosse feia, de óculos e tal, a Angus dizia: «Vais ver. Esta vai ser a inteligente.» Se fosse um estrangeiro, provavelmente seria o vilão. A Angus era capaz de desmontar um filme com uma perna às costas. Se uma personagem falasse como nós, gente do campo, estava ali só por um motivo: estupidez. Uma piada seca! Um idiota! Se fosse uma rapariga, pior. *Pensa que os preservativos são balões e que o gajo que está a tentar comê-la é o cavalheiro mais querido.* A Angus nem queria acreditar que eu nunca tivesse reparado nisso. Uma pessoa habitua-se de tal forma a não ser *nada* até na televisão que talvez só tenha pensado: *Fixe, um miúdo do campo foi convidado para a festa!*

Aconselhou-me a não me passar por causa da história do dotado e talentoso. Que não era nada de mais, que nos tiram das aulas para fazermos coisas interessantes. Nas férias da Páscoa fazem uma viagem. Ver o mar? Ela disse que era possível. Uma vez a viagem fora à Stone Mountain, na Geórgia, que fica praticamente à mesma distância. Queria dizer que o mar não estava fora de

questão. Seria demais. *Se* eu continuasse por ali na primavera, se atinasse com a cena da matemática, se deixasse de ser um imbecil. Eram muitos *ses*.

Entretanto, teria de perceber como viver naquela casa enorme com a Angus, porque o treinador só saía da sua caverna, como um urso, para trincar qualquer coisa ao jantar, esmagar a sua lata de *PBR* e deixá-la em cima da mesa. Aqueles dentes enormes e alinhados pareciam estar sempre a provocar-lhe dor na boca. A propósito, a Angus revelou que os dentes eram postiços. Que usava dentadura desde o secundário depois de perder todos os dentes da frente ao cair de queixo no relvado.

Outro «a propósito»: disse-me qual era o seu verdadeiro nome. Agnes. Para a provocarem, uns miúdos da primária tinham feito o trocadilho, e, para os calar, ela dissera que até gostava mais de Angus. Acabara por chegar à conclusão de que até gostava mesmo. Além disso, o pai costumava levá-la a todos os treinos e jogos, e andava com ela às cavalitas. A menina do treinador, com a sua camisola pequenina dos Generals que uma senhora lhe fizera, encavalitada no pai para todos verem. Até que, no 5.º ano, deixara de a levar aos treinos porque não era sítio para uma menina. Ela disse que não se importava, que detestava futebol. Depois chegara à conclusão de que até detestava mesmo. E é esta a história de uma rapariga órfã de mãe chamada Angus. Imbatível. O treinador era um homem imponente, com umas mãos enormes a segurar o mundo pelos colarinhos, para quem todas as partidas tinham de acabar em vitória ou era o fim do mundo, uma tempestade num copo de água. A Angus era o contrário. Um oceano inteiro, escuro e frio.

31

Por intermédio de um ou outro primo, os Peggots descobriram o meu paradeiro em Jonesville e telefonaram lá para casa. A Mattie Kate passou-me o telefone sem abrir a boca, e a voz da Sra. Peggot deixou-me sem fôlego. Queria saber se eu estava bem. Oh, eu tinha respostas, a começar por «*Agora* é que querem saber», mas emocionei-me e fiquei sem saber o que dizer. Sim, queria ver o Maggot, e também a ela e ao Sr. Peg. Tentaria arranjar quem me levasse lá. No sábado, depois do treino de futebol.

Sabia que o treinador pediria ao U-Haul que me levasse lá, se eu lhe pedisse, e ele levou. O U-Haul ficou o tempo todo à espera sentado no carro, pelo que foi como nos velhos tempos das visitas supervisionadas, só que não, porque o U-Haul não tinha qualquer autoridade. Fiquei para o jantar.

Os Peggots juntaram-se à minha volta como se eu tivesse regressado da Lua. A Sra. Peggot a dizer que estava muito crescido, o Maggot a deixar-me em choque com as mudanças que se tinham processado nele, uns olhos que pareciam mesmo os de um guaxinim com tanta maquilhagem, dois brincos no lábio inferior. Questionaram-me sobre Jonesville, o treinador e a minha avó Betsy, e porque é que ela se interessara por mim passado tanto tempo. Eu respondi porque, provavelmente, só soube da minha existência quando eu lhe apareci à frente com um aspeto deplorável.

— Não — disse a Sra. Peggot. — Isso não é verdade. Ela sabia que tu existias.

Ficaram em silêncio. O Sr. Peg olhou para ela. Ela anuiu. E foi então que, na cozinha dos Peggots, ao fim de doze anos de vida, finalmente soube a verdade sobre a visita da avó à minha mãe. Não fora no dia em que eu nasci, mas algumas semanas antes. Um carro desconhecido subira o vale.

— Era uma carrinha *Chevy* — informou o Sr. Peg. — Com uma rapariguinha atrevida ao volante.

A Sra. Peggot deu-lhe uma palmada no braço porque queria ser ela a contar.

— Era uma rapariguinha ao volante e uma senhora corpulenta e alta que se apeou e foi ali acima para ver a tua mãe.

— Depois, aquela rapariguinha saiu e abriu a porta de trás e adivinha o que estava lá dentro?

A Sra. Peggot deu-lhe outra palmada.

— No banco de trás vinha o velhinho mais pequeno que jamais vi. Era um adulto, mas mesmo muito pequenino.

Eu sabia quem era, mas não o disse, pois não queria levar uma palmada.

— O homenzinho não saiu do carro. Ficaram lá os dois o tempo todo a fumar cigarros. Uma rapariga atrevida, encostada àquele carro enorme como que a desafiar toda a gente a dizer alguma coisa.

— Mas vocês… — Nem sequer sabia o que queria saber.

— Querido, nós nunca víramos semelhantes pessoas. Ficámos à espera de que a senhora voltasse a sair e depois foram à vida deles.

Ela disse que, depois do sucedido, a minha mãe ficou rabugenta e disse aos vizinhos que não era nada com eles. Porém, a Sra. Peggot conseguira sacar-lhe que era a mãe do falecido namorado a bisbilhotar, que lhe queria levar o bebé. No verão, ele escrevera uma carta à mãe a dizer que lamentava em parte tudo o que acontecera e que, em novembro, iria ser pai. Perguntara se ela quereria ver o bebé então. Ao fim de vinte anos, ele e a minha avó estavam na iminência de fazer as pazes, só que depois de lhe escrever morreu, pois. Terrível sentido de oportunidade. Dava para perceber por que motivo ela tinha ficado abespinhada.

Durante todo este relato, o Maggot ficou sentado com a boca aberta como um robalo no anzol. É possível que eu também. Fiquei sem saber o que pensar por a Sra. Peggot saber daquilo e nunca me ter contado. Só podia ser culpa da minha mãe. Elas tinham tido uma discussão acesa acerca de eu ir ou não visitar a sepultura do meu pai em Murder Valley, ao que a minha mãe se opusera veemente. Não queria que eu soubesse daquela senhora que me poderia separar dela. Não é de admirar que não me tenha posto o nome Woodall. Esse segredo

era o único poder da minha mãe. O mais certo é que tenha obrigado a Sra. Peggot a jurar sobre uma palete de bíblias do Walmart.

Não sabia o que dizer. A não ser que sim, que ficaria para jantar. Era estranho estar outra vez naquela casa. Conhecer todos os pormenores, saber que degraus rangiam, que fotografias dos antepassados dos Peggots estavam tortas nas suas molduras. A banheira que me metia tanto medo quando era pequeno. A coleção de pequenas corujas no parapeito da janela com pó nas suas cabecitas. Era como estar em casa, mas também ser um estranho. Passei algum tempo com o Maggot no quarto dele, e, no início, ele foi um pouco reservado. Ele sabia que eu ficara bastante zangado por os Peggots não me quererem na família e tudo o mais, mas eu disse-lhe que estava na boa, a viver numa casa que parecia um castelo, e que raio é que ele fizera ao cabelo? Ele disse que era um «meio-termo».

— Um meio-termo entre o quê? — Da última vez que o vira, tinha-o pelos ombros, e o Sr. Peg ameaçava dar-lhe uma tesourada enquanto ele dormia. O Maggot disse que concordara em cortá-lo, mas à sua maneira. A «maneira» dele era pintado de preto, com diferentes comprimentos a toda a volta, entre curto e meio comprido, com um aspeto de penugem a emoldurar-lhe a cara. Não era um corte normal de rapaz *nem* de rapariga.

— Fizeram-te isso na barbearia?

— Não. Foi uma miúda na escola. A Martha Coldiron. Lembras-te dela?

Lembrava. Uma gótica.

— Já deixou de se mutilar? Espero que tenha lavado a tesoura.

Ele cerrou os dentes e olhou pela janela para a casa que já fora minha. Era provável que agora a Martha fosse a sua melhor amiga.

— Desculpa, meu — disse. Não queria saber da sua nova amiga nem das merdas novas em que ele andava metido. Senti que a última ponte que me poderia fazer regressar ao Demon acabara de ser derrubada. Estava a vê-la em derrocada, em câmara lenta.

Perguntei como é que a Sra. Peggot ainda não o matara por causa da maquilhagem e tudo o mais, mas ele limitou-se a encolher os ombros.

— O que é que podem fazer? Mandar-me para junto da minha mãe?

As notícias sobre ela não eram famosas. Disse-me que ela solicitara uma saída

precária, mas que o pedido fora recusado por desrespeito a uma guarda, o que era uma injustiça porque a cabra desordeira dessa guarda prisional implicara com ela. Não registava o nome dela na chamada mesmo quando ela lá estava, chamava-lhe fufa e merdas do género, até ao dia em que ela se passou e explodiu. A maldição de Mariah Peggot.

Ao jantar, abordámos o tema mais alegre da June, a filha vedeta, que agora era enfermeira na clínica Pennington Gap e vivia numa casa que era a coisa mais incrível que jamais se vira. Uma casa geodésica, explicou o Sr. Peg. Como um barco virado ao contrário, acrescentou o Maggot. Mas com janelas e um andar de cima. Pelos vistos a Emmy achava que era a coisa mais gira de sempre. A Sra. Peggot disse que tinham de me levar lá para fazer uma visita. A June e a Emmy estavam sempre a perguntar por mim.

— Ela agora tem um namorado — anunciou o Maggot.

— Aquele tal de Kent — interveio o Sr. Peggot. — Há já algum tempo que anda atrás dela.

— Não me refiro ao lorpa do namorado da *June*. A *Emmy* tem um namorado — disse o Maggot, a olhar para mim.

A maquilhagem dificultava-me a vida, não lhe conseguia ler a expressão.

— *Dah* — disse eu. — Porque não havia de ter? É uma brasa.

— Ele ainda está a morar em Knoxville, mas viaja imenso — explicou a Sra. Peggot. — Vem aqui ver a June imensas vezes. É delegado de informação médica.

— O Kent vende drogas — disse o Maggot. Tinha os olhos arregalados, com um círculo preto pintado a toda a volta, como os palhaços macabros dos filmes de terror.

Pela primeira vez nessa noite, lembrei-me do U-Haul lá fora à espera. A minha sinistra boleia para casa. Perdi a vontade de comer durante uns dez segundos, mas depois passou-me. Vamos lá ver… era estufado.

— Está muito bem na vida — disse o Sr. Peg. — Estou à espera de que qualquer dia faça o pedido.

— Eu vou jogar futebol nos juniores — informei. Ainda não tinha idade para isso, mas ninguém estava a prestar atenção.

Eles cumpriram a promessa e levaram-me a ver tudo: a casa geodésica que era como um barco virado ao contrário, a brasa do 8.º ano, Emmy, o namorado da tia June que vendia drogas. Subimos ao quarto da Emmy e ela contou-nos os seus segredos, como nos velhos tempos. Mas não num armário. As casas geodésicas têm pouco espaço para armários. O teto inteiro, ou a parede, ou seja lá o que for, com uma série de triângulos a formar um arco. Não dá para explicar, só vendo. Sentámo-nos na cama da Emmy.

Em suma, ela odiava o Kent. Disse que ele parecia uma foca a emitir sons quando estava a pinar com a June. Quando passava lá a noite, fingiam que ficava a dormir no sofá-cama do andar de baixo e esperavam até assumirem que a Emmy estava a dormir. Eu detestava a ideia de a tia June se rebaixar naquelas coisas. O Maggot estava a armar-se ao pingarelho com o seu ar de quem diz *nada me choca, tenho brincos nos lábios e tudo*, mas eu percebi que estava em choque. Não era de espantar que o Kent fosse barulhento. Mesmo no andar de cima, com a porta fechada, dava para o ouvir a conversar com os Peggots com voz de apresentador de televisão, como se estivessem a assistir às televendas e ele fosse o produto. O Maggot sugeriu que a Emmy lhe pusesse alguma coisa no café, como mijo ou desentupidor de canos. Levantou-se da cama e foi bisbilhotar a maquilhagem da Emmy.

— Se me roubas o *Max Factor* és um homem morto, cabrão. Isso custa uma fortuna.

— Pronto, está bem. Onde tens o lubrificante para te enfiar um pau no cu?

Que a Emmy viesse a ficar linda de morrer, já seria de esperar, mas parecia dez anos mais velha do que nós. Passara do estilo menina da Disney para *cowgirl* a fazer lembrar a Madonna, uma saia com folhos, blusão de ganga, *collants* azul-escuros. Estávamos sentados na cama dela. Apeteceu-me tocar-lhe nos pés por serem perfeitos, como duas pequenas pombas azuis. Ainda tinha a minha pulseira em forma de serpente prateada no tornozelo, por cima dos *collants*. Já me tinha perguntado se continuaria a usá-la. Estava com imensa pinta, a falar das atividades a que a June e o Kent se entregavam com todo o à-vontade. Como se não se lembrasse de que uma vez passámos meia hora na marmelada até perdermos o fôlego. Népia. Isso nunca aconteceu. Ela era uma

simpatia comigo, mas eu era só um miúdo qualquer.

Fiz um esforço para também não me lembrar, incluindo o cheiro frutado que ela ainda tinha. O Maggot aludiu várias vezes ao tópico do namorado da Emmy.

Creio que foi por vingança, para me mostrar que fora discreto em relação às nossas travessuras em Knoxville. Este seu lado ofensivo não fazia sentido, o Maggot de antigamente não seria capaz de fazer mal a uma mosca. A não ser, claro, arrancar-lhe as asas, o que não passa de uma brincadeira de miúdos. A Emmy não mordeu o isco e disse que ela e o Hammer não namoravam, eram só amigos. Pus-me a cismar, *Hammer*? O Hammerhead *Kelly* do cabelo empastado, aquele primo que não era primo supereducado que parecia demasiado sensível para este mundo, mesmo quando estava a esventrar um veado com uma faca de mato? Mas a Emmy continuou a mudar de assunto para a situação do namorado que estava lá em baixo. Eu disse que não compreendia. A tia June não era parva nenhuma, além de que já rejeitara metade dos gajos do condado. Esse tal de Kent deveria ter alguma coisa para oferecer.

Sexo, foi a teoria do Maggot. Tinha um pau descomunal.

A Emmy disse que não, que tinha a ver com as coisas que ele oferecia. O gajo era como um aprendiz do Pai Natal no seu *Ford Explorer*, que aparecia para dar presentes às rececionistas e às enfermeiras. Doces para as gordas, cupões da *Hair Affair* se estivessem de dieta. Era como se o Kent tivesse duendes espiões a dizer-lhe quais eram os desejos delas. Os médicos recebiam viagens grátis ao Havai e destinos do género. Viagens para jogar golfe.

— Filho de uma granda puta — disse o Maggot. — Quero ir ao Havai.

— Terias de ser médico ou enfermeiro. É a recompensa para quem receita os comprimidos dele.

— Tudo bem, quando a tia June receber a sua viagem ao Havai, pede-lhe que nos leve. Não me importo se tiver de ouvir o gajo a uivar como uma foca ao piná-la a noite inteira, vou na mesma. — O Maggot estava a pôr os ganchos da Emmy nos seus cabelos tipo palha, formando uma espécie de tentáculos. E batom azul-marinho. Virou-se para nos mostrar a sua obra.

— Eu também — disse eu. Não que estivesse à espera de ser convidado, mas, raios partam… o mar.

A Emmy disse que a tia June não podia receber presentes do Kent por serem namorados. Estava apenas a tirar partido da popularidade dele.

— A minha mãe diz que se alguém nesta terra de Deus precisa de umas férias no Havai, é um médico do condado de Lee.

Relembrámos-lhe o que acontecera em Knoxville. Aquela grávida que fora esfaqueada na barriga com o bebé no útero. A Emmy abanou a cabeça como quem diz que não sabíamos do que estávamos a falar.

— Ela não está arrependida de ter regressado, mas diz que, em termos médicos, o condado de Lee é um verdadeiro inferno, com demasiados doentes e formulários da Medicaid para conseguirem ter acesso. As enfermeiras e os médicos que conhecia mudaram-se todos para a cidade para conseguirem ganhar algum.

Naquele dia estava um tempo horrível, senão teríamos ido lá para fora falar mal dos mais velhos. Ou não, porque o Maggot estava a divertir-se à brava com as coisas da Emmy. Tinha o colete da Emmy vestido, cintilante como os da Madonna, sem nada por baixo, e umas enormes calças efeminadas por cima das calças de ganga, porque era um pau de virar tripas. Passado algum tempo, alguém chamou por nós.

— Chiu — disse a Emmy.

O Maggot parou, atirou-se para o chão e rebolou enquanto ela se dirigia à porta.

Era a tia June que já estava a subir as escadas. Os Peggots queriam regressar a casa. Agora, a chuva a bater no telhado parecia, tipo, três gnomos malvados a atirar pedras. Estávamos numa casa geodésica, por isso, quando digo «telhado», refiro-me à estrutura completa. Talvez houvesse uma camada de gelo na estrada; não tardaria a escurecer e o Sr. Peg era tão vesgo que conduzia tão devagar como o maior bêbedo do planeta. A Sra. Peggot recuperara a sua visão de ave de rapina depois da operação às cataratas, mas não conduzia.

Tentámos ganhar tempo para poupar o Maggot à humilhação, e depois descemos e sentámo-nos nas escadas, porque ninguém ia a lado nenhum enquanto o Kent não terminasse a sua maldita preleção sobre o estado da saúde, que não levava a dor a sério.

— Agora já se *sabe*. A dor é o quinto *sinal* vital. Inventámos a escala de dor para o doente poder fazer uma *avaliação* objetiva.

— Sei o que te preocupa, papá — disse a tia June. — Mas não há qualquer possibilidade de esta medicação criar dependência. A empresa realizou todos os tipos de estudos. Posso mostrar-te a bula.

Ela estava na cozinha, que fazia parte da sala de estar, já que todo o piso térreo era constituído por uma única divisão. Observei-a lá em baixo, o cabelo como o da Posh das Spice Girls, camisa preta justa enfiada nas calças de ganga, e pus-me a matutar que era um pervertido por ainda achar que ela era uma brasa. Achar que ela *e* a sua sobrinha barra filha eram umas brasas. Cozinhara frango para o jantar, e um bolo de aniversário. Tínhamos ido lá naquele dia por ser o meu aniversário. Pronto, está bem, eu estava apaixonado pela senhora. Agora, estava a embalar os restos para eles levarem para casa. A Sra. Peggot diria que não, que ficassem elas com o que sobrara, mas a June acabaria por vencer. Eu conhecia aquela família de ginjeira.

O Sr. e a Sra. Peggot tinham-se sentado no sofá enquanto o Kent os tentava convencer. Estilo Burt Reynolds, de bigode, demasiado bem vestido para um sábado, com uns sapatos que mais ninguém usava por aquelas bandas. Olhando-o com desdém, vislumbrei-lhe uma coisa reluzente no cocuruto da cabeça, disfarçada com o cabelo escuro penteado por cima. Não era um completo Homer Simpson como o Creaky, tinha apenas uma pequena coroa de calvície no topo. Mas dá para confiar num gajo que tenta enganar os outros na própria cabeça? A tia June escolhera uma presa de qualidade inferior.

A Emmy estava sentada no degrau ao meu lado. O meu joelho tocou no dela, mas nem percebeu. Estava a olhar para o Kent como se quisesse ter os superpoderes certos para o vaporizar.

— Pedimos aos doentes para olharem para o gráfico e atribuírem um número à dor que sentem — explicou a June, deitando salada de batata num recipiente amarelo. — Foi a empresa do Kent que o inventou.

— Acreditamos que a dor é um facto — disse o Kent. — Não apenas uma opinião. É só isso que estou a dizer. — Decididamente, não era só isso que estava a dizer. Olhei para a Emmy e fiz uma cara como quem diz «francamente».

— A nossa missão é colocar todos os doentes com dor na posição zero do gráfico.

A Emmy imitou uma pistola com os dedos e pregou um balázio na própria cabeça.

O Sr. Peg acabou por aceitar um cupão grátis dos analgésicos milagrosos do Kent, provavelmente só para o calar. *Mais fortes do que qualquer outro produto. Não é daquelas coisas que se tem de tomar de quatro em quatro horas. Estes têm uma ação prolongada de vinte e quatro horas! Pela primeira vez em anos, terá uma noite de sono descansada!*

Lá fora, na carrinha, ainda mal pusera o motor a trabalhar e já a Sra. Peggot estava a dizer:

— Dá cá esse papel, velhote. Se levares esses comprimidos para casa, vão parar à sanita.

32

Com o Natal a chegar, eu estava ansioso a pensar no que o treinador ia fazer comigo, pois era a época do ano em que as pessoas começam a reparar em quem é família e quem não é. Perguntei à Angus o que costumavam fazer no Natal. Ela disse que nada de especial. Estávamos no telhado a limpar as caleiras.

— Mas o que é que *fazem*? — insisti. — Tipo, onde vão cortar o pinheiro?

Ela olhou para mim com os olhos semicerrados. Calçara os seus *All Stars* mais velhos e mais encardidos para subir ao telhado enquanto eu ficara no escadote.

— Referes-te àquela estupidez de ter um pinheiro *dentro* de casa?

Nem sequer quando era pequena? Nem sequer nessa altura.

— Não somos *religiosos* — continuou ela, como se eu estivesse a ser esquisito. E eu… tipo: *Quem falou em religioso, estou a falar da merda do* Natal. *Onde é que já se viu uma criança achar que não é importante?*

A Angus era essa criança. Se queria alguma coisa, o treinador limitava-se a dizer para a comprar. Não precisava de meter ao barulho gordos com uma barba postiça. Era outra das regras do treinador que a Angus encarava com naturalidade, como não poder ter animais de estimação e fazer sempre os trabalhos de casa. Disse que o Natal o deixava deprimido porque a mãe dela morrera de cancro pouco antes ou depois, talvez no próprio dia. Não tinha a certeza.

Geralmente, um gajo chamado Happy estaria a limpar as caleiras, mas a Mattie Kate fartara-se de telefonar, até que a mulher atendera e dissera que o Happy caíra de um celeiro e partira a coluna, que telefonasse dentro de alguns meses. O treinador não confiava em mais ninguém para trabalhar naquela casa, principalmente porque ninguém o queria fazer. Tinha mais de cem anos e os seus

quês arriscados. Imagine-se que algum habilidoso lixava a casa do treinador? Teria de fugir do condado. Mas as caleiras estavam tão entupidas com folhas que já havia uma infiltração no teto no nosso refúgio da televisão. Disse à Angus que iria lá acima. Pedi-lhe para não dizer ao treinador se fizesse asneira, como por exemplo cair. Ela disse que também ia, que se *nós* fizéssemos asneira, não poderia despedir-*nos*. E eu pensei *Fala por ti*. Nesse fim de semana, o treinador não estava na cidade por causa dos *playoffs*. Ainda pensei que talvez me convidasse para ajudar, mas não convidou, apenas o U-Haul. Estávamos em dezembro. Os meus dias naquela casa estavam contados, motivo pelo qual me pusera a falar do Natal e da morte.

— Já somos dois — disse eu. — No que diz respeito a quadras festivas estragadas pela morte dos pais. Não é que se possa comparar com o 4 de Julho, mas era essa data que deixava a minha mãe deprimida. Ficava sempre taciturna por causa da morte do meu pai, a ponto de proibir o fogo de artifício.

A Angus lançou-me um olhar enigmático. Se calhar o treinador tinha regras sobre o fogo de artifício. Não era fácil compreender aquela família.

— Nem sequer daquelas velas cintilantes que se usam nos aniversários, quanto mais explosivos a sério — prossegui.

— Estás a dizer que o teu pai morreu numa explosão?

— Não, foi na água. Nunca soube pormenores, apenas o local. E o dia.

— E depois *ela* morreu no teu aniversário. Foda-se, meu. Ganhaste.

Pensei no meu último aniversário passado na casa da tia June. A minha mãe não participara. Disse à Angus que a morte da minha mãe não era algo que associasse ao meu aniversário.

— É mais como um saco de tijolos que carrego todos os dias do ano. Para ser sincero, quando alguém fala no assunto, até gosto. É como se, por um minuto, esse alguém me pudesse ajudar a arrastar os tijolos.

— Hum — foi o que comentou, arrancando grumos castanhos de folhas com as mãos desprotegidas. Era preciso ter coragem. Quero dizer, podia haver cenas naquela merda. Formas de vida primitivas. O meu trabalho era segurar o balde até ficar cheio. Depois, descer o escadote para o despejar num monte fedorento que criáramos, afastado da casa. Não fazíamos ideia das ferramentas que o

Happy utilizava para levar a cabo aquele trabalho.

A Angus disse que no caso dela era diferente porque não se lembrava da mãe. Nenhum saco de tijolos.

— É mais como uma coisa reluzente que trago ao peito. De vez em quando, uma mulher qualquer debruça-se sobre mim e diz «Querida, ela era linda» ou «Ela era uma joia». E eu limito-me a comentar: «Pronto, está bem, bestial. Obrigada.» — Largou mais grumos no balde. — A ignorância é uma bênção.

Eu sugerira que fumar umas ganzas poderia tornar aquela tarefa mais aprazível. Conseguira uma boa porção de erva de um gajo na escola como pagamento por desenhos de partes do corpo. A Angus quase nunca seguia as minhas sugestões, principalmente se fosse alguma coisa que pudesse representar um escândalo para a casa do treinador, mas daquela vez fora irredutível. Se eu era maluco, se queria cair do escadote e acabar como o Happy com a coluna partida?, etc. Vai-se a ver e ela nunca tinha fumado erva. Foi assim que a sua inocência caiu na esparrela da teoria que os bófias do programa DARE preconizam na escola de que a erva põe um gajo maluco, e eu tive de lhe dizer a verdade, explicando como a erva nos poderia ajudar a prestar *mais* atenção ao que estávamos a fazer, sem nos importarmos com os aspetos menos aprazíveis. Nada feito. Ela não podia fumar coisa alguma por causa da asma. Já a vira a usar um inalador, mas não sabia que fora por isso que deixara de fumar e passara a usar *snus*. Disse que tivera de ir para o hospital algumas vezes quando era mais pequena. Sempre que se emocionava, por bons ou maus motivos, tinha uma crise. Eu nunca a vira com uma crise, nem emocionada.

Portanto, não tivera as melhores coisas da vida: ganza, a mãe, o Natal. Incrível. Disse-lhe que não podia refutar o azar no que dizia respeito à morte e à asma, mas que o Natal ainda poderia aproveitar. Ela respondeu que não via qual era o interesse.

— Dizes isso porque não sabes o que estás a perder. — Fui esvaziar o balde e ela ficou lá em cima sentada a tremer, os joelhos puxados para o peito, as mãos nos bolsos do casaco, o gorro a tapar-lhe as orelhas. Os olhos cinzentos dignos de uma série de manga a contemplar o mundo como uma criança abandonada em cima de um telhado.

O interesse, disse-lhe eu quando regressei para junto dela, são as prendas. É completamente diferente de ir às compras. As pessoas oferecem-nos coisas que não sabíamos que queríamos. Ou que tínhamos medo de pedir por serem muito caras.

Ela disse que parecia um desperdício.

Eu expliquei que o interesse é o fator *surpresa*. O *interesse* é a espera. Ver presentes secretos embrulhados amontoarem-se debaixo do pinheirinho, que nós vamos abanar e tentar perceber o que possa ser até nos sentirmos o gato que vai morrer de curiosidade. O que importava que a minha mãe andasse sempre na penúria e comprasse todos os meus presentes com desconto de funcionário? Nós *celebrávamos* a porra do Natal, meu! Se eu ficava demasiado entusiasmado para dormir, atento com a minha pequena mente ignorante aos cascos das renas no telhado da nossa casa sem chaminé? É evidente que sim.

A Angus achava que o treinador não iria nessa.

Fiquei em choque. Na generalidade, a Angus podia ser uma chata no que toca a ver o lado positivo das coisas.

— Demon — estava sempre a dizer —, a vida é uma viagem atribulada e impetuosa. Pode haver merdas boas à nossa espera. Não penses que não.

Que era o que eu mais fazia. Pensar que não. Mas o Natal? Não iria prescindir disso. Disse-lhe que não tínhamos de meter o treinador ao barulho, que só precisávamos de oferecer presentes um ao outro. Ela admitiu que talvez tenha havido uma altura em que sentira ciúmes dos miúdos que pediam presentes ao Pai Natal. Mas que, se lhe pedisse, seria uma espécie de traição ao pai. Ouvi-a fazer esta explanação. Talvez isso já lhe tivesse passado. Talvez ele se estivesse a borrifar para o que ela fizesse.

— Ótimo — disse eu. — Sei onde vamos arranjar um pinheiro.

Roubámos um.

E só percebemos que não tínhamos nada para o decorar quando chegámos a casa. Assim, pendurámos nos ramos tudo o que nos deu na telha: colheres, *Life Savers* de menta, CD, uns brincos e outras merdas que a Mattie Kate oferecera à Angus ao longo dos anos numa vã tentativa de moldar o seu sentido de moda.

Pretzels. Era o pinheiro mais ridículo que se possa imaginar. Épico.

Ficámos tão passados com os presentes que mal podíamos esperar. As reposições de filmes de Natal ao longo das vinte e quatro horas do dia tinham começado bastante antes, o que nos levava a pensar que, algures, já seria Natal. Por volta da meia-noite talvez do dia 23, a meio do segundo ou terceiro filme protagonizado pelo Chevy Chase, desistimos de esperar. Descemos as escadas a correr como duas crianças e rasgámos tudo enquanto o treinador estava a dormir. A Angus ofereceu-me uns livros de banda desenhada espetaculares, incluindo uma série de manga com um miúdo chamado Gon Freecss que faz uma viagem à procura do pai que foi embora quando ele era bebé e que, constava, teria superpoderes. Um sucesso, claro está. E roupa, o que parece enfadonho, mas como fora a Angus a escolhê-la, não era. Também não eram aquelas coisas extremas de que ela gostava. Ela pensara pela perspetiva do Demon, o miúdo popular, da cabeça aos pés. Por exemplo, um casaco *Members Only*, cor de prata. Eu seria o maior na escola com aquele casaco.

A Angus tem uma coisa. Ambos tínhamos as nossas chatices na vida, e a cena dela era estar a borrifar-se para se os outros gostavam ou não da forma como ela enfrentava os problemas. Mas, se eu queria ser uma pessoa diferente e experimentar ser popular, ela não me impediria. *Ajudaria*. Não era muito comum. Também me ofereceu um barquinho, com umas velas pequeninas, cordame minúsculo, uma embarcação completa feita de madeira pintada e palitos, e a parte mais fixe é esta: estava dentro de uma pequena garrafa. Não era muito grande; do tamanho de uma garrafa de cerveja normal. Mas como diabo é que o conseguiram meter lá dentro? Ela não fazia ideia. Encontrara-o assim, num antiquário. Disse que era a minha cara, e também uma questão de ir contra todas as probabilidades, porque um dia eu poderia ir aonde quisesse.

— Se o dizes — atalhei. — Mas estarei sempre dentro de uma garrafa.

Riu-se.

— O mundo é uma garrafa, Demon. A gravidade e essas merdas. Não esperes milagres.

Eu estava mais entusiasmado com as minhas prendas para ela do que em receber as minhas. Ansioso, também, porque, sejamos realistas, ela não era fácil

de agradar. O cartão de crédito do treinador não era meu, e pareceu-me que estaria a fazer batota, pelo que utilizei o dinheiro que ganhara com os desenhos e fui a uma loja de penhores. Não sabia se o gajo da Here Today Loan and Pawn de Jonesville se lembraria da rixa em plena rua, do rapaz a fazer o recado de um homem, etc. Ele nem desviou o olhar da revista. Procurei as coisas dos McCobbs, mas já teriam sido vendidas há muito. As coisas vendem-se depressa em sítios como aquele, principalmente armas e peças de joalharia, a menos que sejam peças despropositadas ou antiguidades esquisitas, que era o que eu procurava. Encontrei um chapéu fantástico, de veludo preto, com um véu que tapava a cara. Mais feminino do que era habitual para a Angus, mas tive um palpite e acertei. Ela simulou logo uma passarela e começou a exibi-lo, afirmando que seria a carpideira do condado de Lee. Além disso, comprei-lhe uns livros antigos, incluindo um de conselhos que lemos em voz alta, sobre o que fazer em emergências: naufrágio, incêndio em clube noturno, elevador a cair a pique. O que seria um clube noturno? Ela disse que era como um bar, mas que só havia nas cidades, pelo que uma pessoa ficava ali tipo sardinha em lata com a cara enfiada nos sovacos dos outros. Por isso, em caso de incêndio, estamos tramados. Não me lembro de qual era o conselho.

Porém, o meu presente principal foi o retrato dela. Pu-lo numa moldura espetacular que comprei na loja de penhores, com vidro e tudo. Há muito que sabia que tipo de super-herói ela seria: Anjo de Cabedal Preto. Cheia de pinta e com asas angelicais de cabedal preto. Precisei de algumas tentativas para que não se parecesse nada com a Batgirl, mas consegui. A característica principal da Angus eram aqueles olhos cinzentos que percebem logo aquilo que nos consome. O superpoder, ler a nossa mente e obrigar-nos a falar. Ela ficou maravilhada. Andou com aquilo o dia todo, abraçada àquela enorme moldura quadrada como se fosse um maldito urso de peluche.

A Mattie Kate tirara uma folga para estar com o filho, mas deixara o frigorífico recheado de coisas para desembalarmos da folha de papel de alumínio e aquecermos, que foi um pouco como desembrulhar mais presentes. Guisado de feijão-verde e batatas fritas, feijão-frade com toucinho. Sonhos de maçã. Comemos o que nos apeteceu, sempre que nos apeteceu. Vesti as minhas roupas

novas, ela pôs o seu chapéu de véu e tratámo-nos por «querido» e «querida» como se fôssemos os abastados Howells da série *Gilligan* ou «pateta» como no *Príncipe de Bel-Air*, e comemos e vimos televisão três dias seguidos. A determinada altura, dei-me conta de que era mesmo Natal, o próprio dia. E pensei que, se calhar, afinal existe mesmo um Deus no céu. Na lenta viagem de autocarro da merda da minha vida, fiz aqui uma pequena paragem.

A melhor parte de tudo foi arranjar o pinheiro. Sem dúvida. Convencera a Angus de que não era furto levar uma coisa que os agricultores passam o ano a amontoar e a queimar. Podíamos ter pedido, mas pareceu-me justo roubar um ao Creaky. Esgueirar-me até lá com a Angus, cortar um cedro no meio da escuridão, um dos pontos altos da minha curta vida. Apenas lamentei termos de envolver o U-Haul por causa do transporte, pois havia a possibilidade de ele nos denunciar, o que poderia manchar o crime perfeito.

Disse-lhe para apagar os faróis antes de chegarmos à casa. A quinta estava com um aspeto pior do que nunca, pois não havia rapazes escravos para tratar daquilo. Havia luz na sala do piso térreo, o que queria dizer que ele estava lá, tendo por única companhia a sua personalidade insensível e torpe, esperava eu. Não havia sinais da *Lariat*.

Porque é que queria tanto voltar ali, ao lugar onde a minha infância fora esmagada? Quando lá chegámos, percebi. Por uma questão de poder. Enfrentar a Amityville e gritar com o que quer que ainda rastejava ou esgaravatava lá dentro: «Vai-te foder. Vai-te foder mais as putas das tareias e a fome que me fizeste passar, e por nos fazeres desejar estar mortos, principalmente ao Tommy. Vai-te foder por me fazeres ficar feliz por ter sido ele e não eu.» Escarrar e cuspir na relva gelada. Virar as costas à maldade e afastar-me.

Ainda me esperava uma surpresa, e foi do treinador, uns dias depois do Natal. Disse para eu passar pelo gabinete dele. Teve de tirar coisas de cima de uma cadeira, pois o gabinete ainda era pior do que a sala de estar. Tinha ali uma pequena televisão onde via cassetes de VHS. Equipas que iríamos defrontar, para detetar as suas falhas. Ou então jogos antigos, mas apenas as derrotas, para aprender com os erros. O treinador não era pessoa de se perder com as vitórias.

Eu sabia que cassete ia ser exibida naquele dia, porque toda a vida vira o filme. O tempo esgotara-se, déramos o nosso melhor, mas perdêramos, boa sorte e essas tretas todas. *Lamento.*

Ele não disse nada, eu também não. Aquilo que sobressaía no treinador, depois dos dentes protuberantes por detrás dos lábios fechados, eram as sobrancelhas e os olhos azuis semicerrados, firmes. Usava sempre o seu boné vermelho dos Generals, pelo que foi um choque vê-lo de cabeça destapada. Os cabelos grisalhos desgrenhados de um velho, como se o tivesse apanhado na cama. Senti que tinha feito asneira.

— Há quanto tempo já aqui estás? — O boné estava pousado em cima da secretária. Pô-lo na cabeça. Quase esperei que também vestisse o casaco e pusesse os óculos. A estratégia do treinador era não ser visto. — Dois, três meses?

— Sim, senhor — concordei.

Pegou no seu apito prateado e rodopiou-o no comprido cordão, enrolando-o completamente à volta do indicador. Depois, rodopiou-o no sentido contrário, desenrolando-o. Era costume fazer aquilo no campo, quando estava furioso ou a pensar, ou seja, sempre. Senti que aquele cordão estava a enrolar-se à volta do meu pescoço. Apeteceu-me fugir dali e não ter de ouvir o que estava para vir. Ou o U-Haul lhe contara do pinheiro roubado, ou a Mattie Kate encontrara o meu refúgio da ganza. As pessoas como eu têm milhões de caminhos pelos quais podem seguir para se lixarem, e eu nunca seguira por nenhum que me levasse a outro sítio.

— Gostaste de ajudar no campo, não gostaste? — lá acabou por perguntar.

— Sim, senhor. — Não olhei para ele. Amarrotei o coração, ou o que lhe queiram chamar, e arremessei-o pela janela por detrás dele. Colinas, árvores despidas. A luminosidade fraca do inverno, amarelada como o mijo.

— Tu tens alguma coisa — continuou.

— Como assim? — Tinha os bolsos vazios. Não roubei. OK, roubei. Nunca ao treinador, mas não consegui deixar de pensar nas *Oreos* e nos *Slim Jims* que surripiara aos meus tutores.

— Eu percebi logo. Tamanho é coisa que não te falta. Velocidade e bastante

jeito para fazer receções. Tinha pensado em ti para defesa, mas acho que tens características mais ofensivas.

O meu coração voltou a entrar pela janela.

— O que eu não sabia era se esse miúdo se deixaria ver — prosseguiu. Enrolou outra vez o cordão. Desenrolou-o. — Vou ser franco. Estou sempre a ver rapazes como tu a desperdiçar o que Deus lhes deu. Chegam dos estratos mais baixos. Todos o sabemos. Famílias desavindas, pais na prisão. Esses rapazes só procuram mais problemas, porque é a realidade que conhecem.

Sustive outra vez a respiração. Não tinha nenhum pai preso. As famílias desavindas por onde passara não eram propriamente minhas, mas ele dissera o que dissera. Não estava à espera de uma resposta.

— Pouco me importa o talento que um miúdo tenha — continuou. — Se for demasiado arrogante para fazer aquilo que lhe mandam, é um desperdício de tempo. Arrogância, teimosia, seja lá o que for. Chegam aqui a querer ser estrelas, em busca de glória. E pensam que o conseguirão comportando-se como os maiores rufias das redondezas.

Olhei para as suas mãos sardentas em cima da secretária. O boné dos Generals. Olhei para os enormes pelos pretos das sobrancelhas espetados em todas as direções, alguns demasiado compridos. Umas sobrancelhas horríveis, ostensivas. Não estava a olhá-lo nos olhos, de homem para homem, mas era o melhor que conseguia fazer.

Ele debruçou-se sobre as mãos.

— Vou dizer-te uma coisa e quero que prestes atenção. Uma equipa de sucesso não é formada por líderes. É formada por seguidores.

— Sim, senhor.

— Não importa se é apanhar o lixo — disse. — Se for essa a tarefa que atribuo a um elemento da minha equipa, quero que obedeça.

Ele não fazia a mínima. No que diz respeito a mim e a lixo. Mas vira o suficiente. Tinha os ouvidos a zumbir, mas apanhei as linhas gerais. Ele disse que eu continuaria a viver lá e que logo se veria como é que corria. Iria falar com o treinador Briggs para me deixar treinar com os juniores no outono seguinte. Se tivessem tamanho, os alunos do 7.º ano podiam treinar. A colónia de férias de

treinos durava o verão inteiro. Tecnicamente, só me deveriam deixar jogar depois do 8.º ano, mas essa regra não era rigorosa.

O sangue a fluir pelos meus ouvidos afogou tudo o mais. Faltava uma eternidade para o verão e para o outono. Meses. Eu ficaria ali durante todo esse tempo. Naquela casa. Saindo ocasionalmente para ir jogar futebol.

33

Aquilo que disse antes sobre haver uma época áurea na vida em que tudo corre de feição, em que temos quem nos defenda, e não percebemos? É assim que o mundo cruel nos lixa. Eu tive muitos dias para recordar, as humilhações e os murros, e só digo uma coisa. São as épocas áureas que me matam. Tive duas e, como um autêntico filho da puta, desperdicei ambas.

A primeira, a infância em termos gerais. Numa corrida selvagem de pés descalços, a espalhar lama do riacho pela cozinha da Sra. Peggot, sendo esses lugares duas versões do paraíso para um rapaz. Um miúdo não podia pedir mais. Azar, porque o miúdo tinha uma fixação em querer mais, sobretudo sob a forma de ténis caríssimos e de um *Game Boy*.

A segunda vez foi por ocasião do 7.º e do 8.º anos. Apesar de a Preparatória de Jonesville ser a terra dos bebés, acabei por aprender a gostar. Nenhum dos alunos sabia que apenas um ano antes eu fora um reles monte de merda. Renascido. Agora, podia falar com quem quisesse e tinha amigos de todas as formas e feitios: descontraídos que me arranjavam erva, inteligentes que me ajudavam a sair do lodaçal da álgebra. Uma gama completa de amigos. Colegas de equipa que podia agarrar no balneário e levantar do chão depois de lhes passar o braço à volta do pescoço, todos escorregadios da transpiração, todos nus, a rir que nem perdidos. O mesmo em relação às raparigas, menos a parte do braço à volta do pescoço.

Esses miúdos pareciam mesmo jovens. A não ser no ensino não presencial, não era fácil encontrar um miúdo da Preparatória de Jonesville que alguma vez tivesse trabalhado. Ser amigo dessa laia de pessoas implicava ter de ouvir problemas até certo ponto inventados. Eu conseguia suportar isso, muito mais do

que a Angus. As raparigas conseguem surpreender-nos quando sabem mais do que dão a entender. Além disso, para um gajo, é diferente. Se ficarmos quietos e deixarmos os ouvidos assimilarem todas aquelas tretas das raparigas, outras partes do corpo podem ter a sua oportunidade.

Assim, o impossível aconteceu. A seu tempo, uma escola seria dominada pelo Demon Copperhead com o seu casaco *Members Only*. Ele deveria ser o idiota mais feliz à face da Terra, mas não, estava à espera de que as coisas dessem para o torto, à coca, atento a quem estivesse a ser simpático com ele naquele dia para ver o que estava para vir. Continuava a ser aquele reles órfão sem-abrigo, a fazer-se passar por quem não era com umas roupas catitas. Não fizera nada para merecer aquela boa sorte e sabia como eram as pessoas. Mais cedo ou mais tarde, viram-se contra nós. Ou então morrem.

Além disso, em finais de janeiro, aconteceu uma coisa com o U-Haul. Foi estranho como o caralho. Depois de o treinador ir dormir, era costume o U-Haul ficar horas no gabinete dele. A organizar a contabilidade, a esgalhar o pessegueiro, vá-se lá saber a fazer o quê. E andava pela casa descalço, com as suas meias brancas, para não ser ouvido. O U-Haul nunca entrava numa divisão, *materializava-se*. Naquela noite, à entrada da nossa confortável sala da televisão, lá estava ele, com um dedo esquelético em forma de gancho.

— Então! Como vai isso? — disse eu, fazendo-me despercebido em relação àquele gesto que queria dizer «anda cá».

— O livro de táticas está todo baralhado. O treinador deve tê-lo deixado cair. A capa de argolas está partida. — Inclinou a cabeça e afastou os cabelos fibrosos dos olhos. — Podes ajudar-me a organizar aquilo? Tu e o treinador são unha e carne. De certeza que sabes aquilo de cor e salteado.

Olhei para a Angus, mas ela foi, tipo, o problema é teu, meu. No que toca a futebol, ela pusera tudo em pratos limpos desde o primeiro dia. Não estava interessada. Segui-o escadas abaixo enquanto me interrogava como é que um humano podia parecer-se tanto com um réptil a descer as escadas. Ele, tipo, deslizava.

Entrámos para o gabinete e ele fechou a porta.

— Senta, senta — disse, esgueirando-se para a cadeira articulada do treinador

do outro lado da secretária.

Eu queria ficar de pé, mas ele fitou-me com aqueles olhos castanho-avermelhados e eu cedi. Tirei uma caixa de joelheiras e uma proteção dentária de uma cadeira e sentei lá o rabo. Ele tirou o livro de táticas de uma gaveta. Não parecia nada baralhado ou partido. Mentira para me obrigar a ir ali.

— Então, sabes qual é a estratégia na jogada clássica *Wing T*?

Atirou o livro por cima da secretária e eu abri-o. Folheei as páginas, mas não vi nada fora do normal. Páginas com nódoas de gordura de comida, quase a cair das argolas. Um livro de táticas em perfeitas condições. O U-Haul estava muito sério a olhar para mim.

— Julgas-te uma grande merda, não julgas?

Nunca soubera bem se deveria tratar aquele idiota por senhor. Decidi que não.

— Posso ser uma merda, mas quanto à razão de grandeza já não me cabe julgar.

Ele fez um sorriso escarninho.

— Presumo que me estejas a mandar foder na linguagem de alguém dotado e talentoso.

Merda. Como foi que ele descobriu *aquilo*? A Angus nem sequer ao treinador dissera, quanto mais ao U-Haul. Ela era íntegra.

— Como queiras — disse eu.

— Pois. O que sei eu? Não passo de um treinador-adjunto que é um zé-ninguém, de uma longa linhagem de zés-ninguém. Por amor da Santa, não pares por minha causa. — Durante todo o discurso passou a mão pelos seus compridos cabelos ruivos e sebosos, passando-a depois pela cara. Repetindo o movimento continuamente.

— Parar o quê?

— Oh, tu sabes. Vires para aqui como se fizesses parte da família. Utilizando as tuas táticas.

Dessa vez, ao passar a mão pela cara, vislumbrei um furtivo dedo enfiado no nariz. Desviou o olhar de mim para ver o que conseguira catar ali. Formou uma pequena bola entre os dedos. O U- Haul era como um filme de terror. O cérebro dizia-me para *fugir*, mas eu não conseguia tirar os olhos dele.

— Não sei do que estás a falar. Se achas que eu não deveria estar aqui, entende-te com a minha avó. Foi ideia dela.

— Pois claro que foi. E o treinador aceita, assim sem mais nem menos. — Inclinou-se para a frente, ainda a rolar a bola entre os dedos, mas a olhar para mim. — Estou aqui há *onze anos* às ordens dele, a fazer recados. A fazer de motorista das crianças como se fosse a merda de uma ama. Se eu tivesse mamas, vinhas aqui mamar. E chega à noite e mandam-me *a mim* para casa da minha mãe. Porque será?

Fiquei em silêncio. Tinha dificuldade em concentrar-me, caramba. Nunca o vira com os olhos tão vermelhos. E o que planeava fazer com o macaco do nariz?

— Ah, pois. Porque sou a merda de um zé-ninguém. Pois, é isso! — Recostou-se na cadeira.

Eu fiquei à espera. Ele não se mexeu.

— Isso é *o quê*? Já acabaste? Posso ir embora?

— Considera isto um aviso amigável, se pensas que fazes parte desta família. Eles correm contigo. Fica atento à jogada que te vai deixar fora de jogo.

Saí dali a pensar de quanto tempo precisaria para tirar o mau gosto da boca. Talvez nunca mais conseguisse erradicar aquele travo amargo. Não precisava que uma serpente me dissesse que não pertencia àquela casa ou família. Eu era a árvore da sabedoria.

Foi-se a ver e eu não era completamente dotado; apenas meio. Ainda estava na corda bamba na Matemática, mas gostava de Linguística. O professor Armstrong, o orientador, também era professor, mas não era como os outros professores que se querem assegurar de que nós somos uns inúteis. Nem adotava a abordagem da professora Jackson, que era tipo: *Somos todos uns cagalhões nesta latrina, cambada, por isso mais vale pintar as unhas.* O professor Armstrong falava connosco como se fôssemos humanos. Lecionava sobretudo o 7.º e 8.º anos, mas foi substituto no 6.º imensas vezes nesse inverno porque o nosso professor habitual de Inglês teve zona. No primeiro dia, disse que nos iríamos conhecer, que lhe podíamos perguntar o que quiséssemos, talvez numa

tentativa de nos ajudar a relaxar por ser professor. Vai um chico-esperto e pergunta-lhe se ele apanha escaldões por andar ao sol. Eu tinha a certeza de que não. Sou escuro como os Melungos e nunca apanhei um escaldão. Mas ele disse que sim, que usava protetor solar quando estava ao ar livre, como quando cortava relva. Revelou-nos outras coisas espantosas. Se uma pessoa é negra, deve escrever-se «Negro», com maiúscula, porque não se trata de um adjetivo, mas de uma categoria, como Chinês ou Americano, tudo em maiúsculas por serem nomes próprios. Eu perguntei como era com os Melungos, pensando que ele nunca ouvira falar deles. Outra surpresa! Disse que era um bom exemplo. Melungo é um nome próprio.

Era de Chicago, daí a pronúncia. Veio para cá depois de concluir a universidade no quadro do Vista, que era um programa em que pessoas da cidade nos vêm ajudar por sermos pobres. A mulher dele também lecionava no âmbito do Vista, mas era de outra cidade. Conheceram-se aqui e casaram. Não tinham filhos. Tocavam numa banda de *bluegrass* chamada Fire in the Hole; ele banjo, ela violino. Lembrei-me do Sr. Peg. Ficaria feliz por o seu tipo de música não desaparecer por completo. O professor Armstrong nunca ouvira falar do estilo de música *bluegrass* antes de vir para aqui, mas apaixonara-se por tudo o que se relacionava com as montanhas e ficara por cá.

Eu sabia da mulher. Se as pessoas não aprovam alguma coisa, fala-se do assunto, o que foi o caso. Ela era branca. E professora de Arte, o que foi a minha sorte. Na preparatória não havia essa disciplina. Ela lecionava na Secundária de Lee, mas o professor Armstrong levou uns desenhos meus para lhe mostrar e, um dia, ela foi conhecer-me. Era a professora Annie. Falava quase a cantar (e cantava, lá na banda) e vestia-se como os *hippies*. Uma saia comprida azul, um lenço com padrão de flores nos longos cabelos, brincos com umas pequenas pedras, quatro tonalidades de azul. Pestanas louras, que é coisa que não se vê muito. Estávamos na sala dos professores, que estava deserta, onde havia um sofá, mas ela pousou umas folhas grossas e lápis na mesinha baixa e sentou-se no chão, e eu imitei-a.

Perguntou-me várias coisas. Se eu podia mostrar-lhe como é que desenhava um rosto. Fácil. Começa-se com um círculo, divide-se o círculo com uma cruz,

com a parte lateral abaixo do centro. Os olhos entram aí, com um espaço de permeio, da mesma largura que os olhos. Diferentes tipos de sobrancelhas para exprimir espanto, ternura ou irritação. Depois desenha-se o queixo abaixo do círculo como uma entidade separada, como uma caveira e um maxilar, porque uma cara *tem* uma caveira por debaixo. (Isto aprendi com o Tommy.) Perguntou como é que eu decidiria que tipo de maxilar desenhar. Simples: um maxilar pequeno se for uma criança ou uma mulher, grande se for um homem, maior se for um super-herói, motivo pelo qual as super-heroínas são dificílimas.

Quis saber se eu tivera aulas ou assistira a programas de desenho na televisão, coisa que eu nem sequer sabia que existia. Continuou a mostrar-se espantada até a campainha tocar, e eu nem podia acreditar que já tinha passado uma hora. Disse que eu tinha um dom natural e perguntou se queria aperfeiçoá-lo, que me ajudaria. Perspetivas, composição, etc. Resumindo, seria a minha professora de *Dotado*. Eu poderia experimentar outros suportes, pois ela tinha um estúdio cheio deles. Artigos de belas-artes além de lápis. Meu Deus.

Quem já ouviu a cantiga *She'll Be Coming 'Round the Mountain*, sabe o que é a Betsy Woodall a fazer uma visita. Não com seis cavalos brancos, mas era um acontecimento. O Sr. Peg ia aos arames.

A primeira vez foi em finais desse inverno, para transferir a minha documentação. Se aprovasse a minha situação em casa do treinador, iriam aos serviços sociais e ele passaria a ser o meu novo tutor. A Olheiras não ficaria triste. Não telefonara uma única vez desde que eu começara a viver com o treinador, adotando a sua abordagem habitual de, se o miúdo não está mal, não o tentes corrigir. E, se estiver, é chibá-lo.

A minha avó não era assim tão fácil. O facto de ter passado para as aulas mais difíceis não me valeu de nada; ela quis ver as pautas com as notas. A Mattie Kate esfalfara-se a arrumar a sala de estar, empilhando a tralha nas salas das traseiras, pelo que nos sentámos todos à enorme mesa, incluindo o Sr. Zezinho e a Jane Ellen, que veio a conduzir o *Comet*. A Sra. Betsy quis saber se aquele disparate das atividades desportivas iria interferir na minha educação. Olhei para o treinador, que não estava a enrolar o cordão do apito no dedo e tinha as

sobrancelhas alinhadas.

— Agora não há atividades desportivas. A época do futebol terminou e só recomeçará no outono — expliquei.

A minha avó deveria ser a única pessoa à face da Terra que não sabia isso. É evidente que havia outros desportos, como o basquetebol, mas não no condado de Lee. Por estas bandas, qualquer desporto que não seja futebol americano é como baunilha. Porquê comer baunilha se há outros sabores?

Perguntou ao treinador se era verdade, se eu não teria de praticar mais desporto.

— Sra. Woodall, pode deixar este jovem comigo. Tenciono fazer os possíveis para alcançar todo o seu potencial. — Totalmente inexpressivo.

Ela mirou-nos um a um. A Angus com uma enorme camisola verde que engolia todo o seu corpo, como aquela rapariga do Scooby-Doo, e o cabelo apanhado nuns totós que mais pareciam os cornos do Diabo. A minha avó com cara de estar a pensar *Hum, esta talvez precise de ser educada por mim*. Mas o treinador não prescindiria dela. Poderia não ser de muitas falas, mas às vezes aproximava-se pelas costas da Angus e passava-lhe os braços à volta do pescoço, apoiando o queixo na cabeça dela, e ficava para ali como um náufrago acabado de ser salvo.

De súbito, a minha avó levantou o seu esqueleto de um metro e oitenta e todos sustivemos a respiração. Foi até à lareira e pegou na fotografia da mãe da Angus. Limpou o vidro com a manga, contemplou-a e voltou a pousá-la. Depois anunciou que parecia que eu estava no bom caminho e que, se continuasse assim, ficaria tudo bem. Falou em mudar o meu apelido para o dela, ideia pela qual eu não morria de amores. Ter o nome exatamente igual ao do meu pai parecia-me estar a pedir encrencas. Com uma pessoa que estava morta, isso poderia ter consequências. Além disso, onde é que a minha mãe entrava na equação? Apagada? Fora isso, tudo bem. Tinha um parente legal e um tutor que não me odiava. A Mattie Kate serviu frango assado e comemos a refeição para a qual aquela mesa fora feita, digna de um rei.

Porém, eu estava sob aviso, e ela atenta ao meu caso. A intervalos de alguns meses, a Jane Ellen levava a Sra. Betsy e o Sr. Zezinho para me verem, e, de

todas essas vezes, senti-me como se estivesse no *Survivor,* na iminência de votarem pela minha expulsão da ilha. Aguentei firme. O lado positivo é que a nossa situação na sala de estar melhorou, tendo a barafunda sido mudada para o gabinete do treinador e outros sítios onde a Sra. Betsy não ia. Uma vez chegaram a passar lá a noite. O Sr. Zezinho ficou num sofá-cama num quarto do rés do chão.

A Angus disse que agora já não era tão repugnante para as visitas, por isso começámos a convidar amigos diferentes. Os dela eram só rapazes, eu era mais raparigas. A Angus só me pediu para a poupar aos dramas. Ela, o Sax e outros ficavam no andar de cima entretidos com jogos ou a ver filmes antigos de que o Sax gostava. Era capaz de memorizar cenas inteiras e fazia concursos com a Angus a ver quem conseguia reproduzir os diálogos sem se enganar. Era digno de se ver. Frequentavam as mesmas aulas e ele, tipo, incitava-a a competir em tudo, incluindo as notas de todos os testes. Por causa disso, ficava lixado com a Angus praticamente em todas as ocasiões.

Entretanto, no andar de baixo, no apelidado Clube dos TPC, as raparigas sentavam-se à volta da nossa enorme mesa a tentar encaixar variadas expressões na minúscula ranhura da caixa craniana do Demon. Estalavam os balões de pastilha elástica e depois ficavam espantadas com a dificuldade que eu tinha em matemática avançada. Se eu me fizesse a alguma delas por acidente, as outras ficavam danadas com ela. Eram incapazes de relaxar e comportar-se como seres humanos normais. A Angus tinha razão, e eu percebia-a. Até que um dia veio a Linda, que era a irmã mais velha da May Ann Larkins e, alegadamente, um génio a matemática. Meu Deus. Longos cabelos, longas pernas, longos olhares de soslaio com aqueles olhos azuis como quem diz: «*Meu*, ando no secundário. Percebo de merdas.» Não estou a falar de álgebra. É que não é fácil resolver equações enquanto se tenta não ficar com ele teso debaixo da mesa.

Mas quem estas raparigas adoravam mesmo era o Sr. Zezinho. Quando ele estava lá, faziam tanto alarido que eu até ficava com ciúmes. Eu, com os meus excelentes braços e pernas, a sentir pena de mim mesmo por aquelas miúdas irem a correr assim que a Mattie Kate saía da cozinha, levando o liquidificador para fazer batidos de morango para o Sr. Zezinho. Ou a empurrar a cadeira de

rodas dele lá fora, partindo ramos da macieira para ele cheirar as primeiras flores primaveris. Não que eu quisesse ser o bonequinho delas. Era pela forma como elas eram gentis, de uma maneira que não eram com os gajos normais. Sem se esforçarem muito. E sem medo.

O treinador fez uma previsão do meu futuro: *tight end*. É claro que o sonho de qualquer miúdo é ser *quarterback*, e eu não fugia à regra, desde que pusera o Prego-a-Fundo num pedestal. Mas nunca esqueci o que o treinador dissera: uma equipa é formada por seguidores. O treinador ou o *quarterback* dá a ordem da jogada, mas não serve de nada se não houver quem execute. Um bom *tight end* serve para isso. É veloz, está atento, é bom a fazer receções, a segurar a bola e a pousá-la. Suficientemente corpulento para ser uma força, para contornar a defesa e abrir uma passagem para ganhar terreno. Se tiver as características necessárias para jogar nos dois sentidos, também na linha defensiva, e se fizer as suas orações, pode vir a ser uma das pedras preciosas de Deus, ou seja, um General.

A colónia de férias de treinos prolongou-se por uma boa parte do verão para os juniores. O treinador metera uma cunha ao professor Briggs, o treinador dos juniores, que concordara em deixar-me jogar como avançado, e foi nessa posição que me colocou, como substituto do Collins, que andava no 8.º ano, era da minha altura, pesava mais treze quilos e ia entrar para os Generals no ano seguinte. Para ser o próximo Collins, eu teria de ganhar cabedal. Bora lá a isso.

O treinador Briggs também treinava exercícios de defesa com a equipa da secundária e às vezes chamava-me para participar na jogada *hamburger*, que consiste num confronto mano a mano, caso precisasse de alguém com as minhas características físicas. O U-Haul estava sempre atento, a tentar derrubar-me com aqueles olhos dignos do Hellboy. Azar, porque eu praticamente me infiltrei no reino, jovem como era. Deixei de ser moço de recados. O treinador deu-me privilégios para utilizar a sala de pesos e halteres, e, no acampamento, utilizávamos o equipamento em conjunto. As *chutes*, que consistem numa estrutura de tubos metálicos parecida com cercas para o gado, mas com o teto baixo, com menos de um metro de altura. Uma pessoa tem de baixar o corpo e passar pelo meio, correndo agachada sem bater com o capacete na parte de cima.

Quatro atletas tentam atravessá-la lado a lado, a ver quem chega primeiro ao fim, placando o defesa e empurrando-o para trás.

Eu era o melhor nesses exercícios. Noutros não me saía nada mal, mas nesses era como se tivesse superpoderes. Alto como era, conseguia fazer-me pequeno. E depois, no fim, atirava todo o meu arcaboiço contra o que se metesse à minha frente. Todos a dizer *Caramba, olhem só para ele, o turbo-Demon*. Para mim era normalíssimo. Manter a cabeça baixa, não ser visto, atacar. A minha vida era uma longa *chute*. No outono já me vestia a rigor e levava a camisola para as aulas às sextas-feiras. Um verdadeiro herói da claque. O raio de um aluno do 7.º ano. Dentro de um ano, seria um atleta às ordens do treinador.

34

Houve muitas novidades naquele ano escolar. A primeira aglomeração de jogadores à volta da bola no centro do campo, o primeiro jogo nos juniores, a primeira placagem, a primeira receção. O primeiro baile da escola, com uma miúda do 8.º ano que levou aquilo muito a sério, o meu primeiro encontro de verdade, é evidente. A Angus e o Sax foram juntos vestidos à *Planeta dos Macacos*, o Sax — derrotado do concurso do respetivo ano letivo —, vestido de humano preso por uma trela. Atenção que estamos a falar do baile de receção dos antigos alunos, não do Halloween. Não foi um encontro. Mas a Angus encarregou-se do meu, encomendou no Walmart o ramalhete de usar ao peito e levou-me ao Goodwill, onde encontrámos um fato branco dos anos sessenta que era do outro mundo. Do meu tamanho, inacreditável. Nesta fase, as minhas mãos e os meus pés estavam maiores e media mais de um metro e oitenta; obrigado, Mattie Kate.

Fui ao dentista pela primeira vez. Não vi a necessidade disso, mas a Angus disse para deixar de ser um bebé, que era só para fazer uma limpeza e, se necessário, umas obturações, que todas as pessoas normais faziam, o que me magoou. Conhecia imensos miúdos que nunca tinham ido ao dentista. Não que a minha mãe não tivesse tentado. Quando era pequeno, ela levava-me à clínica RAM gratuita que havia todos os anos, mas aquilo é uma loucura. Pessoas a dormir nos carros durante dias para tentarem arranjar vaga. A minha mãe tinha medo de que eu fosse esmagado pela multidão e regressasse a casa com menos dentes do que quando lá chegara.

A primeira vez que subi um lanço de escadas com um homem ao colo. Foi o *mister*, que encontrei desmaiado no seu gabinete. Não era propriamente um

hábito, mas aconteceu. O outono não foi mau, a primavera seria pior. Na fase em que não havia competição, sem jogos para preparar, não tinha muito que fazer, pelo que tivera uma garrafa como companhia. A Angus aceitou aquilo com naturalidade, dizendo que era sempre uma coisa sazonal. Disse para eu me pôr no lugar dele. A morte da mulher, que o deixara sozinho com um bebé para criar. E, para piorar as coisas, uma rapariga. Nem sequer tivera tempo de tentar ter um menino.

Foi também a primeira vez que pensei que a escola poderia ser minimamente interessante. Em História, com o treinador Briggs era canja; se uma pessoa demonstrasse o mínimo interesse, ele dava-nos o benefício da dúvida. Se pertencêssemos à equipa, tínhamos um crédito extra. Já com o professor Armstrong não era bem assim. Atribuía pontos a quem participava nas aulas, pois a cadeira era Linguística, mas sinceramente… Quando alguém dizia «a gente vamos», ele era logo «erro de concordância». Se alguém dizia «tu fizestes», ele corrigia. Isto por causa da pronúncia dele, que lhe afetava a audição. Tentou, em vão, convencer-nos de coisas como concordância verbal, ironia, etc., e passou o ano inteiro a explicar a sua opinião de que «se não» e «senão» são coisas diferentes, o que não adianta, meu. Desiste. A cena do professor Armstrong era que se sentava na secretária, tirava os óculos e pousava-os, esfregava os olhos, e uma pessoa nunca sabia que raio ele iria dizer.

No 7.º ano atribuiu-nos um projeto sobre as nossas raízes, para o qual tivemos de descobrir que tipo de pessoas foram os nossos antepassados, que trabalho fizeram, se vieram de outro país, onde é que ficava. No outono, tivemos de entrevistar pessoas velhas das nossas famílias. Na primavera, redações e apresentações. A pessoa velha mais importante que eu conhecia era o Sr. Peg, que tinha sido mineiro, mas não era meu familiar. O professor Armstrong lembrou-se da minha pergunta sobre os Melungos e disse que deveria aprofundar isso. *Isso é que era bom*, pensei. A atitude de órfão perpetuava-se, mas agora tinha uma avó assustadora. Melhor ainda, tinha o Sr. Zezinho, que provavelmente seria capaz de escrever um livro sobre qualquer tema.

O professor Armstrong contribuiu com algumas informações das suas raízes. Nome próprio, Lewis, baseado em Kareem Abdul Jabbar, essa não entendi. O pai

era adepto de basquetebol e médico; a mãe, bibliotecária. Os dois achavam que ele perdera o juízo quando se mudara para cá e não regressara a Chicago. Disse que, passados dez anos, ainda perguntavam quando é ele deixava de perder tempo com aquele banjo e voltava para casa. Não conhecíamos nenhum gajo como ele que tocasse banjo. Para ser franco, não conhecíamos nenhum gajo como ele que fizesse alguma coisa, porque havia talvez uns vinte Negros em todo o condado de Lee. Deu-nos uma novidade: o banjo fora inventado por pessoas como ele, é semelhante a um instrumento que os seus antepassados tocavam em África. Disse que dantes havia imensos Negros a viver aqui, que tinham vindo trabalhar nas minas, pois não lhes era permitido auferir de salários condignos no Sul, além de que muitas vezes eram lá assassinados só por causa da cor da pele. Em geral, sempre houvera mais liberdade aqui, no cu de Judas da Virgínia, onde não houvera escravatura, pois as explorações agrícolas eram minúsculas, não grandes plantações. Porém, mais tarde os empregos nas minas começaram a escassear e foram todos para Chicago ou para outros destinos. À procura de emprego e também por uma coisa que se chamou Grande Migração, pois o Sul era um inferno por causa das leis contra a população negra, pelo que eles queriam ir para o mais longe possível do inferno. Perguntámos porque é que a população branca também não foi, ao que ele respondeu que, para esses, foi outra história. Alguns partiram, mas a maioria não, porque eram famílias grandes com parentes, que já viviam ali há muito tempo e estavam bastante enraizados. Alguém disse: «Eu cá *nã* saio *de'ta* montanha», o que desencadeou uma gargalhada geral.

Ele explicou que isso era um estereótipo. Tratava-se de um tópico importante para o professor Armstrong. Leu-nos uns episódios da História que aludiam aos habitantes da montanha: preguiçosos, degenerados. Cabeças com um formato estranho. Achámos aquilo hilariante, com o Brad Butcher a fazer um escarcéu por causa da sua cabeça bicuda, e o professor Armstrong a dizer:

— Não tem piada. — Disse que os expulsaram para viverem como animais, para não sentirem o peso na consciência por se apoderarem de tudo o que lhes pertencia e os deixarem numa situação delicada. Mas o professor Armstrong não era dali, por isso não acreditámos nele. Dissemos que, se isso era verdade, do

que foi que se apoderaram? E vai ele e diz:

— Ora, deixa cá ver. De toda a madeira e carvão que impulsionou a Revolução Industrial e tornou a América rica? Vejam o caminho de ferro. Construído para o transporte de mercadorias, só de ida. Deixou as pessoas para trás.

E nós todos, pronto, está bem, como queiras. O Brad Butcher tem a cabeça bicuda, isso é inegável.

Grande parte do tempo, o professor Armstrong apenas cruzava os braços, recostava-se e deixava-nos disparar em todas as direções. Uns contra os outros, contra ele, contra o presidente da merda do mundo; ficava ao nosso critério. É claro que não era permitida linguagem deste tipo. Contudo, aceitava as nossas opiniões, mesmo que disséssemos que alguém era um aldrabão de primeira ou um filho bastardo. Feio como um bode. Estas expressões eram apropriadas para Linguística. Mas palavrões não, nem frases como «essa gentalha», e, por amor de Deus, não digam «houveram», é «houve». Ele ia aos arames com essa.

Não explicava apenas estas vicissitudes da língua, também percebia imenso de História, por não ser o professor de História. (Nas aulas do treinador Briggs eram só fichas de trabalho. Um tédio de morte.) Como o caso das bandeiras dos rebeldes, que se vê em todo o lado e às quais ninguém dá muita importância. Por exemplo, uma vez vimos uma quando estávamos lá fora à espera do autocarro, quando passou uma carrinha de caixa aberta *Chevy D/K* com uns pneus enormes, o motor a roncar pelo parque de estacionamento, a borracha a chiar, a música altíssima, com gajos da secundária de tronco nu debruçados nas janelas a gritar como os rebeldes da Confederação. A carrinha fez um pião no parque de estacionamento e saiu de marcha-atrás para a estrada, as bandeiras a adejar em toda a sua glória em dois mastros presos ao estrado: a bandeira da América e a da Confederação. Muitos tipos que estavam perto de mim riram-se, outros não. Alguns olharam para o professor Armstrong, que naquele dia era o responsável pela vigilância, e que ficou ali, com a sua camisa, os braços cruzados, a assistir à algazarra.

Depois fez-se silêncio. Quem estava a entrar para os autocarros entrou. Todos os outros encontraram merdas interessantes para observar no chão. O calçado, a

gravilha, pastilhas elásticas mastigadas. Lembro-me de que faltava pouco para o Halloween, porque o grupo organizado das miúdas da claque tinha decorado toda a fachada com abóboras com caras maquiavélicas desenhadas a marcador. Portanto, isso foi outra coisa para onde pudemos olhar, pois a maioria de nós, se não todos, estávamos cientes de que aquela história da bandeira era uma daquelas situações *oh, merda*. E ficámos à espera de que o mal-estar se dissipasse.

— Muito bem, comecemos pelo que é óbvio — disse o professor Armstrong. Portanto, não se deixara desanimar. — A Confederação e os Estados Unidos foram fações opostas numa guerra.

Continuou tudo em silêncio. Entre os meus semelhantes há coisas sobre as quais não se fala, e coisas que não se fazem, incluindo insultar as pessoas na sua cara. Sabíamos que havia palavras a que os Negros com letra maiúscula não se habituavam, nós já as ouvíramos, pronunciadas por pessoas mais velhas, pelos nossos pais ou seja lá quem fosse, pessoas chateadas com coisas com que nunca tinham tido qualquer contacto direto e que desconheciam em absoluto. Nenhuma pessoa real, o que, para nós que estávamos naquele parque de estacionamento, o professor Armstrong era. Todos nós já o conhecêramos, fosse na sala de aula ou como orientador escolar, orientando-nos pelos meandros do sistema de justiça juvenil, e eu não conhecia ninguém que não gostasse dele. Não desviei o olhar das abóboras com caras maléficas, perguntando a mim mesmo, pela enésima vez, se era assim tão difícil compreender que os olhos se desenham *a meio* da cara, não no cimo. Chegou outro autocarro, a malta baixou a cabeça e subiu, provavelmente alguns que nem sequer deviam apanhar aquele autocarro.

— *Pessoal* — disse, por fim, o professor Armstrong, quase a gritar, como fazia sempre que revelávamos ignorância nas aulas. — Estão a perceber o que eu digo? Uma *guerra*. Fações opostas. Não faz sentido desfraldar aquelas duas bandeiras lado a lado. É como torcer pelos Generals e pelos Abingdon Falcons no mesmo jogo.

Alto lá. Ficámos todos, tipo, *foda-se*. Porque isso não faz sentido.

Alguns gajos começaram a murmurar *legado* e *não é nada pessoal*, e o professor Armstrong tirou os óculos e esfregou os olhos, com um ar que

denotava, em simultâneo, interesse e um absoluto aturdimento.

— Estamos a falar da história de quem? — indagou. — Porque a Virgínia votou para se juntar à Confederação, isso é verdade. Para apoiar os proprietários das plantações. Mas as pessoas deste condado não tiveram representatividade nessa votação.

Ninguém o queria desdizer. De todos os presentes que ainda não tinham entrado nos autocarros ou regressado para dentro da escola, aposto que nem um teria pegado numa arma para defender qualquer mandachuva de uma plantação. Na realidade, estávamos felizes com o que ele nos dissera, que as pessoas da Virgínia tinham organizado as suas próprias milícias e tentado combater pela outra fação, a União. Disse que estávamos à vontade para fazer chegar esta informação a certas pessoas, e nós abanámos a cabeça como quem diz *aquelas bestas*, independentemente de aquelas bestas serem irmãos, amigos ou pais. Porque estávamos a falar do professor Armstrong. Mesmo que não quiséssemos, acabaríamos do lado dele.

Vai-se a ver e *Melungo* é outra dessas palavras. Inventada por uma questão de ódio contra certas pessoas até que elas deram meia-volta e disseram: *Vão-se lixar, vou enfrentar isto*. Essas pessoas eram mestiças, de todas as cores e, ainda, Cherokee e também Portuguesas, que costumavam ter uma identidade própria e não eram brancas. Eram mestiças porque, no tempo dos pioneiros, o condado de Lee era como agora, com toda a gente na penúria. Essas pessoas que viviam na miséria só se quiseram divertir um bocado e acabaram com bebés de todas as cores. Se fossem a algum sítio, esses miúdos eram tratados com a palavra que denotava ódio — *Melungo* —, que o Sr. Zezinho disse significar *monte de merda mesclado* noutra língua qualquer.

O Sr. Zezinho dedicou-se com afinco ao projeto das minhas raízes. Seriam precisos três ou mais papagaios para registar tudo o que escreveu. Explicou-me que, naqueles tempos, era costume chamar *preto* a qualquer pessoa que apresentasse o menor traço de não branco. Por causa disso, não lhes era permitido votar, ser proprietários das próprias terras, etc. Assim, essas pessoas mestiças a que todos chamavam Melungos foram ao tribunal e disseram: «Tudo

bem, eu sou *isso*. Registem-no no papel.» (Nome próprio, «M» maiúsculo.) É provável que a malta do tribunal tenha estudado o caso, mas, como não encontraram nada nos manuais que dissesse que um Melungo não podia fazer isto ou aquilo, não podiam fazer nada. Bela jogada.

Esse era o meu povo. O pai do Sr. Zezinho e da Sra. Betsy fora embora para encontrar Jesus, mas sobretudo para deixar de ser uma dessas pessoas. Quando os filhos dele queriam saber de tias ou primos, levavam com o cinto só por perguntar. Nunca ouviram a palavra *Melungo*. Mesmo assim, chegaram-lhes notícias dessas pessoas de pele escura e olhos verdes da Virgínia. O meu pai cresceu a perguntar se era verdade. Quando fugiu, ele e a Sra. Betsy estavam desavindos, por isso não se falavam. Ela só ficou a saber que ele regressara aqui quando lhe escreveu uma carta a dizer que estava no condado de Lee com uma rapariga e que iriam ter um bebé. O pequeno Copperhead de olhos verdes que nunca conheceria.

O Sr. Zezinho escreveu isto tudo num papel, entregou-mo num envelope e disse para ler mais tarde, quando estivesse sozinho. E eu nunca fora de ficar com um nó na garganta ou ter vontade de chorar, mesmo quando era pequeno, mas, depois de ler sobre o meu povo e o meu pai, enterrei a cara na almofada e chorei como um bebé.

A Angus disse que era melhor eu começar a manter um registo escrito das minhas namoradas, para não me enganar. Isto era apenas a Angus a ser a Angus, não zangada, mais como se estivesse orgulhosa do meu sucesso. Eu nunca tivera tantas ao mesmo tempo, ou que durassem muito tempo. Para ser franco, à época, a mulher mais interessante da minha vida era a professora Annie, de Arte, evidentemente fora de questão para namorada. Além disso, é possível que também estivesse caidinho pela Linda Larkins, o génio da matemática, que era como uma irmã mais velha do Clube dos TPC, por quem tinha uma atração fatal, mas que também não era uma possibilidade. Tinha dezassete anos.

Quanto às outras que gostavam de mim, dava para me manter ocupado. Ainda éramos demasiado jovens para fazermos alguma coisa dentro de um carro, como os jovens normais, mas onde há vontade, há um sofá e cobertores ou o meu

quarto, quando estava tudo a dormir lá em casa. Sessões de estudo que se prolongavam. Chegou ao ponto em que, se não estava com uma rapariga, estava a pensar em fazer alguma coisa com uma. O meu corpo mantinha o desejo mesmo quando conseguia ocupar o cérebro com outra coisa. Exatamente igual ao que acontece quando temos fome. Eu fora uma daquelas pessoas que não tocam noutras durante muitos anos. Tinha uma vaga memória de a minha mãe gostar muito de abraçar, mas depois aparecera o Stoner e a vida familiar transformara-se noutro tipo de desporto de contacto. Esta coisa de pele a roçar pele era novidade. Ficava irritado por não saber o que estava a fazer ou aquilo que me era permitido fazer, pois aquelas miúdas da preparatória eram perentórias em relação a não ir até ao fim, como se, tipo, tivessem feito um acordo entre si. Mas agora eu já conhecia todas as etapas. Tinham-me ensinado.

Muito raramente, ia com os Peggots visitar a Emmy, mas aquela paixoneta de outrora eclipsara-se. O Maggot jurara que ela agora namorava com o Hammer Kelly, o que ela disse ser mentira. Gozou com o penteado rústico do Hammer e disse que a única pessoa que estava apaixonada por ele era o Sr. Peg, que o levava à caça. Queria isto dizer que o Hammer não era o problema; simplesmente a Emmy já não gostava tanto de mim. No início fiquei magoado, mas depois aquilo passou-me, porque, como se costuma dizer, há muitos peixes no mar. Bastava levar a camisola da equipa de futebol para as aulas à sexta-feira e, meu Deus, era como aquele milagre da Bíblia. Peixes era coisa que não faltava.

Para que conste, os dotados podem jogar e jogam futebol. Alguns gajos descobriram, mas não me fizeram a vida negra por isso. Nunca faltei a um treino. Esses tipos eram sólidos, futuros atletas dos Generals. Um deles era o Cush Polk, o nosso *quarterback* dos juniores, um tipo decente cujo pai era um pregador de cascos de rolha, de Ewing. Alto, louro, as maçãs do rosto vermelhuscas, daqueles que ainda respondiam «Sim, senhora» às professoras. Dizia que era veloz por ser o mais novo de uma família de nove e a mãe cozinhava sempre só para oito. Outro era o Turp Trussell, que uma vez bebeu um *shot* de aguarrás por motivos que ainda estão por esclarecer. Um palhaço do caraças, forte como uma rocha e arrojado como um touro com o cio. O cérebro

de uma carraça, mas isso assenta que nem uma luva a um *running back*.

A minha principal empreitada de dotado realizava-se duas vezes por semana depois do almoço, para onde ia de carro com o Cabeça de Peixe e a malta da agricultura vocacional. Eles tinham aulas de Mecânica; eu, uma hora com a professora Annie na sua sala de artes. Pensei que me mandaria desenhar fruta, mas não. Se era de banda desenhada que eu gostava, pois que a desenhasse. Só tinha de utilizar suportes diferentes para os ficar a conhecer. Um dia sentou-se muito quieta e deixou-me fazer o seu retrato, que eu já andava a fazer às escondidas. Ela não usava sempre saias compridas. Às vezes, eram umas enormes calças com efeito balão com os bolsos cheios de pincéis, réguas, espátula e canivete. Alimentos dignos dos *hippies*, como barras de cereais. Sempre com o lenço nos longos cabelos louros e os brincos pendentes. Era uma mulher pequena com roupas grandes no seu ruge-ruge.

Na sua sala de artes havia coisas de que eu nunca ouvira falar, tipo aguarelas e guaches. Pude experimentar todas. Ela fez-me usar perspetivas, ponto de fuga, etc. Deu-me diagramas do corpo humano para copiar e aprender os músculos, porque os desenhos de banda desenhada não retratam pessoas reais, embora haja uma pessoa real por *detrás*. À semelhança da caveira e da cara. Aquela sala, aquelas horas. Ainda me lembro do cheiro. Estaria na iminência de conseguir alguma coisa quando já eram horas de arrumar as tintas e meter-me no autocarro de regresso para a preparatória. Nunca na vida o tempo passou tão depressa.

Nesse ano, a Angus andou numa azáfama para reunir uma equipa académica, que ninguém sabia o que era. Explicou-me que era como um desporto, só que entre equipas que tentavam saber o máximo de todas as diferentes disciplinas, como Matemática, Literatura, etc. Tipo o triunfo da inteligência. Ela agora andava no secundário, com os seus sonhos megalómanos e disparatados. Eu disse que nunca voaria, que esse pássaro não tinha asas. Ela disse que já estava a voar. Que faziam isto noutras escolas secundárias. Ficara a saber do caso por intermédio do primo do seu amigo Sax, que vivia no norte da Virgínia. Era evidente que os miúdos de lá eram superinteligentes, a ponto de terem de se encontrar com outros miúdos para esgrimir conhecimentos.

Eu disse o que a minha mãe dizia sempre que eu queria fazer alguma coisa adicional, como por exemplo fazer a cama: porquê complicar mais a vida? A Angus fez ouvidos de mercador e elaborou uma proposta com a ajuda do professor do primo do Sax, pelo telefone. Tinha uma apresentação completa que ensaiara comigo antes de a levar a uma reunião de professores. Eu disse que talvez se impusesse alguma contenção na indumentária, que consistia numa *t-shirt* do Brainiac da DC Comics e uns óculos gigantescos que encontrara na Goodwill, mas, tirando isso, estava perfeito. Assim, ela fez a apresentação aos professores e depois à associação de pais. Depois, à maldita da direção da escola. Até aposto que pensaram *Esquisita como é, esta rapariga não arranja namorado. Tudo bem, é deixá-la ocupar a sua vida fútil*. Depois terão entrado em modo de hibernação até ouvirem a palavra *competição*, o que implicava terem de ir a outras escolas, de autocarro, o que implicava gastar dinheiro. Disseram todos a mesma coisa: esta rubrica já está contemplada no orçamento. Era costume os dotados fazerem uma viagem de estudo no 6.º ou no 7.º ano. Quem chegava ao secundário, evidentemente se ainda fosse dotado, tinha de esquecer isso.

O fracasso só aumentou a determinação da Angus. Não consegui compreender. Perguntei se estava com inveja por me darem tanta atenção com as aulas de arte, e ela disse *arte*, estava a brincar? Se eu queria falar de injustiça, mais valia falar de futebol, com os equipamentos, apetrechos, viagens de camioneta para os jogos fora, campeonatos estaduais. A direção da escola esbanjava dinheiro nessas coisas e eu fiquei, tipo, Angus, estamos a falar de *futebol*. Tirar o futebol à escola é como tirar Jesus à Igreja. Se não fosse isso, quem é que lá iria?

O Sax ajudara a maquinar este plano, mas acobardara-se sob pressão. A Angus estava por conta própria. Seria de esperar que pelo menos os professores a apoiassem. Uma rapariga que é exímia em tudo aquilo que faz e que lê livros porque gosta. Mas vacilaram. É claro que estamos a falar da Angus, com o guarda-roupa à metaleira e sem papas na língua. Além disso, o treinador estava sempre a puxar pelos galões junto dos professores para manterem os seus atletas que reprovavam elegíveis. A Angus não tinha culpa disso, mas a situação era

complicada. Por fim, recorreu ao seu comparsa da Preparatória de Jonesville, o professor Armstrong, que a ajudou a convocar uma assembleia para apresentar a ideia à secundária, que acabou por ser uma pequena reunião numa sala de aula com todos os miúdos interessados, ou seja, que se queriam baldar às aulas durante o resto do período. O Sax meteu baixa por doença, ou seja, cobardia. Era a minha hora na sala de artes, por isso, eu e a professora Annie fomos à assembleia da Angus, que fez a sua preleção sobre o melhoramento das competências, o orgulho da escola, etc., toda senhora de si com a sua *t-shirt* preta com o Brainiac de pele verde, e umas botas da tropa, o cabelo com cinquenta pequenos rabos de cavalo, que representavam recetores nervosos. (Não era permitido usar chapéus na escola. Aquela miúda era capaz de levar o código de vestuário ao limite.) A única parte nervosa dela eram os olhos. Deu exemplos do que algumas equipas faziam, como por exemplo *t-shirts* da equipa com equações de matemática ou os nomes dos livros que liam, usando-as na escola.

— À semelhança dos jogadores de futebol que levam a camisola do clube às sextas-feiras — disse. — Mas nós podíamos escolher as segundas ou as terças-feiras, para que os miúdos inteligentes tenham o seu minuto de fama na pirâmide social da escola. — Isto desencadeou uma gargalhada.

Só estavam presentes dois professores, mais o diretor, para se assegurar de que as coisas não descambavam. Parecia que estava a bater uma soneca. Um dos professores, uma senhora, passou o tempo todo de sobrolho franzido e a tirar apontamentos. A Angus concluiu a apresentação e o professor Armstrong disse que aplaudia a iniciativa da menina Winfield e que acreditava que o projeto dela poderia elevar a cultura académica da instituição. Sabia como essas equipas funcionavam e estava ali para esclarecer dúvidas que pudessem ter.

A professora do sobrolho carregado tinha dúvidas, lá isso tinha. Quem paga isso? Esses alunos têm de faltar às aulas? E como é que compensam o tempo perdido? Espera-se que os professores dediquem tempo depois das aulas? Aquela professora parecia saída de um baile de finalistas dos anos oitenta, o cabelo armado, chumaços nos ombros. Metia medo. Mas o professor Armstrong não se deu por vencido e apontou a relação custo/benefício, o voluntariado dos

professores para preparar os alunos nas respetivas áreas, aproveitar recursos que já existiam.

A Sra. Ombros Acolchoados não se deixou convencer.

— Ela disse que haverá encontros noutras escolas. Não me vai dizer que não vai ser preciso a atribuição de um orçamento para esta atividade.

O professor Armstrong disse que sim, provavelmente. A Sra. Ombros Acolchoados perguntou o que o conselho diretivo achara do assunto. O diretor despertou e disse que já tinham tomado a sua decisão, pelo que não havia nada a fazer. Disse que não havia informações novas que eles não conhecessem já.

Os alunos tinham perdido o interesse e estavam à espera de que acontecesse alguma coisa, que por fim aconteceu. O professor Armstrong estava a ficar chateado. Nós sabíamos pois a sua pronúncia ficava mais acentuada. Disse que, com o devido respeito pelo conselho diretivo, todos sabíamos quem eram essas pessoas. O que, para ser franco, os alunos não sabiam. A Sra. Ombros Acolchoados talvez soubesse. Encontrava-se ao fundo da sala e o professor Armstrong à frente, com todos os miúdos a virarem-se de um lado para o outro, a observar. Dava para ouvir a ação. Ela perguntou se ele estava a insinuar alguma coisa. (Os alunos viraram-se com um roçagar.)

— Apenas que a maioria dos membros do conselho diretivo tem experiência no mundo empresarial e no negócio do carvão — respondeu o professor Armstrong. (Os alunos viraram-se.)

— E há algum problema em terem experiência empresarial? — refutou ela.

— Só quero dizer que esses homens não têm formação na área da educação propriamente dita — explicou. — Chegaram noutra época em que a finalidade era a mão de obra para as minas e a universidade não estava nos planos de ninguém.

Entretanto, a Angus estava a olhar para mim, tipo, *Ajuda-me!* Mas o que é que nós, os alunos, sabíamos? Nós estávamos a borrifar-nos para o conselho diretivo, a universidade e os planos.

O professor Armstrong fez questão de perguntar quem de entre nós participara em alguma atividade extracurricular, além do futebol, que nos pusesse a competir com outras escolas. O que era ridículo. Uma vez realizou-se uma

Mostra de Ciência que alguns miúdos quiseram organizar, raparigas e *nerds*. Mas não fora uma competição estadual, é evidente. Respondemos *dah*, não. Seríamos derrotados. Toda a gente sabia.

E ele disse que sim, que seríamos derrotados, «porque todos os distritos escolares a leste de nós neste estado têm aulas de orientação profissional avançada e laboratórios de ciências e outras valências que os nossos alunos nunca tiveram».

Foi então que tocou a campainha. Era o fim do combate. O diretor já se escapulira sem ninguém reparar. A Sra. Ombros Acolchoados arrumou as suas coisas e foi à vida dela, mas alguns alunos deixaram-se ficar para discordar do professor Armstrong, relembrando os tempos divertidos em Linguística no 7.º ano. «Não», disseram-lhe. «Seríamos derrotados porque os alunos do norte da Virgínia e dos outros lugares são mais inteligentes. Mas, fora de uma sala de aula, seríamos capazes de lhes dar um arraial de porrada.»

Então, o professor Armstrong esfregou os olhos, abanou a cabeça e disse:

— Meu Deus, porra! — Nós ficámos a pensar que ele estava a pisar o risco em termos de linguagem.

Lamentei o sonho destroçado da Angus, mas as aulas de Arte com a professora Annie eram toda a atividade extracurricular de que precisava. Era outra coisa que o Demon desejava ter mais, além de comida, amor e contacto, e agora a forma como a expressão dela se iluminara quando viu o meu trabalho bem feito. Pouco me importava a história do dotado, a viagem de estudo nas férias da primavera. Tínhamos de estudar o ano inteiro e redigir as nossas dissertações para estarmos no ponto quando lá chegássemos. Mas isso não fazia sentido. Quero dizer, porque não simplesmente *ir*? Como queiram. Na viagem do 6.º ano não pude ir, porque ainda não tinha notas suficientemente altas. Fui apenas ao museu de Ciência em Charlotte, ir e vir no mesmo dia por causa de cortes orçamentais. Um roubo. Os professores prometeram que nos compensariam no ano seguinte, mas não acreditei nem por um minuto. A Angus disse que era esperar para ver. A tentativa frustrada do projeto de inteligência foi um contratempo, mas em dias mais sorridentes ela dizia sempre que eu deveria

começar a ter fé na viagem louca, referindo-se à vida ou sei lá o quê. Porque a vida não é sempre uma merda, de vez em quando sorri-nos.

E no 7.º ano, meu Deus, sorriu mesmo. Disseram que iríamos ao Colonial Williamsburg, depois passaríamos uma tarde no parque de diversões Busch Gardens e, por fim, um dia inteiro na deslumbrante praia da Virgínia. Ver o mar. Para a minha dissertação, nem sequer soube por onde começar, mas acabei por tomar a decisão por exclusão de partes. Correntes. Deslocam-se pela Terra em gigantescos círculos, nem dá para acreditar. Depois chegou março e a escola disse que, afinal, não havia fundos para pagar um autocarro. Não iria haver passeio. E eu fora idiota a ponto de acreditar na Angus, de fazer fé na maldita viagem. Mas depois, um salvamento de última hora: algumas mães ofereceram-se para nos levarem de carro. Raios partam. O carro que me calhou foi uma *Plymouth Eagle*, a mãe da Lacey ao volante, e as duas melhores amigas dela, a Gleanna e a Pristene. Como eram todas umas acérrimas cristãs e frequentavam a mesma igreja, sabiam uns cânticos sobre Jesus que passaram a viagem toda a cantar, desde que arrancámos do parque de estacionamento. Movimentos das mãos. *Esta luz que me ilumina, deixá-la-ei brilhar* (levantar um dedo a fazer de vela), *não deixarei que Satanás a apague* (Raios partam!). Lembrei-me de o Sr. Peg dizer que um homem consegue habituar-se a qualquer coisa menos a ser pendurado pelo pescoço. Tudo bem. Iria ver o mar!

Então, a Gleanna disse que não se estava a sentir muito bem e, do nada, vomitou-se toda, sobre ela e sobre os dois que seguíamos no banco de trás. Morte súbita para as cantilenas. Parámos numa estação de serviço, onde deram um *ginger ale* à Gleanna e as vítimas levaram as malas aos sanitários para se lavarem e mudarem de roupa. Depois fizemo-nos outra vez ao caminho, um carro cheio de cristãos cabisbaixos com a Gleanna agora no lugar da frente, onde em princípio não enjoaria. Palpitava-me que era outro tipo de enjoo, porque nós estávamos na Interestadual 81, a única estrada em linha reta entre Jonesville e qualquer destino. Como seria de esperar, a meio do caminho, a Gleanna desata outra vez a cantar *Tenho uma fonte de alegria na alma*, o que foi a última gota de água para a mamã motorista, que, nessa fase, estava enojada com aquilo tudo, e nos diz que vai sair na próxima saída para procurar um telefone público e

telefonar para o Super 8 Motel, onde iríamos pernoitar e informar os outros de que iríamos regressar a casa.

A minha tentativa de ver o mar acabou num desaire, na Saída 114. Em Christiansburg. *Não é irónico?*

35

A professora Annie tinha uma tatuagem de que ninguém sabia, no ombro. Seria capaz de a desenhar agora mesmo. Era um peixe dourado, com as barbatanas compridas e o rabo a ondular e a contorcer-se como se estivesse a nadar na pele dela. As escamas perfeitas, com cada curva orlada de dourado. Nas aulas, ela usava sempre camisas *oversize* manchadas de tinta a fazer de guarda-pó, que provavelmente tinham pertencido ao professor Armstrong e ficado demasiado degradadas para ele. Fiz um esforço para não pensar neles a fazer cenas de marido e mulher. Vi a tatuagem porque, depois de o tempo aquecer, íamos comer o almoço lá fora e ela levava só um *top*.

Almoçávamos juntos porque ela era muito simpática, despretensiosa e simples. Percebeu que eu nunca terminava numa hora, por isso, um dia, disse que, em vez de ir no autocarro desde a preparatória, podia ir mais cedo durante o intervalo do almoço e ficar mais tempo. Ou seja, depois da aula do professor Armstrong, diretamente para a Secundária de Lee e para a sala de artes da professora Annie. Era de um gajo flipar, estar ali sentado a vê-lo comentar a apresentação sobre as raízes de alguém, enquanto pensava que o fulano não gostaria nada de saber que eu sentia uma atração pela mulher dele. Ele não fazia ideia. Ela também não.

Para ir mais cedo, ela combinou uma boleia com o zelador, o Sr. Maldo, que lavava as casas de banho da Preparatória de Jonesville de manhã e as da Secundária de Lee de tarde. Assim, levava-me lá antes do almoço. Duas horas inteiras de arte. Depois, ia a pé até ao Centro de Orientação Profissional e Tecnologia de Lee e ficava à espera com o Cabeça de Peixe e outros miúdos pelo autocarro que nos levaria de volta à preparatória. Uma informação sobre o

Centro de Tecnologia: aquilo estava apinhado de recrutadores. Para o Exército e para a Marinha, uns tipos com sotaque e uniformes rebuscados que lhes conferiam um aspeto quase irreal. Tinham montado umas mesas e queriam que nos sentássemos para conversar, provavelmente sem se darem conta de que ainda não tínhamos idade, que não passávamos de alunos do 7.º ano transportados de autocarro. E uma coisa é certa, aqueles militares conseguiam olhar-nos nos olhos e deixar-nos envergonhados: o teu pai está em casa neste preciso momento, de cuecas, a ver Spike TV? A tua mãe diagnosticou-te défice de atenção e hiperatividade para conseguires o teu seguro de saúde e ires ao médico pela primeira vez? Sabias que mais de metade da população do país não tem emprego? É evidente que, no que diz respeito ao desemprego, a América é o número um. Resposta para estes problemas: alistem-se. O mais certo era o Cabeça de Peixe e os outros estarem mortinhos por que isso acontecesse.

O Sr. Maldo, o zelador que me dava boleia, era o homem mais recatado que conheci. Falava com a professora Annie e comia o seu almoço na sala de artes antes de meter mãos à obra nas casas de banho, mas, em todas as manhãs que fui com ele na sua carrinha, nunca me dirigiu a palavra. Fora isso, era um gajo normal, com um problema qualquer na mão esquerda, que era pequena e não tinha músculo, mas mesmo assim conseguia fazer tudo normalmente no que diz respeito a conduzir e lavar casas de banho. A professora Annie disse-me que ele andava sempre sozinho, pelo que começara a fazer-lhe companhia nas pausas para o café e depois a almoçar. Os outros professores não lhe passavam cartão, apesar de o seu salário não ser muito melhor. A professora Annie disse que todos os filhos de Deus têm de cagar, mas que nem parece, a julgar pelo modo como tratam aqueles que limpam as sanitas. Ela disse mesmo *cagar*. Dá para perceber porque estava tão caidinho por ela.

No projeto Raízes do professor Armstrong, aprendemos uma coisa: se arremessarmos uma pedra no condado de Lee, acertaremos em alguém que tem familiares que trabalharam nas minas de carvão. Quase toda a gente da nossa turma tinha bisavós que vieram de algum país para trabalhar nas minas. Ou então já eram daqui, mas trabalharam nas minas. Contaram-se histórias de todas as

crianças de uma família acabarem a trabalhar numa mina por debaixo das mesmas terras que lhes tinham sido compradas. Os gajos do carvão chegaram e desataram a comprar terras sem revelarem o tesouro que ali estava enterrado. Depois, tudo o que sobrou foi trabalho. Até para as crianças, que tiveram de empurrar vagonetas de minério desde as jazidas até às linhas. Havia filões de carvão de noventa centímetros a grande profundidade debaixo de uma montanha. Na sua maioria, as histórias dos avós eram mais ou menos assim: *Fantástico! Trabalhámos que nem mouros*. Enquanto as histórias das avós revelaram episódios menos fantásticos. Receber o salário em dinheiro falso que se tinha de utilizar nas lojas da empresa que era a dona da mina e que cobrava o dobro do preço. Inalar pó negro o dia inteiro, expelir os pulmões pela boca a noite inteira. Marido e filhos todos mortos no mesmo dia num poço que explodiu.

A apresentação de uma aluna intitulava-se «A Outra Face da Moeda». Foi a Bettina Cook, com aquele penteado revolto e o seu pelotão de amigas, cujo pai era o dono da cadeia de mercearias Foodland, sete lojas na área de interseção dos três estados. Sanduíches embaladas para o almoço, aquelas com a côdea cortada que me deixaram atónito no 3.º ano, sim, essa mesma Bettina. A família materna era uma grande acionista da Bluebonnet Mine. Distribuiu panfletos que aludiam a todas as coisas boas que a empresa fizera pelo condado de Lee, tipo bancos de jardim, etc. O bisavô fora condecorado pelo governador pela aquisição de um dos maiores filões de carvão do Kentucky e por descobrir uma maneira de o extrair do lado da Virgínia, para não terem de pagar determinado imposto. Tinha uma porrada de familiares que eram senadores e coisas assim no Senado, dos quais nos mostrou fotografias no seu computador. Sim, tinha o seu próprio computador, que trouxera de casa. Também tinha um telemóvel *Motorola*. A rainha Bettina, todos sabíamos que era de outro nível. Mas o professor Armstrong disse que tudo bem, todos teriam a sua oportunidade de falar, por isso tínhamos de ouvir.

Porém, na sua maioria, as apresentações relataram histórias de pernas esmagadas e explosões de dinamite. Era a oportunidade que os mais velhos tinham de se queixar aos netos, que de uma forma geral não têm tempo para as tretas dos velhotes. Quando um mineiro não era enterrado vivo, a questão era

saber que parte do corpo seria a primeira a ceder: os pulmões, as costas ou os joelhos. Pensei no Sr. Peg, que se estava a esgotar, com baixa por incapacidade desde que sofrera o acidente. Outro tema de conversa dos velhotes: não queriam subsídios. Tinham crescido como homens trabalhadores e era nisso que acreditavam, no trabalho. Mesmo que estivessem agora a beneficiar de pensão de invalidez, isso que se lixasse. Eles não eram essa pessoa. *Odiavam* essa pessoa. Também falavam do sindicato, mas essa palavra era como se fosse um aperto de mão entre eles e Deus. Nós fazíamos uma ideia geral de que os trabalhadores queriam o seu salário, segurança e tudo o mais, mas onde é que isso estava, e qual era o *senão*?

Senão eles abandonavam o trabalho e deixavam os patrões do carvão a chuchar no dedo, disse o professor Armstrong, não por estas palavras, mas fez passar a mensagem. Mostrou-nos filmes. É evidente que adorávamos quando os professores nos mostravam filmes, pois dava para bater uma soneca ou dar uns chochos, mas aquele, meu Deus, era preciso ver. Homens a fazer greve, a empresa a convocar o Exército para os obrigar a voltar ao trabalho, os mineiros a mostrar que também tinham armas, *querem lá ver*. Não foi brincadeira. A Batalha de Blair Mountain foi a maior guerra da história da América, a seguir à Guerra Civil. Vinte mil homens vindos de todos os quadrantes daquelas montanhas, a combater em regimentos. Usavam lenços vermelhos ao pescoço para mostrar que estavam do mesmo lado, que eram operários. O professor Armstrong explicou que a palavra *redneck*, ou pescoço vermelho, faz alusão aos lenços vermelhos. Os *rednecks* são ossos duros de roer.

De qualquer forma, isso pertencia tudo ao passado. Nenhum pai dos meus colegas de turma trabalhava atualmente nas minas. Toda a vida ouvíramos falar dos despedimentos. As empresas substituíram os humanos por máquinas em todas as tarefas. As minas com poços deram lugar às minas a céu aberto e depois à explosão de montanhas inteiras, com máquinas para apanhar os fragmentos. A Bettina foi, tipo, *Caiam na real, as empresas existem para ter lucro*, é um facto. O problema é que praticamente não há trabalho nas minas de carvão. A Bettina também disse que não há desempregados, apenas mandriões. As suas amiguinhas tomaram todas o partido dela e outros miúdos disseram que o

problema era a malta das cidades, por criticarem o carvão.

Que eu soubesse, não tinha familiares que tivessem trabalhado nas minas, por isso não me envolvi na polémica. Entretive-me a desenhar e fiquei de bico calado. Congeminei uma banda desenhada sobre um mineiro de antigamente com um lenço vermelho que é um super-herói a dar uma sova aos donos da empresa. Poderia pedir à professora Annie para me dar umas dicas sobre como lhe conferir um ar antigo, porque ela era fantástica nessas coisas. Saberia exatamente como o fazer.

Como era seu hábito, o professor Armstrong deixou o debate atingir proporções perigosas durante bastante tempo, *mas*, por fim, perguntou se não nos interrogávamos por que motivo não havia outros empregos remunerados por aquelas bandas.

Na generalidade, todos pensámos que Deus criara aquela terra para ser o olho do cu do universo laboral.

— Não foi Deus — disse, deixando transparecer apenas um pouco da sua pronúncia, que o denunciou. Lembro-me perfeitamente desse dia. O professor Armstrong com a sua camisa verde-clara, transpirado. Todos nós a transpirar. Estávamos em maio e não havia ar condicionado; até os dois buldogues de cimento à entrada estariam com a língua de fora. Todas as almas que se encontravam no comprido caixote de tijolo da Preparatória de Jonesville a desejar estar noutro sítio qualquer. Exceto o professor Armstrong, determinado a manter-nos nos nossos lugares.

— Não acham — perguntou — que os mineiros desejariam uma vida diferente para os filhos? Depois de todas as histórias que ouviram? Não acham que as empresas mineiras sabiam disso?

— O que essas empresas fizeram — prosseguiu — foi eliminar qualquer alternativa, restringindo as opções à mina. Não só aqui, mas também em Buchanan, Tazewell, toda a região oriental do Kentucky, comprando todos esses condados, incluindo terras, hospitais, tribunais e escolas. Ninguém precisava de ter muitos estudos para trabalhar nas minas, por isso deixaram as escolas apodrecer. E não permitiram a criação de quaisquer fábricas ou instalações industriais. Só carvão. Ainda hoje, é preciso percorrer uma grande distância para

encontrar outro trabalho.

Não foi por acaso, explicou o Sr. Armstrong, e, por uma vez, acreditámos nele, porque na barafunda obscura da nossa pequena massa encefálica algumas peças do *puzzle* começavam a encaixar e o nosso mundo a fazer algum sentido, ainda que terrível. Os pais em casa, de cuecas, a beber cerveja, as mães na mercearia com os seus cupões do programa de assistência nutricional suplementar. Os recrutadores do Exército com os seus botões dourados a tentar recrutar jovens sem futuro. Meu Deus.

O problema de ficar a conhecer as raízes é que acabamos com vontade de ir ao focinho de alguém, possivelmente da Bettina Cook e de tudo o que a rodeava. (Não iria acontecer, pois o pai dela era o presidente da claque e um dos maiores mecenas.) Outrora, tivemos um modo de vida que consistia em Deus e pátria. Depois o mundo mudou e deixou de haver Deus e pátria, mas continua-nos a correr no sangue a noção de que o carvão é uma dádiva divina, e queremos acreditar nisso. Porque, de contrário, é mais um esquema no comboio de merda que passou por estas montanhas desde que o George Washington aqui chegou e pôs a sua comandita a cortar árvores. Tudo o que se podia aproveitar desapareceu. As montanhas com os cumes rebentados, os rios poluídos. O meu povo morto de tanto tentar, ou para lá caminha, viciados como estamos em manter-nos vivos. Aqui não há mais sangue para dar, apenas ferimentos de guerra. Loucura. Um mundo de dor, à espera da morte.

36

Eu nasci para desejar mais do que posso ter. O Demon não se contenta com o pequeno barco de pesca, ele quer o mar inteiro. E não se fica por aí, no que diz respeito ao homem que cai ao mar. Demorei a compreender o meu problema, e é possível até que ainda não tenha compreendido. Faço este relato no intuito de lançar luz. É uma doença, muitas pessoas mo dizem agora, sejam elas as almas destroçadas nos encontros dos Narcóticos Anónimos ou os médicos com as suas camisolas compostinhas. É justo. Mas o que está na origem desta doença que me faz querer mais? A forma como nasci, ou aqueles que me conceberam, ou as pessoas com quem me dei mais tarde? Toda a gente alerta para as más influências, mas são estas coisas que já estão dentro de nós que acabarão por nos levar à destruição. Aquele desassossego no nosso âmago, como gatos vadios enfurecidos nas suas rixas sangrentas, a deambular nas trevas sem luar. Aquelas ânsias desesperadas que não deixam de nos perseguir: aquelas palavras perfeitas que pensamos poder dizer a alguém para que esse alguém nos veja, e nos ame, e não nos abandone. Ou que poderíamos dizer ao espelho, pelo mesmo motivo.

Há pessoas que nunca têm tais desejos, que nunca levam a mão à garrafa, à agulha, à perigosa cara bonita, a todas as estrelas erradas. Que palavras posso escrever aqui para que esses olhos vejam e acreditem? Para os felizardos, é fácil. Como diz a cantiga: *Esta luz que me ilumina. Não deixarei que Satanás a apague*. É esperar e ver o que acontece. Ignorar os malditos gatos vadios. Deixar a droga.

O ano de 2001 foi o ano em que tive tudo e mesmo assim me senti faminto. Era um General. Um caloiro, e já o tinha alcançado. Às sextas era venerado,

usando a minha camisola com o número 88. A sair do pavilhão Red Rage aos berros com o meu bando de homens. Grandes placagens, lutas nos balneários, toda aquela carne rija contra carne rija era como um outro estômago vazio que nunca soube que tinha. Até as coisas más sabiam bem. Castigar o corpo no ginásio até sentir todas as fibras dos braços a arder, um aperto no peito como que a sofrer um ataque cardíaco, o gajo que me viu a dizer: «Foda-se, meu, a tua cara faz lembrar hemorroidas.» A rir-se porque sabe tão bem magoar essas coisas más. A maioria das pessoas nunca ficam tão perto de se sentirem assim vivas.

Aprender as jogadas de cor e salteado e depois pô-las em prática no recinto do jogo, não há palavras para o descrever. É um número de magia pegar numa ideia e transformá-la em corpos em contacto com outros corpos, um ato de participação plena à vista de todos. Como aquilo que lemos na Bíblia, o verbo que se fez carne. Aprender a adivinhar o pensamento do *quarterback*, saber o que ele vai fazer quase antes de o fazer. Os Generals sempre foram uma equipa com possibilidades de êxito, mas agora o Demon estava a mudar o seu jogo. Passes feitos e concluídos, ouvir o silêncio de antecipação nas bancadas e depois a explosão de regozijo. O leitor perdoe-me, mas foda-se, é como ter um orgasmo. Levar a multidão ao rubro com uma jogada inesperada.

O treinador Winfield era como um pai. É o que acho, claro, mas foi o primeiro e único homem que viu aquilo de que eu era capaz. Não só de trabalhar *para ele* — esses, foram muitos. Este puto pode cortar o meu tabaco, fazer-me ganhar uns trocos, comer a minha merda. Com o treinador, tudo o que fazíamos, fazíamos por Deus e pela pátria, mas, especificamente, pelo condado de Lee. O meu nome apareceu mais de uma vez no *Courier*, porque quem é que não adora uma estrela em ascensão? — «Das Casas de Acolhimento para o Estrelato do Futebol». Senti-me a inchar com isso, mas o treinador ainda mais. Se estava sempre de olho em mim, a puxar ao máximo por mim, isso era o seu patriotismo. Eu sabia que ele perdera imenso na vida. A jovem mulher e, antes disso, a carreira, tendo sofrido e ficando numa alhada quando era pouco mais velho do que eu era agora. Sabia que ele se ia deitar demasiado cedo, que bebia até apagar. E também sabia que, o que quer que um bom homem como ele pudesse sentir por outra pessoa, ele sentia por mim.

Portanto, tinha mais do que merecia. A professora Annie era outro exemplo. No secundário, as aulas de Arte eram uma disciplina a sério, para os caloiros e para os finalistas, mas ela dava-me uma autorização especial. Se quisesse, podia frequentar as aulas os quatro anos, partindo do princípio de que me aguentava por ali tanto tempo. A Secundária de Lee é onde os miúdos como nós encontram as encruzilhadas da vida: subir as escadas do grande caixote de tijolo e virar à direita, para as salas de aulas, ou à esquerda, descendo a comprida cerca de arame em forma de túnel, passando por milhares de pósteres de recrutamento do Exército e da Marinha, e entrando no Centro de Orientação Profissional e Tecnologia de Lee. Ali não havia lugar para a arte, acreditem.

Por causa do que acontecera a 11 de setembro naquele outono, os pósteres estavam agora agrafados uns em cima dos outros, e o mesmo se pode dizer dos recrutadores. Vamos dar nos cornos aos terroristas, diziam, e muitos alistaram-se. Porque não? Seduzidos pela promessa de um emprego remunerado, no mínimo, entre o secundário e a morte. Porque o ataque propriamente dito não pareceu propriamente real. Para nós, arranha-céus só há na televisão, pelo que assistir à derrocada de dois, várias vezes, pareceu-nos fruto dos efeitos especiais da sétima arte. Sabíamos que tinham morrido pessoas. Fizemos a nossa reunião, a bandeira a meia haste, tristeza e tudo o mais. Tivera pesadelos com quedas de alturas. Sabia que eram edifícios reais. E ainda há muitos mais de pé naquelas cidades, por isso deve ser motivo de preocupação. Aqui, se viessem uns terroristas de avião, olhariam para baixo, veriam as crateras das minas, as montanhas rebentadas e diriam: «Não pares. Já destruíram a zona.» Tive dificuldade em compreender em que medida é que o 11 de Setembro era a minha luta. No que diz respeito a fazer o bem ao próximo, a minha melhor opção era o futebol.

Decididamente, o Centro de Orientação Profissional e Tecnologia de Lee parecia um caminho para a liberdade. Uma oportunidade de trabalhar numa oficina de automóveis, e não ser um prisioneiro atrás de uma secretária? Sim, se faz favor. Só que o professor Armstrong prendera o meu destino às salas de aulas. Espanhol, Geometria, Finanças Pessoais, como se eu precisasse disso. Suportei tudo isso por um só motivo: a minha hora diária com a professora

Annie. Esse era o aspeto positivo de estar na turma dela. O aspeto negativo? Ter de partilhar. Afinal, ela era simpática com toda a gente. Andava pela sala a dizer «Bela composição» ou «Gosto da maneira como usaste a cor aqui» ou, no mínimo, «Dá para perceber que te esforçaste a sério, Aidan». Eu tinha de fazer os mesmos trabalhos que todos os outros, elementos de *design*, desenho linear e em quadrícula, sombreados. Desenho anatómico. Tivemos de nos revezar a fazer de modelo, mas nada de tirar a roupa. Diferente da minha prévia iniciativa artística. Aqui entravam em linha de conta as proporções e coisas do género, tensão *versus* um corpo em repouso. Também não vou dizer que não aprendi coisas. Tintas a óleo, todos aqueles pigmentos com nomes do ramo automóvel: titânio, cádmio, cobalto. Como TPC, fazíamos naturezas mortas. A Angus ajudou-me a pensar nuns projetos espetaculares, como *Dentadura Postiça em Terrina de Salada*. Se agora queria fazer banda desenhada, tinha de ser nos tempos livres.

Os alunos de todas as preparatórias acabavam na Secundária de Lee, o que significou que acabei por me cruzar com a minha gente. Um reencontro entre o Maggot e o Demon. E a Emmy, que era finalista, como a Angus. Porém, cada um a seguir o seu rumo, como é natural. Eu era um desportista. O Maggot andava sobretudo com a tal rapariga gótica chamada Martha que lhe cortava o cabelo. A Emmy cantava no coro dirigido pela professora Annie e convivia com os miúdos mais populares das Belas-Artes, das Artes Dramáticas e outros. Dá para imaginar o que a Angus pensava das miúdas que andavam em Artes Dramáticas. Mas, mesmo assim, eu estava a partilhar aqueles corredores com pessoas que me conheciam. Alguns eram os meus comparsas, alguns tinham-me metido gelo pelas costas. Um deles ainda se lembrava da minha mãe. Senti que existia.

O que me faltava era aquilo em que pensava dia e noite. Agora a frequentar o secundário, a jogar nos Generals, e ainda não tinha ido para a cama com ninguém. Pelo menos até ao fim. Por vários motivos, ainda não acontecera. Um deles era que a minha maior paixão tinha vinte e tal anos e era casada, pelo que estava fora de questão. Ainda para mais era professora. Sabia que havia regras para isso, graças àquele escândalo do professor de Economia Doméstica de Gate

City que andava na boca do mundo. Nem pensar. Mas as raparigas da minha idade pareciam demasiado jovens, mais interessadas em mostrar a mercadoria do que em renovar o *stock*. A Angus toldara-me o discernimento.

E depois dei de caras com a Linda Larkins. Um namorico do Clube dos TPC, com as suas pernas compridas, irmã mais velha da May Ann. Já não andava no secundário, pelo que não era alguém com quem eu me cruzaria, mas um dia, sem mais nem menos, telefonou-me. Eu estava à espera de que ela dissesse «Desculpa, enganei-me no número», mas ela começou a falar do jogo de sexta, que eu estava muito bem. E depois, sem se pôr com rodeios, começou a falar do meu rabo, que era uma coisa que gostaria de ver mais vezes, que apostava que era só músculo, e que o dela também era bem rijo, e se eu alguma vez enfiara a língua numa rata como a dela. Isto com a Mattie Kate e a Angus a menos de dois metros de mim a despejar *Colas* em cima dos seus gelados. Estava a falar no telefone da cozinha e estava à rasca, a dizer que agradecia, que sim, iria pensar no assunto, obrigado. Fiquei virado para a parede, tentando ter alguma privacidade.

Isto tornar-se-ia um hábito. Murmurava qualquer coisa para o telefone e depois ia a correr atender a chamada lá em cima. Havia lá um telefone com um cabo comprido que podíamos levar para os nossos quartos. Eu era um bom mentiroso, mas aquela rapariga, meu Deus. Ela a arfar-me ao ouvido, eu quase a vir-me, e a Mattie Kate à porta a gritar: «Vocês têm alguma roupa preta para lavar?» A Linda só parava depois de nos aliviarmos os dois. Ela fazia descrições pormenorizadas. Às vezes eu tinha de fingir o grande final por motivos de segurança, por exemplo se estivesse alguém à minha espera e tivesse de me esgueirar à pressa. Mas cum caralho. Para um jovem como eu, ficar com os tomates a doer daquela maneira podia ser fatal.

Estava à espera de que ela me desse as coordenadas para um encontro, mas não. Com a Linda Larkins era só sexo pelo telefone. Durante todo o meu ano de caloiro. Nunca me passou pela cabeça que poderia desligar-lhe o telefone e pronto. Uma pessoa mais velha tinha-me escolhido e aquilo pareceu-me a contratação de reforços da NFL, um gajo vai para onde nos mandam. Passei imenso tempo a tentar pensar em coisas que poderia dizer para parecer mais

adulto. Naquele ano também fiz as coisas da praxe com outras raparigas, como o baile de receção dos antigos alunos, etc. Porém, causava alguma estranheza nos encontros normais, nas conversas e nos amassos, se chegasse a esse ponto, saber que aquela miúda que era capaz de chupar o esmalte do auscultador do telefone estava à espera para consumar a minha noite.

Como era seu hábito, a Angus não teve qualquer problema em criticar o tipo de raparigas imaturas com quem eu saía. Contudo, por uma vez, ela não tinha qualquer suspeita daquela mulher mais velha que me tinha preso pelos doridos tomates.

Os Peggots voltaram a acolher-me. A convidar-me para jantar aos domingos, já sem recearem que eu tentasse infiltrar-me e ser adotado. Eu perdoara-lhes tudo isso. As coisas tinham corrido pelo melhor. E não só porque a Sra. Betsy era rica e todos os meses mandava cheques ao treinador para pagar as minhas despesas. Ela era do meu sangue e estava a retribuir-me algo que eu nunca recebera do meu pai.

A Angus levava-me de carro até à casa dos Peggots, sob a supervisão do U-Haul. Estava inscrita no centro de formação de condutores e precisava das suas quarenta e cinco horas de condução. Mostrou curiosidade em relação à casa onde eu nascera e tudo, por isso uma vez fomos até lá a pé, mas eu senti-me bastante triste. Triciclo *Big Wheel* no alpendre, brinquedos deixados à chuva. Uma boneca despida, meio enterrada debaixo das folhas, sem cabelo, apenas aqueles furos por todo o couro cabeludo. Agora vivia lá outra família. Nenhum vestígio de mim e da minha mãe.

A Sra. Peggot perguntava sempre se a minha amiga queria ficar para jantar, e a Angus ficou uma ou duas vezes, mas foi constrangedor. Naquele inverno, ela andava com um boné de motociclista de couro preto, tipo os que se usavam nos filmes antigos antes de haver capacetes. A Sra. Peggot, coitada, ficou a olhar para aquele boné de couro sem coragem para lhe pedir que o tirasse. Portanto, ali estava a mazona da Angus e ali estava o Maggot com a maquilhagem nos olhos, as unhas pintadas de preto e uma coleção de brincos nos lábios cada vez maior. Espante-se! O Demon era o miúdo normal de boa aparência à mesa.

Eles tinham envelhecido imenso. O Sr. Peg mais do que a mulher. Sempre coxeara, mas agora era o cabo dos trabalhos para se levantar da sua *La-Z-Boy* e ir sentar-se à mesa da cozinha. O Maggot estava a deixar a sua marca nos velhotes. Não abriu a boca durante todo o jantar, apenas com aqueles olhos pintados de preto focados em mim como quem diz *Salva-me*. Mas ele não precisava que o salvasse. O Maggot fazia o que lhe dava na cabeça. Baldava-se imenso às aulas e tinham-me chegado rumores de festas de *ecstasy*, de incursões pela farmácia em que ele fanava mais do que *Max Factor*. Já nem sabia bem onde é que eu encaixava na situação Peggot.

Certa noite, o Sr. Peg chamou-me lá fora, empurrando o andarilho pelo piso da cozinha, a arfar até à carrinha dele, supostamente para eu lhe dar a minha opinião sobre o cabo da bateria. Na verdade, era para falar do Maggot. A carrinha era a mesma, a *Ram*. Tinha a certeza de que o Sr. Peg seria enterrado naquele veículo. Comentou que ele e a Sra. Peggot já não tinham mão no Maggot. Estavam quase a ficar com medo dele. Não perguntei se estava previsto a Mariah sair da prisão em breve. Tentei fazer-lhe ver o lado positivo, que, por debaixo da maquilhagem e daquela cena do *death metal*, o Maggot era boa pessoa.

— O que é que lhe vai na cabeça para andar por aí daquela maneira? — perguntou o Sr. Peg.

Eu disse que não sabia. Não queria trair a confiança do Maggot. Mas, na verdade, não sabia mesmo.

O Sr. Peg encostou o cotovelo à carrinha para se equilibrar enquanto acendia um *Camel* com as mãos trémulas. Fumou e olhou para o céu. Tinha as pálpebras inferiores descaídas, e eu conseguia ver-lhe o interior vermelho.

— Quando eu era novo — acabou por dizer —, fazíamos o que nos mandavam. É assim tão difícil?

Respondi que, provavelmente, agora éramos mais marados por causa da televisão.

Ele perguntou: mas porquê? O que é que nos fazia tanta confusão? Acho que ele não queria que eu falasse mal do Maggot, apenas não sabia mesmo o que era tão difícil para nós. Nós da atualidade em comparação com eles de antigamente.

Eu disse que talvez a diferença era que nós conseguíamos ver tudo aquilo que estávamos a perder. Num mundo em que todos os outros eram mais ricos do que nós e faziam todos os tipos de disparates, e sem sofrer consequências. Uma pessoa fica lixada, inquieta.

O Sr. Peg acabou de fumar o seu *Camel* e pisou-o no chão, rodando o tacão do velho sapato de cabedal de um lado para o outro, esmagando-o em câmara lenta. Custou-lhe mesmo fazer esse pequeno gesto.

— Achas que nós o mimámos demais? — indagou. — Eu e a avozinha dele? Porque, só te digo, ela irá para a cova com vontade de ter feito mais pela Mariah.

Eu disse que a Sra. Peggot sempre me tratara exatamente como ao Maggot quando éramos pequenos e que lhe devia muito. Aquela fora a melhor casa em que vivera; passara por todo o tipo de lares, e a deles tinha sido de longe a melhor. Não achava que o Maggot estivesse zangado, fosse mimado ou alguma coisa do género. Estava apenas a tentar ser um tipo de pessoa diferente.

— Bem, que tipo de rapariga o vai aceitar assim? Se ele continuar com aquilo?

Respondi que se calhar estava apenas a atravessar uma fase de rebeldia e que acabaria por cair em si. Ou então encontraria alguém. Relembrei o Sr. Peg daquele velho ditado: há sempre uma tampa para cada panela. O Sr. Peg disse que também costumava pensar assim, mas que agora nem sequer tinha bem a certeza de o Maggot querer encontrar uma tampa para a panela dele. Eu não o disse, mas não deixei de concordar. Ou então, se queria — porque, com franqueza, não queremos todos? —, o mais certo era o tipo de tampa que o Maggot queria ainda não ter sido inventado. Ou, se tinha sido inventado, estava esgotado no condado de Lee.

Estranhamente, durante a conversa não me saiu da cabeça o Prego-a-Fundo, a forma como ele era capaz de olhar para nós e identificar o verdadeiro tipo de pessoa que havia dentro de cada um. Mesmo que fôssemos, na maioria, uns fracassados patéticos. O Prego-a-Fundo era a prova de que um miúdo podia manter a cabeça erguida e sobreviver, por muito más que fossem as circunstâncias. Ele dissera que eu era um diamante. Não sei o que pensei que ele poderia fazer pelo Maggot. Apenas me pareceu que era um caso para o Prego-

Man.

37

O que nunca mudou foi o ódio que o U-Haul Pyles sentia por mim. Punha-se a olhar fixamente para mim nos treinos, andando pela casa à espreita para se assegurar de que eu não me esquecia de quem era. Dei o meu melhor. Detestava que ele tocasse nas nossas proteções de dentes e que fosse ele a aplicar-nos a fita ou o gelo quando nos magoávamos. Detestava que fosse connosco a Longwood para os *playoffs*, fase a que chegámos nesse ano. Semifinais estaduais. Eu tive mais tempo de jogo do que o Collins, facto pelo qual me senti mal porque era o último jogo dele. Era finalista e ia largar os estudos no fim da época porque a namorada tivera um bebé. As outras equipas faziam as habilidades do costume, com as meninas da claque a fazerem animações especiais a denegrir as nossas origens humildes e os adeptos a atirarem bosta de vaca para o campo, ao que já estávamos habituados, sempre que jogávamos fora da nossa zona. Mas tivemos um desempenho bastante bom. As semifinais teriam sido o ponto alto da minha curta vida, se não fossem aqueles olhos próprios do Hellboy a fulminar-me desde a linha lateral. E depois, nessa noite, o U-Haul a aparecer nos nossos quartos do motel a pregar-nos um sermão para não irmos a festas, como se fôssemos umas crianças, colocando fita-cola do lado de fora das portas para verificar de manhã se tínhamos saído. Aquele homem conseguia deixar uma camada de imundície em tudo o que tocava. Às vezes, obrigava-me a acompanhá-lo em recados que não faziam sentido, como tipo ir à oficina ajudá-lo a carregar o equipamento de placagem que tinha ido para reparação. Pedia à frente do treinador para eu não ter hipótese de lhe dizer onde é que podia enfiar o equipamento de placagem. Às vezes, passava por casa da mãe em Heeltown, que não era uma casa móvel, mas uma daquelas casas pré-fabricadas que havia antigamente, pequena, os degraus

do alpendre a cair. Tanta tralha no alpendre, valha-me Deus. Sofás e cadeiras empilhados uns em cima dos outros, de pernas para o ar e de lado. Gatos a deambular por toda a parte e pelo meio das tralhas como piolhos. Enquanto o U-Haul ia lá dentro e fazia o que tinha a fazer, eu ficava sentado no carro a contar os gatos-piolho. Não entraria ali nem que me pagassem.

A Sra. Pyles pedia para a deixarmos no Foodland ou no Walmart. Era corpulenta, não um esqueleto como ele, mas tinha os mesmos olhos vermelhos e uma estranha falta de educação, mas ao estilo dos velhos: *Querido, sou uma velha sem importância, mas chega lá esse banco para a frente para eu poder entrar*. Tinha uma maneira sinistra de me sacar informações privilegiadas. Sobre os McCobbs, por exemplo, que tinham regressado do Ohio e estavam a viver em Pennington Gap. *Querido, é verdade o que ouvi dizer sobre ela penhorar umas joias e que ninguém sabe como conseguiu arranjar aquelas coisas de forma honesta?* Eu fui parvo a ponto de lhe revelar que os pais da Sra. McCobb eram ricos e mimavam os netos, até que caí em mim e percebi que ela estava a querer saber se os McCobbs andavam a transacionar objetos roubados.

Outro casal sobre o qual queria falar era a professora Annie e o professor Armstrong. O que o levava a pensar que merecia uma esposa como aquela linda mulher? *Muita gente pergunta a mesma coisa. Porque é que ela desceria tão baixo?* Neste caso, «linda» significava «branca», eu não era estúpido. A professora Annie era uma *hippie* tatuada. Se tivesse casado com qualquer outro gajo do condado de Lee, perguntariam porque é que *ele* descera tão baixo. Um miúdo da minha criação não vai dizer a uma pessoa mais velha, sem rodeios: *Minha senhora, vá pentear macacos*. Mas estive quase para o fazer.

Por fim, um dia, disse ao U-Haul para não contar comigo para ir fazer recados que incluíssem a mãe dele. Ele fulminou-me com aqueles olhos vermelhos e disse que podia não ser um dotado, mas que sabia de coisas. Com quem eu falava ao telefone. Onde escondia a erva. Não faço ideia de como podia saber. Mas que, se eu comentasse com o treinador que íamos a casa da mãe dele, teria de procurar outro sítio para viver.

No fim dessa época, fiquei com tempo livre. Às vezes, os Peggots iam buscar-

me ao sábado para fazermos uma visita à June e à Emmy. Não havia mais Kent. Esse passara à história e, segundo a Emmy, não fora apenas uma separação, mas a Terceira Guerra Mundial. Basta ver que o Kent era um vigarista e a June uma puta paranoica. Detestei pensar nisso, mas o Maggot quis saber pormenores, que armas foram apontadas, etc. Talvez por viver com os avós, sentia a falta de ação. Isto foi num sábado de fevereiro, um frio de rachar, mas mesmo assim os adultos mandaram-nos lá para fora, passear pelo bosque. O mais certo para poderem falar do mesmo assunto lá dentro. Formávamos um pequeno bando deplorável. O Maggot a tremer de frio porque se recusava a vestir o camuflado de caça que os Peggots lhe tinham comprado. A Emmy com o seu blusão de penas com um padrão preto e branco a imitar as vacas, verdade. Arrastámos os pés pelo chão lamacento coberto de folhas, despertando o cheiro das bolotas. Havia um velho barracão em ruínas na propriedade. Paredes de troncos e a chaminé desmoronada, mas não tinha telhado. Se fôssemos crianças, teríamos dito que era um forte, mas agora não era coisa alguma. Um sítio da treta onde éramos obrigados a estar porque ainda não podíamos conduzir.

A Emmy disse que o Kent e a June não usaram armas, apenas as bocas, mas que as duas fações dispararam em todas as direções. O Kent só gritava, mas sagaz, a June era uma metralhadora. Carregamento rápido, feita para matar. O Maggot não deu o assunto por encerrado e quis saber por que motivo a June ficara tão zangada.

— Não sei. Por ele ser um merdas?

A Emmy tinha as maçãs do rosto rosadas e as pestanas a colar, tão bonita e triste. Estávamos sentados na chaminé que derrocara, a pedra fria a gelar-nos o rabo. A Emmy e o Maggot a descascarem o verniz das unhas, eu a atirar pedras pelas frinchas. Os troncos eram enormes, pousados uns em cima dos outros nos cantos como dedos entrelaçados, com enormes espaços de permeio. Antigamente, havia ali árvores-mãe. Consegui vislumbrar a casa esquisita da Emmy ao fundo, entre as árvores, como um recipiente de madeira gigantesco virado ao contrário com os Peggots lá dentro.

— Espera, correção — disse ela. — Usaram uma arma. A minha mãe tinha a sua faca *Ginsu* e brandira-a. Não o perseguira nem nada. Só estava a tentar fazer

o jantar quando o caldo se entornou.

O que levara a June a brandir a faca para o Kent fora ele dizer que ela deveria deixar isso para os profissionais, porque não era médica, era uma mera enfermeira. Pumba. Uma enfermeira *é* um profissional com formação e *pode* receitar medicamentos, disse a Emmy. A June apenas optara por não distribuir mais do veneno do Kent. Organizara um encontro para debater o assunto na Câmara Municipal com a maior audiência jamais vista para assinar uma petição contra a empresa do Kent, o que ele considerou ser uma facada nas costas. Disse que ela não se compadecia das pessoas que tinham dores. A June disse que, se ele não fosse um cobarde tão grande, iria à clínica onde ela trabalha e veria imensas pessoas boas com hepatite provocada pelas agulhas e com as explorações agrícolas da família na falência ao fim de seis meses. Para ser franco, não percebi bem aquilo das agulhas. A cena do Kent era em comprimidos.

Ficámos ali ao frio imenso tempo. Se fôssemos miúdos da televisão, estaríamos sentados num privado de algum restaurante reluzente ou numa mansão com piscina, e não num bosque mortiço. Dantes gostava de estar ao ar livre, com todos os pequenos seres a tratarem das suas vidas, mas naquele instante senti-me enganado. Tudo o que tínhamos era aquele barracão decrépito do qual há muito tinham sido roubadas todas as peças valiosas, se é que houvera alguma. Havia alguns esquilos sobre os quais disparar, se estivéssemos devidamente armados. O dia teria sido mais suportável se tivesse levado um charro para apanharmos uma moca, ao que o Maggot não diria que não. Já quanto à Emmy, era uma incógnita. A June protegia aquela miúda como se ela fosse de porcelana. A Emmy já tinha idade para conduzir, mas a June era, tipo: «Nem pensar, estas estradas do condado de Lee são armadilhas fatais para os adolescentes», e não sei o que mais. Não dava para entender como é que a Emmy não ripostava. Eu conhecia-a e não conhecia, independentemente dos nossos planos de casamento de outrora. Naquele ar gelado, vi nuvens de respiração a libertarem-se da cara dela enquanto nos revelava o drama da June e do Kent como se fosse o fim do mundo.

Resumindo, fosse qual fosse o jantar que a June estava a preparar com aquela

faca *Ginsu*, nunca chegou a ser terminado. Houve gritos, as coisas precipitaram-se. O Kent, que era o melhor vendedor da empresa, vendera montes de comprimidos no condado de Lee e ganhara bónus chorudos, umas férias no Havai, nas quais levaria a Emmy e a June na primavera, pelo que aquilo acontecera no pior dos momentos. A separação abalara-a tanto que a June pedira ao Hammer Kelly para passar lá algumas noites não fosse dar-se o caso de o filho da mãe lá ir à socapa. A Emmy disse que o Hammer fora impecável. Passara a noite sentado no sofá, a dormir com a espingarda de caçar veados nos braços.

Eu fui e sempre serei um idiota. Só rezo que chegue o dia em que me lembre da Linda Larkins sem ter vontade de me enroscar com os tomates entre as pernas e morrer. Foi a irmã mais nova dela que largou a bomba, e o único aspeto positivo foi que a própria May Ann não fazia a mínima ideia. Um dia, nas aulas, espetou-me um dedo no ombro e disse que a irmã tinha casado.

— A tua irmã Linda? — Fiquei logo de pau feito. Na merda da aula de Álgebra. Depois, aos poucos, fui caindo em mim. — Casou? Com quem?

— Com um gajo de Hillsville, o Loring Blake. É piloto de automóveis. Duvido que o conheças. Antes de sábado, a minha mãe só o tinha visto uma vez. Pensávamos todos que ela iria para a universidade comunitária quando terminasse aquela coisa de matemática dos rotários. E vai ela e, *pum*, casa-se.

— No sábado — disse eu.

A aula estava a terminar e estávamos a fazer os trabalhos de casa. Apesar de ter havido uma explosão no meu cérebro, tinha de falar baixo.

— Não foi nada de mais — informou a May Ann. — Só foram ao tribunal e depois convidámos a família. Foram buscar costeletas ao Fatback. E depois a Linda foi, tipo, *Aquilo* foi espetacular, *costeletas* de churrasco, porque estava de vestido branco e… Porque é que te estou a contar isto?

— Não sei. Porquê? — Estava a ver estrelas, em choque e quase a perder a visão. Assim que essa parte passou, percebi que sentia vontade de vomitar, rir, chorar e bater uma pívia em público. Em igual medida.

— *Porque* a Linda *disse…* — A May Ann revirou os olhos. — Abrir aspas,

ainda vês aquele miúdo ruivo chamado Demon que joga futebol? Diz-lhe, por favor, que casei. Fechar aspas.

— Porque se lembraria de mim?

— Sei lá! Manda-lhe um presente para a festa do bebé.

Não havia motivos para pensar que a Linda sentia alguma coisa por mim. Nenhum motivo. Ela nem sequer quisera ir comigo ao McDonald's, dar uma volta nem nada. Mas ficar a saber que ela estava a enganar-me completamente? Com o mistério do que lhe ia na cabeça, mais o fim daqueles telefonemas, sem mais nem menos, e sem que ninguém soubesse, abriu-se um fosso negro de angústia. Uma coisa monumental que, basicamente, não aconteceu.

Naqueles dias, a Angus sabia quase tudo sobre mim, mas não soube disto. Nunca lhe falara dos telefonemas da Linda. Era demasiado embaraçoso. Agora, ainda mais. O palerma do miúdo com tesão que pensava que era um homem. A separação, se é que se lhe pode chamar isso, custou-me imenso e acabou por estragar o fim de semana seguinte, no qual se realizaria a nossa importante viagem a Murder Valley. Só eu e a Angus, sem o U-Haul, o que deveria ser o mais ditoso dos acontecimentos. A Angus tirara a carta de condução e queria comemorar com uma viagem a outro sítio que não fosse o Walmart. Decidiu-se por querer ver a casa onde costumava ir com a mãe visitar a Sra. Betsy. Pelo caminho, como era seu costume, começou a moer-me a cabeça por causa das minhas namoradas e eu disse que ela podia calar a boca.

— Poder podia — disse, com um sorriso irónico. — Mas não tinha piada.

— Não estou a brincar. Peço-te cordialmente que não metas o bedelho na minha vida, por um período de cem anos.

Ela ficou em silêncio, os olhos postos na estrada, as mãos no volante, nas oito e nas quatro horas.

— Se achas que a minha vida amorosa é tão interessante, porque não arranjas uma, Angus?

— Porquê? Deixa cá ver. Porque os gajos são infantis e as gajas exasperantes? O que é que me resta, animais? Até pode ser que um dia me dê para isso, mas para já não estou para aí virada.

Depois disto, tratamento de silêncio. Durante mais de uma hora, o que foi

horrível. Nunca tínhamos discutido, a não ser por motivos fúteis e apenas por diversão. Odiei ter sido ríspido com a Angus, mas não podemos evitar a nossa essência. Passei algum tempo às voltas com a recordação de quando preguei uns murros no *tablier* do carro da Sra. McCobb. Por fim, a Angus tentou mudar de assunto, comentou que estava preocupada com o pai, mas o treinador pareceu-me igual ao que sempre fora, e disse-lho.

O ambiente só desanuviou quando chegámos à casa. A Angus saltou do carro com um sorriso rasgado e desatou a caminhar de um lado para o outro com a mão a segurar o chapéu como se estivesse em choque e o chapéu pudesse ir pelos ares. A observar coisas dentro e fora da casa, como se fosse uma fada alegre de grandes olhos com uma *t-shirt* branca e um colete de couro, a dizer: «Ah, *lembro-me* disto!» E de certeza que se lembrava, pois era provável que nada tivesse mudado naquela casa desde os tempos em que Deus era criança. Nunca me passara pela cabeça que aquele sítio poderia ser especial para ela, tal como ver a campa do meu pai fora para mim. A casa onde a mãe dela crescera. A cama onde dormira, a banheira. Um pai falecido é uma espécie de espectro traiçoeiro. Se o conseguirmos idear mais como um boneco, colocando-o numa casa real e com roupas e outras coisas que lhe pertenceram, isso ajuda-nos a imaginá-lo mais como uma pessoa e menos como apenas um buraco no ar com a forma de vulto. Isso ajuda-nos a sentirmo-nos menos como o filho invisível do vulto.

Eles ficaram felizes com a nossa visita e prepararam um banquete. O Sr. Zezinho tinha um papagaio para me mostrar, mas ainda não estava pronto para ser lançado. A Sra. Betsy quis ter uma conversa sobre o nosso futuro e mandou-nos sentar na sala de estar, onde os móveis velhos iam morrer. A Angus foi a primeira, por ser a mais velha, finalista, e a Sra. Betsy disse que era altura de pensar na universidade. A Angus disse que, decididamente, queria ir para a universidade, estudar Psicologia ou Sociologia, que eu nem sequer sabia bem o que era. Mas o que é que isso importava? Se esse era o plano da Angus, era sinal de que não tencionava ficar em Jonesville. Não que tivesse prometido alguma coisa, mas senti-me traído. Ela ia deixar-nos. E o treinador?

Por isso, estava bastante incomodado quando chegou a minha vez de partilhar

os meus planos para o futuro com a Sra. Betsy. Além disso, nunca pensara no assunto, a não ser esperar continuar vivo. Tudo o que me ocorreu foi talvez ir para a universidade com uma bolsa de futebol. A Sra. Betsy disse o mesmo de sempre.

— Desde que não deixes que o desporto interfira nos estudos. — Sem perceber que, no caso das bolsas de futebol, o desporto é precisamente o busílis da questão. Mas não se opôs. Disse que era importante deixar o condado de Lee em determinado momento e «dar uma vista de olhos».

Apeteceu-me perguntar uma vista de olhos ao quê. Cidades? Ruas cruéis e castelos sombrios onde não morava ninguém que me interessasse? Não conseguia suportar a ideia de viver noutro sítio qualquer sem o treinador e a Angus. E a Mattie Kate, ela também. Os Peggots por perto, e os meus colegas de equipa, e todo o condado de Lee a gritar o meu nome nas bancadas: *Dee-mon Copper-head!* Recomeçar do nada num sítio qualquer, como um zé-ninguém e sem coisa alguma? Detestava a ideia. Só agora estava a começar a existir.

A viagem de regresso a casa não foi melhor. Bem, a Angus estava melhor, faladora e animada, mas eu ainda estava magoado com ela, com mais motivos. A Sra. Betsy pusera-a com a pica toda. Quisera falar das universidades às quais estava a pensar candidatar-se. Havia uma na região leste da Virgínia que tinha debaixo de olho, pelo que poderia acabar a viver perto do mar! Para mim, estava a armar-se ao pingarelho. Era mais velha, sairia de casa primeiro. A assegurar-se de que eu sabia que não tinha medo de nada. Conhecedora do mundo.

Baixei o vidro e fiz por não lhe prestar atenção. Consegui sentir o cheiro da terra dos campos a despertar, ver as montanhas com todas as árvores a iluminarem-se nos cumes como se fossem velas, o primeiro verde néon primaveril. Aquilo deveria ser o suficiente para qualquer humano. Devo confessar que estava ciente disso. Vistas deslumbrantes, lindas como numa fotografia, e eu fulo da vida por nunca ter tido a oportunidade de ver o mar. Perguntei-me o que seria preciso para deixar de sentir que tinha fruta podre no lugar do coração.

Durante aquela viagem, só consegui pensar na minha fuga solitária que me levara a Murder Valley pela primeira vez. Reparei em todas as lastimáveis

atrações à medida que passámos por elas: o celeiro onde me escondera para dormir na meda de feno de alguém. O minimercado onde, faminto, me enroscara atrás de um contentor do lixo, à chuva. A estação de serviço onde perdera tudo o que tinha e desejara a morte a uma prostituta. As poupanças de toda a minha vida, que provavelmente ascendiam a menos do que a Angus gastara na sua última troca de guarda-roupa. Não revelei nenhum desses sítios à Angus. Era tão novinho na altura. E creio que continuava a ser. Ela gostava de me provocar dizendo que, se chegássemos aos cem anos, ela seria a primeira a chegar. O que era verdade. Não é dado valor algum a todos os quilómetros percorridos que não nos levam a lado nenhum.

38

Quando deixei de ser criança, os verões passaram a não ser mais do que trabalhos de merda e horários para cumprir. Entre isso e a escola, a diferença não era nenhuma. Porém, quando fui viver com o treinador, voltei a ter verões. Voltei a ser criança, na medida em que outra pessoa se encarregava dos aspetos mais complicados, como pagar as contas, etc. Deveria ter ficado agradecido, e não tenho uma explicação para não ficar, além de que o crescimento só se processa num sentido. Não é possível enfiar um bebé de volta pelo sítio de onde saiu, e assim sucessivamente.

Oh, mas eu agradeci, constantemente. À Mattie Kate por me dar de comer, à Angus por me levar de carro a sítios, ao treinador por tudo o que se possa imaginar. Agradeci, mas ao mesmo tempo pensei: onde posso esconder a ganza, como me posso esquivar a estes TPC todos, quem é ele para me dizer que não posso sair com os meus amigos ao sábado à noite; não sou nenhuma criança, porra.

Nesse verão, quis um emprego e o meu próprio dinheiro. O treinador disse que não era preciso chatear-me com isso, bastava pedir que ele me dava, que era precisamente o problema, ter de pedir. Ele disse que não podia esquecer que o acampamento de futebol começava em julho. Faltavam dois meses. Eu raramente contrariava o treinador, mas dessa vez contrariei. Por isso, ele fez uns contactos e ficou a saber que o irmão do treinador Briggs, que era o gerente da Farm Supply em Pennington, precisava de um colaborador para entrada imediata. O Briggs disse que o emprego era meu se eu quisesse, porque o irmão dele era o único a mandar, pois o proprietário sofrera um ataque cardíaco. Precisavam de mais duas mãos e músculo suficiente para carregar sacos de ração

para as carrinhas dos clientes. Músculo tinha eu, e já tinha quinze anos, a idade mínima legal para trabalhar. O treinador preencheu uns formulários e comecei no primeiro dia de férias. Sete paus por hora para poupar para comprar um carro.

Porque a questão é esta: enquanto não temos carro, continuamos a ser crianças. Aonde quer que fosse, tinha de pedir boleia. A Angus tinha agora um *Jeep Wrangler* de 1999 que o treinador lhe oferecera pelo único motivo de fazer dezasseis anos. Era ela que me levava para o emprego em Pennington. Ou, na pior das hipóteses, o U-Haul. Se quisesse ir a algum sítio depois do trabalho, tinha de meter outra pessoa ao barulho. Os quinze anos são a idade mais complicada. A Emmy dissera-me que em Knoxville havia uns autocarros urbanos que nos levavam a qualquer sítio. Não só à escola, mas que podiam andar pessoas de todas as idades para ir ao cinema, ao parque de *skates*, fosse lá aonde fosse. Ou então, se a pessoa estivesse com pressa, podia chamar um táxi. Eu já vira isso na televisão, mas não acreditei completamente na Emmy. Que houvesse isso tudo para usufruto das pessoas comuns.

O trabalho na Farm Supply era o melhor que tivera até então. Contava com clientes decentes, não tinha ratazanas, pelo menos à vista, e não havia ninguém a cozinhar metanfetaminas. Pairava por toda a loja um cheiro adocicado a comida que era uma mistura entre relva acabada de cortar e *Cheerios*. Vendia-se ali todo o tipo de produtos: desparasitante para bezerros e ovelhas, material de equitação, químicos para tratamento de relvados, serras elétricas. Em maio, havia tomateiros e plantas do género, para as pessoas plantarem nas hortas. Pela manhã, eu expunha tudo numa mesa à porta da loja e, no final do dia, voltava a guardar tudo. Depois havia os pintainhos, que também eram tarefa minha. Tinha de os passar dos caixotes de cartão de transporte para uns grandes bebedouros, onde as pessoas os podiam ver e comprar. Cabia-me dar-lhes comida e água, ter as lâmpadas de aquecimento sempre acesas, mudar os jornais que forravam o chão porque aqueles bichinhos cagavam como gente grande. A vida de um pintainho resume-se a comer, cagar e fazer tal algazarra dentro daqueles bebedouros de aço galvanizado que se conseguia ouvir no parque de estacionamento. Era difícil acreditar que as galinhas com os seus olhos de contas começam a vida assim, como uma pequena bola de pelos, amarela, preta ou

sarapintada. De manhã, antes da abertura, tinha de tirar de lá os que tinham morrido durante a noite, frios e espalmados por todos os outros lhes terem passado por cima. Todos os que levei para o contentor do lixo eram uma coisinha triste entregue ao seu destino.

Foi a rapariga da caixa registadora, uma tal de Donnamarie, que me deu a formação, muito simpática, com a exceção de agir como se fosse minha mãe, toda ela «querido isto» e «querido aquilo» e «Achas que consegues memorizar isso tudo, meu doce?» Ela própria saída do secundário há apenas três ou quatro anos. Mas tinha três filhos, pelo que é provável que tenha ficado assim à força de limpar tantos cus. Não fiquei ressentido com ela. O irmão do treinador Briggs ficava no gabinete do andar de cima. O tipo do ataque cardíaco era uma incógnita. Primeiro disseram que poderia regressar no fim do verão, depois deixaram todos de falar dele.

No que diz respeito aos fregueses, ia lá todo o tipo de pessoas. Os gajos mais velhos queriam ficar na cavaqueira depois de eu carregar os seus sacos de cereais, portões para gado ou qualquer outra coisa. Eu tratava de todos os artigos de maior dimensão. Eles queixavam-se do tempo ou do preço do tabaco, mas muitas vezes alguém me reconhecia e punha-se a falar de futebol. O que é que eu pensava de a nossa equipa ser mais tecnicista e menos rápida, e coisas do género. E isso era o máximo, ser conhecido.

No dia em que ele foi à loja, foi a voz que me chegou ao ouvido como se fosse uma sineta. Percebi logo que era ele. E aquele riso… Fazia sempre com que desejássemos ser nós a fazê-lo rir daquela maneira. Eu estava a fazer reposição no corredor de artigos para o lar e fui até ao fundo para conseguir ver para o outro lado da loja. Junto aos medicamentos e às vacinas que eram conservados num frigorífico, lá estava ele de costas para mim, mas o que o denunciou foi aquele penteado desgrenhado. E a expressão animada na cara da Donnamarie, a fazer-se tão descaradamente que tinha as franjas em pé. Estava a abrir uma caixa para ele. Alguns dos artigos mais caros eram fechados à chave. Fiquei na dúvida se deveria ir lá, mas ouvi-o dizer que precisava de vinte e dois quilos de mineral *Hi-Mag* e quarenta e cinco quilos de ração granulada para bovinos, por isso sabia

que o encontraria lá fora. Fiz sinal à Donnamarie a indicar que o ouvira, atirei tudo para o carrinho e levei-o para a plataforma de carga.

Ele encostou a carrinha de marcha-atrás, mas não me viu. Apenas apoiou o cotovelo na porta com o vidro aberto e entregou-me o recibo. Ainda tinha a *Lariat*, claro, porque quem é que não a quereria ter?

— Estou a ver que ainda tens o *Pregomóvel* — disse eu.

Ele estava a acender um cigarro e parou a meio. Virou os olhos para mim e abanou a cabeça muito depressa, como se o tivessem salpicado com água fria.

— Raios partam! Diamante?

— O próprio. Como tens passado, Prego-Man?

— Não me posso queixar — respondeu. Contudo, não me pareceu completamente convencido de que era mesmo eu que estava a carregar a carrinha dele. Observou-me pelo espelho lateral. A carrinha balançou um pouco de cada vez que atirei um bloco de mineral ou um saco para dentro da caixa. Aquela máquina tinha uns amortecedores fantásticos. Contornei a carrinha para lhe devolver o recibo e então já me pareceu mais convencido. — Não me parecias tu — disse. — Estás com o dobro do tamanho daquilo que eras.

No que diz respeito ao peso, talvez fosse verdade, e crescera pelo menos trinta centímetros desde o 5.º ano.

— Faço por isso. Vais levar isto tudo para o gado do Creaky?

— Porra, não. Aquela espelunca foi à falência há já algum tempo. Por muito tentador que fosse ficar ali a ver o velho chorar, não fiquei.

— Então, ele morreu? — Da última vez que fora lá com a Angus para roubar outro pinheiro de Natal, víramos cartazes a anunciar um leilão do banco afixados no portão.

O Prego-a-Fundo deu uma baforada no cigarro, os olhos a deslizarem para o lado.

— Talvez. Estou-me a cagar para isso.

Fiquei a olhar para ele, banzado. A fumar daquela maneira, a cagar-se para tudo como só ele.

— Então, onde é que estás a viver agora, meu?

— Tenho a minha própria propriedade. Perto de vinte hectares na Cedar Hill.

— Que fixe, a tua própria quinta. Fica perto daquele parque onde têm o bisonte?

— Fica uns quilómetros antes. Do lado norte da 58.

— Fixe — disse eu. Outra vez. Embasbacado, porque… que caralho! Um órfão a chegar tão longe na vida, e ainda nem era assim muito velho. — Fazes produção de tabaco?

— Tenho um lote de mil hectares, a medida certa. Dá para gerir.

— Bem, se precisares de ajuda para cortar ou alguma coisa, sabes onde me encontrar.

— Obrigado. Mas o que preciso de saber é: o puto é capaz de não tirar as luvas?

Sorriu, eu ri-me. Aquilo por que tínhamos passado. Quero dizer, sim, estávamos a rir do perigo de morrer envenenados. Todos os minutos daqueles tempos foram uma merda, mas havendo outra pessoa que sabia como aquilo fora, já era alguma coisa, raios. Queria perguntar-lhe se voltara a ver o Tommy ou o Trocas, mas a verdade é que queria ser o único a ser importante para ele. Bati-lhe continência, como antigamente. Precisava de voltar ao trabalho, mas tinha os pés colados à rampa. Prego-a-Fundo, o íman humano. E a sua *F-100*.

Atirou a ponta do cigarro para o chão de cimento.

— Como disse há bocado, quase não te reconheci de perto, mas vi-te no campo.

— Viste-me a jogar?

— O que é que achas, Oitenta e Oito? Eu sou um General. Não é daquelas coisas que se esquecem.

O motor roncou, a *Lariat* arrancou e eu fiquei à espera de que o coração me batesse mais devagar. *Ele viu-me a jogar.*

Depois desse reencontro, ele fez questão de falar comigo sempre que ia à loja. Muitas vezes só para buscar *Ivermec* ou seringas, coisas pequenas que não precisavam de ser carregadas por mim para a carrinha, mas ele procurava-me e perguntava como estava a aguentar-me. Eu interrompia a operação de etiquetar pegas de apetrechos agrícolas, levantava a cabeça e via aquele sorriso de estrela

de cinema dirigido a mim. Uma coisa só nossa, quase. Mesmo assim, fiquei embasbacado no dia em que perguntou se queria sair com ele à noite. Num sábado, o que queria dizer andar de carro a curtir, pois essa era a atividade preferida de sábado à noite de todos os humanos do condado de Lee com idades compreendidas entre os dezasseis anos e o dia em que casavam. Andar a curtir pela avenida principal. Pus-me logo a pensar se ele saberia que eu só tinha quinze anos e nada de carro; como é que me iria encontrar com ele e essas cenas. Mas ele foi na boa e disse que me ia buscar à loja às cinco da tarde e que logo se veria o que havíamos de fazer. Disse que conhecia uns gajos que tinham jogado nos Generals e que queriam falar comigo sobre o novo estilo de jogo que estávamos a impor no terreno. Aceitei. Senti alguma inquietação ao telefonar para casa do treinador a dizer que não me fossem buscar porque ia sair sozinho. Aquela parte complicada de que já falei de nos sentirmos como uma criança. Mas foi o U-Haul que atendeu, por isso apenas o informei. Não devia nada ao U-Haul. O resto do dia custou a passar, pois não tinha a cabeça no que estava a acontecer na loja de rações, farto de encher bebedouros de pintainhos, preparado para a ação.

Fomos a Pennington Gap, como não podia deixar de ser. Porque, sejamos francos, andar de carro por Jonesville não dá para muito. É que a avenida principal tem, no máximo, dois quilómetros e meio de extensão. A Federal Street de Norton tem as suas vantagens e desvantagens, mas em Pennington atravessa-se a cidade inteira pela Morgan, depois dá-se meia-volta e percorre-se a cidade outra vez pela Joslyn, formando um enorme círculo com os veículos a andar tão devagar que pode demorar uma hora a dar uma volta completa. A pé seria mais rápido. Os vidros vão abertos, os corpos debruçados do lado de fora, na cavaqueira. Pessoas a engatar de um carro para o outro, ou de um carro para os peões. São aos montes as raparigas a confraternizar em frente ao Lee Theater ou no ponto de inversão de marcha junto às lavandarias, a marcar posição num lugar para assistir ao desfile. Algumas até levam cadeiras desdobráveis. Querem ter uma noção do panorama geral, além de que ninguém verá as roupas que trazem vestidas se estiverem dentro de um carro, se for esse o principal argumento de venda. Não só as roupas, mas também a forma como lhes

assentam.

Foi a primeira vez que participei nesta atividade do ponto privilegiado de um veículo, e nós éramos a atração principal. Como o carro alegórico dos desfiles que leva a rainha do baile com o seu vestido volumoso, a acenar. No nosso caso, ninguém acenou, e, para dizer a verdade, o caso não era «nosso», girava tudo à volta do Prego-a-Fundo. As mãos apoiadas no guiador, a cabeça inclinada para trás, os olhos semicerrados, aquele sorriso. *Meninas, aproximem-se, se tiverem coragem*. As raparigas ficavam numa excitação assim que avistavam aquela *Lariat*. Para cima e para baixo como boias de pesca. Calças de ganga justas, *tops* sem costas e a barriga à mostra; ficava com dores nos tomates só de olhar. Éramos quatro: eu e o Prego, uma rapariga chamada Rose Dartell, e o Ursão Howe, que jogara os quatro anos com ele na posição de defesa esquerdo; já se sabe o que isso quer dizer. Não há um par mais unido do que um *quarterback* e o defesa do seu ponto cego. A miúda era outra história. Não quero ser mau, mas esta tal de Rose não tinha pinta para o Prego-a-Fundo. Um ar agressivo e ambicioso, olhos cáusticos, dentes tortos e aguçados, o cabelo castanho esticado até ao ponto de rotura. Tinha o ar de quem dizia *Tenta se tiveres coragem, meu. Tenho a resposta pronta na ponta da língua*. Ia sentada no lugar do meio e o Ursão no lugar do pendura, pelo que, depois de eu entrar, fiquei encostado à porta, tentando não abrir o puxador e cair do carro em andamento. Falámos de futebol, o Ursão a perguntar o que eu achava da nossa linha defensiva naquele ano. Depois, chegámos a Joslyn e entrámos para a fila de carros. O Ursão deixou a marca do ténis estampada nas minhas calças ao passar o corpanzil pela janela e subir para o *capot* da *Lariat*. Era como o nosso próprio ornamento. Com bichos-carpinteiros no cu, a mandar bocas às raparigas, a bater muito depressa com as mãos no metal dos dois lados. Como um macaco baterista. Só abona a favor da engenharia da *Ford* e da robustez dos suportes daquele *capot*, porque o Ursão pesava mais de cem quilos, à vontadinha. Era evidente que tinha experiência naquilo, e o Ursão era um espetáculo por si só, a fazer lembrar um Hulk de fato-macaco *Carhartt*, sem *t-shirt* e o corte à escovinha com um rabicho fininho de se lhe tirar o chapéu. Dizem que o Ursão costumava enrolar aquele rabicho dentro do capacete durante os jogos, por motivos de segurança. Foi assim que

atravessámos a cidade, no sentido dos ponteiros do relógio, poder-se-ia dizer, quando vistos da perspetiva privilegiada de Deus. E só esperava que Deus não estivesse a ver, pois estávamos na época alta das transações duvidosas, demonstrações públicas de afeto e nenhum tento na língua. «Por onde tens andado, cabrão?», era a saudação habitual.

As atenções viravam-se primeiro para o Prego-a-Fundo, mas depois para quem estava com ele. Vi raparigas a acotovelarem-se e a apontarem. Da segunda vez que dobrámos a esquina em frente ao Lee Theater, o Prego-a-Fundo surpreendeu-me ao apear-se da carrinha, que deixou no meio da rua, o motor a trabalhar, a porta aberta.

— Baza daí, Demon — disse, e eu obedeci.

Queria que eu conhecesse umas pessoas. Uns gajos com quem jogara futebol e as respetivas namoradas ou mulheres ou fosse lá o que fosse, algumas com bebés, tendo o Prego-a-Fundo acabado o secundário há já uns anos, e alguns daqueles gajos eram ainda mais velhos. Os nomes foram enunciados demasiado alto e depressa para os conseguir reter. Havia um Duck ou Buck com umas mãos em oração tatuadas no ombro, a namorada com uma *t-shirt* da *Miss Thing*. Reparei que a outro gajo lhe faltava um indicador. Todos tinham jogado nos Generals, aqui um *tight end*, ali um *cornerback*. O Prego-a-Fundo disse-lhes que eu era um prodígio que ele descobrira quando ainda era um diamante em bruto. Isto deu-se mais de uma vez, ele a abrir a porta de repelão, às vezes com a carrinha ainda em movimento, eu a tentar acompanhá-lo. Às vezes, os mais jovens já tinham ouvido falar de mim, mais até do que do Prego-a-Fundo. Ele disse que há que manter a ligação entre gerações, novos e velhos, e eu concordei. As pessoas entram e saem da escola e há o risco de esquecerem a grandiosidade dos Generals de outrora. Aquilo foi fantástico e assustador ao mesmo tempo. Será que agora todas aquelas pessoas esperariam que eu fosse assim fixe, ou que marcasse *touchdowns* sempre que tocasse na bola, ou que lhes emprestasse dinheiro? Meu Deus. Não é fácil ser famoso.

Entretanto, a tal Rose era um enigma. Aquele nome dizia-me alguma coisa, e associei-o a umas bolachas de ganza que uma rapariga fizera para as nossas festas de outrora. Se era a mesma, esta era a audição para namoro mais longa da

história. O que quero dizer é que ela ainda não garantira o papel. Eram mais como irmãos, com uma discussão que durou a noite toda em que vai ela e diz «É evidente que sou estúpida, mas a Jaylene Glass diz que não foi isso que tu disseste», e vai ele e diz «O quê?», e vai ela e diz «Tu sabes, aquilo do rato», e ele «Olha a minha cara de preocupado», e ela «Então fala com ela» e ele «Não me parece».

A determinada altura, acabaram-se-lhe os *Marlboros*, amachucou o maço e largou-o na mão dela. A Rose disse-me para a deixar sair e lá foi ela pelo passeio, magra como um palito com largas passadas de rapariga do campo, com as suas calças de ganga justas e sandálias de salto alto. Um quarteirão e dois minutos depois, ela regressou à *Lariat* com um maço novo e ele acendeu um cigarro sem sequer lhe agradecer. E eu a pensar que gostaria de ter pensado rápido e sido eu a ir comprá-lo. As coisas eram assim com o Prego-a-Fundo, uma pessoa queria ser o seu soldado de infantaria. Eu orgulhava-me de ser um General da atualidade, mas daria tudo para ter a idade do Ursão, e ter sido o *left tackle* do Prego.

Só quando a Rose voltou a entrar no carro, proporcionando-me uma perspetiva frontal, é que reparei na cicatriz que lhe atravessava o lado esquerdo da boca. Passava pelos dois lábios, deixando-os em desarranjo numa espécie de esgar. Era daquelas raparigas que carregam na maquilhagem, sem pudores, com uma fronteira notória no ponto onde a cara se junta ao pescoço. Seria de pensar que a maquilhagem era por causa da cicatriz, mas a verdade é que não dava para esconder. Pus-me a pensar como seria para ela. Para um gajo, seria apenas um ferimento de guerra. Nós tínhamos um defesa chamado Davy que tinha uma cicatriz enorme na testa que fizera em pequeno quando estava a brincar na rampa de acesso da casa e o pai lhe passara com o carro por cima. E o Davy safava-se bem com as gajas. Para dizer a verdade, elas sentiam-se bastante atraídas por ele. Mas no caso de uma rapariga como a Rose, será que aquela cicatriz a punha fora de jogo? Ou num nível intermédio, pelo que poderia tentar a vida inteira com o Prego-a-Fundo sem ter qualquer hipótese? Eu não conhecia as regras. Havia alguma coisa entre aqueles dois, mas amor é que não era.

Não era problema meu. Eu estava a viver a vida que sempre desejara. De vez

em quando, o Ursão passava do *capot* da *Lariat* para outro veículo e deitava-se no tejadilho, debruçado por cima da janela para falar com o condutor. De vez em quando alguém lhe passava um charro, ele dava duas passas, regressava ao nosso *capot* e passava-o ao Prego-a-Fundo. Nós passávamo-lo entre nós e depois devolvíamo-lo ao Ursão. O Sol ia baixo por cima das montanhas, fazendo lembrar uma enorme mama vermelha, as luzes cintilavam em tons de verde e vermelho nas montras das lojas, as raparigas encostavam as suas caras bonitas a segredar, os corpos encantadores, *Fords* e *Chevies*, um rio a correr. *Isto que é vida*, pensei, *e estou a vivê-la, a curtir na avenida principal*.

39

Não sei porquê, e Deus me valha, mas fosse lá o que fosse aquilo de que o Maggot precisava, pensei que o Prego-a-Fundo seria capaz de o ajudar. Se eu era amigo dos dois, era minha obrigação tentar. Por isso, convidei o Prego-a-Fundo a passar o 4 de Julho connosco em casa da June e da Emmy.

Corria o boato de que aquela seria a festa das festas, não obstante a June Peggot não gostar de fogo de artifício e ter o hábito de nos mandar sentar e descrever tudo o que vira no hospital em termos de partes do corpo vítimas de explosões. Isso não importa. A Emmy ultrapassava todas as fronteiras do aceitável em termos de popularidade, confraternizando com alguns *nerds* e com os miúdos das artes dramáticas. É juntar essa malta toda e imaginar o resultado. Tinham ido ao Tennessee comprar os artigos que eram proibidos na Virgínia, baterias e repuxos. Fizeram coletas. A Angus foi, tipo, idiotas com pólvora, não, obrigada, mas eu estava entusiasmado com o evento. Quando o Prego-a-Fundo me foi buscar, já levava outros dois passageiros, a carrancuda Rose e uma miúda a quem chamavam Rato, por ser pequenina, aposto. Não pela timidez, certamente. Trazia umas jardineiras prateadas como as que se vê na MTV e já ia a meio de uma história quando eu entrei para o carro, num acentuado sotaque Yankee:

— Então o gajo vai entrar no ar dentro de dois minutos, eu estou a passar-me e, *oh, meu Deus*, foi então que percebi. O gajo penteava o cabelo *por cima* de uma peruca! O que é que queriam que fizesse com aquilo? Então, levantei-a e apliquei-lhe pó de maneira a não reluzir, e depois assentei-a outra vez. *Sinceramente*. Se quisesse extorquir, podia ser uma mulher rica.

O Prego-a-Fundo disse que achava que ela já era uma mulher rica. Ela riu-se e

abraçou a sua enorme bolsa. Virou-se para mim, batendo as enormes pestanas.

— Acho que não fomos apresentados.

A Rato disse-me que era cabeleireira e maquilhadora de celebridades, caso eu não tivesse percebido. O Prego-a-Fundo contou-lhe que eu era a estrela em ascensão da nossa equipa de futebol. Se fosse qualquer outra pessoa, ele diria «dos Generals», pelo que depreendi que aquela Rato teria de ser de uma galáxia muito, muito distante. Ela disse que era de *Fila*, que é uma série de pessoas umas atrás das outras, e só percebi quando explicou que se referia a uma cidade, Filadélfia. Eu expliquei como é que se chegava a casa do Maggot, e depois passámos a ser cinco dentro da carrinha. Bem aconchegados. A Rato saltou para o meu colo e ficou com os pés no ar. Era bonita, acho, a cabeça demasiado grande para o corpo pequeno, o nariz arrebitado, mas a maquilhagem aplicada a um nível profissional. O penteado fazia lembrar o repuxo de uma baleia que me roçava na cara. Era como ter uma boneca ao colo. Continuava a falar pelos cotovelos, a dizer que ia trabalhar num concerto da Britney ou lá o que era, sempre a interromper a linha de raciocínio para comentar alguma casa degradada, como se nunca tivesse visto pobres. Reparei que a sua enorme bolsa estava no chão, a rebolar e a retinir. Vi a ponta de uma lata de *Pringles* a espreitar. Para o caso de alguém ter curiosidade em saber o que um rato come.

O Maggot estava irrequieto. Reparei que o Prego-a-Fundo o estava a sondar pelo canto do olho. Eu estava habituado ao Maggot, tanto quanto uma pessoa se pode habituar às franjas pintadas de preto, às mangas de malha néon e às enormes calças pretas que ele e os seus comparsas da caverna dos morcegos compravam numa loja de artigos para góticos em Christiansburg. Correntes a todo o comprimento das pernas. Quem o quisesse prender a uma trela não teria dificuldade em encontrar um sítio adequado. O Maggot seria sempre o meu irmão de sangue, mas naquele momento senti-me envergonhado. A Rato estava a olhar para a maquilhagem dele e para o cabelo pintado como se fosse desmaiar. Podia ser pior. O Maggot era conhecido por aparecer na escola com o couro cabeludo pintado de preto por acidente. Dei as indicações para chegarmos a casa da June. O Prego-a-Fundo conduziu com uma mão no guiador, a outra a segurar um cigarro do lado de fora da janela, o visor de proteção a meia haste como o

Slim Shady, enquanto a fala-barato continuava o seu monólogo, *oh, meu Deus*, aquele cão está acorrentado, como é que alguém pode ser tão cruel, o que é aquela merda verde a crescer na lateral daquela casa (era musgo normal), *oh, meu Deus.* A fila de carros começou a uns oitocentos metros da casa da June, todos indevidamente arrumados dos dois lados da estrada. Estacionámos e fomos a pé pelo caminho de gravilha, já a ouvir música pelo meio do bosque.

— Têm uns belos passeios aqui em cascos de rolha — disse a Rato, agarrando-se ao braço do Prego-a-Fundo, cambaleando nas suas sandálias de salto alto. Mal lhe dava pela cintura, com aquela bolsa de juta na mão.

A Rose ficou para trás e caminhou ao meu lado e do Maggot, mas estava com cara de quem seria capaz de nos soltar os cães se tentássemos meter conversa. O Maggot micou-lhe a cicatriz que lhe dava o ar de um cão a rosnar e se calhar até achou o máximo, vá-se lá saber. Parou para acender um charro à entrada da rampa de acesso da June.

— Tens a mania de te armar em Bogart? — disse a Rose, e o Maggot passou-lho para a mão num gesto vão de tréguas.

O mais certo era ter de equilibrar o que quer que tivesse tomado antes de sair de casa. O gajo estava agitadíssimo. Era seu hábito esmagar e snifar comprimidos de cafeína, tática que descobrira na primária e que eu não quisera experimentar mais de uma vez. Quero dizer, a vida já não é suficientemente assustadora para um gajo querer ter a sensação de ter formigas a rastejar pela pele? Não se formos o Maggot. Daí passara para *Adderall*, medicamento sujeito a receita médica, mas que é coisa que não falta no mercado negro. E nos últimos tempos começara a gamar *Sudafed* nas farmácias para vender aos produtores de metanfetaminas. O mais certo era que lhe pagassem em géneros.

A Rose demorou o seu tempo com o charro, afastando insetos da cara e do cabelo armado com a mão. Eu dei duas passas e avancei. Passaram dois gajos a correr pelo bosque só com os ténis calçados, mais nada, a gritar que iam nadar, mas não havia nenhum lago nas redondezas. Havia gajos a disparar foguetes feitos com garrafas uns contra os outros. Raparigas de pernas altas e magras caídas no meio das árvores, como margaridas murchas, provavelmente a rever mentalmente tentativas falhadas, como nós fazíamos com os jogos de futebol

que não deveríamos ter perdido, mas perdemos.

Eu queria encontrar a June para lhe apresentar o Prego-a-Fundo, mas ele e a Rato já tinham desaparecido. O Maggot avistou a sua amiga Martha, também conhecida por Hot Topic, no meio de um pequeno grupo de miúdos com as suas calças cheias de correntes e luvas sem dedos, e foi direto para lá. Se isto era uma missão de salvamento do Maggot, estava a fracassar. Avistei a June no patamar de cima da casa geodésica. Como sempre, estava de fazer parar o trânsito, com uns calções vermelhos curtos, um copo alto na mão, a afastar o cabelo do pescoço. Estava rodeada de um bando de mulheres, algumas com a farda de enfermeira, e a professora Annie com as suas vestimentas à *hippie* a tentar integrar-se. Era a regente do coro da Emmy, mas agora era convidada para festas? Aquilo soou-me a exibicionismo.

A casa da June não tinha um jardim propriamente dito, apenas uma clareira no meio dos bosques, que agora estava apinhada de gente aos berros para se fazerem ouvir por cima da música do Eminem. Havia extensões desde a casa ligadas a umas enormes colunas que a escola emprestara, porque a malta das artes dramáticas conseguia proezas deste tipo, por isso o gado das quintas vizinhas estaria agora a tentar ruminar ou mugir ao som do Eminem. As árvores e a terra sob os nossos pés tremiam. Abri caminho pelo meio da turba para ir à procura do barril pelo qual as festas da Emmy começavam a ficar famosas, embora a June continuasse a não deixar a Emmy sair muito. Não permitia que fôssemos de carro pelas estradas sinuosas meter-nos nos copos. Mais valia fazê-lo cá e dormir até passar a tosga; essa era a política dela, e levava-a a sério. Se visse alguém a começar a ficar com a fala arrastada ou a cambalear, tirava-lhe as chaves e ordenava que fosse dormir num recanto qualquer, e, por favor, de barriga para cima não. Viver outro dia. Estava convencida de que a população do condado de Lee estava condenada à extinção porque, todos os anos, assistia a mais mortes resultantes de acidentes provocados por condução sob o efeito do álcool e asfixia por vómito do que a nascimentos.

Perto do barril havia mesas desdobráveis cheias de pratos de papel e restos de um banquete que, infelizmente, perdera. E a Emmy, debruçada sobre um enorme bolo decorado com o desenho da bandeira, dando um piparote aos compridos

cabelos para os passar por cima dos ombros desnudados, enquanto tentava, com uma faca demasiado grande, cortar pequenos quadrados azuis com uma estrela em cada um. Ela própria era uma estrela cintilante com o seu pequeno *top* branco, calças de ganga brancas de cintura subida a aconchegar-lhe perfeitamente a cintura, deixando entrever uma pele de primeira. Fiquei excitado só de me lembrar de tocar naquela barriga por debaixo dos cobertores. Uma pessoa não esquece a primeira vez, mesmo que tenham sido só uns amassos. Ela agora dava-se com gente importante, a rir, a andar de um lado para o outro com uns chinelos de enfiar o dedo que pareciam típicos da China, a distribuir quadrados de bolo em guardanapos. Questionei-me qual seria a sensação de gostarmos da pessoa que somos, mudando consoante as necessidades, de forma a ficarmos por cima sem dificuldade. Enquanto outras raparigas se esforçavam demais, com penteados armados, maquilhagem de cores vivas, fatos de treino azul-bebé com o fio dental a ver-se acima do cós das calças. Para ser franco, sentia-me mais seguro nessas águas. Tecnicamente, a Emmy era como eu: pai morto, mãe marada. Mas ninguém diria. Ela parecia nascida para viver numa cidade.

Emborquei a minha cerveja e disse «como vai isso» muitas vezes porque conhecia todos os convivas. O Mash Jolly, um dos miúdos duros que ia comigo no autocarro há muito tempo, deu-me uma palmada nas costas e disse:

— Porra, meu, *tight end*! Eu adivinhei a jogada, caralho!

— É verdade, caralho — concordei.

Ele disse que alguns deles iriam mais tarde de carro até àquela queda-d’água que tem um sítio onde se pode nadar no condado de Scott, a Devil’s Bathtub. Fiquei com os pelos do pescoço eriçados, mas disse que sim, claro, meu, mas sabia muito bem que eles estariam podres de bêbedos e ganzados e que não iam para lá para nadar no escuro.

Avistei o sorriso e os cabelos frisados do Prego-a-Fundo a passar pelo meio da turba como o peixe escorregadio que era. Havia gajos a acotovelarem-se para falar com o famoso *quarterback*. E raparigas também. Vi a Emmy a entregar-lhe uma fatia de bolo, curvando as costas como as raparigas fazem, para destacar o rabo. Ele a rir-se, ela a rir-se, a pequena vénia que ele fez ao receber o bolo.

Aqueles dois reluziam tanto que só de óculos de sol. Interroguei-me se ela saberia que ele tinha vindo comigo. Ou melhor, que ele me trouxera.

— Demon! Onde raio é que tens estado escondido?

Forcei o cérebro lubrificado com cerveja a lembrar-se do nome daquela miúda que me batera com demasiada força no braço. Era uma das primas dos Peggots que não via há anos. A Jay Ann. Filha da Ruby, meia-irmã do Hammer Kelly. Ainda estava a tentar organizar todas estas ideias quando ela disse que soubera que eu me mudara, e que depois aparecera no campo de futebol, que raio, e mais não sei o quê. Pu-la ao corrente do sucedido.

— Com o treinador *Winfield*? Naquela casa que parece a porra de um castelo da Disney?

Disse-lhe que a casa não era assim tão grande por dentro, o que não era verdade.

A Ruby era a mais velha das irmãs da June, e aqueles miúdos eram os menos polidos da família. Mas umas pessoas impecáveis, como todos os Peggots. Lembrei-me do Hammer sentado no sofá com a espingarda, a proteger a June e a Emmy. A Jay Ann perguntou se eu sabia do Hammer e da Emmy, que era coisa que toda a gente sabia: ele quisera sair com ela desde que se tinham mudado para cá. O Maggot estava sempre a gozar com a Emmy por causa disso. E ela sempre ameaçara arrancar-lhe um brinco do nariz ou capá-lo.

— O Hammer é um homem de coragem — disse.

— Ele engoliu o isco, com anzol e tudo. Devagar se vai ao longe.

— Ganhou pontos por tentar — disse eu.

A Jay Ann disse que a festa começara ao meio-dia como um piquenique de família com algumas tias e primos. Depois tinham aparecido as enfermeiras amigas da June, quando acabaram os turnos, e depois o resto do condado, pelo que aquele arraial se descontrolara. No momento certo, a June passou entre nós com um *kit* de primeiros socorros do tamanho de uma pequena mala de viagem. Alguém cortou a música.

— Ouçam todos. Eu hoje não estou de serviço, por isso, se estiverem com ideias de rebentar com o próprio corpo, têm aqui gaze e *Betadine*. Sirvam-se à vontade.

No bosque, alguém acendeu uma série de bombinhas, *rá-tá-tá*. Toda a gente se riu.

— Se os ferimentos forem nos olhos ou nos membros, podem ir lá dentro chamar uma ambulância. É tudo. Adoro-vos e estou a falar a sério. Tentem ir para casa inteiros. Estou a falar contigo, Everett. — Apontou o dedo em forma de pistola para o irmão.

O Everett levantou o seu copo de plástico.

— Na boa. Eu peço ajuda a uma das tuas lindas amigas enfermeiras.

— Ah, isso é que não. Elas estão aqui para descontrair depois de turnos de doze horas, por isso, se lhes pedires que tratem de ti, eu própria me encarregarei de te fazer a vida negra. Entendido? Feliz 4 de Julho. Divirtam-se.

Todos aplaudiram como se ela tivesse feito o melhor discurso de todos os tempos. Ela voltou para dentro de casa a abanar um braço, não irritada, apenas a ser ela própria. Eu ainda não a cumprimentara, por isso abri caminho pelo meio da maralha em direção à casa. O interior estava quase tão apinhado como o exterior, sobretudo de familiares dos Peggots. Tias muito juntas na cozinha, como sardinhas em lata, tios esparramados em cima de móveis como pontas de cigarros num cinzeiro. A Ruby podia ser sempre encontrada debaixo da sua nuvem de fumo, o cabelo com tanta laca que era um perigo de incêndio, envergando desta vez um *top* feito com um lenço estampado, que, muito provavelmente, deixava os filhos horrorizados. As antigas rainhas do baile de receção dos antigos alunos nunca deixam de o ser. Ela e a June estavam com o Maggot e a Emmy, e, precisei de um segundo para perceber, o Hammer, que estava com a Emmy. Estou a dizer com ela. Passara o braço por cima dos ombros da Emmy. Parecia mesmo o peixe que engolira o isco. Aproximei-me deles, lançando um olhar ao Maggot, sem saber o que perdera.

— *Olá*, Demon — disse a Emmy, inclinando-se para a frente para me abraçar, mas depois estendendo-me a mão mole como se eu a devesse beijar. — Não é linda? É uma almandina. A minha pedra zodiacal.

Fiquei a olhar embasbacado para a mão da Emmy. A June riu-se de mim.

— O *anel*, querido.

— Ah! — Uma almandina parecia uma apara minúscula que se varre depois

de se partir um vidro vermelho. — Isso quer dizer que vocês os dois são o quê? — perguntei. — Noivos?

A Emmy riu-se, as tias riram-se, o sorriso de peixe do Hammer ficou ainda mais largo, se é que era possível, e a June explicou que eles só andavam juntos. O anel era um presente de aniversário. Aquilo era uma festa de aniversário?

— Há *anos* que o Hammer anda grudado nesta miúda como uma carraça — anunciou a Ruby com a sua voz dissonante. — Parece-me que, finalmente, a venceu pelo cansaço.

Mais risos. O Maggot olhou para mim como quem diz *eu bem te disse*.

A June estava deliciada. Alto e educado, o Hammer Kelly com o seu cabelo empastado que todos os Peggots adoravam desde que entrara para a família com o marido da Ruby. (Agora ex.) Não era daqueles miúdos rebeldes. Ao ver a June a pô-lo num pedestal, fiquei com vontade de partir alguma coisa. Tinha de sair dali. Vi a professora Annie na outra ponta da sala, não com o professor Armstrong, mas, grande choque, com o Sr. Maldo. Se existe no planeta algum gajo menos dado a festas do que o Sr. Maldo, coitado dele. Se calhar ela queria juntá-lo a alguma solteirona da família dos Peggots. Sem o seu fato-macaco de zelador, com uma camisa de manga comprida cor-de-rosa que quase escondia o braço mirrado, era mesmo ele, ainda que tivesse de olhar duas vezes para ter a certeza. Então, nesse preciso momento, alguma coisa chamou a minha atenção do lado de fora de uma janela das traseiras, em movimento no bosque. Eram pessoas. O Prego-a-Fundo e a Rato a subirem a colina com uma multidão atrás deles, sobretudo miúdos mais velhos que eu não conhecia.

Pirei-me lá para fora. Estavam a ir para o barracão em ruínas. Aproximei-me o suficiente para conseguir ver a Rato a ser o centro das atenções com as suas jardineiras prateadas, a tirar alguma coisa de uma lata de *Pringles* que não eram *Pringles*. Eram uns pequenos discos pretos. Pessoas com dinheiro na mão, o Prego-a-Fundo a supervisionar tudo como se fosse o capitão da equipa. Aquilo cheirou-me mal e pus-me a milhas.

O fogo de artifício começara. Não eram daquelas velas romanas da tanga, mas fogo a sério, daquele que assobia e estala. Flores de fogo. Encontrei uma clareira no bosque e sentei-me no chão para assistir ao espetáculo. Flores a dar origem a

outras flores, cores alternadas. Questionei-me como é que se fazia aquilo, pintar o céu. São os Chineses que o fazem. As embalagens têm o alfabeto deles, apenas os nomes em inglês: Queda-d'Água, Cometa Diadema, Dragão Voador. Se calhar na China chamam-se todos Orgasmo com Muita Gente a Ver, porque tudo se resume a isso.

Tirei algum tempo só para mim, encostado ao tronco de um choupo, no bosque onde, em tempos, fora feliz. Árvores grossas com folhas grossas, esquilos gordos, saciados com tudo o que a terra lhes dá. Julho é o mês de Deus. E o fim do caminho para o meu pai. Eu passara tantos 4 de Julho zangado com a minha mãe por ser uma desmancha-prazeres, sem pensar no homem que me dera a vida, renunciando à sua. Sem nunca perder um minuto a contemplar tudo aquilo que eu vira e que ele nunca tivera a oportunidade de ver. Sim, a vida é uma merda, noites de fome e pessoas más, mas em comparação com estar enterrado numa caixa, a flutuar num universo de nada e de nunca? Não trocaria de lugar com ele. Vi uma girândola de fogo verde a rodopiar por cima das copas das árvores, lançando faíscas brancas. O meu pai, a minha mãe e o meu maninho estavam a perder imensas coisas boas.

Creio que passei pelas brasas porque acordei com um estalido de fogo de artifício. Agora estava completamente escuro. Sem conseguir conter a curiosidade, regressei ao barracão, mas pelo caminho comecei a ficar arrependido. Já não se passava nada de especial, apenas gajos deitados de barriga para cima e raparigas que deveriam ter composto os vestidos antes de desmaiarem. O Mash Jolly e outros tipos estavam sentados encostados às paredes de troncos com o queixo encostado ao peito. Senti-me agoniado. As agulhas sempre mexeram comigo. O estojo no chão, ou ainda nas mãos dos consumidores. Nem sinal da Rato nem do Prego-a-Fundo.

Apressei-me a descer a colina. Alguém acendera uma fogueira e fiquei feliz por ver o Prego-a-Fundo de cócoras a atirar pauzinhos para as chamas. Era aquela fase da festa em que o barril estava vazio, havia copos de plástico a rolar tristemente pela terra, latas e garrafas a aparecer de reservas de emergência. As tias Peggot deviam ter-se apoderado do sistema de som porque só se ouviam músicas antigas, tipo Michael Jackson e Prince. As pessoas estavam sentadas em

cadeiras de jardim a assistir ao fogo de artifício como quem vê um programa de televisão. O Maggot estava sozinho. Preguei-lhe um cachaço, com mais força do que pretendia.

— Foda-se, despejaste-me, mano. A cerveja. — Estava podre de bêbedo, a olhar para as calças com correntes. Não sabia como é que se lavavam. Tinha a certeza de que era a Sra. Peggot quem se encarregava disso.

— O que aconteceu aos pombinhos?

Ele refletiu.

— Desiste, meu. A Emmy é uma Britney, e tu? Tu não passas de um SpongeBob.

— Vai-te foder. Eu sou um General, titular.

— Mil desculpas. Um SpongeBob com um número nas calças quadradas ou lá como se chamam.

— É na camisola. E o número é o oitenta e oito.

Um longo silêncio.

— Na camisola. Percebido.

— Então, explica-me como é que o Hammer Kelly consegue voar na zona Britney?

Outro silêncio.

— Tenho uma teoria. Encontrou o ponto G da tia June.

Começava a passar-lhe a carraspana, que devia ser valente, pareceu-me.

O Prego-a-Fundo estava a observar-me do outro lado da fogueira. Eu não acenei nem fiz nenhuma estupidez, apenas desejei fazê-lo. Até que ele se pôs de pé, lançou a beata para a fogueira com um piparote e veio ao meu encontro.

— Cavalheiros. — Meteu-se entre nós, um braço à volta de cada um. Cresci uns centímetros, o Maggot afastou o cabelo dos olhos.

Perguntei se ele chegara a conhecer a June, que era quem estava a dar esta festa.

— A elegante anfitriã que nos convidou a usar os pensos rápidos dela?

Desatei a rir. Ele baixou os braços quando viu que havia pessoas a olhar para nós. Disse que sim, falara com a June e ela parecera uma senhora muito simpática, mas não conhecera a filha.

— Foi ela que distribuiu o bolo. — Eu sabia que eles tinham conversado. Vira-os.

— Com o fofinho do namorado grudado a ela — acrescentou o Maggot.

O Prego ignorou-o.

— Eu sei quem é. Apenas não me foi apresentada como deve ser.

Esta foi para mim. Tinha metido água.

— Podemos ir procurá-la agora — sugeri, mas ele não pareceu para aí virado. — Ou noutro dia. Vimos aqui imensas vezes. Ela e o Maggot são como irmãos.

O Prego-a-Fundo estava a observar as pessoas que se aguentavam à volta da fogueira, as quais estavam todas a observá-lo. Como se, a qualquer momento, ele fosse fazer uma jogada de se lhe tirar o chapéu. *Parece tão vazio sem o Prego-Man.* O Maggot disse que, se ele queria encontrar-se com a prima boazona, primeiro teria de se entender com o namorado e a sua espingarda de caçar veados. De todas as vezes na vida que tive vontade de esmurrar o Maggot, aquela foi a mais memorável. Consegui sentir a energia do Prego-a-Fundo a afastar-se de nós.

Foi então que a Rose apareceu do nada, serpenteando pelo meio da turba para lhe trazer uma cerveja. Eu estava suficientemente tocado para percecionar aquilo como uma jogada de futebol: a Rose descobre uma abertura, avalia a profundidade da cobertura. Vira as costas ao recetor e inclina-se para uma rápida combinação de corrida e passe.

O Prego aceitou a cerveja e bebeu-a de um trago. A Rose observou-o com cara de poucos amigos. Se fosse um jogador de futebol, seria aquele que nos apanha debaixo do monte e nos cospe no capacete. Ele devolveu-lhe a garrafa e disse-lhe que eram horas de nos fazermos à estrada. Ela largou a garrafa e afastou-se. Meu Deus! O Maggot decidira passar a noite em casa da June. Eu fui à procura da Rato.

Dei com ela sentada numa cadeira de jardim com a June e a Ruby, a explicar alguma coisa que a obrigava a apontar imenso para o queixo e para as maçãs do rosto das outras.

— O Prego-a-Fundo diz que são horas de irmos.

Olhou para cima, a cabeça inclinada como uma ave. A June e a Ruby também.

Olharam as três para mim com aquela expressão que as mulheres fazem como quem diz: *Quem morreu e te nomeou chefe, meu?*

— Então, o que lhe digo? Não queres boleia?

— Quando acabar de falar com estas senhoras sobre como desenhar contornos sobre a base, quero.

— Não sei se gosto do que estou a ouvir sobre esse tal de Prego — disse a June. — Esteve a beber?

— Não, senhora — respondi, olhando de esguelha para a Rato. — Ias gostar dele. Toda a gente gosta.

A Rato levantou-se da cadeira de jardim, um saltinho com as suas pernas curtas. Encontrámos o Prego-a-Fundo e caminhámos para a estrada. A maioria dos carros estacionados ainda lá estava, embora a festa estivesse a esmorecer. Naquela noite, o chão da casa da June estaria apinhado de bêbedos. Seguimos pelo meio da rua, enquanto ouvíamos pessoas no bosque. O tecido flácido de tendas de campismo a brilhar sob o luar. Dormir numa tenda era um desperdício de uma noite estrelada. Depois ouvi um casal a dar-lhe forte e percebi a necessidade de privacidade. Lamento informar que o segredo deles deixou de ser segredo. A Rato e o Prego estavam a conversar tão baixo que não consegui ouvir. Pareceu-me que ele estava a pedir algum tipo de informação sigilosa. Ela falou mais alto, por isso apanhei as respostas sem ouvir as perguntas: «Secundária, tenho a certeza» e «É bom que sim, porque vou ter pesadelos com maus bronzeados de *spray*».

Acerquei-me deles e perguntei se o Prego-a-Fundo não achava que os Peggots eram um grupo de malta fixe.

— Grupo — disse a Rato. — O que vem em grupos, deixa cá pensar. Uvas. Bananas.

— Cereais — sugeriu o Prego-a-Fundo.

— De *aveia*! É isso. Festa da aveia! Atenção aos cavalos. — Deu uma palmada no rabo dele.

Disse ao Prego-a-Fundo que tinha pena de que ele não tivesse tido a oportunidade de falar com a June ou a Emmy.

A Rato perguntou se estávamos a falar da Sra. Robinson e da Elaine, ao que eu

respondi que não as conhecia.

— São as Robinsons do condado de Lee?

Ela bufou com desdém.

O Prego disse que a senhora era à maneira e a filha atraente, mas o namorado era um tanso.

— Um papalvo — disse. — Um verdadeiro palerma.

— *Ohhh*, sim — concordou a Rato.

Eu não tinha ficado radiante com a situação, mas o Hammer era boa pessoa e disse-o.

— Anda a comer a própria prima — replicou a Rato. — Deve ser normal para pessoas da vossa laia.

Tentei explicar que eles eram primos por afinidade e não por consanguinidade, mas estava meio tocado, o que nos deixa perceber a estupidez daquilo que dizemos.

— Ainda assim, é nojento — replicou ela. — Como o Woody Allen e a filha adotiva. Ovos do mesmo ninho.

Eu disse que não eram esse tipo de ovos. Era evidente que a Rato me considerava um idiota. Mais à frente ouvimos alguma agitação, gajos a gritar: «*Vai, vai, vai!*» A precipitar-se para nós, e depois um estrondo. Alguma coisa começou a chover à nossa volta na penumbra.

— *Mas* que *caralho* é *isto*? — perguntou a Rato.

— Uma explosão à moda antiga — expliquei.

— Uma explosão de cantiga? — perguntou.

— Cantiga não, *antiga*. É uma prática em que a malta enterra explosivos M-80. Antigamente era costume meter-se um animal morto no buraco, agora é sobretudo pedras e paus. Por isso lança estilhaços.

Não consegui ver a cara dela no escuro, nem foi preciso. Enterrar explosivos M-80 era uma estupidez. O Prego-a-Fundo gritou a perguntar se podíamos passar e eles disseram que sim, só tinham acendido um. A Rato estugou o passo, agarrada ao braço dele.

— Uma recriação da merda da Guerra Civil. Encantador.

— Ou um treino para a próxima — disse ele.

O que era verdade. Muitos daqueles gajos alistar-se-iam para ir rebentar com o Afeganistão assim que tivessem idade. Era a oportunidade que tinham de ver o mundo.

— Oh, meu Deus. Não têm nada melhor para fazer?

— Na verdade, não — respondi. — Bem-vinda a Dixie[21].

Em retrospetiva, arrependo-me de ter dito aquilo. Por muito irritado que estivesse com ela, aceitei-o. Haverá sempre pessoas que nos olham com desprezo e acham que vivemos num pardieiro, mas, se nos deixamos afetar, o problema é nosso. Além disso, segundo o professor Armstrong, nós nem sequer pertencemos a Dixie. Os nossos antepassados tiveram de fugir dos bandos dos Confederados, que os agruparam e levaram acorrentados para as linhas, para lutar contra os Ianques e salvar as plantações de um gordo qualquer. Há o Norte e há o Sul, e depois temos o condado de Lee, capital mundial das situações em que todos saem a perder.

Diz-se que somos donos do próprio destino, mas recebemos a nossa quota de ajuda. Aquelas pessoas e os vegetarianos e outros do género que defendem a igualdade para as raças e os *gays*, tudo bem, até concordo, mas já alguém pensou na igualdade para *nós*? Não, ninguém pensou. Como é que sei? Pela televisão. Os canais de comédia têm tanta piada que uma pessoa até fica com vontade de pegar numa pistola e dar um tiro na cabeça. Acreditam mesmo que, além de sermos estúpidos e de praticarmos sexo com animais, nem sequer temos televisão por cabo?

Acontece uma coisa, por exemplo na escola, onde um monte de gajos estão na casa de banho, no urinol, a rir-se de um palerma qualquer que fez figura triste no pavilhão. Basicamente, é tudo malta fixe, certo? Nós sabemos distinguir o certo do errado e nunca seríamos maus com o desgraçado. Mas acontece que o palerma está na cagadeira. Sai de lá com aquela cara. Ouviu tudo. E percebemos que, afinal, não somos malta fixe.

Se pudesse, era isto que diria a todos os espertinhos do mundo que se põem a fazer piadas sobre saloios estúpidos: nós estamos aqui mesmo na latrina ao lado e conseguimos ouvir tudo o que vocês dizem.

[21] Designação pela qual é conhecida a região do sul dos Estados Unidos e que inclui os estados do Texas, Arcansas, Luisiana, Mississípi, Tennessee, Alabama, Carolina do Sul, Carolina do Norte, Geórgia e Florida. É também conhecida por «Dixieland». (*N. dos T.*)

40

Bastou olhar uma vez para ficar perdido. A verdade é essa, foi à primeira vista. Caí num poço de quimera cintilante e, se alguém me atirasse uma corda, o que alguns acabaram por fazer, não haveria dinheiro que me convencesse a subi-la. Há quem lhe chame dependência. Há quem lhe chame amor. A linha é ténue.

Também não andava à procura. Depois do fiasco com a Linda Larkins, estava virado para concordar com a teoria da Angus sobre o amor, ou seja, mais vale uma pessoa nem se dar ao trabalho. Estava muito sossegado na minha vida, a ganhar uns trocos na loja de rações. Era a liquidação total de final de verão, tudo para o relvado e jardim a metade do preço, e ainda oferta de petiscos e refrigerantes. A rapariga da caixa, a Donnamarie, vivia para esta festança, e era ela quem organizava tudo, como se fosse o casamento que nunca tinha tido. Funcionária dedicada. Sorteios, balões, girassóis da quinta do pai em baldes a decorar o espaço. Comprou copos de plástico cor-de-rosa e desenhou focinhos de porco no fundo com um marcador, pelo que, quando as pessoas levavam o copo à boca para beber, faziam lembrar um porco. Sei que parece foleiro, mas, quando estão vinte pessoas num magote a conversar e a beber, o efeito é bastante cómico.

Não tínhamos mãos a medir, enquanto as pessoas se abasteciam de pesticida e as crianças emborcavam rios de *Dew* grátis e ficavam excitadíssimas. A tirar ferramentas das prateleiras, a tentar morder os ossos para cães. Eu estava atarefadíssimo. A repor *stocks*, a controlar os autocolantes de desconto que algumas pessoas costumavam mudar de sítio. Principalmente crianças, poder-se-ia pensar. Uma máquina de cultivo de trezentos dólares a custar cinquenta cêntimos não é obra de um mestre do crime. Adiante. Por algum motivo, não a vi

entrar. A Donnamarie já me dissera que o tal dono da loja que tivera um ataque cardíaco, Vester Spencer, iria à loja com a filha e eu nem nunca mais me lembrara disso. Até que olhei para o outro extremo de um corredor com artigos de irrigação e lá estava ela. Pequena, esbelta, a cintura esguia como uma sereia. Cabelo roxo prateado curto de um lado e comprido do outro. A cara de um anjo. Apeteceu-me desenhá-la. Sandálias com tiras entrançadas a tornear-lhe as pernas perfeitas. Observei-a a conversar com a Donnamarie, a entrelaçar os dedos, a tocar no ombro do pai. Ele estava numa cadeira de rodas e foi tudo o que vi, porque fiquei hipnotizado por aquela rapariga. Estava a ver que ia desmaiar.

Foi então que a Donnamarie gritou:

— Demon, anda aqui conhecer o Vester e a Dori!

Aqueles olhos escuros cintilantes focaram-se em mim e eu aproximei-me a cambalear.

— Dori — disse. — Olá, Sr. Spencer. — Que raio, sei lá eu o que disse.

A Donnamarie nem queria acreditar que não nos conhecíamos, pois só havia uma secundária. A voz da Dori fazia lembrar um riacho a correr, mais grave do que seria de esperar. Ela disse que não estivera a estudar durante a maior parte do ano para cuidar do pai, levá-lo ao médico e coisas assim. E, continuando ele com um aspeto tão enfermiço, o mais certo seria não conseguir voltar à escola. Tinham de ir de carro até ao Tennessee pois não havia um cardiologista nas redondezas.

A parte do meu cérebro que não se transformara em gelatina funcionou: tal como eu, ela não tinha mãe. E tinha pelo menos 16 anos, pois já conduzia, o que não era bem tal como eu. Mau sinal. Eu já passara por aquilo da mulher mais velha, valha-me Deus. Já andava a tirar a carta. Aprendera a usar a embraiagem e a mudar as velocidades há anos no velho *International* do Creaky sem que ninguém me ensinasse, mas agora tinha de me sentar ao volante do *Mustang* do U-Haul com ele a dizer para pôr o pisca ou olhar pelo espelho, e eu a ignorá-lo. Porém, não tinha a carta, por isso, na prática, ainda era uma criança. Não tinha qualquer hipótese com ela. Mas aqueles olhos, meu Deus. Não eram apenas escuros, mas cintilantes como águas profundas e negras. Tive vontade de mergulhar neles todo nu. Senti os minutos a esgotarem-se até ao momento em

que ela empurra a cadeira de rodas do pai pelas portas automáticas e eu morro.

Fiquei desvairado a tentar inventar uma desculpa para ficar com ela só para mim, longe dos clientes e dos copos com um focinho de porco desenhado. Uma velhota com o que parecia ser um pijama, juro, chegou perto de mim e perguntou se tínhamos *Snake-B-Gon*. Tentei fazer-me de burro, mas a Donnamarie fulminou-me com o olhar, por isso tive de lhe ir mostrar. Com o coração em sobressalto, receando nunca mais ver aquela rapariga que mais parecia uma fada. Uma ninfa, sabia o que eram graças aos desenhos de Anime. O anjo perdido dos céus.

Não desviei o olhar dela enquanto a velha do pijama me falava da serpente que vira na reserva de batatas e que o filho não acreditara. «Sim, senhora», disse repetidas vezes, enquanto olhava para aqueles bonitos braços e pernas que suplicavam para ser tocados.

Cheguei a tempo de dizer algumas coisas, mas só coisas estúpidas. Se ela precisasse de alguma coisa, que me dissesse. Uma pena termos vendido os pintainhos todos, aqueles pequenotes eram mesmo queridos.

— Agosto é um mês do ano avançado para contar os ovos — disse a Dori, o que me pareceu uma frase digna de uma ninfa.

Concordei, mas disse que nunca se sabe o que os clientes vão querer.

Ela brindou-me com um sorriso maravilhoso, os olhos brilhantes, as sobrancelhas erguidas, da mesma cor lavanda-prateada do cabelo, e disse:

— É o fim das serpentes!

Depois o pai teve uma crise de tosse e foram-se embora. Durante o resto do dia, fiquei a pensar se ela saberia o meu nome, Demon Copperhead. Estaria a fazer-me desaparecer? Poderia nunca saber.

Fui um idiota por ter contado à Angus, mas tive imenso medo de que a Dori desaparecesse. Como quando sonhamos que algum falecido de quem gostamos está vivo e despertamos com o coração em brasa, mas depois, ao meio-dia, o sonho não passa de um vago despropósito. Não suportaria que isso acontecesse. Disse à Angus que estava apaixonado.

— Aguenta os cavalos — disse ela, sem sequer desviar o olhar da televisão.

Estávamos esparramados nos nossos pufes só com a roupa interior. O ar condicionado estava avariado e não tínhamos pudor em relação aos nossos corpos; éramos crias da mesma ninhada. Ou, como a Rato dissera, ovos do mesmo ninho. No intervalo, pegou num dos meus blocos de notas e fingiu folheá-lo. Passou o bico do lápis imaginário pela língua. — OK, número quinhentos. Como é que se chama? Vou tomar nota antes que te esqueças.

— Vai-te foder.

— Oh, não, senhor, eu não. Não nos desviemos do objeto da tua paixoneta do momento.

— Vai-te lixar. Esquece.

Discutíamos todos os dias. Não era uma discussão a sério. Tínhamos um momento assim e depois o assunto ficava arrumado. Agora, a Angus andava a pensar em ir para uma universidade local e não para uma longínqua. Apesar de tanto paleio, não conhecíamos ninguém que tivesse ido estudar para longe, por isso é provável que tenha ficado com medo de se lançar ao desconhecido. A desculpa dela era o treinador. Dizia que ele se iria abaixo quando ela saísse de casa. Por isso, estava tudo na maior outra vez, de momento a ver o *Survivor* na televisão, enquanto pensava que, se estivesse com a Dori numa ilha, seria capaz de suplantar os gajos da cidade no que toca a arranjar-lhe um abrigo, a apanhar peixes com uma lança. Por outras palavras, a pensar parvoíces.

Passado algum tempo, a Angus perguntou com uma voz esganiçada:

— Diz lá quem é ela.

— Não conheces e não quero falar sobre isso.

— Sem problema. Ficarei a saber na próxima semana quando ela estiver a chorar na casa de banho. Outra vítima das fugazes paixonetas do Demon.

Não tinha mais nada a dizer, porque ela estava equivocada em relação a tudo: à casa de banho da escola, à fugaz paixoneta. *Azar, Angus,* pensei. *Nunca saberás que isto é mesmo a sério, um sentimento completamente novo*. Porém, não se passaria outro dia sem que eu desse com a língua nos dentes. A Angus era o único ser humano à face da Terra capaz de acalmar o meu bravio e estúpido coração.

Algumas semanas mais tarde, vê-la-ia outra vez. Incrível. Partilhei durante quinze anos o condado com esta rapariga mágica sem nunca nos cruzarmos e agora ela é o ar que eu respiro.

Talvez porque estava finalmente preparado para me acontecer uma coisa assim tão boa. Confiar no desabrido e confuso universo, como a Angus estava sempre a dizer que eu deveria fazer. O 10.º ano começara bem, dois jogos seguidos com o marcador da equipa adversária a zero. Fiz o pleno em termos de jogo jogado nas duas partidas, marquei quatro *touchdowns*. O Cush Polk era o *quarterback* mais consistente que os Generals tinham tido em anos, e um bom amigo. Infelizmente, já não se pode dizer o mesmo do Maggot. O secundário tem os seus muros de arame farpado entre estes e aqueles. Não sou eu quem dita as leis; é assim e pronto. Os meus colegas de equipa eram os meus comparsas. Na coboiada sem calças nos balneários, a ponto de a nudez parecer natural. Ou a fazer as refeições na cantina com olhos a cobiçar os nossos ombros largos. Nós éramos os maiores. As miúdas não nos largavam, encarando-nos como o caminho direto para o poder feminino. As regras são estas, pergunte a quem quiser. (Menos à Angus.)

Não que eu me considerasse o máximo; na verdade, antes pelo contrário. Era o mesmo merdoso e inútil de sempre, só que era um merdoso capaz de fazer uma receção de vinte e sete metros. Falava com o Maggot quando me cruzava com ele no corredor com os seus amigos de preto, mas ele revirava os olhos debaixo do manto dos seus cabelos como quem diz *Não faças o frete*. Até que deixei de tentar. Simulei a minha credibilidade, todos os dias à espera de ser desmascarado e mandado outra vez para as aulas para órfãos, até que comecei a pensar: *Fixe, isto é a minha vida. Mereço isto.*

Será que isso fazia de mim um parvalhão? Provavelmente.

A altas horas, andava de carro com o Prego. O treinador não fazia ideia, pois era extremamente rigoroso depois de a época começar. O treino não se limitava ao trabalho de ginásio e aos treinos em campo. O treino era uma vida regrada. Dormir bem. Depois de o treinador ir para a cama, o Prego-a-Fundo passava por lá para me apanhar.

Naquela noite, como de costume, fomos a um *drive-in* mesmo antes de o

segundo filme começar. Primeiro passa sempre alguma coisa da Disney e só depois o filme de terror. A ideia era deixar as crianças ver o seu filme e depois pô-las a dormir no banco de trás antes de começar o filme a sério. É justo, pois onde mais é que uma família pode ir para se divertir, mas tenho a certeza de que as crianças não ficam a dormir. A minha mãe e o Stoner costumavam fazer-me isso, e aquele gajo dos pregos espetados na cabeça do *Hellraiser* ficou-me gravado na mente para o resto da vida.

Mas consegue-se ver a tela de qualquer sítio, por isso, porque não saltar de um carro para outro a fim de socializar? O Prego ia sempre bem abastecido, como nos tempos das nossas festas de *ecstasy*. Ou naquela noite, que eu nunca esquecerei, em que levou *shots* de tequila e latas de cerveja. Fui dar uma volta sozinho e encontrei dois colegas de equipa, o Clay Colwell e o Turp Trussell. O Clay tinha um irmão mais novo que estava numa cadeira de rodas com as suas drogas de eleição enfiadas no seu cu musculoso. Tal como eu, estavam a furar o recolher obrigatório. Senti-me inquieto. Encontrámos uns gajos da equipa B, com os quais não confraternizávamos muito, mas eles ofereceram o seu cachimbo e eu dei umas passas, para não ser indelicado, e depois segui caminho. O fumo da erva em todo o recinto era suficiente para apanhar uma valente moca. Estava frio para setembro. Uns miúdos tinham feito uma fogueira ao fundo do parque de gravilha, onde era permitido fazer praticamente tudo o que se queria. Do outro lado havia bosques, para onde as pessoas levavam cobertores e faziam tudo o que se possa imaginar. Fiquei a tremer na penumbra, à espera de que a ganza fizesse efeito, a assistir ao filme, que era o *Demon Island*. Tinha um título memorável, mas o filme não prestava para nada. Contava a história de uns adolescentes ricos que estavam a passar férias numa ilha, algemados aos pares, a correr de um lado para o outro sem qualquer motivo, tentando encontrar cuecas escondidas na selva. Eu avisei.

E lá estava ela, a caminhar despreocupadamente por entre os carros. Juro que reluzia na escuridão.

— Dori? — Articular o nome dela foi como uma súplica, *por favor, meu Deus, por favor*. Ela parou, voltou-se, o lado mais comprido dos cabelos prateados virado para mim, e depois virou-me as costas. Uma fada, ninfa, veado,

raposa; se eu me aproximasse, desataria a fugir. — Sou eu, o Demon — disse, baixinho, como se houvesse ali um bebé a dormir. — Conhecemo-nos na loja do teu pai. Naquele dia que o levaste à festa.

Ela não se mexeu.

— Ele tem passado bem? — perguntei.

Aproximou-se e consegui ver o seu pequeno rosto em forma de coração. As sobrancelhas prateadas e o queixo aguçado, a boca que eu queria sugar. Cheirou-me a mentol, ou se calhar foi imaginação minha.

— O meu pai nunca passará bem. Hoje deixei-o sozinho. Não devia estar aqui.

— Não há ninguém que vos possa ajudar?

Não respondeu. O seu riacho sussurrante parara de correr. Se calhar não fazia a mínima ideia de quem eu era.

— É uma merda — disse-lhe. — Cresci só com a minha mãe. Tive de cuidar imenso dela.

— Como é que ela está agora?

Quis mentir, mas não menti.

— Morta. Os dois, ela e o meu pai.

— Merda — disse ela. — E eu a pensar que os heróis da bola vinham das melhores famílias.

— Até um reles órfão pode ser um grandioso General — repliquei, e Deus me perdoe pelo que pensei: *ela sabe que sou o oitenta e oito*. As miúdas passam-se com isso. Ela mudou o peso de uma perna para a outra, como uma ave a preparar-se para voar. Quase perdi os sentidos com o intenso desejo de a abraçar.

Por fim, falou:

— Não me digas que és propriedade estatal? Estás sob a tutela da Segurança Social e essas coisas?

Senti-me mais pedrado do que estava, a cabeça a flutuar à procura de um sítio onde pousar. Perguntei como é que ela estava a par desses procedimentos, e ela respondeu que a Segurança Social hesitara em relação a permitir que o pai criasse uma rapariga sozinho. Ele nunca perdera a custódia, mas fora uma situação de incerteza. Chegara a conhecer a Olheiras. Eu esquecera o nome da mulher, mas ela lembrava-se. Sabia coisas que eu fizera por deixar lá atrás. Os

meus olhos tinham-se habituado à escuridão e agora conseguia vê-la bem: o pequeno vestido branco e as sandálias com tiras, o saco de pipocas. Queria que o atirasse para o chão e fugisse comigo. Não para o bosque. Para um sítio melhor.

— Bem, é melhor ir ter com a minha malta — disse ela. Se *malta* queria dizer pessoa, como um namorado, eu queria desfazê-lo. Inclinou a cabeça para um lado. — Já devem estar a estranhar a minha demora.

— Eu… podia ser a tua malta. Se quiseres. Tipo, da próxima vez ou qualquer coisa. — Geralmente não era assim tão mau a convidar uma rapariga para sair. Para dizer a verdade, nunca fui mau. Isto foi épico.

Ela riu-se.

— De que raio é que tens tanto medo?

— De não te voltar a ver.

— Oh, santo Deus, Demon! Tu não fazes ideia, pois não?

Ideia de quê, perguntei. Mesmo no escuro consegui ver os olhos dela a perscrutar-me.

— Tu és aquele para quem todas as miúdas vão escrever quando estiveres na prisão. Oh, céus! Rebolarão pelo chão a puxar os cabelos umas às outras para conseguirem um lugar na lista de visitas.

Com isto pisgou-se e eu fiquei um caco. Ela sabe o meu nome. Era isto que estava a pensar. Não, *aquilo* foi esquisito, que cena mais marada de se dizer, que vou acabar na prisão. O que posso dizer? O amor é um acidente irremediável.

Fiquei ali especado, demasiado chocado para conseguir pensar. Vi os casais algemados do filme a passar um mau bocado. Um monstro atarracado bateu num gajo com uma pá até lhe arrancar a cabeça. Outro gajo tentou lutar e o monstro arrancou-lhe os tomates. Não estou a inventar. Durante cerca de quinze minutos desejara que aquela noite nunca acabasse, agora estava ansioso por que passasse. E depois aparece-me o Tommy Waddles a caminhar muito agitado, a equilibrar uma caixa frágil de copos altos. O meu primeiro pensamento foi: *Quem compra bebidas nestes sítios? É mais barato trazê-las de casa*. E o segundo pensamento: *Porra. É o Tommy. Como foi que percebi que era ele? Pelo cabelo.* Continuava a ser demasiado para a cabeça dele, todo espetado. Chamei-o e ele perguntou quem era e eu respondi. Disse-lhe que ainda tinha a *t-shirt* que ele me dera para

dormir na quinta do Creaky.

Ele quase deixou cair a caixa. Não nos víamos há cinco anos, por aí. É evidente que o *drive-in* do condado de Lee é um portal para outras dimensões.

O Tommy continuava a ser um tipo às direitas. Quis saber tudo. Disse-lhe que agora vivia com uma família de acolhimento como nós nunca pensáramos que pudesse existir: comida boa, pessoas simpáticas que não faziam aquilo pelo dinheiro. Ele tinha dezoito anos, pelo que já não dependia de famílias de acolhimento. Nunca chegara a ser adotado, mas não havia problema, estava a viver num apartamento com amigos. Tinha emprego e uma namorada. O desgraçado do Tommy Waddles. Fui com ele conhecer os gajos com quem partilhava o apartamento, oito no total, todos no mesmo *Camaro*. No *drive-in* pagava-se por veículo, o que dava origem a um sem-número de artimanhas. Tinham comprado bebidas ali no bar porque se tinham esquecido de levar o que misturar no *whisky*. Aqueles gajos estavam a falar do seu plano de comprar cavalos velhos a agricultores e vendê-los para ração canina no Canadá. Depois do meu primeiro *Jack* com *Cola*, lembrei-me de dizer ao Tommy que agora andava com o Prego-a-Fundo e convidei-o a ir cumprimentá-lo, mas ele disse que não, que era melhor ficar a tomar conta dos amigos que estavam a ficar cada vez mais bêbedos.

Depois do segundo *Jack* com *Cola* descaí-me e falei-lhe da Dori, que estava apaixonado e mais não sei o quê. Só de falar dela, fiquei com vontade de ir procurá-la e esclarecer aquela questão da *malta*. O Tommy compreendeu-me. Apaixonara-se por uma rapariga que conhecera pela *internet*. Ele trabalhava no jornal, a esvaziar cestos do lixo e a limpar a cafetaria, mas deixavam-no ter a sua própria conta num computador, e fora assim que conhecera essa rapariga. Ela era lindíssima e estava na Pensilvânia. Pareceu-me que as possibilidades de sexo eram bastante reduzidas, mas era provável que o Tommy fosse mais cavalheiro e não tivesse uma fixação tão grande nesse aspeto do projeto das namoradas.

O filme estava a terminar, o demónio atarracado causara todos os estragos que um filme permite, e eu não queria perder a boleia. A *Lariat* era fácil de avistar graças à lanterna de campismo que ele colocava sempre na traseira, tipo estilo festivo. Insetos num rodopio à volta da luz. O Prego-a-Fundo tinha o braço à

volta de uma rapariga alta e magricela a que a malta chamava Car Wash. Não à frente dela. Trazia um vestido sedoso que deixava adivinhar os ossos das ancas como uma peça de mobiliário debaixo de um lençol. O Prego-a-Fundo estava a ignorá-la, a discutir com o Ursão e outros antigos jogadores dos Generals quem tinha a melhor defesa, os Riverheads ou os Surry. Nenhum deles estava a apresentar bons argumentos. Para ser franco, os *shots* de tequila estavam a falar mais alto, não permitindo que qualquer um deles cedesse nas suas opiniões. Iam morrer a discutir sobre os Riverheads e os Surry. O Prego-a-Fundo tentou dizer várias vezes «recuperações de bola», e, pela primeira vez na vida, questionei-me se estaria em condições de conduzir. Eu poderia conduzir até minha casa, sem problema; o difícil seria conseguir sacar-lhe a chave. A menos que ele aterrasse primeiro.

E depois quem é que havia de aparecer senão a Rose Dartell. Como eu disse, aquilo era um portal. Ela como que se materializou no nosso pequeno círculo de luz. Com muita convicção, o Prego-a-Fundo estava a dar tudo de si para enunciar expressões como *tempo de compensação* e *passe lateral válido*, pelo que só deu pela Rose quando ela pousou alguma coisa pesada dentro de um saco de papel na parte de trás da carrinha. Senti o ruído seco e metálico nos dentes.

O Prego olhou para ela de olhos esbugalhados, um pouco mais sóbrio. Ela devolveu-lhe o olhar.

— Tive de ir quase à merda do Kentucky. O BJ fecha às onze.

Primeiro, ele abanou a cabeça, como se tivesse um calafrio.

— *O quê?*

— Não tens *de quê*.

— Oh, que modos os meus. — Sacudiu a cinza do cigarro demasiado perto da anca sedosa da Car Wash, que se afastou dele. — Estou *tão* agradecido que até vou suportar a tua cara vergonhosa e deixar-te andar na minha carrinha. Mas, só para que saibas, já houve gajas menos feias que tiveram de fazer mais para chegar aqui.

Fez-se um silêncio de morte. A Rose virou-se para nós, os dentes pontiagudos a luzir.

— Para que *todos saibam*? O Sterling Ford foi o pior erro que a puta da

falecida mãe dele jamais cometeu.

E esfumou-se na escuridão. Eu nem queria acreditar no que acabara de acontecer. Todos temos os nossos depósitos secretos de peçonha, mas entrar assim a matar, dizer na cara de uma rapariga que ela é feia? Os outros gajos pareceram estar a borrifar-se. Iam na segunda rodada de *Jose Cuervo* e estavam a espreitar para dentro do saco vazio, até que alguém disse:

— Tu não lhe deste uma nota de cinquenta, meu?

— Aquela puta — disse o Prego-a-Fundo.

— Vou buscar o teu troco. — Aquilo saiu-me pela boca sem mais nem menos, e fui atrás dela.

Ela ia a caminhar depressa, na direção do parque de estacionamento, mas a luz estava a incidir-lhe no cabelo ondulado. E depois vi o brilho vermelho de alguma coisa que ela acendeu com o isqueiro. Passou pela roda de pessoas que estavam à volta da fogueira, um grupo de miúdos que pareciam demasiado novos para estar ali, e desapareceu por entre as árvores. Ela acendera um charro. Segui-a pelo cheiro. Como não a queria assustar, chamei.

— Ei.

— Vai-te foder — disse. — Quem está aí?

— Sou eu, o Demon. — Aproximei-me. Passou-me o charro, mas eu recusei. Achei que tinha de ter as ideias organizadas. Impunha-se alguma negociação. — Ninguém deveria falar assim com uma rapariga. Desculpa.

— Não foste tu que falaste. — Inalou o fumo e soprou-o, com vigor, furiosa. — Ele disse-te que agora é o dono da sua própria quinta? Em Cedar Hill? — Não respondi. Queria perguntar-lhe imensas coisas. A sua expressão era uma garatuja de raiva. — Pois bem, ele não é dono de coisa alguma. Dá de comer aos cavalos e limpa o celeiro. Aquilo pertence a uns rancheiros que vieram de Nova Iorque. Ele mora naquilo a que eles chamam de casa de hóspedes, e sabes que mais? Aquilo é a merda de um celeiro. Ele é exatamente como um cavalo.

Então, porque continuas a aparecer? A brigar, a ir buscar-lhe o que ele quer? Fiquei-me por uma pergunta que lhe podia fazer.

— É verdade que conheceste a mãe dele?

Ela abanou a cabeça, retendo o fumo nos pulmões. Depois soprou-o.

— Foi antes de eu nascer. A minha mãe acolheu-a. Ela morreu quando ele era muito pequeno e nós adotámo-lo.

Tentei encaixar aquela informação em tudo o mais que sabia sobre ele.

— Ele é teu irmão adotivo?

— *Foi* — respondeu. — Até aos nove anos. Ainda hoje isso lhe pesa na consciência, mas os meus pais tiveram de o mandar embora. Dá para acreditar?

— Porra! Porquê?

— Pela segurança dos outros filhos. O Sterling tentou matar-nos, várias vezes.

— Não posso. A sério?

— A sério. Nós fazíamos tudo o que nos mandava. Idolatrávamo-lo. Ao meu irmão mais novo, o Ronnie, tentou enforcá-lo. O Sterling mandou-o subir para uma cadeira, passou-lhe uma corda à volta do pescoço e disse-lhe para saltar. Disse ao Ronnie que seria divertido, como andar num baloiço.

— Meu Deus. Que falta de originalidade.

— Foi ele que me fez *isto*. — Esticou o pescoço para mostrar a cara. — Com um martelo. Atirou-mo de propósito e acertou-me em cheio na boca. Deixa-me dizer-te uma coisa: os lanhos na cara sangram pra caralho.

Tinha as ideias num turbilhão. A mãe do Maggot a retalhar o Romeo Blevins. Pessoas boas, pessoas más, qual o significado destas palavras? Se nos encontrarmos entre a espada e a parede, somos apenas carne fraca e a arma na mão.

— Lamento — disse eu. — Mas isso é entre tu e ele. Ele continua a ser meu amigo.

— És o brinquedo novo dele, é o que tu és. E ele não trata bem os brinquedos. — Lambeu os dedos, apagou o que restava do charro e guardou-o no bolso. Não conseguia ver bem no escuro, mas algo me dizia que ela estava satisfeita por largar todas estas informações em cima de mim. E por eu não recuperar o troco. — Queres saber o que te deve assustar? — disse ela. — Sabes o que aconteceu depois de ele me fazer isto à cara? Eu disse à minha mãe que tinha caído e me cortara na esquina da casa da Barbie. Trinta pontos na merda da casa de sonho da Barbie. Ele mostra aquele sorriso radioso e nada será culpa dele. Se lhe perguntasses agora, aposto que diria que foi isso que me aconteceu. A casa da

Barbie.

E tu continuas aqui, na fila da frente. Ela só podia estar a mentir. Talvez tivesse ciúmes. Mesmo que ele tenha prejudicado a família dela de alguma forma, teria a sua versão da história. O Prego-a-Fundo levava sempre a melhor sobre as pessoas que se dedicavam a atirar para o lixo crianças como eu. Isso era verdade. Mostrara-me como tirar partido de sítios onde não havia nada de bom, como a quinta do Creaky. Como sobreviver. Para alguns de nós, isso é tudo.

— Ei, oitenta e oito! — Estava alguém a chamar no bosque. Era o Ursão. Ouvi-o a cair, a praguejar, a levantar-se. — Sai de onde quer que estejas.

— Estou aqui — disse, praticamente a correr na direção dele. Estava ansioso por sair dali.

Não fui eu a conduzir. Cheguei à *Lariat*, os gajos passaram-me o saco castanho que a Rose fora buscar e fiz os possíveis por afogar o que ela me revelara num mar de tequila e cerveja. Ninguém parecia lembrar-se da mudança no Prego-a-Fundo, e, ao fim de algum tempo, eu também esqueci. Isso e não só. Não me lembro de me ir embora do *drive-in* nem de chegar a casa. Devo ter subido sozinho até meio das escadas, porque foi aí que a Angus deu comigo pela manhã.

Queria morrer. Ela utilizou um rolo de toalhetes de papel inteiro para limpar mijo e vomitado. Eu não a consegui ajudar, pois sentia uma dor intensa ao abrir os olhos. Ajudou-me a despir a roupa suja e a meter-me na cama, e foi lá abaixo buscar uma *Cola*. Segundo ela, era remédio santo, agitar a garrafa para tirar o gás. Regressou e passou-me o copo frio para a mão. Senti-a a sentar-se aos pés da cama e até isso me doeu.

— Não vi o treinador, o que quer dizer que ainda não se levantou — disse.

— Graças a Deus.

— Pois, Deus e os seus duendes. Senão, estavas feito ao bife.

Violar o recolher obrigatório e beber até cair, ainda para mais em público, era motivo para ficar no banco ou até ser expulso da equipa. Não se tratava apenas do nosso desempenho, dissera o treinador. Nós éramos Generals. As crianças veneravam-nos.

— Não consigo beber isto — disse. — Vomito logo.

— Não, tirei-lhe o gás. Disse à Mattie Kate que estás com gripe, mas acho que ela te topou. O filho dela disse-lhe que ontem à noite tu e outros gajos mijaram na fogueira deles no *drive-in*.

Nós fizemos isso? Oh, meu Deus!

— Ela não está nada satisfeita, mas não irá denunciar-te. E o U-Haul não sabe de nada.

Agora o U-Haul passava praticamente o tempo todo em casa. Finalmente, o treinador promovera-o a adjunto, com salário, vá-se lá saber porquê. O próprio treinador parecia descontente com a situação. Alguma coisa líquida se me revirou na tripa. Gemi e avaliei os intestinos com atenção.

— Que horas são?

— Não sei. É de manhã. Está tudo bem, tens uma justificação. Faz de conta que estás com gripe.

Se fosse outra pessoa que não a Angus a ver-me daquela maneira, com o cabelo cheio de vomitado ressequido e o hálito a tresandar, seria capaz de morrer.

— És a maior. O meu anjo da guarda.

Ela ficou em silêncio durante um minuto. Os gafanhotos a zunir lá fora pareciam serras elétricas.

— Olha, Demon. Sei que não estás com disposição, mas posso dizer que estás por um fio?

— Acertaste. Não estou com disposição.

— Está bem. Mas alguns anjos não são da guarda. Estou só a dizer.

O culpado da catástrofe que me acontecera não fora o Prego-a-Fundo. Eu é que tinha de cuidar de mim mesmo. Se tinha muitas preocupações naquele momento, a pressão do jogo, de ser titular, receio de morrer se não conseguisse ficar com a Dori… eram merdas que eu próprio teria de enfrentar. Também o facto de o U-Haul estar mortinho por me tramar. Eram muitas coisas. Tentei abrir os olhos, uma frincha, e a intensidade da luz atingiu-me com força. Como se a própria luz produzisse som. Vislumbrei o anjo indistinto da Angus aos pés da cama com o seu pijama branco e, por detrás dela, na minha escrivaninha, aquele

barco que ela me oferecera. Tal como eu, dissera. Com um longo caminho pela frente e preso numa garrafa.

Acabei por lhe jurar que não tocaria numa pinga de álcool durante o resto da época. Atendendo ao estado em que estava, não foi difícil fazer essa promessa. Pelo menos no caso da tequila cumpri. Até hoje.

41

Onde começa o caminho para a desgraça? Dizem-me que o objetivo de escrever isto tudo é compreender as decisões que tomei. Ou que tomaram por mim. Os rufias que coalharam o leite e o mel do meu coração, ou aqueles que existiram antes e coalharam os deles. Que raio, atiremos as culpas para os gajos do carvão ou para quem escreveu o livro dos mandamentos do condado de Lee: Renunciarás a todas as coisas que possas amar ou estudar, livros, números, a vida de um rapaz, suportável apenas graças aos seus desenhos. Deixarás estes provincianos fiéis para perseguires a única estrela que ainda brilha cá no sítio: a sede de sangue viril. O cheiro da relva pisada e do suor, do desejo reprimido e de pipocas. As luzes de sexta à noite.

No meu tempo, aprendi coisas surpreendentes sobre os poderes que já nos esperam para nos atacarem ainda antes de nascermos. Mas o jeito da minha gente é continuar a utilizar as palavras que sempre nos aplicaram: idiota ignorante. As merdas acontecem.

Começa assim. Finais de outubro, em plena época, estamos a jogar em casa contra o Powell Valley e a ganhar por seis, a fazer um *sweep*, o nosso terceiro ou quarto da noite. Estou atento ao defesa, o noventa e seis, um daqueles paneleiros a quem se tira a pinta na formação em linha antes mesmo de o enfrentarmos. É a forma como se apresenta, todo o seu corpo cheio de um ressentimento aturdido pelo que está a perder. Toda a sorte e todo o amor que pudesse ter foram-lhe furtados e quer recuperá-los vingando-se no melhor homem que vê. Está de olho em mim desde o início.

Nesta jogada, estou a bloquear os adversários para o *tailback* poder contornar-me pelo meio das marcações exteriores e procurar uma aberta. O noventa e seis

enche-se de força e atinge-me num ponto baixo, atirando-me ao chão de lado, as pernas primeiro. Não consigo respirar, perco o fôlego, com ele e outros em cima de mim, nada fora do normal. As pernas imobilizadas. Uma placagem normal com algum ódio à mistura para eu não o esquecer. Não se apressa a levantar-se, um cotovelo espetado nos meus rins, só para me chatear.

A dor não chega ao cérebro tão depressa como alguns sentimentos. Como ficar furioso, e um pouco envergonhado, por estarmos no chão e outros ainda de pé. A terceira ou quarta coisa que reparo é que tenho o joelho dobrado na direção errada. Consigo ver. *Caralhos me fodam.* Aquela merda dói. A ideia é posicionar as pernas debaixo do corpo, mas o joelho não obedece. O joelho está a bramir. Os meus colegas de equipa a gritar. O treinador está a berrar com alguém fora das quatro linhas, e não me agrada a forma como olham para mim. Estou lesionado, tudo bem, mas neste jogo o inimigo não é a dor. O inimigo é o fracasso. Ser demasiado lento, falhar uma abertura, calcular mal um passe, essas coisas controlamos. O nosso único amigo é fazer as coisas bem feitas, errar é o inimigo, e a única coisa que importa é a distância entre um e outro. O resto é paisagem. A dor é a relva debaixo das chuteiras. A dor é o clima. Uma pessoa passa as pernas para debaixo do corpo e levanta-se a pensar: *Está de chuva. Caminha que a dor passa já. Não me tires do jogo,* mister, *estou apto*.

Não foi isso que aconteceu.

A dor é tramada. Se for o clima, pode ser uma tempestade a arrancar o telhado da nossa mente. As horas e os dias depois daquela placagem são como um baralho de cartas embaralhadas. Talvez ainda estejam aqui todos no meu cérebro, mas raios me partam se sou capaz de dizer como se processaram. Sei que perdemos esse jogo. Levaram-me para fora do campo para que isso acontecesse. Eu a dizer ao treinador que não era assim tão grave, para me pôr outra vez a jogar: provavelmente isto é metade das cartas do meu baralho. A suplicar, sentado com um saco de gelo de dois quilos em cima, o U-Haul a fitar-me com os seus olhos vermelhos. Está a saborear isto, que isto me tenha acontecido. Lembro-me da força desnecessária que exerceu ao aplicar gelo e enfaixar a minha perna. Sem dúvida a pensar que assalariados não tratam das lesões de gajos desprezíveis.

Lembro-me de tentar ver o jogo; de perder a visão. O zumbido nos ouvidos. A dor é um som. Uma chama. Depois estou em casa, ao fundo das escadas e a olhar para cima. O treinador a apoiar-me de um lado, a Angus do outro. Aquelas escadas. Eu a ir-me abaixo com um grito desesperado. O treinador quase a desfazer-se também, a dizer para não me preocupar, que o Dr. Watts viria de manhã e deixar-me-ia como novo. A Angus, em silêncio, a preparar a cama do Sr. Zezinho para eu dormir. A cama dos aleijados.

Não passei a noite em claro, mas também não foi propriamente dormir. Passei o tempo todo a espreitar para debaixo dos lençóis, a sentir um charco de sangue que não existia. A dada altura, acendi a luz para ter a certeza. O joelho estava negro e deformado, como uma perna com uma bola de basquetebol metida lá dentro. Estava de roupa interior. Alguém devia ter cortado os calções do equipamento, essa carta desaparecera do meu baralho, que alívio. Se passava pelas brasas, tinha pesadelos. Eu a atirar-me à minha perna com uma serra de arco, tentando livrar-me dela. A morder diferentes partes do corpo até ficarem a sangrar. Um barulho estranho despertava-me, e demorava um minuto a perceber que o barulho vinha de dentro de mim. A dor é água, daquela que nos afoga. Uma pessoa debate-se algum tempo, vem à tona respirar, mas depois afunda outra vez. Temos medo de morrer e depois temos medo de não morrer. Eu estava nisto quando o Dr. Watts apareceu de manhã.

O Watts era o médico da equipa. Não assistia a muitos jogos, mas era amigo do treinador desde que jogaram juntos na Universidade do Texas. Ele e o treinador disseram coisas que eu não estava mesmo a ouvir. Ligamento cruzado anterior isto, menisco aquilo. Para excluir a possibilidade de uma fratura, precisava de ir ao hospital de Norton tirar uma radiografia. Pensei: *Tu e que maldito exército é que me vão tirar desta cama?* É provável que o tenha dito em voz alta. A Angus estava a rondar a porta de olhos arregalados, a ouvir. Ele disse que eu precisava de fazer uma ressonância magnética, pelo que teríamos de ir ao Tennessee, e há um período de espera de três semanas pois estão cheios de serviço. Levar-me-ia a um ortopedista, que é um especialista dos ossos, mas também teria de esperar duas semanas. Ia receitar-me uma coisa que me faria aguentar até lá. Nesta fase deixei de me importar porque aquele pequeno

comprimido com a forma de um submarino que me dera para engolir estava a começar a cantar a sua bonita cantiga na minha cabeça. Que alívio, meu, vamos os dois curtir pela avenida principal. Segura a minha mão. O medicamento chamava-se *Lortab*. Abençoado.

Não fui às aulas nem aos treinos durante uma semana. *Posso faltar a um jogo*, pensei. Ninguém ficou satisfeito, a não ser talvez o U-Haul, mas eu estava limitado a coxear pelos nove metros na sala de estar com as minhas ceroulas descaídas. A Mattie Kate na bancada. E eu a desperdiçar a vida a dormir no sofá-cama. Acordava de quatro em quatro horas, mudava a água às azeitonas se preciso fosse, amaldiçoava toda a situação e adormecia outra vez, obrigado, *Lortab*. O médico disse para duplicar a dose, pôr um despertador e ter aquela coisa boa na corrente sanguínea as vinte e quatro horas do dia. Não me lembro de comer, mas devo ter comido. Uma garrafa de *Gatorade* de lima sempre a postos para empurrar os comprimidos.

O treinador e o Dr. Watts apertaram com o especialista dos ossos (ou melhor, com a pobre rececionista) e conseguiram-me uma consulta para a segunda-feira seguinte, bem cedo, antes de o atarefado clínico começar as suas cirurgias. A ideia não me entusiasmou. E se ele me quisesse operar? Não estava para aí virado. O treinador disse para não me preocupar, que o especialista dos ossos me poria bem, talvez a tempo do jogo da próxima sexta-feira.

Na escola, correram rumores. O Demon não assíduo era muito mais interessante do que o real. A Angus chegou a casa e informou que a minha perna estava: (1) partida, (2) não partida, (3) torcida (*com uma entorse*, se quisermos usar o termo técnico), (4) amputada (acima do joelho e abaixo, é só escolher), (5) fui levado de helicóptero para o hospital neuropsiquiátrico de Nashville e estava em coma. A Angus a rir-se. Eu só a olhar para o relógio. Ela escrevera a lista de rumores com um marcador no braço e leu em voz alta. Ainda faltava uma hora para o meu encontro seguinte com o *Lortab* e não ia aguentar tanto tempo em nenhuma versão da realidade.

A Angus ficou então em silêncio, a analisar a minha perna debaixo do lençol. Agora estava no meu quarto, depois de me ajudarem a subir as escadas para ter

mais privacidade e um acesso mais fácil à casa de banho. Um gajo precisa da sua dignidade. A Angus estava de pernas cruzadas aos pés da minha cama com umas jardineiras de ganga e meias vermelhas. O cabelo apanhado nuns totós que faziam lembrar os cornos do diabo e que passaram a ser o seu penteado predileto.

— Dói, hã?

Eu ri-me, uma espécie de latido: ah*huh*. Disse-lhe que dantes pensava que sabia o que era a dor, mas que trocaria esta perna pela pior bofetada na cara ou murro nas costelas que o meu padrasto me dera. Até era capaz de dar algum dinheiro. Os olhos cinzentos dela subiram da minha perna até à cara.

— Isso é um investimento muito marado, mano.

— O que queres dizer com isso?

Encolheu os ombros. Chegou-se um pouco para o lado e cruzou os pés com as meias vermelhas, pondo-se à-vontade na minha cama.

— Não tens de trocar uma cagada por outra. O que me dizes a uma troca por algo melhor? Ultrapassar esta fase de merda e esperar que venham melhores dias?

— Ena, nunca tinha pensado nisso. Aposto que na próxima semana o senhor doutor vai passar a sua varinha de condão pelo meu joelho fodido, vou marcar um *touchdown* de setenta metros e os nossos peidos vão cheirar a perfume. Porque não vais para *cheerleader*, pequenina?

Ela abanou a cabeça, um movimento rápido e fugaz, sem olhar para mim, mas para a janela. O que fazer ao Demon, aquele miúdo difícil? A pergunta para queijinho. Senti a maldade a fervilhar dentro de mim, como um arroto ou bílis. Fiz um esforço para o reprimir.

— Desculpa — disse. Ela olhou para mim. Meu Deus, aqueles olhos. — De que raio é que tens tanto medo?

A Dori perguntara-me a mesma coisa. Era evidente que tinha de fazer alguns ajustes.

— Não sabes como é ser eu, só isso. Ser relegado para segundo plano, sem família nem nada.

Os olhos dela mudaram de cor, juro. De cinza-claro para um tom mais escuro.

Não disse uma palavra, mas eu sabia no que estava a pensar. O treinador estava a tentar dar-me coisas que eu me recusava a aceitar. Se calhar uma família era uma dessas coisas. Isso e o cartão prateado que ela usava a torto e a direito. Debrucei-me e peguei no pequeno frasco de comprimidos cor de laranja do qual mal desviara os olhos na última meia hora. Desenrosquei a tampa e engoli os meus *Lortabs* com *Gatorade*. Fechei os olhos, respirei. O comprimido soube-me a salvação. Abri os olhos e fitei os da Angus. Ela era estranhamente paciente, de uma maneira capaz de nos deixar fora de nós.

— Não me interpretes mal — disse-lhe. — O treinador é bestial e tudo. Porque eu sou o melhor *tight end* que lhe apareceu em muitas épocas. É por isso que estou aqui.

— Achas *mesmo* que é só por isso?

— Por amor de Deus, Angus. Ele submeteu-me a provas de seleção assim que aqui cheguei. Verificou a minha velocidade e controlo da bola, e eu saí-me bastante bem, ou melhor do que bem, e ele disse que podia ficar. Não sabias disso? Foi logo depois do Natal, no gabinete dele. Negócio fechado. — Ela não sabia disso, dava para entender. — Não fiques surpreendida. É o trabalho dele. E, neste momento, a minha velocidade e controlo da bola são uma merda. A minha situação não é boa.

Ela começou a puxar um fio solto do lençol, tipo, a puxar mesmo. Se continuasse a fazer aquilo, daria cabo do lençol. Aquele tipo de comportamentos que, em certas casas, valem uma tareia, noutras ir para a cama sem jantar. Os castigos variam bastante de casa para casa.

— Sempre esperei dar o meu contributo aqui — continuei. — É tudo o que quero. Não sou pessoa de pedir esmolas. — Se calhar parecia um velho a falar. O Sr. Peg, ex-mineiro, puro saloio. Porque não o faria?

— Por amor de Deus, Demon. Tu és um *miúdo*.

— Serei mesmo?

Ela abanou a cabeça, outra vez num movimento rápido e fugaz. Eu não estava a fazer-me difícil, apenas a ser sincero. Com a Angus, não sabia ser de outra maneira.

— Ele não te vai expulsar de casa porque te lesionaste, a jogar o jogo *dele* —

disse. — Dá algum crédito ao meu pai.

Nunca a ouvira a tratá-lo por «meu pai», nunca. Ele era o treinador. Disse-lhe que não achava que ele desistiria de mim, porque eu era importante para a equipa. Planeava acabar a época e depois teria dois anos para ganhar reputação como General. Não disse à Angus aquilo que ela não compreenderia: que, sem o futebol, eu voltaria a ser um zé-ninguém. Que o Demon fracassado continuava ali, sob a superfície, e que, se perdesse o brilho, não era nada. Nunca conquistaria a Dori.

Vá-se lá saber como, a Angus decidiu animar-me e retomou o tema da sua lista de rumores sobre o meu lamentável destino.

— Mas vê o lado positivo: és o favorito para seres o rei do baile de finalistas.

— Tretas, ando no 2.º ano!

— Estou só a transmitir aquilo que ouvi. O cavalheiro é candidato à coroação.

— Nem pensar. Além disso, não quero ser escolhido por compaixão. Se for o escolhido, quero que seja pelos meus músculos definidos e pela personalidade fútil.

Ela concordou com a cabeça, pensativa.

— Compreendo. Mas é melhor aproveitares aquilo a que tens direito. A escolha não é por compaixão, se ficaste ferido no cumprimento do dever. É como no Exército. Uma *Purple Cross*.

— É *Purple Heart* que se diz — corrigi-a. — Tens merda no lugar dos miolos.

Ela deu uma palmada no peitilho das jardineiras.

— *Burra!*

As palhaçadas dela costumavam animar-me, mas neste caso foram os *Lortabs*. Estava a deixar-me levar para o vale dos lençóis. Primeiro devia ir dar uma mija. Mijar na cama era um perigo constante no atual estado das coisas. Uma pessoa anseia por aquele fugaz período em que a dor é reduzida ao suportável, mas ainda não está tão mocada que não consiga levantar o cu do colchão. Ela observou-me a debruçar-me e a levantar-me, a respiração ofegante até ficar de pé.

— Meu Deus, Demon. Tens de atualizar a tua roupa interior.

Ela tinha razão. As velhas cuecas de algodão tinham perdido toda a brancura e

elasticidade.

A June deve ter ficado a saber através da Emmy, pelo que não era possível saber que lesão ela pensaria que eu sofrera, mas, quando despertei, lá estava ela, a fitar o meu frasco de comprimidos. Viera direto do trabalho, ainda com a bata branca e o crachá de plástico com o nome. Por baixo da bata, uma camisola e calças pretas. A forma *sexy* como se debruçou com as costas muito direitas, como se tivesse uma dobradiça na cintura estreita, fez-me lembrar a Dori. Se não fossem as dores, teria armado a tenda ali mesmo.

— Olá! — cumprimentei-a; a voz rouquenha e pouco firme.

É possível que tenha quadruplicado a dose de *Lortabs*. Quando fazemos a mesma coisa todos os dias, é fácil esquecermo-nos se uma coisa aconteceu há uma hora ou no dia anterior.

— Há quanto tempo estás a tomar isso?

Pus-me a fazer contas de cabeça.

— Que dia é hoje?

Ela bufou e virou-se. O treinador estava à porta, com o boné vermelho, o cordão com o apito ao pescoço, com ar de quem, a qualquer momento, mandaria a June fazer *sprints*.

— Quem é que lhe receitou isto?

— Acho que o miúdo está em boas mãos — disse o treinador. — O Watts já exercia medicina quando tu ainda eras *cheerleader* com a tua minissaia e as meias com folhos.

Ela virou-se para mim.

— Demon. Queres que dê uma olhadela à tua perna?

Eu disse que sim e ela sentou-se na cama. Senti o cheiro do sabonete dela, o mesmo cheiro frutado e adocicado que seguia a Emmy, e voltei a pensar na Dori, desejando saber ao que ela cheiraria.

— Quanto vais cobrar pela consulta? — perguntei, e percebi vagamente que tinha a fala arrastada.

Ela piscou-me o olho.

— Tens desconto de amigo da família. Quando estiveres melhor, podes ir

limpar as minhas caleiras.

As casas de pernas para o ar não têm caleiras. Tive de fazer um esforço para perceber a piada, de tão atordoado que estava. Ela baixou o lençol e assobiou; um assobio demorado e grave, como se estivesse a chamar um cão. Ela deveria ter um cão. O que aconteceu ao *Rufus*? O que significa quando um médico vê a nossa lesão e assobia? Não pode ser bom sinal. Tocou e pressionou partes diferentes da minha perna e sentiu a pulsação no tornozelo. Se alguma vez imaginei a June a apalpar-me, e atenção que não estou a dizer que imaginei, não era assim de certeza. Ela estava muito compenetrada. Ainda bem que deixara a Angus convencer-me a vestir uns calções de desporto decentes.

Cobriu-me, apoiou as mãos no colo e olhou para mim. A morder o lábio. Desejei estar a dormir. À espera para acordar daquela merda de reviravolta.

— Vi o teu relatório de radiologia — informou — e não gostei muito do que vi. Sei que ainda estás à espera de fazer uma ressonância magnética, mas acho que não vais ter boas notícias. Lamento ter de te dizer isto, mas a única coisa que ajudará esta lesão é um diagnóstico e um tratamento apropriados. E não esperanças vãs. Acredita em mim. Já vi muitos doentes a irem por esse caminho.

— Não está fraturado. — Foi o treinador quem falou.

Ela torceu o corpo para olhar para ele.

— A radiografia não me agrada porque podem não ter sido identificados problemas na placa de crescimento. O ângulo não foi perfeito e não fizeram uma imagem médio-lateral. Se o Watts ou lá quem está a tratar do caso do Damon não pediu uma radiografia de acompanhamento, posso pedir uma imediatamente.

O treinador ficou em silêncio, a enroscar o cordel no dedo. A June virou-se outra vez para mim.

— O que é que *tu* queres?

Deixar de ter estas dores horríveis. Encolhi os ombros.

— Ficar bom para jogar na próxima sexta?

— Oh, querido. — Pousou a mão em cima da minha e senti alguma coisa a afluir-me ao peito com tanta força que tive de suster a respiração para não chorar. Ela estava a abanar a cabeça.

Concentrei-me no brilho do cabelo dela, que mais parecia uma pele de *vison*, e

deixei as palavras transformarem-se em balões por cima da cabeça dela. Não jogaria mais esta época.

O treinador parou de enrolar o cordão do apito no dedo. Disse alguma coisa. Ela disse alguma coisa. Ele deixou-se de delicadezas e relembrou-a de quem era aquela casa. Ela pegou no meu frasco de comprimidos e abanou-o à frente da cara dele.

— Estão a brincar com o fogo — avisou. E etc.

Eu era a criancinha que deseja que o papá e a mamã deixem de brigar. A determinada altura, ela voltou para junto de mim e perguntou, junto à minha cara, se eu sabia o que estava a tomar. Disse que era hidrocodona e mais outra substância. Então, não era oxicodona, disse eu, ao que ela respondeu que não era melhor. Faltavam-me as palavras, e é possível que tivesse apanhado o vírus da idiotice do treinador porque lhe perguntei o que acontecera à teoria da «dor é um sinal vital» do Kent e essas tretas todas.

— O Kent Holt é um filho da puta de um assassino contratado por esta empresa — silvou para mim.

Aquelas palavras, saídas da sua boca, deixaram-me sem reação. Ela e o treinador saíram do quarto, mas ouvi-os no corredor. O treinador com a sua voz de comando e ela num tom também bastante empolado, a dizer-lhe que costumava tratar de duas ou três vítimas de narcóticos por ano e que agora eram duas ou três por dia. Até que ela desistiu dele e regressou para me tentar convencer. Explicou-me que a dor era uma forma que o corpo tinha de cuidar de nós, de nos dizer quando devemos parar. Disse-me para pensar no futuro. Ela fazia lá ideia! O meu futuro era o futebol. Jogar e suportar a dor era o pão nosso de cada dia.

A June foi-se embora, eu dormi. Acordei confuso, depois fiquei irritado. Não era uma criança a fazer a sua festa de *ecstasy*. Estava a cumprir as regras, as ordens do médico. Ser um General dava trabalho. O treinador sabia, ela não.

Quando fui ao especialista dos ossos, o joelho do tamanho de uma bola de basquetebol estava do tamanho de uma bola de *softbol*. Toda a semana observara o arco-íris do hematoma: preto-verde-amarelo-castanho. O treinador arranjou-me

umas muletas e eu já andava de um lado para o outro. Soube-me bem poder andar, mas tinha umas dores do diabo.

O especialista dos ossos era um homem de queixo obtuso com umas mãos esqueléticas e sem meias-medidas. Observou-me na sala de espera do hospital antes de ir passar o dia a retalhar pessoas. Enquanto estive naquelas cadeiras de plástico, não me saiu da ideia a noite em que a minha mãe tivera uma *overdose* e eu fora lançado para a secção mais funda da piscina de merda do mundo das famílias de acolhimento. Desde então que estava ali a nadar. Desejei ter cinco anos e poder segurar a mão do treinador enquanto baixava as calças para o Dr. Ossos examinar a minha perna. Ele disse o mesmo que a June sobre não confiar na primeira radiografia. Mesmo sem a ressonância magnética conseguia perceber que se impunha uma cirurgia. Menisco isto, ligamento cruzado anterior aquilo, a perna tinha de ser estabilizada, o meu clínico geral deveria engessar-me a perna e mandar-me fazer fisioterapia. Senti-me perdido no meio da nomenclatura. Reabasteceu-me de *Lortabs* e disse para regressar quanto tivesse os resultados da ressonância. Pensei que o treinador lhe iria perguntar quando é que eu poderia voltar a jogar, mas não perguntou.

Quando saímos do carro, disse ao treinador que não queria que aquelas mãos de esqueleto me cortassem. Ele fitou-me, os dentes angulares por detrás dos lábios, as mãos sardentas a agarrar o guiador. Raramente lhe dissera, sem rodeios, aquilo que queria ou deixava de querer. Qualquer miúdo numa família de acolhimento pode explicar porquê.

— Está bem, filho — respondeu-me.

Depois ligou ao Watts do telefone do carro e começou a dirigir-se à farmácia para aviar a minha nova receita. O treinador ia sair do carro, mas eu afirmei que ia eu. Queria provar alguma coisa. Apeei-me e atravessei o parque de estacionamento apoiado nas muletas, estupidamente orgulhoso. *Consigo fazer isto*, pensei quando as portas se abriram com um rumorejar. *Consigo fazer isto*, ao percorrer o corredor da farmácia. Disseram-me que demoraria quinze minutos. Dei uma vista de olhos pelas revistas e pelos preservativos e encontrei um sítio onde me sentar num caixote de *Ensures*.

Por fim, chamaram o meu nome. Paguei com o cartão do treinador. O saco de

papel branco tinha um papel agrafado do lado de fora, a dar bastante nas vistas, que dizia *OxyContin*. Aquilo abalou-me. Ainda estava a esforçar-me bastante, a convencer-me de que *Consigo fazer isto*, mas quando ia a sair tropecei e dei um encontrão num sem-abrigo.

— Então, és cego? — disse ele com uma voz tão deplorável que me fartei de pedir desculpas: lamento, não o vi, a culpa foi minha, desculpe.

O treinador estava no carro e assistiu a tudo. Olhei outra vez para o fulano e quase vomitei o pequeno-almoço. Ele deve ter dito *sou* cego. Não tinha olhos, apenas dois buracos na cara enrugada. Um enorme cão-guia pela trela. Não era um sem-abrigo, apenas alguém que ia ao Walgreens buscar seja lá qual for a droga que dão a um gajo para que consiga suportar a sua vida na eterna escuridão.

Entrei para o carro bastante abalado. Aquelas órbitas sem olhos. *Cego, cego, cego.*

42

Era legítimo não os tomar. Acreditei nisso com todo o meu ser e jurei isso mesmo ao treinador. Seguiria à risca as ordens do médico e ele deixar-me-ia jogar.

E deixou. Quatro semanas depois, no estado lastimável em que ainda me encontrava, idiota como era, entrei em campo. Não o tempo todo como dantes, é evidente. A ideia era entrar apenas em momentos cruciais. O treinador poupava-me para um *sweep* ou uma jogada com um passe longo em que eu era mais necessário. Na primeira sexta-feira em que fui convocado, não tive de entrar em campo. Contra o Northwood, geralmente deixava os suplentes mostrar o que valiam. Nunca perderíamos com aqueles nabos nem que fôssemos todos mancos. Estive equipado na linha lateral até ao último quarto, estávamos a ganhar por 28, faltavam quatro minutos. O treinador faz-me sinal com o polegar e manda-me a coxear para o campo só para entusiasmar as bancadas. Os vivas e os aplausos deixaram as bancadas em convulsão, Dee-*Mon!* Copper-*head!* De órfão ao estrelato, o menino bonito da equipa, melhor do que nunca. A Angus tinha razão. Durante a minha ausência, fora coroado rei do condado de Lee.

A sexta-feira seguinte não seria um passeio. O jogo era com o Riverheads. Dediquei-me com afinco no trabalho de ginásio. Estava bem de braços e tronco, mas para agachamentos com pesos, népia. Mesmo assim, não desiludiria os meus companheiros. Nem a escola, raios. No primeiro dia do meu regresso, na cantina, cabeças a virar, bandejas a tilintar, todos de pé a bater palmas. As empregadas da cantina com as redes no cabelo a bater palmas. Eu a pensar *Não me conhecem*. O miúdo dos almoços gratuitos. Mas outra pequena parte de mim está a pensar *Dei o litro para chegar aqui*.

Por isso, tomei os medicamentos. E joguei como um gajo medicado, lento de compreensão. O treinador não disse nada, mas viu e direcionou o jogo para pernas mais velozes e mãos mais vigorosas. Para ser franco, isso doeu-me mais do que a perna. Fiz um esforço para diminuir a medicação, menos manteiga no pão. Só um poucochinho, aumentando para cinco ou seis horas os intervalos entre *Lortabs* ou *Percocets*, um dia e meio na *OxyContin*. Deveria alternar ou, às vezes, duplicar a dose, consoante as instruções escritas. O médico deixava-me bem drogado para os treinos, reduzindo a dose nas noites em que havia jogo, devolvendo-me a agudeza de espírito para conseguir jogar. À espera de que eu conseguisse suportar a dor durante o jogo. E se suportei. Era difícil estragar mais o que restava daquele joelho. A dor já nem sequer era o mais grave; estava entorpecido de algum modo, o suficiente para tentar diminuir a medicação. Porém, se alongasse demasiado os intervalos, principalmente entre as tomas de *OxyContin*, sentia-me alvo de uma placagem ainda antes de me equipar. Dores nos ossos, dores de barriga, vomitar em cima do responsável do balneário. E coisas piores, difíceis de abordar. Eu borrava-me todo. A vontade chegava depressa e com força, associada a calafrios e tremuras, com tudo no meu interior a transformar-se num esguicho líquido. O que não deixa de ser estranho porque, na maioria das pessoas, a *OxyContin* provoca uma forte prisão de ventre. Até o utilizador ficar com síndrome de abstinência, quando acontece o contrário. Até ao momento, as emergências só tinham acontecido em casa, antes de ir para o treino. Mas andava cheio de medo. Sentia cólicas só de pensar nisso. O baile de receção dos antigos alunos seria em breve. Não só o jogo, que é uma mistura de lama, manchas de relva, mijo, gajos a mijar em copos ou toalhas ou atrás do banco de suplentes, desculpe se ainda não sabia disto. Eu estava a pensar mais naquela coisa que acontece no intervalo, em que temos de andar pelo campo de braço dado com uma rapariga à frente de toda a congregação de sexta-feira. Jogo em casa, claro. Equipamento branco.

Voltei a tomar a *OxyContin* à hora certa.

O baile de receção dos antigos alunos era ridículo. Sim, eu seria coroado. Por isso, a pressão foi muita em relação a convidar uma rapariga: a rainha é coisa

que não pode faltar. As miúdas não me largavam. Deixavam comida e bolachas no meu cacifo, nenhum problema com isso. Só que depois foram as fotografias. Lábios carnudos e mamilos espetados, o polegar enfiado no cós das calças de ganga com o fecho aberto, e eu a pensar *Quem raio tirou esta fotografia?* Já vais a meio do caminho, vai ao baile com *elas*. Se calhar sou um idiota, mas agradava-me a ideia de começar desde o início da cena de perseguição, não de saltar no último segundo antes de o veículo explodir.

Era fácil ter acesso ao meu cacifo. Por motivos práticos, a Angus, o Maggot, vários colegas de equipa e fornecedores de erva sabiam a combinação. Por isso, se as pretendentes fossem anónimas — a maioria não era —, eu só teria de fazer umas perguntas. Lamento dizer que não o fiz. Simplesmente, não estava para aí virado. Quem *estava* nessa era o Turp Trussell. O cacifo dele era ao lado do meu e conseguiu imensas guloseimas grátis, pois eu achava que não era correto comer as bolachas de uma rapariga que não iria convidar. Não gosto de me aproveitar das pessoas. O Turp achava que, pelo mesmo raciocínio, deveria ficar também com as fotografias, mas eu tracei um limite. Até que chega o dia em que o Turp está à espera junto do meu cacifo como um enorme balão vermelho quase a rebentar. O miúdo fora abençoado com aquele tipo de pele com borbulhas que parece carne cozida e que não é possível esconder. Está em pulgas, quase a ter uma síncope, e diz:

— Abre, meu! Abre lá isso!

Como se fosse o meu aniversário. É evidente que viu alguém a pôr lá alguma coisa. Apeteceu-me dizer-lhe para ficar com o que fosse, que o comesse, mas fiquei curioso. Inseri a combinação, abri a porta e não vi bolachas. Nenhum envelope com letra de rapariga. Apenas uma cena preta atirada lá para dentro à pressa, preso ao arame da espiral de um bloco de apontamentos. Demorei um segundo a libertá-lo e depois quase me caguei. Era roupa interior. Uma tanga. Nunca vira uma coisa daquelas sem a pessoa lá dentro. Nada de especial, renda à frente, nada atrás. Entretanto, o Turp está a fazer uma dança ridícula e quase a ter um ataque de asma, como se nunca tivesse visto umas cuecas, ou não, porque é evidente que viu. Pergunta repetidas vezes se têm selo.

— Têm o quê?

Agora está mais gente a assistir, a ver o Demon a ser um idiota de primeira. O que o Turp está a perguntar é se estão limpas ou se já foram usadas. Como raio é que posso saber isso, não faço ideia. Ele arranca-mas da mão, com ar trocista.

— Meu — diz ele. — *Cheira!*

Encosta-me as cuecas à cara e eu percebo. Uma rata, mesmo entre os olhos. Depois disto, vou ter uma aula de Cidadania. O fundo do meu cacifo está assinado com batom. Foi a Vicki Strout. A partir daquele dia, passaria a ser conhecida como Raspa e Cheira.

Compadeço-me da Vicki. Foi um risco que correu. Ainda hoje, é possível que os amigos maldosos dos filhos dela lhe chamem Raspa e Cheira nas costas dela, e a culpa é minha. Se aquelas raparigas me tivessem apanhado antes, levar-me-iam de vencido, mas agora só tinha olhos para a melhor. Se fosse ao baile de receção dos antigos alunos, só iria querer uma rainha. E não era a Vicki Strout.

E nem sequer tinha coragem para lhe telefonar, porque sabia a vida que ela tinha. Enquanto não perguntamos, podemos ter ainda outro dia com a esperança de uma resposta que não seja «Vai-te foder». Por isso, a coisa aconteceu da forma que provavelmente teria de acontecer. Foi a Dori que me procurou.

Foi numa segunda-feira. Eu passava imenso tempo em casa sem dar nas vistas, o que ela sabia provavelmente por ter perguntado. Estava na cama, a tentar rever jogadas mentalmente, num estado de semiconsciência, a sonhar com uma *lap dance* da Dori. Não eram só pensamentos de cariz sexual; uma pessoa não se limita a foder uma ninfa que é uma verdadeira fada. Ou, se sim, não conhecia essa história de manga em particular. Adiante, apanhei um susto de morte quando me virei e dei com ela a olhar para mim desde a porta do quarto. Minha nossa senhora, ali estava ela com aquelas sandálias de tiras, como se tivesse chegado a flutuar nas minhas ondas cerebrais.

— Olá — disse com a voz cava, a fazer lembrar água corrente.

Sentei-me demasiado depressa e ajeitei os lençóis à minha volta. Merda.

— Olá — disse. — Onde sabes me conheces? Quero dizer: como sabes onde moro? — *Merda, merda, merda.*

— Em quantas mansões do treinador Winfield achas que procurei antes de vir a esta?

— Desculpa. É uma hora esquisita para estar a dormir. Receitaram-me umas cenas que me deixam com a cabeça à nora.

Ela contornou os pés da cama e acercou-se da mesa de cabeceira, onde eu tinha as merdas todas. Pegou nos frascos de comprimidos um a um e inspecionou os rótulos. Depois sentou-se na cama, virada para mim, um joelho e um pé puxados para cima, a outra perna a baloiçar. Não trazia roupa de inverno, deveria estar quente lá fora. Tinha uns pequenos anéis prateados em dois dedos dos pés.

— Então, os estragos são grandes?

— A maior parte do corpo funciona bem. O resto acho que acabará por recuperar.

Brindou-me com um sorriso. Meu Deus, aquela cara, como conchas de baunilha, as maçãs do rosto arredondadas e a pele cremosa. Um pequeno nariz de fada. Olhos cintilantes, como se o centro preto tivesse engolido o resto. O vestido cor-de-rosa era de um tecido macio, como uma segunda pele, com um decote fundo e redondo a sorrir para mim por cima da concha dupla de mamas. Tive medo de chorar se não lhe pudesse tocar.

— Trouxe-te uma coisa. — Fez deslizar a tira da bolsa por cima do ombro.

— Não era preciso.

— Oh, era preciso, era. Nem fazes ideia. Uma questão de vida ou morte.

Senti que tinha algodão na boca e na cabeça enquanto pensava nas muitas coisas de que me arrependia. Tornara-me preguiçoso no que diz respeito aos banhos. Essa foi apenas uma de um rol de muitas coisas. Os seus olhos escuros vibravam com uma pergunta.

— O quê? Tenho de adivinhar?

— Nunca conseguirias adivinhar.

— Mas, se adivinhar — disse —, posso convidar-te para sair.

Valha-me Deus, aquele sorriso. Uma pequena covinha em cada face e o lábio inferior um pouco afastado dos dentes, como o sorriso mais sumarento possível. Convidativo.

Vasculhei o meu cacifo mental, que estava num alvoroço. Não era roupa interior, de certeza.

— É alguma coisa de que eu preciso?

— Decididamente, não. — Pareceu-me divertida. O pé pendente continuava a abanar.

— OK, isso quer dizer que não é uma garrafa de cerveja nem os meus trabalhos de casa de Geometria. — Ela abanou solenemente a cabeça. — Ando lá perto?

— Muito.

— Um frasco de ovos em conserva. Não, espera. Um Furby.

O riso dela transbordou. Como um porta-luvas a abrir e doces a caírem do interior. Eu sugeri mais uma série de coisas ridículas, só para ela o voltar a fazer. Por fim, deu-me uma pista.

— É a coisa que eu saberia que irias adorar, porque me disseste.

Eu não fazia ideia do que poderia ser. Praticamente nunca falara com ela antes deste momento, na vida real.

— Daquela vez em que nos conhecemos na loja — provocou-me. — «Pequenotes mesmo queridos…»

— Oh, não. Não acredito que te lembraste disso. Pintainhos?

Levou a mão à bolsa e tirou de lá uma embalagem de *Tampax* cor-de-rosa. Assim que a abriu, o pequenote começou a chilrear. Peguei nele, espantado com as pequenas patas fortes a enterrarem-se-me na palma da mão. Aquele tinha penas a sério, não era como as bolas de pelo com um dia de vida que eu tratara na loja, vivos e mortos. Tentei acalmá-lo, afagando-lhe a cabeça, que mais parecia uma avelã. A Dori observou-nos com o seu sorriso suculento, o pé ainda a abanar. Tinha sempre uma parte do corpo a mexer.

— Onde o foste arranjar?

— O que achas?

— Na loja do teu pai? Em novembro? Não faz sentido.

— Não é? Houve alguém que fez uma encomenda especial e não a foi levantar. A Donnamarie estava arreliadíssima com esta dúzia de pintainhos, a ligar lá para casa todos os dias, por isso tive de os ir buscar.

Consegui sentir-lhe o coração a bater através das penas.

— Ele não sentirá saudades dos amigos?

— Pronto, é o seguinte: eu não disse que era uma questão de vida ou de morte? Ele é o único sobrevivente. Uma história triste.

— Os outros *morreram*? Como?

— Então… Eu tenho um cão, o *Jip*. É muito meiguinho.

— Tão meiguinho que mata galinhas?

— Nem sequer sei como pôde acontecer. Eu estava lá fora a deixá-los andar por ali e o meu pai deixou o *Jip* sair, e, quando dou conta, ele está a *aspirar* os pequeninos.

O sorriso dela inverteu-se, triste como a noite. Senti mais vontade de a beijar do que de viver.

— Sobrevivente — disse para o meu amiguinho, encostando o punho fechado ao peito dele. — Tu e eu.

Acham que me ocorreu a regra de proibição de animais de estimação em casa, no ridículo de ter uma galinha dentro de casa, ou algo do género? O que acham? Tinha o pássaro na mão.

Perdi a cabeça e gastei demasiado dinheiro. Comprei-lhe flores; não no Walmart, mas numa florista a sério em Bristol onde havia uma flor exatamente da cor do cabelo dela. Orquídeas. Um *blazer* novo, não da Goodwill. Naquela chachada durante o intervalo estaria com o equipamento, mas a seguir tínhamos o baile e todas as atividades pós-jogo. Custou-me imenso não a poder ir buscar e levar de carro, mas a minha única opção era o *Mustang* do U-Haul, sob a supervisão do próprio. Preferia ir no corta-relva. Tentei convencer a Angus a deixar-me utilizar o seu *Jeep*, a ir sozinho ainda sem a carta de condução, só dessa vez; afinal, que bófia do condado de Lee é que multaria um atleta dos Generals em noite de jogo? Nada feito. A Angus continuava a provocar-me por causa da minha paixoneta da semana. Eu só lhe disse para esperar, que iria ver. A Dori era o amor da minha vida.

A Angus disse que o pintainho era o «fruto do nosso amor», meu e da Dori. Como muitos bastardos, acabou numa divisão das traseiras, dentro de uma caixa de cartão. A Dori trouxe-lhe um bebedouro e ração da loja. Nessa semana, visitou-me todos os dias, pois sentia-se bastante só, com a única companhia do

pai, que não padecia apenas do coração. Ela disse que não conseguia convencê-lo a ir ao médico. Só depois de sofrer o ataque cardíaco é que descobriram o cancro que, nessa fase, já o estava a devorar, pulmões e ossos. Um dia, fechou a porta e perguntou se podia deitar-se e chorar um pouco, enquanto eu a abraçava. Tudo em mim, todo o meu âmago, se revirou por aquela rapariga.

Foi ela que me levou às compras para o baile de receção dos antigos alunos e me convenceu a comprar o *blazer*, novinho, a estrear. Disse-lhe que não era um homem abastado, mas ela riu-se e disse que eu tinha pelo menos trezentos dólares no meu quarto. Cada comprimido de *Lortabs* era vendido por dez dólares e os de *OxyContin* por dezoito. Eu não estava preparado para me separar daqueles comprimidos, mas comprámos o casaco. Ela pediu a uma vizinha para ficar a cuidar do pai nessa noite de sexta-feira. Eu estava a contar os minutos que faltavam.

O problema da boleia acabou por se resolver. O treinador obrigou-nos a ir duas horas antes do pontapé de saída para treinar umas jogadas de última hora. Eu estava tão tenso por tantas razões, entre as quais cagar-me em público, que tomei todos os comprimidos que tinha de tomar. Fiquei na linha lateral, a ver o espaço vazio do nosso jogo que deveria ser ocupado por mim. Estava lá e ao mesmo tempo não estava, o barulho do público e as luzes do estádio a fundirem-se num demorado zumbido de gafanhoto nos ouvidos. A sentir o coração a bater na parte de trás dos joelhos e nos dentes. Um lastimável filho da puta. Só uma coisa me poderia salvar. Ela aparecera como um sonho húmido. O cabelo púrpura como uma queda-d'água de um dos lados da cara, o cintilante vestido azul também como água a escorrer-lhe pelo corpo perfeito. Queria bebê-lo do seu corpo. Antes do pontapé de saída, encontráramo-nos no parque de estacionamento para eu lhe dar a tal flor, mas na verdade apenas queria vê-la. Nem queria acreditar que viera mesmo. Fui buscar a caixa transparente ao carro do U-Haul, passei-lhe a flor pelo pulso e ela parecia uma criança na noite de Natal. Levantou-a para ver melhor. Ficava-lhe a matar. Ela nunca vira uma orquídea e muito menos recebera uma de presente. Fiquei para morrer quando tive de a deixar. Disse-lhe para procurar as meninas da claque, que lhe diriam onde se deveria colocar para a cerimónia do intervalo. Eu já levantara alguma

celeuma ao inscrever uma acompanhante que não fazia parte do quadro de alunos. Aquilo irritara bastante as meninas da claque e as miúdas que me tinham deixado bolachas no cacifo, mas assegurar-me-ia de que a Dori nunca ficaria a saber disso. Sentia-me cinquenta anos mais velho do que aqueles miúdos do secundário.

— Vemo-nos no campo — disse. Aquele sorriso com os lábios entreabertos. — Meu amor. — Esticou-se e beijou-me, um ataque-surpresa, e fiquei com tesão.

É horrível ficar com tesão com a coquilha posta. É como meter um V8 no compartimento do motor de um *Yugo*. Não consegui deixar de imaginar o que me esperaria mais tarde.

Fiquei com uma ideia no intervalo. Fizemos aquela cena toda do desfile, com a banda a marchar, a despedida, os nossos nomes anunciados nos altifalantes. Os segundos classificados com as suas acompanhantes da claque de laçarote vermelho no cabelo e saias do rato Mickey. Eu, o rei, com a rainha das sereias, tão orgulhoso quanto é possível alguém sentir-se com ombreiras e uma coroa de plástico do Halloween Express. Homenagearam os finalistas enquanto todos os outros esperaram a sorrir como se o calçado lhes apertasse os pés. Todos menos a Dori, que era uma brasa e *sexy*, e, ao mesmo tempo, mantinha toda a compostura. No meio disto tudo, segreda-me que tem uma surpresa para mim mais tarde. Uma coisa que tem guardado, porque, assim que se dá, perde-se. Meu Deus.

Não vale a pena descrever a segunda parte do jogo. Qualquer pessoa detesta perder o jogo do baile de receção, e é pior se for por nossa culpa. Não é que me tenham culpado. No fim do jogo, no balneário, a malta foi toda: *Foda-se, da próxima vez até comemos aqueles cabrões*. Mas eu sabia que o principal acontecimento do baile seria uma festa de consolação nas traseiras do ginásio. A Dori, claro, estava entusiasmada com o baile e por estar toda aperaltada, e mortinha por ver pessoas com quem não falava há que tempos, enquanto eu estava mais necessitado do assalto direto à *Mountain Dew* e à vodca. Queria estar lá fora com a equipa, num sítio onde a pudesse segurar bem pertinho à minha frente, um braço por cima do ombro e do peito dela como se fosse um

cinto de segurança. Os gajos todos a olhar para mim, tipo, *Meu, não correste nada, nenhuma recuperação, e mesmo assim conseguiste um dos anjos de Deus?* Ah, pois foi.

Por isso, andámos fora e dentro. O cheiro habitual do pavilhão a sovaco e *Lysol* tinha uma cobertura de perfume de rapariga que parecia superficial, como a treliça com flores feitas de *Kleenex* que fora emprestada pela Tractor Supply para tirarmos fotografias. Professores rabugentos a cumprir pena à volta da mesa das bebidas. O sistema de som a crepitar com uma mistura intragável de Thong Song, Destiny's Child e Mariah Carey. De vez em quando, toda a gente que estava no pavilhão dançava em sincronia ao som do *Electric Slide*. A Dori tentou apresentar-me às suas amiguinhas, mas era impossível conversar com aquele chinfrim. Dava para perceber que ela fora popular, uma daquelas que teria adorado continuar no secundário, se pudesse. Esquivei-me às danças por causa do joelho, mas a verdade é que não sabia dançar, tendo a minha principal parceira de dança sido a minha mãe, que só sabia danças ridículas: o Robô, a Minhoca, a Macarena. Já a Dori, uau! Às primeiras notas de cada música já ela parecia uma pequena bola pinchona. *Fixe, esta música!* A saltitar por toda a parte com o seu vestido e o sorriso refulgentes, sem dançar com ninguém em particular, apenas com todos os corpos em movimento. Apenas numa ocasião, uma música mexida deu lugar à *Beautiful Mess* e a besta do Keg Barnes puxou-a para dançar um *slow*. Mas, antes de ter tempo de o espancar, a música acabou e desatou toda a gente a abanar os braços ao som de *It's Gonna Be Me*.

Ficámos lá o máximo que me consegui ter de pé e depois pirámo-nos no *Impala SS* do pai dela. Os assentos daquela máquina pareciam sofás, à frente e atrás. Ela disse que sabia de um sítio onde podíamos parar, mas primeiro tínhamos de passar por casa dela para ver como estava o pai. Eu sabia que uma vizinha fora tomar conta dele, por isso, não percebi porquê, mas não discuti. A casa ficava longe de tudo, para os lados de Blackwell. Região rural profunda. Ia a falar com o gás todo, a dizer que se o pai estivesse acordado nos apresentaria outra vez porque quando nos conhecêramos na loja não contava, que ele não prestara atenção, pois não sabia que um dia eu levaria a sua filha a sair. Questionei-me se estaria nervosa como eu, mas não me pareceu, apenas

cintilante, como era sempre. Tagarela. Eu ouvi.

Acabei por não chegar perto do pai. Assim que abri a porta do carro, apareceu uma coisa a correr desde o alpendre na minha direção, como uma esfregona cheia de dentes. A Dori desatou a rir e disse:

— *Jip*, seu maroto, és *mau*. — E pegou nele ao colo e beijou aquele focinho imundo cheio de dentes, enquanto dizia que o *Jip* era um doce. Inacreditável. Fiquei à espera no carro.

O resto torna-se um pouco vago. Detesto isto. Por causa dos comprimidos, por causa dos copos, por eu ser um idiota, por causa de todas essas coisas, aquela noite maravilhosa é como uma casa fechada a sete chaves para dentro da qual tenho de olhar do lado de fora, pelas janelas. Lembro-me de ter os braços à volta dela, a controlar a direção enquanto ela acelerava e travava, condutores siameses. Os dois a rir por causa disso. E do sítio onde parámos, num lugar qualquer, um caminho de gravilha no cimo de uma colina que terminou num portão guardado por uma corrente de metal. Lá no fundo, um vale destruído e escória de uma velha mina com as árvores de recuperação na sua posição habitual, em fileiras, como os pontinhos na cabeça de uma boneca à qual arrancaram o cabelo. O luar era intenso e incidia nesses pequenos lagos ácidos em forma de feijão lá em baixo, o que lhes conferia alguma beleza. Eu estava ansioso e tenso, mas já estava habituado ao nervosismo. Porém, fiquei melhor quando a Dori me disse que também era a primeira vez dela, que se guardara para mim. Mesmo que ela me desse com os pés no dia seguinte, isso seria o suficiente para mim. Ou pelo menos foi o que pensei. Até que ela me mostrou a surpresa. São os choques que acabam por nos ficar na memória, enquanto o resto se esfuma. Ainda consigo ouvi-la a dizer aquelas palavras, o rosto iluminado pelo luar.

— O pai deu-nos um presente.

Eu disse que julgava que ele estava a dormir e ela disse que sim, que foi por isso que no-lo deu. Que ele não sabia. Com um brilho nos olhos, a segurar um pacote de folha de alumínio achatado, a espicaçar-me com ele antes de o rasgar. Eu a tentar ignorar o facto de o pai da Dori ter preservativos, mas não era um

preservativo. Era outra coisa, como um penso rápido. Era sem dúvida caro, pois ela estava a segurá-lo com imenso cuidado.

— O fruto proibido — disse ela.

Os frutos proibidos que eu conhecia não vinham dentro de pacotes.

Não era nada disso. Era um emplastro analgésico, muito especial. *Fentanil*.

Nunca esquecerei a surpresa seguinte: o *kit* que tirou da bolsa. A colher que utilizou primeiro para raspar o emplastro. O isqueiro que segurou por baixo. A bola de algodão, a seringa, tirar a tampa da seringa e segurá-la na boca como uma enfermeira a administrar vacinas. Não sei o que disse, mas ela percebeu que eu estava assustado e foi carinhosa comigo, usando a mesma voz que utilizara com o *Jip*. Explicou que tinha guardado aquilo porque dizem que a primeira vez que se utiliza com outra pessoa é a melhor sensação que se terá na vida. Que é como ter Jesus mergulhado na nossa corrente sanguínea.

Com Jesus ou sem ele, admiti que detestava agulhas. Ela tirou a tampa da seringa da boca e beijou-me demoradamente. Depois mergulhou a ponta da agulha no emplastro com imenso cuidado. A julgar pela forma como a língua pressionou o centro do lábio de cima, parecia alguém concentrado no melhor presente que alguma vez poderia dar. Extraiu alguma coisa do emplastro, espremeu a gota de gel transparente no dedo, depois meteu a ponta do dedo na minha boca, debaixo da língua.

Eu desviei o olhar depois de ela pousar o seu bonito pé no assento e descalçar o sapato, para se injetar. É provável que tenhamos dormido algum tempo a seguir. Agora sei o suficiente para o afirmar com certeza, que dormimos. Enroscados um no outro como dois bebés num útero equipado com guiador. Talvez tenha batido os dentes e me tenha suplicado que a abraçasse com força, à semelhança do que aconteceria mais tarde, uma e outra vez. Mas não me lembro.

O banco traseiro daquele *Impala* era tão confortável como qualquer sofá em que quiséssemos ter sexo. E tivemos, acho. Quero dizer, sim, tivemos, mas… porra. Gostava de me lembrar da primeira perfuração, mas só me ocorrem pequenos fragmentos, como se fosse um *voyeur* do meu próprio ato. Em determinado momento estive sem calças, pois lembro-me de ela ficar chocada com o meu pobre joelho todo rebentado e de demonstrar preocupação. Para mim,

o choque foi ver aquele vestido ser despido pela cabeça num só movimento, amarrotado na mão dela e descartado, do tamanho de um par de meias de ginástica. A surpresa de ver o corpo dela de uma só vez, a marca branca do biquíni na pele, como roupas invisíveis nos seus seios em forma de pêssego e no quadril.

O resto são bilhetes postais ilustrados. Ela a montar-me, meu Deus, sim, aquele riso a borbulhar de dentro dela. Pele sobre pele, o choque elétrico que isso provoca. Tocar-lhe. A minha cara no meio das pernas dela, as mãos dela no meu cabelo, a puxar com força. Encontrar o clitóris com a língua, a surpresa de haver mesmo ali alguma coisa, um pequeno amendoim macio. A voz da Linda Larkins durante o nosso sexo por telefone a ressoar na minha mente e a explicar-me como fazer tudo aquilo. A Linda era uma treinadora competente.

Se calhar já falei demais. O desejo de proteger a Dori, aquela ânsia dentro de mim que me impele a salvá-la, nunca desaparecerá, por muito tempo que passe. Mas, mesmo que eu fosse do tipo de me gabar, não há muito que contar. Apenas que foi a minha primeira vez, do princípio ao fim, se é que chegámos ao fim. No dia seguinte senti-me bastante desgostoso por não ter a certeza, mas a Dori era a minha miúda. Agora nada me poderia magoar.

43

Faltava uma semana. Para ser o homem mais feliz do mundo, a única preocupação era juntar-me outra vez àquele corpo magnífico. Tínhamos tudo planeado. Sexta-feira não. Era o último jogo da época e não queria comer a Dori com a dosagem que o jogo exigia. Além disso, a viagem de Richlands demoraria três horas de autocarro, e não estava para começar à meia-noite. Respeitava a miúda. Levá-la-ia a sair no sábado, começando pelo *drive-in*. Cedo, porque ela apreciava os filmes infantis. Entraríamos e sairíamos antes da socialização e dos copos. Eu comprar-lhe-ia pipocas, enroscar-nos-íamos a ver uma princesa qualquer da Disney e depois estacionaríamos nalgum sítio. A Dori arranjara uma pessoa para cuidar do pai, a mesma vizinha que não gostara muito da ideia e que dera a entender que quereria ser remunerada se isto se tornasse um hábito.

A merda chegou na tarde de sábado, e o moço de recados foi o Maggot. Eu sabia que deveria ter acontecido alguma coisa grave para ele telefonar. Pouco falávamos praticamente. Ele disse que o Sr. Peg estava mal, até aí nada de novo, pensei, mas o Maggot disse que a June ia lá e que passaria por minha casa para me dar boleia.

— Hoje não — refutei. — Irei amanhã, quando voltarem da missa.

— Ouve, Demon. Ele está acamado. — A voz do Maggot falhou. Amadurecera tarde, mas por fim tornara-se um homem. Tinha a barba por fazer e um pescoço comprido com a maçã de Adão saliente. A sua aparência tornava-se ainda mais estranha com a maquilhagem nos olhos.

Adiante, o Maggot informou-me de que não tinha alternativa; como de costume, a June pegara o touro pelos cornos. Por isso, telefonei à Dori a dizer que me encontraria com ela no *drive-in*. Pediria à June para me deixar lá depois.

Quanto tempo é que aquilo demoraria?

Não ia com a melhor das disposições no caminho para lá. A June ainda estava com a farda de trabalho, com o estetoscópio, ténis *No Fun*, o melhor equipamento para me prender com o cinto de segurança no banco da frente e me fazer um interrogatório: a cirurgia ao joelho já estava marcada, já tinha deixado de tomar aqueles analgésicos? Eu disse que o treinador iria tratar disso, agora que a época terminara. Não lhe disse para ir ver se a casa do diabo tinha congelado, porque só nesse dia é que permitirei que o especialista dos ossos me opere. Ela perguntou há quanto tempo é que eu não via os Peggots, outro tema delicado. Eu recusara convites para jantar, até que a Sra. Peggot deixara de os fazer. *Sabe como é, ocupado. Não faltarão outras oportunidades.*

Fiquei espantado por a Emmy não ir no carro connosco e por ir o Maggot, no banco de trás, encolhido na sua camisola de capuz preta como uma tartaruga furiosa. Perguntei se a Emmy se ia encontrar lá connosco e a June ficou carrancuda, dizendo que a menina Emmy agora pensava que certas regras não se aplicavam a ela. E que o Maggot estava a viver em casa dela há algumas semanas. Olhou de relance por cima do ombro como se ele tivesse alguma coisa para acrescentar, mas ele não o fez. Foi um passeio divertido.

A casa dos Peggots estava apinhada de carros estacionados numa invasão de familiares. Alguns, não os via há séculos, primos a quem dera uma abada a jogar *Warcraft*, agora transformados nos seus pais, a barba igual e tatuagens da Buckmark. O Hammer Kelly apanhou-me desprevenido com um forte abraço que mais pareceu uma placagem ou um homem a afogar-se. Não o via desde o dia do anel que não era de noivado e aquilo tudo. Estava com um ar destroçado. Disse-lhe para se animar, que ainda não era o fim do mundo.

E não era, tanto quanto eu sabia, mas aquela não se tratava de uma patuscada normal da família Peggot. Havia homens no jardim a falar baixinho, a arrastar as botas de trabalho, a soprar o fumo para as árvores. Tias com caras como velhos livros de bolso, a retirar o papel de alumínio de pratos cobertos dos quais ninguém iria comer. O Maggot não conseguiu entrar. A tia Ruby apanhou-me e disse que se eu ainda não fora lá acima ver o Sr. Peg, poderia ir quando alguém descesse. Aquilo não fez sentido. Disse que já tínhamos falado e ela fitou-me

com a língua a fazer um papo na bochecha, exatamente como a mãe dela, a Sra. Peggot, fazia quando nos apanhava a mentir. Ficámos ali, a Ruby com os seus cabelos pintados de preto a branquearem nas raízes, eu a pensar se havia alguma lei que ditasse que todos nos transformaremos nos nossos pais. Se assim fosse, esperava-me uma morte precoce. E o Maggot, meu Deus. Com um pai filho da puta como o Romeo Blevins, seria de desejar que os genes de prisioneira da mãe fossem mais fortes. Jurei à Ruby que ia procurar o Maggot e que iríamos os dois lá acima ver o Sr. Peg.

Fui dar com ele à beira do riacho, o sítio onde costumávamos brincar quando éramos pequenos. Agachado na penumbra, a atirar pedras para a água.

— Então, Tempestade — disse. — Qual é a previsão?

Virou a cabeça sobre o pescoço comprido.

— Ei, Wolverine. Corta a merda das unhas.

Sentei-me e dei-lhe um murro a fingir no ombro, e até esse pequeno gesto de violência o fez encolher-se ainda mais debaixo do capuz. Atirou outra pedra para o riacho invisível.

— Nós éramos uns Vingadores deploráveis — disse. — Sabes, não sabes? A vingança nunca nos pertenceu.

— Fala por ti. Tu é que escolhias sempre o superpoder inútil.

— Está bem. Quer dizer que, já naquele tempo, o facto de eu ser a Tempestade era um insulto à tua masculinidade.

— Estou só a dizer. Podes escolher o que quiseres e vais escolher o poder que te permite fazer com que aconteçam merdas em termos do *clima*? É como limitar a tua capacidade de propósito.

— *Ou* fazer com que o clima seja bom. Ver sempre as coisas pela positiva! — Olhou-me de esguelha com uma expressão que me assustou, mesmo no escuro.

— Está bem. Tenta convencer-me de que desejar os bons-dias a alguém é um poder útil.

— Como se tu soubesses, Sr. Desportista. Estou à espera de ter um bom dia há… o quê? Oito ou nove anos? — Pegou numa pedra e arremessou-a com tanta força que a ouvi a embater com estrondo num sicómoro na outra margem. *Tchoc*, um golpe fatal inesperado.

E depois, merda. O Maggot desatou a chorar. Convulsivamente, como que a gritar, mas com o som desligado. Tive medo de lhe tocar. Fiquei ali a desejar poder dar-lhe algum conforto, com algo dos nossos tempos de infância, quando toda a gente nos dava abébias. O Sr. Peg, meu Deus. Tinha uma paciência de Job. Quando nos levava à pesca, tinha de pousar a sua própria cana vezes sem conta para me salvar a mim e ao Maggot das nossas linhas atiradas para as árvores por cima de nós ou enredadas no fundo. O Sr. Peg prendia o isco nos nossos anzois utilizando as minhocas nas quais o Maggot se recusava a tocar. É possível que o Maggot detestasse pescar. Se eu soubesse, não o deixaria dizê-lo por medo de que o Sr. Peg deixasse de nos levar. Agora, observei-o a torcer-se como um farrapo, sem saber que poderes existiam capazes de o salvar.

O Sr. Peg faleceu nessa noite. O velhote esmoreceu até se findar, enquanto por debaixo do seu corpo, da cama, do ventilador e do chão, a vigília de pratos tapados e fumo no jardim se prolongou noite dentro. De manhã, a Sra. Peggot e a irmã lavaram-no e cortaram-lhe o cabelo. Depois ligaram à funerária para o irem buscar.

O Maggot não se foi despedir. Ficámos ali à beira do riacho até depois de a maldita Lua se ir deitar. Ele estava a viver em casa da June por causa da desavença que tivera com o Sr. Peg. As últimas palavras que tinham trocado foram um convite recíproco para irem para o inferno. Disse que uma parte dele lamentava o sucedido, mas outra parte não, pelo que agora viveria dividido para sempre. Tê-lo-ia levado lá acima se soubesse que era a sua última oportunidade. Poderia ter-me esforçado mais. O Sr. Peg era a melhor parte da vida de merda do Maggot. Da dele e da minha.

Por isso, o meu segundo encontro com a Dori foi uns dias mais tarde, num funeral. Ela foi-me buscar no *Impala* do pai, nervosa. Disse que não tinha ido a muitos funerais, nem sequer ao da mãe, pois era muito pequena. Tudo o que me contou foi que ela morrera num acidente, uns miúdos a fazer corridas numa noite de sábado, a mais de 160 quilómetros por hora numa zona comercial. A mãe da Dori parara no Kwikmart para comprar pilhas para o telecomando e arrancara no momento errado.

Naquele dia, o funeral da minha própria mãe estava-me atravessado na garganta. Fiquei afetado com a forma como aquele era diferente. Na igreja dos Peggots, com os bancos de madeira polidos pelos rabos e os vitrais de Jesus e suas ovelhas coloridos como *puzzles*. Não era uma daquelas igrejas de cidade com o campanário falso e a tabuleta no exterior com piadas sobre Deus, apenas uma igreja rural normal, pequena. Mas que multidão, santo Deus. Na despedida, a fila saía pela porta e dava a volta ao pequeno cemitério, com pessoas de todos os estratos sociais a tremerem nos seus sobretudos enquanto esperavam para se despedirem de um morto. Não só Peggots e familiares, mas pessoas que eu nunca pensei que o conhecessem. A Donnamarie da loja de produtos agrícolas. O treinador Briggs. Até o Stoner apresentou a sua cara feia, a dar uma de antigo bom vizinho, com a sua empregada de mesa menor de idade, agora grávida-criança-noiva. O pai dela era o dono da Pro's Pizza, pelo que é provável que o Stoner a tenha engravidado pelas bebidas grátis. Não falei com ele. Caminhei entre as sepulturas e fui ver o buraco que fora aberto para o Sr. Peg com um monte de terra ao lado que parecia demasiado grande para voltar a caber lá dentro. Aquele cemitério era tão pequeno que uma pessoa deveria ter de ser sócia há uma eternidade para conseguir lá um lugar. Foi uma surpresa ver o Hammer Kelly sozinho na orla do bosque. Apresentei-lhe a Dori e ele foi educado como sempre, todo ele corte de cabelo horrível e sardas, e muito gosto em conhecer-te, mas parecia um caco, tal como na outra noite. Senti-me arrependido do que lhe dissera, que não era o fim do mundo. O Sr. Peg era o que ele tinha de mais parecido com um pai. A Dori estava com frio para ficar na fila, por isso fomos para dentro, onde encontrámos a June e o Maggot. A June utilizara os seus superpoderes de Mulher-Maravilha para convencer o Maggot a vestir fato e gravata, pelo que ele parecia um jovem simpático barra *zombie*. A Emmy continuava em parte incerta. A June conhecia toda a gente, incluindo uns velhotes que tinham trabalhado com o Sr. Peg nas minas. Homens com quem ele fora à caça e à pesca quando era mais novo, antes de nós, uns fedelhos, o impedirmos de estar em melhor companhia. Diria que metade do condado marcou presença. O Sr. Peg era uma pessoa. Senti-me orgulhoso por ter uma ligação a ele, mas o entusiasmo diminuiu um pouco ao ver toda aquelas almas

que também tinham uma ligação, se calhar mais forte. Mas eu e a Dori pudemos sentar-nos na zona reservada à família. A June pôs-nos lá com os filhos e netos, e isto é uma estupidez, eu sei, mas encheu-me de orgulho. Uma sensação semelhante à que sentia ao correr para o campo com o meu equipamento e todos os olhos postos em mim. Como se fosse uma pessoa de valor. A cerimónia foi muito diferente da da minha mãe. Aquele padre *conhecia* o Sr. Peg. Contou imensas histórias sobre ele, e as pessoas queriam estar ali. Não a fechar as portas dos seus corações ao infeliz falecido, mas a rir e a chorar sobre uma vida. Traquinices de infância, como levar um bezerro para a escola e trancá-lo no gabinete do diretor durante a noite. Ser o cabecilha de um grupo de rapazes que, com fisgas, disparavam bagas contra a parede das traseiras daquela mesmíssima igreja, deixando manchas vermelhas semelhantes a buracos de balas nas ripas brancas. Depois, cabecilha do grupo de rapazes que tiveram de repintar toda a igreja. Também traquinices de adulto, como quando o Sr. Peg e o pai daquele mesmíssimo padre caíram de um barco no Carr Fork Lake, afirmando os dois, desde então, ter salvado o outro de se afogar. Noutra ocasião, porém, o Sr. Peg salvara sem dúvida a vida de um homem, quando estavam a castrar touros. Eu nunca soube destas histórias. A pessoa que ele salvara era o avô da Donnamarie. O que nos ficou do sermão foi a forma como as pessoas criam ligações de diferentes maneiras, visíveis e invisíveis, e que o Sr. Peg atara imensos nós na enorme rede de pesca que nos mantém unidos. Por outras palavras, morto, mas vivo nos nossos corações. Foi isso o que mais me custou. No funeral da minha mãe, fecharam o caixão e pronto, acabou-se. As coisas boas que ainda eram conhecidas sobre ela, se é que as havia, estavam todas comigo, e eu sentia-me demasiado furioso para fazer alguma coisa com elas. Até gozara com a forma de ela dançar, o que provavelmente era a minha mãe no seu melhor.

A Dori segurou-me a mão o tempo todo. A mão dela parecia um passarinho na minha, um ser que poderia proteger se me esforçasse o suficiente. Alguma coisa mudou e me disse para começar a ser adulto naquele preciso momento. *Ora aqui está um nó que eu posso atar*, pensei. *Nunca permitirei que se desfaça.*

Depois dos enterros, geralmente há um jantar no recinto, ou seja, um piquenique na igreja, mas estávamos no inverno e havia muita gente para poder

decorrer dentro da igreja, pelo que decidiram fazê-lo na sala de convívio na cave da funerária. Nesse mesmo dia, no piso de cima, estava a realizar-se o funeral de outro conhecido. O Collins, que eu substituíra na equipa. Ainda não completara os dezoito anos e deixava uma namorada e um bebé. Aquele corpo bem constituído: morto. Céus. Só soube o seu nome próprio quando o vi no letreiro no corredor que dava para a casa mortuária. Aidan.

Na cave, os enlutados do Sr. Peg chegaram como um carreiro de formigas com os seus guisados, os seus bolos, as suas gelatinas verdes tapadas com película aderente. Nada abre mais o apetite do que uma pessoa que já fez a sua última refeição. A Ruby estava a discutir com as irmãs mais novas por causa da disposição, a desatinar com a June. Demasiadas galinhas no mesmo galinheiro. Não me apetecia ficar, mas não podia ir-me embora sem falar com a Sra. Peggot, que fora carinhosa comigo quando a minha mãe morrera. Eu devia-lhe muitas coisas, mas principalmente isso.

Demorei algum tempo a encontrá-la, sentada em silêncio com os seus cabelos grisalhos em desalinho e um vestido preto com os ombros muito maiores do que ela. A afastar com um aceno de mão todas as pessoas que se azafamavam à volta dela. Cuidara das outras pessoas desde que fizera quinze anos e casara com o Sr. Peg, com todos aqueles filhos e depois o Maggot. Agora, estavam todos a dizer que, finalmente, ela poderia descansar um pouco, mas, se ninguém a deixasse mexer um dedo, seria o fim dela. Foi assim que ela me pareceu, uma órfã do mundo. Seria de pensar que uma pessoa que perdeu tudo sabe o que dizer a outra, mas eu não sabia. Ainda assim, puxei uma cadeira e sentei-me, e ela apertou-me a mão com tanta força que doeu. Sem sequer olhar para mim, apenas agarrada a mim. Eu queria apresentar-lhe a Dori, mas ela fora levada, a nova atração das primas, as raparigas mais novas a fazerem-lhe perguntas e a cobiçarem-lhe os lindos cabelos. A Dori era assim. Mágica. Avistei-a do outro lado da sala a falar com as mãos, como era seu apanágio, sempre em movimento, a apontar para mim para mostrar a toda a gente que era a mim que ela pertencia. Se alguém não souber o que é ter Jesus mergulhado na corrente sanguínea, para mim era isso.

Foi uma tentação ficar e comer, pois havia imensa comida, por isso ficámos.

Depois, a meio da cerimónia, apareceu a Emmy. Houve um sussurro generalizado, garfos de plástico e coxas de frango suspensos no ar. Não a vira na igreja, mas deveria estar lá. Trazia uma daquelas flores que é costume tirar-se do caixão. A June fulminou-a com um olhar que dizia «vem aqui», mas a Emmy virou-se e afastou-se, com aquela rosa de caule comprido ao ombro como se fosse uma espingarda.

Comi depressa e fui com o Maggot lá fora dar umas passas. A Dori estava a divertir-se à brava, mas eu já estava farto da festa, e o Maggot precisava de uma licença da guerra que estava a ser travada no seu cérebro, com o Sr. Peg morto no campo de batalha. Não digo que os problemas do Maggot e os meus fossem idênticos, mas o remédio era o mesmo. A erva é versátil. Estávamos ali a discutir estupidamente sobre o motivo por que uma funerária havia de ter uma fila de contentores do lixo nas traseiras (na opinião dele: excesso de cadáveres) quando, de repente, ouvimos uma briga de mulheres. Uma coisa mesmo violenta; quase que dava para ouvir as unhas a enterrarem-se na carne. Dobrámos a esquina sob a nossa bruma de bem-estar e ficámos em choque ao ver a Rose Dartell a agarrar um punhado de cabelo da Emmy, que, pelos gritos, devia estar a ficar com peladas.

Os meus reflexos não estavam no seu melhor, mas consegui ir pelas costas da Rose e afastá-la. Já no que diz respeito ao cabelo, não consegui fazer nada. Mudei a posição para um mata-leão enquanto a Emmy tentava, com as duas mãos, libertar-se dos punhos da Rose. Por fim, a Emmy cambaleou para trás, a pequena saia aos folhos torta, os *collants* rasgados, pedrinhas cravadas nos joelhos. Os olhos a faiscar. A Rose libertou-se de mim com tanta força que tive um vislumbre dela a crescer com o Prego-a-Fundo, o miúdo assassino, e ele a prendê-la. Atravessou o parque de estacionamento a bater os pés, meteu-se dentro de uma carrinha de caixa aberta e arrancou com os pneus a chiar, fazendo estacar a turba vestida de preto que vinha a sair pela porta da frente. A Emmy pisgou-se no mesmo instante, descendo o beco em toda a sua glória devastada. Eu e o Maggot vimo-la cortar caminho por entre os contentores do lixo, a caminhar pesadamente na direção da lavandaria automática e para oeste.

— Mas que merda foi esta? — perguntei ao Maggot.

Começaram a chegar à porta mais pessoas que estavam no funeral no andar de cima, perdendo a rixa por pouco. Familiares do Collins. Este pensamento quase me destruiu. Avistei aquela que só podia ser a namorada, com o bebé e a cara enrugada, agarrada ao filho como se fosse a última coisa que lhe restava na vida. Tinha um penteado antiquado, com um volume atrás da bandolete. Lembrei-me de a ver na escola; uma das raparigas mais rústicas. Sabia que deveria ir dizer-lhe alguma coisa, mas sabe Deus o quê.

— Falaste com o Hammer? — indagou o Maggot.

— Apenas para lhe dar os sentimentos. Por causa do Sr. Peg e isso.

— Ele não está fodido só por causa disso. A Emmy acabou com ele.

— Já? Pois, foda-se. Foi uma rapidinha.

— Por tua causa, meu.

— Nunca lhe toquei num cabelo. — Senti que estava a ficar com as orelhas vermelhas. — Desde o 4.º ano.

— Tu não, idiota. O teu amigo pomposo. Pelos vistos, a parceira dele ficou lixada.

Eu já estava bastante confuso, e o Maggot teve de me fazer um desenho. Eles tinham sido vistos juntos. A Emmy e o Prego-a-Fundo. Senti um aperto no peito, como se tivesse ali uma maçã podre. «O amigo do Demon, aquele tal de Prego», dissera a June, e andara a perguntar se o jovem que eu apresentara à Emmy era decente. Eu disse ao Maggot que não o conhecia suficientemente bem para o afirmar. Antes fosse verdade.

44

Tudo em cima, ou tudo em baixo. Eu agora era assim, a ser espancado com as duas pontas dessa chibata antes de o dia acabar, nunca com as duas ao mesmo tempo. Apenas a Dori sabia aquilo por que estava a passar. O treinador dissera-me para reduzir os *Percocets*, deixar de tomar a *OxyContin* e poupar o joelho ao máximo. Se a dor não fosse um problema, dissera, eu poderia fazer o desmame dos medicamentos, recuperar, e ele pôr-me-ia em forma para competir no próximo outono.

Fiz o que ele disse, ou tentei. Todos os dias. Até começar a esconder vomitado no blusão amarrotado e a deixar os lençóis todos transpirados. Nesse momento cedia, tomava dois comprimidos e começava tudo de novo. Geralmente, dois *Percocets* e meia *OxyContin* pela manhã ajudar-me-iam a levar o dia na escola como uma pessoa minimamente normal, e depois a tarde e a noite eram demasiadas horas para suportar, até, até… Até à hora seguinte que não é completamente horrível, graças a outro comprimido. A dor não era a questão. A dor é apenas… olhe é como um ruído ou um cheiro muito mau. Uma pessoa está ali, a dor também, cumprimentamo-nos e fazemos um acordo. Estou a falar de uma sensação interior, no sangue e nos pulmões, como se tivesse sido mordido por uma serpente por dentro. Tremores, diarreia, um corpo do qual não queremos que ninguém se aproxime enquanto não o consertarmos. A questão era: quanto tempo é que aquele frasco duraria?

A resposta era: finais de dezembro. O Dr. Watts passara-me a receita algumas vezes e eu tomara exatamente as doses que ele e o treinador tinham recomendado, até à triste derrota em Richlands. Não vou fingir que sempre fui aquele miúdo obediente, mas agora tinha pessoas que estavam a contar comigo,

e não eram só os colegas de equipa, isto era ao nível do condado. Pela primeira vez na vida, tinha um trabalho de homem para fazer e coragem para cumprir a minha parte. Não chegámos às meias-finais, por causa de um filho da puta de um defesa mau como as cobras e de Deus dar a sua cagada da praxe em cima do Demon. Mas, mesmo depois de me lesionar, fiz tudo o que pude para ser o homem que o treinador achava que era. Agora, o treinador já estava a pensar nas próximas épocas, eu a deixar os medicamentos e em forma, pelo que preferiria morrer a pedir outra receita. Porém, morrer parecia uma opção real. Dia após dia, o frasco cor de laranja chocalhava a sua tristeza para mim, cada vez mais vazio.

A salvação foi a Dori. Tudo foi a Dori.

Queria uma segunda primeira vez com ela, embora na realidade fosse a nossa quinta ou sexta. Estávamos a ir a um ritmo alucinante. Mas eu queria que a Dori soubesse que sentia por ela o mesmo que os adultos ou as pessoas casadas sentem, ou ainda mais. Estarmos juntos daquela maneira. Não num carro. Foi uma meta que me propus atingir.

Passámos a maior parte do nosso tempo a cuidar do pai dela, o Vester, na sua casa rural que cheirava a piloto de fogão a gás e a fraldas de adulto. Nada *sexy*. O *Jip* ficava uma fera sempre que eu entrava por aquela porta, achatando-se no chão de linóleo como se fosse um tapete de pele de ratazana, os seus olhos redondos a fulminarem-me. A cama de hospital do Vester ficava no quarto da frente para ele poder ver quem chegava e quem ia embora, que, tristemente, não eram muitas pessoas. Algumas vezes por semana, iam lá enfermeiras de cuidados ao domicílio tratar de coisas que a Dori não conseguia fazer, como mudar os cateteres e assim, e a Dori punha-se na cavaqueira que nem doida com elas, pois sentia-se só. A maior parte das coisas era ela que tratava, incluindo cortar o cabelo do homem. Disse que todas as amigas tinham deixado de se dar com ela assim que o Vester adoecera. Prosseguir os estudos não era uma opção, pois tinha de levar o pai todos os dias a especialistas diferentes. Nessa fase, essas deslocações eram provavelmente a melhor parte da vida dela. A buzinar sempre que atravessavam a fronteira de um estado para outro, a ter a sua grande aventura.

Quando ia às compras, deixava-me a tomar conta dele, o que implicava principalmente assegurar-me de que os tubos de oxigénio não lhe caíam do nariz. Ele queria que me sentasse perto dele e ouvisse a história da sua vida, em que o ataque cardíaco fora a menor das suas agruras. Não sabia a idade daquele homem que era o pai da Dori, mas mais parecia o avô, e de facto casara com uma mulher dez anos mais nova. Mas também não era tão velho como parecia. Cinquenta e um anos. Trabalhara nas minas antes dos despedimentos, não como mineiro, mas na manutenção da unidade de preparação, mineração subterrânea contínua. Eu não sabia exatamente do que se tratava. Por causa disso, estivera em contacto com poeira de carvão e amianto. Disse que chegava a casa coberto de pequenos filamentos brancos dessa substância, como depois de ir ao barbeiro. Despia o fato-macaco, largava-o no chão da cozinha ao lado da máquina de lavar e não pensava mais no assunto, porque ninguém lhe disse para pensar. Quando lhe fora diagnosticado o problema nos pulmões, recebera uma indemnização por causa do amianto, e fora assim que ele e o irmão tinham aberto a loja de produtos agrícolas. Mas agora o irmão tinha morrido e ele era como se estivesse morto. Assim, o conselho que me deu foi que não procurasse dinheiro para recuperar a vida. Não lho disse, mas não me importava de saber o que era ter dinheiro. Compraria um joelho novo, porque um dos meus estava desfeito. Assim, fiz os possíveis para mudar de assunto e falar de motores de automóveis e jogadas de futebol, e tentei não olhar fixamente para a caveira por detrás da cara dele e para os ossos dos braços por debaixo da pele cheia de sinais.

Uma característica digna de nota da casa deles era um cavalo no telhado, de plástico, quase do tamanho real. Costumava estar no telhado da loja, mas quando era pequena a Dori suplicara para o levarem para casa, pelo que ali estava. Isto acontecera depois da morte da mãe e de vários aspetos da vida familiar colapsarem. Todo o piso de cima era um museu dedicado à falecida mãe, venezianas poeirentas fechadas, armários cheios de vestidos que nunca tinham deitado fora. O quarto da Dori também era estranho, mas de outro tipo, a rivalizar com o da Haillie McCobb no que diz respeito a bonecos de peluche, mas com pósteres do tema *Dirrty* da Christina Aguilera e uma caixa do Sims, *Deluxe Edition*, onde escondia os preservativos. Disse que lhe foram oferecidos

por uma das enfermeiras de cuidados domiciliários. Nós curtíamos na cama dela, porque não nos conseguíamos conter, mas só até determinado ponto. O pai dela estava quase sempre a dormir, pelo que não era um problema. O problema era o *Jip*. O adorável *Jipzinho*. Quando não estava a ladrar como um desalmado para mim, estava a rosnar baixinho, como uma serra elétrica, e a fitar-me como quem diz que me quer castrar. Nem pensar em despir as calças naquela casa.

A minha primeira escolha teria sido ao ar livre, no bosque, em cima de um cobertor, com pirilampos a rodopiar à nossa volta. Uma cena muito à Disney, ela iria adorar, só que estávamos em pleno inverno. Tive de ser criativo. O sítio especial em que pensei foi a quinta do Creaky, que fora hipotecada e vendida a um forasteiro que nunca aparecera para a cultivar. Ouvia-se falar de pessoas da cidade que compravam e vendiam terras no condado de Lee que não precisavam para nada, só porque eram baratas como o esterco e serviram como mais uma forma de esconderem o seu dinheiro. A produção de tabaco do Creaky esteve em pousio duas estações, os campos de pastagem do gado estavam cheios de cardos, e nenhum desses problemas me dizia respeito. Depois de o velho morrer, a víbora não fazia mal a ninguém. Das poucas vezes que lá fora para fazer a pilhagem, fruíra do local.

Tinha pensado na sala de debulha, que fora o meu esconderijo de criança. Localizava-se no subsolo, como uma cave fria, com paredes de pedra frias em todas as épocas do ano, e húmidas ao toque. O frio mantinha os talos curados macios, pelo que era possível trabalhar durante o inverno fazendo a debulha manualmente. Mas eu costumava ir para lá só para estar sozinho, em segurança. Nunca ninguém me encontrara lá. O chão de terra macia e o cheiro adocicado do tabaco sempre me encantaram, como começar a vida no ventre de uma mãe que desta vez estava a fazer as coisas bem feitas.

Levei lá a Dori. Com uma garrafa de *Thunderbird* e umas velas que surripiara no funeral do Sr. Peg, vejam só há quanto tempo já andava a planear isto. Disse-lhe que tinha uma surpresa e ela ficou toda entusiasmada, como uma aniversariante. Com qualquer outra pessoa, poderia ter sido deprimente, conduzir pelas estradas desertas, caminhar pelo meio das ervas daninhas, por entre um silêncio absoluto apenas interrompido por um corvo ou uma árvore despida a

queixar-se do tempo. Mas com a Dori foi o contrário. Ela ficava tão empolgada com a coisa mais insignificante que uma pessoa ficava feliz por estar viva. Empurrei a porta pesada como se fosse da torre de menagem de um castelo. Estendemos a nossa colcha e só tirámos a tampa da garrafa já depois de estarmos nus e um em cima do outro. Os lábios frios dela e os seus pequenos dentes a morder-me as orelhas, o choque dos seios com os seus olhos castanhos a mirar-me. A sensação de resvalar por ela adentro, a força atrativa. Depois de chegar àquele ponto, nada nos podia parar. Eu passara grande parte da vida com fome, e esses tempos não foram diferentes. A cada minuto que passou, ansiei por aquela sensação com outra pessoa, aquela proximidade. Era como se não conseguisse respirar enquanto não tivesse a Dori encostada ao meu corpo. Só então é que a ânsia acalmava e permitia que outros pensamentos bons e estranhos me acorressem à mente. A beleza da elegância da vida, bebés a mamar, o nascimento de um bezerro a escorregar da progenitora daquela maneira, como sangue a ser servido de um jarro.

Depois, fiquei deitado a olhar para o tabaco pendurado por cima de nós como roupa a secar esquecida na corda. Já estava curado, não havia dúvida. Pensei em levar algum para enrolar em mortalhas *Zig-Zag* e distribuir pelos meus amigos, para variar, em vez de ser sempre o mesmo teso a mendigar. Pensamentos aleatórios e em paz. Só me sentia assim depois de foder que nem um louco com a Dori. Ela gostava de ficar em cima de mim, equilibrada sobre o meu peito e barriga escorregadios e o meu pau húmido e murcho. Às vezes dormitava. No início, eu tinha medo de não estar a fazer as coisas bem feitas, mas ela disse que fazia. Como ela sabia, que outros gajos lhe tinham ou não tinham tocado da forma certa, não queria saber. Éramos perfeitos juntos. Ela disse que, antes de sermos nós, não éramos nada. Era por isso que conseguia adormecer em cima de mim, a perfeição do nosso vínculo. Ou, quando não dormia, deixava-se levar pelos pensamentos e fazia perguntas casuais.

Naquele dia, na sala de debulha, perguntou se eu alguma vez reparara que aqueles insetos de mil patas, quando esmagados, cheiram a refrigerante de cereja. Mexendo apenas a boca, foi isso que perguntou. Com essa, retraí-me. Quer dizer, estamos nus. Perguntei se tinha visto algum. Ela disse que não,

estava só a pensar. Também perguntou se os animais sabiam que iriam morrer um dia. Só podia estar a pensar no *Jip*, ela adorava aquele bicho, por isso eu disse que não.

— Se calhar, às vezes, mesmo antes de morrerem, se tiverem tempo — disse eu. — Mas na generalidade, diria que um animal normal vive numa pequena bolha, como se estivesse sempre pedrado.

Senti o sorriso dela no peito. Ela acreditava em tudo o que eu dizia. Perguntou o que pensava que o nosso pintainho iria ser quando fosse grande. Respondi que achava que seria um galo. Produzia sons nesse sentido. Para me provocar, a Angus começara a chamar-lhe Filho Bastardo, e, para a irritar, eu adotara esse nome, apesar de agora o animal estar a viver no barracão das ferramentas e não ter qualquer amor, a menos que a Mattie Kate se lembrasse de ir lá alimentá-lo.

Por fim, a Dori deslizou de cima de mim. Estava a bater os dentes, então dei-lhe a minha camisa de flanela. Ela encostou-se à parede, puxou os joelhos para o peito e abotoou a camisa à volta do corpo inteiro, joelhos e tudo. Parecia uma almofada de tecido escocês com a cabeça a espreitar por cima e os dedos como pequenas ervilhas cor-de-rosa por baixo. Apeteceu-me tomá-la nos braços e escondê-la em algum sítio. Observou-me com os seus olhos pretos brilhantes enquanto acendi as velas do funeral do Sr. Peg, abri a garrafa e servi o *Thunderbird* em copos de papel. Parecia que estava na missa, naquela parte em que dizem: *Lembrai-vos de quem morreu pelos vossos pecados*. No meu caso e da Dori, as melhores pessoas que conhecêramos tinham morrido precocemente, antes de termos alguma boa oportunidade de pecar, pelo que havia que recuperar o tempo perdido. Talvez fosse por isso que nunca considerássemos errado nada do que fazíamos.

Não precisámos de mais do que do vinho para ficarmos rosados. Ela já me dera uma pequena dose de alguma coisa antes de sairmos, para eu estar feliz e não indisposto. O meu estômago era sempre a minha perdição, num estado lastimável devido aos dias alternados de *OxyContin*, e só digo uma coisa: nada estraga mais o ambiente do que encher o *soutien* da namorada de *Chick Fil-A*. Isso só aconteceu uma vez, e ela foi muito querida a enxugar-me, utilizando a sua *t-shirt* para limpar os restos do meu queixo. Mas eu só conseguia pensar nela

a dar comida de bebé à boca ao Vester, as mãos retorcidas agarradas às barras da cama, fazendo um esforço para chegar à colher, e fiquei aborrecido. A caminhar como um velho já com um joelho coxo, recusei-me a ser outra porcaria para a Dori ter de limpar. Por isso, depois desse episódio, ela tinha sempre qualquer coisa para me animar. Uma coisa ou outra, *Xanax*, *Klonopin*, uma pitada dos emplastros de morfina do pai, se não houvesse mais nada, mas geralmente havia.

Naquele tempo, pensava que sabia tudo. Vira pessoas na escola, no balneário, até no funeral do Sr. Peg, com manchas nas pontas das camisas. Manchas esverdeadas como de relva, ou castanho-rosadas como a terra. Como é que essas pessoas podiam ser tão desleixadas, pensei, a andar por aí com as camisas sujas. Não sabia que era o revestimento dos comprimidos que impede que o precioso fármaco se dissolva de uma só vez no estômago. Cor-de-rosa cobreado nos de 80 miligramas, verde nos de 40. Derrete-se na boca como *M&M's*. É deixá-lo lá durante um minuto, depois tirá-lo e esfregá-lo na camisa, e temos à nossa frente uma pérola branca e reluzente de oxicodona pura. Mais opioide do que qualquer comprimido alguma vez inventado. Com um dólar compra-se um frasco inteiro através do Medicaid, para esmagar e snifar um a um, ou para dissolver e injetar com seringas para vacinar ovelhas da Farm Supply, na dobra de um braço ou entre os dedos dos pés. Há mais maneiras de as pessoas tentarem esquecer os seus fantasmas do que há versículos na Bíblia.

Há que compreender os motivos da Dori. Como podia ser fantástica e divertida, mesmo depois de todos os amigos a abandonarem. Como tinha paciência para tratar de um homem com a respiração ruidosa e choroso, envelhecido antes do tempo. Porque estava sempre a abanar o pé. Os seus olhos cintilantes não eram mesmo pretos, mas azuis. Quando me debruçava para a beijar, conseguia vislumbrar um ínfimo crescente de azul-celeste à volta do enorme centro negro. Se levassem uma vida como a dela, a maioria das pessoas já teria perdido as estribeiras há muito.

O mais certo era o treinador pensar que eu já não andava a tomar comprimidos e que estava apto para ir para o ginásio fazer musculação e voltar à boa vida. A Angus andava a chatear-me por causa do Natal, queria ir roubar um pinheiro.

Tentei não conviver muito com os dois. Era capaz de tragar à pressa uma das refeições preparadas pela Mattie Kate ou dormir, duas necessidades imprescindíveis, mas arranjava desculpas para o resto. A Angus revirava os olhos, o que me deixava fulo. Um gajo não precisa de dar explicações para ir comer a namorada, é um dado adquirido. A Dori era uma querida com eles. Quando ia lá a casa, levava-lhes presentes da loja de artigos agrícolas do pai, como meias, farelo para o Filho Bastardo, claro, fatos-macaco *Carhartt*, de que a Angus gostava imenso, *t-shirts* térmicas tamanho XL para o treinador. Uma vez, levou um banquinho com um assento de trator. Sem dúvida uma ideia aleatória, mas mesmo assim mais sensata do que um pintainho dentro de uma caixa de *Tampax*. E nada disso me valeu um livre-trânsito para mandar bugiar a vida familiar e o Natal, embora, na opinião da Angus, o conceito fosse invenção minha.

Azar. A minha única preocupação em relação ao Natal era o que oferecer à Dori. Não me saía da cabeça aquele primeiro Natal espantoso que passei com a Angus, como vasculhara todas as lojas de penhores de uma ponta à outra até encontrar o presente que era a cara dela, como se tivesse gastado um milhão de dólares. Queria sentir outra vez essa sensação de ver uma pessoa e ser visto. E não a conseguiria com a Dori, ela era demasiado fácil. Se embrulhasse uma caixa de preservativos em papel de presente, ela diria que era a melhor prenda que jamais recebera, o que é uma deceção. Um gajo não é reconhecido se não acertar em cheio no presente que oferece. Mas não era justo pensar nos velhos tempos e no que me divertira com a Angus. Amava a Dori com todas as forças.

Alguma coisa feminina pareceu-me uma aposta ganha, um frasquinho de verniz ou maquilhagem, sobre o que eu não percebia patavina, a não ser que não há disso à venda na feira da ladra. A Angus não me ajudaria. Eu sabia que tipo de música a Dori gostava: Christina, Avril Lavigne. A Pink era o ídolo da Dori. Era nisto que eu matutava durante a semana antes do Natal enquanto fazia recados na cidade a pedido da Dori. Compras de Natal pela calada. A Dori fazia questão de ser ela própria a levantar a medicação do Vester, mas eu precisava do carro para a minha missão, por isso convenci-a a deixar-me ir buscar o correio e os cheques dos subsídios à estação dos correios, e depois ao Walgreens para

aviar as receitas. Última paragem, mercearia. Eles só comiam coisas congeladas: o Vester vivia de puré de batata e a Dori de tartes de merengue. Sugeri *nuggets* de frango e coisas do género, para equilibrar a roda dos alimentos. Mas, de qualquer forma, não se pode deixar essas merdas no carro num dia de sol, mesmo em dezembro.

Portanto, era aí que eu estava, à espera numa longa fila na farmácia enquanto a empregada de balcão, a mascar pastilha, o cabelo como aqueles bonecos *troll*, falava com uma cliente sobre os cuidados a ter depois da operação ao ânus do marido. A velhota trazia umas daquelas botas transparentes que se calçam por cima dos sapatos. O Sr. Peg chamava-lhes *galochas*, palavra que eu e o Maggot utilizávamos para substituir palavrões. *Seu galocheiro, vou-te galochar*. Deveria ir visitar a Sra. Peggot. A consulta farmacêutica arrastou-se. A rapariga arrancou um cupão de uma caderneta que estava em cima do balcão e começou a desenhar um ânus no verso com uma esferográfica. Por detrás dela, havia uma parede cheia de cubículos exatamente iguais aos da estação dos correios de onde eu acabara de vir. Esses cubículos estavam todos cheios de sacos de papel brancos com medicamentos pagos pelos cheques dos subsídios. Não seria boa ideia juntar os dois serviços e poupar trabalho? Tipo balcão único. Por cima da parede de cubículos da Walgreens, estavam guardadas embalagens de todos os medicamentos para constipações que continham pseudoefedrina: *Maxiflu CD*, *Drixoral*, *Sinutab*, *Flu Maximum Strength*, etc. Deveria haver ali umas quinhentas caixas, que já não se encontravam nas prateleiras, graças ao Maggot e aos seus amigos larápios.

Enquanto fitava o filão de pseudoefedrina, alguém me tocou no ombro. Era um sujeito corpulento, de barbicha, óculos, demasiado cabelo para a sua cabeça.

— Tommy — disse eu. — O que estás aqui a fazer, meu?

Explicou que não viera buscar medicamentos, apenas *Dew* e *Doritos* para o almoço. Pôs-me a par dos acontecimentos dos últimos meses desde que nos encontráramos no *drive-in*. Continuava a trabalhar no jornal. Fora promovido e já não esvaziava os cestos do lixo. Disse que agora tratava de coisas no jornal em si, da disposição das notícias, posicionando os anúncios em sítios da página que chamavam a atenção dos leitores. Ganhava o suficiente para deixar de viver com

os infelizes dos colegas com quem partilhara o apartamento e agora tinha o seu próprio espaço. Tive de dar o braço a torcer ao Tommy, que conseguira sair da fábrica de órfãos e se tornara um humano decente. Disse-lhe que a nova barba lhe ficava bem, embora na verdade realçasse a sua familiar trunfa, mas já se sabe… velhos amigos. Falei-lhe da Dori e perguntei se ele ainda tinha aquela namorada. A surpreendente resposta foi que sim. Chamava-se Sophie, uma rapariga amorosa, que ainda vivia na Pensilvânia, pelo que ainda não se tinham encontrado. Talvez no próximo ano.

A fila começou a avançar e o Tommy teve de voltar para os seus anúncios, mas disse-me para lhe fazer uma visita. Escreveu a morada num papel e pediu desculpa por não ser uma casa propriamente dita, mas sim uma garagem. Não tinha casa de banho nem cozinha, mas planeavam instalá-las. Arrendara o espaço a um casal muito simpático que o deixava usar a casa de banho da casa. Tinham quatro filhos e ele às vezes ficava a tomar conta deles. Deu para entender que isto era importantíssimo para o Tommy, fazer parte de uma família. Disse que lhes lia *Magic Treehouse*. A menina mais nova gostava de livros; o menino não tanto, estava mais numa de *Grand Theft Auto*, e os outros dois eram demasiado novos. Gémeos. A menina chamava-se Haillie. Não dava para acreditar. Eram os McCobbs.

A primeira coisa que lhe perguntei foi:

— Tu vives mesmo numa garagem ou numa casota com uma máquina de lavar e secar?

Tinha bastantes mais perguntas depois desta. Sim, era uma garagem. Sim, estavam sempre preocupados por causa de dinheiro, mas o Sr. McCobb abrira uma empresa de venda de produtos para perder peso chamada Wate-O-Way, dedicando-se sobretudo a aliciar outras pessoas por uma taxa de trezentos dólares para também integrarem a equipa de vendas da Wate-O-Way. O Tommy estava convencidíssimo de que o Sr. McCobb não tardaria a ser um homem rico. Ainda não pusera os olhos em cima de um produto que fosse, mas, alegadamente, seriam uma revolução na perda de peso. Oh, Tommy.

Ele nem queria acreditar que eu conhecia aquelas pessoas. A minha família de acolhimento de há muito tempo. Apeteceu-me dizer: «Tommy, pega nas tuas

merdas, sai daquela garagem e nunca olhes para trás.» Mas ele adorava aquela família e eu não quis estragar-lhe a ilusão. Disse que um dia passaria por lá com a Dori e que o levaríamos a ele e aos McCobbs ao Applebee ou algo do género, oferecia eu. O que era um disparate. Não faço ideia por que razão disse aquilo. Não me importaria de rever as crianças, em especial a Haillie, para ver como ela se estava a aguentar naquela família marada. Mas o principal motivo terá sido um desejo de comer tudo o que me apetecia à frente deles. Comeria até rebentar, dois hambúrgueres. Uma estranha forma de vingança.

Porém, antes de ele sair da farmácia, tinha de o avisar sobre as negociatas do Sr. McCobb.

— Tudo bem em relação à Wate-O-Way — disse eu —, mas que não te passe pela cabeça meter dinheiro nisso.

Oh, Tommy. Tarde demais; já o tinha feito.

45

O resto desse inverno está indistinto, como se houvesse uma nuvem a pairar por cima de mim e o 10.º ano. A única certeza que tenho é que a minha casa era a da Dori, cada vez mais. Guardava lá as minhas roupas e os medicamentos. Tinha os meus suores noturnos em lençóis que não seriam um segredo para a Mattie Kate guardar. Estava a tentar reduzir a dose de *OxyContin*, não tanto como gostaria, pois os pequenos extras da Dori estragavam-me os planos. Ela não o conseguia evitar, era uma pessoa solidária. Cantava para o Vester enquanto lhe dava de comer, cantigas infantis como a *Twinkle Star*. As enfermeiras que prestavam cuidados ao domicílio vinham três manhãs por semana, em regime de rotatividade, e a Dori disse que eu era um primo e não o namorado. Ainda preocupada com os serviços sociais. Porém, não cabia às enfermeiras controlar-nos. As enfermeiras aconselharam-na a guardar os comprimidos e os emplastros num lugar seguro, provavelmente a pensar que ela era mais velha, não uma rapariga de dezassete anos responsável pelos narcóticos do pai. Apenas mais um caso de toda a gente a tentar fazer o trabalho que lhe compete.

O Natal passou num piscar de olhos, e a Dori, como não podia deixar de ser, adorou os presentes que lhe dei, enquanto a Angus fez de conta que não ficou amuada com as que não lhe dei. Afinal, ela é que dissera que o Natal não era nada de especial. Foi o que repeti constantemente a mim mesmo. Aquela casa estava a voltar ao seu estado natural. Eu não fora mais do que uma breve perturbação da paz.

Mas tinha saudades dela, da Angus. Da sua indiferença. Quero dizer, o sexo é bestial e tudo, como qualquer pessoa o pode confirmar, mas também não é nada mau passar tempo com outra pessoa deitados em pufes, a atirar pipocas um ao

outro quando o outro se peida.

Tinha carta de condução, mas não tinha para onde ir. Se fosse de casa da Dori para a escola, ela ia comigo para levar o carro de volta e ia-me buscar mais tarde. Abandonada na nossa ilha. Os meus amigos mais recentes eram colegas de equipa e, depois da lesão no joelho, deixaram de me dar tanta atenção. O secundário é assim, um bando de pessoas incapazes de qualquer tipo de socialização adulta. E os meus antigos amigos de recurso, os Peggots, andavam numa fona. Por isso, a minha vida resumia-se à Dori, a deixar passar o tempo enquanto ela aquecia refeições no micro-ondas para o Vester ou o lavava com uma esponja. Tirando isso, passava o tempo a dormir. Retomei os meus antigos hábitos solitários, voltando a desenhar nos meus blocos de apontamentos, não disparates pueris de super-heróis, mas coisas que via por aí. Desenhei um *cartoon* de três quadradinhos da *Espiã do Walgreens* a passar segredos codificados em diagramas em forma de ânus ao agente infiltrado *Galochas*, por isso… Um disparate de uma categoria completamente diferente.

Voltei a frequentar as aulas de Arte da professora Annie, quando me dava ao trabalho de ir à escola, mas o sucesso de outrora havia sido em grande medida motivado pela paixoneta que eu tinha por ela. Ter de repetir a matéria do ano anterior revelou-se uma desilusão. Vê-la a explicar aquelas coisas extraordinárias sobre contraste e proporção da primeira vez foi como ver um génio da magia. Da segunda vez, foi apenas uma professora. Ela continuava a achar que eu tinha talento, mas provavelmente ficou mais desiludida comigo quando adormeci. Tudo bem. Bastava-me ser especial para a Dori.

Além dos aspetos práticos, como as aulas de condução escolares darem acesso direto à carta, a escola foi perdendo preponderância, como seria de esperar para um rapaz que se está a tornar um homem. Cidadania, nem sei explicar o que isso é. O professor de Matemática foi o professor Cleveland, que tinha um acordo com o treinador. Os atletas da equipa recebiam uma nota que nos mantinha elegíveis. Tive de frequentar as aulas complicadas de Inglês, que eram um desperdício de tempo a ler livros. Curiosamente, houve alguns que li até ao fim sem dar conta disso. Aquele tal de Holden[22] prendeu-me à história. Detestara a

escola, fora para a cidade para andar atrás de prostitutas e vira uns ricaços a fazer disparates, até que percebemos que tudo o que deseja é estar ao fundo de um campo a amparar rapazinhos antes que eles caiam do precipício, como lhe aconteceu a ele. Consegui ver isso. Refiro-me a *ver* mesmo. Desenhei-o, com aqueles abismos brancos na fronteira com o Kentucky onde a menina Pereira me tinha levado certa vez. Como nunca vira o centeio a crescer, desenhei-o como se estivesse à espera do tabaco. Posso dizer o mesmo do livro do Charles Dickens, um estrangeiro que já morreu há que tempos, mas, cum caneco, se ele percebeu como as crianças e os órfãos são intrujados e toda a gente se borrifa para isso. Poder-se-ia pensar que ele era destas bandas.

O acontecimento mais marcante desse inverno foi a estúpida aventura do Demon. O plano propriamente dito, o pouco que implicava, foi uma provocação da Angus. Do tipo «não és homem nem és nada». Eu andava a passar bastantes noites em casa do treinador para convencer todas as partes de que ainda vivia ali. Ele via-me a coxear, dava a entender que eu seria submetido a uma intervenção cirúrgica, e eu estava a fazer os possíveis para parecer um passado e futuro *tight end* que não era viciado em drogas. Certa noite, eu e a Angus estávamos no nosso covil a ver um programa qualquer de natureza sobre a extraordinária foca-leopardo. Eu estava com a neura. Afinal, embora fosse o meu maior desejo, nunca iria estar mais perto de ver o mar do que num maldito televisor fabricado no Japão. Verbalizei o que me ia na alma. E ainda me lembro dos seus enormes olhos cinzentos como o mar a fitar-me como quem diz *Estás à espera de quê?* Quando a Angus queria fazer alguma coisa, fazia-o e pronto. Por isso, talvez tenha sido por despeito ou orgulho.

— Muito bem, sabes que mais? Vou mesmo — disse-lhe.

Comecei a comentar o assunto com a Dori, o que foi uma maldade. É claro que ela queria ir; a praia iria encantá-la, porque tudo a encantava. Ainda não há muito ela fora uma rapariga divertida e popular na escola, antes de o pai e as suas viagens de cinco horas de carro para ir ao médico lhe terem destruído a vida. Agora, via-se obrigada a convencer uma vizinha a tomar conta do Vester para podermos sair de carro e parar nalgum sítio. Porém, percebeu que era uma

coisa que eu desejava muito e suplicou-me que fosse sem ela. «Tira fotografias», disse. Isto foi antes de toda a gente ter telemóveis com câmaras, por isso pedi uma *Polaroid* à Angus.

Sem a Dori, precisaria de um meio de transporte. O Prego-a-Fundo não teria sido a minha primeira escolha, mas tinha carro e geralmente estava interessado numa aventura, se houvesse copos em quantidade suficiente. Pelo telefone, disse-me que estava cheio de trabalho na quinta, preso por causa dos seus cavalos, que me tinham dito que não eram os *seus* cavalos, mas não lhe disse nada sobre isso. Pedi-lhe para pensar no assunto. Ele disse que talvez. Depois, falei com o Maggot, ciente de que ele alinharia em qualquer coisa que o tirasse de casa. A June estava mortinha por expulsá-lo, depois de estabelecer certas condições que ele não conseguia cumprir. Ela era bastante tolerante com os penteados dele, pelo que deveria haver mais, mas não perguntei. Até mesmo um pequeno incidente relacionado com erva poderia fazer transbordar o copo, pois ela enveredara por uma campanha de luta contra as drogas desde a Guerra Mundial contra o Kent, a ponto de o Maggot ir a casa da Dori só para enrolar um charro.

Em menos de um minuto, o Maggot deu com a língua nos dentes à Emmy, que anunciou que também iria, o que acabou por convencer o Prego-a-Fundo. Nunca soube o que nasceu primeiro, se o ovo ou a galinha, em relação àqueles dois, mas compreendi que íamos embarcar numa espécie de triângulo de amor e ódio com a June Peggot ao barulho, o que não é um problema de geometria que queiramos tentar resolver. Mas, raios, tudo o que me interessava era o mar. Ia à praia da Virgínia, na Virgínia. Uma cidade que escolhêramos só pelo nome, sem fazermos ideia de onde iríamos passar a noite depois de sentarmos o cu na relva ou, de preferência, na areia. Não tínhamos dinheiro, nenhum plano traçado, nem suprimentos suficientes para avançarmos oito quilómetros, quanto mais oitocentos. O Prego-a-Fundo tinha conhecimentos numa cidade que ficava a caminho, alguém que o poderia ajudar a conseguir dinheiro fácil, e isso foi quanto bastou para quatro pessoas pedradas em juventude e extremamente inexperientes.

Tenho de admitir que não foi só isso. Uns miúdos da escola andavam a

pavonear-se com o seu plano de ir à praia nas férias da primavera. Era o grupo da Bettina Cook, com as suas roupas da *Abercrombie*, os cartões Express dos papás e carros comprados na CarMax e oferecidos pelo décimo sexto aniversário, embrulhados em grandes laços amarelos. Miúdos que só têm de dizer: «Ei, vamos apanhar uma moca em Myrtle Beach» para que isso aconteça sem terem de se esforçar. Metade deles se calhar nem queria saber do mar e a outra metade nem sequer o veria se perdessem os sentidos de papo para o ar na merda das dunas. Não tenho inveja nem nada, eu.

Mas perder a cabeça daquela maneira, a pensar que jogava na mesma divisão daqueles miúdos, querer e ter? A Dori nunca estivera noutro estado, a não ser para levar o pai a especialistas em doenças cardiopulmonares, e, nos últimos tempos, era uma sorte quando conseguia ver as traseiras do Walmart. Fui uma besta ao esfregar-lhe na cara esta viagem e depois fazê-la, sabendo que ela não poderia ir. Não tenho desculpa. Se calhar todos os miúdos são assim, desejam demais. Como o Maggot, levando todos os esforços até ao limite, até fazer saltar a tampa dos pobres avós que casaram aos quinze sem terem outra esperança na vida além de terem filhos e não os verem morrer. Já nós, queríamos a merda do mundo. Fizemos de conta que éramos tão bons como os miúdos do grupo da Bettina Cook, enquanto a Bettina fazia de conta que era uma Kardashian. Todos nós já assistíramos a programas de televisão em que os pais tinham empregos e os miúdos viviam o sonho das grandes cidades com as suas escolhas de indumentária e rios de dinheiro. Até a consumir drogas, aqueles miúdos em idade escolar a quem tudo era perdoado, e é uma comédia porque não são pobres. No universo deles, ninguém os rejeita por serem diferentes e quererem este mundo e o outro.

No nosso, vivemos acorrentados: à família, aos pais, se tivermos sorte; a pessoas mais velhas que nos criam, se não a tivermos, e de quem nós acabaremos por cuidar com o passar do tempo. As probabilidades de não sermos destinados à grandiosidade são de cem para uma. Os nossos apreciar-nos-ão de qualquer das formas. Por outro lado, se lixarmos alguém ou exagerarmos em termos de vergonha ou choque, cruzar-nos-emos com o pessoal deles no parque de estacionamento do Hardee’s ou do Dollar General, muito provavelmente

nesse mesmo dia. Haverá repercussões. O mesmo se aplica se nos armarmos aos cucos; as coisas dão para o torto. Por isso, acabamos por seguir a nossa intuição, num sítio onde todos podemos coabitar. Esse universo não é retratado na televisão nem no cinema. Pessoas da montanha, pessoas das zonas rurais e do campo, é como se não existíssemos. Ser invisível é uma treta. Podemos chegar ao ponto de fazer uma algazarra só para nos certificarmos de que estamos vivos.

Na primeira noite, chegámos a um sítio chamado Cabrão Faminto[23]. Não estou na tanga. Tínhamos começado da forma mais desordenada, toda a gente excitadíssima, a precisar do seu calmante de eleição. Depois, fora preciso curar a ressaca com uma bela noite de sono. E, para me despedir da Dori, precisara de um sexo do género «desculpa, querida», que demora mais tempo do que o normal. Por isso, tínhamos atravessado apenas alguns condados, estava a anoitecer e lá estava aquela placa a anunciar Cabrão Faminto, que não era um restaurante nem um homem com fome, mas um parque, com mesas de piquenique e afins. Um lago. Era fevereiro; não nos tínhamos dado ao trabalho de esperar pelas férias da primavera, pois estávamos muito mais à frente daqueles miúdos ricos e também com mais vontade de nos baldarmos às aulas. O parque estava deserto, a área dos piqueniques e o lago só para nós. Perto da água, uma enorme extensão de areia.

— Foda-se, malta. É a filha da puta da praia — disse o Maggot ao apear-se da carrinha, desdobrando-se como um canivete. Esticou os braços compridos e saltitou sobre os dedos dos pés.

— Não nos precipitemos — disse eu.

A areia era castanho-escura, como um tapete de boas-vindas puído para o monótono pavimento do lago. Mas a Emmy estava a cantar «*Beach, Beach, Baby!*» e a saltitar de lado pelo parque de estacionamento, como um potro de pernas altas e magras com as suas calças de ganga justas e as botas de couro de cano alto. Os três passámos por cima de uma pequena vedação e chegámos à areia. A entrada era um portão fechado ao lado de um pequeno bloco de sanitários e máquinas de venda de *snacks* e bebidas, tudo deserto. O Prego-a-Fundo acendeu um cigarro e encostou-se à carrinha, observando-nos ao seu

estilo, a cabeça inclinada para trás, os olhos semicerrados.

Aquela extensão de areia não tinha mais de quarenta ou cinquenta metros, com pilares de madeira a amparar uma vedação de corda dos dois lados. Do outro lado, a terra do costume e bosques. Alguém enchera camiões de areia e despejara-a ali, julgando que nunca ninguém tivera a mesma ideia. Além disso, aquela praia artificial estava bastante nojenta por causa do que as pessoas ali deixavam: copos amachucados com palhinhas vermelhas a espreitarem pelas tampas, os restos enegrecidos de uma fogueira. Um *soutien* branco rasgado, meio enterrado na areia. O Maggot acendeu um charro e começou a cantar *Margaritaville*. A Emmy fez enormes bolas de areia molhada que se desfizeram quando as atirou contra nós. Esses dois estavam a rir como crianças. Fiquei com a sensação de que não estariam interessados em ver o mar a sério.

— Ó malta, isto não é a praia. Sabem disso, não sabem?

— *Stepped on a cow flop! Blew out my tip-top* — cantarolou o Maggot, meneando as ancas e caminhando em bicos de pés pela areia com as suas botas estranhas.

Só para provar que o mundo inteiro estava contra mim, uma gaivota fez um voo rasante e pousou perto de nós. Grande, branca, já as víramos em fotografias. Caminhou pela escuma na margem da água, fitando-me com um olhar malicioso.

— Palerma, isto não é o mar! — berrei.

A gaivota não fez caso de mim.

O nosso Marlboro Man de cabelos encaracolados continuava ali com as suas botas à *cowboy* e a *t-shirt* branca justa enfiada nas calças de ganga. Não confiava nele, e acho que nunca tinha confiado. Um miúdo nas minhas circunstâncias aproveita todo o poder a que consegue deitar a mão. Quanto à relação dele com a Emmy, não faço ideia. Ela passara o dia a provocar, com uma camisola azul e fofa com botões nas costas, aparentemente desenhada para obrigar os nossos pensamentos a focarem-se em despi-la. Como é que ela conseguira vesti-la sozinha? O Prego-a-Fundo conduzira com a mão esquerda e o braço direito à volta dela, mas parecia desinteressado, como se estivesse à espera de uma proposta melhor. De vez em quando pedia-lhe para abrir outra lata de cerveja da embalagem que ia aos nossos pés.

Agora, vimo-lo lançar a ponta do cigarro com um piparote e caminhar na nossa direção, passando por cima da vedação num só movimento, como numa corrida de barreiras. Não tinha lesões nos joelhos. Os *quarterbacks* deixam que sejam os outros a sofrer as consequências.

— Caramba — disse, contemplando a paisagem. — O que temos aqui? Pede e receberás.

— Isto *não* é o mar. *Não* é a praia — insisti.

Ele caminhou para a água. Olhei fixamente para as pegadas com a biqueira pontiaguda na areia. Baixou-se, apanhou do chão uma embalagem de esferovite amarela amachucada com manchas de *ketchup* e encostou-a ao ouvido.

— Pouco barulho — disse, o dedo encostado aos lábios, os olhos arregalados. — Consigo ouvir o mar.

Eu apanhei uma lata de cerveja amachucada e atirei-a à gaivota, que levantou voo.

A Emmy riu-se com o seu riso de estrela. O Prego-a-Fundo pegou-lhe pela mão, fê-la rodopiar e, de um momento para o outro, estavam a dançar: a mão esquerda dele a agarrar a dela e a direita pousada na sua omoplata, empurrando-a para trás com pequenos passos. Como se estivessem a ouvir a LeAnn Rimes a cantar *Can't Fight the Moonlight*, e azar dos outros que não ouviam. O Maggot acocorou-se sobre as pernas compridas, os cotovelos apoiados nos joelhos tipo um louva-a-deus, de ar amuado. Era evidente que já tinham feito aquilo, dançar. A Emmy faria as suas exigências. Pareciam um casal dos filmes, a Emmy a seguir os passos dele, as costas arqueadas, a sorrir para ele. Notava-se os contornos de uma carteira bojuda no bolso de trás das calças dele. Rodopiaram pelo areal até que ele a levantou pela cintura e a pousou num dos pilares da vedação de corda. A Emmy levantou as mãos juntas acima da cabeça e ficou assim equilibrada com o luar a passar pelo meio dos pinheiros escuros nas suas costas. Parecia perfeita ali. O campanário de uma igreja.

Então, o Prego-a-Fundo agarrou-a pela cintura e passou-a por cima do ombro como se fosse um saco de farinha, a Emmy a rir e a espernear, e toda a beleza se esfumou.

Aquele lugar, Cabrão Faminto, foi uma partida que o destino nos pregou. Não

tínhamos comido o dia inteiro. Decidiu-se que o Prego-a-Fundo e a Emmy iriam à vila buscar *Pizza Hut* ou algo do género. Tirámos dinheiro dos bolsos para entregar ao Prego-a-Fundo, e eu e o Maggot ficámos para trás, como se fôssemos mais lixo na praia artificial. Arrastámos um tronco até junto à água para nos sentarmos lá. A Lua estava mais oval do que redonda, mas mesmo assim parecia soberba, projetando uma estrada de prata luzente pela água aos nossos pés. *Venham daí,* disse a Lua. Tínhamos os rostos e os corpos pintados de prata. Quando olhei para o Maggot de perfil, o nariz e o queixo recortados na claridade, percebi que não era uma criança. Crescera e tinha o queixo anguloso e barbeado, a maçã de Adão saliente. E parecia que estava a reduzir na maquilhagem. Talvez agora fosse só ele, sem maquilhagem, com as compridas pestanas pretas que faziam inveja aos primos. Interroguei-me se estaria apaixonado pelo Prego-a-Fundo, como todos nós estávamos.

Eu e o Maggot ficámos sentados no nosso tronco, apáticos, deixando o luar realçar a nossa beleza. Para ser franco, o local até era bonito, a não ser pelo facto de não ser o sítio onde queria estar. Do outro lado da água cintilante, havia uma montanha de forma cónica crivada de pinheiros que se erguia para a abóbada celeste. A Lua tinha à sua volta uma auréola indistinta. Estava frio e continuava a arrefecer.

O Maggot gritou para a montanha por cima do lago:

— Quem está aí?

Como nos bons velhos tempos em que brincávamos ao rei da montanha.

— Ninguém, apenas estes dois filhos da puta famintos — gritei.

Durante um bom bocado, gritámos para o lago e a montanha escura para ouvirmos o nosso eco.

— Sou um CABRÃO FAMINTO — gritámos.

Faminto faminto faminto. Cabrão cabrão cabrão.

Os ecos soaram apenas na nossa mente, com a ajuda de uma broca. A verdade é que, por muito que gritássemos, nenhum som nos era devolvido.

A Emmy e o Prego demoraram uma eternidade a regressar, e chegaram com uma *pizza* fria e as caras quase em carne viva, como se tivessem estado na marmelada. Desgrenhados. Percebi que os botões nas costas da camisola da

Emmy estavam descasados. Comemos a *pizza* no areal, o que não recomendo como opção turística por causa da areia. Tínhamos levado um monte de cobertores com a ideia de acampar e agora, sentados na praia, estávamos com eles pelos ombros. O Maggot e a Emmy tinham as colchas que a Sra. Peggot fazia para os netos todos a partir de retalhos das roupas que deixavam de lhes servir. Eu costumava deitar-me na cama do Maggot a olhar para a dele, a recordar todos os bons tempos que passámos. Por exemplo, as calças de bombazina verde que ele rasgara a brincar nas minas de carvão de Ruelynn.

Quando acabámos de comer, pensámos em utilizar um abrigo para piqueniques para pernoitar, mas desistimos da ideia ao fim de dez segundos. A temperatura estava a cair a pique. Não se via vivalma no parque. Encontrámos umas cabanas e forçámos a entrada numa que, em nossa defesa, não estava trancada. Os beliches tinham colchões com cheiro a mijo de rato. Podia ser pior.

Os outros caíram logo no sono. Reparei que o ressonar do Maggot mudara com a voz. O Prego e a Emmy tinham as águas-furtadas e estava tudo em silêncio lá em cima, pelo que já tinham pinado. Eu só pensava na Dori. Como teria sido o seu dia com o Vester? Que grande besta eu era para a abandonar. Além disso, estava a ficar com suores, apesar do frio, por isso levantei-me e tomei uma pequena dose de *OxyContin* para evitar problemas de maior durante a noite. O Prego-a-Fundo receava que fôssemos mandados parar pela Polícia e exigira que levássemos apenas o essencial, erva e cerveja. Quando chegássemos a Richmond, levaríamos uma carga valiosa, no âmbito do seu acordo de negócio, e ele disse que se encarregaria disso. Nos tampões das jantes, presumi, ou colada com fita-cola a partes da carroçaria; ele era experiente. Interroguei-me se o destinatário do acordo seria a Rato, a sua amiga pequenina e mandona que vendera a sua mercadoria escondida na lata de *Pringles* na festa do 4 de Julho. Ela dissera que era de Fila, mas era possível mudar a localização de um ninho de Rato.

Senti de imediato a *OxyContin* a aliviar a dor de barriga, mas não o cérebro. Não consegui dormir. Demasiado longe de casa, um cheiro a mijo de rato demasiado forte. Embrulhei-me nos cobertores e saí para o alpendre. O frio no exterior era exatamente igual ao do interior. Havia umas cadeiras de baloiço e

sentei-me numa, enquanto habituei os olhos ao escuro. Fiquei espantado quando vi a porta abrir e outro casulo de cobertor esgueirar-se para fora, silencioso como um gato. Era a Emmy. Lembrei-me daquelas noites no apartamento da June em que ela se esgueirava para se deitar comigo no forte de almofadas que eu construía. Águas há muito passadas. Sentou-se na outra cadeira de baloiço. Não consegui ver nenhuma parte do corpo dela, apenas a sua colcha de infância.

— Olá — disse-lhe. — Até a Lua já se foi deitar. Qual é o nosso problema?

Ela ficou algum tempo em silêncio, depois disse:

— Um gajo ameaçou a minha mãe de morte.

— Foda-se. Quem?

— Um viciado em comprimidos. Não foi o primeiro, mas este foi há poucos dias. Depois eu e o Maggot pirámo-nos sem lhe passar cavaco, pelo que neste momento ela estará lá sozinha, preocupada connosco, enquanto um maluco qualquer pode andar a rondar a casa com a sua *Mac-10* a preparar-se para lhe rebentar os miolos.

O surpreendente conhecimento demonstrado sobre armas de fogo tornou aquela frase bastante incómoda.

— Porque é que alguém quereria fazer mal à June? Ela é a Miss Popularidade do condado.

O casulo de colcha mexeu-se um pouco e a cabeça da Emmy espreitou.

— Não fazes ideia daquilo por que está a passar. Aparecem lá pessoas todos os dias para ela lhes passar receitas. Inventam qualquer desculpa para conseguirem os seus analgésicos. Pedras nos rins. Levam o copo para a casa de banho e espetam o dedo para juntar sangue à amostra de urina. Sabe que eles pedem receitas a vários médicos, mas, se recusar, alguns perdem mesmo as estribeiras e desatam aos gritos a chamar-lhe malvada filha da puta.

Não conseguia imaginar tal coisa. Ou até conseguia, mas não queria. Sabia o que era estar desesperado.

— Isso são os *homens* — explicou. — As mulheres são mais inteligentes. Entram para o consultório e piram-se de lá com o bloco das receitas antes de a minha mãe ter tempo de as ir ver.

A Emmy tinha uma mão na boca. Lembrei-me de que costumava roer as unhas

até ficarem em carne viva. A June pintara-lhas com tintura de iodo para ela parar de o fazer. Agora, eu não sabia o que lhe dizer.

— A minha mãe diz que metade dessas pessoas não sabem que estão viciadas. Tomaram aquilo que um médico qualquer lhes disse para tomar e agora estão-se a passar e não sabem bem porquê. Só sabem que a minha mãe lhes tirou o medicamento e agora sentem que estão a morrer. Por isso, porque é que ela não as ajuda?

A conversa estava a dar-me vontade de meter mais comprimidos. Mesmo doentio. Não sabia se a Emmy tinha noção de quão agarrado eu estava. Mas ela já tinha um monte de problemas. Disse que, em Knoxville, a June podia encaminhar aqueles doentes para obterem ajuda, mas que ali o seguro apenas cobria os comprimidos.

— Se as coisas são muito melhores em Knoxville, vocês não deveriam ter regressado.

— Não, ela era infelicíssima naquele hospital. O médico-chefe era um gajo da cidade que tinha estudado na Johns Hopkins e tratava o pessoal de enfermagem como se fossem idiotas.

Já me esquecera disso. Ele chamava-lhe Loretta Lynn. A cadeira da Emmy deixou de baloiçar.

— De qualquer forma, a minha mãe diz que não há nada como a nossa terra. Se as pessoas têm problemas, é onde ela tem de estar. — A Emmy encostou a cara ao cobertor e limpou o nariz.

Não tinha percebido que ela estava a chorar.

— É uma merda — comentei. — Ela não merece que as pessoas a tratem dessa maneira.

— O mais certo é ter pedido ao Hammer para ficar lá outra vez. Para a proteger e impedir que seja assassinada. É provável que esteja lá neste preciso momento. — Começou a chorar sem se dar ao trabalho de o esconder.

— O que aconteceu? Com o Hammer. Vocês os dois estiveram quase noivos durante um minuto.

O que eu fui dizer. A Emmy desfez-se em lágrimas. Eu disse que lamentava, mas ela não parou de dizer que era uma pessoa horrível. Incessantemente. Disse-

lhe para parar com aquilo; ela era a abelha-rainha, tal como a June.

— Não sou nada. — Soltou um soluço e arquejou.

A Sra. Peggot costumava dizer que eram lágrimas de crocodilo. Passado um minuto, perguntou se eu conhecia a Martha Coldiron.

— Queres dizer a Hot Topic? — Mesmo no escuro, percebi que dissera o que não devia. — Desculpa, esqueci-me do nome dela. Sim, conheço. A que corta o cabelo ao Maggot.

— A Martha engravidou.

— Fogo. O Maggot não teve nada a ver com isso, pois não? — A Emmy bufou com desdém. — Está bem, não foi o Maggot. Então o que é que ela vai fazer? Casar com o gajo?

— Ela odeia o gajo. Não me disse quem foi, apenas que é um filho da mãe e que agora tem um demónio dentro dela, como no filme *A Semente do Diabo*. Disse que, se não se conseguisse livrar do bebé, se matava.

— Meu Deus. Como foi que te envolveste nisso?

— Ela passa imenso tempo lá em casa. É possível que o Maggot seja o único amigo que tem. Eu disse-lhe que a minha mãe a poderia encaminhar para uma clínica gratuita e que não faria juízos de valor, porque é o trabalho dela, mas a Martha acha que, se um adulto souber de alguma coisa, todos acabarão por saber. Se o pai descobre, é o fim dela.

— Porra. Está numa alhada.

— Chama-se *aborto*. Levei-a de carro a Knoxville para que ninguém soubesse. — A cadeira começou a baloiçar outra vez, de uma forma agitada. — Demon, sou uma pessoa horrível. Quanto mais depressa perceberes isso, melhor será para ti.

— Porquê? Por causa do bebé da Martha?

— Não. Isso foi provavelmente a melhor coisa que fiz por alguém há sei lá quanto tempo.

— Então? — Por estranho que pareça, pensei na minha pulseira em forma de serpente. Será que ainda a usava no tornozelo?

— Então, menti à minha mãe. Ela pensa que fomos a Knoxville assistir a um concerto da Kathy Mattea. Estou sempre a mentir à minha mãe. Ao estar aqui

neste momento estou a mentir à minha mãe. Ela odeia o Prego-a-Fundo.

— Isso é só a June a ser a June. Sempre te tratou como se fosses uma boneca de porcelana.

— Não. O problema é ele. Ela não odeia os outros gajos, Demon. Gosta de *ti*. *Adora* o Hammer Kelly. Acabei com ele porque ele é bom demais para mim. Não o merecia.

Eu sabia quando a Emmy estava com os azeites. Teria de se desenvencilhar desta sozinha. Disse-me que a June estava arreliadíssima com o Maggot, nada de novo. Mas a Emmy sabia mais do que eu sobre onde ele arranjava metanfetaminas. Ele curtia mais as metanfetaminas do que *OxyContin*. Naquela época, ainda falávamos assim, sobre aquilo que «curtíamos». Como se fosse um passatempo. A Emmy disse-me coisas que eu não queria saber, como com quem ele mantinha relações sexuais para conseguir o produto. O meu cérebro bateu com a porta ao ouvir aquilo. Sinceramente, Maggot. Um miúdo imaturo que praticamente ainda não passara a fase dos legos e dos Avengers.

Por fim, lá se foi deitar. Eu deixei-me ficar até o céu começar a clarear. As noites de inverno são muito silenciosas, com todas as pequenas formas de vida congeladas ou escondidas. Doía-me a alma por elas. Pensei na Sra. Peggot a fazer aquelas colchas para todos os filhos e netos. As melhores pessoas que jamais conheci. À exceção dos dois infelizes, o Humvee e a Mariah. E, de entre todos os primos, as únicas sementes más acabaram por ser as deles, a Emmy e o Maggot, embora fossem acolhidos por outros e criados como mandam as regras. E eu beneficiara do mesmo tipo de bondade, dos Peggots, da Sra. Betsy, do treinador. E a história do Prego-a-Fundo era idêntica. Muitos tinham dado o seu melhor connosco, mas nós saíramos uns cabrões famintos. Quatro demónios gerados por quatro almas famintas diferentes.

[22] Alusão à obra *À Espera no Centeio*, de J. D. Salinger. (*N. dos T.*)

[23] No original, «Hungry Mother». (*N. dos T.*)

46

Quatro pessoas naquela carrinha eram uma multidão. Andar a curtir na avenida principal para fins recreativos, tudo bem, mas agora tínhamos de atravessar todo o estado da Virgínia com as pernas dormentes, a respirar o bafo azedo dos outros. A Emmy foi quem mais se queixou, apesar de ir aconchegada por opção própria. Decidimos que, depois da paragem seguinte para abastecer, um de nós seguiria caminho na caixa aberta da carrinha.

Eu estava determinado a não fazermos mais paragens antes de chegarmos a Christiansburg. Expliquei como a minha anterior tentativa de ver o mar se eclipsara nessa terra no meio de cânticos religiosos e vomitado. Todos disseram que estava a ser supersticioso, e vazio é vazio. Virámos numa saída com as placas a anunciar o costume: combustível, comida. E universidades. *Duas.* Seria de esperar que não construíssem duas tão perto uma da outra. Lembrei-me da Angus, que estava determinada a ir para uma universidade a sério depois de passar dois anos na Mountain Empire. Talvez acabasse num sítio relativamente perto como aquele, não do lado oculto da Lua. Mas quem seria o grupo dela? A universidade mudá-la-ia. Com o passar do tempo, deixaria de voltar a casa.

O Prego-a-Fundo disse-me para atestar enquanto ia lá dentro pagar. Eu e o Maggot arrumámos a balbúrdia na caixa de forma a arranjar espaço para um passageiro. Limitáramo-nos a atirar as nossas tralhas lá para trás, pois nenhum de nós tinha mala. Bem, provavelmente a Emmy tinha, mas daria muito nas vistas. A estação de Marathon estava muito movimentada. Na bomba atrás de nós, vimos um gajo de fato e gravata, um lencinho branco a espreitar do bolso como se fosse o presidente de alguma coisa, a encher o depósito do seu *BMW*. Do outro lado das bombas, chegou um SUV da *Mercedes* com um pequeno

barco de plástico verde-claro preso no tejadilho. Um miúdo alto e magro de rabo de cavalo pulou de lá de dentro como se atestar veículos fosse um desporto, saltitando sobre os dedos dos pés enquanto inseria o cartão de crédito. Trazia uns calções de desporto por cima de umas calças de licra pretas e uns sapatos de borracha com os dedos individuais. Meu Deus. Parecia que tinha nascido com pés de borracha pretos.

Ajudei o Maggot a fazer um ninho com os nossos cobertores e sacos das compras cheios de roupa e embalagens de cerveja. Ele iria na parte de trás. Eu teria lançado a moeda ao ar, mas ele ofereceu-se. Tentar impressionar o Prego-a-Fundo estava a trazer à tona um lado nunca visto do Maggot: altruísta e afável. Além disso, deveria ter metido alguma coisa para se aguentar durante o dia, porque estava em pulgas para arrancarmos. Enquanto enchi o depósito, o Maggot saltou no seu monte de tralhas, tipo como se estivesse a montar um cavalo lá em cima, a bater na parte de trás do habitáculo e a gritar:

— Bora lá, toca a meter esses cavalos na estrada! Avante!

A Emmy disse-lhe várias vezes para se calar, mas, como não teve sucesso, foi à casa de banho. Eu ignorei-o. Atrás de nós, o presidente Lencinho fechou a tampa do depósito e revirou os olhos ao entrar para o carro. O Rabinho de Cavalo espreitou para nós por entre as bombas.

— O que se passa, malta, estão a filmar algum episódio do *Jackass*?

O miúdo está ali com pés de borracha, a atestar o depósito do seu SUV de oitenta mil dólares para transportar a merda de um barquinho de criança e *nós* é que somos os anormais.

O Prego-a-Fundo e a Emmy regressaram, e continuámos em direção a oriente. Destino: oceano Atlântico.

Mas antes: Richmond. O Prego-a-Fundo tinha umas instruções manuscritas que resultaram mal. Passámos pela zona da cidade que tem arranha-céus e por uma área tenebrosa, atravessámos um rio muito longo, zonas residenciais e depois outra vez a ponte. O Prego-a-Fundo estava furioso. Outra partida demorada, depois cinco horas a conduzir, agora estava a escurecer. Encostou e fez uma chamada do seu telemóvel. O Prego-a-Fundo foi o primeiro de nós a ter

um, ele e a Emmy. Andávamos à procura da Rato. Depois de telefonar, passámos por outra zona tenebrosa, com filas de edifícios de apartamentos de tijolo exatamente iguais e mais Negros do que algum dia tinha visto. Os candeeiros de rua estavam a começar a acender. O Prego-a-Fundo encostou novamente, desta vez ao lado de uma praça calcetada com bancos de jardim, um parque infantil e uma cerca de arame alta a toda a volta. Não faço ideia do que aquela rede pretendia confinar ou afastar. Havia miúdos lá dentro, os mais velhos a jogar basquetebol, todos eles Negros, tal como na nossa terra eram todos brancos, e, a julgar pelo aspeto da rua, igualmente pobres. Todos nós a viver no sítio onde nascêramos. Se calhar é preciso pagar mais para nos misturarmos. O Prego-a-Fundo deve ter pensado que não o conseguíamos ouvir lá fora a insultar a Rato. Uma menina pequena deixou cair o *hula hoop* amarelo e olhou para ele pela vedação de arame. Tinha o cabelo cheio de tranças, a fazer lembrar um miúdo espantado numa banda desenhada. Observámos os rapazes a jogar basquetebol no lusco-fusco, admirando os penteados interessantes e os ténis de qualidade superior.

O desfecho de tudo isto foi chegarmos à casa da Rato num estado de espírito que não era propriamente o mais animado. Se é que a casa era mesmo dela. Estavam lá mais dois gajos. Um era uma espécie de gigante — o que ela tinha de baixo, ele tinha de alto. O outro, quem sabe? Não chegou a levantar-se do sofá. A casa tinha um alpendre à frente, uma rampa de acesso; uma casa normal, se ignorarmos o facto de haver outras casas mesmo encostadas, de ambos os lados. Aquelas pessoas podiam ir à janela do quarto e dar um aperto de mão ao vizinho. A Bíblia diz para amarmos o próximo, e pus-me a pensar que as pessoas da cidade têm a sua maneira de o fazer, mas nos dois dias que lá estivemos não vi evidências disso. Persianas fechadas, cães a ladrar.

A Rato não gostou nada que o Prego-a-Fundo aparecesse com o seu, passo a citar, clube de fãs menores de idade a reboque, fim de citação. Pôs-se no meio da sala a fitar-nos de olhos semicerrados por entre o fumo do cigarro, à espera de mais explicações. Ninguém no planeta dava ordens ao Prego-a-Fundo a não ser aquela mulher de metro e vinte com as suas compridas garras cor-de-rosa e calças de ganga com pedras a imitar diamantes. Estava descalça quando lá

chegámos, mas calçou uns sapatos de salto alto, por isso, um metro e trinta.

— Como é que sei que não me vão denunciar às vossas mamãs? — perguntou.

O Prego-a-Fundo sugeriu que nos enfiaria um balázio na cabeça se isso acontecesse. A Emmy soltou uma gargalhada aguda como se tivesse levado um murro na barriga.

— As nossas mães morreram — esclareci.

O Maggot olhou para mim de olhos esbugalhados.

— Ah, espera. Uma delas está no estabelecimento prisional feminino de Goochland. Desculpa, meu. Sem ofensa.

— Na boa.

O Prego-a-Fundo recuperou a sua masculinidade e disse à Rato que tinha conhecimentos lucrativos numa região inexplorada do estado e que podíamos ir para lá. A Rato disse que, se estávamos a pensar em passar ali a noite, boa sorte para encontrar um sítio para dormir naquele pardieiro. E era mesmo um pardieiro. O sofá estava partido ao meio e havia um monte de sacos do lixo brancos cheios e grumosos encostados à parede. Um candeeiro de pé, abandonado, sem quebra-luz.

O gigante chamava-se Leon e não regulava bem do quarto andar. Saiu da cozinha com um gato amarelo ao colo e pousou-o na mesa de vidro em frente do sofá.

— Aqui está — disse, e sorriu para nós. Estava com uma camisola de capuz e de *boxers*, e ostentava sinais físicos que eu começara a reconhecer: dentes em mau estado, o peito encovado, pernas incrivelmente finas.

Depois de o Leon quebrar o gelo, a Rato revirou os olhos e disse:

— Pronto, está bem.

Empurrou o gato para fora da mesa e espalhou um pó para snifarmos umas linhas. Menos o Gajo do Sofá, que estava inclinado para um lado, de olhos fechados e uma mão a tapar a cara. Nunca vira o Prego-a-Fundo a consumir drogas a sério, apenas cerveja e erva. A Emmy hesitou, mas o Maggot meteu mãos à obra como um profissional. Depois senti a pressão de pares do Prego-a-Fundo a fulminar-me e percebi que era uma questão de delicadeza. Como quando a Sra. Peggot me cozinhava o seu pernil: ou ficamos e comemos, ou

saímos mal vistos. Por isso, dei um passo em frente e enchi o nariz de coca. Já estava meio sonâmbulo por não dormir desde que saíra de casa, e agora isso assumia um aspeto de pesadelo, com as perspetivas de voltar a dormir a desaparecer por completo. Para que conste, não aprecio nem nunca apreciarei a sensação do motor a ir mais depressa do que o chassis.

Creio que naquela noite ninguém dormiu. A mim e ao Maggot calhou-nos um quarto onde apenas havia uma bicicleta. Fomos buscar os cobertores e os sacos de plástico com as roupas para usarmos como almofadas, mas o quarto cheirava a gasolina, e passei o tempo todo a imaginar explosões. Explosão, explosão. O Maggot disse-me para descontrair, que era apenas o cheiro a cu combinado com os pneus da bicicleta. Um dos superpoderes dele era conseguir dormir mesmo tomando qualquer tipo de estimulante. Isso e ressonar. Não fazia ideia do que o Prego estaria a tramar. Parte de mim pensou que deveria ir salvar a Emmy, mas outra parte dizia *Quem pensas que és?* A Emmy tinha tudo sob controlo.

A toda a hora, foi um corrupio de gente e luzes de carros na rampa de acesso. Música altíssima do outro lado da parede, alguém tinha uma fixação pelo Ja Rule, a ponto de o tema *Always on Time* se tornar a banda sonora permanente das minhas noites mal dormidas, se calhar até ao fim dos meus dias. Ouviram-se vozes inflamadas. Algum tempo depois, o Maggot levantou-se e foi ver o que se passava. Regressou e disse que não era nada, apenas uns gajos a discutir porque um terá enganado o outro e o Gajo do Sofá desatara a gritar. Perguntei porque tinha desatado a gritar e o Maggot disse que eles estavam a levar imensos móveis para o pátio, e o sofá dele fazia parte da lista. Achei que aquela casa era aquele tipo de sítio de que se ouve falar, onde há esfaqueamentos e cenas do género com frequência. Quanto mais tempo passei sem dormir, mais visões tive de explosões de gasolina e esfaqueamentos. Os minutos pareceram horas e as horas eram como enormes sacos de merda atirados para a minha caixa craniana. Fiquei tão descontrolado que acabei por tomar tudo o que trouxera para me acalmar, mais um miligrama de *Xanax* que a Dori juntara como uma guloseima. Estava a pôr o carro à frente dos bois. Quando chegássemos à praia, já teria esgotado o *stock*, e os vómitos e os suores frios manifestar-se-iam, arruinando o meu momento dourado.

Já começava a adivinhar o pior. O Prego-a-Fundo estava a perder o interesse na praia, se é que alguma vez tivera algum. Passou a maior parte da manhã seguinte em negociações com a Rato e a tarde deitado debaixo da carrinha com uma caixa de metal, uma chave de parafusos e dois rolos de fita adesiva. Eu e o Maggot sentámo-nos no alpendre da frente a fumar erva e a ver o homem a trabalhar no duro. As pessoas que passavam não prestavam a mínima atenção às botas *Tony Lama* a espreitar por debaixo da *F-100*, como se aquilo fosse o pão nosso de cada dia. Lá na nossa terra, não duvido de que haveria uma multidão a assistir em poucos minutos, miúdos curiosos e velhos a oferecer conselhos e ferramentas elétricas. Mas as pessoas da cidade fizeram de conta que não era nada com elas.

Mais tarde, fomos dar uma volta de carro para visitar as várias coisas que havia em Richmond, estátuas, o capitólio estadual, etc. Comemos no Popeyes. Foi aí que o Prego-a-Fundo nos informou de que demoráramos demasiado para chegar ali, pelo que agora tínhamos de voltar. Na manhã seguinte, regressaríamos a casa. Com a merda do mar a menos de uma hora de distância, duas no máximo, os meus sonhos iam outra vez por água abaixo. Filho da puta. Eu estava ressentido e não tinha mais nada a dizer a ninguém, e ainda por cima estava farto do cheiro a gasolina, por isso, quando chegámos à casa, disse que ia dormir na carrinha. A Rato disse que eu era maluco, que não se sentia segura a dormir naquela espelunca, quanto mais na rua. Dando a entender que a casa não era dela e que era apenas uma visita mandona, o que fazia todo o sentido. Só as unhas dela tinham sido alvo de mais manutenção do que qualquer parte daquele imóvel. Mas cumpri o que disse e fui dormir para a rua. E dormi. A viagem de regresso foi medonha. O Prego-a-Fundo estava todo presumido com o negócio, os outros a despertarem das várias pedradas e expectativas. O casal feliz deve ter tido um desentendimento, porque a Emmy quis sentar-se à janela, comigo no meio. Felizmente, fizeram as pazes na primeira estação de serviço, mas deu para entender que ela estava devastada. Estávamos todos. O Maggot começava a roçar o lunático, ou a cantar, ou inconsciente ou a atirar beijinhos aos camionistas a partir do seu trono na caixa aberta. Eu nunca estivera tão zangado em toda a vida. Principalmente comigo mesmo, por acreditar em sonhos parvos.

E com uma síndrome de abstinência tão grave que tive de me envergonhar ao pedir para parar várias vezes para ir à casa de banho. Se não fosse por saber que a Dori estava à espera para me salvar, seria capaz de me afogar na casa de banho de uma estação de serviço.

Pobre Dori! Abandonara-a para nada. Demorámos uma eternidade a regressar; o Prego-a-Fundo a cumprir os limites de velocidade, com a carga em mente, claro, além de que ninguém quer ser mandado parar com um rapaz lunático na caixa aberta da carrinha. Há leis que o proíbem. Por isso, chegámos já tarde, de noite. E lá estava ela, sob a luz do alpendre com o seu rosto macio e os cabelos luzentes, uma enorme camisola de lã abotoada a cobrir-lhe a perfeição do corpo. Entrámos e eu estava a beijá-la quando o *Jip* abocanhou a perna das minhas calças, obrigando-me a pregar-lhe um pontapé que o fez rebolar pelo chão.

— Desculpa, querida — disse eu, e ela disse que o *Jip* não fizera por mal, e eu deixei-a ficar a pensar isso.

É evidente que a maldita ratazana pensara que se livrara de mim de uma vez por todas. A Dori pediu-me logo para ver fotografias, merda. Nem me ocorrera tirar fotografias e nem fui capaz de dizer onde andava a máquina da Angus. Provavelmente, penhorada por um dos sórdidos namorados da Rato.

A Dori deu-me o que eu precisava e deixou-me aconchegar-me nela até a indisposição passar e eu adormecer na cama dela, e nunca nada me soube melhor. Quando finalmente acordei, não fazia ideia de quantas horas dormira. Ela fechara o *Jip* lá fora, possivelmente pela primeira vez na vida. A sério, não há palavras para descrever a relação dela com aquele cão. Mas eu passara para primeiro lugar. Várias partes de mim regressaram ao mundo dos vivos. O Vester estava a dormir no andar de baixo, o *Jip* lá fora, estávamos em casa sem obrigações e a começar na brincadeira quando o telefone toca. Merda.

Era a Angus. Eu estava no corredor gelado, de cuecas e com o bregalho a meio-gás, a tentar perceber por que razão era tão importante ir a casa do treinador. Hoje. Ninguém tinha morrido. *Ainda*, dissera ela, mas o treinador ouvira zunzuns de que eu faltara às aulas a semana inteira. Quando aprofundei o caso, percebi que alguns dos meus professores ou todos nem sequer sabiam que eu ainda estava inscrito. Perguntei o que dera ao treinador para se importar com

o meu desempenho fora da época do campeonato, e a Angus disse que eu estava a ser um verdadeiro idiota. Ele preocupava-se, lá isso preocupava. Estava a dar a entender que iria impor-me as regras que se aplicavam durante o campeonato. Recolher obrigatório e confinamento. A Angus disse que não conseguia arranjar mais desculpas para me ilibar, pelo que me aconselhava a aparecer para jantar preparado para lamber umas botas. Desliguei a pensar *Estou numa alhada, e, por algum motivo, a Angus está satisfeita com isso. Maldita*.

Jurei à Dori que a compensaria, mas talvez fosse preciso passar a noite lá. Levei um monte das nossas roupas sujas porque a máquina de lavar da Dori avariara. Há já algum tempo. Era preciso tomar medidas em relação a isso, mas a Dori disse que a velha *Maytag* pertencera à mãe e tinha um valor sentimental. A Dori tinha tendência para deixar os problemas acumular. Demasiado delicada para este mundo.

Em casa do treinador, as coisas deram para o torto antes sequer de nos sentarmos à mesa para jantar. Estava na lavandaria a separar a roupa clara da escura, a tentar não desarrumar os montes da Mattie Kate, porque ela tinha o seu sistema, quando, de repente, aparece o U-Haul. O velho ataque-surpresa pelas costas e tem-me preso contra o *Clorox*.

— U-Haul! És servido de um *shot* de lixívia?

— Ah! Ah! Ah! — O riso dele fez lembrar uma raposa. Inclinou a cabeça, aproximando-a demasiado. — A questão é que me estou a arriscar por tua causa. Por ordem do treinador. Ele incumbiu-me de uma tarefa.

— Boa, fixe. Com isso e dois dólares já podes tomar um café. — Eu deveria estar tão cansado que assumi alguma forma de morte. Abri a boca e falei como o Sr. Peg.

— Um *trabalho* — silvou. — Vou explicar-te como se fosses muito burro.

— Um trabalho? Além da tua vocação para carregar as merdas dos outros?

Ele fulminou-me com aqueles olhos vermelhos.

— O trabalho és *tu*, seu ganzado. Foi disso que ele me incumbiu, e não me agrada nada. O treinador quer que eu te mantenha debaixo de olho. Para ver se tu entras outra vez nos eixos ou se te estás a transformar no monte de merda que ele pensou que eras.

Os olhos do U-Haul estavam mais perto dos meus do que qualquer pessoa no seu perfeito juízo desejaria. Tinha sardas espalhadas pela cara, como salpicos de sangue, até nas pálpebras. Virei-lhe as costas e enfiei um monte de roupa escura na máquina. Fechei a porta e encarei-o de novo.

— Está bem. Relembra-me lá porque é que devo ter medo da merda de um moço de recados?

Ele retrocedeu como se lhe tivesse dado uma joelhada nos tomates.

— Treinador-adjunto.

— Pois, todos gostaríamos de saber de quem era a piça que chupaste para conseguires a promoção. A do treinador não foi, isso sei eu. O homem tem padrões.

— Tu não sabes patavina sobre ele.

— Eu diria que sei.

O U-Haul virou a cabeça e os ombros, depois entrelaçou os braços, dando as mãos.

— E eu digo que não. Tu não sabes como consegui a promoção. Ele pode ser a merda do teu tutor legal, mas sou eu quem trata da contabilidade e mantém um registo das garrafas de *Beam*. Eu *conheço-o*. E escuta o que te digo, puto. Há coisas que ele não quer que se saiba.

— O homem apanha a chiba e aterra de vez em quando. Não há nenhuma lei que o proíba.

— Desvio de fundos, o que me dizes a isso? Fraude.

— Tretas! — Tentei passar por ele, mas o gajo meteu-se sempre à minha frente, impedindo-me a passagem com o seu corpo escanifrado. Eu estava a pensar em fazer uma placagem quando, finalmente, se desviou.

— O que é que tu sabes? O treinador tem sorte de haver um homem responsável ao leme desta casa para tomar conta da mercadoria.

— Então, eu sou mercadoria.

— Tu és uma merda. Estou a falar de uma coisa *muito mais* saborosa. — Encostou a língua ao lábio superior, agarrou o ar à sua frente com as duas mãos e deu um impulso com as ancas.

Se há uma imagem que ninguém quer ter na cabeça é a do U-Haul a imitar o

ato sexual. Fiquei enojado como o caralho. E foi então que percebi, aquilo da mercadoria. Ele estava a referir-se à Angus. A minha irmã. Tinha de lhe ir ao focinho imundo.

47

O Vester morreu durante uma vaga de frio na primavera. Em abril, o mês em que o todo o triste mundo reza pela redenção, com os cornizos e as árvores de Judas todas bonitas na berma das estradas e novas folhas verdes a iluminarem as montanhas. Depois veio um frio tardio que tudo enegreceu, matando os rebentos dos novos frutos. Presumo que seja uma época adequada para se morrer. Para quem deixou de acreditar na redenção.

Eu já conhecera pessoas que tinham morrido, e a Dori também, mas ela não dava sinais de ultrapassar esta morte. Não conseguia deixar de chorar nem de dizer que poderia ter-lhe provocado uma *overdose* acidental. Os enfermeiros tinham-na incumbido dessa tarefa, de dosear a morfina, os emplastros de *Fentanil* e os comprimidos que tinha de esmagar para lhe dar com um conta-gotas. Não teve culpa de coisa alguma, muito menos da tempestade de neve que interrompeu o abastecimento de eletricidade. Ela mostrara-se imprecisa e agitada ao telefone, dizendo que estivera a dormir e que, quando acordara, a casa estava um gelo e a garrafa de oxigénio esgotara e não conseguia acender as luzes. Disse-lhe para desligar e chamar uma ambulância, mas ele já estava morto. Eu deveria ter lá estado.

O funeral foi como o da minha mãe, em todos os aspetos negativos. Uma tal de tia Fred com as suas *L.L. Beans* e uma filha que era a imagem escarrada dela em ponto pequeno vieram de Newport News para assumir os comandos. Não fazíamos ideia em que estado ficava Newport News; parecia uma marca de cigarros. A Dori praticamente não conhecia aquela gente. Deram uma vista de olhos pela casa com os seus narizes arrebitados a condizer e instalaram-se no Best Western. A igreja, os hinos, as roupas que lhe vestiram para usar no caixão,

tudo escolhido pela tia Fred. A filha, que renunciara a toda a sua vida para o levar às consultas e lhe dar a comida à boca, não tivera uma palavra a dizer. Passou a cerimónia a soluçar. Fecharam o caixão e enterraram-no, e eu tive de a segurar com força para não a deixar enfiar-se na cova com ele. Nas semanas que se seguiriam, iria todos os dias sentar-se naquela sepultura lamacenta. Detesto dizer isto, mas tive ciúmes de um morto.

Assim que a tia Fred se livrou do defunto, convocou uma reunião com os empregados da loja e um advogado para abordar a situação financeira, que não era a melhor. A loja seria vendida para saldar dívidas. A casa estava paga, graças à indemnização por causa do amianto que tinham recebido há anos, e a Dori poderia ficar lá, se assim entendesse, mas, no que diz respeito a benefícios, estaria por sua conta. Poderia continuar a beneficiar do subsídio da Segurança Social do pai até fazer dezoito anos, para o que faltavam cinco semanas. Nem sequer dava tempo para meter a papelada. E com isto a tia Fred regressou a Newport News, até mais ver.

Cuidar do Vester era o dia a dia da Dori. Os técnicos do apoio domiciliário foram lá buscar a cama de hospital e o equipamento de tratamento, e ela uivou. O ventilador era como um coração a bater constante nas paredes a que uma pessoa acaba por se habituar. Agora, era uma casa sem vida. A Dori ficou sem saber o que fazer e só conseguia dormir com muita ajuda. Tentei apontar os aspetos positivos, que agora podíamos ser como as outras pessoas e ir a festas ou ao *drive-in*. Ela ficou ressentida e disse que eu estava a dançar em cima da campa do Vester. A única festa em que estava interessada implicava tomar outra dose de *Xanax* e conduzir aquele *Cadillac* até ao país dos sonhos.

Outra má notícia foi que a nossa situação clínica se desmoronou bastante depressa. Todos aqueles medicamentos legais que tínhamos em abundância, os emplastros, comprimidos de morfina, *OxyContin* de quarenta e oitenta miligramas, os diferentes comprimidos para o sistema nervoso central, *Xanax*, *Klonopin*, etc., tinham desaparecido de um dia para o outro. Não estou a dizer que a Dori sonegava medicação ao pai, santo Deus, isso não, mas, da forma como os médicos prescrevem para um moribundo, dá para distribuir por terceiros. E, no que a isso diz respeito, a Dori era uma dona de casa inteligente.

Só para dar o exemplo da *OxyContin*, ela recebia um frasco de oitenta miligramas por mês que custava um dólar no plano Medicare. Se soubermos onde nos dirigirmos, esses comprimidos são vendidos a um dólar por miligrama. Oitenta vezes trinta, dava para viver durante um mês, aguentar até à receita seguinte. Fiquei a saber que esta teoria fora posta em prática.

Não que eu não desconfiasse. Ela sempre fizera questão de ser ela mesma a aviar as receitas, menos daquela vez em que encontrei o Tommy no Walgreens. Sabia que ela tinha de ir a algum sítio trocar alguns medicamentos por outros, consoante as necessidades. Quero dizer, de que outra forma é que um velhote se aguentava só com drunfos? Basta juntar dois mais dois. Porém, da primeira vez que fui com ela, ainda me esperavam umas surpresas. Ela juntou tudo o que conseguimos encontrar em casa e disse que ia dar uma volta, mas que não estava em condições, por isso disse que conduziria eu, e não vacilei. A nossa primeira saída depois da morte do Vester foi a uma clínica da dor.

A escolhida ficava a oeste de Pennington Gap num centro comercial numa rua movimentada que parecia destruído por um bombardeamento, em comparação com as outras lojas em funcionamento. Mesmo assim, estariam cerca de duzentos carros no parque de estacionamento. Sete horas da tarde num domingo, uma fila de pessoas à porta. Mulheres e crianças a dormirem nos carros, homens deitados no chão. Estava um dia de chuva, pelo que a maioria das pessoas se tinha aglomerado debaixo do toldo, ainda que se mantivessem à chuva, como se se estivessem nas tintas para tudo. Disse à Dori que aquilo não me agradava.

Ela estava encostada à porta, os olhos fechados, o cinto de segurança a apertar-lhe o pescoço de uma forma que me assustou. A minha ninfazinha. Aqueles carros são feitos a pensar em pessoas mais altas. Debrucei-me e afastei-lhe o cinto do pescoço para não asfixiar, beijei-a e abanei-a suavemente até ela voltar a si. Espreitou pela névoa da chuva e disse *oh*, que estava mais movimentado do que era normal. Estávamos em maio, o primeiro dia do mês, todo o condado acabara de receber o cheque do subsídio. Eu disse-lhe que não podíamos ir para aquela fila, que estaríamos ali até à meia-noite, e vai ela e diz:

— Não sejas tonto. Não vamos entrar. Aquela gente toda está ali para falar com um médico e conseguir receitas. As nossas receitas são passadas pelo

médico do meu pai. Estamos aqui para vender.

Fitei-a, tentando assimilar a situação. Ela ainda tinha a marca do cinto de segurança no pescoço e parecia ter uns doze anos. Deixara de se maquilhar desde a morte do Vester, porque as lágrimas acabavam por estragar a maquilhagem. Disse-lhe que a deveria ter acompanhado de todas as vezes que ali viera porque aquilo não me parecia muito apropriado. Discutimos sobre guardar segredos, mas ela disse que não guardara segredo. Apenas sabia que eu não iria gostar da ideia, e agora eu estava a dizer que não gostava, fora esse o motivo. Além disso, alegadamente, a pessoa responsável por aquela clínica era um conhecido meu.

Depois apagou-se outra vez e eu observei as entradas e saídas, a tentar perceber o esquema. Havia pessoas à espera para entrar e pessoas a chegar nos seus velhos *Chevies*. Pessoas a sair de lá com sacos de papel brancos e a irem-se embora com dinheiro no bolso. Vinham vender o seu produto. Pensa-se que o tráfico é praticado por jovens, mas muitas daquelas pessoas eram mais velhas. E, quando digo velhas, quero dizer *velhas*, o andar arrastado, andarilhos. Uma bola de tabaco de mascar na boca, as abas dos chapéus de caça baixadas. O Sr. Peg enquadrar-se-ia ali na perfeição. Lembrei-me daquela noite em que o Kent deu o cupão de amostras grátis ao Sr. Peg e a Sra. Peggot disse que deitaria os comprimidos pela sanita abaixo. Mal ela sabia que poderiam sair dali com guita suficiente para pagar a conta da mercearia do mês. Aqueles labregos estavam a utilizar os seus recursos, tal como o Sr. Peg fizera no seu tempo quando tinha tantas bocas para alimentar e vendia assados de carne de veado quando matava um, ou tomates da horta. Chegara a produzir bebidas alcoólicas proibidas. Uma pessoa agarra-se àquilo que tem.

Demorei algum tempo a ganhar coragem e sair para a chuva. Pelos vistos, a Dori era uma profissional e eu um medricas. Era nisto que pensava quando um gajo me bateu no vidro e eu lhe vendi meio frasco de *OxyContin*, sem tempo a perder. A Dori disse-me quanto lhe deveria cobrar. Portanto, o negócio correu bem e fechámos a loja. Fomos ao Food Lion porque não havia nada em casa, nem papel higiénico nem comida. No que dizia respeito à gestão do lar, a Dori era exatamente igual à minha mãe.

Perguntei-lhe o que acontecia se uma pessoa entrasse mesmo naquela clínica.

Ela disse que as pessoas pagam o preço e o médico passa a receita. Todos querem o mesmo, a santíssima trindade. *OxyContin*, *Soma*, *Xanax*. Mas muitos acabam por ter de esperar imenso tempo, sofrendo de *delirium tremens* na sala de espera. Ela aviava sempre as receitas do Vester no Walgreens, contabilizava o que era preciso para os próximos tempos e depois vinha diretamente para aqui vender o resto. Disse que fazia quase duzentos paus de cada vez que ia àquele parque de estacionamento. É procurar os que estão a ter ataques ou a vomitar.

Tecnicamente, não fiquei em choque, pois estes traficantes de comprimidos eram do conhecimento geral. Médicos de verdade com as suas negociatas, a nova filosofia da gestão da dor conforme vista na Kent TV. Todos deverão ter começado como médicos comuns, pediatras ou vá-se lá saber o quê. Medicina desportiva. A surpresa foi essa. Ela disse que o responsável pela clínica era o Dr. Watts.

A parte do dia que mais me custava era deixar a Dori e voltar para casa do treinador, mas havia regras a cumprir, e o U-Haul à coca de uma desculpa para me lixar a vida, pelo que, durante a maior parte de março e abril, passei lá as noites para manter as aparências. Mas depois da morte do Vester deixei de ter coragem de deixar a Dori sozinha. Ela nunca estivera sozinha na vida. Ali estava uma pessoa que mais parecia uma santa a cuidar de um adulto doente sem que fôssemos capazes de dizer que, por detrás da fachada, havia uma criança. Um quarto cheio de bonecos de peluche e um pai que lhe fazia todas as vontades. Desde tenra idade, desde a morte da mãe. Patins, vestido igual ao da Princesa Diana, cavalo no telhado, o ocasional tranquilizante; tudo o que a Dori queria, a Dori tinha. Vim a saber que o *Jip* começara por ser o cachorrinho que uma velhota qualquer transportava na bolsa de pele de crocodilo certa vez no labirinto de um milheiral assombrado. A Dori vira aquela cabecita peluda a espreitar e desatara a gritar que queria as duas coisas, o cão e a bolsa. Não se calara enquanto o pai não dera duzentos dólares à tal velha, e voltaram para casa com um cachorro numa bolsa de pele de crocodilo. Começava a conhecer a verdadeira Dori. Tentara explicar-lhe as minhas responsabilidades perante o treinador e a minha avó e tudo o que estava em jogo se me levassem dali. O meu

futuro, etc. A Dori limitava-se a piscar aqueles olhos tristes como a noite e perguntava porque deixara de a amar. Até que a minha avó apareceu. Eram tempos difíceis. Tinha havido uma geada tardia que matara tudo, incluindo o Vester, tecnicamente, pois o gelo derrubara os cabos de eletricidade, desligando o ventilador. Depois aqueceu um pouco e instalou-se a chuva. Agora estávamos em junho e não havia memória de um dia em que não chovesse. No dia em que a Sra. Betsy nos fez uma visita, sentámo-nos todos à enorme mesa da sala com trovoada a ribombar enquanto ela enumerava os meus vários fracassos da sua lista; o treinador ficou com um ar abatido, e senti que a mesma nuvem negra me seguira toda a vida.

Para a Sra. Betsy, o problema era eu e só eu. Não cumprira promessas. Reprovara a mais disciplinas do que era razoável, por isso deixaria de fazer os pagamentos mensais ao treinador para as minhas despesas. No que dizia respeito a continuar a viver ali, a jogar futebol ou a fazer qualquer outra coisa, era comigo e com o treinador. O que lhe interessava era a minha educação. Disse que levou o cavalo à água, mas o cavalo não bebeu. Não havia necessidade de desperdiçar mais dinheiro. A partir de agora, seria senhor do meu destino, sem educação, e mais cedo ou mais tarde chegaria à conclusão de que a vida não é só andar aos pontapés a uma bola. A minha avó, abençoada seja, nunca chegou a perceber a mecânica da coisa. Pensava que o futebol americano se jogava só com os pés.

Embora eu fosse o visado, percebi que o treinador também estava a sofrer o golpe. Noutras ocasiões em que se pusera a rezingar por causa da escola, o treinador piscava-me o olho quando ela não estava a ver. Agora, nem sequer me olhava nos olhos. O Sr. Zezinho estava cabisbaixo. A Angus tinha os seus olhos cinzentos de manga cravados em mim, a enviar-me algumas instruções em código que eu não estava a perceber. Sentia um peso na barriga como se tivesse comido pregos ferrugentos. Sentia-me zonzo. Mas a minha avó foi perentória: acabaram-se os cheques para as ajudas de custo. «A minha fortuna revogada», nas palavras dela. Disse que eu não precisava de ter medo, só tinha de ultrapassar a situação. Sabe-se que do infortúnio advêm coisas boas, se pegarmos o touro pelos cornos. Agradeci o conselho.

Durante algum tempo, a opinião da Dori foi: eles que se fodam. Eles não me amavam como ela amava. Por isso, devia ir viver com ela e esquecê-los. Não nego que considerei essa opção, viver com a Dori a sério, como um casal, mas isso fora quando o Vester era vivo, pensamentos vãos, apenas. Inclusive, sondara-a relativamente aos aspetos práticos. Tipo, e se eu quisesse confecionar um jantar a sério, não apenas comida congelada ou de micro-ondas? Ela perguntou o que eu queria dizer com confecionar e eu disse: «Tu sabes, no forno. Tipo um assado ou assim. Queijo derretido.» Ela disse que, se eu tivesse fome, tínhamos *Slim Jims* e daqueles pacotes de sumo. Disse-lhe que era mais um exercício teórico. Ela franziu o sobrolho, formando aquela linha entre as sobrancelhas, e disse que era difícil acender os bicos do fogão e que nunca experimentara o forno, por isso o melhor era pedir à Mattie Kate.

Mas a Dori tinha dezoito anos, o que significa que era maior de idade, quer soubesse ou não trabalhar com o fogão. As pessoas atingem essa idade em diversas circunstâncias. Algumas já enterraram os dois pais, algumas têm os seus próprios filhos. Algumas é provável que cheguem a essa idade sem nunca terem trabalhado, passado fome ou visto alguém morrer. A questão é que ninguém nos faz um teste. O dia chega e entregam-nos um novo guia de regras. A Dori estava a viver na sua própria casa com a merda de um cavalo de plástico no telhado e o seu nome na escritura, e eu também podia viver ali se quisesse. A Sra. Betsy mostrou-se muito pessimista por eu estar a aproximar-me do penhasco da idade adulta sem os cheques de ajuda de alguém para me salvar agora, como se isso me assustasse. Eu disse que não era nada de mais. Toda a minha vida fora assim.

Fui logo a correr contar à Dori. Para celebrar, metemos umas pipocas com manteiga *Xtreme* no micro-ondas, ligámos o rádio e ela fechou o *Jip* na cozinha para podermos sentar-nos no chão da sala de estar vazia da enorme casa, que agora era toda para nós. Eu tinha um pouco de erva do Maggot e ela guardara um emplastro de *Fentanil* do Vester para uma emergência, e isto era uma emergência, agora e sempre. Juntámo-nos com as testas encostadas e abraçados e fumámos assim ao som de *Life Happened* da Tammy Cochran.

Eu ainda tinha de regressar a casa do treinador para buscar a minha tralha

toda. A Angus ajudou. Estava fula, não comigo, mas com a minha avó.

— Aquela puta, a dar um sermão, logo a ti, sobre sorte e azar.

Estava a esvaziar as gavetas da cómoda, a atirar as minhas *t-shirts* e meias em forma de bola para dentro de caixas de *Jim Beam*. Havia malas naquela casa, mas parecia que era muito complicado.

— São merdas que as velhas dizem — disse-lhe. — É o preço a pagar por fazer negócios com elas. Com os cagalhões duros como pedras e as ratas secas, que mais é que nos podem atirar à cara? A única vantagem que têm é o trunfo do «eu sei tudo».

A Angus esvaziou a cómoda de uma ponta à outra e bateu as gavetas, *pam, pam, pam*, como quem já estava habituado a fazer aquilo. Como se ganhasse a vida a pôr gente fora de casa e não fosse paga por isso.

— Ela deu-te uma oportunidade de te defenderes e tu nem sequer tentaste.

— Tentar o quê?

— Defenderes-te! O que foi que te aconteceu, Demon? Perdeste os tomates?

— Ela tinha o meu boletim de notas na mão. Eu até podia deitar mel pelos tomates. A decisão já estava tomada.

A Angus sentou-se na minha cama sem lençóis, agora ex-cama. Ainda a consigo imaginar ali, com as suas calças caqui, a *t-shirt* branca sem mangas e um daqueles bonés dos ardinas à moda antiga. A observar-me. Sentou-se em cima de um pé. Tinha as plantas dos pés bastante arqueadas, como se tivesse nascido com suspensões.

— Sofreste uma grave lesão. Ainda coxeias como o Quasimodo.

— Não sei que raio é isso, mas obrigado.

— Tens de ser *operado*. Ela não está a ser nada benevolente contigo. A abandonar-te quando mais precisas.

— Não tenho de ser operado.

Já não tinha praticamente mais nada para embalar. Fui até às altas janelas triplas, aquela vista que conhecia tão bem. Estavam duas vespas mortas no peitoril com as cabeças juntas como se ali tivesse ocorrido um mini-homicídio seguido de suicídio.

— O *pai* da tua namorada acabou de morrer. As pessoas faltam às aulas

quando há uma morte na família. Maldita puta emproada e malcheirosa, onde está a merda da compaixão?

A Angus não insultava alguém de forma fortuita. Ela aplicava-se. Transformava-se num ser de uma beleza feroz, como um puro-sangue a competir no Kentucky Derby dos insultos. Era bom sair-lhe da frente. Deixei-a mandar a minha avó mamar na quinta pata do cavalo enquanto eu escolhia os CD com que queria ficar de entre os mais esquisitos que ela me emprestara ou oferecera. Pediu-me que lhe jurasse que voltaria a ir para a escola no outono, mas não percebi para quê. Ela disse que eram só mais dois anos e que fariam toda a diferença no meu futuro, etc. Pedi-lhe para me referir um bom emprego por aquelas bandas para o qual fosse preciso um diploma do secundário.

Observei-a a pressionar os dois polegares na planta dos pés descalços, pensativa. Por fim, admitiu que não lhe ocorria nada assim de repente, mas que isso não significava que estivesse errada.

Olhou de súbito para a porta. O treinador estava lá, encostado à soleira com um braço esticado, a olhar para o chão. Queria que eu soubesse que o dinheiro que a minha avó estava a enviar não era importante, que aquela ainda era a minha casa se quisesse ficar. Eu disse que ninguém me estava a apontar uma pistola à cabeça, apenas me parecia ser o momento de ir embora.

Uma pistola seria menos dolorosa do que a verdade, que estava uma desgraça para jogar futebol. Ele sabia-o. Nos últimos tempos, tinha andado bastante pedrado, mas de vez em quando tinha um vislumbre da realidade, perdido e frustrado: não iria recuperar a pequena grandiosidade que granjeara. Não se adivinhava mais sucesso no meu futuro, e, se ficasse ali a fingir que sim, estaria a mentir ao treinador. A aproveitar-me da boa vontade dele. Queria ser um homem melhor do que isso.

Ele disse que gostaria que as coisas tivessem acontecido de maneira diferente, mas aceitou o facto de querer ir viver com a minha namorada. Desejou-me felicidades e pisgou-se.

Agora, a Angus andava pelo quarto a tocar nos poucos objetos meus que ainda ali estavam. Pegou no barco dentro da garrafa que me oferecera. Depois pousou-o outra vez na secretária.

— Estás muito enterrado na cena? — perguntou. Afetada, mas a tentar parecer fixe, tal como uma criança diria «cocó de cão».

Eu disse-lhe que ainda estava a tomar os analgésicos que o Dr. Watts receitara e que ainda sentia imensas dores se deixasse de os tomar, por isso tomava.

Ela limitou-se a fitar-me.

— Não precisas de me pregar petas, Demon. Eu não mando aqui.

Nunca conseguira mentir à Angus de uma forma exemplar, por isso disse-lhe que estava um pouco mais enterrado do que isso. Já não se tratava do joelho. Ela perguntou se estávamos a falar de metanfetaminas ou heroína. Aquilo podia ser só informação passada por algum agente do programa de prevenção de consumo de drogas DARE, mas ela não era completamente ignorante. Disse-lhe que usava um pouco de tudo, mas metanfetaminas não. E que não andava a injetar nada porque tinha pavor de agulhas. Não pareceu surpreendida. Sugeriu que talvez eu pudesse tentar sair daquela embrulhada aos poucos. Talvez, se falasse com um adulto, ele me pudesse aconselhar. O treinador não, é evidente, mas talvez a June ou a professora Annie.

— Um adulto? — repliquei. Chateado, de repente.

Ela encolheu os ombros. Pegou outra vez na garrafa e rodou-a devagar na mão, observando as pequenas velas e tudo o que havia lá dentro. Ah, eu ia chegar longe, disse ela. Mas avisou-me dos perigos e merdas. Para não sonhar com milagres. Levantou a cabeça.

— Vais levar isto?

— Vou. Vou levar todos os presentes que me deste. Vou mudar-me para um sítio que fica a dez quilómetros daqui. O mais certo é vir cá jantar duas vezes por semana, porque a Dori vive de ar e *Reddi-wip* e o nosso forno não funciona. — Disse isto todo orgulhoso: *o nosso forno*. Independentemente do resto do contexto. Disse à Angus que o adulto da minha vida era eu. Um homem, a viver com a minha mulher. E alguma coisa sobre a infância ser um espetáculo degradante, pelo que estava feliz por já ter passado essa fase. A Angus tirou uma das minhas *t-shirts* de uma caixa, embrulhou a garrafa e voltou a guardá-la na caixa, com cuidado. Como um bebé num berço. — Não gostas da Dori, pois não? — perguntei, sem rodeios.

Ela puxou a cadeira da secretária e sentou-se com o encosto virado para o peito. O Stoner costumava sentar-se assim, com os braços à volta das costas da cadeira e o seu cérebro abjeto ajustado no modo «controlo do Demon». Não podia haver dois humanos mais diferentes. A Angus estava a espetar o queixo, a dar-lhe palmadinhas com a palma da mão, como se estivesse a tentar invocar palavras à boca, mas que teriam de ser perfeitas. Não ofensivas.

— Gosto — acabou por dizer. — Lembras-te de quando tu estiveste de cama e ela estava sempre a aparecer com presentes? Isso foi bestial. O pequeno e feliz duende de Natal. *Adorei* isso.

— Não achaste muita piada ao pintainho. — Triste história a do Filho Bastardo: escapou-se do barracão das ferramentas e teve um encontro com o pastor-alemão do vizinho.

— Está bem, é justo. Odiei o presente, adorei quem o ofereceu.

— Mas porquê? — indaguei. — *Porque* gostas dela?

Não sei bem o que pretendia saber. A Angus entrelaçou os dedos.

— Conheço-te há quanto tempo? Quatro anos? Quase cinco? Durante esse tempo, nunca te vi feliz. Houve um momento ou outro, talvez, mas não um dia inteiro. E agora és feliz, com a Dori. Dá para perceber isso.

Se qualquer outra pessoa alguma vez me quis ver feliz, enganou-me bem. Talvez a minha mãe, desde que isso não interferisse nas suas próprias manobras. É tudo o que as pessoas deveras desejam, que nós nos adaptemos às suas manobras. Mas a Angus… Meu Deus! A Angus era um prodígio!

48

A Emmy fugiu com o Prego-a-Fundo. Depois de terminar o secundário e com uma bolsa de estudo para a UT Knoxville, larga a bomba e diz que afinal não vai. A June ficou de rastos: tão inteligente, tão bonita, a Emmy podia ser o que quisesse, menos a namorada daquela víbora. A June deixou isso bem claro, a Emmy deixou de ir a casa. Nada de novo.

Mas nesta versão — uma que eu desconhecia — a mãe não descansa enquanto não revira o planeta à procura dela. Soubemos disto pela boca do Maggot, depois de este se instalar no nosso sofá. A Emmy levava três dias de avanço, depois de dizer que ia ficar com a Martha Coldiron. Por fim, a June telefonara para casa desta e ficara a saber que a Martha fora expulsa de casa dos pais algumas semanas antes. A June perdeu as estribeiras. Chamou a Polícia. Estava constantemente a telefonar para nossa casa, não fosse a Emmy aparecer lá. A June não confiava no Maggot e só falava comigo. Se eu mentisse, faria um churrasco com os meus tomates. Eu disse sim, senhora. Dei-lhe o número do telemóvel do Prego-a-Fundo, que ultimamente ele não atendia. Deixara Cedar Hill. A Rose tinha razão: ele não passava de um pau-mandado.

Eu disse todas as coisas que é costume dizer: que a Emmy vai aparecer, que não é parva nenhuma. Porém, tinha um mau pressentimento. O que quer que o Prego-a-Fundo tivesse sido para mim, percebia que era uma influência negativa para a Emmy.

— Não tenhas tanta certeza — opinou o Maggot. — Aposto que ela lhe está a comer as papas na cabeça.

Isto foi por volta das três da manhã, que pareceu uma hora segura para falarmos sobre as nossas vidas. Estávamos sentados no chão do quarto da Dori.

— A comer o quê? — quis saber a Dori.

— É um ditado — expliquei. Às vezes, ela não percebia as coisas mais simples.

— A levá-lo à má fila — esclareceu o Maggot.

— Na *fila*? — Naqueles tempos, a Dori andava um pouco com a cabeça no ar.

O Maggot pôs os oitenta dólares na folha de alumínio e a Dori acendeu o isqueiro por baixo. O borrão castanho borbulhou, derreteu e exalou aquele cheiro ditoso a metal e pneus queimados, deslizando pela folha reluzente. Fui o primeiro, depois passei a palhinha de metal à Dori e segurei a folha. Podia ter o joelho feito num oito, mas ainda tinha bons reflexos. Uma pessoa tem de inclinar a folha assim e assado, para o produto não cair. Perseguir o dragão, inspirar as suas chamas. Sugámos fumo até não sobrar nada a não ser um rasto de caracol de borracha queimada. E eu só pensava: oitenta dólares.

Não era uma forma de pensar produtiva, bem sei, mas aquele comprimido custava dois dias de trabalho na loja de produtos agrícolas, uma semana no Sr. Golly. E eu não estava a fazer nenhuma dessas coisas. Tinha algum dinheiro de reserva, mas estava a esgotar-se depressa. Confiava no Turp e noutra malta para me dizerem a quem poderia comprar que não me ficasse com o carro e me deixasse numa valeta a sangrar dos ouvidos. A Dori era a favor de que usássemos heroína, que era coisa que naqueles tempos não faltava. Era tiro e queda, de um momento para o outro, de estalo. Bastante barato. Agora andávamos a comprar o produto, não a aviar as receitas do plano Medicare do Vester, por isso a Dori foi, tipo, porque não comprar o melhor, meu? E eu a tentar manter-nos na linha, a salientar que é uma coisa boa não termos medo da bófia. Ninguém nos chateia por causa da *OxyContin*. Podemos ter cem comprimidos na nossa posse que não se passa nada. Se tivermos a receita, eles não podem implicar.

Além disso, havia o meu problema com as agulhas. A Dori foi uma querida e teve imensa paciência comigo. O nosso meio-termo era perseguir o dragão.

Na maior parte das vezes, cabia-me a mim estabelecer contactos, traçar um plano e executá-lo. A Dori tentava ajudar. Ficara amiga de uma enfermeira que prestava cuidados ao domicílio chamada Thelma que tinha emplastros de

morfina para nos desenrascar. Havia disso aos montes. A Dori injetava o gel, mas a morfina é misturada aí, e o fármaco não é completamente dissolvido na parte gelatinosa. A Thelma alertou-a para esse facto. É fácil ter-se uma *overdose*. Ela e a Dori cortavam e pintavam o cabelo uma da outra. A Thelma era uma senhora mais velha, divorciada, falava pelos cotovelos e não tinha ninguém em casa à espera dela, pelo que se deixava ficar, mas o que é que se pode fazer? Estávamos em dívida para com ela. A procura era desgastante. Uma pessoa andava em círculos e voltava ao ponto de partida. Passou-me pela cabeça retomar os estudos no outono, pôr a cabeça e o corpo a funcionar de novo. Uma parte de mim acreditou que isso poderia acontecer. Em setembro o meu joelho já estaria melhor. Iria libertar-me das drogas. Mas por agora precisávamos das nossas próprias receitas. Tínhamos de recorrer à clínica da dor.

Por se tratar do Dr. Watts, concordámos que eu não entraria. Esperei no carro. A Dori não ia a lado nenhum sem o *Jip*, pelo que ele estava sentado no sítio de onde ela se levantara, a olhar-me de lado. Uns bigodes cinzentos à volta de uma boca amarelecida, como um velho consumidor de tabaco de mascar. Adivinhava-se um dia complicado. Ondas de calor a emanar do betão. Era fim do mês, pelo que a fila não era muito grande, mas também não era pequena. Com os vidros abertos, chegava-me aquela baforada de corpos sem ver água há três dias, demasiados cigarros. Principalmente homens. Detestei que a Dori entrasse ali sozinha, com aqueles calções curtos.

Saiu pelas portas de vidro com um ar desanimado. Entrou para o carro e desatou a chorar.

— Querida, querida — disse eu, tentando abraçá-la e não entrar em pânico enquanto o *Jip* rosnava.

Ela estava a tapar a cara com as mãos, como se tentasse esconder dentes perdidos.

— Tenho saudades do meu pai — disse, o que me deixou de rastos.

Queria ser suficientemente homem. Afastei-lhe as mãos da cara e beijei-lhe as faces húmidas e os enormes olhos assustados. Parecia que tinha visto um fantasma. Disse-me que aquele homem era um traste.

— Eu sei, querida. Só viemos aqui tratar de um assunto. Ele passou-te a

receita?

Ela abanou a cabeça. Com o *Jip* ao colo, sem olhar para mim.

— Aquele filho da puta está a explorar o condado inteiro — disse a Dori, que provavelmente no ano anterior ainda deixara bolachas ao Pai Natal.

A consulta custava duzentos e cinquenta dólares. Mais cento e cinquenta por alegadas taxas de pessoal, para diminuir o tempo de espera. A Dori disse que ele passara trinta segundos a explicar-lhe isto e que depois batera com a caneta no bloco de receitas a olhar fixamente para as mamas dela, à espera de que ela pagasse ou se fosse embora.

Disse-lhe que só precisávamos de um plano. Depois de conseguirmos a primeira receita, pagar-lhe-íamos na mesma moeda, como ela já fizera. Retiraríamos a quantidade de que precisávamos e depois regressaríamos no primeiro dia do mês, quando as filas eram longas, e venderíamos às pessoas no parque de estacionamento. Consegui que parasse de chorar e percebesse que eu tinha razão. Porém, não havia como não desembolsar quatrocentos dólares. O problema era esse.

— Ele disse que poderia fechar os olhos às taxas. *Se* — disse ela, a olhar pelo para-brisas, sem demonstrar qualquer emoção.

— Se o quê?

— Se me examinasse.

— O que é que estás a dizer?

Ela olhou para mim.

— Foder-me, Demon. É isso que estou a dizer.

Dois semáforos e vários sinais *stop* separavam-me daquela clínica da dor, e eu não parei em nenhum, um condutor imprudente, desvairado de fúria, a pensar que a vida não o poderia tratar pior.

Cerca de uma semana mais tarde, ficámos mesmo sem soluções e a Dori disse que se calhar deveria voltar lá e submeter-se àquilo. Amava-me assim tanto. Não suportava ver-me numa agonia.

Fiz um esforço para não a odiar por dizer aquilo, mas acabei a odiar-me a mim, por não ter opções melhores. Jurei à Dori que arranjaria emprego e cuidaria dela. Ela era tudo o que eu tinha.

Para quem não conhece o dragão que estávamos a perseguir, palavras podem não bastar. Fala-se de apanhar uma pedrada, de um estalo, não tanto aquilo que se sente, mas mais o que não se sente: a tristeza e o pavor no nosso âmago, todas as pessoas que nos julgaram uns inúteis. A dor de uma perna destruída. Há uma corda que se destina a prender-nos a alguma coisa a vida inteira, seja o lar, os pais ou a segurança, e que tem estado solta todo esse tempo, a fustigar as raízes do nosso cérebro, a chicotear com tanta força que nos pode arrancar um olho. De um momento para o outro, essa corda fica inerte no chão e sentimo-nos em paz.

Começamos por tentar regressar a esse sítio e, pouco depois, estamos só a tentar sair da cama.

Isso torna-se a nossa razão de viver, afastar a ânsia por mais um dia. Depois torna-se o nosso deus. Nunca ninguém quis juntar-se a essa igreja. Um mau dia é acordar de manhã sem nada, sem deus, sem meios. Deitado nos lençóis sebentos, a cheirar àquilo que esperamos ser nós e não a nossa namorada. Parece que alguém nos deu uma tareia e partiu alguns ossos. Possivelmente uma pessoa, isso faz parte do estilo de vida, mas o mais certo é ter sido a droga a encostar os punhos às nossas paredes de gesso ao sair do edifício. Vazios, somos um monstro. A pessoa que amamos é monstruosa. Vemos os olhos dela revirarem nas órbitas e as lindas pernas num tormento, como aquela miúda epilética que conhecemos na escola, a Gola Ham. Tínhamos pavor da Gola.

Tentei saltar fora, mais vezes do que a Dori. Pensei que era o mais forte dos dois. Isso era eu a ser estúpido; ela sabia mais. Numa das vezes que tentei, ambos vimos homens de camuflados com espingardas de assalto a assomar às janelas, em sítios onde não podia haver homens nem janelas. Acabámos por odiar a nossa cama, pelo tão pouco que lá conseguíamos dormir. Deixámos de distinguir o dia da noite. Quando, por fim, começamos a dormitar e o tormento começa a diminuir, as pernas sacodem, mandando-nos de volta para o nosso inferno de vigília. Podemos conseguir vinte e quatro horas, trinta, fazer a contagem decrescente até ao fim do mundo. A determinada altura, olhamos para esta pessoa que é a nossa vida e oferecemo-nos para ir buscar alguma coisa, aquele pequeno sopro que a traz de volta com toda a facilidade. Fazemo-lo como um ato de amor. Nunca conheci um maior.

As nossas tarefas domésticas, meu Deus… Éramos crianças a brincar às casinhas. As caixas de comida congelada empilhadas, sacos a abarrotar… o lixo não sai de casa pelo próprio pé. Os ratos não se importam. Por causa da situação da máquina de lavar, a Dori deixava montes de roupa suja a apodrecer e pilhava os armários de roupa da falecida mãe. Saias compridas, blusas com chumaços… O filme da semana era a nossa Dori. Eu lavava a minha roupa no lavatório, até que a canalização pifou. Ela não fazia ideia do que se podia e do que não se podia deitar na sanita. Imaginemos que o *Jip* se lembrava de cagar na minha roupa interior esquecida no chão — exemplo real. A Dori tentava deitar as provas pela sanita abaixo.

Se eu a repreendesse, a coisa não corria bem. Eu gritava e ela ficava num estado deplorável. Se eu falasse em procurar trabalho, ela não queria que a deixasse sozinha. Éramos uns órfãos dos livros de histórias, sob o efeito de drogas. Havia uma enorme macieira no quintal, e nesse verão comemos maçãs com bicho apanhadas do chão. Parece que ainda a estou a ver, esfomeada, cheia de terra, ajoelhada no chão com o vestido de uma defunta.

Quando não pagámos a conta da eletricidade, a coisa complicou-se. Tentei o KFC, nada feito. Teria aceitado qualquer emprego de merda menos a caixa. Não perdera completamente o juízo. O vício levar-me-ia a meter a mão na massa. Continuei a procurar. Amava a Dori e adorava-a, e às vezes precisava de me afastar dela. Depois de mais um dia a sentir-me um inútil e incapaz de arranjar emprego, ia fumar uma ganza com o Turp, para ter notícias do acampamento de futebol e de outros gajos que estavam a viver o meu sonho de infância. Ou então ia ver o Maggot, que voltara a viver com a Sra. Peggot. Uma enorme caçarola no forno, a cozinha a brilhar, como nos bons velhos tempos, com a diferença de ter um nó nas tripas. A Sra. Peggot era escanifrada e sonâmbula. Às vezes usava o vestido do avesso. Perguntava-me como é que eu estava, pousava a colher de mexer o tacho, ia à sala de estar, punha-se ao lado da cadeira vazia dele. Depois voltava para perto de mim e perguntava como é que eu estava. O Maggot não era melhor, completamente desorientado. Eu tinha ordens da June para o interrogar quanto ao paradeiro da Martha ou para obter notícias sobre a Emmy, mas ele não sabia de nada. Era como se ele e a Sra. Peggot tivessem perdido o comboio. A

única novidade era que a mãe do Maggot ia sair da prisão. Ainda não fora definida uma data, mas a audiência seria em breve.

A única pessoa que me animava mais ou menos era o Tommy. Certa noite encontrei-o em Pennington Gap, a viver na garagem arrendada aos McCobbs, claro está. Prateleira de ferramentas de jardim na parede, chão de cimento todo manchado. Para se lavar, tinha uma mangueira que vinha do exterior metida dentro de um balde. Comida quente, só no micro-ondas. Em termos de arrumação, metia-me a mim e à Dori no bolso, os seus livros em prateleiras e as roupas dobradas dentro de grades de leite. A cama feita. No que diz respeito à casa de banho, tinha de utilizar a da casa. Eles não haviam dito que iam construir uma lá fora? Ele disse que, bem, a casa não pertencia aos McCobbs, era arrendada. E o senhorio não sabia que ele lhes estava a pagar para viver na garagem. Lá está, típico dos McCobbs. Mas o Tommy estendeu os braços para me mostrar o balde com a mangueira, a cama ao lado de um ancinho com torrões de relva pendurados nos dentes, e perguntou se dava para acreditar como tínhamos ido tão longe na vida.

— O meu próprio espaço! — disse. Um homem entre homens.

Tive sorte em encontrá-lo em casa, pois passava a maior parte das noites na redação do jornal. Queriam que ele fosse ao fim do dia de trabalho para limpar a sujidade que os outros deixaram. Depois a senhora que tratava dos anúncios demitira-se e eles incumbiram o Tommy da tarefa de tratar do *layout* do jornal e de criar os anúncios. A chefe dele era a Pinkie Mayhew, que usava calças de homem e bebia em serviço. Dizia-se que os Mayhews dirigiam o *Courier* desde o tempo em que Deus escrevia as notícias em placas de pedra. A Pinkie e outras duas pessoas tratavam de todas as fotografias e notícias. Depois o Tommy ia à noite e montava o produto final. Disse que eu podia ir com ele sempre que quisesse, que não se importava de ter companhia. E foi o que fiz.

O Tommy não tinha mãos a medir. A maior parte do jornal eram anúncios. A primeira página, claro, incluía as principais notícias, o Festival do Morango, nova linha de esgotos, etc. Depois o desporto e a secção criminal. Tinham outros artigos que chegavam através de uma máquina, de âmbito nacional, e a Pinkie escolhia alguns para imprimir. Tudo o resto eram anúncios. Os classificados

eram dispostos em colunas, mas os dedicados a *stands* de automóveis, lojas de mobiliário, etc., eram maiores, e o Tommy possuía a licença artística para os formatar. Tinha fitas de delimitação para revestir as margens e aquilo a que chamava de livros de coleções, que eram como enormes livros de colorir, sobre diferentes tópicos. Setor automóvel, caça e pesca, vestuário de senhora. Ele procurava a imagem que pretendia, recortava-a e colava-a no anúncio. Um sofá para a loja de móveis, ou então dava azo à criatividade, como um barco de piratas para o frango do Popeyes. Dependia das imagens que encontrasse naqueles livros, que eram vasculhados e recortados até ficarem em retalhos. Não lhe compravam livros novos com frequência, por isso era costume andar à procura de uma agulha no palheiro, folheando aquelas páginas que mais pareciam esparguete de papel.

O Tommy nem parecia o mesmo, um homem com um propósito. Agora, tinha roupa que lhe servia, não os casacos demasiado pequenos de antigamente que lhe ensalsichavam os braços. Usava principalmente camisas de tartã, com as mangas arregaçadas. Ainda tinha a namorada chamada Sophie que trabalhava num jornal na Pensilvânia, de muito maior dimensão do que o *Lee Courier*, explicou o Tommy. Mas ele orgulhava-se do *seu* jornal e mostrou-me as instalações: máquinas, computadores, o gabinete da Pinkie Mayhew, que cheirava tanto a cinzeiro e a bafio que me deixou agoniado. Quem já abriu uma gaveta onde os ratos rasgaram papel higiénico para fazer ali o seu ninho sabe como é o gabinete da Pinkie.

O Tommy mostrou-me como inserir colunas para impressão através dos rolos de cera quente e ensinou-me a ajudá-lo a colá-las às páginas. O processo era todo realizado numa enorme mesa inclinada com luz interior. Tinham marcas de lápis de cor azul a indicar onde era preciso alinhar as coisas. Todo o espaço cheirava a cera quente. Havia pequenas pontas de papel ceroso espalhadas por toda a parte, coladas aos nossos sapatos ou às costas das mãos, como se fôssemos bebés a comer *Cheerios*. Esta era a tremenda sujidade que o Tommy tinha de limpar. Para ser franco, era ele que estava a aguentar aquele jornal. Eu começara a ir com ele por estar entediado, mas ele precisava da ajuda. Ofereceu-se para me pagar do seu bolso, mas eu disse:

— Meu Deus, Tommy, tens de deixar de ser tão bonzinho. — Ainda tinha a *t-shirt* dele.

Certa noite, dei com o Tommy em pulgas, à procura de imagens que não iria encontrar. Tinha o anúncio de um concessionário da *Chevy* para criar e o livro de imagens do setor automóvel só tinha camiões, *Fords* e a merda do carocha.

— Olha — disse-lhe —, deixa-me desenhar-te a porcaria de um *Silverado*.

E fiz um trabalho de se lhe tirar o chapéu. Dei-lhe um brilho adicional, o para-choques a reluzir. Foi assim que tudo começou: o Demon das imagens de recorte. Eu era capaz de desenhar praticamente qualquer coisa. Os anúncios do *Lee Courier* começaram a ter um aspeto totalmente diferente e era provável que as pessoas começassem a reparar nisso. O Tommy disse que eu era uma máquina artística milagrosa. Eu respondi-lhe que, se alguma vez houvesse uma venda de esqueletos, teria de ser ele a pegar no lápis.

49

A June quis ver-me. A Emmy estava desaparecida há dois meses e ela estava preocupadíssima. O culpado era o Prego-a-Fundo, toda a gente sabia. Mas a Emmy já não estava em idade de necessitar de autorização e fizera chegar uma mensagem à June a informar que não precisava que a salvassem.

Eu não sabia bem o que tinha a ver com aquilo, mas a June sempre fora boa para mim, por isso fui lá. Ao longe, estava com aquele aspeto de rainha do baile de sempre, as pernas despidas apoiadas na balaustrada do alpendre. Só quando cheguei mais perto é que vi como dois meses a tinham envelhecido. Tinha rugas nos cantos da boca, minúsculos fios de cabelos grisalhos. Abraçou-me e baloiçou-me como se fosse uma última dança, a cabeça pousada no meu ombro. As mulheres que tinham sido importantes na minha vida estavam todas a ficar pequenas.

— Desculpa — disse ela, depois de me soltar, enquanto limpava o canto do olho.

— Meu Deus, June, não peças desculpa. Passei a maior parte do secundário a desejar isto.

— Creio que estavas interessado era na Emmy.

— Não era nada de se deitar fora. Uma pessoa aprende essas coisas nas famílias de acolhimento.

Ela avaliou-me da cabeça aos pés.

— Olha para ti, todo crescido. Depois de tudo por que te fizeram passar. Um jovem aprumado e independente. Onde está a Dori? Eu disse que vos dava de comer aos dois.

— Já comi e ela estava cansada. Agradece o convite.

A minha moralidade andava pelas ruas da amargura e a Dori estava fora de combate. Finalmente, eu conseguira um turno no Sonic e a Dori estava a cortar cabelos num salão de beleza não licenciado na cave da Thelma. Tínhamos as nossas receitas. Eu desentupira os canos e substituíra o tubo de enchimento da máquina de lavar. A vida parecia estar a entrar nos eixos outra vez, mas tínhamos horários diferentes. Eu tentava manter-me funcional a maior parte do dia, enquanto o objetivo da Dori eram duas horas sem furar um olho a alguém com a tesoura.

— Então, vais levar para casa um frango inteiro cozido que tenho ali. — A minha barriga fez uma pequena dança de esperança.

— Não é preciso.

— É, senão é para deitar fora. Acabo por levar para as raparigas da clínica quase tudo o que cozinho. *Não* me consigo habituar a viver sozinha.

— Lamento.

Não tinha pensado nisso. Ela nunca vivera sozinha. Começara a tomar conta da Emmy aos dezanove anos, quando ainda estudava Enfermagem e vivia na casa dos Peggots.

Enfiou as mãos nos bolsos de trás das calças.

— Sabes que daria a vida por aquela rapariga.

— Sei. Mas acho que ela não quer que o faças. Mais.

Olhou para mim, surpreendida.

— As coisas são assim mesmo, Demon. Tu deverias estar tão zangado com ela como eu. Damos tudo a estes miúdos e eles não aproveitam as oportunidades. A Emmy está a ser infantil, e o Maggot… não sei o que diga. Nem sei por onde começar.

— Ele vai ficar bem. Só precisa de mais tempo do que a maioria para descobrir o seu rumo.

— Ele precisa é de um namorado.

É possível que eu tenha pestanejado.

— Tu não te importarias?

— É claro que não. Nem a mãe, acho. Ao fim de algum tempo. Se ele arranjasse um rapaz simpático que o convencesse a deixar a noite dos mortos-

vivos.

— Acho que ele não faria uma escolha sensata.

Ela deu uma gargalhada azeda.

— Nenhum de nós faz, pois não? Anda, vamos caminhar. Há um sítio ao cimo da rua de onde se consegue ver o Sol a pôr-se por detrás da serrania.

Seguimos pelo caminho de cascalho pelo qual uma vez eu seguira com o Prego-a-Fundo e a Rato, enquanto ela falava mal de todos os meus conhecidos. O verão correra sem que me desse conta. Ali estava ele. O Sol a passar pelo meio de árvores altas em longas cascatas de luz, os pássaros a entoar os seus cânticos de final de tarde. Há um que faz lembrar água a gorjear pelo meio das pedras, tão belo que me deu vontade de chorar. Era um pisco. Pensei naquela noite em Knoxville em que a June nos disse que iria regressar. Que se lixassem aqueles médicos que a tratavam com desdém, a chamar-lhe Loretta Lynn. Ela poderia ter ficado por lá, mas queria isto.

Quanto à Emmy e ao Prego-a-Fundo, a June sabia tanto como eu onde estavam a morar, algures em Roanoke. Disse que todos os dias tinha vontade de se meter no carro e ir lá buscá-la, mas estávamos a falar da Emmy. Seria preciso uma equipa da SWAT. A June estava desesperada por qualquer coisa que eu lhe pudesse dizer. Escolhi as palavras com cuidado, mas não menti. Disse que o Prego-a-Fundo era um daqueles gajos que atrai as pessoas, como um íman, e, como a Emmy também era como um íman, provavelmente não conseguiam deixar de se atrair. A June perguntou se ele era perigoso. Eu disse que o mundo era perigoso. Ela perguntou em que drogas é que ele andava metido, e eu disse que, tanto quanto sabia, ele não consumia muito. Que se interessava mais pelo aspeto financeiro da coisa.

— Isso não irá ajudar-me a dormir melhor — disse ela.

Eu disse que lamentava, mas ela estava a pôr-me entre a espada e a parede. Caminhámos até ao sítio onde se conseguia ver o Sol a pôr-se por detrás da serrania, e a penumbra começou a inundar o vale. No regresso, perguntou-me pelo joelho. Respondi que já não pensava nele, o que era mentira. Pensava nele a cada passo que dava, mas isso era comigo.

— Diz-me só uma coisa — pediu a June. — Ela toma comprimidos?

— Queres dormir melhor? Ou a verdade?

— Estou a perguntar.

— Então, eu respondo. Não conheço uma única pessoa da minha idade que não tome comprimidos.

A June ficou em silêncio. Tentei perceber se era mesmo verdade. A Angus era a exceção. Até o Tommy metia *NoDoz* por causa dos horários que tinha. Trabalhava até altas horas da noite e depois os McCobbs acordavam-no cedo para levar os miúdos à escola. Íamos a meio do caminho quando ela voltou a falar.

— Eles fizeram-nos isto. Compreendes isso, certo?

Não compreendia. Nem quem nem o quê.

Falou-me mais do que a Emmy já me contara, das coisas que via na clínica. Perguntei se alguém a ameaçara de morte nos últimos tempos, mas ela mudou de assunto.

— Não é comigo que tens de te preocupar. Não estou a falar apenas de pessoas da tua idade. Percebes o que estou a dizer? Quando são velhos, doentes, com pensão de invalidez? Precisam da receita. Quando estão desempregados, não têm direito a baixa e só me podem ver uma vez por ano, pelo que não há acompanhamento. Precisam da receita. Aquele *estafermo*.

Eu não deveria ter perguntado que estafermo. O Kent. E, passo a citar, os vampiros dos seus sócios, fim de citação. Vieram para aqui angariar clientes. Disse que a Purdue analisava dados e tudo o mais nos seus computadores e escolhia a dedo alvos como o condado de Lee, que eram minas de ouro. Na verdade, investigavam os médicos com mais doentes a receber pensão por invalidez e mandavam os seus delegados de informação médica fazer uma ofensiva. A June estava sempre a olhar para mim como se conhecesse partes dos meus problemas que eu não lhe estava a revelar. Mas eu não tinha nada a ver com o Kent. Se tinha problemas, a culpa era só minha.

Quando chegámos a casa, embalou imensa comida para eu levar e acompanhou-me ao carro. Em vez de se despedir, ficou de braços cruzados, a fitar-me. Estranhamente, lembrei-me daquela vez no zoo de Knoxville, quando ela me pegara pelas orelhas e dissera que sabia do que eu precisava. E tinha toda

a razão. De todas as pessoas boas que conhecia, provavelmente ela era a melhor.

O Tommy deixou-me desenhar uma tira de banda desenhada para o jornal. Como isso acabou por acontecer é uma longa história, que começou com o Tommy na redação de um jornal. Basicamente, foi o primeiro desporto de contacto dele: Tommy contra o mundo real. Onde é que ele estivera até agora? Num mundo de fantasia. Ter emprego era na boa, mas o mundo real? Ele estava à rasca.

Como já disse, os artigos de cariz nacional que chegavam por aquela máquina já tinham a papinha toda feita. Eleição, Jogos Olímpicos, terramoto, Lance Armstrong, seja lá o que for. Porém, era prerrogativa da Pinkie publicar todos os que mencionassem o sudoeste da Virgínia ou algum sítio nas proximidades, como o Tennessee ou o Kentucky, o que raramente acontecia. Mas se os havia, era garantido que seriam sobre pobreza, curta esperança de vida, etc. Sendo o princípio: éramos uma praga para a nação. O Tommy mostrou-me um artigo cujo título era mesmo «A Praga da Nação». Outro aludia a «uma nódoa no mapa», que ele sublinhou com um marcador amarelo. Estava a guardar aqueles artigos numa pasta. A sério. Onde estava o Tommy de outrora, que levava tareias e seguia em frente? Estava ali, sentado num banco giratório, a puxar o cabelo espetado, a fazer uma tempestade num copo de água. Eu fui, tipo, Tommy, mas não sabias isto? É evidente que não. Ele não parou de me ler as manchetes. «Taxas de Desistência nas Zonas Rurais Aumentam». «Big Tom Vence o *Survivor*».

— Tecnicamente, essa é positiva — disse eu. — O nosso conterrâneo vence o *Survivor*.

O Tommy mostrou-me a fotografia do Big Tom que publicaram. Pronto, está bem, não era boa.

Tentei explicar aquela necessidade de todo o ser humano precisar de cagar em cima de alguém. Padrasto arreia na mãe, mãe ralha com o miúdo, o miúdo prega um pontapé no cão. (Não é que tivéssemos um, mas eu vinguei-me nos Transformers.) Nós somos o refugo da América. Hoje em dia, todos os tipos de pessoas têm uma designação própria, menos nós, vá-se lá saber porquê.

Labregos, saloios, sem letra maiúscula. Nem queria acreditar que o Tommy não sabia disto. Mas creio que eu já tivesse visto um pouco do mundo, com os nossos jogos da divisão em que nos chamavam refugo humano e nos atiravam lixo. E a televisão, claro. No mês em que saí da casa do treinador, a Chiller TV transmitiu uma série de filmes que denegriam a imagem dos saloios: *Hunter's Blood*, *Lunch Meat*, *Redneck Zombies*. E os programas de comédia ainda eram piores, com uns gajos a fazer de conta que estávamos todos do mesmo lado, mas, alto lá, *Uma vez namorei com uma rapariga do Kentucky, mas ela mentia com o dente que tinha na boca. Ah! Ah! Ah!* Vai-se a ver e o Tommy desperdiçara a juventude a ler livros da biblioteca e nunca vira televisão por cabo.

Perguntou porque era assim. Como se *eu* soubesse.

— Não é nada pessoal — disse.

Ele estava a mexerucar nas mangas da camisa, desenrolando-as e enrolando-as até aos cotovelos. Por fim, levantou a cabeça. Com os olhos banhados de lágrimas, juro por Deus.

— *É* pessoal. Receio que a Sophie nunca queira vir aqui. Diz que a mãe está sempre a perguntar porque é que não escolheu alguém mais de perto. E se a família dela pensar que eu sou um grande idiota desdentado?

Merda. Esperava que a família da Sophie não visse o *Redneck Zombies*. Ou o *Deliverance*. Tentamos não pensar nestas merdas, mas elas são sorrateiras e vêm pregar-nos uma estalada, como no triste dia do caderno de confidências do Demon. Estão todos ali, a ler que somos um monte de esterco, uma besta, um fracassado.

— Os teus dentes não têm problema nenhum — assegurei-lhe. — O mais certo é ela pensar que tu és a exceção à regra.

Estava com um ar derrotado, a abanar a cabeça.

— As pessoas precisam de um bombo da festa. Compreendo isso. Mas porquê *nós*? Porque não podia ser… sei lá, o Dakota ou assim? Porque não a *Florida*?

— Deve ter sido azar. Deus criou-nos à imagem da chacota do universo. — Naquela fase, já deveria saber que não fora Deus, mas não tinha resposta melhor para lhe dar.

Onde o Tommy dantes desenhava esqueletos, agora colecionava provas de ser

objeto de escárnio. Disse-lhe para deixar de se torturar, mas ele estava tão viciado no seu veneno como eu no meu. Até as tiras de banda desenhada eram contra ele. A banda desenhada chegava num maço todas as semanas e ele tinha de escolher quatro para dispor na última página. Não passavam de quadradinhos de mau gosto e sem piada para todas as idades, com miúdos malcomportados, cães falantes, saloios. O Tommy podia escolher três, mas a quarta tinha de ser sempre o *Stumpy Fiddles*, que o jornal publicaria para sempre: uns campónios indolentes com orelhas peludas, grandes narizes, roupas remendadas mais puídas do que eu alguma vez usara nas famílias de acolhimento. A velha rezinga, o velho esquiva-se a qualquer possibilidade de trabalho para se esconder atrás do anexo com a sua garrafinha. O Tommy ficava de rastos por ser obrigado a publicar aquela banda desenhada. Propus desenhar palmeiras para parecer a Florida, mas ambos sabíamos que ninguém cairia nessa. Era a mesma coisa. Era uma banda desenhada cómica de suposto interesse local.

— Local o raio! — contestei. — Quem desenha isto nunca esteve aqui. Aposta as fichas todas em nós, todas as semanas, toda a gente ri e nós engolimos. O caralho do *Stumpy Fiddles* é uma treta. — Para o provar, amachuquei o papel e deitei-o fora.

— Oh, meu Deus — disse o Tommy, a olhar para o cesto do lixo. — A Pinkie vai dar cabo de mim.

— Nem os desenhos se aproveitam. — Fui buscar a folha e alisei-a em cima da mesa luminosa. — Repara como ele desenha a mesma cara nas personagens todas. Homens, mulheres, bebés. É um preguiçoso de merda.

O Tommy estava com um ar esgrouviado.

— Está bem, quero ver-te fazer melhor. Precisa-se de super-herói. Fico à espera. — E ficou. Como nos velhos tempos na quinta do Creaky.

Eu tinha pensado nesta personagem toda a vida. E no universo dela. Não era a Gotham City do Batman nem a Metrópolis do Super-Homem, a Nova Iorque do Capitão América, a Coast City do Lanterna Verde ou a L. A. do Homem-Formiga. Estou a falar de Smallville, onde os simpáticos pais adotivos do Super-Homem cuidaram dele até ao dia em que ganhou asas e se pisgou de lá. Lembro-

me de arrancar umas páginas quando era criança e ler aquilo, sem saber bem porque me partia o coração. Meu Deus, até um miúdo sabe os princípios básicos. Porque é que nenhum deles quis cuidar de *nós*?

A minha personagem era um mineiro, com uma picareta, fato-macaco, o capacete com a luz à frente. Desenhei-o com um lenço vermelho como os corajosos grevistas que travaram a sua batalha. Sem capa, não voa, apenas é superforte e veloz, a saltar pelos cumes das montanhas. Este gajo é da velha guarda. Desenhei-o à moda antiga, em que as personagens têm a cabeça arredondada e os membros compridos como esparguete, em constante movimento. Chama-se *estilo Fleischer*, uma mistura entre Rato Mickey e Manga. Era um estilo com o qual me sentia à vontade e levava-me de volta às raízes.

Primeira vinheta: o meu herói vê uma velhinha a chorar na sua pequena casa no bosque porque não consegue pagar as contas e lhe cortaram a eletricidade. É uma noite escura de tempestade. Segunda vinheta: o herói agarra num relâmpago que avista no céu e espeta-o nos cabos elétricos. Vê-se a eletricidade a deslizar até à casa móvel da velhinha, as luzes e o fogão acendem. Na última vinheta, desenhei notas musicais a sair do rádio dela e luzes a brilhar nas janelas. A velhinha e o marido estão a dançar no alpendre.

Uma brincadeira infantil, claro. Tanto quanto sabíamos, a banda desenhada era isso mesmo. Eu começara com uma versão diferente em que ele troca as linhas no poste elétrico, mas, em vez de um relâmpago, está a roubar energia a uma mansão empoleirada numa colina. Vê-se tudo a apagar-se, a televisão via satélite, as luzes de segurança exteriores, enquanto a pequena casa móvel se ilumina. Mas o Tommy disse que poderia meter-se em sarilhos com a Pinkie, pelo que optei pelas forças da natureza. Investi imensa emoção e sombreado de contraste na última vinheta, onde se vê o herói mineiro no bosque escuro, a ver o casal feliz no alpendre iluminado. Chamei-lhe Red Neck. Autor: Anónimo.

50

Consegui pagar a conta da luz. Agora, tínhamos uma fuga de gás no forno e a caldeira a dar o berro. Liguei as ventoinhas para experimentar e levei com uma baforada que cheirava a gato esturricado. A Dori disse que sempre houvera uma fuga de gás e que ainda não estava frio. Discutimos sobre por que motivo se havia de ligar a caldeira se não estava frio. A minha defesa: estamos em setembro, o planeta está em rotação. A dela: porque é que eu tinha de complicar tudo? Outro dia no nosso lar feliz.

Nos primeiros tempos em que ainda estava a conhecer a Dori, dedicara-me a pensar nela as vinte e quatro horas do dia, fascinado, a planear como poderia estar com ela. Estava pedrado de desejo. Agora que a tinha, perdera o encanto. A vida era um vazio.

Na generalidade, mantive o controlo, ficando-me pelo meio-termo que nos permite levantar da cama sem ficarmos virados do avesso. A amealhar no Sonic, um granizado de *Red Bull* de cada vez. Depois a ajudar o Tommy. Algumas pessoas terão reparado na minha banda desenhada no *Courier*, porque uma escreveu-nos a dizer que era a primeira banda desenhada que publicávamos que não era uma bosta. O Tommy sugeriu mais algumas histórias e eu desenhei-as de vez em quando. Porém, demorava imenso tempo a conseguir a versão perfeita e a Dori queria-me em casa ao final da tarde. De manhã também. De preferência a toda a hora do dia. Tentei demonstrar-lhe que dava jeito ter dinheiro e que o tempo passaria melhor se ela experimentasse fazer alguma coisa em casa. Grande discussão. Por que motivo tinha ido viver com ela se era para estar sempre fora de casa? Amuou, injetou meio emplastro de morfina e a isto se resumia a Dori. Eu fizera esta cama de espinhos e precisava de falar com aquele

tipo de amigo que não nos diz para nos aguentarmos à bronca e nos deitarmos na cama que fizemos. A Angus tinha começado a frequentar a universidade comunitária, depois iria para outra, maior e mais distante, pelo que os nossos dias de amizade estavam contados. Decidi levantar as fichas antes que fosse tarde demais. Ela concordou e sugeriu que nos encontrássemos na Terra dos Vagabundos, como chamávamos ao pequeno parque de Jonesville. O espaço era vulgar, com um monumento aos veteranos de guerra, um abrigo para piqueniques, escadas a subir uma colina sem irem dar a lado algum. Uma vez demos com um gajo a dormir ali com todos os seus pertences metidos num saco do Walmart, daí Terra dos Vagabundos. Naquele tempo éramos muito imaginativos. Acordámo-lo a partir de uma distância segura.

Encontrei-a debaixo dos pinheiros, com um chapéu de couro como o do Abe Lincoln, mas menos alto, sentada num cobertor com um monte de sanduíches cortadas ao meio embrulhadas em película aderente. Sentei-me à frente dela como se fosse uma fogueira e comemos sanduíches até ficarmos a abarrotar. As sanduíches de *bacon*, alface e tomate da Mattie Kate são como uma droga para os abstémios. Fizemos perguntas com a boca cheia, como estava o meu joelho, como estavam a correr os estudos. Ela disse que era fixe nadar num lago maior, que estava a conhecer pessoas com quem tinha muito em comum. Olhei para aquela rapariga com uns calções de licra e de cartola e questionei-me como é que ela conseguia.

Ela disse que o treinador estava preocupado comigo. Não fiz caso, mas ela insistiu. Seria o meu tutor legal durante mais um ano. As coisas não andavam famosas lá em casa. O U-Haul andava a espalhar boatos horríveis na escola. Lembrei-me do nosso confronto, quando ele dissera que sabia segredos obscuros sobre o treinador, já para não falar da odiosa imitação do ato sexual que fizera. Porém, a Angus disse que esses rumores se relacionavam com o facto de a professora Annie ter pinado com outra pessoa sem o marido saber, o Sr. Maldo.

Meu Deus, pobre Sr. Maldo. Mais depressa lançaria um sucesso de música *country*. Mas alguns pais estavam a fazer um alvoroço, a exigir despedimentos por falta de ética. Eu disse que não passava de boatos e que a poeira acabaria por assentar. A Angus disse que não era só isso. O U-Haul andava a dizer que eu

estava envolvido no escândalo e que vira os pombinhos juntos em casa da June Peggot no 4 de Julho. Se as pessoas não acreditavam no U-Haul, que me perguntassem.

Os dentes do U-Haul tinham de travar conhecimento com os meus nós dos dedos. Perguntei à Angus se ele alguma vez se atirara a ela, e ela ficou de olhos arregalados, mas não confirmou nem desmentiu.

Ao fim de algum tempo, acabei por lhe falar da minha vida com a Dori, que estava uma merda, pois ela não tratava da casa nem fazia o mais pequeno esforço. Sugeri que a Angus tivesse uma conversa com ela de mulher para mulher, a ver se a Dori atinava. A Angus riu-se tanto que até lhe saiu tomate pela boca, e disse que eu acabara de dar a definição de dicionário do antónimo de «mulher para mulher».

Tentei apresentar os meus argumentos. A Dori cuidara do pai com esmero, mas agora não tinha qualquer interesse no panorama geral. Que panorama, perguntou a Angus. A arrumação da casa, confecionar refeições decentes, o que, reconhecidamente, a Dori nunca fizera, respondi. Além disso, no que diz respeito a nunca querer ficar sozinha em casa, isso não era novidade. Portanto, eu pusera-me a jeito. A Angus deitou-se apoiada sobre os cotovelos e observou-me com aquele seu sorriso dengoso, com a boca puxada completamente para um dos lados.

— A escolha foi tua, Demon. Esta era a tal. Lembras-te? Em que é que ficamos?

Eu lembrava-me. Ver a cara e o corpo da Dori, senti-la entrar-me para a corrente sanguínea como uma droga. Uma beleza fatal. Ainda o era. E o sexo continuava a ser fantástico. Não o fogo de artifício de outros tempos, pois andávamos os dois a meio-gás. Mas às vezes acertávamos e lá se ouvia o fogo a assobiar e a estalar na vasta desolação dos nossos dias estéreis e de prisão de ventre. Poupei a Angus aos pormenores. Ela sentou-se e começou a recolher as tralhas do nosso piquenique.

— Seja lá o que for que amas nela, vives com isso. Por isso, também tens de aguentar o resto.

A Angus era uma pessoa com uma personalidade Yoda. Era bom conversar

com ela, mesmo que não fosse.

De regresso a casa, passei pela escola secundária e, sem pensar, estacionei no parque. Eram quase três. Vi o carro da professora Annie. Parecia, tipo, que a estava a perseguir, eu sei, mas de que outra forma poderia falar com ela? Aparecer sem me fazer anunciar? Entrar por ali adentro? É provável que parte do nosso cérebro sofra uma reposição, como os filmes *Operação de Resgate*.

Má ideia. A campainha tocou e desenrolou-se à minha frente a vida perdida do Demon. Todos os meus antigos colegas a correr para o treino, a dar cachaços uns aos outros com aquela despreocupação própria da juventude. Remexi o porta-luvas à procura de *Xanax* para ganhar mais uma hora com vontade de me manter vivo. Estacionei o *Impala* no extremo do parque de estacionamento, num sítio onde conseguia ver o carro dela, mas não o campo de futebol. Ela foi praticamente a última a sair, a caminhar depressa com a sua saia comprida, a pasta grande e achatada debaixo do braço. Aproximei o carro e buzinei; ela assustou-se e deu um pulo. Depois reconheceu-me e pareceu uma aniversariante, feliz da vida. Abriu a porta do passageiro e entrou, toda sorridente.

— Por favor, diz-me que vais voltar para a escola. Tenho aqui uma pasta cheia de desenhos anatómicos para classificar e parecem todos saídos dos cubículos das casas de banho.

— Dá para perceber que te esforçaste a sério, Aidan.

Ela riu-se. Percebi que queria inclinar-se e dar-me um abraço. As minhas fantasias de juventude a ressuscitarem, agora que era comprometido.

— Damon. Só mais dois anos. É impossível?

— Não sou uma criança. Agora, tenho responsabilidades.

Ela fitou-me. Um movimento por trás dela chamou-me a atenção. Era o Clay Colwell com um colete vermelho a correr depois de falhar um passe. Os olhos encheram-se-me de lágrimas. Disse-lhe que ela era uma professora extraordinária e que lamentava o tempo que desperdiçara comigo. Ela respondeu que imensos miúdos a faziam desperdiçar o tempo, mas que eu era uma estrela-cadente. Palavras dela.

— Sabes que não faço isto pelo dinheiro, não sabes? — Franziu o sobrolho.

— *Sabes?* Que nem sequer me pagam a tempo inteiro aqui?

Eu pensava que um professor era um professor, ponto final, mas não. Ela disse que só era professora de Arte e diretora do coro e que não se recebia um salário completo por isso. O mesmo se passava com os professores de Ciências.

— Não me estou a queixar — prosseguiu. — Dá para viver com as peças que vendo e os concertos que damos com a banda.

— E a carrinha de gelados no verão. — Ela e o professor Armstrong revezavam-se com a carrinha.

— E os gelados, pois. O que quero dizer é… O que quero dizer? — Inclinou a cabeça, as argolas baloiçaram-lhe nas orelhas. — Está bem, gosto de ajudar os jovens a aprenderem a ver aquilo para que olham, mas a verdade verdadinha? Sempre tive esperança de que um dia aparecesse uma chispa, que eu conseguisse soprar e transformar numa chama. Uma nova visão que está a fazer falta ao mundo.

Pelos vistos, eu era essa chispa. Ela disse que os professores passam anos escondidos na cafetaria, a tentar não perder a esperança em miúdos como eu. Parecia estar prestes a chorar. Se não fosse ela, seria eu.

Disse-lhe que lamentava desiludi-la, mas que fora procurá-la porque ouvira um chorrilho de mentiras sobre ela e o Sr. Maldo e queria assegurar-lhe que não tinha nada a ver com aquilo.

Ela baixou o olhar, abanando a cabeça devagar.

— Em circunstâncias normais, estaria a borrifar-me. É aquele tipo de coisas que andam por aí como uma virose. Se queres falar de super-heróis, o meu marido é um homem de aço. Estas merdas acabam por sobrar para ele.

Olhámos pelo para-brisas para os retardatários que andavam à procura dos seus carros, alheados nos nossos pensamentos. O professor Armstrong, bandeiras dos Estados Confederados, todos os tipos de pequenas coisas horríveis que, provavelmente, a maioria de nós nem sabia que existia. Porém, eu já vivera o suficiente para saber que as merdas acontecem. Ela olhou para mim.

— Vou dizer-te uma coisa. Quem me preocupa é o Jack. O Sr. Maldo.

— Oh — exclamei. Esquecera o nome próprio do homem, se é que alguma vez o soubera.

— Neste momento, para ele, apenas fazer o seu trabalho é como andar em cima de brasas. Miúdos a fazer gestos. Temo que ele se demita e perca o seguro de saúde. Está doente. Se calhar não sabes.

— Reparei na mão — disse, sem saber se haveria algum medicamento que se pudesse tomar para isso.

— És um querido em preocupares-te comigo e com o Lewis, mas já passámos por isto muitas vezes. Haverá sempre pessoas a querer meter o bedelho no nosso casamento.

Explicou-me que dantes havia leis que proibiam os casamentos entre Negros e brancos, até aos anos sessenta. Portanto, antes de qualquer um de nós nascer, incluindo ela e o professor Armstrong, mas certas atitudes perduram.

— Algumas almas desprezíveis destas bandas acham que a alvura é a única coisa que ainda não lhes foi vilipendiada ou roubada.

Não sabia se tais leis diziam respeito à procriação do meu povo Melungo nessa época ou se éramos tão insignificantes que os mandachuvas nem se importavam. Uma história antiga como o tempo: quem desdenha de quem. Seja lá qual for o motivo.

Eu disse-lhe, se é que isso teria alguma utilidade, que o professor Armstrong era o melhor do 7.º ano. Disse-lhe que os miúdos estavam sempre a tentar irritá-lo, mas que acabavam do lado dele.

Ela sabia.

— O problema não são os miúdos. São os *pais* dos miúdos. Há um clube de detratores do Armstrong que é praticamente um grupo de intervenção da associação de pais. Não admitem que são fanáticos, pelo que querem que o demitam por ser comunista. Como se soubessem o que *é* um comunista!

Eu disse que o mais certo era que tivessem medo de que lhes metesse ideias na cabeça.

Ela sorriu.

— Onde já se viu tal ideia? Um professor a meter ideias na cabeça dos alunos. — Assegurou-me de que a única pessoa com que tinha de me preocupar era comigo. Sabia que eu andava sob pressão e disse que, se alguma vez precisasse de ajuda, deveria falar com ela e com o professor Armstrong. Quer andasse na

escola ou não, a porta deles continuava aberta. Começou a sair do carro, mas depois olhou outra vez para mim com uma espécie de brilho malicioso nos olhos. — Manda os meus cumprimentos ao Red Neck. Diz-lhe que concordo com a perspetiva dele.

Fiquei com as orelhas a arder.

— O que a leva a pensar que o conheço?

Ela riu-se na minha cara.

— Damon. Conheço os teus desenhos da mesma forma que os outros professores conhecem a tua caligrafia. Por que carga de água é que não assinas aquela banda desenhada com o teu nome?

Precisava que ela fosse à vida dela, saísse do meu *Impala*, mas ela ficou, meio corpo de fora, à espera.

— Aquilo está no *jornal* — acabei por dizer. — À vista de todos. Se for horrível, não quero que toda a gente fique a saber. E, se não for horrível, estaria a gabar-me.

— Pelo amor da Santa. É o teu *trabalho*. O tipo da oficina está a gabar-se se fizer um bom trabalho a consertar-te o motor e depois te mandar a conta?

Disse-lhe que não via a relação. Ela puxou o rabo completamente para dentro do carro.

— Mais ninguém te dirá isto, mas arte é trabalho. As pessoas são pagas para fazer exatamente o que estás a fazer. Gajos muito mais velhos do que tu, com menos jeito e narrativas cheias de lugares-comuns.

Agradeci-lhe, mas disse que a minha singela banda desenhada era insignificante. A não ser alguém da nossa terra, quem é que iria dar alguma importância ao super-herói que ficara em Smallville? Ela disse para não ter tanta certeza disso. Éramos nós, a Virgínia Ocidental e o Kentucky. E o Tennessee. Nós não éramos insignificantes. Disse que, se eu queria ser um adulto, tinha de deixar de pensar que era insignificante.

Fiz o que a Angus me tinha dito: fui para junto da Dori e vivi com o que tinha. Vivi com pratos a ganhar bolor na bancada, sacos de lixo a escorregar nos caixotes, esterco a amontoar-se. O *Jip* a correr vitoriosamente à volta da casa

depois de desfazer em mil pedaços todos os papéis de *McMuffin* ou caixas de *Jimmy Dean* que encontrava. No que diz respeito a viver numa pocilga, eu e a Dori equiparávamo-nos à infância do Sr. Golly. Eu andava demasiado ocupado para fazer alguma coisa em relação a isso, entre o emprego no Sonic e as outras merdas que nos engolem inteiros. Ir à clínica buscar as receitas. Aquele homem não voltaria a pôr os olhos em cima da Dori, e a parte triste é que o Watts nem sequer me reconheceu. O filho da mãe que me atirara para aquela sarjeta. Depois de conseguir as nossas receitas, tinha de fazer uns telefonemas e ir encontrar-me, às horas mais inusitadas, com este ou aquele marginal, para comprar ou vender o produto, pagar contas, alimentar o monstro.

Às vezes, pensava na Sra. Betsy e no Sr. Zezinho, no que pensariam se me vissem agora. As palavras que ele escreveria num papagaio, desejoso de ter esperança por mim. Por muito que fosse um triste caso, falso ou cruel não era, se o pudesse evitar. E, se o trabalho árduo tem algum valor, eu estava a dar o litro. A dependência não é para pessoas ociosas. A vida está cheia de perigos, emboscadas funestas à espreita, e refiro-me apenas às drogas, nem sequer estou a falar das pessoas. Podia ser desprezível, mas era empenhado. Fora isso que o treinador vira em mim. Ele dissera disciplina, eu utilizaria outras palavras. Sobrevivência. A aplicar-me ao máximo, dia após dia, desde o início. A manter a minha mãe inteira, depois a odiar o Stoner, depois a ser mais rápido a realizar a tarefa que me era atribuída, fosse despejar ácido de baterias ou despontar tabaco. Futebol. Só vivera de uma forma: com uma dedicação de corpo e alma.

Provavelmente foi por isso que fiquei tão zangado com a Dori por roubar à Thelma. Eu tinha o meu próprio sentido de honra distorcido. Ela começou por coisas sem sentido, como tesouras e amaciadores de cabelo. Depois chegou a casa com umas peças de ouro e *Vitamix*. Tive de lhe dar um raspanete como se fosse uma criança. Não era apenas o aspeto moral de enganar a amiga, fornecedora de morfina e praticamente entidade patronal, mas a possibilidade de ser desmascarada que lhe estava associada. Parte de se ser uma pessoa madura consiste em conhecer o nosso conjunto de competências, e nenhum de nós tinha jeito para o roubo. Já o Maggot era outra história. Mestre a roubar em lojas, conhecedor das farmácias que tinham câmaras ocultas e da sua localização exata,

deixava qualquer um de boca aberta. Enquanto eu e a Dori éramos uns incapazes. Imaginei uma banda desenhada que se chamaria *Os Incapazes*. Gritar com ela revelar-se-ia catastrófico. A Dori a chorar, a dizer que eu a odiava. Deixou-me de rastos. Tudo o que desejava era ser amada. Tive de pensar nela como se fosse uma boneca. Não se censura uma boneca por ser descuidada. Vê-se os seus bonitos olhos abrir e fechar. Aconchegamos-lhe a roupa à noite.

A Dori lembrou-se de que o meu aniversário estava a chegar e perguntou-me o que queria. Havia uma série de coisas. A transmissão do *Impala* estava a fazer um estardalhaço, como pregos dentro de um balde, mas eu disse que só queria a minha miúda. Linda como mais nenhuma e sempre minha. Ela perguntou se isso significava casamento. Eu disse *porque não?* Nunca iríamos casar, mal conseguíamos pagar a conta do telefone, mas a Dori não se lembraria desta conversa. Injetara um emplastro e estava deitada na cama com os pés de fora. Ajoelhei-me e beijei os pequenos anéis nos dedos dos pés dela. Uma gota de sangue destacava-se como uma pedra preciosa na palidez da sua pele. Toquei-lhe, a pensar em mim e no Maggot noutros tempos, a espetar-nos, a partilhar o nosso sangue numa promessa de fraternidade. Como se só pudéssemos ser verdadeiros através da autoflagelação.

Ela estava a apagar-se depressa, a sonhar com o nosso casamento de faz de conta. Eu tinha de sair mais tarde, por isso metera quarenta gramas e estava à espera de atingir um ponto de equilíbrio entre os altos e baixos, sentado no chão, a ouvi-la. O Tommy seria o meu padrinho. Fixe. Ela nem sempre era simpática com o Tommy, pois eu passava imenso tempo com ele, mas com a seiva nas veias ela era só paz e amor. O *Jip* faria de menino das alianças. A Thelma e a Angus, as damas de honor. Ou então a Angus podia ser o meu padrinho, disse ela, meio confusa com o papel da Angus. Seria a minha *padrinha*, propôs. Descreveu o vestido que usaria e como todos diriam que era uma noiva bonita. Como éramos jovens.

Quando se apagou por completo, tive o cuidado de a virar de lado e apoiá-la com almofadas antes de sair de casa.

51

Mais uma semana, mais uma história de merda. É noite de segunda-feira e o Maggot quer que o vá buscar a casa da Sra. Peggot para darmos uma volta. Tudo bem, tanto quanto sei somos dois gajos a esquivar-nos às mulheres. Ele dá-me indicações até uma casa de reputação duvidosa para ir buscar um amigo, e quem é ele se não o Trocas? Não sabia que se conheciam. Quando dou por mim, estamos nas traseiras do Walgreens; eles atiraram um bloco de cimento pela janela do *drive-through* e vemos o Trocas a rastejar pelo pequeno buraco. Ele trepa e saca as caixas da prateleira de cima, e piramo-nos dali em menos de três minutos. Tenho de parar na Duff Patt Highway e meter a cabeça no meio dos joelhos. O Maggot está nos píncaros, a gritar que é o raio do Robin dos Bosques da *Sudafed*. Deixo-os na Woodway e ponho-me a milhas.

Terça-feira. O Prego-a-Fundo liga-me. Quer saber se eu gostaria de ir dar uma volta para recordar os velhos tempos. Onde? Fala em Richmond. Digo-lhe que nem pensar, mando cumprimentos para a Rato, e, a propósito, como está a Emmy? Ele diz que já não anda com a Emmy. Eu desligo e telefono à June para perguntar se ela regressou a casa, mas não. A June quer saber porquê. Merda. Isto é mau.

Quarta-feira. Não é tecnicamente terrível, mas no que diz respeito a deixar-me à toa, sim, é mau. O Tommy diz-me que as pessoas estão a escrever para o jornal por causa do Red Neck. Diz que é uma vaga de opinião pública. Nunca ninguém escreve para o jornal sem ser por coisas importantes, como quando tiraram a máquina de gelados do Dana’s Quickmart. A Pinkie ordena que o Tommy publique essa banda desenhada todas as semanas, seja lá o que tenha de fazer e aconteça o que acontecer, obrigando o Tommy a confessar que não a retira dos

meios convencionais. Informa que «é o contributo de um talento local». A Pinkie pensa que o Tommy se refere a si próprio e oferece-lhe um bónus de dez dólares por semana. O Tommy diz que vai falar com o Anónimo para saber o que se consegue com dez dólares por cada tira de banda desenhada. Todas as semanas seria muita pressão. Metade de mim diz-me que já estou a viver à beira do abismo entre o funcional e o janado enfiado num buraco negro e que isto será a gota de água que me fará transbordar. A outra metade diz: «pede vinte».

Pessoas que precisam de um herói é coisa que não falta por estas bandas. Tudo me servia de inspiração. Estávamos no outono, época de despontar e cortar o tabaco, por isso fiz uma série dedicada ao tabaco. Desenhei uns miúdos à rasca para despontar as plantas altas, meninas com laçarotes no cabelo e meias pelo tornozelo, rapazes com bonés. Todos começam a ver estrelas, zonzos com os enjoos do tabaco verde. O Red Neck aparece de súbito com uma lâmina em cada mão e desponta as flores todas de uma só vez. Depois mete os miúdos na caixa aberta da carrinha e leva-os a comer cachorros-quentes. Na última vinheta, percebe-se que fez uma paragem pelo caminho, com a carrinha a afastar-se. É um grande plano das flores de tabaco que deixaram em duas sepulturas. Uma é do papá, a outra do mano mais pequeno.

Desenhei-os numa carrinha *DeSoto*, modelo dos anos cinquenta, com as barbatanas. Só para que conste. Não uma *Lariat*.

Com essa tira de banda desenhada, muitas pessoas começaram a deixar flores de tabaco nas campas do cemitério. A Pinkie mandou o fotógrafo, Guy Greeley, tirar fotografias. Foi demais. O jornal a ser notícia. Também começaram a deixar flores de tabaco no alpendre da redação do jornal. A Pinkie recebeu telefonemas do semanário do condado de Russell e do diário de Bristol, a perguntar como tinham capacidade financeira para manter aquela tira de banda desenhada, por isso ela foi falar com o Tommy. Era tão raro a Pinkie aparecer fora de horas que ele apanhou um cagaço de morte quando ouviu o ferrolho da porta a abrir. Metade das lojas da Pennington tinham sido assaltadas nos últimos tempos, incluindo algumas que não se esperaria que fossem rentáveis. O gabinete de desenvolvimento comunitário, a H&R Block. Isto deu-se numa noite em que eu

não estava lá, por causa de uma pequena farra depois de ser despedido do Sonic. Eu nunca conhecera a Pinkie. O Tommy disse para imaginar um *pit bull* com os cabelos de um rapaz holandês, a acender um cigarro, a olhar-nos com desprezo como se pertencesse às operações especiais da CIA. O Tommy e o seu jeito para as palavras. Ela disse que tinham de formalizar a questão do Red Neck. Havia dinheiro em causa, pelo que era preciso assinar um contrato, uma pessoa real com um nome, ainda a pensar que o autor era ele.

Por isso ele denunciou-me. Disse que a culpa fora da Pinkie pois estava quase a entrar em vias de facto, mas eu sabia que não fora por isso. Vira o Tommy a levar muitas vergastadas no Creaky sem um queixume. Por fim, admitiu que a decisão de dar o meu nome partira dele e que eu deveria ficar agradecido, não zangado. E que se eu estivesse no lugar dele, teria feito o mesmo.

A professora Annie dera-me o número de telefone de casa. A porta está sempre aberta e não sei que mais. Não esperava que as pessoas fossem sinceras quando diziam isso, apenas que se sentiam culpadas ao virar as costas à barafunda da nossa vida e voltarem para a bem-aventurança das suas. Ainda assim, telefonei e ela disse para ir lá agora, *porque não?* Jantar.

Não havia como errar na casa. A fachada estava pintada como uma colcha. Um cão ladrou lá dentro, mas calou-se quando o professor Armstrong mandou; não era como o *Jip*. Abriu-me a porta e disse que estavam a preparar a janta, para eu estar à vontade e dar uma vista de olhos, que foi o que fiz, pois havia muito que ver. Colchas nas paredes. E imagens de paisagens de montanhas em tecido, árvores com as cores do outono e tal, que a professora Annie fazia no seu tear, uma geringonça que ocupava meia sala de estar. De tintas percebia eu, agora imagens realistas produzidas a partir do nada com fio de cores, isso era outro nível. Apeteceu-me tocar-lhes, sentir a relva e as pedras protuberantes. Uma imagem tinha uma queda-d'água. Ela disse que era a Devil's Bathtub, se já lá tinha ido. Senti um calafrio na barriga e disse que não, senhora, e não voltei a olhar para aquela. A cadela deles chamava-se *Hazel Dickens*. Preta, pequena, pelo comprido, patas curtas. Seguiu-me para todo o lado em silêncio, como se quisesse arrumar o que eu desarrumasse. A casa era asseada, mas não demasiado

arrumada, com objetos relacionados com a música por toda a parte, amplificadores e coisas do género. Nunca ouvira a banda deles. Não era um estilo que agradasse aos jovens.

Por todo o lado, nas estantes e nos peitoris das janelas, havia estatuetas entalhadas em madeira, pintadas, que mais pareciam obras de crianças, mas muito melhores: um urso sorridente, Adão e Eva, um inspetor das finanças a ser engolido por uma baleia. O professor Armstrong explicou que era colecionador. As pessoas chamavam-lhe arte popular, arte saloia, autodidata; ele dizia que era arte, apenas isso. Uma dessas estatuetas era um Super-Homem, de arte popular, que era Negro, com a capa, o símbolo e tudo. Umas enormes botas de biqueira de aço, o punho erguido, e eu pensei *Ah, não fui o primeiro a lembrar-me disto*.

Foi estranho, ver aqueles professores, de meias, casados. Ela estava com umas daquelas calças de desporto e o cabelo apanhado num rabo de cavalo, uma vertente desportiva à Jane Fonda da professora Annie que nunca imaginaria. Vi-o dar-lhe uma palmada furtiva no rabo quando ela se esticou para chegar à colher de pau. O jantar foi sopa de feijão, salada, pão de milho. Repeti tudo.

Ela ficou entusiasmada por me dar conselhos sobre o Red Neck, motivo pelo qual lhe telefonara. Disse que analisaria qualquer contrato antes de eu assinar e que deveria pensar bem nos lucros. Poderia perder oportunidades mais tarde se não negociasse bem logo desde o início. Disse palavras caras, como sindicação. Eu disse-lhe que a Pinkie oferecera dez dólares por tira e a professora Annie disse «Oh, querido, esse valor nem anda lá perto». Eu disse-lhe que me parecia errado esmifrar mais a mulher, que não seria cristão ou sei lá o quê, e ela disse que eu precisava de ajustar a mentalidade. Pensando melhor, disse ela, telefonaria ela própria à Pinkie para falar das minhas contrapartidas. Diria que era a minha agente.

— Diz-lhe que estás a ligar da Amato e Armstrong — sugeriu o professor Armstrong.

Ela brindou-o com um olhar travesso.

— Vou fazer isso. — Eu esquecia-me sempre de que esse era o apelido dela, Amato, diferente do dele. Mas eram doidos um pelo outro. Dava para perceber pelo modo como se ajudavam, como se lessem a mente do outro. O Sr. Peg diria:

«Como uma junta de bois.»

Perguntei ao professor Armstrong como estavam as coisas na Secundária de Jonesville e ele disse que era o costume, a mijar contra o vento. Não era o tipo de linguagem que nos permitiria usar nas aulas. Eu estava ligeiramente pedrado, mas a fazer um esforço para não me deixar levar por estar com eles como pessoas e não como professores. Eles a tratarem-me como se eu não fosse uma criança. Abordou-se o tópico do motivo por que o conselho diretivo pretendia despedi-lo. Perguntei se era por os gajos da empresa mineira estarem lixados com ele por os denunciar, por terem todos os outros negócios fora da cidade e manterem as escolas num estado deplorável para sermos demasiado burros e não conseguirmos ripostar. Virou a cabeça para o lado, fazendo a sua cara cómica como quem diz *oh, merda*, e a professora Annie levantou as mãos e abanou-as no ar. Estes estavam a divertir-se à brava. Muito sério, ele refutou dizendo que não se lembrava de dizer nada disso nas aulas.

— Pode ganhar mais dinheiro a tocar banjo — disse ela. — Mantêm-no naquela escola só para o humilhar.

Lembrei-me de perguntar pelo Sr. Maldo. Ela disse que se mudara para outra região e que agora estava a trabalhar numa fábrica em Kingsport, livre para limpar casas de banho sem a ameaça do despeito de adolescentes. Isso era positivo. Eu disse que lamentava ele ter-se ido embora e perguntei como é que ela e o professor Armstrong suportavam viver no meio de intriguistas como o U-Haul e a ignominiosa mãe. O professor Armstrong disse que o condado de Lee não era um nicho de mercado, porque havia detratores em toda a parte. Como eram um casal misto, já tinham ouvido de tudo.

— Certa vez, umas pessoas que iam a passar de carro atiraram-nos iogurte na Baixa de Chicago.

— *Yoplait!* — disse a professora Annie, excitada, como se estivesse a contar uma anedota. — Vem numas embalagens muito bonitas, sabes? Que tipo de racista come iogurte de morango de uma empresa famosa?

Eu disse que desistia. O tipo de Chicago? E o professor Armstrong argumentou que, tecnicamente, não sabíamos se ele o estava a comer. Talvez apenas o tivesse comprado para usar como arma de arremesso.

Mesmo parecendo que estavam na galhofa, dava a entender que se passava alguma coisa séria, que estavam a mandar indiretas. A professora Annie disse que adoravam o que este sítio tinha de bom e que, quanto ao resto, se defendiam um ao outro.

— Outra pessoa pode dar-se a imenso trabalho para melhorar o mundo — disse —, mas o apoio tem de ser mútuo.

Depois juntaram-se contra mim por causa de desistir da escola e viver com a Dori. A professora Annie disse que conseguir um contrato era uma oportunidade que não aparece todos os dias, e, que se fosse ela, quereria enfrentar o desafio com a mente desanuviada. Ou seja, eu deveria deixar-me das drogas. Seria mais fácil de fazer se não fossem os ganzados dos amigos. Eles foram educados, mas mesmo assim… Explicaram que o amor tem de vir de um lugar forte, não era só agarrar o que está mais à mão. Uma pessoa não pode escolher a família, mas o parceiro é a nossa oportunidade de uma mudança decente. Fiquei sentado a tatear um *Xanax* no bolso, a ponderar. Que caralho. Aquelas pessoas andavam a seguir-me? Talvez fosse paranoia, que costumava acontecer quando o efeito das drogas começava a desaparecer. Mas, bem vistas as coisas, eram professores. No que diz respeito aos miúdos e às famílias daquelas bandas, eram uma autoridade.

Saí daquela casa a sentir-me tão confuso que tive de meter aquele *Xanax* antes de ligar o carro. Conseguir um bom acordo com a Pinkie Mayhew, bestial. Mas também estava danado. A Dori dependia de mim para tudo. Se a abandonasse, o mais certo era morrer de choro e fome, com o *Jip* deitado em cima do cadáver dela a pensar que, com a minha ida, vencera a guerra. Aquele casal de professores com as suas piadas astutas e palmadas no rabo e uma casa cheia de coisas bonitas feitas por mãos firmes… quem não quereria isso? Mas como é que alguém consegue chegar lá? Eu não conhecera assim tantas pessoas casadas felizes, principalmente uma com a outra. O professor Armstrong e a professora Annie só me deram mais motivos de preocupação ao meterem-me na cabeça a ideia de que deveria acabar com a Dori, porque nunca o faria. Pessoas decentes não desistem daqueles que amam.

Disse ao Tommy que aceitava, «vamos fazer isto em equipa». A professora

Annie fez jogo duro com a Pinkie e conseguiu-nos cinquenta dólares por tira de banda desenhada, com um bónus por cada jornal que a publicasse. Tínhamos de fazer entregas semanais, com um contrato anual. Eu e o Tommy dividiríamos os dividendos. Os milhares de livros que lera teriam de dar frutos em determinado momento; ele poderia ajudar com ideias para as histórias. E com a arte propriamente dita. Rever tudo é o último passo e exige uma mão firme. Disse-lhe que seríamos como mulas presas nos arreios.

A verdade é que me assustava de morte fazer uma promessa como aquela sozinho. Andava-me a enganar a mim mesmo em relação ao meu consumo. *Olha para mim, a meter mãos à obra.* Tudo sob controlo. A fugir ao assunto da morfina. Ainda não injetara nada, pelo único motivo de ter pavor de agulhas, mas disse a mim mesmo que era uma fronteira entre o consumo recreativo e o consumo duro que me recusava a cruzar. A fazer de conta que era capaz de aparecer a horas como humano, mesmo depois de ser despedido do Sonic e de outros sítios depois disso. Não por mandriar, eu dava o litro, mas ninguém quereria partilhar o espaço comigo e com uma frigideira, e mais não digo.

Agora, com o Tommy a apoiar-me, deixaria de fazer asneiras. Era nisso que eu acreditava no dia em que assinámos os tais contratos no ninho de ratazanas da Pinkie Mayhew. O que eu queria mais do que tudo era crescer. Difícil de explicar, considerando como fora injustiçado na infância. Descontraído, o que é isso? Se alguma vez soubera o que isso era, não me lembrava. Mas ainda estava preso na puerilidade, sem ser um adulto completo, a tentar iludir-me, a olhar para as janelas com um tijolo de betão na mão. É tudo o que queremos, nós, os rapazes rudes deste mundo: viver como homens.

Quando o contrato expirasse, estaria quase a fazer dezoito anos. Receberia o dinheiro que me estava destinado da Segurança Social da minha mãe e iniciaria a minha vida de liberdade. Como um homem de trabalho e talentos, a ser remunerado pela minha obra. Casaria com a Dori. Deixaria as drogas.

Fui para a cama a pensar *Está bem, Angus. Confiarei na viagem tempestuosa.* Algumas horas mais tarde acordei com o telefone a tocar e era a última pessoa que queria ouvir, a Rose Dartell. Não sentia nada por aquela rapariga estranha e

presumira que o sentimento fosse mútuo, mas estava enganado, ela sentia algo por mim: desprezo. Por causa da Emmy e do Prego-a-Fundo. Toda a gente me atirava as culpas por isso, por os ter juntado. A Rose disse para me encontrar com ela no pequeno parque acima de Ewing porque tinha uma coisa para me dar, da Emmy. Eu disse que talvez pudesse ir no dia seguinte, à tarde. Ela disse népia, *agora*.

As coisas que uma pessoa faz para ser decente. Vesti as calças às putas das três da manhã e fui de carro a uma área de descanso de uma autoestrada sem nome para receber más notícias, só podia. Não ficava longe do parque onde a menina Pereira me levara há anos, no dia em que me largara. Ao contemplar aqueles penhascos de pedra branca, ocorreram-me pensamentos estranhos. Saltar, voar ou cair. O luar incidia sobre o cume recortado. Sentei-me numa estaca de cimento frio à espera de ver faróis a subir a estrada.

A Rose apeou-se e ficou junto ao carro, a falar baixo. Não a conseguia ver bem. Disse que o Prego-a-Fundo estava a viver na Geórgia. Decidira afastar a Rato e negociar diretamente com uns traficantes mexicanos de Atlanta. Aludiu a uma série de tecnicalidades, dando a entender que o Prego-a-Fundo era um homem de negócios de mérito, a fazer as suas jogadas inteligentes para conseguir uma promoção. Parte da sua argúcia comercial envolvia utilizar a Emmy como isco. Eu estava cansado e trémulo e não ouvi tudo o que ela disse. Perguntei o que queria dizer com isco. Só conseguia pensar na caixa de pesca do Sr. Peg.

Era mesmo isso que ela queria dizer. Isco. Ter relações sexuais com gajos para os atrair e fazerem negócio com o Prego-a-Fundo. Disse à Rose que isso era impossível. Se conhecesse a Emmy, nunca consideraria sequer tal coisa.

— De certeza que tu não conseguirias — disse. A Rose tinha acendido um cigarro e eu observei o brilho laranja subir e descer. — Se a visses, nem a reconhecerias.

— Reconheceria.

— Não no estado em que se encontra agora, não reconhecerias. Eu vi-a e posso afirmar que ela é um destroço. O Prego-a-Fundo ficou enojado e deixou-a lá. — Vi a ponta do cigarro cair ao chão. — Por isso foram duas vidas que

destruíste, a dela e a minha. Eu teria ficado com ele. Não sou burra.

Mandei a Rose para o inferno. Não acreditava numa palavra do que estava a dizer.

Ouvi passos na gravilha até ela estar tão perto que consegui sentir-lhe o cheiro. Esticou o braço com o punho cerrado. Largou alguma coisa na minha mão que pareceu ligeiramente húmido, como cuspo.

Fiquei a olhar para a carrinha dela até desaparecer na escuridão, depois meti-me no meu carro. Por instantes fiquei ofuscado pela luz do tejadilho. Abri a mão e olhei. Era uma pulseira em forma de serpente.

52

Tinha pavor de ligar à June, mas prometera-lho. Omiti certos pormenores. O que me matou foi perceber como ela ficou feliz só de saber que a Emmy estava viva. Já de saber que estava em Atlanta, nem por isso. A June desatou num chorrilho de imprecações, dizendo que Atlanta era uma metrópole demasiado grande para começar a bater a portas, que esperava que a Emmy tivesse regressado a Knoxville, o que, na minha opinião, não lhe fica atrás, no que diz respeito a ser uma metrópole demasiado grande para andar a bater a portas.

O que tínhamos de fazer agora, disse, era encontrar a Martha. Afinal, a June sabia do aborto e de bastantes outras coisas, e ajudara a Martha, inscrevendo-a numa clínica de metadona. Mas a mais próxima ficava em Knoxville e a Martha não conhecia lá ninguém, pelo que era uma confusão. A Martha começara a recompor-se, regressara para junto de pessoas que conhecia, depois tivera uma recaída e voltara a desaparecer. Talvez tivesse ido para Atlanta. A June achava que, ao relacionar-se com o mundo da Martha, chegaria à Emmy. Nesta fase estava apenas a pensar em voz alta, sem querer desligar o telefone, apesar de estar no trabalho, com pessoas à espera. Eu disse para me ligar se precisasse de mim.

Andei a conduzir algum tempo para esquecer as preocupações da June e pensar numa tira para desenhar. Geralmente, era assim que conseguia as melhores ideias. O meu plano era regressar a uma casa sossegada e fazer alguma coisa enquanto a Dori estava no trabalho, mas naquele dia dei com ela na cama a comer um daqueles gelados com uma cobertura crocante que comprava em embalagens familiares. Atingira o limite de faltas de marcações ou roubara alguma coisa óbvia e a Thelma dissera-lhe para não regressar.

— Ela disse que me estava a pedir como *amiga* — esclareceu a Dori.

— Bestial — disse eu. — Estavas a trazer dinheiro para casa, enganaste a tua melhor amiga, mas está tudo bem porque ela não gritou contigo.

A Dori disse que eu era um filho da mãe malvado e incompreensivo. Depois chamou o *Jip* com beijinhos e estendeu-lhe o gelado para ele lamber. Ficou com gelado branco espalhado pelos bigodes como um velhote, e a forma como mexeu a cabeça para cima e para baixo pareceu-me pornográfica. Eu era um filho da mãe bastante compreensivo. A Thelma não gritara com a Dori porque uma pessoa conseguiria exatamente o mesmo a gritar com uma caixa de calhaus.

Depois disto, a Dori deixou de ter um motivo para se levantar da cama, por isso tirei-lhe a televisão. Noutros tempos tê-la-ia arrastado outra vez escadas acima, nos dias dinâmicos em que andava com a garrafa de oxigénio e a cadeira de rodas do pai de um lado para o outro, mas agora, com aquela rigorosa dieta de droga e gelado, era pele e osso. Desceu as escadas com o *Jip*, a bater os pés, sem falar comigo, e, desde então, desperdiçou os dias no sofá a assistir ao *The View*, ao *Price Is Right* e ao *Raven*. Eu deixara de pagar a televisão por cabo, pelo que só tínhamos os canais em sinal aberto. Não fazia diferença, porque eu chegava a casa e podia encontrá-la de olhos vidrados a assistir às *Tartarugas Ninja*.

Até que um dia o copo transbordou. Tinha recebido um orçamento ridículo para a reparação da transmissão, chegara a casa e dera com o frigorífico vazio e a tresandar por causa da última vez que nos tinham cortado a luz, e atirei uma garrafa de vodca vazia contra a televisão. Do outro lado da sala, ainda conseguia um bom arremesso. Nada se estilhaçou, o ecrã apenas se amarfanhou e as cores escorreram pela tela abaixo, em linhas. Idiota. Poderia ter conseguido pelo menos uma caixa de *Xanax* por aquela televisão. Não estava a pensar como um chefe de família.

Ela ficou ali, embrulhada no cobertor, a olhar para o ecrã sem imagem. À espera de que eu trouxesse droga para casa. Passou-me pela cabeça a ideia irrefletida de desaparecer por uns tempos. Abandoná-la. Deixá-la a ressacar; aí dar-me-ia valor. Mas nunca seria capaz de o fazer. Ela era a minha boneca. Eu não era insensível.

Solitário, era assim que estava. Naqueles tempos a minha salvação foi o Tommy, que era o gajo mais interessante com quem poderia querer conversar. Continuava a ler como se estivesse num *buffet* com tudo à discrição. Não coisas infantis, agora eram as notícias que nos chegavam. O *Courier* publicava as suas histórias locais, autêntico lixo, para infelicidade do Tommy, mas tudo o resto seria um desperdício, achava ele, se ninguém o publicasse ou lesse. Fosse o que fosse, ele estava em cima do assunto: um furacão no Alabama, a guerra no Iraque, a *Toyota* a ocupar a terceira posição de marca mais vendida na América. O espaço, estava a par de tudo. Disse que estavam a construir um veículo de quatrocentos milhões de dólares para andar em Marte. Não acreditei nele, mas até acreditei. O que as pessoas fazem quando têm dinheiro; são universos diferentes, o deles e o nosso.

Naquela época, estava a trabalhar na cooperativa agrícola de Norton. Em termos de trabalho era bastante parecido com a antiga loja do Vester, a fazer reposição, a marcar os preços, a carregar ração, mas as pessoas, minha nossa Senhora. A gerente, a Rita, não era assim muito velha, mas já vencera dois tipos de cancro, *duplaectomia* disto ou daquilo, e fala de uma perda da urina antes de eu ter tempo de terminar o café. Enquanto o caixa, de seu nome Les, antigo mineiro, tinha problemas em todas as partes do corpo, incluindo um que tenho a certeza foi invenção dele. Estavam em permanente competição. Se tivesse de escolher o vencedor, optaria pelo Les, que usava um daqueles andarilhos com assento, e as mãos tremiam-lhe tanto que os clientes se apressavam sempre a meter as suas compras nos sacos antes que ele partisse um frasco de *Ivermec*. Apetecia-me perguntar ao velhote porque não ficava em casa. Pedir a pensão por invalidez, dar o lugar a outro. O mais certo era a mulher lhe ter dito para deixar de ser hipocondríaco ou acabava com ele.

Era reconfortante, ao fim do dia, ir de carro até à redação do jornal e escutar as catástrofes nacionais do Tommy.

O que não lhe faltava era sugestões para o Red Neck. Fizemos uma série de tiras relacionadas com medicina. O Red Neck a aproveitar calhas de carvão desativadas para criar uma gigantesca montanha-russa e levar pessoas de cadeiras de rodas ao médico no Tennessee. Uma série deles nas clínicas RAM

gratuitas, com os médicos voluntários que chegam de avião todos os anos. Eu próprio vira esses acampamentos de tendas, a loucura que aquilo é. A minha mãe costumava tentar levar-me lá, mas nunca levou. As pessoas passam semanas em filas à espera da sua vez. Desenhei o Red Neck a salvar crianças da debandada. O Red Neck a arrancar os vidros e as varetas de uma velha mina de carvão e a dobrá-las para fazer óculos para as crianças carenciadas. O Red Neck a fazer uma dentadura nova para um velhote a partir de um pedaço de carvão duro e reluzente.

Apesar dos piores receios do Tommy, a Sophie ainda não lhe dera com os pés por ser um campónio. Tinham feito planos para se encontrarem pessoalmente caso tivessem tempo de férias suficiente e, entretanto, trocavam mensagens pelo computador como se não houvesse amanhã. Fora de brincadeira, ele era capaz de passar horas naquele terminal, a ler ou a escrever. Perguntei como tinham tanto para dizer. Respondeu que contavam ao outro tudo aquilo que os preocupava, tudo o que os deixava tristes e tudo o que os deixava felizes. Basicamente era isso. Disse que, entre essas três coisas, provavelmente seriam capazes de ter assunto para o resto das vidas. Caso contrário, inventariam outra categoria.

Não terá percebido que, ao dizer isso, foi como se me desse um murro no peito. *Pobre Tommy*, pensara eu, *com esta rapariga imaginária*, enquanto eu e a Dori fazíamos os nossos festins de pinanço. Depois eu e a Dori passámos do foder para o vai-te foder, sem que se adivinhassem outras categorias. O Tommy tinha algo que eu nunca teria.

E eu tinha o Tommy. Conversávamos sobre todos os assuntos imagináveis, mas evitávamos certos tópicos. A Dori era um deles. O nosso ninho do amor não tão feliz. Outro eram as nossas atividades extracurriculares. Mas ele não era tolo nenhum. Certa noite, e isto depois de convivermos durante meses, disse-me que não era permitido ter visitas na redação do jornal, pelo que deveríamos arranjar outro sítio para trabalhar nas nossas tiras. Presumi que a ideia fosse da Pinkie, por pensar que eu era um janado a deambular pelas instalações dela. Disse que fiquei magoado com ele por não me defender. Pensava que eu roubaria merdas da redação?

Ele estava debruçado sobre a mesa de luz inclinada e não ergueu os olhos,

uma mão a puxar a barbicha a que, finalmente, me começava a habituar. Senti náuseas. O Tommy era um tipo às direitas, provavelmente o último que eu conhecia, bom até ao tutano. Se ele desistisse de mim, eu era um caso perdido.

— Aqui não há muito que valha a pena roubar — acabou por dizer, encolhendo os ombros, sem desviar o olhar da placa de contraplacado na parede com uma enorme barafunda de rolos de fita-cola e x-atos.

— Isso significa o quê? Que se houvesse eu roubaria?

Encarou-me.

— Assinei um contrato como teu parceiro. Tenho de confiar em ti, Demon.

— Está bem. E?

Nunca vira o Tommy tão triste. E nós os dois já víramos merdas bem tristes. Disse-me que estava relacionado com a minha capacidade de funcionar. Tinha de pensar na possibilidade de eu me magoar, com todas as máquinas que por ali havia, lâminas afiadas e assim. Sabia que lhe estava a custar imenso dizer aquilo, mas mesmo assim disse coisas horríveis. Eu estava a funcionar suficientemente bem para viver numa casa verdadeira com a minha namorada verdadeira, e não numa garagem com forquilhas e latas de gasolina. Depois pedi desculpa e fui-me abaixo e admiti que estava um bocado viciado em drogas, mas que tencionava atinar.

— Como vais fazer isso? — indagou. O cotovelo apoiado na mesa luminosa, o queixo na mão.

— Vou fazer e pronto. Deixar a droga. Só que… o meu joelho. Ainda dói como o raio. — Os olhos de cachorrinho tristes, o queixo apoiado no punho. — Mas posso fazer um esforço — assegurei. — Já é tempo. Tenho pensado nisso. Já passei por pior, quero dizer, meu Deus, Tommy. Passámos pela quinta de sadomasoquismo do Creaky.

— Acho que não é assim tão simples. Acho que é melhor ter ajuda.

— Ajuda? — disse eu a rir. — Onde?

— Há um grupo de AA na cave da igreja duas portas aqui ao lado. Reúnem muitas noites da semana. Se começasses a ir, talvez aceitássemos que viesses para aqui depois.

— Então, estás a subornar-me para ir para os AA.

— Não foi isso que eu quis dizer. Desculpa. Eu sei, a ideia é ser anónimo.

— Que raio é que sabes do assunto?

Levantou-se da mesa de luz e começou a andar de um lado para o outro, as mãos enfiadas nos bolsos.

— A Sophie — disse. — Os pais dela eram alcoólicos, mas a mãe recuperou.

— Fixe para a mãe da Sophie. Tudo o que a minha conseguiu da merda dos AA foi tentarem convencê-la a prescindir de tudo em troca de um poder supremo. Que foi a soma de toda a vida dela, Tommy. Nunca acreditou ter poder dentro dela. Apenas aceitar as merdas que a vida lhe atirava, até que a última dose acabou com ela. — O Tommy apoiou-se na mesa com a cabeça apoiada nas mãos. Disse-lhe que não iria viver como a minha mãe, permitindo que todos os outros lhe dissessem que era uma inútil. Mantivera-me vivo até ao momento dependendo de mim mesmo e não prescindiria disso agora.

— Outra coisa — disse o Tommy, muito baixinho. — A mãe da Sophie teve de deixar o pai para ficar sóbria. Ela diz que, enquanto viveres com uma dependente, serás um dependente.

Dei vários murros na palma da mão e saí dali antes de fazer pior. Porque é que ele esteve com rodeios? Não interessava. Não a deixaria.

O Tommy era um bom homem e eu não. É tudo o que posso dizer. Tínhamos um contrato. Voltei lá na noite seguinte e fizemos as pazes. Para provar que confiava em mim, o Tommy deu-me uma chave da sua casa na garagem e eu comecei a trabalhar lá, só eu e as forquilhas e as latas de gasolina, até ele terminar os seus *layouts*, quando voltava para casa e trabalhávamos juntos.

Estar ali sozinho era como estar de volta à casota dos McCobbs, incluindo visitas-surpresa da Haillie, que aparecia de repente e me pregava cada cagaço… A versão de treze anos, imagine-se o estilo Barbie cintilante, mas evoluído. Mostrou-me o desenho da fada Howliie que guardara todo este tempo. Eu estava a tentar trabalhar, mas o que se há de fazer? Perguntei o que os gémeos barulhentos andavam a tramar e ela disse que andavam no jardim-escola. Na noite seguinte, regressou com aqueles fedelhos ao colo, como se fosse uma pequena mamã. Tentei fazer as perguntas normais, como fora no Ohio, se ela

tinha namorado. Disse que tinha quatro. Com aqueles miúdos ao colo, que eram quase do tamanho dela, a lançar-me um olhar malicioso como se eu pudesse vir a ser o quinto. Calma, miúda, pensei, tê-los-ás em breve, sem a minha ajuda. A Sra. McCobb acabaria por vir enxotar a Haillie de volta para casa. Depois ficava *ela* ali com as suas calças de fato de treino XXXL e aquele ar de mãe a falar até eu não a poder ouvir mais. O marido é um génio, a sua empresa Wate-o-Way está prestes a ir de vento em popa, a mesma treta de sempre. Eu já não dependia daquela família de estapafúrdios para conseguir a minha ingestão calórica ou qualquer outra coisa, por isso aquilo entrou-me por um ouvido e saiu-me pelo outro.

A não ser por um pormenor. Ela disse que temia que o Sr. McCobb se tivesse metido numa coisa que ultrapassava as suas capacidades. Uma negociata com um homem que não conhecia, mas que fora lá a casa e de cujo aspeto ela não gostara. Como eu tinha ligações ao futebol, queria saber se por acaso não conhecia esse tipo. Chamava-se U-Haul Pyles. Caralhos me fodam. Disse-lhe para se afastarem dele. Mas não consegui deixar de cismar. Estaria ela a tentar puxar por mim? Ou estaria o U-Haul a tentar apanhar-me ali?

A Martha apareceu. Estava a viver num sítio que a June descreveu como «aquela casa de *crack* na Woodway», como se fosse uma atração famosa. Aquele sítio onde uma vez fôramos buscar o Trocas. A June queria que eu fosse lá buscá-la. Eu disse que o Maggot se dava bem com aquela malta, seria a pessoa indicada. Se isso não resultasse, deveria contactar as autoridades. A June disse que nem pensar. Quem lhe dera a dica fora o Juicy Wills, o adjunto do xerife com quem ela namorara no secundário. O Juicy aparecia para lhe dar informações desde que a Emmy fugira, cheio de bazófia. A June apenas o tolerava na esperança de conseguir uma pista decente. Agora que tinha uma, não iria deitar tudo a perder aparecendo lá como um pavão num carro-patrulha. O único objetivo dela era encontrar a Emmy, e, para isso, tinha de fazer com que a Martha confiasse o suficiente nela para falar. O Maggot concordara em ajudar, mas só se eu também ajudasse.

A June foi convincente. Sabia que a Martha não ficaria feliz por a ver, mesmo

depois de tudo o que fizera para a ajudar. Para dizer a verdade, o motivo era esse. Assim, ficou decidido que eu iria lá com o Maggot. Se conseguíssemos levar a Martha a casa da June, ela tomava conta do caso a partir daí.

Fomos de carro à Woodway em plena luz do dia, o Maggot tão pedrado que nem se apercebeu da transmissão a dar as últimas. Encostei ao lado da casa e fiquei sentado no carro, a admirar o alpendre, que era em si mesmo um universo retorcido. Um velho colchão apodrecido, cómodas sem gavetas, latas de propano, cavalete de serrador, frigorífico tombado com quatro cadeiras de plástico interligadas em cima. Canadianas. Palmeira artificial. Um carrinho de criança. Uma enorme pilha de lenha partida por um homem no seu auge que de certeza já não estava por ali para a pôr a arder. Eram os sedimentos de três ou mais gerações desaparecidas. Demorei um minuto até ver a fina espiral de fumo de cigarro e a Martha por baixo, sentada num *Shop-Vac*. Perguntámos se queria ir dar uma volta. Nem sequer perguntou onde.

Nunca vira uma pessoa tão destroçada. O cabelo, os dentes, tudo nela estava encardido ou a desmoronar. Velhas calças de ganga às riscas com o fecho estragado. Os braços escanzelados despidos, com aquele frio. O Maggot foi para o banco de trás para ela poder ir no lugar do pendura, e senti o cheiro dela, como estrume. Carne putrefata. Obriguei-me a perguntar se precisava de comer e ela disse que sim, mas apagou antes de chegarmos a um *drive-through*. Comprei-lhe um hambúrguer, mas o Maggot comeu-o, com a desculpa de que haveria mais comida em casa da June. Depois também adormeceu. Seguimos pelo trecho assustador onde as videiras *kudzu* pendem das árvores e chegam à balaustrada como se nos quisessem apanhar.

A cerca de um quilómetro e meio da casa da June, a Martha acordou, viu onde estávamos e tentou atirar-se do carro em movimento, mas esqueceu-se de que tinha o cinto de segurança posto. Encostei na berma e deixei-a sair, porque ela não tinha para onde ir, apenas as margens do rio Powell, onde o Sr. Peg nos levava à pesca. Um lugar lindíssimo, com cicutas em redor como gigantes enfadados. Cambaleou pelo talude. Só então reparei que tinha um pé descalço. O mais certo era ter-se injetado, ficado com a moca e ter-se esquecido de se calçar. Já vira a Dori fazer isso várias vezes. Pensar na Dori e na Martha ao mesmo

tempo assustou-me imenso. Deixei o Maggot a dormir no carro e fui atrás dela. Agachei-me na margem do rio a vê-la a tremer. Corcovada, a cara encostada aos joelhos, as duas mãos nos cabelos hirsutos.

— Não posso permitir que me veja — acabou por dizer a Martha. — Ela odeia-me.

— A June? Não te odeia.

— Foi ela que te obrigou a ir buscar-me, não foi?

Disse-lhe que a June só queria cuidar dela. A Martha estremeceu com tanta violência que receei que fosse partir alguma coisa. Disse que não aceitaria mais dinheiro da June porque isso a tornaria uma pessoa pior, e não podia descer mais baixo. Já tentara suicidar-se duas vezes.

— A June pensa que fui eu que levei a Emmy para maus caminhos.

Disse-lhe que ninguém pensava tal coisa. Porém, o que me surpreendeu foi como a Emmy dissera o mesmo, *Sou uma pessoa horrível*. O Prego-a-Fundo andava por aí todo senhor de si, como se não fizesse mal a uma mosca, enquanto deixava estes destroços de mulheres para trás. Obriguei-me a tocar nas costas da Martha, esfregando a mão num círculo por cima da diáfana *t-shirt* de verão, e senti os nós duros da sua coluna vertebral. A da Dori agora era assim.

Disse-lhe que a June não era pessoa de desistir dos outros, nunca. E que, se a Martha conseguisse contactar a Emmy de alguma forma, tinha de lhe dizer que a June a amava muito e queria que ela voltasse para casa. A Martha sentou-se a limpar o nariz às costas da mão, assimilando as minhas palavras. Eu estava a tentar fazer com que se sentisse útil, para ela não desistir, mas fiquei esgotado. Quando a larguei a ela e ao Maggot em casa da June, estava escuro e eu era mais uma baixa do dia.

Passei a viagem de regresso a pensar na Dori, no destino que a esperava. Valha-me Deus, acabara de o ver. A Dori nunca iria deixar as drogas, não tinha motivos para isso. Não me conseguia imaginar a viver sem ela, mas também não podia continuar a viver naquela solidão, à espera de que ela acordasse com vontade de partilhar os meus fardos. Agora, as únicas palavras que trocávamos eram os preliminares das discussões.

Ela estava a dormir no sofá, de barriga para cima, uma mão no chão como a

rapariga de um livro de histórias a deslizar os dedos pela água no seu barco. Tinha o *Jip* em cima da barriga, o vigia de olhos de contas. Rosnou quando a abanei com delicadeza.

— Querida, comeste alguma coisa hoje? — Ela virou-se de lado sem abrir os olhos. — Preciso que acordes e te sentes, está bem? Temos de conversar.

Se a deixasse, para onde iria? Não fazia ideia. Nenhum sítio me parecia possível. Talvez fosse apenas durante algum tempo. Empurrei o *Jip* para o chão e ajudei-a a sentar-se. Ela pestanejou, focando a visão.

— O que te apetece comer?

Ela pousou a mão na barriga e abanou a cabeça. Insisti que tinha de comer. Ela arregalou os olhos, como se estivesse a dar conta da minha presença a pouco e pouco. Depois olhou para mim como se eu a fosse magoar e eu senti-me uma pessoa horrível.

— Querida, querida — disse, afagando-lhe o cabelo. Estava todo desgrenhado, finalmente da sua cor loura verdadeira. Disse-lhe que a amava e que nunca, nunca a magoaria.

E vai ela e diz:

— A questão é que estou grávida, Demon.

53

Todos os dias, não pensei noutra coisa. Isto livrar-nos-ia das drogas. Agora, a Dori tinha um motivo. É simples, assumi eu, pensando no bebé. Não era simples. A Dori nunca se dera ao trabalho de ocultar qualquer parte do seu consumo. Para ela, era tudo uma questão de amor: sugar um comprimido de *OxyContin* para esmagar e dividir exatamente ao meio e partilhar comigo. Guardar todos os emplastros que injetava, para eu lamber os restos. Agora estava manhosa comigo, injetando-se sempre só depois de eu sair de casa. Uma querida; era a Dori a tentar ser uma pessoa boa. É possível que eu estivesse a fazer alguma versão da mesma figura.

Atordoado é a única palavra que poderia utilizar para descrever grande parte do tempo que passei ganzado. Porém, não é atordoado que faz um pássaro voar ou um gafanhoto esfregar as patas e zumbir. É a natureza. Um janado vai de boleia. Aquele açúcar nas células do nosso cérebro enxuga qualquer sentido de propósito. Podemos pensar que estamos a controlar. Andar por aí a pensar isto durante horas seguidas, ou um dia inteiro, até que o relógio perde a corda e o ser humano que éramos é arrancado pelo buraco que o diabo consiga encontrar. A pessoa aprende a lição, atina. Baterá no fundo outra vez.

Para o bem da Dori, fui falar com a June. Sabia que ela tinha de ser vista. Agora, é costume fazerem-se coisas às grávidas, ouvir a frequência cardíaca e isso. Vitaminas, lembro-me de darem isso à minha mãe. E, já agora, talvez uma ajudazinha para largar a droga.

O que não esperava era encontrar a June tão entusiasmada com as suas notícias que pouco ligou às minhas. A Martha tinha uma ideia do paradeiro da Emmy em Atlanta. A June tinha mesmo o nome de uma rua e ia lá. Um pardieiro

qualquer, de certeza. Estava a descascar batatas enquanto me contava tudo isto, compridas tiras de pele caíam na bancada. As pessoas que conheço raramente têm as mãos pouco ativas. Os homens fumam ou consertam coisas, com frequência ao mesmo tempo. Uma vez vi um homem a derrubar um choupo, de cima para baixo, trabalhando nos ramos de cima com uma serra elétrica numa mão e um *Camel* na outra. As mulheres penteiam o cabelo dos filhos, limpam-lhes o nariz, cosem um botão ou descascam batatas. E fumam, mas a June não, claro. Sentei-me num banco ao balcão da cozinha, desejoso de desenhar as mãos dela.

— O que te leva a pensar que ela quer regressar a casa? — indaguei.

Não respondeu durante meia batata. Cascas castanhas e brancas amontoadas. E depois:

— Neste momento, a Emmy não se encontra em posição de saber o que quer.

— As pessoas fartam-se de ouvir isso — atalhei. — Ela tem dezoito anos.

Os olhos da June cintilaram, mas continuou a descascar, a falar sem levantar a cabeça.

— Não se trata de escolhas adultas. Ela está lá encurralada sem meios de subsistência, a ser usada por pessoas horríveis que a mantém viciada, sei lá, que a violam. Há partes em que nem consigo pensar.

— Envergonhada — disse eu. — Há essa parte. Ela preferiria morrer a tu saberes.

As mãos da June imobilizaram-se.

— Tens de vir connosco.

Quase desatei a rir quando percebi que a June Peggot achava que aquilo seria canja. Como se fosse a Lara Croft e fôssemos fazer uma incursão pelo túmulo. Recusei. Não podia deixar a Dori durante tanto tempo.

Ela fitou-me com os olhos semicerrados, sem parar o que estava a fazer, o raspa-raspa do descascador agora num ritmo enfurecido.

— Ouve o que estás a dizer. A Dori é uma mulher crescida, em breve será mãe. O que achas que ela poderá fazer se a deixares sem vigilância? Chichi na cama? Deitar fogo à casa?

Não quis admitir que as duas hipóteses eram uma possibilidade. Tinha outras

desculpas, o meu emprego na loja, uma tira que tinha de terminar até sábado. A June disse que iria no domingo. Raspa-raspa-raspa. Disse-lhe que eram pessoas assustadoras e que deveria levar alguém que andasse armado, como o Juicy Wills.

«Porra, o Juicy não», disse ela, por diversos motivos, mas que tinha razão quanto a serem assustadoras. Andava a receber ameaças daquela tal de Rose, que afirmava que a Emmy lhe roubara o homem e que se a puta voltasse a aparecer por aqui levava na tromba. A June não tencionava ir à procura da Emmy sem ajuda. O irmão Everett tinha licença de porte de arma que, jurara, era válida na Geórgia, e concordara em ir com ela.

Tentei imaginar esse irmão como o Exterminador 2. Everett. A boa aparência e a gentileza que são apanágio dos Peggots, *linebacker* no secundário. Ele e a mulher eram os donos do clube de *fitness* e do solário em Big Stone. Era bastante musculoso, mas, mesmo assim, a June não estava boa da cabeça.

— Nesse caso, não precisas de mim.

— Mas um amigo, uma pessoa da idade dela… Como disseste, sente-se humilhada. Confia em ti.

Fiquei irritado por ser convidado como um rapaz e não como um homem.

— Então, leva o Hammer — contrapus. — O último rapaz simpático. Tem uma espingarda de caçar veados, anel de noivado e mais não sei o quê.

Foi então que lhe saltou a tampa e disse que seria cruel envolver o Hammer naquilo. Tudo o que ele quisera fora amar aquela rapariga e mantê-la em segurança. Se ao menos tivessem ficado juntos. Mergulhou as batatas descascadas na água para cozer, limpou as mãos ao avental e afastou o cabelo da testa, um daqueles pequenos hábitos que os Peggots tinham há gerações. Aquelas mãos, aquela fração de segundo de testa infantil à vista, a mesma expressão dos olhos. Por um instante, voltei a ter sete anos e estava a brincar aos empurrões com o Maggot, os pés descalços bem apoiados no chão, a tentar empurrar o outro para a lama. Eu a vencer, o Maggot a recusar-se a perder.

Era exequível. Eu ia no carro da June em direção ao sul a uma hora absurda de domingo. Atlanta ficava a quase seis horas de distância, e ela pretendia chegar lá

e tratar do nosso assunto sempre com luz do dia, antes de os vampiros aparecerem. O Everett ia a cochilar no lugar do pendura, a enorme cabeça tombada para a frente, a *Kel-Tec PMR-30* na consola no meio dos dois. Não era permitido atravessar fronteiras estaduais com armas escondidas, e a June cumpria as regras à risca. Eu ia no banco de trás com os suprimentos que ela considerara serem necessários: velhas colchas macias, uma geleira com refrigerantes, pacotes de bolachas e afins. Por isso, estavam no ar dois filmes diferentes, os lugares da frente saídos de *Blade II*, o banco traseiro mais na onda de *Lassie, o Regresso*.

Sentia-me culpado por mentir à Dori ou por, simplesmente, não lhe ter dito nada, mas ela ficaria de rastos se soubesse que eu ia sair do estado. A minha principal preocupação era ter de passar o dia inteiro sem meter alguma coisa. É evidente que já me abastecera, mas não levava nada para a viagem. As regras tinham sido definidas. Iríamos pela I-75, a rota de *OxyContin* desde a Florida. A June estava tão dentro da lei e preparada em todas as frentes que o mais certo era *querer* que a Polícia nos mandasse parar.

A June e o Everett passaram cinco horas inteiras a desatinar. Qual era o caminho mais rápido para sair da cidade, a Veterans Highway ou a 58. Se estava demasiado quente ou perfeito dentro do carro. Se o *Easy Cheese* era uma dádiva divina ou nojento e um desperdício de latas de metal. A June sintonizava a estação de música nos anos oitenta e o Everett tirava-nos do sério a cantar com uma voz aguda ridícula a acompanhar o Eddie Rabbitt ou a Rosanne Cash, até que ela o deixava mudar a estação. Depois a June grunhia letras inventadas a acompanhar os Beastie Boys e o Jay-Z. «Oh, puta, tenho aqui uma piça enorme para te dar.»

— Não podias estar mais errada, Junie. A *Song Cry* é uma linda história de amor.

— Estou só a seguir a onda, mano. É assim que a música me parece.

— É da idade. A audição é a primeira coisa a desaparecer.

O Everett e a June tinham cinco anos de diferença e não se coibiam de voltar a ter sete e doze. Discutiram sobre se o Everett se humilhara certa vez num encontro dos Peggots e de quem fora a culpa de o cão ter sido atropelado, e

falaram sobre um ano inteiro que se passara em que miúdos mais velhos tinham roubado o almoço do Everett fazendo-o acreditar que a mãe não lho estava a mandar.

— Oh, meu Deus, Everett, quando é que deixas de falar nesse assunto? Isso não aconteceu.

— Aconteceu, sim. Está-me a parecer que, afinal, a memória é a primeira coisa a desaparecer.

O que me espantou foi o facto de a Sra. Peggot mandar os almoços para os filhos. O Maggot comprava sempre o almoço na cantina. Dava para entender como aqueles sete a teriam desgastado antes de ele ter essa oportunidade.

Ao meio-dia avistámos Atlanta. Prédios a tocar nas nuvens a assomar ao longe, aguçados ou quadrados no topo, as cores do aço e do céu. Como nos filmes. Nem dava para acreditar que era real. Convém dizer que o carro da June era muito fixe, um *Jeep Cherokee,* com estofos de cabedal branco. Tudo isto foi agradável por instantes, a ponto de esquecer os contornos soturnos da viagem e distribuir os *snacks*. Ainda estava na parte boa do meu dia, antes de a bonança e a bem-aventurança darem lugar à tristeza e à exasperação. Depois vêm os suores frios, os bocejos, as comichões, a pele de galinha, as tremuras e os vómitos. As fases que eu conhecia como a palma da mão. Tinha a esperança de regressar a casa antes da hora de ficar fodido.

A June tinha os seus mapas e planos de batalha. Não teve dificuldade em conduzir na cidade, pois tinha a experiência dos anos passados em Knoxville. Era toda faixa central isto, cedência de passagem aquilo, curvas apertadas numa parte da cidade agitada onde havia mais pessoas do que carros nos cruzamentos. Anunciou que estávamos na Peachtree Street, conduzindo-nos por um desfiladeiro de arranha-céus a fazer lembrar um videojogo com poucas árvores à vista, pessegueiros ou outros.

— Vamos parar para tomar um café — anunciou, e fez um estacionamento como eu nunca vira e nunca mais vi desde então. Ladina como um coelho a entrar para a toca. Acrescentei aquilo à lista de superpoderes da June. Fomos a um pequeno restaurante onde ela conhecia as regras: pré-pagamento, escolher da longa lista de produtos que, de forma alguma, pareciam ou tinham nomes de

café, mas eram café. Uns copos altos de *frappé* e disparates assim. Ela disse que era para nos dar coragem e comprou-me um *muffin* de mirtilo.

Sentámo-nos a uma pequena mesa e, por fim, aqueles dois calaram-se. Pensei no dia em que conheci a June, o restaurante de Knoxville onde não consegui comer por causa de tudo o que se passava lá fora. Senti-me como estava a sentir-me agora: ansioso. Mortinho por voltar para a rua, por regressar ao mundo real e verde. Mas agora não era uma criança, sabia como eram as coisas. Para começar, que o *Xanax* resolveria essa sensação. Atrás de nós, um casal estava a beber o seu café e a discutir num tom sussurrado. Centenas de pessoas passavam lá fora, cingindo os casacos ao corpo, a olhar para os pés, o passo acelerado. Não sabia o que estavam a tomar para desligar o alarme cerebral que dispara num sítio como aquele, onde nada daquilo que vemos está vivo, a não ser mais pessoas. Tudo o resto não tem vida: tijolo, cimento, aço propulsionado por motores, sem o canto de pássaros, mas buzinas e martelos pneumáticos. Todas as montanhas de construção de vigas de aço. E a June avisou-nos de que aquela era a parte *boa* da cidade.

Quando voltámos para o carro, ela percebeu que o Everett escondera a pistola no porta-luvas, o que, tecnicamente, era ocultação. Ele defendeu-se dizendo que, tecnicamente, não ia permitir que lhe roubassem a *Kel-Tec* de quinhentos dólares enquanto ela tomava a merda de um *latte*. Eu estava prestes a dizer: *Ou vocês se calam ou atiro a pistola pela janela*. Era provável que a fase da irritação estivesse para chegar.

As indicações que tinha num papel levaram-nos a um bairro menos frequentado, ou melhor, nada frequentado. Não se via vivalma na rua. Parecia um pouco como se várias partes do condado de Lee tivessem sido misturadas. Penhascos, foi assim que lhe chamou. Estávamos em fevereiro, pelo que ainda estava bastante frio, mas dava para perceber que, com as circunstâncias certas, aquilo ficaria bastante verde. Árvores de aspeto desolado, taludes, ervas daninhas mortas entre as pequenas casas. Alpendres cheios de tralha a rivalizar com a casa dos janados da Woodway, outras casas abandonadas, entaipadas ou incendiadas. Porém, cerca de uma em cada dez estavam aprumadas e bem pintadas. Pessoas idosas como os Peggots, calculei, que se mantinham de pedra e

cal enquanto os jovens passavam pelo inferno. Mas estava tudo amontoado, muitas casas sem qualquer espaço de permeio. Pneus caídos nos passeios, lixo acumulado junto a uma vedação de arame.

— Onde é que estamos, foda-se?

— Everett — disse a June. — Tens de estar calado.

O primeiro humano que vimos foi um velhote deitado de lado na estrada, a mexer as pernas devagar como se estivesse a andar de bicicleta. Alguns quarteirões mais à frente, uns gajos com roupas largas, a carregar uns sacos de plástico pretos que pendiam com o peso, como as tetas das vacas. Depois, outro velhadas de chapéu e luvas de lã numa esquina, numa cadeira de rodas, a olhar para nada em especial. Aqui e além, uma pequena loja com meia dúzia de pernas a deambular lá dentro, mas as ruas estavam sobretudo desertas. Talvez por ser domingo, estando os religiosos na missa e os outros a ressacar os pecados.

— Malditos filhos da puta! — disparava o Everett de vez em quando, até que a June explodiu.

— *Everett*. Tu és um de cerca de doze homens que conheço que não está metido em nenhuma alhada. Decididamente não és um rufia. Não podemos concordar que isso é uma coisa boa?

A morada que nos tinham dado revelou-se um lugar de aspeto rude. A June estacionou à porta, desligou o motor e ficámos sentados a olhar para a casa. Baixa e larga, o telhado plano, a tinta branca bolorenta, muitas janelas tapadas com cartões. Fazia lembrar um sorriso brutal com falta de dentes. O Everett pegou na sua *Kel-Tec* e verificou se estava travada.

— Vocês ficam no carro enquanto eu vou tratar do assunto.

A June explodiu, uma espécie de gargalhada gritada.

— Garanto-te que uso isso para te matar.

O Everett pousou a pistola nas pernas.

— Vou só bater à porta — disse a June. — Se ela estiver lá, pergunto se podemos entrar e conversar com ela. Por amor de Deus, Everett, porta-te bem.

Para chegar à porta, teve de passar por cima do que pareciam fraldas e plástico azul. Com as suas calças de ganga e o blusão vermelho, parecia uma criança à espera de que a deixassem entrar. Em circunstâncias normais, estaria com a sua

farda de enfermeira, com aquele seu aspeto autoritário. Esperou imenso tempo. Nós tínhamos os vidros abertos, à escuta, a postos para entrar em ação. Conseguia ouvir a respiração do Everett. Se tivesse de me deitar a adivinhar, diria que estava aterrorizado. Ela bateu outra vez. Esperou.

Qualquer outra pessoa teria desistido. Ao fim de cerca de dez minutos, deu a volta à casa e começou a bater às janelas, a chamar pela Emmy. Eu nunca acreditara que a iríamos encontrar, mas ao ver a June agachar-se para passar por debaixo das caleiras caídas, a bater com os nós dos dedos em caixilhos de janelas partidos, percebi que ela tinha uma ideia completamente diferente. Não aceitaria outra opção. Veio-me à mente uma imagem nítida do aquário Undersea Wonders, a discussão entre a Emmy e a June por causa do tanque dos tubarões, nenhuma delas a dar o braço a torcer. Naquele dia, eu ajudara a Emmy a entrar no túnel, mas também lhe mentira. *Se alguma coisa te meter medo, pira-te dali*, deveria ter dito. *Não correrá tudo bem.*

A casa ao lado era das mais arranjadas. Venezianas pintadas, um cata-vento de jardim no meio das flores mortas. Estava um gajo no alpendre a observar a June. Só demos por ele quando gritou qualquer coisa como «Ó minha senhora», e eu e o Everett demos um salto. Era um velhote de casaco e pantufas. Uma auréola de cabelo grisalho à volta da cabeça castanha quase toda calva. A June aproximou-se do alpendre dele e cumprimentou-o com um aperto de mão. Vimo-los a conversar, a June a acenar com a cabeça, a olhar para a casa que parecia uma carantonha. A tocar no olho, a fazer perguntas, a dizer que sim com a cabeça.

Ela voltou para o carro, pôs o cinto, mas não ligou o motor.

— Ele disse que viveram ali umas pessoas, mas que foram despejadas. Incluindo umas jovens. Uma era branca. Não foi bem «despejadas» que disse. — Abanou a cabeça depressa, como quem tenta organizar as ideias. — Houve um tiroteio. E foram-se embora.

— June. É melhor irmos também — disse o Everett.

— Ele acha que foram para uma casa não muito longe daqui. Não sabe a morada, mas disse que é uma casa nova. Acabada de construir, mas onde ainda não mora ninguém.

— Está a inventar merdas para se ver livre de ti — aventou o Everett. —

Quem é que construiria uma casa aqui?

— Eu disse-lhe que estou à procura da minha filha e ele disse que percebia. Disse que essa casa nova é um sítio que eles estão a utilizar agora, não sei para o quê. Mas ela pode estar lá.

— Isto é de loucos, June. É muito perigoso.

— *Maldito* sejas, Everett! O que é feito da tua coragem?

Ele não respondeu.

Bateu com as mãos abertas no guiador.

— Não há nada a lixar a vida a estas pessoas que eu não veja dez vezes por dia no consultório.

Ligou o motor e arrancámos. Percorremos os quarteirões. Vimos o mesmo homem ainda na cadeira de rodas, o outro ainda deitado na estrada. Já não estava a dar às pernas. Não sabíamos do que estávamos à procura. Nada parecia remotamente novo. Eu estava com fome e irrequieto, a começar a ficar com suores. O Everett não parava de pegar na pistola e de a pousar, até que a June lhe deu uma palmada na mão.

Foi então que vimos a casa. Como se tivesse caído do céu, novinha em folha.

Saímos os três do carro. O jardim da frente fora terraplanado há pouco. As janelas tinham autocolantes do fabricante. A porta da frente era moderna, com uma janela oval a imitar as das igrejas. A June bateu à porta, mas ninguém abriu. No puxador da porta, havia uma pequena caixa de metal, aberta, com uma chave à vista de toda a gente. A June enfiou a chave na fechadura e entrámos.

Era tudo novo: um bom soalho de madeira, o cheiro forte de tinta, ainda sem mobília. Apenas uma mesa dobrável com sacos e uma balança, o pó branco da coca. A um canto, estava um gajo sentado no chão com as costas encostadas à parede, a cabeça a pender para a frente. Sustivemos a respiração, observando-o. A pala do enorme boné tapava-lhe a cara, pelo que não sabíamos bem se estava a dormir, morto ou completamente pedrado. Apostei na terceira opção, a julgar pelas pernas afastadas e as mãos abertas.

A June tocou no ombro do Everett, depois na pistola dele, e apontou para o gajo. Levantou a mão esticada: *Não o deixes sair daqui*. Fomos os dois investigar a casa. Um corredor, quartos. Movemo-nos o mais silenciosamente

possível, mas o espaço estava tão vazio que fazia eco na mesma. Empurrei uma porta entreaberta e quase me mijei todo. Crianças. Eram duas. Em cima de um monte de caixas de *pizza* de cartão abertas. Uma estava a dormir, a outra sentada, a brincar com os aros de plástico de uma embalagem de latas de cerveja. A que estava acordada olhou para nós de olhos arregalados, como se eu e a June pudéssemos ser o bilhete de saída. A June tapou a boca com a mão. Tive de a puxar para fora.

Não inspecionámos os quartos todos porque encontrámos a Emmy no seguinte. Ela e outra rapariga estavam deitadas num colchão, sem sentidos, meio despidas. Quando digo *meio*, é mesmo pela metade. A Emmy tinha uma saia curta e *collants* pretos com fios puxados e o tronco nu, enquanto a outra rapariga tinha uma blusa e umas peças de joalharia, um casaco amarelo lustroso, e daí para baixo era só pernas e rata. Como se tivessem de partilhar o vestuário, roupa interior e tudo. A June ainda estava a tapar a boca com a mão e a olhar para mim, como se *eu* soubesse o que fazer. *Fugir*, pensei. O quarto tinha um cheiro adocicado, a sexo, e fiquei agoniado ao ver a cara da Emmy com nódoas negras e a pele pálida. Aproximei-me e peguei nela ao colo; era mais pesada do que a Dori, mas não muito. Pesaria uns quarenta quilos. Em tempos, conseguiria pegar no triplo desse peso sem dificuldade. O homem que era agora tirou-nos dali antes de qualquer um dos presentes terem tempo de abrir os olhos.

A June fez-nos sinal para nos sentarmos à frente, sentou-se no banco traseiro com a Emmy e embrulhou-a nos cobertores. O Everett conduzia demasiado depressa enquanto gritava:

— Foda-se, foda-se, foda-se, não sei para onde estou a ir!

— Meu Deus. Aqueles bebés — disse a June. — E se um for dela? — E um minuto depois: — Onde estou com a cabeça? Só esteve fora seis meses.

— Podemos ligar aos serviços sociais da Geórgia — sugeri. Não sabíamos o que fazer.

O Everett descobriu o caminho para uma autoestrada e encostou à berma. A June passou-lhe o mapa para ele descobrir como chegar à I-75, depois saiu do carro e foi à bagageira buscar a mala de primeiros socorros. Ficámos parados na berma com os carros a passar a alta velocidade, a fazer-nos estremecer, enquanto

a June se debruçava por cima da Emmy no banco traseiro, a ouvir-lhe o coração, a apalpar-lhe os ossos e os órgãos. A Emmy tinha o cabelo estranhamente curto, de uma forma assustadora, com peladas. Agora tinha os olhos abertos, a saltar para cada um de nós, mas não falou. Se calhar pensava que era um sonho. Despi a minha *sweater* de capuz e entreguei-a à June para lha vestir. Depois ela embrulhou outra vez e Emmy e disse:

— Vamos para casa.

Adrenalina a mais faz envelhecer. Foi o que ouvi dizer. O que sei é que faz com que o dia passe num abrir e fechar de olhos. Eu já estava com suores e numa fase mais avançada quando saímos da Geórgia. Pedira ao Everett para encostar para não estragar os estofos de cabedal da June. Ela disse para eu ir para trás, deu-me uma *7 Up* e uma pastilha para acalmar as náuseas, que, segundo ela, causaria sonolência. Nada para as tremuras e os suores. Passou um cobertor pelas minhas costas e deitou-me no meio da confusão, pelo que eu e a Emmy ficámos encostados à June, o banco a funcionar como uma espécie de ala de desintoxicação. A June sentou-se muito direita com ar de quem nos queria matar, mas não nos deixaria morrer.

Por fim, o Everett ficou com o rádio por sua conta e, durante um bom bocado, ninguém abriu a boca. Eu fui passando pelas brasas. Depois, algures perto da fronteira com o Tennessee, a June começou a falar. Num tom baixo, calmo. Em breve eu teria de pensar no meu filho. Disse que tivera esta mesma conversa com a minha mãe antes de eu nascer. Elas eram amigas, facto que eu desconhecia. Fora graças à June que os Peggots a acolheram na sua casa móvel. Na verdade, tinham vivido juntos durante algum tempo, antes de a June se mudar com a Emmy e eu nascer. A June também conhecera o meu pai. Disse que eles eram inseparáveis, unha com carne. Perguntei como é que ele era. Ela disse que era exatamente como eu. Cuspido e escarrado. Um homem bem-parecido com o coração demasiado bom para as circunstâncias da vida.

Isso não parecia eu. Por isso, o mais certo era nada ser verdade. Perguntei-lhe como morrera.

Ela franziu o sobrolho.

— Isso é algum teste? Ou queres mesmo saber?

Eu estava demasiado mal para testes. Disse-lhe que sabia que fora no 4 de Julho, na Devil's Bathtub, mais nada. A June disse-me que morrera afogado ou partira o pescoço. Provavelmente as duas coisas, pois mergulhara de um ponto elevado na margem. Perguntei-lhe porquê. Ela disse que constava que estava bêbedo ou a exibir-se, mas a minha mãe jurara que a culpa fora dela, que ele só queria chegar depressa até ela, que entrara na água sem saber que era funda. A minha mãe não sabia nadar.

A June estava num estado como nunca a vira. Aliviada, destroçada, faladora. A revelar-me coisas que nunca ninguém revelara. Disse que sempre que me via desejava ter-se esforçado mais com a minha mãe, quando eram amigas. Mas depois do acidente e tudo, ao ver o meu pai morto, a minha mãe nunca quisera regressar de facto à realidade. A June disse que o meu caso era diferente, que eu tinha muitos bons motivos para viver na realidade. Olhou muito séria para mim, como que a tentar ler alguma coisa escrita no interior do meu crânio.

— Pensa no bebé que está para chegar. Sei que é difícil, mas irás conseguir deixar as drogas.

Eu duvidava que a June soubesse se era fácil ou difícil, mas tive a delicadeza de não dizer: *Fala comigo depois de teres dores atrozes nos ossos deitada em lençóis encharcados em suor, numa ânsia para que as luzes se apaguem em todo o teu ser*.

A June continuou a falar. No que diz respeito ao que me esperava a mim e à Emmy, sabia umas coisas que eu não sabia, e essa parte deixava-a de rastos, disse. Achava uma crueldade sempre que mandava alguém para a clínica de metadona em Knoxville. A Martha não fora a única, longe disso. Tinha doentes que se levantavam às três da manhã para irem lá e estarem de volta antes do trabalho, com os filhos no carro. Não havia opções mais perto. Mas ia sair uma alternativa para o mercado, que ela esperava poder prescrever diretamente na sua clínica. Implicava imensa burocracia. *Suboxone*. Uma palavra que nenhum de nós conhecia.

A primeira coisa que tínhamos a fazer, disse, era deixar de pensar que a trapalhada em que nos víamos metidos era culpa nossa.

— Eles fizeram-vos isto — repetiu até à exaustão, como se fosse a nossa

chave para a salvação. Como se houvesse sequer uma porta.

Chegámos já era de noite. A Emmy voltara a si e estava a beber *Coca-Cola*, pouco faladora. Antes de me deixar ir, a June sacou-me algumas promessas, mas eu estava tão passado… Não me orgulho disto. Tinha umas cenas no porta-luvas do *Impala* e há muitas horas que não pensava noutra coisa. Sentado no carro na rampa de acesso da casa da June, meti oitenta gramas antes de regressar a casa e me juntar à Dori.

54

Fiquei espantado ao encontrá-la acordada, sentada no sofá com o pijama ensanguentado, a tapar a cara com as mãos, a chorar. O *Jip* andava à roda como um brinquedo de corda, desenfreado com o cheiro do sangue e a mamã destroçada. Creio que a Dori não compreendeu o que estava a acontecer.

Fui buscar umas toalhas molhadas para a limpar e mudar-lhe as velhas calças do pijama às riscas do Vester que ela agora usava sempre. Vesti-lhe uma *t-shirt* e umas cuecas lavadas. Abracei-a, embalei-a, perguntei-lhe o que tomara naquele dia e se comera. Ela não parou de perguntar onde é que eu estivera. Porque não fora a casa, porque não atendera o telefone? Ainda não estava habituado a ter aquele telefone e, considerando o que custara, tinha medo de o perder, pelo que geralmente ficava guardado no porta-luvas. Fora aí que passara o dia, a zunir para a documentação do seguro com o prazo expirado e para o *stock* de *OxyContin*.

Tentei acalmá-la, dizendo que a amava, que lamentava ter chegado a casa tão tarde, e destroçado, claro. Com tanto sangue, de certeza que perdera o bebé. Isto entristeceu-a. Pelos vistos, não estava a chorar por causa disso. Apenas estava muito confusa e envergonhada pela sujidade que fizera. Se calhar esquecera-se de que estava grávida. Quando falei no assunto, desabou nova tormenta. Ela perdera o bebé.

Estava a suplicar para injetar um emplastro de morfina, mas eu não deixava. A nossa história de amor resumia-se a isto. A Dori a tentar libertar-se de mim para ir buscar as suas drogas, eu a prendê-la no sofá, agarrando-lhe os pulsos finos com as minhas mãos como algemas. Mais lágrimas, mais repreensão. O pai nunca fora tão mau para ela. Eu não a amava, não a deixava ter aquilo que

queria. Senti que era o vilão do mundo, mas era verdade. Se a Dori tomasse outra dose, poderia ser o seu fim. Não fazia ideia da quantidade que ela já consumira. Tinha o *kit* espalhado em cima da mesa. Bolas de algodão, isqueiro e colher; se eram de hoje ou de ontem, não sabia. Senti o cheiro do vinagre que usava com o *Fentanil*. Aqueles emplastros metiam-me um medo de morte, com aquelas camadas em que a droga pura tem de passar pelo gel até chegar à pele. Espeta-se ali uma agulha, é um jogo de sorte e de azar. Pelo menos em cinco ocasiões, ao regressar da casa do Tommy, dera com a Dori a espernear naquele sofá, o ar sem lhe chegar aos pulmões e os olhos revirados. Numa dessas vezes, tinha os lábios azuis. A minha fada azul. Nunca me odiei tanto como naquelas noites em que tive de a abanar e esbofetear para a trazer de volta. Atirar-lhe água, aplicar-lhe gelo na nuca, se houvesse. Coisas que não soubera fazer pela minha mãe. Durante dias após cada *overdose*, a Dori ficava deitada a choramingar, a dizer que lhe doía o corpo todo. Disse-lhe que era o seu organismo a tentar desesperadamente obter oxigénio, mas nunca soube se era de facto isso, nem o que fizera para a ajudar.

«Vamos só ultrapassar esta noite», repeti-lhe com insistência, pois precisava de lhe soltar os pulsos para não deixar marcas. Foi preciso mais de um minuto para se acalmar. Afaguei-lhe o cabelo e beijei-a, enquanto disse que estava tudo bem, falando sobretudo para mim mesmo, tentando não pensar nos dias que se avizinhavam. Agora já não estávamos à espera de um bebé. Não havia um motivo. Tentei perguntar-lhe se ela tivera mesmo a certeza da gravidez. Se fizera um teste caseiro, nunca o vira, nem lho comprara. Teríamos mesmo perdido alguma coisa ou será que nunca a tivemos sequer? Ela não quis falar do assunto. A Dori sempre se envergonhara das suas coisas femininas e era muito reservada, mas, quando vivemos com uma pessoa, é claro que ficamos a conhecer os princípios básicos. O período não era regular, ficando às vezes sem aparecer durante imenso tempo, surgindo depois em força, doloroso e sangrento. Teria de aceitar isto como mais uma coisa sobre a qual nunca saberia a verdade. Estaria aquele bebé a fazer companhia ao meu irmãozinho no buraco negro dos perdidos e incógnitos, ou teria tido a sorte de escapar ao processo de recrutamento?

Agora, a Dori era como o Vester, uma pessoa que não podia ficar sozinha.

Passara anos ao lado dele, numa entrega total, porque para a Dori o amor era isso. E para mim também. Foi aí que percebi, ao segurá-la enquanto adormecia, como, desde o primeiro momento, a carinhosa Dori me engolira vivo. Ela simplesmente não o conseguia perceber, como era eu que cuidava dela, enfrentando o nosso mundo de drogas e mercearias, a suplicar misericórdia na cooperativa, onde tinha o emprego por um fio. Tal como o nosso carro, num estado delicado, como tudo o mais na nossa vida. Andava com uma embalagem de líquido da transmissão na bagageira, que o *Impala* emborcava como um alcoólico. Se eu não conseguisse pagar a reparação, era uma questão de esperar até alguém nos encontrar mortos de fome na cama. Até a paparoca do *Jip* acabara. Nada disto convencia a Dori, que passava os dias a chorar e as noites a dormir agarrada com todas as forças às costas da minha *t-shirt*, tanta era a certeza de que eu a abandonaria. Porque toda a gente o fizera.

Mesmo depois de adormecer, fiquei com ela no sofá imenso tempo, mas cada vez mais agitado, sentindo uma necessidade quase violenta de arrumar as coisas. Os cobertores sujos, o *kit*. Os pratos no chão com migalhas das refeições dela que se resumiam a nada. Fiz um esforço para ficar quieto, a ouvir a sua respiração lenta. Vi besouros castanhos a sair pelos cantos da sala e a caminhar pelo chão com as antenas a tremular, à caça de recompensas.

Por volta das duas da manhã, peguei-a ao colo e levei-a para a cama no andar de cima. Pesava ainda menos do que no dia anterior. Estava a transformar-se em nada.

Não consegui meter-me na cama com ela. Mesmo cansado e destroçado como estava, depois de um dia como aquele. Ela estava enroscada com os joelhos puxados para o peito e os punhos junto à cara, como se ela própria fosse um bebé. Aconcheguei-a nos cobertores, depois desci as escadas, arranquei a barafunda imunda de roupas e colchas que estavam no sofá e enfiei-as na máquina de lavar. Apanhei os pratos e meti-os no lava-louça. Voltei para o sofá despido, deitei-me e desejei que alguma inundação me lavasse as órbitas secas e ásperas. Agora, a minha única tarefa e propósito de vida era manter a Dori viva, e não sabia como o fazer.

55

A June ia mandar a Emmy para uma instituição onde faria uma desintoxicação. Nada parecido com aquelas reabilitações rápidas a que a minha mãe recorrera como quem muda de roupa interior, nem sequer com as três semanas de luxo que o Stoner pagara, antes de a envergonhar por causa disso a ponto de lhe provocar a morte. Estamos a falar provavelmente de anos da vida da Emmy, que começaria do zero. Em Asheville. Nas nossas bandas, não havia um campo de reinicialização desses. O condado de Lee era aquele tipo de sítio onde uma pessoa continua a viver a vida que lhe foi atribuída.

A June telefonou a dizer que, se me quisesse despedir, teria de ser naquele dia. Pus-me a pensar quanto é que custaria esse tipo de cura cinco estrelas. Porém, é uma falta de educação falar de dinheiro. Apenas perguntei coisas educadas, como por exemplo se esse estabelecimento tinha barras nas janelas, porque *sabes que a Emmy vai tentar dar de frosques*. A June tinha a certeza de que a Emmy não fugiria. Porquê? Por causa da Rose Dartell, que contactara a Emmy a oferecer-se para a aliviar de algumas partes do corpo. Fosga-se.

Eu disse que passaria por lá depois do trabalho. Ainda não me tinham despedido da cooperativa, provavelmente porque qualquer outro miúdo que contratassem seria tão agarrado como eu. Chegava sempre atrasado, e a Rita e o Les faziam uma pausa da sua guerra de problemas clínicos e uniam esforços a revirar os olhos. Uma pessoa habitua-se à rotina. Precisava do emprego e, se perdesse o abastecimento de seringas para gado baratas, teria problemas em casa.

Agora, encontrávamo-nos no final do inverno, quando o lusco-fusco reclama grande parte do dia. Fui de carro até casa da June, contemplando o céu rosado

nos intervalos das árvores escuras. A June abriu a porta com um ar desgastado.

— Ela está lá em cima a fazer as malas, querido. Espera aí, deixa ver se quer que vás lá acima.

A Emmy desceu as escadas com o casaco vestido, pois queria ir dar uma volta. Fomos até ao barracão em ruínas. Apressou-se a pôr o chapéu, mas reparei que tinham feito umas tentativas de salvar os destroços. Uma espécie de corte *pixie*, com pontas e madeixas. Já se tinham passado algumas semanas desde o salvamento, mas ainda estava escanzelada, assustadiça, uma velha num corpo jovem. Tinham feito dela gato-sapato, como se costuma dizer. Porém, noutra perspetiva, era a Emmy de outros tempos. Pediu um cigarro.

— Ela irá perceber que estiveste a fumar, se fores para dentro a cheirar a chaminé.

— Ela é melhor a perdoar do que a autorizar.

— Então, está bem. Ela que me culpe por te levar por maus caminhos. — Dei-lhe o que ela queria.

A Emmy encostou-se a uma árvore e puxou o fumo com tanta força que a chama do meu isqueiro se inclinou para o papel e crepitou. Inspirou, expirou, os olhos fechados. Meu Deus, bem sei como é. Aquele momento em que a nicotina tem de substituir todas as outras coisas por que ansiamos.

— Já é demasiado tarde para isso, não achas?

Para contribuir para a delinquência, queria ela dizer. Eu queria saber tantas coisas: o Prego-a-Fundo era agora uma espécie de barão das drogas? Tinha-se mesmo livrado dela como se fosse um saco de lixo? Como é que uma pessoa que venerámos se transforma num monstro? A propósito, a Rose Dartell, que merda se passou? A Emmy não quereria falar de nenhum destes assuntos. Fomos até ao esqueleto do barracão e sentámo-nos nos bancos de troncos que arrastáramos juntos quando éramos crianças. Ela fumou e afastou o cigarro do corpo, como as raparigas costumam fazer para o fumo não lhes ficar entranhado no cabelo. Um velho hábito. Pousou a cara nos joelhos por algum tempo, depois endireitou-se.

— Demon, estou a morrer de medo.

— Medo do quê? — Pensei que ela ia dizer da Rose, mas não. Estava com medo de se ir embora. Medo de que lhe fizessem uma lavagem ao cérebro

naquele sítio. Medo de que ninguém de lá a compreendesse, disse. O que ela queria mesmo dizer era: que ninguém soubesse aquilo que ela sempre fora: a abelha-rainha, Emmy Peggot. — Serás a maior — disse-lhe. — A rainha da desintoxicação.

Mas não tinha a certeza disso. Aqui, tudo o que podemos ser é tudo o que sempre fomos. As minhas origens eram uma mãe drogada e casas de acolhimento, um estrelato fugaz, até certo ponto famoso *por causa* de tudo isso. Uma rápida queda em desgraça, mesmo a tempo. A Emmy cresceu em Knoxville e regressou para cá sem mais nem menos, mas chegou ao condado de Lee como um puro-sangue. Filha dos Peggots, realeza do baile de receção aos antigos alunos. Em Asheville, poderia ser apenas uma rapariga lívida e petulante com a aparência de uma beleza arruinada.

Lembrei-me de lhe dar a pulseira em forma de serpente. Ela juntou as mãos em concha e passou a pulseira de uma para a outra, fitando-a como se fosse um tesouro perdido.

— Não sabia o que lhe tinha acontecido.

Não meti a Rose ao barulho.

— Nunca percebi porque a continuaste a usar.

Ela fitou-me, espantada. Depois debruçou-se, abriu o fecho de correr da pequena bota de couro e prendeu a pulseira à volta do tornozelo.

— É uma bugiganga — comentei. — A June deu-nos cinco dólares para gastar naquela loja de recordações e é provável que ainda tenha recebido troco. Que provavelmente meti ao bolso.

— Meteste ao bolso para dares à tua mãe.

— Bem, sim. Para lhe comprar cigarros e *Mello Yello*.

— E ainda não sabes porque a continuei a usar?

Não sabia.

Inclinou-se para mim e encostou as duas mãos frias à minha cara, olhando-me nos olhos, como se me quisesse beijar, mas depois sentou-se no seu banco feito de um toro de madeira.

— Faz por cuidares da Dori — disse.

— Meu Deus, Emmy. Eu bem tento, mas… — Não tive palavras.

— Ela não te merece.

— Não digas uma coisa dessas.

— Sei que a amas. Não o digo por mal. — Abanou a cabeça, a olhar para as copas lá no alto. — Foi por isso que não pude ficar com o Hammer Kelly. Ele é o mesmo tipo de homem bom que tu. É como se tivessem uma espécie de metal em vocês que não derrete, aconteça o que acontecer.

— Oh, eu derreto. Podia mostrar-te umas merdas de meter medo.

Ainda não estava a olhar para mim.

— O que quero dizer é que tu acordas e continuas a ser tu, todos os dias. Eu não sou assim, eu cedo. Mudo a receita, para agradar às outras pessoas.

Mudar para agradar às outras pessoas pareceu-me uma cena fixe. A Dori não mudava por mim. Insistia no seu plano de ficar mais vazia a cada dia que passava. Agora, desistira de a levar para o andar de baixo. Deixava-a ficar na cama. Desistira de tentar falar de coisas que faríamos quando estivéssemos melhores. Naquela manhã, a Dori dissera-me que deveríamos ter continuado apenas como namoradinhos em vez de tentar brincar aos crescidos. Dessa forma, eu teria avançado. Fiquei a deitar fumo pelas orelhas.

Quando ia a arrancar da rampa de acesso da June, avistei uma carrinha encostada à berma. Não conhecia aquele carro e não via nada de errado. Os pneus pareciam-me bem. Saí do carro para ver se precisavam de ajuda. Era o Hammer. Os cotovelos apoiados no volante, o cabelo a tapar-lhe os olhos. Os nós dos dedos enterrados nos olhos.

Bati no vidro.

— Está tudo bem, meu?

Baixou o vidro e olhou para mim, a pestanejar.

— Não vou entrar naquela casa.

— Na boa. De certeza irão compreender. Vocês os dois seguiram com as vossas vidas.

— Não. Eu não segui. Ela era a mulher da minha vida, meu.

— OK… — Os estragos eram grandes. Não podia fazer nada.

— Dizes isso à Emmy? Despede-te por mim e diz-lhe que lamento tudo o que aconteceu. Não a culpo de nada. Diz-lhe que ainda a amo.

Quando ia a caminho da casa do Tommy, o telemóvel tocou, mas não atendi. Era sempre a Dori, a dizer que me queria em casa. Tinha de entregar uma tira no dia seguinte e mal fizera o esboço. A Dori dizia que eu podia muito bem fazer os desenhos em casa. Ela seguraria nos meus lápis e marcadores. Não se calaria um minuto e estaria sempre a pedir para lhe dar alguma coisa. Depois havia o *Jip*.

Em casa do Tommy, continuou a tocar. Ao fim de uma hora, quase concluíra a tira e estava prestes a fundir a merda do meu metal interior, por isso atendi.

Não era a Dori, mas a Angus.

— Oh, meu Deus, Demon, onde é que estás? Por favor, vem cá ter imediatamente.

Estava alguém a morrer? Porque eu não queria ver o treinador. Uma pessoa ultrapassa a vergonha e chega àquela fase do vamos fingir que estou morto. Mas a Angus estava fora de si. Perguntei se queria que ligasse para o número de emergência e ela desatou num chorrilho de palavrões. Nada de bófia. Era o U-Haul e ela queria saber se eu o podia matar.

O percurso até casa dela levava vinte minutos, mas eu pus-me lá em dez. Dei com os dois na sala de estar como o gato e o rato à volta da mesa, a andar à roda numa direção, depois na outra, aos gritos, mas não percebi bem quem era o rato. O U-Haul estava esbaforido, a trepar pelas paredes, a expelir saliva como um maluquinho de banda desenhada a gritar disparates. *Não espero mais, caralho! Podes entregá-lo hoje ou ver a merda do barco afundar-se.*

Ela viu-me. Depois ele viu-me e encolheu-se como um animal diferente. A olhar para a porta.

— Não o deixes sair! — gritou a Angus.

Fiz uma placagem ao gajo, ela agarrou nuns papéis que estavam em cima da mesa, passou por nós e saiu porta fora. Ouvi o carro, mas não arrancou. Teria de ficar em cima daquele tanso até novas instruções. O U-Haul estava a apertar-me e a agarrar-me com os seus braços compridos e contorcidos. Perguntei onde estava o treinador, e vai ele e diz: «O que é que achas? Podre de bêbedo.» Depois surpreendeu-me ao enterrar os dentes na minha coxa. *Filho da puta.* Preguei-lhe um murro no queixo, mas o ângulo não era bom. Consegui virá-lo de barriga para baixo mantendo alguma distância entre os dentes dele e o meu

corpo, mas ele continuava a contorcer-se e a cuspir-se todo. Não percebia porque a Angus não arrancava. Depois lembrei-me das palavras dela, como que em modo de repetição na minha mente. *Não o deixes sair.*

Não conseguiria mantê-lo ali muito mais tempo. Parecia que estava sentado num chão de bolas de basebol a rolar, com ele a estrebuchar debaixo de mim. Além disso, metera umas bombas quando saíra de casa da June, pelo que não estava nas melhores condições para um confronto físico. O sacana manhoso atacou o meu ponto fraco, dando-me um puxão selvagem no joelho magoado, *filho da puta*. Depois arrastou-se para longe como um caranguejo e escapuliu-se pela porta.

Lá fora, estava escuro como breu, pois as luzes do alpendre estavam apagadas. O *Wrangler* da Angus encontrava-se na rampa de acesso. O meu *Impala*, a obstruir a passagem do *Caddy* do treinador, ainda estava no mesmo sítio. O precioso *Mustang* do U-Haul também, enquanto o dono andava às voltas do veículo, a bater nos vidros. A Angus tinha de estar lá dentro. Em casa, deixava-se sempre as chaves nos carros, era esse o costume, exceto nas zonas mais problemáticas ou em situações de dívida. Vislumbrei um reflexo. A Angus dentro do carro dele, a agitar um molho de chaves na minha direção. Apanhara as chaves dos carros todos e trancara o U-Haul no exterior da sua nave-mãe. Aproximei-me, derrubei-o e deslizei para o lado da porta do passageiro. A Angus destrancou a porta, e eu mergulhei para o interior e tranquei-o. O carro tresandava ao cheiro gorduroso do proprietário.

— Merda — disse eu, tentando respirar. Os gritos dele foram abafados pelos vidros. — Ele vai pegar numa chave de rodas e partir um vidro.

Ela olhou fixamente para mim.

— De certeza que não irá querer partir um vidro do seu querido *Mustang*.

— Sim, tens razão. O amor da vida dele.

Tinha os olhos arregalados.

— Demon, ele deseja-*me*.

— Como assim?

— Tu tentaste dizer-me. Eu não quis ouvir.

Ele atirara-se a ela. Disse que guardava objetos dela desde que era pequenina,

roupa interior. Via-a a tomar banho. Não podia esperar mais. Queria ter relações com ela. Porque agora podia obrigá-la a fazê-lo.

— Mas que raio de cena mais marada. — Senti vontade de vomitar. Tinha os ouvidos a zunir.

— Chantagem. — Ela ficou estranhamente calma.

Vi-a abandonar aquele estado frenético e ir para aquele sítio para onde era capaz de ir. Como se aquilo estivesse a acontecer a outra Angus qualquer. O U-Haul dissera-lhe que podia ir ao conselho diretivo e fazer com que despedissem o treinador por embriaguez e pior. Apropriação indevida de fundos da escola e peculato. Isso aconteceria, a menos que ela praticasse sexo com ele.

Ele parara de bater no carro. Não o víamos e estava tudo demasiado sossegado. O meu cérebro estava com notórias dificuldades de funcionamento, como que congelado.

— Merda. Foi buscar outra chave.

— Não há outra chave. Ele tem andado lixado com isso. Perdeu o outro conjunto.

— Tens a certeza?

— Tenho. Mas a chave de rodas continua a ser uma possibilidade.

— Cão que ladra não morde. Está só a inventar essas merdas. Meu Deus. Apropriação indevida de fundos? É o mesmo que roubar a caixa das esmolas da igreja. O treinador nunca o faria.

Não faria, disse ela, mas fez. Sem o saber. O U-Haul geria todas as contas. Andava a desviar fundos da equipa para a conta bancária da mãe, há anos, evidentemente. Eu disse que, se isso fosse verdade, eles já teriam deixado a vida miserável que levavam.

Ele dissera que estava apenas à espera de que a coisa se proporcionasse. Ela estava a ligar-me há uma hora. Raios! Há quanto tempo é que andaria a persegui-la à volta daquela mesa? Ela disse que não há muito, que tinha demorado um pouco a chegar àquele ponto. Nessa tarde, ela fora ao gabinete do treinador e descobrira que ele falsificara a assinatura do treinador numa série de coisas, uma procuração e mais não sei o quê. Também roubara a Sra. Betsy, alterando os cheques que ela passava. O U-Haul chegara então ao gabinete, ela confrontara-o

e uma coisa levara à outra, à chantagem e afins, até ao ponto de ele tentar levá-la para o quarto.

Era muito para assimilar. Porque é que ela iria meter o nariz no gabinete do treinador? Não fazia sentido. Um homem qualquer telefonara lá para casa a dizer que o U-Haul andava a meter imenso dinheiro do treinador na sua alegada empresa e queria confirmar com o próprio treinador. A Angus é que atendera o telefonema e fora assim que tudo viera ao de cima. Porra. O Sr. McCobb expõe a vigarice de outro gajo.

Ficámos uma eternidade no carro à espera da jogada seguinte de um demente. Uma chave de rodas a desancar no *Impala* era uma das minhas preocupações. O cobarde deveria ter ido para casa a pé. Por volta da meia-noite decidimos que seria seguro sair. Fomos ver o treinador, que continuava a dormir sem ter dado conta de nada. Ofereci-me para levar a Angus para algum sítio, mas ela estava a recompor-se. Fomos ao gabinete e destrancámos a gaveta onde o treinador guardava a sua *Smith* & *Wesson 40* para ela levar para a cama e dormir com ela. Certifiquei-me de que estava carregada e expliquei-lhe como destravá-la, o que era um pouco complicado, com a palma da mão. Ela sabia.

Fiz-lhe companhia durante algum tempo no quarto dela, ciente de que teria muitas contas a ajustar mais tarde. Perguntei se o treinador poderia saber que ele andava a gamar. Ela disse que não. O treinador permitira-se confiar no U-Haul, depois permitira-se ficar demasiado enfrascado, demasiado tempo.

— Essa parte está a dar cabo de mim — disse ela. — O U-Haul diz que eu estava a pedi-las. Que eu sabia do pai e nunca disse nada. É verdade, Demon. Nós sabíamos.

— Tu não pediste nada — contestei. — Meu Deus. Não podes pensar assim.

— Eu sei.

— Foi uma coisa que te *fizeram*. A ti e ao treinador. — Palavras que me andavam a dizer.

— Eu *sei*.

Ela vacilou, e pensei que ia desatar a chorar, mas não. Ficou sentada na cama a dizer o que teria de fazer a partir do dia seguinte. Dinheiro a devolver, cenas para resolver. Advogados. Parecia uma criança, enroscada contra a cabeceira da

cama com o seu pijama elástico branco, a enrolar uma madeixa de cabelo no dedo, a falar como a dona da casa. Não me saía da cabeça aquela pequena Angus com uns olhos dignos do Hellboy, toda a vida assim. A endurecer.

Disse-lhe para travar a porta com a cómoda depois de eu sair. Esperei até ter a certeza de que o fizera.

56

Estávamos em abril, não fora um grande ano depois da morte do Vester, e aconteceu da forma que eu sabia que aconteceria. Cheguei a casa e dei com ela. Final de tarde, ainda não completamente escuro. Maldito mês de abril, odiava-o. Novembro também. Aniversários, Natal, cornizos e árvores-de-judas, até a época futebolística. Quando vivemos o tempo suficiente, todas as coisas que alguma vez amámos podem virar-se contra nós. O que é inacreditável é que podemos começar a vida sem nada, acabar sem nada, e mesmo assim perder imenso no entretanto.

No início, quase não senti coisa alguma, ao limpá-la como limpara tantas vezes, pondo-a decente. E depois a casa; limpar a sujidade que ela fizera e o seu *kit*. Esconder coisas antes de começar a fazer telefonemas. Também não eram muitos. A Thelma deixara de ter motivos para se dar com ela. Tal como todas as outras pessoas. Eu não tinha vontade nenhuma de voltar a ver a tia dela, mas os técnicos de emergência médica disseram que tinham de contactar os familiares mais próximos, por isso entreguei-lhes o telefone da Dori. O número da tia Fred constava dos contactos. Eu apagara alguns números de antemão, mas ninguém se deu ao trabalho de tirar a limpo eventuais mistérios. Mais uma *overdose* no condado de Lee. Tinham sido às centenas.

E assim, de um momento para o outro, passei a ser «o rapaz que entrou ali e a encontrou». As pessoas a dizer que eu arrombara a casa, várias coisas. De uma história nascem outras. Não obstante as minhas roupas e os meus objetos pessoais estarem espalhados por toda a casa. A tia Fred não se lembrava de mim. Vi-a a apanhar umas calças minhas do chão como se estivesse a esfregar uma sanita, a dizer alguma coisa à filha que era o seu clone em ponto pequeno sobre a

Dori ter imensos amigos homens. Eu deveria ter desatado aos gritos a insultar aquela puta, mas tinha a garganta colada. A minha menina. Não se impunham palavras minhas porque, tal como antes, a tia decidiu tudo. A igreja, a música, os funerais são todos iguais. Sepultaram-na ao lado do Vester e da mãe. A única coisa acertada que fizeram.

Durante a cerimónia, senti-me como uma pedra ou um pedaço de gelo. Não insensível com o punhado de pessoas que lhe foram prestar homenagem, a culpa não era delas. Eram sobretudo as enfermeiras de cuidados ao domicílio que tinham ajudado a tratar do Vester. Também a Donnamarie e os outros da loja e umas raparigas que podem ter sido colegas de escola da Dori antes de se fartarem dela. Culpa, curiosidade, quem sabe o que leva as pessoas a irem ver os mortos. O funeral não fez sentido; não percebi qual a relevância. Já fizera tudo o que pudera pela Dori e o resultado fora zero.

Ver a Angus, isso foi uma surpresa. Aproximou-se por trás quando eu estava a entrar para a igreja e orientou-me ao longo do dia como se eu fosse um ceguinho.

Ficámos todos de pé à volta da sepultura, à espera, durante mais de uma hora, porque a tia Fred e o Tonto se perderam. Eram seis ou oito quilómetros da igreja ao cemitério e elas perderam-se. Tinham estado ali um ano antes para o funeral do Vester, mas quem conduziu fui eu. Desta vez estavam sozinhas e não fizeram caso das indicações que lhes dei, alegando que tinham um sistema de navegação nos telemóveis, mas uma pessoa mete-se nas ruas secundárias e aquela treta dá caldeirada.

O dia propriamente dito foi cruel, um céu azul capaz de nos arrancar o coração do peito. Árvores em flor, narcisos amarelos a brotar da terra, cornizos com os seus saiotes. A família do Vester estava num daqueles pequenos cemitérios num ponto bastante elevado na vertente de uma montanha, de onde se consegue contemplar o vale inteiro e ver todos os outros maciços a erguerem-se um atrás do outro em tantos tons de azul que até parece que se estão a pavonear. Há que reconhecer que, antigamente, as pessoas tinham uma perspetiva mais otimista em relação a isto da morte e escolhiam os lugares pela vista.

Apesar da paisagem, as pessoas ficaram impacientes e começaram na

cavaqueira durante a espera, mas o padre estava a ser pago pela tia Fred, pelo que não permitiria que ela perdesse qualquer parte do espetáculo. Algumas pessoas meteram-se nos carros e foram-se embora. Eu não tinha vontade nenhuma de atirar um punhado de terra para cima do pequeno caixão branco da Dori. Ela já tivera disso de sobra em vida. Eu e a Angus fomos dar uma caminhada pela rua contígua ao cemitério, até um pequeno pinhal. Sentámo-nos nuns penedos e ficámos a ver os pássaros a saltitar pelo chão à procura de insetos, a afastar as folhas mortas com os bicos. A Angus perguntou se eu ficaria bem, e, por fim, dei por mim a desabar. Ela deixou-me choramingar.

Lá me recompus e consegui perguntar pelo treinador, o escândalo e tudo o mais. Ela disse que fora com o treinador ao conselho diretivo da escola explicar o que acontecera e que ele poderia ser suspenso, mas não antes do fim da época. Os Generals sem o *mister*, haveria tumultos nas ruas. A Angus disse que ele aceitaria qualquer que fosse a decisão, estava preparado para arcar com as consequências. Perguntei o que fariam para arranjar dinheiro se ele perdesse o emprego. Ela já pensara nisso e estava a ponderar vender ou arrendar aquela casa enorme. Andava a ver apartamentos em Norton, onde poderia ir às aulas na universidade e o treinador poderia fazer uma desintoxicação. Havia lá reuniões dos AA. Havia de lhe arranjar um emprego. Ficaria a ajudá-lo mais um ano e depois ele que se desenvencilhasse porque ela iria para fora, frequentar outro tipo de universidade. Perguntei se não estava a ser um pouco dura. Ela disse que não. Não estava para desperdiçar a vida para os outros andarem por aí com uma bezana.

Fez um compasso de espera.

— Não me estou a referir a ti, Demon. Sabes isso, não sabes?

Eu disse que sabia que não era problema deles. Ela discutiu comigo, dizendo que o treinador ainda era o meu tutor. Que justiça havia nisso, ser-me atribuído um tutor bêbedo? Eu disse para juntar à lista, mas percebi que ela estava a ficar incomodada. Traçara planos de vida novos nos últimos quinze dias, enquanto ainda havia um «eu e a Dori». Agora, teria de repensar tudo. Disse-lhe que não necessariamente. Perguntou-me onde é que iria viver. Respondi que me desenrascaria. Não estava zangado com ela. Não estava coisa alguma. Ouvi o

que estava a tentar dizer, que ainda éramos família. Simplesmente, não o senti.

Estava a usar aquele pequeno chapéu preto com o véu que eu lhe oferecera no primeiro Natal que passámos juntos. Na altura, ela dissera na brincadeira que ficaria conhecida em todo o condado como a carpideira. Obrigado, Deus. Essa foi boa. Regressámos ao enterro a tempo de o ver concretizado. A Thelma foi uma das poucas que ficara. Foi simpática e deu-me um abraço. Mas no final de contas, à exceção da Angus, nenhum dos presentes foi especialmente simpático comigo. Alguns perguntaram-me se eu conhecia a defunta.

Tive de ser rápido a tirar as minhas coisas de casa, porque a equipa da tia Fred regressou depois do funeral, calçou luvas de borracha amarelas e meteu mãos à obra como que a lidar com materiais perigosos com as suas embalagens de *Lysol* e sacos do lixo, fazendo uma limpeza àquilo. Móveis, fotografias, preciosas roupas da mãe que a Dori guardara todo este tempo, tudo metido em sacos e atirado lá para fora. No prazo de dois dias viria um gajo recolher e levar tudo para a lixeira. Nem sequer uma venda de garagem. Na mente delas, a nossa vida era só lixo.

Por sorte, ignoraram o *Impala*, aparentemente por pensarem que me pertencia. Tinha as minhas coisas todas lá dentro. Durante os dois dias que passaram a fazer limpezas, eu conduzia para longe e depois voltava e dormia no carro, vendo o monte de sacos do lixo pretos crescer até ser quase uma montanha. Estavam a riscar este quadrante da sua vida. Afinal de contas, Newport News fica na Virgínia. O mesmo estado, outro planeta.

O outro mistério que ninguém se preocupou em resolver foi o *Jip*. Eu também o encontrara, não deitado em cima dela como de costume, mas debaixo do lençol, enroscado contra a barriga fria dela. Será que tinha nas veias a mesma porcaria que ela? Nunca saberei. Fora ou não um acidente? A dúvida da minha vida. Durante a limpeza que realizei antes de ligar para o número de emergência, peguei no seu pequeno cadáver rígido enroscado como um bolinho de canela e embrulhara-o na toalha às riscas imunda que andava sempre a arrastar pela casa. A fazer de conta que o trapo era eu, presumo. Depois, mais tarde, com tanta coisa a acontecer, esqueci-me dele.

A pequena trouxa apareceu cá fora, em cima do monte de sacos pretos. Aquele tempestuoso e minúsculo ser que nunca deixara de a amar e nunca me quisera ter em casa para o jantar. Levei-o para o jardim das traseiras e enterrei-o atrás do abrigo das ferramentas. O único a despedir-se dele.

57

Não sei quantos dias vivi no meu carro antes de o Maggot ir à minha procura. Estava a viver novamente com a Sra. Peggot. O rapaz fora atirado de um lado para o outro no seu tempo, mas nunca fora um sem-abrigo, porque as relações familiares são a coisa mais importante. Eu deveria saber, tendo sido criado sem uma. Sem família, sem casa, mas pelo menos ainda estava vivo, iupi! O evangelho, segundo a Sra. Peggot.

Ela já me pusera na rua uma vez, e eu tinha o meu orgulho. Não iria regressar lá e suplicar, mas agora ela queria mesmo que eu fosse viver para lá e não foi fácil convencer-me. Talvez afinal tivesse esperança na minha boa influência sobre o Maggot ou precisasse de alguém para consertar dobradiças partidas e tudo o mais que ficara por fazer devido à prolongada doença e posterior morte do Sr. Peg. Os talentos do Maggot eram outros.

Acabei por não consertar muita coisa. Não há muito a dizer sobre aqueles dias que passei lá, principalmente porque não tenho memória. Eu e o Maggot embarcámos numa farra que apagava o fim de semana e se prolongava pelo resto do mês. Depois pensámos *Quem precisa do mês de maio?*

Sabem aquela ideia de que os janados não querem de facto ficar pedrados, apenas não ressacar? Esqueçam. Depois de a Dori partir, eu almejava o grande vazio e consegui alcançá-lo bastantes vezes. O meu emprego na cooperativa juntou-se finalmente à lista de fracassos profissionais do Demon. E coitada da Sra. Peggot, não mexi uma palha naquela casa a não ser nos raros momentos de sobriedade em que a levava de carro à mercearia. De outro modo, passaríamos fome, pois ela não conduzia e o Maggot não sabia conduzir a carrinha do Sr. Peg. Mais um ataque à sua arruinada masculinidade: o Maggot nunca aprendeu a

conduzir com caixa manual.

Tinha a vaga ideia de que, se o dinheiro passasse a ser essencial, a temporada da apanha do tabaco estava aí a chegar e poderia ganhar algum então. Havia falta de mão de obra. Com a juventude do condado quase toda pedrada, os poucos produtores agrícolas que preservavam as suas terras tinham dificuldade em recrutar braços decentes para o trabalho duro. Na sua maioria, essa mão de obra chegava-nos do outro lado da fronteira com o México. Tal como toda a heroína. Tanto quanto sei, não havia relação entre as duas coisas.

Uma coisa que continuava a manter, por um fio, era o Red Neck. Não podia deixar o Tommy ficar mal; ele, de entre todas as pessoas, merecia melhor. Nesta fase, ele estava praticamente a fazer o trabalho dos dois. No início, debatíamos imensas ideias, mas agora fazia esboços, versões com esqueletos. Pelo menos uma vez por semana punha-me suficientemente sóbrio para ir lá pôr carne nos ossos. Os fãs exigiam o meu estilo, mas os esboços grosseiros do Tommy tinham a sua própria visão estranhamente aterrorizante, mais fiel à realidade do que alguma vez pusemos no papel. O nosso povo, as nossas montanhas, todas as nossas preocupações: um universo de fantasmas. Chamei aos desenhos dele Neckbones e perguntei se os podia guardar. O Tommy disse que era uma inclinação sombria da minha parte, mas concordou.

O dia em que tudo aconteceu, o bater no fundo, como se diz no nosso meio, foi em junho. Num daqueles dias quentes e chuvosos em que parece que estamos a respirar o nosso próprio ar num saco de papel. Mas o clima não foi o pior dos males daquele dia. Agora, estou a apontar o dedo à Rose Dartell. Cruzar-me com ela naquele dia seria a última gota de água. Daria tudo para não ter saído de casa. Como se costuma dizer: desejar o impossível é doença da alma. Todas as almas teriam a sua moléstia.

Eu e o Maggot estávamos na famosa casa de *crack* na Woodway onde o Trocas ainda estava a viver com outros gajos. As pessoas entravam e saíam dali como gatos num celeiro e nem sempre se davam ao trabalho de memorizar nomes. O Maggot precisava da sua dose. Eu estava bem; conseguira um frasco de *OxyContin* que a Thelma me dera por compaixão no funeral e multiplicara o

investimento. Clínica da dor, primeira sexta-feira do mês: dinheiro fresco. Mas levei o Maggot de carro à Woodway e fiz um esforço para ser sociável. Conversei com o Trocas, perguntei se ainda se relacionava com o Sr. Golly, mas não, o que era uma pena. Aquele homem tinha um lugar no meu coração. Depois o Maggot e os outros janados chegaram à parte da ciranda de roda em que todos caem para o lado e eu sentei-me lá fora, bastante pedrado e a aproveitar ao máximo. A respirar o mau hálito do verão, deleitando-me na glória virulenta daquele alpendre. O colchão apodrecido, a cómoda sem gavetas, o frigorífico tombado com a porta aberta, acolhendo uma minúscula sala de espera constituída por quatro cadeiras de plástico interligadas em cima. Lembrei-me de quando resgatei a Martha daquele mesmo alpendre, há uma eternidade, e questionei-me o que seria feito dela. De certeza que a June a estaria a endireitar. Eu e o Maggot não tínhamos vontade nenhuma de nos cruzar com a June.

Metade do alpendre era ocupada por uma pilha de madeira que estava ali há tanto tempo que um manto esfiapado de teias de aranha brancas e poeirentas a cobria. Vi uma ratazana a correr pelo meio dos toros a levar os bebés pelo pescoço de um lado para o outro da pilha. Aparecia com os filhos, um a um, toda atarefada, como se tivesse um horário para cumprir, a organizar o espaço do seu escritório. Não faço ideia de como chegou à conclusão de que uma parte daqueles destroços era mais segura do que a outra.

Uma carrinha *Chevy* de caixa aberta castanha desceu a rua, o primeiro veículo de qualquer tipo em mais de uma hora, e surpreendeu-me ao encostar à frente da casa. Mais surpreendido fiquei quando vi a Rose Dartell a apear-se, a bater a porta e a caminhar depressa com uma caixa de *pizza* nas mãos.

— Foda-se, Rose. Fizeste-me uma tarte?

Ela parou de repente. Tinha o penteado diferente, menos encaracolado, mas a cara era a mesma. Aquele esgar com a cicatriz.

— Que raio estás a fazer aqui?!

— Eu podia perguntar o mesmo.

— Trabalho na Pro’s. E também na companhia dos telefones. Há já dois anos.

— A Pro’s Pizza faz entregas no raio da Woodway?

— São clientes habituais. Pagam em numerário. Mais alguma pergunta ou

posso ir trabalhar?

— Estás à vontade.

Pergunto-me se lhe pagaram com mais do que numerário lá dentro. Que ela se demorou, demorou. O mais certo era o Sr. Pro não fazer ideia de onde ela andava com os seus recursos. Não pude deixar de me lembrar da última vez que nos encontrámos, no sombrio desvio da autoestrada onde a Rose me dera a notícia da Emmy como se estivesse a cuspir numa bebida. Estava prestes a ir lá dentro dizer ao Maggot que eram horas de fazer as orações e bazar daquele pardieiro quando ela saiu. Sentou-se na beira da pilha de lenha. Mãe ratazana, cuidado.

— O Prego-a-Fundo já te ligou? — murmurou, acendendo um cigarro.

— Para quê?

Encolheu os ombros e limpou o nariz ranhoso com as costas da mão. Tinham-lhe dado uma gorjeta lá dentro, não há dúvida.

— Não sei porque não ligaria. Está sempre a precisar de alguma coisa de alguém. Regressou ao condado de Lee, mas se calhar não sabias.

— Ah, sim? Onde é que está a morar?

— Numa velha casa enorme que pertence a uma senhora. Chamam-lhe Spurlock, mas não é bem uma vila. Fica mais ou menos perto de Duffield. É difícil de encontrar.

A Rose deu um piparote em alguma coisa no joelho das calças, ajeitou a tira da sandália. Ouviam-se trovões no meio das montanhas para leste. Depois o céu escureceu imenso, daquela forma repentina que mais parece um corte de energia elétrica divina. Acendi um cigarro dos meus, já que a Rose não ofereceu. Ficámos sentados a olhar para o acervo de veículos que pareciam pertencer à casa de *crack* da Woodway. Alguns em circulação, outros abandonados, alguns vítimas de tiro ao alvo.

A Rose soprou o fumo da última baforada e apagou a beata com o calcanhar.

— Sabes uma coisa? Esta foi a minha última entrega e estou a ir para lá agora.

— Para onde? — Já estava a pensar noutra coisa.

— Para casa do Prego-a-Fundo. Se quiseres vir atrás de mim, podes ir cumprimentá-lo.

Disse-lhe que não queria favores dela.

— Não é um favor — retorquiu. — Na verdade, estou a pensar que, da próxima vez que ele precisar de alguém para lhe ir coçar os tomates, talvez possa assobiar-te a ti em vez de a mim.

Talvez, se eu ainda cedesse ao poder de atração do íman do Prego-a-Fundo. Porém, já decidira há algum tempo que, se voltasse a falar com aquele filho da mãe, não seria em bons termos. Um herói caído desfaz-se em mais fragmentos afiados do que se possa pensar. A Emmy foi o fragmento que, por fim, me ficou entalado na garganta. Senti o sabor da bílis a subir-me à boca. Depois espantei-me a mim mesmo ao ir lá dentro buscar o Maggot. Seguimos a carrinha da Rose para fora da Woodway.

Antes de chegarmos à 58, gotas de chuva grossas começaram a bater no para-brisas. O *Impala* precisava de limpa para-brisas novos, mas não era sequer das coisas mais importantes de que o *Impala* precisava. Para começar, precisava de transferir o registo de propriedade do nome de um homem que já morrera. Semicerrei os olhos para ver melhor a imagem desfocada do vidro, desejando estar um pouco mais sóbrio, e tentei não perder de vista os faróis vermelhos à minha frente. Ela saiu da autoestrada mais cedo do que esperara, na Dry Creek Road, que não ia dar a nenhum sítio recomendável. Não era um caminho prático para ir a Duffield, mas se calhar era como ela dissera, o sítio onde ele morava não ficava bem nessa terra. Cerca de um quilómetro e meio mais à frente, deparámo-nos com uma carrinha de caixa aberta empanada a obstruir metade do caminho. Ela contornou-a, mas eu parei, pois já era a segunda vez que via aquele veículo avariado. Desta vez, conheci o dono, e os danos eram reparáveis. Era o Hammer Kelly, com um furo no pneu esquerdo traseiro.

Baixei o vidro e gritei «Ei!». Não sei bem porque é que a chuva nos faz elevar a voz a menos de dois metros de distância, mas faz. Pobre Hammer, um gato encharcado não teria um ar mais deplorável. A chuva a escorrer-lhe pelo nariz, a *t-shirt* branca ensopada e colada ao corpo, deixando ver os mamilos e os pelos do peito. Afastou a madeixa de cabelo molhada dos olhos e fitou-nos. Foi então que percebi que não estava sóbrio. Tinha pegado nas ferramentas, mas parecia não saber o que fazer a seguir. Saí do carro, presumindo que a Rose seguiria em frente e nos deixaria para trás. Deveria estar a olhar pelo retrovisor, porque fez

marcha-atrás.

Gritei a dizer que teria de ficar para outra vez, mas ela disse que não, que esperava, porque quanto tempo é que três estarolas levariam a mudar um pneu? Depressa passou a ser só um estarola. Mandei o Hammer procurar alguma coisa para calçar os pneus do outro lado, o que ele fez, enquanto montei o macaco. Mas depois o Maggot gritou para ele se meter no *Impala*, o que ele fez. Consegui ver o Maggot a tirar os sacos lá de dentro. De todas as baixas da catástrofe que fora a relação da Emmy com o Prego-a-Fundo, a mais lamentável era o Hammer. Dissera que não a conseguiria esquecer e estava a cumprir a palavra. Apanhar a tosga com ele passara a ser um dos nossos passatempos, a ponto de o Hammer se tornar um cabrão de um bêbedo miserável e choroso. O gajo não aguentava o álcool. Era a desvantagem de se ter portado bem durante os anos de formação: não estava preparado. Eu avisara o Maggot para não o meter em nada mais pesado, pelo menos enquanto ele não soubesse andar sem rodinhas, mas naquele momento, enquanto eu estava a desapertar as porcas da jante com o pneu furado, vi-o a snifar metanfetaminas do *tablier* do meu *Impala*. A Rose também viu. Nunca lhe escapava nada.

Eu não estava nada satisfeito por estar sozinho a trocar o pneu do Hammer enquanto chovia torrencialmente. Percebi por que motivo aquela rua se chamava Dry Creek Road[24]. Era o leito de um regato, e agora não estava seco. Água lamacenta escorria a toda a minha volta e por debaixo do carro e eu não sabia se o macaco aguentaria naquelas condições. Tirei o pneu e instalei o suplente, o mais depressa possível, mas depois, raios partam as porcas. Pousara-as muito direitinhas mesmo ao lado do tampão, como mandam as regras. Só que agora não as conseguia ver e o tampão ia a boiar como se fosse a merda de um pato. Fiquei possesso, a amaldiçoar a chuva, a tatear com as duas mãos debaixo da enxurrada de água, à procura das porcas na gravilha molhada e a deslizar. *Merda, merda, merda, merda.* Passei-me e estava capaz de matar alguém. Escancarei a porta do *Impala* e gritei com os dois para me ajudarem a procurar a merda das porcas, mas, mesmo que qualquer um de nós estivesse sóbrio, era uma causa perdida. Como procurar uma agulha num palheiro. Aliás, seria mais fácil

encontrar ali uma agulha.

Tivemos de abandonar a carrinha do Hammer. Ele poderia regressar mais tarde com outras porcas e a cabeça desanuviada. À última hora, lembrou-se de voltar atrás para ir buscar a espingarda à carrinha. O mais certo era a arma valer mais do que o veículo. Disse à Rose que íamos levar o Hammer a casa, mas ela disse que já só faltavam cerca de três quilómetros para chegar a casa do Prego-a-Fundo, pelo que podíamos parar lá para nos secarmos, fumar uma broca para acalmar os nervos, etc. Depois arrancou, formando uma ondulação como se fosse numa lancha a motor. O Hammer vivia em Duffield. Eu não sabia bem onde estávamos, só sabia que tinha de me pisgar daquele regato revoltado, por isso segui-a. O Hammer ia no banco de trás, sem fazer ideia do nosso plano. Tanto quanto sabia, ele e o Prego-a-Fundo só se tinham visto uma vez, na festa da June. Naquele breve e ditoso momento em que a Emmy pertencera ao Hammer, antes de lhe ser roubada. Lembrei-me de ouvir depois o Prego-a-Fundo na galhofa com a Rato, a chamar tanso e imbecil ao Hammer. Não seria de esperar nada de bom daquele reencontro. Os últimos resquícios de sobriedade no meu cérebro diziam: *Vai para casa*.

E pela enésima vez num mês, a minha resposta foi: *Para que casa? Quem me espera lá? Quem quer saber do inútil de merda que sou?* Odeio reconhecer isto, mas na noite em que encontrei a Dori uma parte de mim sentiu um alívio, ao pensar que a partir daí não teria de estar sempre com medo de que ela morresse. Pensei que estaria melhor sem o medo, mas estava muito errado. Mesmo sem nada de bom na nossa relação, aquele pavor fazia de mim uma pessoa ainda com uma ligação a outra. Agora, ninguém precisava de mim em sítio algum.

Começou a chover ainda com mais intensidade. Nunca vira nada assim. Virámos para um caminho secundário que não era um autêntico rio, mas não conseguia ver nada pelo para-brisas. Vislumbrei o ténue brilho das luzes de *stop* da Rose ao parar e fiz o mesmo, pensando que ela tencionava esperar até a borrasca passar. Depois ela desligou os faróis e vi o vulto dela a correr da carrinha para uma casa cujos contornos conseguia lobrigar, e, quando dei por mim, o Maggot também estava a correr para lá. Fomos todos. O carro parecia um aquário no qual nos poderíamos afogar. Chegámos ao alpendre e alguém nos

abriu a porta.

A Rose dissera que era a casa de «uma senhora» e eu imaginara um vestido caseirinho, a renda paga. Népia. Chamava-se Temple e era uma brasa. Calções curtos, cabelos louros compridos. Ela e a Rose não iam com a cara uma da outra, isso era evidente, mas ela tratou-nos como se fôssemos cachorrinhos resgatados, foi buscar toalhas, fez café quente e instalou-nos na sala de estar com o seu cachimbo de água à *hippie*. Fiquei a saber que era ela quem os fazia. Uma senhora interessante, uma casa interessante, grande e antiga, pouca mobília. Talvez se tivessem mudado há pouco. Pensei na catástrofe da Emmy e pus-me a pensar quanto tempo é que ele demoraria a chupar aquela rapariga bonita até ao tutano e depois a descartá-la. Ela e a Rose discutiram alguma coisa em código, obviamente relacionado com droga, e a Temple disse que ele não estava em casa, saíra de carro com o Ursão Howe e outra malta. Não fora com eles porque era uma seca dos diabos, aqueles gajos só falavam de futebol. E eu pensei *Ah, se calhar há esperança para esta*. Disse que o Prego-a-fundo andava a pôr a conversa em dia com os amigalhaços desde que se tinham mudado para território dos Generals. Tinham ido a um sítio no rio onde gostavam de ir, chamado Devil's Bathtub.

Senti um calafrio na barriga ao ouvir aquelas palavras. Por detrás do cachimbo de água, o Hammer soergueu as sobrancelhas. Demorou, mas por fim percebeu de quem estávamos a falar. A Rose disse que tinham escolhido mal o dia para ir nadar. A Temple concordou, mas disse que de manhã estava um dia lindo. Que aquelas tempestades de verão apareciam de repente. Era verdade.

O Hammer pôs-se de pé, derrubando uma chávena de café vazia, e disse que tínhamos de ir. A Temple ficou um pouco chocada e apanhou a chávena. Disse que podíamos esperar até a tempestade passar.

— Vamos embora imediatamente — insistiu ele.

Assim sem mais, toda a vida do Hammer, aquele rapaz educado e tímido que todos adoravam, sempre obediente, acabou.

[24] Dry Creek Road pode traduzir-se por «Caminho do Regato Seco». (*N. dos T.*)

58

A tempestade estava a dar sinais de abrandar. Porém, íamos meter-nos diretamente no olho do que ainda faltava, pois tínhamos de seguir para leste, rumo ao condado de Scott, por um caminho de gravilha sem nome. O Hammer nem queria acreditar que era a primeira vez que eu ia à Devil's Bathtub e meteu na cabeça que eu estava a mentir. Ele fora lá várias vezes com este ou aquele grupo de Peggots e tinha a certeza de que eu também fora. O Maggot foi inteligente e ficou em silêncio. Disseram os dois que o caminho era aquele, para seguir em frente. O Hammer queria apanhar o Prego-a-Fundo e confrontá-lo. Sob o efeito de anfetaminas, o Hammer era um homem completamente diferente, a embalar a espingarda no banco de trás com o ar de quem manda, e nem pensar que eu iria levar aquele homem para casa naquele estado. Ele vivia com a madrasta, a Ruby, e a filha, Jay Ann, que tivera um bebé. Os Peggots eram uma família numerosa. Atribuir-me-iam as culpas daquilo e esfolar-me-iam vivo.

Ele e o Maggot iam bebendo de uma garrafa de *gin*, outra coisa que o Hammer se lembrara de resgatar da sua carrinha à última hora. Se ele começara a beber logo de manhã, como estava ainda consciente, não sei. O Maggot estava a dar um bom desbaste no que restava. Eu recusei a garrafa na maior parte das vezes que ma passaram, por uma questão de princípio. Como era o condutor, convinha não ter os níveis de álcool no sangue muito elevados.

Acho que não repararam nas nuvens negras que se aproximavam, em todos os sentidos. Eu estava a conduzir-nos para a frente de batalha. O objetivo do Hammer era claro. O Prego-a-Fundo roubara-lhe a namorada e desrespeitara a mercadoria. E ele nem sequer vira a Emmy depois de Atlanta, não fazia bem ideia dos verdadeiros estragos. Nunca na vida esqueceria a imagem daquelas

raparigas meio despidas naquele colchão imundo, como se fossem umas bonecas Barbie atiradas para o lixo. Nem humanas eram. O que quer que ali tivesse acontecido furtara o brilho da Emmy, quiçá para sempre. O dela e o da June. A Emmy nunca fora minha namorada, o vingador não era eu, mas mesmo assim estava a sentir um formigueiro no punho, a vontade de espetar um soco num certo presunçoso.

Esse formigueiro aumentou a cada segundo que passou. O matagal ficou mais frondoso, o caminho mais estreito, e eu estava a fazer reduções de caixa e a acelerar ao mesmo tempo para afrontar a colina de curvas serpenteantes daquele carreiro de gravilha. A condução exigia-me mais concentração do que eu tinha, mas o meu cérebro continuava a ressaltar. O Prego-a-Fundo na quinta do Creaky. Inspeções às tropas. Aquele rufia a implicar com o Tommy e o Trocas até eles quase se mijarem. E eu a fazer de conta que não estava a ver. Ele sempre fora uma besta quadrada para eles, e o Tommy era sensível, levava tudo a peito. Assumia as responsabilidades pelas asneiras do nosso apelidado protetor, sempre. Aquele energúmeno egocêntrico. A utilizar-me como seu pau-mandado. A bondade do Tommy, mesmo depois de tudo isso, o amigo que era agora para mim. Com um pouco de sorte não encontraríamos o Prego-a-Fundo, porque, se encontrássemos, haveria sangue.

Não estávamos vestidos para qualquer género de traquinice dominical com aquela chuva torrencial e estávamos a amaldiçoar-nos uns aos outros desde o momento em que saímos do carro. Disse ao Hammer para não levar a espingarda, com o argumento de que se estragaria com a chuva, estando na realidade mais preocupado com as consequências de um homicídio. Porém, o Hammer não iria separar-se da sua adorada *Marlin 336C*. Insisti e ele desatou a berrar que a arma fora encerada e levara um tratamento anticorrosivo e que diabo é que eu pensava que os pioneiros faziam quando estava a chover, caralho? O Maggot recuou uns passos ao ver o nosso cachorrinho a espumar-se todo. Merda. O Hammer sob efeito de anfetaminas ficava com a pica toda.

Vai-se a ver e não escolhêramos o melhor sítio para estacionar. Caminhámos talvez um quilómetro e meio por um caminho de terra antes de chegarmos

sequer ao trilho que levava à Devil's Bathtub. Eu não sabia se íamos a caminho de uma catástrofe ou se estávamos apenas numa caça aos gambozinos que resultaria em três janados completamente encharcados. Foi então que vimos a *Lariat*, estacionada num talude inclinado no cimo de uma ladeira. Não o lugar ideal para se estacionar, mas o sítio mais perto possível do início de um trilho a que um veículo conseguia chegar. Nenhum de nós abriu a boca.

O Hammer foi à frente pelo trilho e eu fui em último, a ver o cano da espingarda a baloiçar no ombro dele e o rabo de cavalo esparramado nas costas do Maggot. (A Martha, que lhe cortava o cabelo, desaparecera há muito.) De repente, pareceu-me uma absoluta loucura estar ali no meio dos bosques numa caça mal-amanhada ao Prego-a-Fundo. Mentalmente, recuei até ao ponto em que o dia mudara o seu rumo: a Rose Dartell. A entregar uma *pizza* no cu de Judas, na Woodway? Tinha de ser uma armadilha. Ela sempre soubera onde o Prego-a-Fundo estava, e não era difícil saber onde eu estava. Aquilo pareceu-me intencional, o Prego-a-Fundo a utilizar a lacaia da Rose para me atrair àquele sítio onde, sabia, eu nunca quereria estar. Faltava saber para quê. Ninguém planeara que o Hammer e a sua *Marlin 336C* entrassem na equação. Tínhamos de voltar para trás.

Mas o Hammer ia a caminhar depressa, menos embriagado do que eu pensara, ou então muito mais carocho. O joelho doía-me como o diabo. Os problemas de ossos pioram com o mau tempo e caminhadas em terrenos irregulares. *Jackpot*. Chegámos a um ribeiro que era atravessado pelo nosso trilho. Nem pensar que eu iria passar a vau por uma forte corrente por cima de pedras escorregadias com as minhas pernas vacilantes. Gritei para os outros a dizer que não podia fazer aquilo. O Hammer riu-se e atravessou o ribeiro a chapinhar, replicando que aquele era apenas o primeiro: havia mais dez. Talvez treze.

— Faz de conta que tens a bola e corre para marcares um *touchdown*, estrela! — gritou, e eu pensei *Há anos que está lixado comigo e a engolir sapos. Lixado com os rapazes desordeiros que o deixam fazer o trabalho difícil.*

Entrei para a água.

O segundo riacho que tivemos de atravessar corria mais depressa e era mais fundo do que o primeiro, e a partir daí foi sempre a subir. O Maggot disse que

nunca os vira assim. Geralmente eram um fio de água, agora eram um dilúvio. Por vezes, tive de avançar de gatas, à procura de sítios onde apoiar os pés na corrente furiosa, tudo escorregadio e vacilante no fundo e eu com as minhas calças de ganga encharcadas e pesadas. Os ossos do joelho estavam a ranger como uma transmissão avariada. O Hammer e o Maggot passaram à minha frente com passos firmes, ou então equilibraram-se e saltitaram de pedra em pedra, e eu fiquei angustiado ao vê-los usar assim o corpo, sem hesitações. Algo que eu provavelmente perdera para sempre.

Fartei-me de gritar com o Maggot para esperar por mim, mas ele despira a *t-shirt* e amarrara-a, juntamente com o rabo de cavalo, à volta da cabeça como se fosse um turbante, por motivos que apenas o cérebro do Maggot poderia conhecer, e não me ouviu. Quanto ao Hammer, já nem o conseguia ver.

Comecei a procurar uma saída de emergência de toda aquela água, mas não tinha muitas opções. Era deixar-me ir ou bater em retirada. Havia penhascos dos dois lados do trilho, muralhas de estratos de rocha como sanduíches gigantes com o fiambre e o queijo duro e negro. Ali em baixo era só matagal e o ribeiro, e, no cimo dos penhascos, mais matagal, cerrado e sombrio. Pinheiros e bosques de loureiro, cogumelos venenosos, montes de musgo.

Teria voltado para trás naquele momento se não fossem dois gajos que vinham a correr na minha direção pelo trilho. Não eram o Hammer nem o Maggot. Vinham de tronco nu e descalços, com as roupas molhadas e amarfanhadas nas mãos e a correr daquela forma incerta e ziguezagueante que as pessoas correm em terrenos rochosos, a gritar excitadamente. Um para o outro, ou para a chuva, ou para moinhos de vento imaginários. Reconheci-os dos tempos em que andámos a curtir pela avenida principal e o Prego-a-Fundo me levou a conhecer os antigos companheiros dos Generals. Um era o da tatuagem das mãos em oração no ombro. Pararam de gritar e disseram-me que os meus amigos iam mais à frente. Obrigado, meus. Pensei que estivessem noutra dimensão.

— Sim, está bem — disse eu. — O Prego-a-Fundo está convosco?

— Ainda está na queda-d'água — disse um, e o Mãos-Que-Rezam esclareceu que ainda lá estavam dois, o Prego-a-Fundo e o Ursão.

— Onde está o *quarterback* está o seu *left tackle* — comentei, e eles riram.

— Sim, ainda estão casados, aqueles dois. — O Mãos-Que-Rezam estava a olhar para mim com os olhos semicerrados e as pestanas molhadas.

— Já te vi no campo, não foi? Tu eras uma espécie de recetor substituto ou algo do género, há anos. *Cornerback*?

Eu não tinha arcaboiço para falar sobre aquilo. Além disso, ainda desconfiava que aquilo era uma armadilha preparada pelo Prego-a-Fundo, associada a um horrível acumular acidental de más escolhas. Perguntei o que os levara a vir nadar com o tempo assim. Responderam que quatro gajos com merda no lugar da massa encefálica são mais estúpidos do que um só, e desataram a rir-se como se fosse a piada mais engraçada de sempre, mas não era. É um facto mais do que comprovado. Sinais a apontar para um horrível acumular acidental.

Não consegui arrancar-lhes muito mais. Apenas que o Prego-a-Fundo ainda estava na brincadeira na queda-d'água, a querer subir a uma formação rochosa ridícula. Primeiro, despira-se todo e dissera que ia mergulhar, o que era uma loucura, pois a corrente era demasiado forte para nadar. Depois começara a subir o penhasco. Eles tinham-se fartado de o ver a armar-se aos cágados e iam voltar para a carrinha, onde tinham ganza seca. O Prego-a-Fundo ficara e o Ursão não o abandonara. O sempre fiel Ursão. Convidaram-me a ir com eles para a terra da ganza seca, e acredite, caro leitor, que vontade não me faltou, mas o Maggot e o Hammer estavam metidos naquela alhada. Passara metade da vida a tentar safar o Maggot dos seus disparates e agora metêramos o Hammer ao barulho. O responsável era eu.

Finalmente apanhei-os, mas tive de rastejar de cu. O último trecho do trilho não era mais do que um carreiro escorregadio da largura do rabo no maldito penhasco sobranceiro ao bramido do riacho. Depois demorei um segundo a perceber que era aquilo, tinha chegado ao destino. O Maggot estava sentado na borda à minha frente, a baloiçar-se, segurando a enorme cabeça molhada e embrulhada na *t-shirt* com as duas mãos. O Hammer estava a gritar. De pé em cima de uma rocha com a água a rugir à sua volta como uma espécie de Moisés, a espingarda ainda a tiracolo e apontada para o céu, não para uma pessoa, graças a Deus. Porém, o próprio Hammer estava engatilhado, pronto a disparar. Não vi mais ninguém, nem o Ursão, nem o Prego-a-Fundo, e não percebi porque estava

ele a gritar que nem um desalmado para aquela ribombante banheira do inferno. De todas as banheiras que temi em pequeno, nenhuma se aproximava desta. Um enorme buraco redondo entalhado em rocha macia, talvez com uns doze metros de uma ponta à outra, com água a cair. Ao fundo, uma extensa e alta queda-d'água salpicava-nos depois de escorrer por uma longa calha de pedra a fazer lembrar um maldito escorrega aquático. Mas a água também caía das laterais e agitava-se no buraco como se fosse uma colossal máquina de lavar. Havia um baloiço de corda por cima da água revolta, dando a entender que em dias mais alegres se utilizava aquele sítio para nadar. Agora, ninguém quereria ver ali as suas roupas mais imundas. E, virado para aquela agitação furiosa, o Hammer expelia todo o ódio que os pulmões lhe permitiam. *Filho de uma grande puta, não mereces tocar num cabelo da cabeça dela nem respirar o mesmo ar, animal de merda.*

O animal era o Prego-a-Fundo. Demorei bastante a perceber que havia uma queda-d'água *por cima* da queda-d'água. E, bem lá no alto, no penhasco, estava o espetáculo que ele era, nu, claro está. A cabeleira escura e molhada, os abdominais bem definidos, os pelos públicos e a pila, aquela atitude exibicionista indiferente de pavonear do corpo que se conquista ao fim de anos passados num balneário. Era uma silhueta magra e pálida, equilibrada por cima de nós com os bosques densos como pano de fundo. Nas suas costas, árvores escuras e o céu e relâmpagos a travarem a sua batalha à nossa volta. Interroguei-me se os amigos se tinham pirado com a roupa dele, mas não, vi as calças de ganga e a *t-shirt* ao fundo, num monte encharcado. Ele despira-se provavelmente só para se armar aos cágados como eles disseram, sem ter tenções de ir mesmo nadar, mas depois entusiasmara-se com alguma coisa que o levara a subir.

O Hammer não se calava. Aproximei-me do Maggot, completamente aterrorizado. Podia escorregar e cair. Agachei-me ao lado dele e inclinei-me.

— O que se passa?

— O Hammer disse para ele vir cá abaixo porque tinham um assunto para tratar. E depois *ele* disse que a rapariga não valia a pena o trabalho para nenhum deles. Pôs-se a falar mal da Emmy ali em cima.

Merda.

O Hammer continuou a gritar e o Prego-a-Fundo dominou em silêncio, mantendo-se acima de nós com a cabeça inclinada para trás naquela eterna atitude de *Não és capaz de melhor?* Eu não conseguia ver a cara do Hammer, mas ele tinha o corpo, as mãos e os braços a tremer. Por causa do frio, por o efeito da droga estar a passar, por causa da cavilha que fora arrancada da granada Hammer. O Maggot inclinou-se para mim até os nossos ombros se tocarem.

— Lembras-te daquele cão que o Stoner tinha? Como ele costumava abanar carne à frente do focinho do animal para o enfurecer?

— O Hammer não é o *Satan* — disse eu.

Tinha de acreditar nisso. Ele estava a espumar-se todo, mas não era um assassino. Falei com ele como falaria com um cão, dizendo o seu nome com tanta firmeza quanto consegui, repetidas vezes. *Hammer. Tem calma, meu. Hammer. Ele não tem nada. Vai ficar tudo bem. Hammer. Vamos sair daqui. Hammer.* Porém, havia muito barulho, o rugido das quedas-d'água e os trovões. O meu próprio sangue a fluir pelos ouvidos. Não faço ideia do que o Hammer ouviu, se é que me ouviu.

Tenho bem gravado na memória o que aconteceu nos dez segundos seguintes. O Hammer olhou para nós, depois mudou o peso de uma perna para a outra. Pensei que se tinha desequilibrado, mas não, estava apenas a passar a alça da pesada espingarda pelo ombro e a levantá-la com as duas mãos. Depois, o tecido vermelho de uma *t-shirt* a assomar do bosque bastante para a direita do Prego-a-Fundo. Era uma pessoa, corpulenta, assustada, como que a materializar-se de um momento para o outro, mesmo a tempo de ver o homem e a espingarda e gritar:

— Baixa-te! O filho da puta vai disparar!

Foi o terror naquela voz que desencadeou tudo. A voz do Ursão, o obstinado defensor do seu lado esquerdo. Nada do que pudéssemos fazer teria perturbado o Prego-a-Fundo, nem palavras nem disparos, mas aquela voz a alertá-lo do lado direito sobressaltou o *quarterback* despido, obrigando-o a virar-se um quarto de volta, o suficiente para o desequilibrar e começar a deslizar. O corpo coordenado a partir para a sua corrida mais longa, o centro de gravidade a baixar de forma mecânica, os braços juntos, os joelhos um pouco dobrados, meu Deus, a terrível beleza da visão, e depois perdeu o controlo. Se se tivesse enroscado, poder-se-ia

ter salvado, ossos e carne a abanar por aquele declive de rocha rumo a mais rocha, talvez um ramo a amparar a queda; seria feio, mas poderia resultar. Porém, o orgulho falou mais alto. Esticou-se e saltou num mergulho, a pique, de cabeça para baixo, os braços abertos, uma tentativa gorada de chegar à água. O contacto fez lembrar uma melancia a cair no cimento.

Depois disso, não sei. Devo ter tentado alcançar o Hammer e segurá-lo. O Ursão continuava nos penhascos. E o Prego-a-Fundo, do outro lado da água em frente a nós, era um nada despido esparramado na rocha. As pernas na água, uma coxa afundada, a outra afastada, submersa até ao joelho. Um horrível posicionamento dos membros que não conseguiria em vida. Foi assim que soube. Toda a magia que o formara abandonara-o. E agora o Hammer estava a gritar *comigo*. O seu rosto era um muro de choque e estava a falar da espingarda, a dizer que só a ia pousar. *Meu Deus, ele pensou que o ia alvejar? Não ia disparar, ia subir lá acima. Meu Deus, Demon.* A dizer que a culpa fora dele, a dizer que o gajo se magoara, a deslizar por ali abaixo, sem sentidos, tínhamos de o tirar da água. Disse ao Hammer para ficar onde estava. Eu conseguia ver melhor a cabeça partida do que os outros.

O Hammer, porém, não permitiria que alguém morresse ali. Disse-o três vezes, talvez quatro, não vou deixar um homem morrer, e depois atirou-se para a água enquanto eu e o Maggot gritávamos não, não e não. Não àquilo tudo. O Hammer naquelas águas agitadas a rugir como uma explosão e o resto de nós a perder tudo, tempo, esperança, a cabeça, já de si numa bruma. Estava perto de umas rochas de onde saltara e depois desapareceu. A cabeça e os ombros desapareceram na água, afundaram. Depois veio à tona e vi os olhos esbugalhados do Hammer, a fitar-me, veio de novo à tona e foi ao fundo outra vez. Ouvimos trovões ao longe. A seguir o Ursão estava ao nosso lado, depois de descer a ladeira e atravessar de alguma maneira. Deve ter corrido para jusante, até um sítio onde era possível passar, porque agora estava ali, a ofegar como um animal selvagem. Todos nós a fazer esses tipos de ruídos, a uivar para a água, para a morte e para o Hammer, a suplicar para que viesse novamente à tona.

Ele veio, nas rochas a jusante. Avistei a *t-shirt* branca lá em baixo, as costas largas, as pernas a serem sovadas pela corrente. A força da água rodava

lentamente o seu corpo como se fosse a agulha de uma bússola, de uma posição de lado para uma virada para a corrente, alinhada com aquela terrível força.

O outro corpo não se mexeu. O despido. Obriguei-me a olhar e a visão deve ter-me deixado uma cicatriz nos olhos, porque ainda consigo ver todos os malditos pormenores, o ângulo anormal do braço, os quadricípites macios e duros, glúteos como duas cebolas. A máquina bem oleada que se esforçara tanto por manter, muito tempo depois de ser importante. Que desperdício, um corpo sem vida, com a maioria das suas partes ainda aptas e ansiosas por funcionar. A derradeira humilhação de um homem, aquela última paragem por lesão.

Nem foi preciso discutir quem iria buscar ajuda. O Maggot e o Ursão eram capazes de percorrer o trilho e fazer as travessias dos riachos em metade do tempo. Havia um telemóvel na *Lariat*. Podiam conduzir até encontrarem um sítio com rede. A equipa de salvamento de emergência que chegou, porque acabou por chegar, já quase ao cair da noite no dia mais longo da minha vida, traria três macas. Uma para cada um dos cadáveres, outra para mim. Fui dado como um dos feridos. Fiz a parte mais difícil, ficar para trás.

Assim que partiram, aproximei-me da *Marlin* e pontapeei-a para a maldita garganta do diabo. Afundou como o tubo de aço carbono que era. Todas as horas de esmero que o Hammer passara a encerar e a aplicar o tratamento anticorrosivo naquela arma, um desperdício. Não pude evitar esse pensamento. Um cérebro avariado procura qualquer desculpa para se esquivar ao acontecimento principal. Uma espingarda que não teve uma participação direta, mas uma arma por perto naquelas circunstâncias nunca ajuda, por isso… dei-lhe sumiço.

Depois de afundar a *Marlin*, arrastei-me pelo caminho do penhasco até um sítio onde podia passar como um caranguejo para o outro lado. Depois fui até ao banco de areia, onde pude puxar o Hammer para terra. Tudo o que consegui ver foram os anos que aquele corpo ainda tinha, *deveria* ter. Para todas as pessoas que contavam com a ajuda dele. Para encontrar uma rapariga amorosa que tivesse os seus filhos. Teria sido o melhor pai que se possa imaginar. Todo o Hammer que conseguia ver, a parte de trás dos braços, as mãos, a nuca, era da

cor do aço. Forcei-me a sentir-lhe a pulsação. A carne pareceu-me demasiado rija, já não humana. Como se a pulsação que costumava viver ali não conseguisse passar. Os cadáveres não são novidade para mim, disse para comigo. Isto não é nada de mais. A minha mãe no seu caixão branco, a Dori na nossa cama. Estivera junto à Dori mais de uma hora antes de permitir que o resto do mundo a visse. Mas, por muito desgostoso que estivesse naquele dia, sabia que a Dori estava onde tinha de estar. O Hammer não. Era um corpo ao qual fora roubado tudo aquilo que lhe pertencia por direito.

Puxei aquele volume encharcado para fora da água, depois parei para despir a *t-shirt* e passá-la por debaixo da cabeça dele porque não lhe queria arranhar a cara ao arrastá-lo. A Sra. Peggot teria de o ver. A June, a Ruby, todos eles. Tinha de lhe poupar a cara. Por fim, consegui puxá-lo para o mesmo penedo onde o outro cadáver estava. O inimigo do Hammer. Assim que o coloquei ali, detestei que estivessem no mesmo rochedo. Longe de estarem deitados lado a lado, ainda separados por alguns metros, mas mesmo assim demasiado perto. Senti que um poderia contaminar o outro. Matérias diferentes.

Não tive coragem de os virar de barriga para cima. Sabia que teriam os olhos abertos e achei que seria possível verem-me encolhido naquele rochedo, a engasgar-me com pedaços de pulmão, assim me pareceu, tal era a minha fúria, mágoa e arrependimento de tanta estupidez. Acho que sabia, mesmo então, que não é possível sobreviver a situações daquelas. Nenhum de nós. Ninguém poderia adivinhar o que aconteceria em seguida ao Maggot. Mas eu passara épocas suficientes em campo para saber o que esperava o Ursão. A paz que nunca encontraria. Tudo porque tivera de ir dar uma mija. Subira aos bosques e perdera-se. Vagueara pelo meio dos infernos de loureiro e aparecera no momento mais errado que se possa imaginar. Seguira os seus instintos com os piores resultados possíveis.

Deveria ter sido eu a saltar para a água. Se era preciso fazer isso, teria de ser eu, não o Hammer. Nunca pensarei de outra forma. Foi a única garantia que alguma vez me deram. Que não me afogaria.

59

O mundo estava diferente quando nos tiraram dali. O próprio xerife foi informar a Ruby. Seria preciso telefonar ao pai do Hammer, onde quer que ele vivesse. No Texas. O Maggot ligou à June e ela meteu-se no carro para ir informar a Sra. Peggot. O Prego-a-Fundo não tinha familiares próximos, pelo que não sei dizer quem lhe ligou, mas a Rose Dartell estava à espera ao lado da *Lariat* para ver o corpo a ser levado pelo trilho. Passou-se e atirou-se aos homens que achou que o estavam a carregar, mas na verdade era o Hammer. Os cadáveres iam bem amortalhados.

A Rose pareceu não reparar que numa das macas ia eu. Não tinha a cara velada, mas tinham-me tapado com um cobertor térmico, pelo que parecia um cadáver. O primeiro socorrista que segurava a pega ao lado da minha cabeça chamava-se Nathan. Um gajo rijo, foi condescendente comigo ao dizer para não ter medo de ir assim amarrado, a ser levado por um terreno rochoso e por cima de água ensurdecedora. Embaraçoso. Tecnicamente, não estava ferido, apenas muito pior por causa do desgaste. Havia duas ambulâncias e o Nathan disse que eu iria numa, mais nada. Tinham a obrigação de me mandarem para o hospital para receber tratamento por exposição. Não sabia o que isso implicava. Decididamente, tinha sido exposto a umas merdas.

Os dois cadáveres foram na outra ambulância. Horários diferentes; aqueles não tinham pressa nenhuma. Ou seja, o Hammer teve de fazer a sua última viagem com o filho da mãe que lhe roubara a mulher e lhe destruíra a vida. Fiquei agoniado com isso, e abalado, enquanto tentava pegar nas chaves para entregar a alguém que pudesse levar o meu *Impala* para fora dali. Foi então que a Rose percebeu que eu era o cadáver número três e veio ter comigo, a gritar

enquanto me metiam na ambulância. A bater com as palmas das mãos nos vidros depois de eu estar lá dentro. Tiveram de a levar à força para longe do veículo.

O Maggot foi comigo na ambulância, os dois a tremer que nem varas verdes, a chegar de sítios diferentes. Ele passou-me um *Xanax* para me dar uma ajuda. Depois, quando cheguei ao hospital, quem diria? A enfermeira perguntou qual o meu nível na escala de dor e trouxe-me um comprimido de *OxyContin* num pequeno copo de papel branco. Serviço VIP. Deus a abençoe. Disse que passaria lá a noite em observação, mas eu não tinha muito que observar. Bebi três ou quatro litros de *Gatorade* e verti uma quantidade muito semelhante para um copo de medição de plástico. Fiz um trabalho tão bom a indicar o meu nível na escala de dor que me drogaram para uma excelente boa noite de sono. O teste em que me saí melhor, de todos os tempos.

De manhã, fui visto por uma enfermeira diferente que me informou de que tinha uma visita. Queria saber se estava em condições de receber a minha irmã, e o meu coração bateu mais forte ao pensar que era a Angus. Merda. Era a Rose. Preparada para ir à caça, a julgar pela indumentária. Calças camufladas, corta-vento preto. Puxou o capuz para trás e silvou:

— Assassino filho da puta.

Carreguei no botão para chamar a enfermeira e a denunciar como impostora, mas deveria haver outras pessoas para salvar. A Rose começou a caminhar de um lado para o outro, desesperada por um cigarro, deu para entender. Depois de dez voltas pelo quarto, despiu o impermeável e deixou-se cair na cadeira reclinável que disponibilizavam para as visitas.

— Diz-me exatamente o aconteceu — ordenou.

— Parece-me que já tens uma versão alinhavada.

— Onde está a espingarda? — quis saber.

Eu perguntei «que espingarda?», e lembrei-a de que ninguém fora alvejado. Fora um terrível acidente, mais nada.

Ela levantou-se de um pulo e começou a caminhar outra vez. Eu também estava com ânsias, de ir para qualquer sítio desde que não regressasse àquele lugar na minha cabeça. Fora bastante fácil ali no hospital, sendo um mundo à parte. Tudo legal, as drogas sem o lado negro da coisa. Eu apenas estivera na

sala de espera de um hospital, a aguardar que fizessem uma lavagem ao estômago a alguém. Era um local apinhado de gente, limpo e fedorento, tudo ao mesmo tempo. *Pine-Sol*, vestiário, vestígios de urina. A Rose tinha o seu próprio cheiro, a pederneira e ao fumo acre dos cigarros, como se tivesse passado a noite a caminhar assim de um lado para o outro.

— Preciso de saber exatamente o que aconteceu — disse. — Como foi para ele no fim.

Eu estava demasiado atordoado para discutir. Contei-lhe a verdade, mas apenas as jogadas principais, como nos resumos dos jogos na televisão. Ele subiu a um penhasco muito alto. O Ursão gritou e surpreendeu-o. Ele escorregou e caiu.

— Porque é que o Ursão faria isso?

— Porque não lhe perguntas a ele?

— Porque ele foi a casa do Turp Trussell e bebeu até ficar em coma.

Sugeri que ela deveria seguir o exemplo dele. Fitou-me. Depois abanou a cabeça e olhou pela janela. Não tinha uma vista, apenas céu cinzento e nuvens. Consegui ouvir o crocitar de uns corvos lá fora, a tratar dos seus assuntos no telhado ali perto.

— Não era isso que deveria acontecer — acabou por dizer.

— O que queres dizer com isso? Tens tudo escrito, como toda a gente morre? — Ela continuou a fitar-me até eu sentir os pés e as mãos gelar. — Filha da puta. Estás a dizer que foi tudo planeado. Sabias que ele não estava em casa. Que *caralho,* Rose? Eu nunca quis ir à maldita Devil's Bathtub. Quando digo nunca, é *nunca,* nunca na vida.

— Aquilo não se deveria transformar na maldita arca de Noé.

— *Porquê?* Ele sabia que eu odiava aquele sítio.

Encolheu os ombros escanzelados. Porque ele quis. Quando estão pedrados, os rapazes contam segredos, e há muito que o Prego-a-Fundo sabia o meu. Tentei sacar-lhe mais informações, que raio é que ele pretendia de mim, uma espécie de prova de masculinidade, enfrentar a morte do meu pai, nada daquilo fazia sentido e ela mantinha a versão. Se calhar não sabia. Agora, nunca ninguém saberia.

— Vocês estragaram tudo ao levar o Hammer — limitou-se a dizer. Depois levantou-se e pôs-se a caminhar outra vez. O interrogatório acabara. Foi até à outra ponta do quarto e começou a bisbilhotar sem mexer em nada. Estava outra pessoa no quarto comigo, oculta por detrás de uma cortina castanha, mas não fizera barulho algum durante a noite. Tanto quanto sabia, era outro cadáver. A Rose regressou e deixou-se cair na cadeira. — Vocês foram todos cúmplices de uma morte.

— Ele caiu, Rose. Subiu demasiado alto, fim da história.

— Não me refiro a ele, mas ao Hammer.

— O que estás para aí a dizer?

— O falecido tinha consumido drogas ilícitas. Fornecidas por ti.

— Tu nem sequer estavas lá. Não inventes cenas.

— Oh, eu vi. Mais cedo.

Fiz um esforço para me lembrar. OK, isso.

— Tu viste-me a ajudar um motorista em apuros.

— Vi-o a snifar metanfetaminas no teu *Camaro*.

Dei uma gargalhada.

— Grande testemunha. Nem sabes distinguir um *Impala* de um *Camaro*.

— Seja lá o que for. — Roeu a unha do polegar, a olhar para a porta. — Sei o que vi. Se fores o fornecedor de drogas e alguém morrer, é um crime. Tenho a certeza.

— O que tu viste foi eu a tentar trocar o pneu do meu amigo à chuva. Se alguém procurar, encontrará no Hammer uma droga na qual só toquei uma vez no 8.º ano. Podes perguntar a quem quiseres, por isso pára de mentir. Não me metas nisto.

Rebolei e virei-lhe as costas. Já ouvira falar disto, de fornecer drogas a alguém que se mete em sarilhos. Neste caso, o sarilho fora a morte. Ela não tinha nada contra mim, mas poderia incriminar o Maggot. Senti a fúria a crescer-me nas entranhas. Ela não se foi embora. Ninguém veio medir-me a temperatura. Faltava saber quem iria aguentar mais: eu sem me passar ou a Rose sem nicotina. Ela ganhou. Sentei-me e desatei a gritar com ela.

— Porque tens de remexer no assunto? Achas que os Peggots não sofreram já

o suficiente? O Hammer morreu a tentar salvar aquele filho da puta desalmado. Queres chorar por ele, força nisso. Mas tu nem para moça de recados do Hammer servirias.

Ouviu estas palavras, inexpressiva. Perguntou se eu já tinha acabado. Disse que aquilo não tinha a ver com o Hammer, mas com os outros. Ela perdera tudo e agora tinha de se assegurar de que todos sabíamos como era. *Depois* emocionou-se e sacou montes de *Kleenex* para assoar o nariz. Disse que perder o Prego-a-Fundo foi como se ela própria tivesse morrido.

Tentei puxar o lençol. Tinham-me vestido uma espécie de vestido com molas.

— Que caralho, Rose! Lembras-te de como ele te tratava? Era mau para toda a gente que conhecia.

Ela disse que eu não o compreendia, mas compreendia. O Prego-a-Fundo tinha no seu âmago um veneno delicioso que contagiava as pessoas e era viciante. Disse-lhe que era previsível que as coisas terminassem assim porque o Prego-a-Fundo era um animal perigoso, e sabe-se que esses não têm uma vida muito longa.

A Rose não o negou, mas disse que poderia ter sido a pessoa que o salvaria. Olhou diretamente para mim com a sua cara desfeita cheia de lágrimas e loucura e jurou que acreditava nisso. Que a cicatriz que ele lhe deixara era a sua maneira de garantir que a Rose lhe pertenceria toda a vida.

Eu vira o Hammer Kelly morrer e agora tinha de reviver a cena de cada vez que um elemento da família Peggot entrava pela porta a dizer *Meu Deus, não pode ser verdade*, e ter de lhes dizer que era. Temera regressar do hospital e enfrentar a família, mas eles compreendiam. Precisavam de alguém vivo para contar a história. Estavam gratos e não me culpavam, e todos concordámos que nunca ultrapassaríamos isto. O Hammer era o elemento mais valioso da equipa Peggot.

A June foi ficar connosco em casa da Sra. Peggot, a semana inteira a andar de um lado para o outro com as suas calças de fato de treino cinzentas, a fazer café, sopa de feijão, a passar a mão pela cabeça desgrenhada da mãe. A Sra. Peggot sentava-se aturdida à mesa da cozinha. A restante família andava em vagas, de

um lado para o outro, entre a casa dos Peggots, que era a base principal, e a casa da Ruby, onde ele vivera. Não podiam planear o funeral, pois ainda estavam à espera da resposta dos familiares do Hammer do Texas relativamente ao destino do corpo. O pai do Hammer não o vinha ver há uma eternidade, quase nos esquecêramos de que ele tinha laços de sangue. Mas, no fim, a família é quem toma as decisões. Os Peggots estavam de mãos atadas, sem poderem avançar com os trâmites normais de cozinhar e beber nos funerais. Era só pontas soltas e conversa — talvez se falassem do assunto vezes suficientes, o resultado pudesse ser diferente.

O Maggot subiu as escadas e deixou-se ficar no quarto, pedrado o tempo todo, pelo que me coube apenas a mim contar o sucedido. É muita responsabilidade. Dei o meu melhor, à exceção de alguns pormenores que ocultei. Nós não éramos vingadores na peugada do Prego-a-Fundo. Não houve uma garrafa de *gin* nem metanfetaminas. Ele deveria ter deixado a *Marlin* na carrinha e alguém a teria roubado. Encontráramos o Hammer com o pneu furado por mero acaso. As porcas das rodas perdidas, essas fizeram parte da história. Muito era verdade. Passáramos pela casa de uma pessoa conhecida para nos secarmos e ficáramos a saber que uns amigos tinham ido à Devil's Bathtub. Porque não juntarmo-nos a eles, com o mau tempo e tudo, coisas de miúdos, etc.

O que importa numa história é o coração do herói. Sem pensar na própria segurança, o Hammer mergulhara para salvar o jovem que caíra do penhasco. Verdade. Verdade verdadinha. Não a poderia mudar mesmo que quisesse, e, meu Deus, como queria. Todos queríamos. A minha história deixou-nos a desejar que o Hammer tivesse nascido com um coração egoísta que o mantivesse vivo. O que nos deixou cheios de remorsos e espantados com a abnegação dele. Foi assim que consegui reconfortar os Peggots.

A Rose não entrava na história. Deixei-a de fora. No que toca ao plano dela de incriminar o Maggot por dar drogas ao Hammer antes de ele morrer, ouvi, mas não soube de nada sobre o envolvimento da Polícia ou de autópsias a cadáveres, pelo que nem sequer comentei com o Maggot. Se calhar as ameaças dela eram vãs.

Há mais de um mês que eu dormia no beliche de cima do Maggot, e estava a

ser muito parecido com as vezes que dormira lá quando éramos uns miúdos imbecis, mas agora com drogas melhores. Desde que o Sr. Peg morrera, a Sra. Peggot tinha o hábito de deixar sempre a televisão ligada, para lhe fazer companhia, dizia, e habituei-me a isso. Porém, depois da Devil's Bathtub, tudo mudou. A casa estava cheia de pessoas e o zumbido da televisão arrepiava-me, pela estranheza aleatória de uma voz animada na sala de estar a promover a Tokyopop e creme de barbear com cheiro a pepino. O funeral do Ronald Reagan, meu Deus. Transmitiram vistas aéreas das ruas apinhadas de gente, um milhão de pessoas a debulhar-se em lágrimas por um velhote famoso que vivera muitos anos após o prazo de validade. Mais anos do que precisava, só estou a dizer. Foi como sal nas nossas feridas. Apenas uma estranha mescla, a televisão e a vida real. Duas ou mais mulheres estão a chorar baba e ranho sentadas à mesa da cozinha, enquanto o Everett se esparrama no sofá a assistir ao *Open* dos Estados Unidos. Como se o golfe fosse sequer um desporto a que se queira assistir na televisão, como se conhecêssemos alguém que alguma vez tivesse jogado.

Um dos principais temas de conversa entre as mulheres era a Emmy. Metade das pessoas diziam que ela precisava de saber, ou seja, que a miúda tinha de se pôr boa e ficar triste por ter deixado o Hammer naquele estado de infelicidade. Os principais paladinos desta opção eram a Jay Ann e a Ruby, que passaram anos a dizer ao Hammer para desistir da sua vã perseguição, que a Emmy nunca o aceitaria. E então, depois do romance mais curto de todos os tempos, nunca lhe perdoariam por se ir embora e deixar o rapaz de coração partido. Queriam uma vingança. Pensei no que a Rose dissera, que nos queria ver a sofrer, porque ela estava a sofrer. Dá que pensar: até que ponto o mundo gira com base nessa força.

O outro lado da altercação: não havia pressa em dizer à Emmy que o Hammer tinha morrido porque ele continuaria morto no próximo ano. A Emmy estava em confinamento e não a deixariam sair para ir a um funeral, se é que se realizaria um de verdade, ou seja, não no Texas. A notícia podia esperar até a Emmy estar mais forte em relação à sua sobriedade. A June era dessa opinião, e, como era a única pessoa do planeta que estava autorizada a ter contacto com a Emmy, a questão ficou arrumada. Não se falou mais do assunto.

Eu tinha dificuldade em acreditar numa cura para o que acontecera à Emmy.

Nunca vira ninguém bater tão no fundo. Aquele sítio para onde a tinham mandado parecia uma prisão, e é um facto sabido que as prisões não curam nada. A não ser as pessoas que sofreram e querem ver os outros a sofrer, conforme já disse. Não podia sair, nem para um funeral? Proibida de falar ao telefone com outra pessoa a não ser a mãe? Até a Mariah tinha mais do que isso, em Goochland. Contudo, a June parecia estar bastante satisfeita. Mostrou-me fotografias e aquilo tinha muito bom aspeto, com montanhas e árvores, edifícios a fazer lembrar castelos, um lago. Cavalos. Recintos amplos com raparigas sentadas na relva aparada, a serem simpáticas umas com as outras, sem dúvida. As fotografias não me convenceram a acreditar. Não temos como comprovar a sua veracidade.

Uma serpente venenosa vai morder. É um dos mandamentos que Deus nos deixou. A Rose não desistiu. A Sra. Peggot recebeu uma carta dos tribunais. Eu estava lá. Assisti à leitura, pela boca da June, que depois pousou a carta em cima mesa e saiu de casa. As mortes estavam a ser investigadas. A Polícia dispunha de informação que apontava para que Matthew Peggot tivesse fornecido substâncias ilícitas a um dos falecidos, cerca de três horas antes do acidente fatal. Ninguém falou de homicídio, fora um acidente, mas o Maggot corria o risco de enfrentar uma acusação criminal por ser cúmplice por instigação.

— Já morreram dois rapazes — disse a June, antes de sair pela porta — e acham que mandar mais um para a prisão vai ajudar alguma coisa? Céus, como odeio este mundo.

Com ou sem ódio, a June regressava sempre. Naquele dia em particular, depois de uma volta de carro de três horas, sabe Deus aonde. Durante todo este tempo, continuara a ir à clínica, porque as doenças não dão tréguas, e havia uma necessidade urgente de mãos. Em breve regressaria para a sua própria casa, mas agora era a chefe da família. Desta vez, assumiria as rédeas da defesa do Maggot.

Para mim, a história do Romeo e da Mariah não passava de uma lenda: os terríveis abusos dele, a vingança dela com o x-ato, o advogado de botas de pele de crocodilo que enganara o júri e conseguira a condenação da mãe do Maggot.

Agora, a história repetia-se, os Peggots estavam outra vez no mesmo lodaçal, a June determinada a tirá-los de lá com vida. Eu sabia que a Sra. Peggot carregava a sua cruz por causa da Mariah, mas nunca pensara em como teria sido para a June durante todos estes anos. Depois de deixar a irmã ficar mal. No início, a Ruby ficou chateada por o Maggot ter dado drogas ao Hammer, mas a June não permitiria que isto fosse um fator de desunião para a família. E o contributo do Maggot foi ser demasiado jovem, ou ter imensos problemas, ou as duas coisas, para ir a julgamento como um adulto. Nunca uma família ficou tão agradecida a Deus por ter um menor nas suas fileiras. A data do seu julgamento calhou no mesmo mês em que a Mariah deveria sair.

Eu não estaria presente. No dia antes de a June regressar a casa, convocou-me ao andar de cima e pôs as cartas em cima da mesa. Podia meter-me numa clínica para tratamento com *Suboxone*. Sem me perguntar o que eu andava a consumir, não esteve com meias-medidas. Não era na clínica dela; isto não iria acontecer aqui. Nem em Asheville, não havia capacidade financeira para tal. Mas podia reinscrever-me no Medicaid, uma tarefa simples em que nenhum dos meus tutores tinha pensado depois de a menina Pereira me ter descartado. O seguro cobriria o meu tratamento numa clínica de desintoxicação durante duas semanas. Nada muito complicado, só para me ajudar a passar a pior fase, e depois poderia passar para uma situação de meio-termo. Só consegui imaginar uma casa dividida ao meio, sem a fachada, deixando à vista de todos as cadeiras e os acessórios da casa de banho.

Eu e a June estávamos no pequeno quarto das águas-furtadas onde havia uma cama de casal e um telhado baixo e pontiagudo por cima da janela. Tinha papel de parede feminino, já muito datado, e um banco de janela a que chamavam «poleiro». A Sra. Peggot fizera uma almofada para pôr lá com um estampado com todos os tipos de aves. Uma das minhas memórias mais antigas era estar ali sentado a ver a minha mãe a fumar lá fora no nosso alpendre. Esta semana, funcionara outra vez como quarto da June. Tinha os seus objetos espalhados, sapatos, escova do cabelo, aquele cheiro a champô de frutos que adorava desde que me apaixonara pela Emmy no 4.º ano. Estava sentado no poleiro e a June sentada na cama a explicar-me a minha vida. Falou do dinheiro da Segurança

Social que eu poderia usar quando fizesse dezoito anos. Até lá, se fosse preciso, poderia ajudar-me, e o centro de reabilitação implicava um emprego. Nada de interessante, provavelmente carregar caixotes num armazém, pois a ideia era apenas manter-nos ocupados.

— Durante algum tempo será só obrigações e nenhuma diversão — explicou, metendo o pé debaixo do corpo na cama. Estava vestida com a roupa de enfermeira, pronta para ir para o trabalho, mas ainda descalça. — A cena dos centros de reabilitação é que podes ir para o emprego e depois vais direto para casa. Não há saídas. Os teus amigos são todos outras pessoas em recuperação. É o melhor para que resulte.

Deixei-me ficar sentado a ouvir as palavras dela, a cheirar o seu aroma frutado, e foi então que percebi: fora sempre a June. Esta coisa que eu sentia pelas mulheres de Knoxville, também conhecidas por mulheres da casa geodésica. Fora sempre a June, nunca a Emmy, que não passara de uma paixoneta de criança. Era aquele tipo de amor vertiginoso que nunca percebera bem, por ter sido criado à pressão. Aquilo que o meu pequeno coração retorcido e esfarrapado sempre desejara. Uma mãe, tão simples como isso.

Perguntei-lhe porquê eu, porque não o Maggot. Ela tinha os seus motivos. A dependência de metanfetaminas é complicada, não há uma solução clínica. Disse que no caso dos opioides se pode trocar os maus por um tipo diferente que não dá pedrada, mas que também não provoca ressaca. É só tomar um comprimido e viver a vida.

— Compreendo — disse, sem aludir ao facto de desejar apagar completamente a realidade da minha vida.

— Faria qualquer coisa pelo Matthew, sabes bem. Mas a desintoxicação é algo que a pessoa tem de fazer com os pés bem assentes na terra, e ele não está preparado.

Sentei-me em cima das duas mãos para não as deixar irrequietas. Desejava uma moca de alguma coisa, muito, mas mesmo muito. O Maggot não estava preparado e eu estava? A June disse que ela e a Sra. Peggot tinham dúvidas de que o Maggot alguma vez atinasse da cabeça, simplesmente não era o estilo dele. Por isso, teria de ser outra pessoa a obrigá-lo a cumprir o programa. Não seria

uma coisa voluntária. Referia-se à lei. Tinham estado à espera dessa oportunidade, partindo do princípio de que uma detenção ou um bom susto bastasse.

— Pensámos que seria uma acusação de furto em lojas — disse, abanando a cabeça. — Nunca pensámos que alguém tivesse de morrer. — Nesta fase emocionou-se, mas assegurou-me de que não me devia sentir culpado. Disse que havia uma centena de pessoas que poderia culpar pelos acontecimentos daquele dia, e que eu e o Maggot não constávamos dessa lista.

— Eu tive a minha quota-parte de culpa — afirmei. — De certa forma, nós perdemos as estribeiras.

Ela olhou para mim como se eu tivesse alguma coisa escrita na cara que estava a tentar ler.

— Pelo amor da Santa, Damon. É o mesmo sítio onde o teu pai morreu. Não foste tu quem desencadeou este incêndio.

Senti a fúria a fervilhar. Tinha os ouvidos a zumbir e apetecia-me gritar: *Sim*. É o sítio que mais odeio e foi por isso que fui atraído para lá. É a filha da puta da paga que tenho. Virei-me para o outro lado e olhei lá para fora, para o alpendre onde a minha mãe loura e adolescente costumava fumar cigarro atrás de cigarro. Guardava todos os cupões de *Pall Mall* para nos conseguir coisas grátis. Uma vez, um rádio que parecia uma *jukebox*. Era de plástico e deixou de funcionar ao fim de dois meses, mas eu achei que Deus o moldara com as próprias mãos.

Passaram-se alguns minutos. A June não deixaria as coisas ficarem por ali.

— Não é *natural* os rapazes perderem as estribeiras — disse. — Isso acontece porque lhes foram roubadas muitas coisas.

Perguntei o quê, por exemplo. Levantou-se e deambulou pelo quarto, incomodada. Uma educação académica condigna, disse. Uma oportunidade de ser bom em algo em que pudéssemos aplicar os nossos talentos. Uma perspetiva de futuro. Eles roubaram-nos isso tudo e deram-nos as ferramentas para queimarmos os neurónios, com a esperança de que nos matássemos uns aos outros antes de percebermos que os verdadeiros filhos da puta estão a milhas de distância.

Disse-lhe que não comungava dessa linha de raciocínio. Conhecia bastantes

filhos da puta que estavam bem perto.

Ela sorriu daquela maneira que eu bem conhecia. O miúdo de trato difícil. Porém, em vez de se ir embora, sentou-se na cama outra vez.

— A pergunta que tens de fazer agora é: o que estás disposto a fazer por ti mesmo? E não vou mentir. Vai ser mais difícil do que qualquer outra coisa que já tenhas feito.

Eu duvidava. Lembrei-me de levar porrada todos os dias com vista ao meu melhoramento pessoal. Passar fome durante todo o 5.º ano. Estaria ela a pensar que eu andava à procura de bater um recorde pessoal na disciplina das provações? Disse-lhe que era muito para assimilar. Não disse: *Pensas que sou forte, mas não sou. Irei querer sempre a dose seguinte.*

Ela disse que regressaria amanhã e que voltaríamos a conversar. Perguntei onde é que isso aconteceria; ela respondeu em Knoxville e eu flipei. Não era propriamente a minha ideia de uma terra feliz. Disse que não era o que eu estava a pensar; não era um enorme prédio de apartamentos na Baixa. Lá também havia casas normais, com pátios e assim. Disse que o tipo de condições de vida de que eu carecia seria mais na periferia. Habituar-me-ia.

— Terias de te habituar, porque se fizeres isto, não te quero aqui durante pelo menos um ano.

— Um ano.

— Eu sei. É-te difícil imaginar tal coisa. Eu também acho. Tive de sair daqui e regressar como uma pessoa diferente. — A June era tão bonita e amável. Estava a dar cabo de mim.

— E se eu gostar da pessoa que sou agora? — disse-o com bastante seriedade. Estava a falar a sério.

— Não digo que o problema sejas tu. Também não é das drogas. É de uma série de outras coisas que estão mal e que não irão melhorar enquanto aqui estiveres.

Um ano era impensável. Para onde iria, que pessoa seria? Se éramos assim tão marados, pensaria ela que todo o condado de Lee deveria ficar deserto? Imaginei a longa fila de carros e carrinhas de caixa aberta na 58. A seguir a nós iriam os nossos vizinhos: os condados de Scott, Russell, Tazewell. Meio Kentucky.

Deixando para trás casas vazias, safras por colher, latas de cerveja pela metade, o ranger das cadeiras de baloiço dos alpendres silenciado. Vacas não ordenhadas a mugir nos pastos, cães abandonados debaixo das árvores de ácer, a ver os donos fugirem do paraíso espoliado onde os males do mundo foram todos expiados.

Disse-lhe que pensaria no assunto. Não tenho dúvidas de que ela sabia que estava a mentir.

60

Fiz as malas nessa mesma tarde. Os bens materiais cingiam-se agora a duas caixas; conheci sem-abrigo com menos. *T-shirts*, um par de sapatos adicional. Troféus de futebol conquistados por um miúdo envergonhado com dois joelhos excelentes. Deitei-os fora. Guardei os blocos de notas e o material de pintura que enchia uma caixa inteira e me pesava na consciência. Andava a esconder-me do Tommy. A única coisa valiosa que tinha estava dentro de frascos, escondidos num velho estojo de barbear que pertencera ao Sr. Peg. O Maggot ficara com ele para esconder o seu produto, mas depois, a páginas tantas, passou para mim. Raramente hesitei em utilizar o bonito estojo do Sr. Peg para fins farmacêuticos, mas de vez em quando sentia os olhos dele em mim, a ver o desperdício de carne que me tornara. Agora era um desses momentos. O Maggot estava a dormir ou pedrado. Acordei-o com um murro no ombro para o avisar de que me ia embora.

Ele rebolou da cama para o chão num movimento surpreendentemente suave e ficou deitado a fitar o teto.

— Adeus que me vou *embora*, adeus que me quero ir — disse. Na verdade, cantou, uma música que reconheci vagamente.

— A sério, meu. Vou.

Ele levantou a cabeça do chão e franziu o sobrolho com ar desorientado, como se um animal do zoológico tivesse substituído o meu companheiro de quarto enquanto dormia. Papa-formigas, espadarte. Deixou a cabeça cair no chão.

— Vais para onde?

— Ainda está por decidir. Não pensei nisso.

— Então não penses. Poupas as fatigadas células cerebrais.

— Népia. Não posso ficar aqui.

Sentou-se, puxou os joelhos para o peito e abraçou-os com os braços compridos. Imensas peças de joalharia estranhas nas mãos e na cara, e ainda de preto, mas o estilo gótico há muito que desaparecera. Provavelmente mais por uma questão de negligência do que por uma opção de moda. Muitas vezes não tinha um cheiro lá muito agradável.

— Não é nada pessoal — assegurei. — Tu és a pessoa mais fácil com quem vivi. Tirando o ressonar.

Esfregou a cara com as costas da mão e ficou a ver-me a enfiar roupa interior num saco de plástico. O anel preto dependurado no furo no septo dava sempre a impressão de ser um macaco.

— Não tenho culpa. São as *adenoides*, mano. Nasci assim.

Larguei o saco da roupa interior na caixa de cartão e foi o fim da minha estadia nos Peggots.

— Tenho de sair daqui antes que parta alguma coisa. É esta família. São tão simpáticos que um gajo fica a pensar que lhes deve alguma coisa. E depois fico mesmo danado porque nunca me conseguirei endireitar ou retribuir. Percebes?

Fitou-me com um ar deplorável. Não percebia. Nunca perceberia.

O que me espantou foi a raiva. O facto de estar sempre a vir, em vagas. Porquê? Estar sozinho era o normal para mim. Ainda nunca conhecera alguém capaz de me manter. A June não era minha mãe, não obstante os cerca de dez minutos durante os quais quase a reclamei. Ela apenas queria a melhor versão, não o rapaz destroçado que eu era. Nada de novo para mim, mas ali estava aquele carro e eu ao volante, a fazer todas as curvas demasiado depressa, a odiar tudo o que via. As plantas *kudzu* dependuradas nas árvores, a carruagem à frente da Preparatória de Pennington, as casas familiares com flamingos de bricabraque nos jardins. Teria passado com o carro por cima de um deles, mas isso obrigar-me-ia a parar e eu tinha de continuar em movimento. Durante toda a tarde insisti no pé pesado e furioso, porque andar na bisga sem destino dá uma espécie de pedra.

Depois a energia começou a esmorecer e senti um novo tipo de mal-estar a instalar-se. Parei numa estrada desolada nas cercanias de Fleenortown para fazer

o inventário do que havia no estojo de cabedal do Sr. Peg e no suprimento de emergência que tinha no porta-luvas e tomei aquilo de que precisava para afastar a pressão no peito. Aquela dor era uma história antiga e não tinha fim à vista. Parei em Jonesville para atestar o depósito. Se continuasse a conduzir, conseguiria manter-me à frente dos monstros. De regresso ao carro, virado para oeste, tentei pensar num lugar deste planeta Terra onde ficaria feliz por estar. Não me ocorreu nenhum. Depois contentei-me em pensar num lugar que fosse capaz de *suportar*. Nada feito. Não me ocorreu nenhuma casa, veículo, pátio ou campo de pastagem. Nenhum sítio. Poder-se-ia pensar que isto equivaleria a estar morto.

No que diz respeito a prestar atenção à estrada houve momentos em que apaguei, o que pode trazer chatices por causa dos sinais *stop* ou radares, mas não há muito disso por aqui. Dei por mim muito depois de Ewing, sem ter noção de que chegara tão longe até avistar os penhascos brancos à minha direita, cobrindo a serrania, o sol a bater-lhes. Continuei a conduzir e eles continuaram ali, a rir. *Aqui em cima, sua besta, estamos no alto, tu em baixo.* Aqueles penhascos acompanharam-me durante cento e sessenta quilómetros. O meu carro encontrou o parque onde a menina Pereira me levara naquele fatídico dia em que o meu cérebro fugira de mim, quando pensara em estar ali em cima e saltar para ver se cairia ou se seria capaz de voar. E, quando digo *ver* isso na mente, é porque acontece de facto, pois assim é este meu problemático cérebro: tem uns excelentes olhos. Olha para ele ali em cima. O rapaz na beira do precipício, os braços abertos e as pernas esticadas, a queda a pique ou as asas. Mesmo antes de assistir ao fim do Prego-a-Fundo, não sei quantas vezes o meu cérebro me pusera ali, naqueles penhascos brancos, pelo menos umas mil. Para fazer aquela pergunta, a qual, sejamos realistas, não é uma pergunta objetiva.

O parque de estacionamento de cascalho onde iniciava o trilho estava deserto. A placa indicava Sand Cave, White Rocks, tantos quilómetros. Não memorizei os pormenores. Já ouvira falar de pessoas que faziam caminhadas até àquela gruta, àqueles rochedos brancos. Era exequível. Eu não tinha nada em mente parecido com um plano, apenas a necessidade de estar em movimento. Deixei as chaves no carro.

Não sei bem porque pensei que caminhar seria melhor do que conduzir. Tudo se resume a velocidade. Era uma questão de ser mais rápido do que os fantasmas, e os meus mortos não tinham fim. Sem sequer contar com os meus pais ou o Sr. Peg. A morte das pessoas mais velhas é natural. Eu estava a perder pessoas da minha idade. A minha bonequinha, que não fora capaz de amar o suficiente para a convencer a ficar. O meu herói de infância, que era um animal perigoso. O Hammer, que fora o último a cruzar a meta. O Maggot, que de certeza morreria se o metessem na cadeia, e a Mariah cá fora, de desgosto. Liguei as minhas solas de borracha gastas à terra do trilho outra vez, e outra, e outra. Os ossos do joelho a moer, o coração a bombear, assuntos inconcebíveis a bater à porta do crânio. O meu pai. Por ele, fora àquele poço dos infernos, talvez para finalmente dizer ao homem para se ir foder, obrigado por me abandonar a mim e à minha mãe. Ou para provar alguma coisa. O Prego-a-Fundo desafiara-me e eu fora, tomara o banho do diabo e saíra de lá com sangue nas mãos. Para onde ir depois disso? Só sabia que tinha de meter os pés no chão rochoso, à espera de registar alguma coisa no corpo em vez de no cérebro.

Porque não estava a registar. Ao fim de percorrer cerca de quinze campos de futebol pelo trilho, percebi que não estava a sentir. Não estava entorpecido pelas drogas apenas em questões de humores e desgostos, mas também de calor, frio. Paladar. Aquele torpor na língua, na pele e nos olhos que, tecnicamente, não nos cega, mas não estamos a ver. Como o homem dissera no dia em que saí a correr da farmácia com o meu primeiro bilhete para oxy-nenhures: *Cego, cego, cego*. Apodera-se de nós até ficarmos às escuras e deixarmos de nos importar. Alguma coisa dentro de mim queria moer os ossos naquela montanha até o corpo escolher um lado. Submeter-se ao fantasma ou voltar à realidade.

Olhos no trilho, pegadas de veado, musgo, nada. Remoí nos rancores de há uma eternidade. O corpo é uma verdadeira besta quadrada; pode pôr-nos de castigo, arredados de todos os prazeres, mas continua a obrigar-nos a redigir a lista das suas necessidades, cem vezes. Quero mijar e cagar. Sentiria fome. A *sede* era a necessidade que estava a dar cabo de mim naquele momento. Aquela secura que é como um lenço apertado com força à volta da garganta. A sede era tanta que, quando vi água, um pequeno regato, me atirei de cabeça e bebi como

um cão. A água tinha sabor, doce. Um pouco resinoso. Dizem que se pode apanhar uma terrível doença por fazer isso, por causa de todos os animais que lá mijaram. Pus-me a pensar: quero lá eu saber de terríveis doenças. Sondei os órgãos praticamente sem vida (pele, língua, olhos) sobre se prescindiriam de todos os dias futuros: *sentirias a falta de alguma coisa?* Não cheguei a conclusão alguma.

Sentei-me na corda bamba. Na verdade, era mais uma pedra. Um daqueles minúsculos beija-flores zuniu ali perto. Não se podia ignorar aquele gajo. O ar lançado pelas asas agitou as ervas daninhas a toda a sua volta, como os helicópteros nos filmes de guerra, versão miniatura. Não pousou, apenas esvoaçou por ali com o bico pontiagudo metido nas flores. As que gostava eram cor de laranja e baloiçavam suspensas como ornamentos, mas com a forma de pequenas vaginas, com lábios e tudo. Força aí, pequenito, disse eu. Come o teu quinhão.

Balsamina. Aquela palavra saltou-me à mente, vinda de outra era. Essas plantas cresciam por todo o lado nas margens onde costumávamos pescar. O Sr. Peg explicara-nos como tocar nas vagens verdes e fazê-las explodir, lançando minúsculos estilhaços. Porra. O Sr. Peg estava ali, sentado na margem, um pouco atrás de mim, fora da minha linha de visão. «Desculpe por tudo», disse-lhe. E ele disse *É assim tão difícil?* A voz dele, as suas palavras. Os meus ouvidos. Não estou a sugerir que isto faz sentido.

Levantei-me e segui caminho. Sim, senhor, é. É difícil viver, e difícil ver o contrário a descer a rua na nossa direção. Não disse palavrões, pois não sabia se ele ainda estava comigo ou não. Olhei para o trilho, a terra e o musgo. Os bosques davam o seu próprio espetáculo, com cogumelos no lugar de piadas. Cogumelos como orelhas cor de laranja que pareciam capazes de brilhar no escuro. Estava a delirar, sem combustível no depósito a não ser analgésicos. Porém, senti algumas coisas. A família de veados que deixara as pegadas no trilho enlameado. De tanta carne de veado que comera ao longo da vida, senti que tinha uma percentagem de veado. Senti a benevolência do musgo, que existe por toda a parte assim que saímos do mundo fabricado. A pavimentação de Deus. De todos os tipos, acolchoado, tipo almofada de alfinetes, tapete de pelo

comprido. Paus cinzentos de musgo com cabeças vermelhas a fazer lembrar fósforos. Uma ínfima parte de mim ressuscitou e disse ao musgo *Meu, onde estiveste?* Este é o magnífico mundo da puta da cor.

Uma hora depois sentei-me num velho tronco coberto de musgo para recuperar o fôlego e lembrei-me de que tinha um charro no bolso, um presente de despedida do Maggot. Não fumara muita erva desde que a Dori morrera; não estava para aí virado. É difícil explicar os vários níveis do inferno da pedrada, mas há um território sombrio para lá dos prazeres a que a erva se destina. Saquei-o do bolso e admirei-o antes de o acender. O galho branco enrolado na perfeição do Maggot, aguçado como um lápis nas duas pontas. Tive vontade de o desenhar. Outra ânsia que não sentia há uma eternidade.

Não bati recordes de velocidade em terra. O Sol já ia baixo e deixou-me sem alternativa. Não chegaria ao cimo dos penhascos. Não naquele dia. Aquela grandessíssima besta, o corpo, assumiu o controlo, insistindo para passar ali a noite, sem sequer perguntar se eu queria isto ou aquilo. Apenas os queixumes, nem água nem comida, ou um teto por cima da cabeça. Desesperado para dar uma mija. Isso resolveu-se num instante, o resto não. Já pernoitara em abrigos toscos, e passara tantas horas de fome que já tinha carteira profissional. Nada de especial para alguém experiente como eu, pensei, enquanto subia um caminho sinuoso que me deixou sem fôlego. O trilho serpenteava acima das árvores até uma ladeira de cascalho e depois até à Sand Cave. Escura e fresca debaixo de um arco amplo, mesmo grande. Podia-se montar uma casa pré-fabricada ali dentro. Provas de escapadelas anteriores aqui e além conspurcavam o chão arenoso.

Se fosse escuteiro, saberia fazer uma fogueira. Teria trazido uma lata de feijões para o jantar. E um abre-latas. Água. Como era um delinquente juvenil ignorante com pouca ou nenhuma vontade de viver, não tinha nenhuma dessas coisas. A pessoa que me pareceu estar a observar-me agora era a Angus. Não como o Sr. Peg, há pouco, sabia que ela não estava deveras ali, mas mandei-a fechar a matraca e ela riu-se mais um bocado. Era isso, o sítio onde gostaria de estar: a falar com a Angus. Tonta, dura como o couro, geralmente, se não sempre, menina para melhorar a situação. Sempre a dizer que, a determinada altura, eu tinha de começar a confiar na viagem, porque a vida não era um

absoluto monte de esterco em combustão lenta, mas estava errada quanto a isso. Disse que a minha infância complicada fazia de mim uma pessoa melhor, o que também não era verdade. Acreditava que eu iria longe, não obstante os muitos obstáculos e os hábitos desagradáveis.

Encontrei uma pedra boa e fiquei ali a ver o sol derreter-se nas Cumberlands. Camadas de cor de laranja como uma tarte de leitelho a arrefecer no firmamento. Nuvens a deslizar, lançando pontos de luz e sombra pelos cumes das montanhas. Pareceu-me que conseguiria beber a luz. Verteu sobre uma montanha, permitindo-me ver a curva de cada copa de árvore orlada de ouro, como as escamas de um peixe. Depois transbordou, lançando-as outra vez na sombra. Deixei-me absorver pelo espetáculo, despertando do meu longo mergulho em águas gélidas. Vir à tona é um choque, o branco tão branco, o azul tão azul. O ar que é a nossa respiração.

Mudei de posição e senti o isqueiro no bolso das calças e ri de mim mesmo por o ter esquecido. *Preparem-se, escuteiros*, disse à Angus. Oh, meu Deus. O que eu não dava por uma pequena dose *dela*. A Angus que era inabalável, enquanto tudo o que eu almejava vinha e ia. A Angus partiria no fim do verão para a universidade. Recebera uma proposta irrecusável. Fiquei pior do que estragado. Vander-não-sei-o-quê, Nashville TN. Quem diria que era possível produzir sucessos de *country* e verdadeiros crânios num só local bem situado.

Muito bem, meu amigo. Remexi na barafunda do meu âmago e encontrei aquilo de que precisava para lhe desejar felicidade. Vai em busca do teu destino e não caias no lodo do qual estou a tentar sair a rastejar, e também não bebas às escondidas, a chamar-lhe o sangue da minha vida. Demasiado assustado para abandonar o último sítio onde as pessoas olhavam para mim e viam o seu filho ou irmão de sangue ou a sua oportunidade de vencer o campeonato. Sabia o que ela diria sobre isso. *Confia no caminho.* Porque ninguém fica; ao fim de algum tempo ficamos sozinhos com os nossos fantasmas. Nós somos o barco, eles são a garrafa.

Passei a noite enroscado no chão arenoso com as costas contra a pedra fria, com sede e fome e, no fim, não suficientemente pedrado. Cada grilo que deu um passo na gruta era uma serpente venenosa, cada esquilo a farfalhar nas folhas

secas era um urso. Se ainda fosse vivo de manhã, desceria a montanha, procuraria a June e dir-lhe-ia que estava preparado para voar.

61

Um ano não foi tempo suficiente para perder a dependência. Acabaria por perceber que nem três anos seriam suficientes, uma das muitas coisas em que a June tivera razão.

Foi a coisa mais difícil que jamais fizera? Não. Apenas a mais difícil que não me dera alternativa. Deixar o vício é como cuidar de uma pessoa doente, só que a pessoa doente *somos* nós. Os outros recebem pontos pela coragem, mas não conseguem escapar. *Nós* temos de acordar todas as manhãs e decidir, à luz fria do dia, se temos coragem suficiente para perseverar.

Em muitos sentidos, a desintoxicação é como estar casado com a doença. A repulsa apodera-se de nós. Tentamos negá-lo, pondo no seu lugar uma amabilidade que podemos não sentir. Fingimos até sermos capazes. Vemos os outros a ser presunçosos, porque se saíram melhor do que nós. Deixamo-los dizer as coisas mais estúpidas, como Deus nunca vos dará mais do que aquilo que podem suportar e coisas do género. Habituamo-nos ao vómito.

Portanto, eu já levava vantagem, habituado que estava ao estilo de vida abstémio antes de iniciar o programa. *Dalit*, a palavra que ele disse todo aquele tempo. Os intocáveis da infância do Sr. Golly são reais. Agora, lera tudo sobre eles. É extraordinário o tempo que podemos ter para nós quando nos libertamos da necessidade de procurar a dose seguinte, conseguir dinheiro para a dose seguinte, falsificar receitas médicas, apagar, andar no gamanço, ressacar, sem um momento de sobriedade, a ter conversas com Jesus, a procurar um novo traficante e a tentar evitar os anteriores que seriam capazes de nos comer vivos. As regalias da sobriedade.

A Biblioteca Halley, no extremo norte de Knoxville, era a outra metade da

minha vida em reabilitação, depois de terminar a passagem pelo campo de desintoxicação e terapia, aprender a respeitar uma dose adequada de *Suboxone* debaixo da língua, e aceitar a minha situação de residência. Os profissionais preferem a expressão *casa de sobriedade*, os residentes, *terra das agruras*. Os meus colegas de quarto chegavam e partiam a um ritmo bastante inquietante. Estímulos germinam no solo do nosso quotidiano: uma música na rádio, um travo na boca, o cheiro a refrigerante de cereja da metadona que pode ser injetada diretamente do frasco. É mais fácil reprovar nos testes de despistagem de drogas do que nos de qualquer outra disciplina. Nem sequer era permitido ter elixir naquela casa. Pensei imenso nas moedas de meses e anos de sobriedade que a minha mãe ganhara e com as quais me costumava entreter como se fossem dinheiro de brincar e não os malditos dobrões de ouro que eram. Pensei no Maggot, em como ele se dedicaria com afinco a foder isto. A June e a Sra. Peggot tinham razão. Para o pôr sóbrio, seria preciso um poder mais forte do que o Maggot tinha na sua lista de contactos pessoais. Seria preciso e foi mesmo. O centro de detenção de menores foi o seu pior pesadelo, mas também a sua melhor hipótese. Ao fim de dois anos estava em liberdade e a viver com a Mariah, agora em Bristol, no Tennessee. O desfecho ainda é uma incógnita.

Os pilares da minha sanidade na terra das agruras foram três gajos chamados Viking, Gizmo e Chartrain. O Gizmo e o Viking eram de condados diferentes do Kentucky, Bell e Harlan, mas mais próximos do condado de Lee do que do centro comercial da zona — localidades pobres semelhantes a transbordar de viciados em oxicodona que não tinham para onde ir. O centro de tratamento de Knoxville baseia-se numa ampla bacia hidrográfica de humanidade. Estes dois não eram muito mais velhos do que eu e eram um par incomparável. O Viking era um tipo enorme e louro, desbocado como nunca vi, e o Gizmo, um gajo pequenito com os dentes estranhos e ligeiramente gago, educado como uma tia com a qual vivemos. Ambos partilhavam da minha ambição de sempre de nunca viver numa cidade. Tal como a June previra, a nossa casa localizava-se na periferia, num bairro de pessoas que não se importavam de conviver com antigos drogados. Não era uma zona rica. As casas eram pequenas e pouco espaçadas, as vedações eram de arame, os cães ladravam alto, e nada disto era o problema. O

que nos deixava desvairados eram todos os olhos humanos que não olhavam para nós nas ruas da cidade. As sirenes que nunca se calavam, a luz rosada que cobria as janelas toda a noite. Espantava-nos a ideia de alguém, quanto mais nós, conseguir manter-se sóbrio num lugar como aquele.

O Chartrain seria o nosso salvador. Nascido e criado em Knoxville, um génio das ruas, o nosso farol. Não nos daríamos conta de nada disto durante algum tempo. «Não vás à puta-da-merda de Beaumont, meu, limparam lá o sebo ao meu mano, aquela malta não brinca», dizia-nos o Chartrain enquanto nós concordávamos com a cabeça ao mesmo tempo. «Se o ar não fizer a madeira arder, nada o fará», dizíamos-lhe. A dada altura, ao fim de seis meses ali, estabelecemos contacto. Tudo ficou bem depois disso.

O Chartrain explicou que as pessoas da cidade não se olham nos olhos porque estão a poupar a sua essência. Uma pessoa tem um *stock* limitado de essência, a qual se destina idealmente aos conterrâneos, não pode ser esbanjada em desconhecidos antes das três da tarde. Por muito simples que possa parecer, isso mudou tudo no meu caso. Aprendi a poupar a minha essência. É uma arte, como o levantamento de pesos; fazem-se repetições. Dizemos a nós mesmos dez vezes todas as noites para não desperdiçarmos a nossa essência com aquelas sirenes, preocupados com a vida que passa aos gritos para se ir embriagar. Não a desperdiçarmos com os clientes à nossa volta no Walmart, apenas vivermos a nossa vida sem sentir a loucura ou a tristeza, as mães prestes a arrancar os cabelos aos filhos pequenos. Os carrinhos carregados de embalagens de cerveja e fraldas. Os carrinhos cheios de feijão de marca branca e pão seco a preço reduzido. Nem mesmo com o gajo que vi uma vez, enquanto andava a recolher carrinhos de compras no parque de estacionamento, a tentar enfiar uma série de balões de aniversário cor-de-rosa no seu *hatchback*, a soltar um chorrilho de imprecações por estes não pararem de lhe bater na cara, até que acabou por sacar de uma navalha do bolso e esfaquear os balões todos, menos um. Depois, fechou a bagageira e arrancou, regressando a casa, onde encontraria uma aniversariante triste, com um só balão, e confesso que gastei alguma essência com ela. Antevi no seu futuro uma passagem pelo centro de desintoxicação.

O Chartrain não seguia completamente o seu próprio conselho, entregava-se

gratuitamente, mas com ele resultava porque tinha mais essência do que qualquer humano normal. Fora um atleta famoso nos tempos de formação; não era um tema sobre o qual eu planeasse voltar a falar, mas acabámos por criar um laço por causa do desporto escolar. O Chartrain jogara basquetebol, ocupando a posição de defesa na equipa principal quando ainda era caloiro, com uma média de vinte ou mais pontos por jogo. Um meteoro, nas palavras dele, olheiros da primeira divisão atrás dele. Porém, nenhuma universidade fizera uma proposta suficientemente boa para o impedir de fazer uma breve incursão pelo Afeganistão, de onde regressara sem as pernas. A carrinha que nos levava para os empregos e para as reuniões também levava o Chartrain duas vezes por semana até ao East City Y para jogar basquetebol em cadeira de rodas, onde, mais uma vez, era um ás. Fui vê-lo jogar muitas vezes. Sendo eu um gajo que jogara futebol apenas até perder a minha vantagem natural, tinha um enorme respeito por um tipo sem pernas que ainda jogava basquetebol. Na minha nova vida a sentir todos os sentimentos, a latrina da autoaversão deu-me vontade de desistir. Toda a existência do Chartrain gritava *Vê e aprende, mano*. Além da essência, tinha os dentes da frente incompreensivelmente rodeados de ouro e as mãos calejadas, como pneus vulcanizados, de fazer lançamentos ao cesto e rodar a cadeira de rodas no campo. Não devia nada disto ao Departamento para os Assuntos dos Veteranos que o estava a remunerar.

Uma realidade sobre as residências para ex-toxicodependentes: uma pessoa chega a pensar que perdeu tudo o que há para perder e depois percebe que há coisas que nem sequer sabia que existiam. A mãe do Chartrain ainda era viva e pensava que ele era maravilhoso, mas o Chartrain era quase igual a mim no que diz respeito a pai morto, irmão morto, mãe do bebé morta, além de que vira imensos gajos a ser baleados e a morrer à frente dos seus olhos, não só no estrangeiro. Junte-se a isso o facto de não ter pernas. Por seu turno, o Gizmo estivera num carro que abalroara uma família de cinco, reduzindo-a a uma família de um. A namorada do Gizmo, a única rapariga com quem namorara e esperara casar, deixara a beleza estampada no para-brisas e estava a cumprir pena. Era ela quem ia a conduzir porque tinham discutido e ele embriagara-se de propósito. Era um fardo pesado para carregar. E o Viking perdera uma coisa

ainda mais inesperada: os ouvidos. Era alto e largo como um tronco de árvore e surdo como uma porta, por causa da *OxyContin*. Disse que começa com um zumbido até que um dia se acorda e se percebe que o zumbido é tudo o que resta. Todos nós tínhamos o zumbido. Este facto deu que pensar a todos os respeitos. O Viking usava aparelhos auditivos rosa-escuros e era impressionante no sentido em que ainda falava bastante bem, apenas um pouco alto demais, e apanhava muito do que se lhe dizia se falássemos de frente para ele. Os médicos tinham-lhe dito que poderia recuperar a audição se se mantivesse sóbrio, o que era o seu poder supremo. Tinha uma bebé no condado de Bell. Nunca a ouvira dizer «papá».

O Viking e o Gizmo trabalhavam num armazém, onde carregavam o fardo do trabalho como mulas obedientes. Sem fazer nem responder a perguntas, e pelo menos um deles não se incomodava com o chinfrim ininterrupto dos empilhadores de garfos. Podiam fumar durante o trabalho. É um vício que nos deixam manter, não me pergunte porquê. Talvez porque não nos instará a assaltar uma loja de bebidas alcoólicas ou a abalroar objetos estranhos com o carro.

Não me importaria de trabalhar no armazém, mas faltavam-me os joelhos bons das mulas. Agora, já tinha sido observado por mais médicos do que os que havia no condado de Lee e fora informado de que, quando arranjasse um emprego com um bom seguro de saúde, seria candidato a artroplastia do joelho. Entretanto, segui os passos da minha mãe e fui contratado como repositor no Walmart. Ao contrário da minha mãe, era provavelmente o labrego mais sóbrio do supermercado e não tardei a ser promovido para o setor dos produtos agrícolas naturais. Evitei a sala de fumadores, ou seja, o centro de troca de drogas, e não vi nenhum inconveniente no emprego. As pessoas que compram maçãs e vagens geralmente têm alguma alegria no coração. Fazia a contagem decrescente dos intervalos de quinze minutos e vi-os encolher-se e estremecer como cães molhados sempre que a máquina se ligava com um estrondo para pulverizar os produtos. Disse a mim mesmo que estava a rir com eles, não deles. Mas a verdade é que estava triste. Era o mais próximo que provavelmente chegavam de chuva de verdade a cair sobre um legume.

Vou dizer-lhe uma coisa: há os pobres da região rural e há os pobres da cidade.

Embora tivesse passado a maior parte da vida à frente da televisão a pensar *Eh, pá, as árvores das patacas crescem nas cidades*, agora começava a conhecer melhor a realidade. Quero dizer, sim, é lá que crescem todas, mas muitas pessoas estão sentadas à sombra das mesmas sem que lhes caia coisa alguma em cima. O Chartrain estava sempre a falar de «aliciamento», e demorei algum tempo a compreender que crescera com fome de dinheiro, como se fosse comida. Porque, para ele, eram a mesma coisa. Não quero falar mal do homem, mas ele não sabia distinguir uma vaca de um boi, nem sabia qual dos dois dava leite. O Chartrain nunca conhecera um homem desesperado que tivesse ido caçar veados quando tinha fome. Eles caçavam caixas em lojas de bebidas alcoólicas. Viver nos enormes bosques feitos de aço e betão é uma vida com mais fome do que eu pensava.

Reconciliei-me com o lugar, mas não passou um dia em que não procurasse coisas que não estavam lá, como quando levamos a língua aos buracos onde já estiveram dentes. Não me refiro apenas a vacas ou macieiras; é algo mais profundo. O clima, por exemplo. O ar, o cheiro que adquire quando há seres vivos a respirá-lo, erva e árvores e animais rastejantes. Sons, era o que mais falta me fazia. Havia barulho, mas nada por detrás dele. Não me consegui habituar ao vazio onde deveria haver pássaros a chilrear de manhã e ao final do dia, grilos de noite, o zunir das cigarras em agosto. Um galo sempre a cantar algures, mesmo em plena Jonesville. É como a música de fundo de um filme. Quer uma pessoa esteja ou não a prestar atenção, se baixarem o volume, o filme perde a alma. Amiúde, tive de parar e pensar em que estação do ano estava. Nunca percebera o que me prendia ao meu lugar no planeta Terra: aquela banda sonora. Isso e as cores das folhas e o que está a florescer nas valetas esta semana, ervilhas-de-cheiro silvestres ou vernónia púrpura ou solidago. E estrelas. Um céu negro como o sono, não aquela coisa brumosa rosada, mas uma escuridão digna dos olhos de um cego. Para muitos de nós, isso é medicinal. Necessário para o reiniciar diário.

Compreendo que seja um pequeno preço a pagar pelas muitas coisas que se *tem* nas cidades. Emprego. Mais entretenimento, talvez, se não estivermos a viver numa casa de reabilitação com recolher obrigatório. Autocarros, biblioteca

e mercearias onde é possível ir a pé, tudo isso havia. Outra coisa: chaves de casa. Nunca vivera num sítio onde as pessoas trancam sempre a porta da frente, quer estejam em casa ou vão a algum sítio. Geralmente, nem sequer sabíamos onde a chave de casa *estava*. O Chartrain nem acreditou. Tentámos explicar, depois da sexta ou décima vez que eu, o Viking ou o Gizmo saímos para ir trabalhar e nos esquecemos de fechar a porta. Pensava que éramos apenas uns idiotas. Chamou-nos saloios, labregos e sei lá o que mais, incapazes de viver no mundo real. Sabíamos que o Chartrain nos amava. Revezávamo-nos a carregá-lo e a ajudá-lo na casa de banho, pois as pernas não eram a única coisa estragada lá em baixo. Os nomes que lhe poderíamos ter chamado em resposta não são apropriados, por isso não chamámos. Porém, nunca percebi o que ele pensava que aconteceria a uma casa destrancada como a nossa, com tão pouca coisa para roubar. Não nos era permitido ter medicamentos, não tínhamos dinheiro para comprar aparelhos eletrónicos e as nossas únicas pedras preciosas estavam nos dentes do Chartrain. Não obstante, aprendemos isso no que toca a viver no apelidado mundo real. Aprendemos a fechar a porta à chave.

Neste relato tentei, uma e outra vez, determinar com exatidão o momento em que tudo começa a desmoronar. Quando digo «tudo», refiro-me a mim. Mas também acontece o contrário, quando alguma coisa brota dentro de nós e começa a crescer. Esse momento é ainda mais difícil de identificar. Porque essa coisa já estará a crescer muito antes de nos darmos conta. Talvez durante anos. Até que, um dia, dizemos *Ah, aquela coisinha que brotou dentro de mim transformou-se numa porra de uma árvore prodigiosa.*

Ao longo dos anos, fora função sobretudo da Angus fazer brotar aquela pequena semente do Demon, graças à sua forma de estar sempre presente e aturar as minhas cenas. Também o professor Armstrong, famoso sementeiro em série dos cérebros da Preparatória de Jonesville. Mas aquele que nunca conseguiria adivinhar: o Tommy. Remontando ao tempo do miserável Tommy na redação a arrancar os cabelos, destroçado pelas notícias sobre nós, os campónios, sermos motivo de escárnio da América. Resultando na surpreendente queda do Stumpy Fiddles, o lápis apontado em jeito de desafio: *Quero ver-te fazer melhor.* Éramos apenas um par de rapazes endurecidos pelas famílias de acolhimento na

coboiada. Que bem poderia advir daí? Espere que eu digo-lhe já.

Agora, o Tommy sentia-se sozinho na redação, isso sabia eu, a julgar pelo volume de *e-mails* que me enviava. Continuava a ler livros e enviava-me *e-mails* sobre os livros e as ideias que retirava dos livros, tal como costumava revelar-me todo o enredo da sua *Boxcar Children*, com todos os detalhes, que eu ouvia antes de apagar. Agora, estava focado na história dos Apalaches. Aquela coisa do refugo da América era um obstáculo importante que não permitia ao Tommy avançar. Mas estávamos bem, como nos velhos tempos, a falar da namorada Sophie, dos meus novos comparsas da desintoxicação, os dois agora no mesmo barco no que diz respeito a namoradas. A nossa banda desenhada do Red Neck ficou em águas de bacalhau durante uns tempos. A Pinkie concedera-nos uma espécie de perdão, desde que prometêssemos regressar e honrar o contrato de doze meses. A Annie incluíra essa alínea no contrato. Era evidente que já previa o meu declínio.

Quanto aos livros dos quais queria falar, nem sequer sei dizer sobre o que versavam. Francamente ansiei por um bom *Boxcar* com um princípio e um fim, porque estes não levavam a parte alguma. Teorias. Falei-lhe dos duros e surpreendentes golpes da vida na cidade e ele explicou-me tudo com palavras que aprendera nos livros. Disse que na nossa terra tínhamos uma economia baseada na terra e que na cidade havia uma economia baseada no dinheiro. Disse-lhe que nem toda a gente da cidade tem dinheiro, que há gajos cujas posses se cingem a um pedaço de cartão, tão miseráveis que temos vontade de lhes dar a camisa que trazemos vestida. (Coisa que o Tommy faria.) E ele foi, tipo, *Exatamente*. Nas cidades, o dinheiro é que comanda tudo. Quer uma pessoa o tenha quer não, continua a ser a única maneira de obter tudo o que é preciso: comida, roupa, casa, música, diversão.

Isso pode parecer-lhe normal. Na nossa terra é diferente. Quero dizer, sim, queres ter dinheiro e emprego, mas há centenas de outras coisas que fazes para sobreviver, em especial as pessoas mais velhas e os agricultores com colheitas, hortas e coisas do género. Caça e pesca, além de todas as coisas que as mulheres fazem, como colchas e roupas. Quer seja grande ou pequena, tens sempre casa onde viver. Conheci pessoas que criaram um bovino nas traseiras da caravana

arrendada. Agora, começava a perceber porque o castelo sombrio da June me assustara. Ter um pedaço de terra onde estar, essa é a nossa base. São os sacos de abóboras e vagens e outras coisas que toda a gente planta e depois nos oferece. As cadeiras de baloiço onde as avozinhas se juntam a tricotar roupa de bebé para as meninas do secundário que engravidaram. Sanduíches que as senhoras da igreja preparam para os miúdos mais famintos levarem para casa ao fim de semana. Com franqueza, eu diria que somos a economia da essência. Ou talvez assim tenha sido, até que todos começaram a ficar marados com o produto mais recente. Não poupámos a nossa essência, demo-la a todos aqueles com quem nos cruzámos, porque em breve precisaríamos de alguma de volta, juntamente com os conselhos gratuitos e as ferramentas elétricas. Pratos cobertos nos funerais, música no alpendre nos casamentos, mais braços para apanhar o tabaco. Só de falar sobre isso fiquei com saudades da vida de portas destrancadas que o Chartrain dissera ser Não o Mundo Real. Não dava para o imaginar um dia que fosse no condado de Lee. Todos queremos aquilo a que estamos habituados.

Eu e o Tommy falámos demasiado sobre estas tretas, com todos os meus *e-mails* enviados da biblioteca a envolver algum grau de travessuras com uma bibliotecária boazona chamada Lyra da qual voltarei a falar mais à frente. Não esperava que resultasse alguma coisa dessas mensagens. Acima de tudo, o Tommy ficava irritado. Salientou como muitas das coisas que o nosso povo faz para sobreviver, como cultivar, pescar, caçar, produzir as nossas bebidas alcoólicas, são precisamente as coisas que são distorcidas em piadas detestáveis sobre nós. Não estava equivocado; no que diz respeito à banda desenhada, essas merdas nunca acabam. Chapéu de palha, cana de pesca, garrafão. Acaba-se o Stumpy Fiddles, lança-se o Jiggle Billy no horário para adultos. Mas tudo o que consegui dizer foi:

— Tommy, nós os dois sabemos que nenhuma das formas é melhor do que a outra. A longo prazo, tudo não passa de desassossego. O nosso desassossego é diferente. E depois?

Ao que ele respondeu:

— Ainda estou a tentar perceber essa parte.

62

Graças à minha sorte de órfão, não trabalhava a tempo inteiro como os meus colegas de casa. A June oferecera-se para ajudar e tinha-me debaixo de olho. Porém, estava habituado a pagar as minhas despesas. Os custos mensais com a habitação eram cobertos pela minha conta da Segurança Social e o *part-time* no Walmart dava para pagar o resto. Os entretenimentos da vida sóbria são todas aquelas coisas consideradas grátis. Respirar, dormir, desfrutar dos intestinos a funcionar com regularidade. Comer os nossos próprios maus cozinhados. Cravar *Camels* e jogar póquer, ouvir como dois rapazes do Kentucky contam anedotas sobre o Tennessee que crescemos a contar como sendo anedotas sobre o Kentucky. Ouvir histórias de arrepiar sobre o bairro, numa linguagem que deveria ser legendada. Passei imenso tempo na biblioteca.

A bibliotecária principal era a Lyra. Toda modernaça. Usava o cabelo com nuances avermelhadas, franja e uma tatuagem a cobrir-lhe o braço inteiro alusiva à obra *Moby Dick*. Uma escuna a afundar, uma forte ondulação, uma baleia enraivecida. Usava calções, *collants* tipo teia de aranha e botas à motoqueira, quer chovesse quer fizesse sol. Impassível a meter-se comigo. Eu não fora para a cama com ninguém desde a Dori, nem sequer uma vez. É uma espécie de morte, conhecer outro corpo tão bem, que tocou em todas as partes do nosso, pensar nele agora frio debaixo de terra. Havia dias em que isso me matava. Outros havia em que não sentia nada. O sexo era apenas uma parte vaga e incómoda da vida frenética que eu pusera do outro lado de uma parede de vidro. Os terapeutas avisam que pode acontecer e aconselham a não nos envolvermos em relações enquanto não estivermos certos da nossa recuperação. Sublinham isto com ênfase quando somos um jovem com vários problemas relacionados com a mãe e

uma atração por casos de salvamento de pessoas em maus lençóis, condenados a puxar-nos para o fundo. A Lyra pareceu-me bastante sólida, mas eu conhecia-me, a mim e aos meus envolvimentos. Não podia espicaçar aquele animal selvagem sem ser engolido vivo. Ela ia trabalhar com o hálito a cheirar a erva e, em todos os sentidos, parecia gostar de farra. Optei por não ficar a saber.

Encontrámos outras formas de partilha. Era evidente que ela gostava de livros e aconselhou-me uns quantos. Fiquei mais inteligente depois de ler alguns; com outros fiquei apenas esquisito. Ajudou-me a estudar para o teste de desenvolvimento educativo geral, que se revelou muito mais fácil do que ter aulas presenciais durante mais dois anos de infelicidade e medicamentos caríssimos misturados com desparasitantes para ovinos, o que teria sido o meu destino, como General caído em desgraça que era. Acho que a maioria da humanidade concordará que a parte mais difícil do ensino secundário são as pessoas.

A paixão secreta da Lyra eram os computadores. Criou-me um *e-mail* e explicou-me como utilizar o *scanner* da biblioteca para digitalizar os meus desenhos. Como já disse, o Red Neck fora suspenso por seis meses, mas, assim que consegui alinhavar as ideias, meti logo mãos à obra. O Tommy tinha tudo o que precisava na redação, pelo que podíamos trocar esboços. Contribuiu com ideias para as histórias, eu desenhei-as, ele fez os sombreados e coloriu. Com os dois operacionais sóbrios, a nossa eficiência era de nível superior. A Pinkie quis renovar o contrato por mais um ano.

Foi com alguma tristeza que nos decidimos não o fazer. Seguiríamos os dois em frente. Finalmente, o Tommy conhecera a namorada e a coisa era séria. A Sophie era doida pelo Tommy, tal como a família da mãe dela, que organizou um enorme jantar para todos os familiares o conhecerem. O Tommy regressou a casa, informou a Pinkie com duas semanas de antecedência, libertou-se da barraca das ferramentas dos McCobbs e mudou-se para Allentown, na Pensilvânia. Casou com a Sophie no Polish-American Citizens Club, ao que se seguiu uma enorme receção com uma banda de polca. Alguém que me arranje um lenço, não estou na tanga. O Tommy tinha uma família. Da próxima vez que me encontrasse com ele, seria pai.

Pela minha parte, fartara-me de super-heróis, mesmo dos muito necessários super-heróis tipo campónio. O estilo Fleischer do Red Neck estava a limitar a minha criatividade, aqueles olhos bolbosos e os membros esguios pareciam infantis. Queria experimentar algo mais extremo. A Lyra estava a educar-me, e não das formas que a minha mente preguiçosa imaginara. Depois de me mostrar a secção da biblioteca onde havia banda desenhada para adultos e novelas gráficas, revelou-me o que estava a acontecer no mundo da banda desenhada *online,* o que me deixou à nora. Ensinou-me a criar o meu próprio *website*. Para isso, tive de lhe sair da frente enquanto ela clicava furiosamente nas teclas e eu me perdia na dramática paisagem marítima do seu braço esquerdo. Pude carregar os meus desenhos para o *website* e assim criei a minha empresa. À semelhança da maioria das do Sr. McCobb, não faturou dinheiro algum no primeiro ano. Ao contrário dele, não baixei os braços. Era o meu pequeno universo, criado sob o pseudónimo Demon Copperhead. Agora, estava longe do campo de futebol e da sabedoria do condado de Lee e habituara-me outra vez ao nome da minha mãe. A maioria das pessoas chamava-me Fields, mas havia uma outra parte que não queria perder. O meu pai.

Pus em prática a ideia que me acompanhava há muito do Neckbones. Com a autorização do Tommy, desenhei algumas das nossas famosas histórias locais através dos olhos de esqueletos. O acidente da Knox Mine, o descarrilamento no Natural Tunnel. Também me dediquei a uma ideia que tivera nos dias mais tristes com a Dori: *Os Incapazes*, uma banda desenhada sobre um casal de drogados que tentam viver juntos numa casa. O gajo era o Crash, e a rapariga, a Bernie, dois adolescentes que tentavam sobreviver sozinhos. Grelhavam cachorros-quentes no motor do carro enquanto andavam às voltas à procura do seu contacto e faziam reparações na casa com cachimbos e pinças para fumar charros. Fazendo uso das minhas melhores capacidades, tornei os desenhos tristes e fiéis à cómica balbúrdia da vida dos jovens dependentes. Contundente, também. Num dos meus desenhos, o Crash está a preencher uma receita e a farmacêutica inclina-se para o alertar: «Isto está errado, querido. O delegado da Purdue toma-os para conseguir dormir de noite.»

Não estou a dizer que havia mercado para isto, mas os dias na aldeia grande

estavam apenas a começar. Se há uma tampa para cada panela, com a *internet*, a excêntrica e solitária tampa tinha muitas mais hipóteses de encontrar a sua panela. Os meus estranhos desenhos granjearam alguns seguidores, que foram aumentando, e, ao fim de um ano, vendi subscrições. Não muitas. Por sorte, não me dedicava àquilo pelo dinheiro. Aprendera uma coisa com o professor Armstrong enquanto fazia das tripas coração para não ser um analfabeto: uma boa história não se limita a copiar a vida, contraria-a. É por isso que gajos como o Chartrain usam roupas alguns tamanhos acima e rodeiam os dentes de ouro, é por isso que o Sr. Zezinho escreve palavras em papagaios de papel e depois os solta. É por isso que desenho aquilo que desenho.

A Angus manteve-se em contacto. Seguiu os meus desenhos, dos quais gostava, e mandou notícias da frente de Nashville: a universidade era difícil, os estudantes eram uma chusma de fedelhos mimados, e todos, incluindo os professores, gozavam com a sua pronúncia da montanha. Estava lá com uma bolsa de estudo e não percebera que teria de confraternizar, conforme dissera, com ricaços e príncipes do capitalismo. Gostei de saber que a Angus se mantinha fiel à sua personalidade vencedora.

Disse-me de que disciplinas gostava e que disparates as raparigas ricas do clube feminino andavam a fazer, tão carentes de atenção que fingiam estar muito calor para tirarem as joias nas aulas. E como certos professores auxiliares repugnantes despiam essas raparigas com os olhos. Enquanto cidade, gostava de Nashville. Bares não pretensiosos, livrarias, uma gastronomia fantástica de países de que nunca sequer ouvira falar. Em teoria, estávamos os dois no Tennessee, mas a meio dia de distância de carro e separados por dois universos. Disse que em Nashville era possível encontrar famosos, como o Brooks ou o Dunn, a Carrie Underwood, etc., porque, apesar de não viverem ali, andavam pela cidade à espera de lançarem os seus álbuns. Certa vez, vira o raio da Dolly Parton na mercearia a comprar alface. Eu disse que o famoso que vira a comprar legumes fora o Crazy Marv dos anúncios de carros usados: «Com estes preços, sabem que fiquei taralhouco.»

Com o Tommy finalmente a viver a sua vida, a frequência dos seus *e-mails*

diminuiu. Dava para perceber que agora, no que dizia respeito a teorias, quem tinha os ouvidos atentos era a Sophie. Além das reuniões e dos encontros com os terapeutas, a Angus era a única pessoa que perguntava pelo que estava a passar. Se ainda pensava muito em consumir, como é que me conseguia aguentar. Como estava a correr aquela viagem desenfreada, se já estava preparado para confiar. Falei-lhe das inspirações de café simples e do fundo negro no qual tinha pavor de voltar a cair. E do comprimido cor-de-rosa que metia debaixo da língua todas as manhãs para manter todos os outros ao longe para o resto da vida. Até agora, tudo bem. Confessei a vontade secreta de fazer uma versão em banda desenhada do Livro dos Alcoólicos Anónimos. Falei-lhe do Viking, do Gizmo e do Chartrain. Por seu turno, ela falou-me de alguém com quem estudava ou saía, um jeitoso chamado Jacko com quem fez uma viagem nas férias da Páscoa. Mas nunca adiantou um nome de uma relação mais séria. Na maior parte das vezes, nas férias ia para casa, ficando ocasionalmente com a Sra. Betsy e o Sr. Zezinho. O facto de regressar a casa surpreendeu-me. Pensei que, de certeza, num sítio como Nashville, com toda a gente num frenesim a tentar atingir os seus objetivos, a Angus encontraria a sua tribo, mas aparentemente não era assim.

Entretanto, o Maggot voltou a contactar-me, por fim disposto a perdoar-me pelo meu breve acesso de popularidade escolar. Achava que *Os Incapazes* era um projeto hilariante e estava constantemente a enviar-me ideias que eram infantis ou demasiado explícitas para pôr em prática. Com aquele gajo não havia meios-termos. Ele e a mãe estavam empregados no PetSmart… de todos os sítios possíveis… Tinha um namorado que conhecera no trabalho. Dei-lhe os parabéns e perguntei se era um daqueles buldogues com o focinho achatado. Ele disse: *Não, hálito de doninha, é o gerente do departamento de répteis.* Continuávamos a ser o Demon e o Maggot.

O meu maior fã acabou por ser a professora Annie, que agora queria que a tratasse só por Annie. Ao professor Armstrong, deveria tratá-lo por Lewis. Escreviam imensos elogios no meu *website*, que eu sabia sempre que eram deles apesar de utilizarem nomes de fãs falsos. Utilizavam palavras como «inovador» e «visionário», denunciando-se como professores. Não podiam ser miúdos ou drogados. Não obstante a previsão da professora Annie, eu continuava a ser

insignificante, mas até parecia que era o caso de sucesso mais brilhante que eles tiveram enquanto aluno. Como de costume, o Lewis estava numa enrascada com o conselho diretivo, pelo que se poderia dizer que a honraria era suspeita.

O que mudou tudo foi o telefonema do Tommy, sem mais nem menos. Não desistira daquilo da História do Nosso Povo. Talvez tivesse saudades de casa. Ou com dificuldade em explicar como são os saloios à sua nova família, como é costume fazer-se. Adiante. Ligou-me tão entusiasmado que nem disse olá. «Demon! Sei porque somos o refugo da América, é uma guerra, que esteve sempre em curso, e ninguém percebeu, nem mesmo nós. Tens de fazer uma novela gráfica sobre o assunto.» Esta conversa às três horas da manhã, filho da mãe. Disse-lhe que mal podia esperar por ouvir tudo no dia seguinte.

Ah, e ouvi. Alegou que estava no caminho certo no que toca aos dois tipos de economias, a terra contra o dinheiro, mas que não se tratava das pessoas da cidade contra nós pessoalmente. São os mandachuvas, como os tipos de governo ou vá-se lá saber quem. Eles estiveram sempre do lado das pessoas que ganham dinheiro e contra as pessoas da terra, devido a vários fatores elencados pelo Tommy, monetização isto, banca internacional aquilo. O principal que consegui compreender foi que as pessoas que ganham dinheiro pagam impostos, enquanto não é possível taxar merda alguma daquilo que as pessoas produzem e comem no local, nem o trabalho que é trocado entre vizinhos. É como uma percentagem de sangue de um nabo. Assim, os mandachuvas começaram a dar a volta à cabeça de toda a gente para olharem com desdém para as pessoas da terra, afirmando que estavam numa fase de evolução atrasada, como jogadores dos juniores ou homens das cavernas. Cabeças de formatos estranhos.

Agora, o Tommy andava a ver televisão e, por fim, a perceber como aquela merda estava espalhada por toda a parte. A desrespeitar os labregos do campo, a tentar equiparar-nos, a guerra de há muito que tentava envergonhar o povo da terra para este se juntar à América, ou seja, a versão deles: a cidade. A televisão era o caderno de confidências de todos os tempos, talvez todas as pessoas da cidade estivessem a deixar-se levar sem reparar nos fatores de descortesia. Possivelmente a ponto de não perceberem porque estamos tão furiosos aqui.

Foram precisos muitos *e-mails* do Tommy a dizer-me até quando remontava esta ofensiva que visava afastar as pessoas da sua própria terra sagrada e transformá-las em mão de obra assalariada. Dera-se antes das guerras dos mineiros *redneck*, da aquisição de terras para extração de carvão e madeira. Whiskey Rebellion: uma verdadeira guerra. George Washington lançou uma ofensiva com o Exército dos Estados Unidos contra o nosso povo por este se recusar a pagar um imposto sobre o *whisky* de milho, que nem sequer vendia para ter lucro monetário, sendo produzido apenas para socializar. Como é que se pode cobrar um imposto sobre álcool de produção caseira? Resposta: com um exército. Serve isto para explicar os sentimentos das pessoas em relação aos impostos e às armas.

O Tommy disse que o mundo ansiava por uma novela gráfica sobre a história dessas guerras. Respondi-lhe que, nesse caso, o mundo que aguentasse os cavalos, porque não fazia a mais pálida ideia de como fazer isso. Depois fui para a cama, acordei e comecei a desenhar. O Tommy deu-me ideias para o enredo como acendalhas para a lareira. A minha ideia era chamar-lhe *Guerras dos Labregos*, mas ele disse que não, que as pessoas ficariam a pensar que se tratava dos disparates lamechas do costume, pessoas das montanhas aos tiros umas contra as outras. Além disso, salientou que havia outras pessoas do campo no mesmo barco que nós. Os Cherokees, que foram expulsos das suas terras. Todas as outras tribos, a mesma coisa. Os Negros, depois de serem libertados, pretendendo possuir as suas próprias quintas, mas em vão, até desistirem e irem para as cidades.

Surpreendentemente, a Angus adorou a ideia. Há séculos que tentava que ela se interessasse por banda desenhada. Depois, na universidade, descobre as novelas gráficas como se fossem invenção sua. Constantemente a enviar-me a última que a deixara fascinada. Não daquelas histórias vulgares de ficção científica e crime, a miúda gostava de coisas sombrias. Ratos judeus em campos de concentração nazis. Miúdos que cresceram numa agência funerária. *Os Incapazes*, ela disse que era intenso. Há que tempos que eu lhe dizia isto: há muita banda desenhada para adultos. «Mas nenhuma sobre *nós*», retorquira ela. Não estava errada.

Acabei por intitular a obra *Terras Altas*. A guerra de duzentos anos para manter corpo e alma unidos nas nossas montanhas. Comecei a publicar capítulos no meu *website* à medida que os ia terminando, granjeando um estranho e intenso clube de fãs, em parte formado por professores de História, em parte por malta da terra. Depois recebi um *e-mail* de um gajo a dizer que a sua empresa publicava novelas gráficas e poderia estar interessada na minha, se eu lhe podia enviar o material que tinha. O gajo estava em Nova Iorque. Achava mesmo que lhe enviaria a minha mercadoria?

Falava com a Annie ao telefone com bastante regularidade, mas depois desta notícia ela quis encontrar-se comigo. Passo a citar: «um contrato para um livro, meu Deus», fim de citação. Ela veria todo o meu material e ajudar-me-ia a elaborar uma proposta. Ofereceu-se para vir a Knoxville. Nessa altura, a Annie estava grávida de oito meses, se ainda não o disse. Uma pessoa distrai-se, acontecem azares. O mais sensato era eu ir ter com ela.

Tecnicamente, não havia nenhum motivo para não poder ir. Durante os três anos de sobriedade, mês a mês, conquistara uma vida sem recolher obrigatório, podia conduzir o meu próprio carro e passar os fins de semana fora. Na realidade, os diretores da casa já andavam a mandar indiretas. O Viking regressara ao condado de Bell e o Gizmo estava a ponderar nas suas opções. A fila de espera de gajos a querer entrar ali era, literalmente, infinita. Porém, não me imaginava a ir para parte alguma. Especialmente para Lee.

Conduzir não era o problema, pois ainda tinha a carta de condução válida, o que os outros residentes achavam que era um passe de mágica. Todos tinham sido apanhados a conduzir sob a influência de substâncias ilícitas, muitas vezes, e ali estava eu sem sequer uma multa de trânsito. Tentei explicar: era o condado de Lee, onde todos os bófias são nossos familiares ou traficantes ou as duas coisas. Não tinha o *Impala*. A última coisa que fizera antes de deixar o condado de Lee fora convencer o Turp Trussell a dar-me duzentos dólares pelo carro e todos os comprimidos que encontrasse no interior. Em menos de um mês espetara-se contra um rail de proteção naquele troço da 421 a que as pessoas chamam «zona de perigo». Por incrível que pareça, o Turp saiu ileso, mas o *Impala* foi para a sucata. Quando soube disto, foi como se me tivessem dito que

um cão de infância tivera de ser abatido. Porém, haveria outros carros na minha vida. Para comemorar um ano de sobriedade, comprara a um amigo da mãe do Chartrain um *Chevy Beretta*, maltratado, mas de reparação em conta, azul como os ovos de pisco. Cerca de um mês depois disso, ganhei coragem para o conduzir pela Baixa. Um ano é muito tempo sem conduzir, e fui-me meter logo no meio do tráfego da cidade. Tentei manter os olhos abertos e imitar o estacionamento da June Peggot à porta do Starbucks de Atlanta. Ainda hoje aquela manobra me deixa abismado. Houve homens que casaram com mulheres por menos.

Assim, tinha um carro, o convite da Annie e a minha liberdade. Ou seja, um motivo e uma oportunidade, como dizem no *CSI*. Agora, nada me impedia, a não ser um medo pavoroso. É difícil explicar como é possível ter saudades de um sítio e desejá-lo com todo o nosso âmago e, ao mesmo tempo, ter a certeza absoluta de que nos arrasará assim que lá chegarmos. Disse isto à terapeuta com quem ainda falava todas as semanas, a Dra. Andresen, que fazia parte do acordo de habitação, junto com a água e a eletricidade. Completamente diferente da menina Pereira. Uma mulher mais velha que usava camisolas cinzentas abotoadas até ao colarinho, tamancos pretos, profissional e educada, e, presumo, devidamente remunerada. Era dinamarquesa, nome próprio Milka, e, apesar de tudo, um ser humano bastante aprazível. Ouvira um monte de disparates meus, e, para ser franco, havia menos motivos de distração ao fazer isso com uma terapeuta com a qual nem por sombras me imaginaria a fazer qualquer outra coisa. A Dra. Andresen achou que eu deveria ir ao condado de Lee. Ou pelo menos ponderar sobre os meus receios. Perguntei que parte do *arrasará* é que ela não compreendia.

Incumbiu-me da tarefa de escrever uma história na qual o Demon vai para o condado de Lee e encontra amigos que o ajudam a manter-se sóbrio. O que escrevi: «Num planeta que só existe na mente da Dra. Andresen, todos se divertiram e ninguém ficou pedrado.» Ela brindou-me com o seu sorriso assimétrico, habituada à minha atitude em relação à realização de tarefas, o que não a impedia de continuar a atribuí-las. Praticamente desde o nosso primeiro encontro que insistia para que eu escrevesse um diário de recuperação. Disse-lhe que não escrevo, desenho. Ela disse que apenas eu o leria. Poderia partilhá-lo,

mas apenas se assim entendesse. A ideia era alcançar clareza e processar alguns dos meus traumas. No que toca a esse novelo de lã em particular, nem saberia por onde começar. Sugeriu apontar com exatidão o momento em que tinham começado os meus problemas com o abuso de substâncias, abandono, etc. Disse que muitas pessoas consideram que é uma ferramenta útil para corrigirem as suas narrativas, e, bem vistas as coisas, não era isso que eu estava a fazer com a banda desenhada?

Pronto, está bem. Tive uma série de partidas falsas com esta barafunda. Uma pessoa pensa que sabe onde os nossos problemas residem, até que olha para a página e percebe que não. Aqui não, começou antes. Como aquelas guerras que remontam ao tempo de George Washington e do *whisky*. Ou, no meu caso, ao primeiro capítulo. Primeiro, nasci. O mais difícil coube-me a mim. Aqui estamos.

63

Em dezembro, a Annie enviou-me um *e-mail* a dizer que o bebé estava numa posição de esguelha e poderia ter de antecipar o parto. Eu tinha de levar lá o cortiço imediatamente. Telefonei-lhe e disse para esquecer os meus disparates e se preocupar apenas com o bebé.

— Não estamos *preocupados* — assegurou-me. — Ele só está a desafiar as regras, a tentar vir ao mundo de cu. Achas que é filho de quem? — Parecia-se tanto consigo própria que nem a consegui imaginar de barriga grande. O bebé dela e do professor Armstrong seria um espanto, disso não há dúvida. Obstinado, lindo de morrer, combustível com elevado teor de octanas para os motores de bisbilhotice do condado de Lee. — *Por favor*, vem — pediu. — Já estou de baixa, mas demasiado gorda para conseguir estar sentada ao tear e não me apetece cozinhar, porque basta comer uma bolacha de água e sal para ficar com azia. Ando para aqui a chafurdar como uma morsa em terra.

Precisava de se distrair. Queria ver desenhos. Por estranho que possa parecer, eu queria ver a versão morsa da Annie. Disse que pensaria no assunto durante a noite. Antes de desligarmos, ela informou-me de que, na sexta-feira, haveria uma importante cerimónia na secundária para homenagear o treinador Winfield. Não estariam presentes apenas jogadores, mas toda a cidade. Depois do escândalo, o treinador aposentara-se para reorganizar a vida e o gajo que contrataram para o substituir levara os Generals a um resultado impensável: uma época com quatro vitórias e seis derrotas.

— O Winfield é um maldito herói caído — disse. — Acho que vão realizar esta festança para o homenagear porque queimar o novo treinador vivo não seria legal.

Disse que compreendia se estivesse ressentido com o Winfield. Aposto que a June estaria. Pressões desnecessárias e erros de medicação, isso era inegável. Mas ela nunca me viu a dormir atrás dos contentores do lixo, à procura de alguma situação mais estável do que o acervo de sucessos da Segurança Social. O treinador acolhera-me. Eu culpava o Watts pelo pior do que acontecera. No que diz respeito ao melhor, precisava de ver o treinador e dizer-lhe que era importante.

Se lá fosse, também era possível que me cruzasse com a Angus. Depois de terminar o curso, ela regressara a casa para despachar alguns assuntos do treinador que tinham ficado pendentes, mas era evidente que não iria ficar para sempre. Tinha coisas mais importantes para tratar, sem dúvida. Não lhe enviei um *e-mail*. Não disse praticamente a ninguém, pois os meus amigos estavam agora todos mortos ou à espera da sua vez. Apenas à Annie. E à June. Seria demais para mim se estivesse na cidade e não a visse. Disse à Dra. Andresen que iria e ela esboçou um raro sorriso rasgado.

— Acho pouco provável que fiques arrasado — disse.

— Vamos lá ver — retorqui.

A viagem de carro por si só ameaçou derrotar-me. Deveria ter ido por outro caminho, mesmo que demorasse mais tempo, para levar o meu corpo a pensar que íamos a outro sítio qualquer. A cada quilómetro, uma recordação explodia como um ovo na minha cara. Cumberland Gap, a nossa paragem para ir à casa de banho durante a viagem para visitar a tia June, para a qual não fora convidado e cheirava mal. Gibson Station, onde a Sra. McCobb me obrigara a tentar pôr no prego umas Barbies encardidas e uma torradeira usada com migalhas estorricadas. Cedar Hill, onde acreditara que o meu herói de infância comprara a sua própria quinta, antes de ficar a saber que era um mentiroso. Antes de o ver com o crânio rachado. Como se costuma dizer, estava a processar os meus traumas. Nos últimos tempos, praticamente deixara de fumar, apenas o fazia nas noites de póquer e nos tristonhos dias de chuva. No ocasional regresso a casa a pé depois de ir à biblioteca e a Lyra estar excessivamente atiradiça. Pronto, mas agora estava a fumar uns atrás dos outros no carro.

Nos arredores de Pennington passei pelo centro comercial abandonado e pela antiga clínica de comprimidos do Watts, que, sabia, encerrara. A June dissera-me que o pervertido desalmado tivera o que merecia: um processo judicial em curso. Foi nesse ano que os julgamentos dispararam, a maré da *OxyContin* a mudar. A Angus disse que até em Nashville se falava agora desse fármaco, mas apenas ao estilo dos livros de banda desenhada, maléficos vilões de empresas. Nenhuma alusão a todos os desgraçados que sofreram e que protelaram a morte graças a lugares como aquela clínica, comprando e vendendo no parque de estacionamento. Lembrei-me dos meus antigos e leais compradores. O gajo do andarilho com o chapéu de caça de abas abatidas, a mulher gorda deprimida com o seu *chihuahua*. Como raio se desenvencilhariam agora? Segundo a June, o setor da desintoxicação no condado de Lee ainda se cingia principalmente a grupos da igreja, à revista *Grapevine* e a reuniões de doze passos realizadas em caves. Mais valia nem tocar no assunto. Estavam a ser feitos acordos milionários contra a Purdue e nem um cêntimo era aplicado em quem mais sofrera.

A Annie estava decidida a que eu ficasse em casa deles para poder dispor todos os meus desenhos do *Terras Altas* na mesa da cozinha. Na manhã seguinte, encontrar-me-ia com a June para tomar o pequeno-almoço. Caso contrário, não tinha uma estratégia. Passara-me pela cabeça encontrar-me com amigos, mas pôr esse plano em prática seria o mesmo que optar pelo que a Dra. Andresen denominara ideação suicida. Ir ao Five Star Stadium na sexta-feira para a homenagem ao treinador, a sério? Todos os presentes tentariam vender-me droga, a menos que me amassem e ma dessem de borla. Tudo o que se relacionava com aquele lugar era um gatilho. As quatro linhas, os postes das balizas, as *chutes*, que eram o meu superpoder. O sítio onde ganhara e perdera a minha fortuna.

Passei pelo vale das *kudzu* e pelo rio Powell e pela montanha que não se parece nada com uma cara. Tudo aquilo um pouco sem graça em pleno inverno, mas tinha aquela aparência de patinho feio que, bem o sabia, se transformaria. A carruagem à frente da preparatória, os jardins familiares com bricabraques. Vi pessoas nos alpendres, mas desviei o olhar, conforme aprendera a fazer, poupando a minha essência. Se estivéssemos em julho, já me teria rendido à

beleza. Da maneira como as coisas estavam, poderia morrer de solidão. Como é que podia estar rodeado de tantas coisas familiares, mas não as pessoas que me olhavam nos olhos e me chamavam irmão ou diziam *Adoro-te* ou *És aquele* ou *Querido, lembro-me de ti da loja de rações*. Estar ali era ser conhecido. Se o condado de Lee não é isso, então não é coisa alguma.

Não tive dificuldade em encontrar a casa da Annie. Fiquei um pouco espantado sempre que o *Beretta* virava na direção certa, como se fosse o *Impala* e não eu quem conhecera aquelas ruas como as palmas das mãos. Bati à porta da frente azul e ouvi a *Hazel Dickens* a correr e a ladrar lá dentro. Não apareceu ninguém. Abri a porta e gritei «olá». A *Hazel Dickens* sentou-se e olhou para mim. Fechei a porta e bati outra vez. Tudo isto antes de ver o bilhete colado na campainha: *Fomos para o hospital, desculpa. Pode ser falso alarme. O Lewis telefona-te. Faz de conta que estás em tua casa.*

Foi então que me caiu a ficha: eles iam ter o raio de um bebé. Lembrei-me dos gémeos dos McCobbs, a chorar a noite toda, as mamas de fora despreocupadamente. Tinha sérias dúvidas de que a Annie soubesse o que a esperava. Aquela gente não precisava de mim nem da minha caixa de desenhos a chateá-los naquele momento. Telefonei à June. Ela tinha consultas e uma reunião da equipa, e depois uma reunião qualquer no departamento de saúde, mas disse que era bem-vindo. Podia ficar no antigo quarto da Emmy. Ver-me-ia, se não naquela noite, então na manhã seguinte.

Assim, fiquei entregue à minha sorte sem rede de segurança. Não tencionava passar o dia inteiro em casa da June. Dei rédea livre ao *Beretta* e vagueámos sem destino. Era um dia de inverno impossível de ignorar, tão luminoso. Fui até à ponte sobre o rio onde costumava pescar com o Sr. Peg. Contemplei a água cintilante até não conseguir mais. Fui à Terra dos Vagabundos e sentei-me a olhar para as saias daquelas cicutas, a pensar na Angus apoiada sobre os cotovelos, a ler-me como um livro aberto. Tive de me levantar e ir embora. O Sol lançava uma luz como goma-laca sobre as casas e as caixas de correio. Tudo para onde olhava me fazia vir as lágrimas aos olhos. Foi como estar apaixonado por alguém que é casado. Nunca poderia ter aquilo. Ficar ali, sozinho e sóbrio, era mais forte do que eu. E continuava a desejá-lo com todo o meu ser.

Fiquei-me pelas ruas menos movimentadas e não sei explicar o meu raciocínio, se é que tive algum, mas acabei no trilho que levava à Devil's Bathtub. Estaria numa espécie de Passo 4? Coragem e inventário moral? Tenho sérias dúvidas. Era mais como ter uma discussão com uma pessoa com a qual estamos preparados para romper. Tinha de encontrar o lugar que me levaria a odiar aquela terra e a não querer voltar.

No parque estacionamento de gravilha havia apenas um carro. Ainda estava aberto ao público. Mais duas fatalidades não chegaram para encerrar aquilo, dado o longo historial de imprudência juvenil masculina. E também raparigas desgostosas. Nunca tinha pensado nisso, nem uma única vez. *A minha mãe esteve aqui.* A percorrer o mesmo trilho que eu. A ver o que eu estava a ver e, pior, o fim do homem que amava. O corpo dele. Senti-me um pouco trémulo ao trancar a porta do carro, que não tinha nada de valioso a não ser a minha caixa de desenhos na bagageira. Hábitos citadinos.

A Devil's Bathtub revelou-se o único sítio onde estivera o dia inteiro que não estava cheio de minas. Não reconheci nada. O trilho estava seco, foi fácil atravessar o riacho pisando umas pedras com tapetes brancos de algas ressequidas. Não molhei os sapatos. O ar cheirava a maçãs doces e a mais alguma coisa, *Pine-Sol* ou medicamentos. Pequenas árvores ao longo do trilho estavam cobertas de flores amarelas hirsutas. Hamamélis, florescem no inverno. A Sra. Peggot costumava fazer uma pomada com essa planta e aplicá-la nos nossos arranhões. Só pelo cheiro lembrei-me disso. Agora, estavam cheias de abelhas, despertadas da sua sesta invernal, quebrando o silêncio com o seu zumbido.

Estava à espera da parte assustadora que nunca mais chegava. Os penhascos elevavam-se ao longo do riacho, cobertos de líquenes de cores vivas que lhes conferiam um aspeto de *graffiti*, como as paredes no meu bairro em Knoxville. Sentei-me várias vezes num tronco por causa das dores no joelho, porque doía sempre. Deixara de ter pena de mim mesmo. Tal como todos os rapazes do condado de Lee, fora criado para ser uma mula briosa num mundo onde há pouca necessidade de mulas. Tentara as soluções populares para esse problema, que geralmente apontavam para uma morte precoce. O segredo era encontrar

outros. Sentei-me e vi umas carriças a saltitar à beira da água a apanhar insetos, a virar as cabeças de um lado para o outro como brinquedos de corda. Ouvi um peru lá no alto, nos bosques, a fazer aquele gluglu de mauzão a que as fêmeas não conseguem resistir. Vi uma coruja. Estava camuflada, era da mesma cor da casca das árvores, mas foi denunciada por um bando de corvos barulhentos ressentidos com ela. Provavelmente algo relacionado com o facto de lhes comer as crias.

O trilho ficou mais difícil, mas nunca traiçoeiro, e cheguei ao poço mais depressa do que esperava. A queda-d'água era um pequeno fio e a piscina propriamente dita de um azul profundo e tranquilo. Quando se tem aulas de Arte, aprende-se imenso sobre cores, mas não sei descrever aquele azul. Era como aquele que se vê nas fotografias de terras geladas. Um azul-pavão no centro mais profundo, clareando à medida que se aproxima do bordo pedregoso. A água era ondulada e viva à superfície, numa imobilidade perfeita no fundo. O meu olhar não parou de incidir sobre o centro turquesa. É raro ver-se, mas as crianças pintam sempre a água daquela cor se lhes derem a seleção certa de lápis. Como se tivessem nascido cientes de que há coisas mais bonitas do que aquelas que viram.

Não estava sozinho. Havia uma família na outra margem, na plataforma rochosa onde vira o cérebro mais assustador que jamais conhecera, aberto. Além disso, quiçá, o último sítio onde os meus pais estiveram sentados juntos, esticando as pernas ao sol, beijando-se. O meu pai ficara a saber de mim naquele dia. A saber que eu estava para chegar. Escrevera à mãe. A família que agora ali estava tinha dois filhos pequenos, o mais novo naquela idade em que costumam acocorar-se e bisbilhotar, a irmã mais velha a pavonear-se de um lado para o outro na margem como um *border collie*. A mãe a dizer que não, não trouxeram o fato de banho dela, o pai a dizer que não, ela não queria entrar na água, que congelaria o rabo. Não era gente destas bandas.

Cumprimentei-os. Deram-me os bons-dias e disseram que aquilo era muito bonito. Perguntei de onde eram e responderam da Austrália, o que me espantou. Pessoas do outro lado do planeta a ir ali. Atravessei as pedras até ao lado deles e ofereceram-me água. Entretive a mana *border collie* explicando-lhe como lançar

barcos feitos de folhas e ela adorou, desatando a correr para ir procurar as maiores. As folhas de sicómoro eram as melhores, do tamanho de capacetes de futebol. Gostei de ter companhia ali, de uma família de dois pais vivos e filhos que, ao que parecia, não sabiam o que era levar com o cinto. Acabei por os acompanhar no caminho de regresso e eles fizeram-me imensas perguntas, sobre as hamamélis com as flores de inverno, as carriças. Dei-lhes galhos de sassafrás para mastigarem. Sabem a cerveja de raiz. Antes de entrarem para o carro, a menina abraçou-me à volta dos joelhos e senti uma vontade imensa de não ficar sozinho.

O pequeno-almoço com a June foi feito à pressa entre a noitada de trabalho anterior e outro longo dia de labuta. A nossa June era uma coelhinha com as pilhas alcalinas. Estava bonita como sempre, e cansada, e parecia ter a idade que tinha, fosse lá qual fosse. Deitámos xarope nas panquecas e falou-me sobre a *OxyContin*, os processos judiciais que ajudara a desencadear, começando pelas reuniões da assembleia municipal e as petições que enfureceram o Kent. Ainda estava a acontecer. Os fármacos mais prejudiciais estavam a ser retirados do mercado, alterados para deixarem de poder ser utilizados de forma abusiva. Disse que isso poderia ajudar a longo prazo, mas que permaneceria ali a tentar minimizar os estragos até ao fim da vida. Uma geração inteira de miúdos estava a crescer sem as famílias.

Eu não disse: *Aqui, sou um deles*. Ela sabia.

A Ruby iniciara um grupo de luto na sua igreja. A Sra. Peggot estava a aguentar-se, com os filhos ou netos a aparecerem todos os dias para que lhes desse o jantar. O Maggot e a Mariah continuavam a trabalhar na PetSmart e sóbrios. Jurei que o visitaria em breve. Agora, já toda a gente sabia que o Maggot tinha um namorado. Alguns rezavam para que fosse uma fase, mas a maioria deu graças a Deus. A June já conhecia o jovem. Era *de facto* o especialista em répteis da loja e tinha imensas serpentes em caixas de vidro na sua casa móvel. Eu disse que me parecia bem. A predileta da June continuava a ser a Emmy. Mudara-se para um apartamento em Asheville com outras raparigas em recuperação, numa situação bastante parecida com a minha. Talvez sem as

noites de póquer e pornografia. A June disse que ficava num prédio mais antigo onde já vivera a Grace Kelly. Eu não sabia quem era essa Grace Kelly, mas fiz-me de impressionado. Então, ela mostrou-se muito séria e perguntou se a Emmy me magoara.

— Como assim?

A June fez aquele gesto em que passa as duas mãos pelo cabelo.

— Não sei. Ela saiu-me cá uma sedutora. Os gajos são como traças à volta da chama dela. Não sei se ela não era demasiado dependente disso tudo.

Eu disse que não podia falar pelos outros, mas que nunca fora uma traça da Emmy.

— Bem, sim, talvez no princípio. Ela foi a minha primeira desilusão amorosa, mas sobrevivi para travar outras batalhas.

A June sorriu.

— Nunca foste pessoa de cair só até meio do poço, pois não?

— Não, senhora — concordei. — Eu caio até ao fundo. — Depois perguntei como estava a *sua* vida amorosa. Ela debruçou-se por cima da mesa e beliscou-me o nariz como se eu tivesse doze anos.

Disse-me que a Emmy adorava Asheville. Trabalhava como rececionista num restaurante e fazia parte de um grupo de dança para pessoas sóbrias com princípios de respeito pelo corpo que, quer se acredite quer não, existe mesmo. Até fazem espetáculos. A Emmy estava a pensar em fazer carreira nas artes dramáticas. Lá ia a Emmy, novamente rumo ao sucesso. Perguntei se ela alguma vez sentia saudades de casa.

A June ficou com a chávena de café parada a meio caminho entre a mesa e a boca.

— Sempre. É o que ela diz. Mas não pode regressar aqui. Para viver não. — Disse estas palavras com imensa tristeza. Uma mágoa secular em relação àquele lugar; os nossos maiores sucessos eclipsam-se, os fracassos perduram.

A June partira do princípio de que eu iria à cerimónia de homenagem ao treinador dessa noite e ficou aliviada ao saber que não. Ainda o responsabilizava pelo meu declínio.

— Mas a filha, a Angus. Vocês ainda são amigos? Cruzei-me ontem com ela

no departamento de saúde.

Nos seus *e-mails*, a Angus descrevera os seus trabalhos de verão e de curto prazo ali em tons de comédia negra. O lar de terceira idade onde as pessoas falavam com os mortos. Os auxiliares escolares que convenciam miúdos transtornados a não assassinarem os professores.

— Uma jovem admirável — disse a June.

Tenho a certeza de que foi a primeira vez na história que se aplicaram aquelas palavras à Angus. Ou talvez não. O que sabia eu? Sentia um calafrio na barriga sempre que se falava da Angus, porque eu queria mesmo vê-la, mas ao mesmo tempo não queria. Tudo o resto mudara, por isso ela também teria mudado, e eu não suportaria isso.

Como de costume, a June detestava ter de se ir embora, mas foi. Meti-me no *Beretta* e fiquei sentado com as mãos no guiador uns bons cinco minutos antes de decidir aonde ir. Murder Valley.

A minha avó e o Sr. Zezinho nem queriam acreditar. Eu! A fazer-lhes uma visita! O que lá vai lá vai, no que diz respeito aos meus fracassos. Com um metro e noventa e três, era evidente que todos os meus anteriores pecados seriam perdoados. Ela não parou de dizer que pensara que eu seria tal e qual o meu pai, mas olhem só para mim agora. Por seu turno, o Sr. Zezinho ficou apaixonado pelo meu carro. Deslizou a cadeira de rodas à volta dele, observando-o de todas as perspetivas.

— É azul! — disse.

Convidaram-me para jantar e perguntaram se estava a pensar mudar-me para cá. Eu disse que estava só de passagem, mas de qualquer forma agradeci.

Passei o dia de roda do mais recente papagaio do Sr. Zezinho e a dar uma ajuda. Subi a um escadote e limpei-lhes os algerozes. Desencravei uma janela que estava aberta desde agosto. Aquela casa já não estava nos trinques como noutros tempos. A Sra. Betsy disse-me que a Jane Ellen terminara o curso e o Sr. Zezinho piscou-me o olho, por isso percebi o que ela queria dizer. Casara. Interroguei-me quem os levaria aonde tinham de ir. O jantar demorou uma eternidade porque teve de ser a Sra. Betsy a fazer tudo e estava a ficar lenta. As

pernas pareciam cada vez mais sacos de nozes com meias. Tinha um banco ao lado do fogão para poder mexer os cozinhados sentada. Sei reconhecer a dor quando a vejo.

Ao jantar, quiseram saber sobre o livro que eu estava a escrever. Fiquei perplexo. Como é que sabiam? Fora a Angus. Contara-lhes tudo sobre as histórias que eu punha no computador e sobre o meu livro que iria ser publicado. Nunca foram proferidas as palavras «banda desenhada» ou «as aventuras de Crash e Bernie, adolescentes viciados», pelo que a Angus deveria ter dado um toque de respeitabilidade às coisas, facto que agradeci. Disse-lhes que incluiria no meu livro um capítulo sobre os Melungos e que contava com a ajuda do Sr. Zezinho. Ele mostrou-se agradado. Mais tarde, teria de lhes revelar que eram mais imagens do que palavras.

Falaram-me um pouco do treinador, mais sobre a Angus. Coisas que ela não me revelara, tais como ser uma das mais inteligentes da turma na universidade e ganhar prémios. Estava a tirar especialização em Psicologia, o que eu já sabia, e planeava regressar para estudar ainda mais, o que não sabia. Para ser terapeuta. Eu já era experiente nesse ramo, pelo que não agi como a maioria dos gajos que conheço e que desatariam a gritar «médico dos malucos» e fugiriam a sete pés. A Angus seria fabulosa nessa profissão. Disse-lhes isso mesmo.

Depois do jantar, o Sr. Zezinho foi para a cama, e a Sra. Betsy voltou a pôr o avental e lavou a louça toda sentada no seu banco de madeira enquanto eu fiquei a ver. Disse-lhe para se sentar, que tratava daquilo. Olhou para mim como se nunca tivesse visto um homem a arrumar uma cozinha. Se calhar nunca tinha visto mesmo.

Queria que continuasse a falar da Angus, por isso fiz perguntas. Com que frequência ia ali, ainda tinha o seu *Jeep Wrangler*. Ainda cultivava aquele estilo de durona, embora não tenha usado essas palavras. O que queria saber de facto era se continuava a ser a mesma Angus. «Que tipo de pergunta é essa? É claro que sim.» Se ela tivesse casado ou estivesse grávida ou qualquer coisa do género, ter-me-ia dito. Mas a Sra. Betsy ouvira partes da história dela que eu não ouvira. Tentei abordar o tema por diferentes ângulos, lançando o isco à água e com muita sensatez. Mas ela não mordeu o anzol. Por fim, perguntei à Sra. Betsy

sem rodeios:

— Ela tem namorado?

Estava a esfregar a travessa de vidro em que confecionara o guisado de feijão. Não olhei para ela, apenas continuei a esfregar com a palha-d'aço. Por fim respondeu:

— Tenho cá os meus palpites.

Tive cuidado para não deixar cair a travessa. Virei-me para trás.

— Que tipo de palpites?

Ela tirara os óculos; o seu rosto fazia lembrar um caracol sem a carapaça. Devagar, muito devagar, limpou as lentes de dois tons ao canto do avental.

— Prefiro não dizer.

— O que quer dizer com isso? Que não gosta de gajos?

Não pareceu chocada com a sugestão, que me escapou pela boca. Eu pensara o mesmo em relação à Sra. Betsy. Contudo, ela disse que não era isso que queria dizer.

— Está bem — disse eu, fingindo paciência. Virei-me para a travessa do guisado e deixei aquilo num brinco, e a Sra. Betsy continuou calada que nem um rato. Se se levantasse e fosse embora naquele momento, o mais certo seria envergonhar-me e segui-la escadas acima, adulando-a. — Acho mesmo que ela não se importaria se a senhora me dissesse — insisti. — É como se fosse minha irmã.

— Mas não lho perguntaste diretamente!

— Não — confessei. Apanhado!

— Bem, talvez o devas fazer. Acho que ela está interessada num fulano em particular.

Com uma afirmação como aquela, e tratando-se da Angus, é porque era mesmo verdade. Ela declarar-se-ia, o gajo ficaria a saber.

— Então é alguém que conheceu em Nashville.

— Não sei. Ela nunca me disse diretamente. Mas já me conheces. Raramente me engano.

Eu sabia perder. Ainda bem para a Angus. Esperava que fossem muito felizes.

Passei aquela noite na mesma cama de antes, o navio com os mastros de

madeira em cada canto. Passei metade da noite acordado a hastear todas as bandeiras de que me lembrava. Socorro. Rendo-me. A Angus era minha irmã. Não poderia querer outra coisa senão a sua felicidade. Portanto, iria ao casamento dela com o Sr. Nashville. Seria a dama de honor masculina dela, tal como a Dori, no seu raciocínio enevoado, considerara a Angus como meu padrinho no nosso casamento. A Angus faria isso por mim. Agora seria a minha vez de atirar arroz ao casal feliz. Afastei o pensamento dela. Era o que tinha de fazer, se queria levantar-me de manhã e ir falar com o treinador.

64

A estrada de regresso de Murder Valley ao condado de Lee deixou-me inquieto. Outra vez demasiados dispositivos explosivos improvisados. Fora a percorrer aquele caminho que tivera a única verdadeira discussão com a Angus porque ela confessara o seu desejo de nos deixar a todos para ir para a universidade; e eu agora a recordar as agruras que me prendiam à minha cruz ao longo da mesma estrada: ali fora roubado por uma prostituta de estação de serviço; ali dormira num monte de feno. A abanar o meu pequeno mealheiro de raiva. Fiquei virado do avesso com essa recordação, tal como com o barulho do limpa para-brisas a raspar a geada no vidro. A temperatura descera durante a noite.

Foi então que percebi que era um sortudo por a Angus me ter aturado tanto tempo como aturou.

O prédio na Norton onde o treinador vivia era a construção mais requintada das redondezas, a ponto de não se enquadrar na restante paisagem. Uma pintura toda chique, cinzenta com rebordos brancos nas escadas exteriores e sacadas. Árvores recém-plantadas e relva aparada nas zonas de estacionamento. *Passeios.* Vi uns miúdos a andar de *skate*, como se o alcatrão fosse uma coisa normal. Não faziam a mínima.

Telefonara a avisar que lá iria, por isso o treinador não ficou surpreendido. Quem ficou em choque fui eu. Deixara o boné vermelho e o apito e agora usava uns chinelos de couro e um cheiro de velho triste. As sobrancelhas farfalhudas estavam grisalhas. Deu-me uma palmada nas costas e disse para me sentar na sala de estar em mobília que reconheci da antiga casa. Mas o apartamento

parecia tão novo no interior como no exterior. A alcatifa com as marcas do aspirador, a lareira por estrear. O treinador era um homem diferente com uma sala arrumada. A vida de sobriedade é assim: celebra-se o novo começo, engole-se a tristeza daquilo que ficou para trás. No caso do treinador, uma tonelada de equipamento desportivo avulso. A Angus falara-me da sua demolição apressada na casa grande, a tralha atirada para as salas das traseiras antes de ser entregue a um grupo da NASCAR para ser utilizada como espaço para escritórios. Estava a ser arrendada pelo dobro do preço que pagavam por aquele apartamento. Por isso, foram-se safando depois de ele deixar o emprego para se concentrar em atinar da cabeça. Passara ali todo o tempo que a Angus estivera fora e ainda parecia um pássaro empoleirado na árvore errada. Disse-me que tinham decidido vender a casa. Os inquilinos tinham ido embora e a Angus estava a tentar pô-la apresentável para a mostrar a potenciais compradores. Estava lá agora. Disse-lhe que lamentava não ter ido à festa dele na noite anterior. Eh, caramba… Entusiasmou-se e desatou a dizer os nomes de todos os presentes. Gerações de Generals. Pais e filhos *linebackers* no terreno. Fora digno de se ver, repetiu, eu deveria lá ter estado. Não lhe disse que só teria reparado nos que não estavam lá. O *quarterback* Prego-a-Fundo. O *cornerback* Hammer Kelly. O Ursão, morto com um disparo autoinfligido. O meu antecessor Collins. O Cush Polk, uma crueldade capaz de nos fazer arrancar os próprios cabelos. Morrera de uma *overdose* naquele que terá sido o seu primeiro passo fora do bom caminho. Aquela família decente, o pai pregador, virado para o caixão sem compreender a falta de misericórdia de Deus. Mas o treinador pareceu-me satisfeito ao insistir noutro plano. Não trouxe à baila o novo treinador nem as derrotas da temporada.

Tão-pouco falámos do U-Haul, que enfrentara acusações de peculato, mas a coisa complicara-se e safara-se com coimas e liberdade condicional. Soube disto pela Annie e pelo professor Armstrong, que tinham suportado o U- Haul e a mandriona da mãe a difamá-los repetidamente anos a fio. Ninguém teve pena de ver aqueles dois a arrastar o cu pela relva sem uma morada para receber correspondência.

Juntos, bebemos uma cafeteira de café e tivemos uma conversa de circunstância sem abordar os assuntos importantes que queria abordar. Que

estava reconhecido pelo que ele vira em mim, arrependido das asneiras que fizera. Os erros dele não tinham sido mais do que não conseguir ver o valor que rapazes como eu têm além do trabalho que nos pode ser espremido numa semana. Trabalho no campo agrícola, no campo de batalha, no campo de futebol. Não tenho palavras para essa barafunda, mas eu e o treinador somos colegas dos doze passos, há um código. Eu visitara-o.

Estacionei à frente da mansão com um nó no estômago, o que não fazia sentido. Era só a Angus. Olá, adeus. Quando vi o *Wrangler*, acalmei um pouco. O nosso amigo de quatro rodas, num estado deplorável. Dissera que lhe espetara mais de trezentos mil quilómetros a ir e vir de Nashville.

Espreitei pela porta no preciso instante em que ela ia a passar para a sala de estar com uma caixa, que quase deixou cair ao fazer um pequeno movimento de sobressalto.

— Credo!

— Igualmente — disse eu. Estava um gelo lá dentro. Deveriam ter cortado a eletricidade. Tinha umas botas de cano alto de velo vermelhas que pareciam ter vindo da ovelha diretamente para os pés dela com um mínimo de processamento. Trazia um daqueles gorros com demasiadas cores e abas a tapar as orelhas. — Está um frio de rachar — disse. — Queres que acenda a lareira?

Ela pousou a caixa e franziu o sobrolho para a lareira digna de um castelo. Quando éramos crianças, tentáramos assar ali *marshmallows* e a coisa nunca acabara bem.

— Népia. Não quero deitar fogo à casa enquanto não tiver a guita na mão. — Ficou ali a avaliar-me, como era costume as pessoas fazerem agora. Parecia mais alto do que alguma vez me sentiria. — Por outro lado — acabou por dizer —, é melhor sacar algum trabalho grátis de ti. Antes que vendas o teu livro e fiques demasiado famoso para falares comigo. A propósito, como está a Annie?

— Oh, merda! — Ficara a saber pelo professor Armstrong que não era falso alarme e que me manteria informado. Recebera uma mensagem enquanto ia a conduzir. Li-a em voz alta: *Woodie Guthrie Amato Armstrong. Três quilos e duzentos, cinquenta e seis centímetros*.

— *A sério?* — Repuxou a boca totalmente para um lado, o sorriso dela de que eu mais gostava. Roubara-o para a minha personagem Bernie. Se a Angus reparou, nunca mo disse. — São assim tão velhos para não perceberem como vai ser para o miúdo andar na escola com um nome como Woodie[25]?

— Eu cá não me preocuparia — retorqui. — Quando tiver cinco anos, já terá outra alcunha.

— Tipo *Tusa*.

— Nem mais.

Outro silêncio. Éramos como um motor a trabalhar a frio, a rotação irregular.

— Gosto do chapéu.

Ela tirou-o da cabeça e observou-o.

— Fixe, não é? Comprei-o a um gajo na rua em Nashville.

Solto, o cabelo dela ganhou vida, de algum modo mais feminino do que outrora. Estávamos precisamente nos mesmos sítios onde nos conhecêramos. Senti-me imprudente, como se estivesse mesmo a deitar fogo a alguma coisa.

— Lembras-te do primeiro dia em que aqui cheguei? E pensei que eras um rapaz?

Ela virou a boca sorridente para o outro lado.

— Angus, «como as vacas».

— Porquê?

— Porquê, o quê?

— Porque me deixaste a pensar que eras um rapaz o dia inteiro? Podias ter dito.

Deixou de sorrir.

— Já é tarde para começares a fazer perguntas agora.

Pressenti que estava a começar uma discussão. Do tipo que nos ajuda a romper com alguém, é evidente.

— Pois. Estou sempre a esquecer que tens de ser a rainha das abelhas.

Os seus olhos cinzentos mudaram de tonalidade várias vezes antes de a cor assentar.

— Não consegues perceber *mesmo* como foi para mim? Não tive voto na

matéria. Um miúdo que não conheço de lado nenhum vem viver connosco. O treinador terá finalmente o seu rapaz.

— Agora vais-te fazer de idiota.

Ela encolheu os ombros.

— Não foi planeado, apenas aconteceu. Lembro-me de pensar que talvez fosse a minha hipótese. Como se nos pudéssemos entender melhor como dois rapazes ou qualquer coisa do género. — Olhou-me fixamente, à espera de que lhe seguisse o raciocínio. — Ser rapariga nesta casa nunca foi uma vantagem, compreendes?

Não, nunca chegara lá. Os maléficos olhos vermelhos do U-Haul sempre em cima do seu pequeno corpo de rapariga, a negligência do pai, um motivo fundamental. E depois cheguei eu, a entretê-la com as minhas conquistas.

— Foda-se — disse. — Desculpa por isso tudo. Tu foste o melhor dos irmãos. Ou irmã, decide tu. Soldados da Fortuna.

Ela sorriu, mas foi um sorriso vazio.

— Sentimos a tua falta na festarola de ontem.

— Nem sequer sabias que estava cá.

— Por acaso, sabia. A June Peggot disse-me. E depois não apareceste. Pensei que passarias por cá e nem me vinhas cumprimentar.

Baixou-se para pegar na caixa, mas vislumbrei nos seus olhos aquilo que estava a tentar esconder.

— Não faria isso. — Quase o fizera.

Perguntei se podia dar uma última vista de olhos pela casa. Na verdade, só para acalmar. Subi as escadas e fui à sala dos pufes, agora um espaço deserto com manchas no teto. Desci as escadas e dei com ela no antigo escritório do treinador, sentada no chão com montes de papéis espalhados a toda a volta, tentando perceber de uma vez por todas o que era preciso guardar. Questionei-a sobre o seu trabalho e ela revelou-me um pouco: assistência escolar para miúdos que eram muito stressados.

— A Sra. Betsy disse que ias bazar para estudar mais. Um doutoramento ou não sei o quê.

— Assistente social. Na prática, já bazei. É uma cena não presencial, grande

parte do curso é *online*. Só terei de estar lá alguns meses de cada vez.

— Em Nashville?

— No Kentucky.

Foi com o coração cheio que pensei no Viking e no Gizmo. Peguei numas pastas de arquivo que ela me passou e meti-as num caixote para o lixo. Enchi-me de coragem.

— Então, a Sra. Betsy contou-me que estás interessada num gajo qualquer.

Fitou-me demoradamente, com o olhar mais estranho. Por isso, mudei de assunto, tentando pensar em perguntas respeitosas sobre o seu trabalho na área social. Se seria em hospitais psiquiátricos ou quê. Respondeu que o seu principal interesse eram as crianças. Situações de abuso, pais a cumprir pena. Eu disse que por aquelas bandas era coisa que não faltava e ela concordou. Emprego garantido.

— Quer dizer que planeias ficar? Aqui?

Ela assentiu com a cabeça.

— E parece-me que tu não. Podes ser um cartoonista famoso em qualquer sítio, sabes? Agora temos banda larga de qualidade por aqui.

— Não tenho pensado noutra coisa no último dia e meio. É tudo o que quero, mas não me estou a ver. A ficar aqui como… tu sabes. Quem sou agora. Como é que consegues?

— Não sei. Vivendo um dia de cada vez? Faz-se o que tem de ser feito.

— Mas tu és um *deus*, Angus. Não és como o resto de nós. Sabes disso, não sabes?

Aqueles olhos estilo Manga. Seria mesmo possível que ela não soubesse?

Antigamente, nunca nos tocámos. *Nunca.* A regra era inequívoca. Mas alguma coisa me levou a aproximar-me dela e a abrir-lhe a mão direita. Desenhei lá um coração, fechei-a e devolvi-lhe o punho.

— Corrijo-me. És uma *deusa*. Depois daquele primeiro equívoco, nunca mais tive dúvidas. Só para que conste.

Abandonou a papelada e virou-se para uma caixa de elásticos de treino completamente emaranhados. Expirou e deitou-se de costas no chão.

— *Foda-se* para esta merda. Suponho que não conheças alguém interessado

numa carrada de material de desporto com muito uso?

— Por acaso, até posso conhecer. — Estava a pensar nos colegas de equipa do Chartrain. Os Legless Lightning.

Ela sentou-se.

— Nesse caso, espero que tenhas o raio de um carro com boa capacidade de carga.

— É pequenito, mas lindo de morrer. Queres ir vê-lo?

Ela empurrou a caixa na minha direção.

— Leva isto para o lixo. É o primeiro monte à tua esquerda. Não há que enganar. Eu vou já.

Lá fora arrefecera e ainda nem era meio-dia. Fiquei a ver o vapor sair-me pela boca, o que achei que queria dizer que ainda estava vivo por dentro. Começou a nevar, um floco aqui e outro além. Acendi um cigarro. Trinta segundos depois ela saiu e eu escondi a arma do crime atrás das costas. Ela riu-se e disse que ia fazer queixa ao *mister*. E então ficámos bem. Analisámos o enorme monte de tralha que ela trouxera para fora de casa. Disse-lhe onde podia arranjar um contentor por trezentos dólares. Ela inspecionou o *Beretta* e disse que era *evidente* que eu tinha de ter um carro da cor do mar. Nunca tal me ocorrera.

— Chegaste a vê-lo? Depois da primeira tentativa tragicamente abortada?

Duas tentativas. Ela referia-se ao passeio da escola a Christiansburg. Eu nunca lhe revelara muito do fiasco de Richmond e da Rato. Terminei o meu *Camel* e apaguei a beata com a sola do sapato.

— Não quero falar sobre isso.

— Está bem, não chegaste a vê-lo. Mas ele ainda está lá. Só para que saibas.

— Jura!

— Por tudo o que há de sagrado. De certeza, certezinha!

— Terei de acreditar na tua palavra. Como és licenciada e tudo.

O Sol espreitou por um minuto, enquanto nevava. Há quem diga que quando isso acontece o Diabo está a espancar a mulher. Depois parou de nevar, o que eu interpretei como um sinal de que ela deixara o traste. Perguntei à Angus o que ela e o treinador iam fazer no Natal.

Ela olhou-me com estranheza, o queixo puxado para trás.

— Que *Natal*? Isso foi obra tua.

— Mas pareceu-me que gostaste tanto. Estou errado?

— Não. Mas só ficámos a saber o que fazer quando tu apareceste, e a magia foi-se quando saíste de casa. A magia estava toda em ti, Demon.

Ficámos em silêncio por um minuto. Aqueci-me numa pequena fogueira de memórias ridículas e esperei que ela estivesse a fazer o mesmo.

— Ainda tenho aquele barco. Na garrafa. Tudo o mais que me pertenceu, perdi ou deitei fora. Mas isso guardei. Porque achavas que eu poderia ir aonde quisesse. Apenas não previmos a parte da garrafa.

Ela abriu a boca para falar, depois fechou-a. Abriu a mão direita e olhou-a, como se tivesse lá alguma coisa. Depois pô-la atrás das costas.

— Lamento que tu e a Annie não tenham organizado o teu livro — disse.

— Irá resolver-se. Tenho a certeza de que ela voltará a contactar-me. Quero dizer, quanto tempo é que um bebé dura?

Ela riu-se. Mas alguma coisa estava a torturá-la.

— Podíamos tentar outra vez — disse eu. — O Natal. O que queres de presente?

— Um cheque chorudo por esta casa.

— Já conheces os meus limites. Infelizmente, não houve melhorias nesse campo. Porém, é possível que tenha melhorado um pouco na escala do malcomportado/bem-comportado.

Ela fitou-me de uma maneira que desencadeou algo que eu não soube identificar. Ou tive medo de o admitir.

— Está bem. Tenho um presente para ti — disse. — Não está embrulhado. Acabei de me lembrar.

— Fixe. Onde está?

— Hum. A oitocentos quilómetros daqui. Mesmo ao lado de um monte de areia.

Ri-me.

— Obrigado.

— Estou a falar a sério. Estou a oferecer-te o mar.

— Estamos no *inverno*.

— Sabes uma coisa? Eles não o dobram e guardam no inverno. Não sai de lá. É pegar ou largar, amigo. Estou a oferecer-te o maldito oceano Atlântico.

— Podes embrulhar para eu levar?

Ela baixou as abas do chapéu com as duas mãos, como se pudesse levitar se não o fizesse, e aproximou-se da minha cara. O mais que conseguiu, pois era trinta centímetros mais baixa, olhando-me com aqueles enormes olhos cinzentos: *Estou a falar a sério*. Disse que estava de folga durante uma semana, por causa dos exames ou qualquer coisa. Perguntou se eu tinha uma data para regressar a Knoxville. Não tinha.

— Então, o que me dizes, Demon? São horas de dar graças e darmos de frosques deste pardieiro?

Segui-a até ao apartamento do treinador para ela ir buscar o que precisava. Fomos no *Beretta*, pois era a opção ligeiramente menos arriscada. Ela disse que o carro azul-marinho estava a pedi-las e que não se importava de cheirar a cinzeiro. Seguimos com os vidros descidos até Gate City, que era gélida com aquele tempo, mas quando chegámos à interestadual já os pudemos subir. E eu ainda estava a tremer por algum motivo, quase aterrorizado. A Angus estava alguns passos à minha frente, como sempre estivera e sempre estará. Tão feliz. Completamente controlada.

Remexeu no saco de *snacks* para comermos durante a viagem. Abriu uma embalagem de *M&M's* e atirou um que fez ricochete na minha cara. Eu disse que era grande penalidade de viagem. Apanhou-o do chão e meteu-o na minha boca.

— Portanto, para que não haja dúvidas no que diz respeito aos teus motivos. Não vais para te bronzeares, pois não?

Eu disse que não. Só queria ver o enorme copo de água.

— Ótimo — disse ela. — Porque vai estar frio. Mas há imensas vantagens em ir no inverno. — Passou a enumerá-las: não há multidões; não há gajos a pavonearem-se de calções justos; aquilo seria só nosso; os motéis estariam a metade do preço. Isto era a Angus a confiar na viagem; íamos ficar num motel. Eu estava extremamente confuso com o rumo das coisas. Ainda era minha irmã?

Deu uma palmada na testa.

— Oh, meu Deus. *Ostras*.

— O que têm?

— Só se podem comer no inverno! Em junho, julho e agosto são veneno. É preciso esperar até aos meses que têm a letra «R».

Aquilo pareceu-me extremamente duvidoso.

— Porquê?

— Quer acredites quer não, tendo em conta a minha licenciatura extremamente avançada, não sei. É daquelas coisas que se ouve dizer. Fui algumas vezes a Nova Orleães com amigos.

Lá estava ele, o amigo.

— E estás a dizer que vale a pena esperar? Porque a Sra. Peggot costumava cozinhá-las na sopa no Natal e eu nunca fui muito apreciador.

— Não tem nada a ver! Na praia são frescas. Na praia é só partir a concha. Comem-se cruas. Tecnicamente, creio, ainda vivas.

— E isso é bom?

— Nem fazes ideia. É como beijar o mar. *Demon*. — Inclinou-se para a frente para eu poder ver-lhe a cara e penetrou-me com aqueles seus olhos de menina má, com um olhar que ameaçou acabar com o meu registo de condução sem acidentes. — E o mar beijar-te também.

Oh, meu Deus. A miúda estava decidida a conquistar-me. Não era minha irmã.

Conversámos todo o caminho pelo vale de Shenandoah. O final de dia estendeu-se sobre as colinas, depois a escuridão cercou-nos. Flocos de neve rodopiaram e cintilaram sob a luz dos faróis como se fossem pirilampos fora de época. Eu fora mesmo uma noz difícil de quebrar. Conduzi com a mão esquerda no volante e o braço direito apoiado no encosto do assento dela, a passar o polegar pela penugem da nuca dela. A viagem propriamente dita, o caminho em si, possivelmente a melhor parte da minha vida até então.

É aqui que estamos. Bastante depois da saída de Christiansburg. Depois de Richmond e ainda a rumar para leste. Em direção à única coisa gigantesca que sei que não me engolirá vivo.

[25] Uma das traduções possíveis de *woodie* é «ereção». (*N. dos T.*)

Agradecimentos

Estou reconhecida ao Charles Dickens por ter escrito *David Copperfield*, a sua arrebatada crítica à pobreza institucional e aos seus efeitos perniciosos sobre as crianças na sua sociedade. Esses problemas ainda nos acompanham. Ao adaptar o seu romance à minha própria realidade e ao meu tempo, trabalhando de perto durante anos com a sua indignação, criatividade e empatia, acabei por o encarar como o meu amigo que é um génio.

Muitas pessoas generosas ajudaram a esboçar e a colorir o enquadramento deste romance, disponibilizando os seus conhecimentos especializados em assuntos que vão desde as famílias de acolhimento e os serviços de proteção de menores à logística e ao desespero da dependência e da desintoxicação, à história dos Apalaches, à banda desenhada e ao futebol escolar. Os erros são meus, a autenticidade a eles pertence: Camille Kingsolver, Reid Snow, Silas House, Kayla Rae Whitaker, Linda Snow, Amanda Freeman, Christine Dotson, Sue Ella Kobak e Art van Zee. Fora do âmbito deste romance, devemos agradecer ao Dr. Van Zee pela sua inédita denúncia de perigosos opioides sujeitos a receita médica, acabando por chamar a atenção do público para a crise. Estou fascinada com a sua dedicação aos doentes.

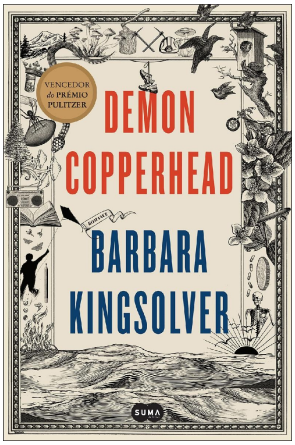
O Origin Project, cofinanciado por Adriana Trigiani e Nancy Bolmeier-Fisher, enriquece as nossas escolas e serviu de inspiração para o meu projeto Backgrounds ficcionado. Partes desta história baseiam-se na minha própria mãe e no meu próprio pai, Louise e Roy Kingsolver, e na minha tia-avó Lillian Wright Craft, que ainda fala comigo com a confiança dos vivos, numa linguagem que os anos que passei longe dos Apalaches tentaram envergonhar e não permitir na minha boca.

Todas as versões preliminares desta obra foram melhoradas pelos conselhos de leitores perspicazes, em especial Sam Stoloff, Terry Karten, Silas House e Louisa Joyner. Judy Carmichael aplacou os mares revoltos e impediu que o meu pequeno barco se afundasse. Steven Hopp, além de ler e debater todas as páginas, alimentou-me na minha secretária, acompanhou-me em aventuras de procura de factos e puxou-me para o sol, uma e outra vez, para me arrancar das trevas nas quais esta história exigiu que mergulhasse.

Para os jovens que acordam famintos nesses lugares escuros todos os dias, que perderam as famílias por causa da pobreza e dos analgésicos, cujos funcionários da assistência continuam a perder os respetivos processos, que se sentem invisíveis, ou desejariam sê-lo: este livro é para vocês.

Sobre este livro

A história de um rapaz nascido do lado errado da sorte que deseja afeto e segurança, sensações tão remotas quanto o oceano que ele sonha ver um dia



Demon Copperhead vive com a mãe adolescente nas montanhas do sul dos Apalaches, sem nada além da boa aparência do seu falecido pai e do seu cabelo acobreado, um espírito cáustico e perspicaz, e um feroz talento para se desenvencilhar numa vida dominada pela pobreza. Narrando a sua história pela sua própria voz implacável, Demon demonstra uma capacidade notável de sobreviver a orfanatos, a trabalho infantil e a escolas terríveis, equilibrando ao mesmo tempo o seu sucesso atlético com uma epidemia de opiáceos, desgostos amorosos e perdas avassaladoras.

Muitas gerações antes, Charles Dickens escreveu o romance *David Copperfield*, partindo da sua experiência como sobrevivente da pobreza institucional e relatando as suas consequências nocivas para as crianças na época em que viveu. Esses problemas ainda não foram resolvidos na nossa sociedade. Ao inspirar-se nessa obra e ao transpor um romance vitoriano para uma América contemporânea, Barbara Kingsolver recorre à raiva e à compaixão de Dickens e, acima de tudo, à sua fé no poder transformador de uma boa história.

«Com excertos hilariantes e comoventes, esta é a história de um rapaz

irreprimível que ninguém quer, mas que os leitores vão adorar. Provavelmente, o melhor romance do ano.»
The Washington Post

Sobre Barbara Kinsolver

Barbara Kinsolver é uma romancista, ensaísta e poetisa americana multipremiada. Nasceu na zona rural de Kentucky e em criança viveu algum tempo com a família em África. Formou-se em Biologia, área em que trabalhou antes de iniciar a sua carreira como escritora. Em 2000 fundou o prémio Bellwether para apoiar a literatura que aborda questões sociais e recebeu a Medalha Nacional de Humanidades pelas suas contribuições para o entendimento da sociedade norte-americana.

Os seus livros têm sido amplamente traduzidos e ganharam inúmeros prémios. *Demon Copperhead* foi *bestseller* imediato dos jornais *The New York Times, The Wall Street Journal*, *The Washington Post* e do *Sunday Times*, e venceu o Prémio Pulitzer de Ficção, o Women's Prize for Fiction, esteve na *shortlist* do Prémio Orwell de Ficção Política e foi selecionado pelo Oprah Book Club.

Barbara Kingsolver vive atualmente no sudoeste da Virgínia.

Saiba mais sobre a autora em:
www.barbarakingsolver.net